

"Hyde é dominado por uma atmosfera macabra e sombria. A Londres de Daniel Levine tem um ar *steampunk* selvagem."

NEW YORK TIMES
BOOK REVIEW

Inclui a edição integral
de O MÉDICO E O MONSTRO,
de Robert Louis Stevenson



HYDRE

DANIEL LEVINE



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



DANIEL LEVINE

HYDE

Tradução de
Ana Julia Perrotti-Garcia

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2016

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L645h

Levine, Daniel

Hyde [recurso eletrônico] / Daniel Levine ; tradução Ana Julia Perrotti-Garcia. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2016.

recurso digital

Tradução de: Hyde

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-09154-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Perrotti-Garcia, Ana Julia.

II. Título.

16-30867

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Título original: Hyde

Copyright © 2014 by Daniel Levine

Publicado mediante acordo com Folio Literary Management, LLC e Agência Literária Riff.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-09154-3



EDITORA AFILIADA

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

para Hilary

Sumário

HYDE

Primeiro dia, manhã

Primeiro dia, tarde

Primeiro dia, anoitecer

Segundo dia, antes do amanhecer

Segundo dia, manhã

Segundo dia, crepúsculo

Terceiro dia, antes do amanhecer

Terceiro dia, meio-dia

Terceiro dia, noite

Quarto dia, nascer do sol

JEKYLL

Introdução a

O MÉDICO E O MONSTRO OU O ESTRANHO CASO DE DR. JEKYLL E MR.

HYDE

O MÉDICO E O MONSTRO OU O ESTRANHO CASO DE DR. JEKYLL E MR.

HYDE



O homem não é realmente apenas um, mas dois. Eu digo dois, porque o estado de meu próprio conhecimento não vai além desse ponto. Outros me sucederão, outros irão me superar neste mesmo tema; e me arrisco a supor que o homem será conhecido no fim como um mero abrigo de entidades múltiplas, incongruentes e independentes.

— Dr. Henry Jekyll em *O médico e o monstro* ou *O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, de Robert Louis Stevenson

Senhor, se era mesmo meu patrão, por que estava usando uma máscara cobrindo o rosto?

— Poole em *O médico e o monstro* ou *O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, de Robert Louis Stevenson

LONDRES

Março de 1886

PRIMEIRO DIA

Manhã

Henry Jekyll está morto.

Albucio estas palavras e então me mantenho alerta, como se deixasse cair uma pedra em um poço e aguardasse o baque e o respingo de água... Contudo, dentro de minha cabeça resta o silêncio. Ao meu redor, um coro de sons de comemoração preenche o vazio: o estalido do carvão no fogão, o ranger do gabinete de madeira, como o de uma nau antiga, e, para além das janelas, um ruído baixo e agudo, que lembra filhotes de passarinho. Sento-me na cadeira de Jekyll, ao lado destas três janelas de caixilhos incrustados, com seu sobretudo embolorado jogado em meus ombros como um casaco de viagem. Fim de minha jornada. A transformação nunca foi tão suave. Nenhuma náusea nem tontura, nenhuma dor. Só uma dissolução sutil: Jekyll se evaporando no ar, como partículas atômicas, e me deixando sozinho no corpo. Desta vez, para sempre.

Extinção. Foi essa a palavra que Darwin usou em seu livro que Jekyll amaldiçoou semanas atrás, jogou no urinol, arremessando seu conteúdo pela janela (sem dúvida ainda se encontra no quintal, como um pássaro de asas quebradas que cai em pleno voo). *Extinção. Será que as raças humanas, indagou Darwin, dominam e substituem umas às outras, de modo que algumas acabam se extinguindo?* Jekyll se recusou a me explicar esse conceito. Mas agora começo a vislumbrar o que realmente significa *extinção*. Fui selecionado. Escolhido para sobreviver.

Os pelos finos de meu antebraço ficam eriçados. Olho para minha mão esquerda, descansando no meu colo como um caranguejo pálido, de barriga para cima, meus dedos levemente retorcidos. O punho esgarçado da camisa de Jekyll está dobrado, revelando a trajetória azulada das veias que correm para meu pulso. Cautelosamente, subo ainda mais o punho da camisa e vejo as linhas arroxeadas da

contaminação se bifurcaram e se espalharam em afluentes escurecidos que se separam e convergem novamente na dobra do cotovelo, que desnudo com um chiado sibilante. O abscesso na altura do ferimento ficou abaulado, purulento e escuro, como uma aranha empanturrada de sangue no centro de uma teia, com a barriga pulsando. Sigo, roçando com o polegar, a veia do antebraço, dura como uma corda de violino sob a pele e repleta de puncturas recorrentes, algumas recobertas de escaras e outras vermelhas e recentes, meus vários pontos de entrada. Veja só o que ele deixou para mim. O que me levou a fazer. Todos aqueles pós que usava em suas experiências, aquelas injeções duplas — e para quê? O fim será o mesmo.

Minha pulsação lateja em redenção, conforme giro na cadeira e olho através do gabinete para a escrivaninha de Jekyll. O envelope branco está apoiado na luminária de bronze e vidro. Assim como Jekyll o deixou, há uma hora. Mesmo sob a luz pálida, leio o traço rebuscado das letras escritas na frente do envelope: *Gabriel John Utterson*. Durante a semana passada, assisti a Jekyll rascunhar aquelas dez páginas de arabescos da confissão frenética, agora dobradas dentro do envelope. *Depoimento completo de Henry Jekyll sobre o caso*. Possuído por seu próprio monólogo demente, ele era capaz de ficar escrevinhando, com lábios retorcidos, por horas a fio — até que parava e olhava de relance, como se tivesse percebido um passo furtivo a suas costas. Surpreso, eu espiava o lado de fora, rodeado pelos batimentos de seu coração, o sussurro moribundo de seus pensamentos, e observava Jekyll abrir a última gaveta da escrivaninha e levantar o fundo falso de madeira, expondo as páginas acumuladas no compartimento secreto inferior. Como se, de alguma forma, esperasse escondê-las de mim. Como se acreditasse que eu não fosse capaz de ler através de seus olhos todas as palavras que escrevia — Jekyll achava que eu reduziria seu precioso manifesto a papel picado, se o deixasse desprotegido. Loucura! E, mesmo assim, depois de tudo isso, esta manhã, quando por fim está acabado, o que ele faz? Coloca as páginas no envelope, endereça a mensagem insana ao seu melhor amigo e advogado, e deixa a maldita carta em cima da escrivaninha, para que eu destrua quando achar melhor!

Não vou destruí-la, evidentemente. Não tenho motivos para tocar nela. Deixe Utterson encontrá-la e ler seu conteúdo. O advogado não é nenhum tolo. Desde o momento em que ouviu meu nome pela primeira vez, dos lábios de Jekyll, Utterson percebeu que não lhe contaram toda a história, apenas um relato cuidadosamente elaborado. Por que a confissão por escrito de Jekyll seria diferente? Desde a primeira

linha, Utterson saberá que o relato pode ser tudo, menos *completo*, que é pouco mais que a desesperada declaração de inocência de seu amigo moribundo. Por que eu deveria despendar esse esforço? Não, não vou negar a Jekyll sua patética autocomiseração. Contudo, também não vou deixá-lo dar a última palavra.

Não sei quanto tempo tenho antes de Poole perceber que sou eu apodrecendo aqui — o assassino procurado, Edward Hyde —, e não seu patrão. O velho Poole, criado fiel de Jekyll até o último instante. Nos últimos dois meses, Poole tem trazido as refeições para o patrão duas vezes ao dia, cruzando o pátio de cascalho do Casarão, com uma bandeja coberta por um cloche de prata: linguças com ovos mexidos cremosos e uma fatia suculenta de tomate grelhado no desjejum; depois, uma costeleta ou frango ou torta de miúdos, às vezes para a janta. Mas isso não vai perdurar indefinidamente. Com certeza, assim que Poole empurrar a porta de metal enferrujado, vai perceber a mudança, como uma queda de temperatura, nas profundezas sombrias do laboratório do andar de baixo. Com a respiração gelada, ficará ao pé da escada, segurando a bandeja, olhando para a subida frágil e escura até a porta do escritório, atrás da qual me acocoro. Ele subirá as escadas e baterá? Ou irá chamar Utterson para fazê-lo? Sim, será Utterson a bater à porta, Utterson quem irá berrar: Harry, abra esta porta imediatamente! Jekyll sabia que seu amigo viria, é claro. Jekyll sabia como tudo acabaria: Utterson batendo à porta e Poole, um degrau atrás, armado com algum instrumento para pô-la abaixo, aquele machado de lâmina preta, com um brilho prateado na extremidade. Derrube a porta, Poole!, gritará Utterson, e a madeira vai saltar e rachar com os golpes do machado. Nossos salvadores, que vão chegar tarde demais para salvar alguém.

Sinto uma onda de arrepio e vislumbro as três janelas com caixilhos de ferro que dão para o pátio de cascalho branco. Uma camada baixa de névoa matinal se move como um líquido denso sobre as calçadas. Acima do contorno quadrado e recortado do bloco onde fica o laboratório, ao leste, o azul do céu é profundo e suave, estriado de linhas rosa-fogo. Minha respiração embaça o vidro, afasto-me e limpo o embaçado com um estridor da parte carnuda da palma da mão. Sete horas. Jekyll parou de dar corda no relógio de bolso há mais de um mês, mas consigo saber as horas pela luminosidade e pelas idas e vindas de Poole. Desjejum às oito e meia da manhã, e janta às seis da tarde. Ainda tenho algum tempo. E, de qualquer forma, o fim não será hoje. Estou estranhamente certo disso. Fui escolhido. Recebi como prêmio este feitiço final da solidão, sozinho no corpo que foi de Jekyll, para esclarecer

a nossa história. Não quero morrer com as mentiras erráticas de Jekyll ecoando em minha mente como as vaias de uma multidão no momento de uma execução. Não quero morrer de jeito nenhum, mas, se não há escapatória, então no mínimo quero me lembrar de tudo com precisão, como realmente aconteceu. A verdade está dentro desta cabeça. Devo simplesmente extraí-la. No fim, ninguém saberá além de mim, mas isso será o suficiente. Fecho meus olhos, dou um suspiro trêmulo. Um nervo em minha mão está se contorcendo em uma pulsação irregular, como código Morse. Ponto, ponto, ponto, vou telegrafando.

Estou sozinho, sussurro.

Estou completamente sozinho.

Inverno, então. Não este inverno passado, mas o anterior a ele, o primeiro inverno de euforia. Dezembro de 1884. Os primeiros dias de meu despertar. Eu havia sido acordado de minha longa hibernação naquele verão, em junho ou julho. E, à lua cheia de outubro, Jekyll finalmente inventara a primeira injeção e me lançara ao mundo. Em dezembro, então, eu ainda era recém-nascido, ingênuo. Tudo era simples naquela fase inicial. Aqui no gabinete, depois de escurecer, Jekyll preparava as duas seringas, tirava a roupa e introduzia a agulha no braço; o chão girava em um movimento nauseante, e eu cambaleava ao sair do corpo. Vestindo o terno enorme, herdado de Jekyll, eu descia a escada, escapando pela porta dos fundos, chegando à Castle Street. Antes do amanhecer, retornava, pegava a segunda seringa e devolvia o corpo a ele. Voltar para dentro de Jekyll era um repouso necessário para a esmagadora tarefa de existir, e, ao fim de cada noite, eu me encontrava saltitando alegremente pela estreita Castle Street até a porta decrépita do bloco de calcário onde ficava a sala de dissecação e o gabinete acima dele. Meu lar.

Naquela noite, em dezembro de 1884, no entanto, algo estranho aconteceu. Quando voltava pela Castle Street, uma espécie de inquietação ainda jazia sob minha pele. Eu não estava familiarizado com a insatisfação ocasional de Jekyll, como uma cocéira que minhas aventuras sórdidas eram incapazes de saciar. Sentia os apelos de Jekyll, mas nem sempre conseguia decifrar o que exatamente ele desejava que eu fizesse. Porém, já era tarde, minhas pernas estavam exaustas de tanto caminhar pelo Soho, e os dedos, dentro das imensas botas de Jekyll, eram como pedras de gelo. Eu me aproximava da Castle Street por uma via lateral, mal-iluminada e miserável, com as mãos enterradas nos bolsos do casaco de Jekyll,

respirando o vapor através da abertura da gola levantada do sobretudo. Os telhados escuros convergiam acima de mim, como as bordas de um abismo, e a fenda de céu entre eles era rosa-clara, como sangue misturado com leite. Eu estava olhando para cima quando virei a esquina para a Castle Street. Ao ouvir o ruído rápido de pés descalços no pavimento, voltei-me surpreso. Um pequeno corpo avançou e acertou minha barriga com um ganido.

Era uma menina. Segurei seus braços e a ergui no ar, como se fosse seu pai voltando de uma viagem distante. Uma juba castanha emaranhada cobriu o rosto dela, enquanto a jovem se contorcia em minhas mãos, chutando o ar com os pés descalços. Vestia apenas uma camisola. Eu sentia sua pele deslizante arrepiada em alguns pontos. Aonde ia vestida desse jeito, sem sapatos e com tanta pressa? *Calma, mocinha*, falei, chacoalhando-a. Ela parou de se debater. Em meio às madeixas desgrenhadas, rosnou com ferocidade para mim, um animal assustado, desafiante. Consegui sentir o leve odor que exalava de sua camisola, um misto de remédios e urina, que despertou algo obscuro dentro de mim. Então ela gritou e me chutou bem no meio das pernas. Larguei-a subitamente e fiquei me contorcendo, sentindo uma onda de náusea. Ela caiu e tropeçou para trás sobre a calçada. Enquanto a menina tentava se levantar, coloquei o pé sobre seu peito.

Eu não *pisei* nela, como todos mais tarde acusariam. Coloquei o pé levemente sobre seu peito, com pressão suficiente para mantê-la no chão. Foi um reflexo, como pisar em uma folha de jornal, antes que o vento a levasse embora. A garota bateu na minha perna com seus punhos minúsculos. Eu sentia suas costelas frágeis sob a sola de minha bota. Por um momento, encarei-a com o mesmo olhar enfurecido e, em seguida, dei um passo para trás, mancando, e fui embora, com a parte inferior da barriga e as bolas doendo. O laboratório, um cubículo baixo de calcário chapiscado, ficava do outro lado da Castle Street. Três degraus de cimento levavam à varanda e à porta com tinta descascada, e, quando me aproximei, tentando pegar a corrente com minhas chaves penduradas dentro do casaco, ouvi o chamado de uma voz alta e masculina atrás de mim. Meu pulso acelerou, e fui tomado por uma urgência causada pelo pânico, mas os passos pesados se aproximavam rapidamente. Ao chegarem mais perto, congelei, com os ombros recurvados. Uma mão agarrou meu colarinho e me girou.

Um homem com o rosto corado e dominado por costeletas pretas agarrou a lapela de meu casaco. Aonde o senhor vai, hein? Aonde pensa que vai?

Minha boca estava seca. Eu não conseguia responder. Faltava-me a força até mesmo para afastar suas mãos. Ali, não estávamos no anonimato do Soho, onde eu podia sair ileso de qualquer aventura, rindo loucamente. Estava diante da porta dos fundos de nossa casa. O homem estreitou os olhos para mim. Venha aqui, disse ele, e me arrastou pelo colarinho, atravessando a rua. Segui complacientemente, sabendo que poderia me livrar com um movimento rápido e fugir; no entanto, sentia-me impelido por uma estranha curiosidade. Para meu espanto, uma cena havia se materializado no local onde eu deixara a garota. Ela estava de pé agora, com um homem e uma mulher — seus pais, aparentemente — ajoelhados e cuidando dela, e eu conseguia ver um terceiro vulto, subindo a rua escura e estreita. Fiquei imóvel, como se algemado ao local por meu captor de costeletas exuberantes, enquanto eles me cercavam. De onde surgiram essas pessoas? Todas pareciam reclamar ao mesmo tempo. Meus olhos se voltaram para a velha recurvada que tinha acabado de chegar, e sua boca desdentada entoava algo como: Batam nele! Batam nele! Logo, outra pessoa se aproximou e entrou na roda: um cavalheiro velhusco, grisalho, com um chapéu-coco preto e carregando uma valise de médico. Seus olhos empapados e tristonhos estavam fixos em mim, enquanto meu captor começava a explicar que havia me visto arrebatar a menina, tentar arrastá-la e, em seguida, jogá-la no chão e pisotear seu corpo, antes de escapar com calma do local.

Eu não tinha como protestar. A cena tinha toda a espontaneidade sem sentido de um pesadelo. E, lá no fundo, eu começava a sentir a reverberação vibrante de Jekyll, aquele zumbido prazeroso que buscara a noite inteira. Um sorriso incontrolável se formava em meus lábios. Ainda segurando meu colarinho, meu captor me chacoalhou e disse: E então? Como pretende reparar o malfeito?

Ah, pensei. Dinheiro.

Sob a aba de minha cartola, espreitei-o. *Quanto querem?*, falei.

Quanto — o homem bufou — dinheiro? Quer comprar estas pessoas?

Quanto querem?

Meu captor olhou para o pai da menina, que a segurava pelo pulso. Então se voltou para o velho médico. Tudo bem, proferiu. Cem libras.

Cem libras! Eu tinha pouca noção de dinheiro naqueles primeiros dias, mas sabia que cem libras era uma extorsão exorbitante, o preço de uma casa mobiliada. *Dez*, respondi. *Dez?*, bradou ele. *Dez é um insulto...* Veja só o que o senhor fez com essa pobre menina! Não baixe o olhar; eu sabia que ela nada havia sofrido. *Vinte*,

propus. O homem de costeletas me agarrou pelo colarinho e me puxou para perto dele. Não estamos negociando, entendeu?, rosnou. Cem libras. Senti um perdigoto em minha bochecha quando ele pronunciou a palavra *libras*, e pisquei. Então meu olhar desceu até a garota, presa ao pai pelo pulso e olhando para mim com um leve sorriso vingativo, uma fada perversa e sombria. *Cem libras*, ouvi meus lábios proferirem. *Tudo bem, então.*

Eu sabia que não tínhamos cem libras no gabinete. Eu sabia que seria completa imprudência deixar que me vissem entrar pela porta do laboratório, meu portal. Mas Jekyll me guiava agora, sua confiança inundando meu peito como um gole de um bom conhaque. *Ali*, eu disse, e os levei até a porta empenada, com pintura descascada. No primeiro degrau, parei e falei por sobre o ombro: *Esperem aqui.*

Fechei a porta ao atravessá-la e coloquei a trâmela. Com o coração batendo descompassado, recostei-me na madeira da porta, enquanto minhas pupilas dilatavam na escuridão da sala de dissecação. Naquele momento, era apenas um corredor vazio. Mas corpos tinham sido preservados e preparados naquela sala, quando o grande cirurgião John Hunter era o proprietário do Casarão e construía o laboratório nos fundos, e um perfume químico adocicado ainda podia ser sentido cem anos depois. Tateeí a escada íngreme dos fundos, à minha esquerda. Havia apenas duas chaves em minha corrente nessa época, a chave da porta que dava para a Castle Street e a chave do gabinete, e eu conseguia diferenciá-las pelo tato. A chave da rua era velha e elaborada, de ferro forjado, e a do gabinete era nova e de aço robusto. Poucos meses antes, Jekyll instalara duas fechaduras Gorja simples em ambas as portas do gabinete, na da frente e na dos fundos. No escuro, enfiei a chave na porta, girei-a para abrir e entrei no gabinete.

O quarto sempre me lembrava do porão de um navio: pé-direito baixo e estreito, revestido com madeira de carvalho envernizada. Caminhei apressado por toda a extensão da bancada de madeira do laboratório até o armário no canto e abri suas portas. O terno de Jekyll pendia do varão; empurrei-o para o lado e puxei a gaveta grande, tirando-a do armário. Coloquei-a sobre a bancada, vasculhei as diversas moedas espalhadas por todo o fundo forrado de feltro. Dez libras, no total, além de um xelim ou dois. Então notei o talão de papel verde pálido dobrado ordenadamente no canto da gaveta.

Folheei-o. Era um dos talões de cheque de Jekyll. Deve ter retirado do bolso em algum momento e colocado aqui, mas eu não me lembrava disso. Parecia

complicado. Várias linhas para serem preenchidas. Mas como eu poderia lhes dar um dos cheques de Jekyll? Não era uma péssima ideia ligar seu nome àquele acontecimento, por minha causa?

Contudo, aquela certeza impetuosa agora irradiava em meus membros conforme eu pegava a caneta-tinteiro de papai, robusta e elegante, da calça de Jekyll pendurada no roupeiro. Desde a infância que não colocava as mãos em uma caneta, e a peça de mogno polido ficava desajeitada e estranha em meus dedos. Quando desatarraxeí a tampa, revelando o bico de pena afiado, por um instante vi papai em sua cadeira de rodas hospitalar, sua mão enfraquecida segurando a caneta frouxamente. Mudei-a para os dedos da mão direita enquanto me curvava sobre o cheque na mesa, e, de forma tímida, pressionei a ponta da pena sobre a linha de assinatura. Imediatamente, tracei um emaranhado elegante de tinta. Surpreso, recolhi a mão. Uma assinatura verossímil. Eu fizera aquilo? Recoloquei a pena sobre o cheque, e minha mão traçou palavras nas linhas restantes, remetendo um cheque ao *portador* no valor de *noventa libras*.

Um minuto depois, estava lá fora. As mulheres já haviam partido, e apenas três homens aguardavam na Castle Street, ao pé da escada da entrada: meu captor, o pai da menina e o velho médico com sua valise preta. Eu tinha as dez libras em moedas em uma das mãos, e as entreguei ao homem que havia me capturado. Não dê para mim, desdenhou ele, e voltou a cabeça para o pai da garota. Um sujeito truncado, com barba por fazer e um bigode escovinha, usando suspensórios e em mangas de camisa, um tipo trabalhador comum, esforçando-se para me olhar nos olhos. Pus as moedas na mão dele. O que é isto?, questionou o homem, olhando para os trocados. *Dez libras*, respondi. O pai encarava aquela fortuna, e coloquei o cheque no topo da pilha de moedas. Meu outrora captor agarrou a folha e a segurou antes do pai, inspecionando o papel fino, por um longo e agonizante tempo. Então baixou o cheque e se voltou para mim. A presunção arrogante em seus olhos se tornou incerteza enquanto analisava meu rosto. Não gosto que me olhem nos olhos. Mas me submeti à análise minuciosa do homem, tentando me esconder sob a sombra da aba do chapéu. Ele conhecia Jekyll?, perguntei-me de repente. Em minhas excursões, ainda não tinha encontrado alguém que o conhecesse.

Senhor, disse o homem, qual é seu nome?

Meu nome. Meu nome? Eu não tinha nome. Nunca haviam perguntado meu nome. Eu era apenas... eu. Minha cabeça girou em busca de uma resposta. *Por que*

pergunta?, falei. Por quê?, repetiu ele. Porque conheci o Dr. Henry Jekyll há alguns anos. E o senhor não é ele.

O alívio brilhou no cerne de meu pânico: ele não sabia, ele não conseguiu perceber. Via apenas a mim, uma criatura atrofiada, de olhos sinistros, com um sorriso servil, em um terno masculino grande demais para seu tamanho. Mas um nome! Meus pelos da nuca se eriçaram, como se a sombra de papai estivesse caindo sobre nós novamente, e o velho impulso protetor subiu por minha garganta...

Hide, sussurrei. Hide!

O homem franziu a testa. Mr. Hide?

Encarei-o boquiaberto. *Sim*, eu disse. *Mr. Hide. E o seu?* Ele inspecionava o cheque novamente. Enfield, respondeu. Enfield. O nome me era familiar. Eu podia sentir o imenso complexo de memórias de Jekyll o absorvendo.

Mr. Hide, falou Enfield, como espera que eu aceite este cheque se não é seu?

Mr. Hide. O nome me dizia algo.

O cheque é legítimo. No banco, vão confirmar.

Enfield dobrou o papel ao meio e o colocou no bolso interno. Nesse caso, disse, o senhor não se oporia a esperar conosco até que o banco abra? Eu já previra que ele poderia propor isso. *Esperar onde?* Enfield elevou o olhar para a parede de pedra calcária sem janelas do laboratório, coberta de musgo. Um lampejo de mal-estar cruzou seu rosto, e ele murmurou: Meus aposentos não ficam longe. Esperaremos lá. Olhou para o médico e para o pai da menina, como se tivesse esquecido que ainda estavam lá. Será um prazer contar com sua companhia, senhores, disse ele. O médico me observava outra vez, a boca retorcida pelo azedume da aversão. Deu um leve aceno com a cabeça. Ninguém esperou o pai da menina responder. Partimos, todos juntos.

Enfield realmente morava nas proximidades, em um luxuoso apartamento na St. Martin. Seu criado de costas curvadas abriu as cortinas e acendeu a lareira da sala de estar, e nos estabelecemos para esperar o raiar do dia. Escolhi uma poltrona alta, de couro, e cruzei as pernas, deixando uma bota dependurada, como Jekyll se sentaria no salão do Grampian Club. Enfield trouxe uma caixa de charutos e ofereceu ao médico, que ergueu a mão e virou o rosto. Ao lado dele, no sofá suntuoso, encontrava-se o pai da menina, empoleirado desconfortavelmente, as mãos sobre os joelhos. Ele hesitou diante dos charutos, antes de se inclinar para a

frente e pegar um. Indeciso, Enfield ofereceu a caixa para mim. Particularmente, não gosto de charutos, mas deslizei da poltrona de couro, peguei um charuto afilado à perfeição e rolei entre o indicador e o polegar, como um *connaisseur*. Enfield acendeu um isqueiro de prata, oferecendo-o ao velho e, então, voltou a chama firme em minha direção. Dei baforadas na extremidade terrosa até que a ponta acesa começasse a brilhar, depois afundi novamente na poltrona de braços altos, tornando a cruzar as pernas. Uma onda de euforia coroava meu peito. Soltei a fumaça branca como leite, e ela girou no ar; lancei novamente um olhar lânguido para o pai da menina. Ele estava apreensivo, fumando seu charuto como se algo não estivesse certo, mexendo discretamente na ponta.

Alguém deve estar morrendo, ouvi-me dizer, e ele ergueu o olhar alarmado, com um breve sobressalto. Acenei a cabeça para o doutor. *O senhor mandou a mocinha chamar nosso bom doutor, na calada da noite. Alguém deve estar morrendo. Seu velho pai, talvez? A senhora sua mãe? E o senhor ainda está aqui. Esperando o banco abrir.*

Basta, vociferou Enfield. Não diga nada, disse ao velho. De fato, proponho que fiquemos em silêncio, por enquanto.

Ele se acomodara em uma poltrona como a minha, as pernas cruzadas. Pela primeira vez, notei seu traje estranho. Vestia um terno xadrez azul e um colete roxo esdrúxulo, quase iridescente, abotoado confortavelmente sobre a barriga. *Estes dois já compreendi*, falei. *Sabemos por que estavam perambulando no meio da noite. Mas e você, Enfield? O que estava fazendo?* Sua expressão era difícil de decifrar por trás da brasa crepitante de seu charuto. *Enfield, seu menino levado. Qual é seu segredo?* Ele ergueu o braço e balançou a mão, espalhando a fumaça. Fique sabendo, Mr. Hide, que sou membro voluntário da Sociedade Londrina de Proteção a Jovens Mulheres. *Um membro voluntário*, repeti. *É realmente impressionante. Você sai por aí, vestido dessa maneira, para proteger jovens mulheres, é isso?*

Seus olhos eram pontos flamejantes. A resposta parecia pulular em seus lábios como um sorriso incipiente. Então, ele fungou levemente e olhou para as cinzas do charuto. Vitorioso, elevei meu olhar para as janelas. Acima dos telhados escurecidos, o céu estava impregnado de tons de fúcsia. Aurora. Eu nunca havia permanecido no corpo tempo suficiente para ver o nascer do sol. Nunca tinha sido exposto à luz do dia. Os pelos do dorso de minhas mãos se arrepiavam de emoção. Era uma sensação nova. Uma mudança se aproximava, inevitável, como o próprio sol. Eu era capaz de sentir Jekyll em minhas entranhas, alvoroçado em meu sangue, como se fosse *isto* que

ele desejara a noite inteira. Esta aventura, sobre a qual tudo giraria, como em uma dobradiça.

Passamos o restante da vigília em um silêncio perturbado apenas pelo ronco ocasional do velho médico. Esperava talvez poder vislumbrar o sol acima dos telhados, penetrando pelo caixilho da janela, como os olhos lânguidos de Deus. Mas a luminosidade gradualmente assumiu uma tonalidade azul, e o cômodo se iluminou até ser possível observar as pequenas rugosidades da bochecha de Enfield. Ele esfregou o queixo com um lenço grosseiro e, em seguida, mergulhou os dedos no bolso do colete em busca de um relógio de ouro. Um toque, e a tampa do relógio se abriu. Fechou-a novamente, olhou-me de soslaio, e, com um grunhido, se ergueu da poltrona e saiu do recinto. Quando retornou, o café da manhã veio logo atrás, em um carrinho. Café, pãezinhos, rosbife frio e queijo. O pai parecia esfomeado diante dos alimentos, mas obviamente copiava os gestos de Enfield, que tomou apenas o café e, então, fingiu ler uns papéis em sua mesa. Abri os pãezinhos com os dedos e rechei com rosbife e queijo, então fiquei de pé, respirando pelo nariz enquanto mastigava. Bebi ruidosamente duas xícaras de café preto quente, e vibrava com entusiasmo. Pela primeira vez eu ia para a rua numa manhã fria e sem nuvens. Quando nos reunimos para partir, bati com entusiasmo nas costas do pai da menina, fazendo-o quase tropeçar. *Agora, senhor, vamos buscar seu tão aguardado dinheiro.*

Ao sair para a luz do sol, fiquei de prontidão, de certo modo esperando a luz tostar minha pele com um silvo de vapor. Mas ela me saudou como se eu fosse uma pessoa qualquer, seu calor estranho banhando meu rosto. Senti como se ela me clareasse, purificasse, conforme caminhávamos em direção à Strand. Uma cidade diferente surgia à luz do dia, rigidamente dividida entre sombras e sol, as alamedas pedregosas repletas de carruagens retumbando e corpos caminhando para o trabalho. Fragmentos de luz resplandeciam nas vitrines, e cabriolés rangiam, e bengalas com ponteiros metálicas me faziam olhar de soslaio. Logo chegamos à grande fachada com pilares do Banco Coutts, suas cornijas como um templo grego. Entramos juntos e aguardamos de pé, observando a imensa área abobadada de seu lobby, todos nós de olhos vermelhos e barba por fazer. Enfield descalçou uma luva de couro macio e a usou para apontar para um banco de madeira. Como se fossem cães treinados, o velho médico e o pai da menina obedientemente se sentaram. Retirando a outra luva, um dedo de cada vez, Enfield disse, com calma, para mim:

Prefiro tratar disso sozinho, se não se importa.

Minha boca estava com gosto de fuligem e terra, por causa do charuto. De repente, fiquei nervoso. Dei de ombros, sentindo vertigem, mas tentando parecer indiferente, e Enfield foi levado por um jovem funcionário para uma das muitas mesas enormes de mogno inacessíveis deste lado do balcão do lobby. Tentei não observar a negociação. Minha camisa, a camisa larga de Jekyll, colada de suor a minhas omoplatas.

Uma voz rouca falou: E se o cheque for aceito?

Virei e olhei para o médico sentado no banco, com os olhos empapados, a barbicha hirsuta pendendo sob o queixo cheio de rugas. E se o cheque for aceito?, repetiu. E aí? Isto nunca aconteceu, certo?

Olhei de relance, como se tivesse pisado acidentalmente em algo e o houvesse esmagado. Com alívio, notei que Enfield já caminhava em nossa direção, e carregava alguns papéis. Senhor, disse para o pai da menina, e passou ao homem as notas. Noventa libras, como prometido, afirmou Enfield, observando-me com curiosidade. O pai olhou para o dinheiro intrigado, como se não soubesse para que servia. O velho médico se levantou, com sua valise preta na mão de veias salientes. Bah, disse, fitando o assoalho, então se virou e saiu. E foi isso.

Caminhei pela manhã brilhante e pungente, de volta à Castle Street, corpo e mente esgotados, um olho contraído, procurando vencer uma dor de cabeça iminente. Subindo a escada, tranquei a porta dos fundos do gabinete e passei pela mesa, chegando ao armário com porta de vidro e estrutura de cerejeira, a mobília antiga em que Jekyll guardava suas poções mágicas. Uma das portas de vidro estava entreaberta, como ele havia deixado. As gavetas no interior, finas como em um porta-joias, eram identificadas com letras de A até H do lado esquerdo, e de I até P do direito. Da gaveta E, retirei o rolo de garrote preto e a caixa de costura da Milward.

Dentro dela, jaziam as duas seringas aninhadas em seus leitos de feltro vermelho, apontando em direções opostas. A seringa de cima, vazia, apontando para a direita, era de Jekyll. A de baixo, apontando para a esquerda, era a minha, o cilindro cheio com o soro verde, pálido e transparente. Tirei minha roupa pegajosa, atei o torniquete ao redor do bíceps esquerdo e o apertei com os dentes, observando a veia na dobra do braço saltar. Peguei a seringa pelas alças de aço. No fundo do quarto, da parede, pendia o retrato de papai. Um jovem, sentado em um banquinho com seu

violino adorado apoiado em um joelho, os dedos longos e habilidosos aninhando o braço roliço do instrumento. Os olhos me olham de soslaio, bem abertos e acinzentados, tão argutos, tão vivos.

Mr. Hide.

Introduzi a agulha na veia e pressionei o êmbolo.

Aqui estou sentado em minha cadeira próxima à janela do gabinete, olhando para o passado, apertando a veia sob o abscesso, a fonte da dor pulsante. Mas a dor é apenas um incômodo basal, enquanto balanço a cabeça em um triunfo silencioso. Aquela noite da menininha *foi* o verdadeiro início. Um ponto crucial, a partir do qual tudo se transformaria. Havia o cheque do banco, é claro. Que seria parte do problema mais adiante. No entanto, muito mais que o cheque, era o nome. Foi o nome que desviou nossa vida dupla para uma nova direção irreversível.

Mais tarde naquela manhã, depois de eu ter devolvido o corpo a Jekyll, ele se esgueirou do laboratório e atravessou o pátio de cascalho em direção aos fundos do elegante Casarão de tijolinhos, entrando pela porta do jardim de inverno. Lá em cima, em seu quarto, tomou banho e se barbeou, cantarolando desafinado entre os lábios comprimidos. Sem nenhum cuidado, colocou um pouco de loção pós-barba na mão e acariciou as bochechas e o pescoço com suavidade, e eu conseguia sentir o ardor incomum enquanto ele concluía o ritual facial. As manhãs eram ritualísticas para Jekyll. Após o banho e o uso meticuloso da lâmina, ele pendurava o roupão no cabide e seguia, despido, para o escritório, mantendo os olhos afastados do longo espelho pivotante oval, sempre voltado para cima. Somente depois de composto ele o ajustava e inspecionava sua aparência. Não conseguia observar sua nudez, os pelos, o membro pendendo. Mesmo quando urinava, eu já notara, Jekyll quase não tocava nele nem o olhava, como uma ferida cicatrizada que não queria relembrar. Mas sentia orgulho do restante do corpo. Um corpo atlético, grande, com ossos fortes, tão oposto à minha essência ananicada, seu tronco robusto, ombros largos, quadríceps musculoso. Fiquei espantado quando fui acordado naquele verão de 1884, após trinta e seis anos de hibernação na mente onde me aninhara durante toda a sua vida adulta. Os anos passados entre os 13 e os 49 eram um imenso borrão preto em minha memória. Eu tinha deixado Jekyll como um menino magrelo de olhos vazios, cabelo escovinha, e voltara para encontrar um deus imenso e loiro.

Seus trajes reforçavam a impressão. A camisa de linho marfim se ajustava perfeitamente ao peito e aos punhos. Cada um de seus numerosos coletes tinha algum traço sutil, exclusivo da moda — costura em tons lavanda ao longo dos bolsos ou um desenho estampado no forro interno de seda. E, quando ele ajustava o casaco confortável pela gola de cetim e fechava as abotoaduras de prata, posando com seus sapatos feitos à mão afastados como um dançarino, sua transformação no personagem que havia forjado estava concluída.

Pensei que ele ia apenas passear quando saiu da Leicester Square. Mas, dez minutos depois, parou diante de um edifício de pedras pardacentas em uma rua movimentada e entrou. A Companhia Blackhaven de Serviços Bancários funcionava em um grande salão sombrio, com cortinas bolorentas e tapetes puídos, e o atendente que levou Jekyll até sua mesa era um diabrete de óculos, com uma mecha de cabelos loiros que se espalhava sobre sua cabeça reluzente. Jekyll se sentou, cruzou as pernas, passou a mão sobre o joelho para retirar um cisco e disse que queria abrir uma conta para uma pessoa. O funcionário girava a tampa da caneta-tinteiro. Qual seria o nome dessa pessoa? O coração de Jekyll batia mais rápido. *Hyde*, respondeu, *Edward Hyde. H-y-d-e.*

Edward? De onde surgiu isso? Entretanto, o funcionário escrevia o nome em seus formulários como se ele pertencesse a uma pessoa real. O pé de Jekyll balançava enquanto observava a caneta do funcionário transmutar meu anonimato em uma existência oficial. Residência do Mr. Hyde?, perguntou o funcionário. Jekyll disse que Mr. Hyde tinha se mudado recentemente para a cidade e estava hospedado no Hotel Donne até encontrar acomodações permanentes. Ele mergulhou a mão no bolso interno e puxou um pedaço de papel. O funcionário o desdobrou, e foi então que reconheci a cor verde pálida. Era outro dos cheques de Jekyll do Banco Coutts. O atendente o analisou por um momento. Cinco mil libras, anunciou. Voltou seus olhos para cima. Sem problemas, doutor, disse ele, e novamente se inclinou ansioso sobre os formulários.

Cinco mil libras? Quando Jekyll preencheu esse cheque? Eu não me lembrava de vê-lo fazendo isso. Jekyll só observava a caneta irrequieta do atendente. Ele poderia ter me banido completamente de seu pensamento, como nos primeiros dias. A mente era um asilo complexo no qual estabeleci minha residência, com uma janela frontal para seu mundo. Porém, a maior parte dela, vastas regiões de celas posteriores e laterais, permanecia selada e proibida para mim, e, na época, eu não tentava me

esgueirar pelos corredores inacessíveis. Embora algumas coisas, acho, soubesse instintivamente. Naquele verão, quando despertei pela primeira vez, quase imediatamente já sabia que estávamos vivendo em Londres e que Jekyll voltara ao Casarão após dois anos no hospital de Paris, onde estivera tratando um paciente francês, Emile Verlaine. Jekyll estava na sala de cirurgia abaixo do gabinete quando submergi pela primeira vez. Ele estava absorto, abrindo algumas caixas de madeira com um pé de cabra, retirando os frascos do interior e os colocando sobre a mesa de dissecação. Quando as caixas estavam vazias, colocou-as na posição vertical e as reduziu a fragmentos de madeira com um machado. Eu sabia que era junho ou julho de 1884. Eu sabia que havia acordado porque Jekyll precisava de mim. Mas não sabia por quê. Não conhecia seus planos. Descobri que não sabia o que Jekyll ia fazer até que ele o fez.

Ao sair da Companhia Blackhaven de Serviços Bancários, Jekyll foi para seu clube de esgrima e depois para o Grampian, como sempre fazia. Às vezes ele jantava por lá, mas, em geral, apenas se sentava no salão decorado em estilo barroco e bebia sua água com gás acompanhado de um grupinho dos velhos amigos que eu não me esforçava para discernir. Naquela noite, John Utterson estava sentado do outro lado da sala com alguns dos rapazes quando Jekyll chegou. Utterson ergueu a mão, e Jekyll se esgueirou pelo labirinto de móveis pesados para se juntar ao círculo. Seu olhar repousou sobre os olhos cinza leitosos e firmes do advogado, sob as sobrancelhas hirsutas, e fez um gesto particular ao amigo. Vinte minutos mais tarde, o olhar de Jekyll novamente encontrou o de Utterson, e ele inclinou a cabeça em direção à porta. Ambos se levantaram simultaneamente e se despediram com desculpas. *Vamos, meu velho*, disse Jekyll quando atravessaram o salão juntos. *Vou acompanhá-lo até sua casa.*

Um quarto depois do Grampian, eles se depararam com um homem idoso e bem-trajado, com uma cartola alta, passeando pela calçada. Utterson parou para cumprimentá-lo. Não reparei muito em Sir Danvers Carew neste primeiro encontro acidental. Exceto, talvez, pelos cabelos brancos sedosos emergindo debaixo da cartola, e seus olhos cristalinos, transparentes. Sir Danvers Carew, disse Utterson, este é o Dr. Henry Jekyll. Eles trocaram apertos de mão. Carew reconheceu o nome de Jekyll. Falou que tinha assistido a uma das palestras de Jekyll havia muitos anos, em Viena. Não prestei atenção no restante da conversa, pois eu estava concentrado

em descobrir o que Jekyll pretendia. Ele procurara Utterson, pareceu-me, por algum motivo específico. Os três homens ficaram conversando na calçada por vários minutos e, em seguida, separaram-se. Mas foi assim. Este foi o momento em que Carew entrou em nossas vidas, aquele rápido instante na calçada. Se Jekyll tivesse retirado Utterson do clube um minuto depois, perderíamos o homem, e quem sabe onde estaríamos agora? No entanto, esse raciocínio tem suas falhas. Porque não foi um acidente, é claro, não foi mera coincidência. Não existem coincidências, não nesta história.

Sir Danvers, hein?, comentou Jekyll mais tarde. *Você anda com companhias bastante elegantes, meu velho.* Utterson respondeu que tratara de alguns negócios para Carew, e Jekyll disse: *Um cliente? Bom Deus, John, gostaria de saber se sua clientela está se tornando eminente demais para pessoas como eu.*

Mas havia algo forçado em seu tom jovial. Eu podia pressentir seu plano inescrutável quando entraram na casa lúgubre de Utterson e subiram para seu escritório. Um quarto escuro com vigas esculpidas, alcançando um teto abobadado de madeira, estremecendo com as sombras do fogo como gárgulas. Esta alcova poderia ter sido transferida de um pavilhão de caça baronial na Floresta Negra. Utterson se sentou em uma poltrona, suas longas pernas estendidas e com os tornozelos cruzados, dedos entrelaçados no peito, uma expressão pensativa em seus lábios brilhantes. Sim, eu observava o advogado com atenção, mesmo naquele tempo em que o jogo mal tinha começado. Ele conhecia Jekyll havia mais tempo que qualquer outro ser vivente, exceto por Hastie Lanyon. Os três foram para a escola juntos em Edimburgo, e pude sentir a profundidade da amizade quando Jekyll se sentou sozinho com Utterson, sua história se abrindo diante de mim, como um lago sem fundo. Jekyll observava seu amigo também, mesmo quando fingia refletir distraído, olhando para o fogo. Por fim, ergueu os olhos para o retrato iluminado sobre a lareira. Um Utterson mais velho, mais corpulento, mais irascível olhava furiosamente para baixo: John Utterson, pai, sem dúvida. Jekyll disse com uma risadinha: *Imagine só, John, os danos psicológicos que enfrentamos, sentados sob esses olhos por todos estes anos.*

Utterson olhou acima da lareira. Você vai ter que imaginar isso por mim, Harry. Você é o especialista.

O que ele desaprova? Fico me perguntando. Jekyll parou, meditando. *Você acha que o fato de continuar solteiro teria incomodado seu pai, se ele tivesse vivido para ver?*

Acho, sim, respondeu Utterson, hesitante, ele ficaria feliz se eu tivesse constituído uma família. *Não foi isso que eu perguntei.* Jekyll deixou passar um tempo. *Ele sabia que eu não era casado, você sabe. Meu pai. Quando fui vê-lo. Ele olhou para mim de sua cadeira de rodas e disse: Manteve-se solteiro, heim, rapaz?*

Só então captei um brilho inesperado: uma jovem loira tocando piano. Era como uma bolha, oscilando até chegar à superfície e estourando, deixando um nome pairar no ar. Georgiana. Jekyll balançou a cabeça, pigarreou. *É claro que meu pai poderia ter se informado previamente. Socavado alguma informação com o Dr. Pinter. O bom médico tinha bastante apreço por ele. No entanto, tenho pensado nisso. Não em casamento. Mas na ideia de ter um herdeiro. Deixar algo para a posteridade. Um legado.* Fez outra pausa que se avolumou no silêncio, e, com um arrepio de medo, de repente senti o que estava por vir. *Existe uma pessoa em particular, sabe? Um protegé.*

Um protegé, repetiu Utterson.

Sim. Um rapaz mais jovem. Acabei colocando-o debaixo de minha asa, eu acho. Ele é de origem humilde; teve uma vida difícil. Mas sua mente é bastante singular. Poderia fazer grandes coisas, se recebesse o devido apoio e incentivo. É isso o que eu quero lhe proporcionar, o apoio para que floresça. Bem, disse Utterson, Harry, você é livre para apoiar quem quiser. *Obrigado. Mas eu tinha algo mais específico em mente. Gostaria de incluí-lo em meu testamento.*

Incluí-lo em que medida, se me permite perguntar?

Quero deixar para ele a casa em Leicester, respondeu Jekyll, *minha conta no Coutts e minhas ações e títulos. E Pent Manor, gostaria de deixar para ele também...*

Utterson emitiu um gemido atônito. Harry, do que você está falando? *Estou falando de alterar meu testamento, John.* Deixar tudo para um... um protegé? Sua casa? As propriedades de sua família? E quem exatamente é esse homem? *Em primeiro lugar, do modo como está,* disse Jekyll calmamente, *caso eu morra, as propriedades da família vão ficar para os bisnetos do marido da irmã de meu pai. Eles não são meus parentes de sangue. E, se está preocupado que eu vá tirar você do processo, meu amigo, espero que saiba...* Pare com isso, interrompeu Utterson. Essa não é minha preocupação, jamais foi, e você sabe. Harry, quem é esse homem? *Como assim,* disse Jekyll, *o nome dele?* Sim, isso, o nome dele. Qual é o nome dele? *O nome dele é Hyde. Edward Hyde.*

Edward Hyde.

Utterson murmurou para si mesmo. Esse Mr. Hyde é seu aluno de algum lugar? *Sim*, respondeu Jekyll. *Mas ele também me ensina algumas coisas.* Utterson suspirou. Harry, olhe. Você quer ajudar esse jovem desfavorecido, e isso é louvável. Há uma série de maneiras como isso pode ser feito. Você pode criar um fundo, que posso manter ativo. Ou uma renda anual, da qual ele receberia pagamentos regulares. Você pode fazer diversas coisas, e todas elas beneficiariam Mr. Hyde mais imediatamente do que fazê-lo beneficiário de toda a fortuna em seu testamento, o que não ajudaria o rapaz em nada antes de você morrer. Por que iria querer se colocar em tal posição em relação a alguém, ainda mais um homem que conhece, digamos, há pouco tempo? Seis meses, no máximo? *John*, começou Jekyll pacientemente, *conheço-o há muito mais tempo que isso. Conheci-o há muitos anos. Então ele se afastou por um período, e agora nos reencontramos. E dinheiro não vem ao caso. As opções que você mencionou são práticas, sim, mas quero deixar algo além de dinheiro. Quero que ele herde o que é meu; quero que seja meu herdeiro. Pode não parecer... pragmático, do ponto de vista legal, mas é porque isso é simbólico. Um gesto.* Neste momento, Jekyll ergueu as mãos e as espalmou na direção do fogo.

Um gesto, repetiu Utterson. E você quer que eu ajude a converter este gesto em um documento juridicamente consistente. É isso? Jekyll não respondeu. Bem, sinto muito, mas não posso fazê-lo. Seria muito irresponsável de minha parte. *Irresponsável*, ecoou Jekyll. Sim, irresponsável. Harry, perdoe-me, mas você não refletiu apropriadamente sobre este assunto. Seu testamento atual aponta diversos beneficiários, todos os quais você propõe que sejam destituídos em favor de um desconhecido. Haverá complicações. E então... bem, sejamos francos. Não tenho certeza se você está em um estado de espírito adequado para tomar decisões com consequências tão graves. Não vá me dizer que os eventos deste ano foram inócuos. Não sei o que aconteceu em Paris, e respeito seu desejo de não falar sobre isso. Mas perder um paciente sob quaisquer circunstâncias... e então, logo após seu retorno, perder seu pai também. Eu não havia contado isso antes, mas me correspondi com o Dr. Pinter depois da morte de seu pai. Havia alguns detalhes que o hospital queria esclarecer. Ele me contou, Harry, a maneira como ele... Deve ter sido extremamente perturbador para você testemunhar tal situação. Sinto muito. Obviamente isso ficou em sua cabeça. Essa sua ideia parece ligada muito diretamente ao último contato com seu pai. E agora você vem me procurar, querendo deixar toda a sua fortuna e todas as suas propriedades para um homem cujo nome eu nunca tinha ouvido até

esta noite, um homem que ressurgiu de repente, do passado... Utterson fez uma pausa, a boca semiaberta em um vazio momentâneo. *Então o que está dizendo? Que duvida de minha sanidade? Que me considera juridicamente incapaz de tomar decisões por mim mesmo?* Utterson balançou a cabeça e disse, em tom de censura: Harry. Você não consegue entender? Estou preocupado. Você pode ser sincero comigo. Está envolvido em algum tipo de problema? Esse Hyde. Ele pressionou você a fazer isso?

Jekyll desviou o olhar perdido, fitando o lado oposto da sala. Um sorriso lutava para emergir em seu rosto, um sorriso estranho, reflexivo. *Você me insulta, meu amigo. Acha que eu deixaria alguém me coagir? Tomo minhas próprias decisões. E optei por fazer isso por minha própria vontade. Se não quiser ajudar, sou capaz de fazer o testamento por conta própria. Ou encontrar outro advogado para me ajudar.*

Utterson se levantou da cadeira e parou diante da lareira, a cabeça baixa, as mãos para trás. Você faz suas próprias escolhas, de fato. Mas ainda não conversou com Lanyon, imagino. Jekyll ficou em silêncio. Foi o que pensei, disse Utterson. Você senta aí e vem com essa conversa de “gestos”, e ainda nem conversou com Hastie, nem uma vez nos seis meses desde que voltou para casa. Pelo menos mandou uma carta de condolências?

O rosto de Jekyll corou. As lenhas silvaram e estalaram.

Utterson meneou a cabeça. É uma pena. Que desperdício de amizade. Como se fosse uma coisa simples, que se pode descartar.

Não vim esta noite para receber sermão, John.

Não, disse Utterson. Não, mesmo.

De volta ao Casarão na Leicester Square, Jekyll subiu para seu escritório no segundo andar. Jogou o casaco e cruzou o tapete de pelo em direção à escrivaninha de madeira maciça e, em seguida, sentou-se na cadeira giratória. Pegou algumas folhas em uma gaveta e enfiou a mão no bolso de sua calça para pegar a caneta-tinteiro de papai. Jekyll se curvou sobre o mata-borrão e começou a escrever; seu manuscrito rebuscado brotava da ponta em movimento. Li o texto com perplexidade e horror crescentes. As casas, as contas, os fundos de ações, todos iam passar para mim, Edward Hyde; *meu amigo e benfeitor*, foi como ele me chamou. Benfeitor? Não era seu *protégé* pouco tempo atrás? Mas isso não foi tudo. *No caso de desaparecimento ou ausência não explicada do Dr. Jekyll por um período superior a três meses, Mr. Edward Hyde deve intervir sem mais delongas e assumir a residência e as*

posses do Dr. Jekyll.

Por fim, fez sua assinatura rebuscada e soltou a caneta sobre o mata-borrão. Ele se recostou, flexionando a mão. Aquele sorriso estranho, culpado, estava novamente tentando surgir em seu rosto.

O laboratório do outro lado do pátio brilhava na escuridão enevoada, como um seixo branco em uma trilha na floresta. Jekyll saiu do jardim de inverno e cruzou o piso de cascalho até a porta de aço do outro bloco, e, quando subia a escada íngreme e barulhenta rumo ao gabinete, eu estava pulando em seu peito com apreensão. Não sabia o que pensar ou esperar. No gabinete, Jekyll se aproximou do armário com portas de vidro e introduziu a chavinha antiga. Retirou a gaveta E do trilho e a colocou na bancada de nogueira. Já vira Jekyll preparar as seringas umas cinquenta, sessenta vezes até agora. Mas, naquela noite, senti um eco da primeira: a primeira vez que eu o tinha visto despejar a solução verde transparente em um frasco, enfiar a agulha hipodérmica através da tampa de borracha, virar o frasco de cabeça para baixo e aspirar o líquido até metade do cilindro de vidro. Então Jekyll encheu uma seringa e, em seguida, a outra, e depois começou a se despir. Ele pendurou as roupas no armário e tirou do bolso do casaco um chumaço de papéis dobrados — dinheiro —, que colocou na calça de *meu* terno preto e disforme, que estava pendurado ao lado do dele. Nu, passou diante do espelho sem olhar e pegou o garrote de borracha, que usou como torniquete. Senti-me oscilando à beira de algo novo quando ele deslizou a agulha pela veia e pressionou o êmbolo. O quarto virou de cabeça para baixo, arremessando-me em uma queda nauseante. Eu gemia enquanto minha cabeça se enchia de sangue e um bilhão de agulhas perfuravam minha pele, como para nos converter em partículas, e então o quarto voltou à posição normal mais uma vez, e cambaleei ao tomar o corpo, enjoado, momentaneamente cego e de volta novamente.

Fui ao Brejo. O vulgar e subterrâneo Brejo, no fim da Greek Street, quente e barulhento, com vozes ricocheteando em um ruído indistinguível. Uma multidão jovial e chamativa vagava pelo salão avaliando as possibilidades, exalando o fedor de cerveja e de corpos acalorados. Chegando ao balcão pegajoso, observei uma dupla de panacas bem-apeσοados, com casacas xadrez amarelas, alunos de Oxford, brilhando com afetada prepotência e conversando com três garotas extravagantes. Jekyll sempre chamou minha atenção para esses tipos, os bem-nascidos, os

cavalheiros de bairros elegantes, Mayfair, Belgravia, St. James, com um gosto apurado pela vida mundana. Turistas, impostores. Jekyll era capaz de ver de imediato através de seus disfarces, e estes dois alunos brincando de ser canalhas eram particularmente transparentes. Até eu conseguia imaginá-los amontoados com seus colegas em um refeitório de madeira de lei, contando suas histórias dos subúrbios imundos de Londres. Espremido no balcão do bar, eu os observava, mais por hábito que por interesse genuíno, quando uma risada estridente rasgou o tumulto de vozes. Olhei para o salão lotado e a vi. Para mim, nesta noite, ela era apenas uma garota. Apenas uma jovem cocote balançando a cabeça e tocando o colo enquanto tinha outro ataque de riso. Um homem conversava com ela, com a mão em concha enquanto falava ao seu ouvido, e ela ria, agitava os cabelos ruivos reluzentes e acariciava o braço do homem, como se lhe pedisse para parar. Talvez 15, 16 anos, jovem, mesmo para os padrões do Brejo. Somente vislumbrei a cena através dessa abertura antes que o som e os corpos voltassem e ela fosse levada para longe de meus sentidos.

Georgiana.

O nome brotava de Jekyll outra vez, chegando à superfície. E, por um instante, tive outro vislumbre daquela mulher delicada, cabelos cor de mel, desta vez em um vestido de noite azul pálido, rindo em um salão de baile de mármore, uma risada musicalmente crescente, enquanto tocava a manga de Jekyll e balançava a cabeça de forma impotente.

Pisquei rapidamente e, em seguida, voltei o olhar para baixo, fitando meu gim. Meu coração estava travado, uma sensação aflitiva de falta de ar. Olhei para trás, procurando vislumbrar a garota novamente, mas, em vez disso, encontrei um homem que estava alguns passos à frente, bloqueando minha visão.

Ele apoiava o punho no quadril; sua sobreveste aberta deixava exposto um colete esmeralda iridescente que reluzia como pele de lagarto. Costeletas pretas contornavam seu rosto rosado, presunçoso. Ele levou uma dose de uísque aos lábios e baixou o copo, realizando um brinde elegante na altura do queixo. Um turista, obviamente, do tipo que quase não se esforça para esconder a condição, que exhibe seu não pertencimento ao local com extravagância. Eu o vi beber mais duas doses de uísque enquanto meu coração relaxava gradualmente e o sangue começava a correr por meu rosto; esqueci-me da garota, de Georgiana e até mesmo dos negócios obscuros do testamento de Jekyll. Contudo, minha atenção era conduzida pelos

pensamentos de Jekyll, e ele estava focado nesse impostor ridículo. O homem deslizou um dedo para o bolso do colete e retirou uma moeda, que colocou sobre o balcão, então se virou e avançou em direção à velha escada abrindo caminho na multidão. Senti um impulso incontrolável e fui atrás dele.

Noite enevoada, poucas pessoas por perto. Tentei acompanhar seu andar, a trinta passos de distância, impelido por uma curiosidade e uma antipatia instintiva que não precisava entender. Ele me levou pela Soho Square e por uma via deserta, até um beco sem saída repleto de pequenos prédios de tijolos vermelhos com aparência mortífera. Esperei na esquina, vendo-o se aproximar de uma porta, à qual bateu em uma espécie de código, quatro vezes, com uma pausa após a terceira. Ouvia-se um som de metal rangendo, então a porta se abriu e o homem se esgueirou para o interior.

Aguardei, apoiando-me em um pé e depois no outro, com vontade de urinar. Não era simplesmente uma casa de tolerância. Eu já havia acompanhado alguns cavalheiros a casas afrancesadas, com suas janelas de tons vermelhos e meninas de roupas com babados, mas isto era algo completamente diferente. No bolso da calça, minha mão encontrou o maço de notas que Jekyll havia colocado lá. Ele esperava que eu as usasse para *isto*? Olhei para trás, então cruzei o beco decrepito até a porta desgastada e ergui o punho. *Toc-toc-toc*, pausa, *toc*. Uma fenda se abriu ruidosamente acima de minha cabeça. Um par de olhos curiosos espreitou. Não desviei o olhar, confiante no capote cinza de gola alta de Jekyll, a aba do chapéu cobrindo minha testa. Dez libras a entrada, senhor, disse a voz atrás da porta. Introduzi uma nota de dez pela ranhura, e então já estava lá dentro.

Um corredor estreito. O porteiro corpulento me escoltou pelo caminho. No fim, encontrei, com alguma surpresa, uma sala pequena, abafada, dois sofás floridos ao lado de uma lareira e um bule de chá vermelho pendurado no suporte pela asa. Diligentemente, entrei na sala vazia, encarando um relógio cuco de madeira que eu esperava se abrir de súbito a qualquer momento. Havia fotografias em molduras penduradas nas paredes do cômodo. Em uma delas, uma menina de pijama branco estava de pé, com um braço às costas, encarando-me com olhos desbotados. Outra garota, no quadro seguinte, estava em movimento, em dois lugares ao mesmo tempo, com um borrão fantasmagórico entre ambos. Ouvei um barulho atrás de mim e me virei.

Uma senhora idosa se materializara na porta mais distante. Cabelos grossos retorcidos se moldavam a seu couro cabeludo, vestido azul-marinho com laço no pescoço, mãos entrelaçadas à frente. Observando-me, cabeça inclinada. Ela também me pareceu familiar. Eu sentia outro fragmento de memória chegando à superfície. Balancei a cabeça para afastá-lo, e a senhora ergueu as sobrancelhas. Boa noite, senhor, e bem-vindo. Esta seria sua primeira visita? Assenti. Ótimo. Os olhos dela pareciam totalmente pretos, circundados por rugas. Eu estava tentando não olhar para suas mãos cheias de manchas amarronzadas, marcadas por tendões, com garras espessas nas extremidades. Como fiquei sabendo daquele estabelecimento? Pigarreei. *Um amigo*. Ela assentiu. Gostaria de se sentar, senhor? Fiquei imóvel, e ela deu um sorriso contido. Aos negócios, então. O senhor tem alguma preferência em relação à cor? Encarei o broche de marfim em seu pescoço. O relógio cuco acusava o passar dos minutos, a corda havia sido dada há pouco. O quarto 3 está bom, disse a senhora, movendo os olhos para trás de mim, e eu me virei para me deparar com o porteiro enorme enfiado na pequena sala. Ivan o levará até lá. Aproveite sua estada conosco. Ela fez uma mesura e se retirou. Ivan me encarou com frieza. Por aqui, senhor.

O quarto 3 ficava em outro corredor estreito. Lâmpiões a gás com redomas de vidro pendiam das paredes revestidas com papel, repletas de grumos escurecidos. Ivan destrancou a porta, guardou as chaves no bolso e deu um passo para trás. Entrei.

A garota estava sentada na beirada da cama, de costas para mim. O quarto era quadrado: quatro paredes, teto baixo, piso com carpete e a cama com dossel no meio. Um crucifixo de madeira pendurado acima da cabeceira da cama, Jesus esculpido em Sua agonia, pregado na cruz. Fiquei com as costas contra a porta. A menina não olhou para trás. Os cabelos escuros e brilhantes presos em uma trança que chegava à cintura estavam amarrados com uma fita rosa. Seu vestido era rosa com mangas brancas, de costas nuas, para revelar seus ossos delicados. O silêncio era pesado, e, quando observei melhor a parede, percebi que o quarto possuía abafadores de som sob o papel. Dei um passo sobre o carpete acolchoado. A garota olhava para algo no colo. Do pé da cama, notei que era algum tipo de boneca usando chapéu; a menina segurava o objeto rígido. Senti um impulso obsceno de rir. Ela fungou e voltou os olhos para mim.

A face maquiada com ruge. Fuligem margeava seus cílios, então corria e

manchava as bochechas como a água suja da chuva escorrendo pela janela. Seus olhos inchados eram grandes e distantes, contemplando através de mim a distância vítrea. Ela deixou a boneca em uma penteadeira ao lado da cama e veio em minha direção, seus pés em sapatos brancos de couro envernizado. O topo de sua cabeça brilhante chegava à altura de meu peito. Disse, com uma voz suave e mecânica: Deixe-me ajudá-lo com seu casaco, senhor. As mãos dela se ergueram como se fossem puxadas por cordinhas de marionetes, e fui tomado por um terror fugaz e inexplicável. Peguei-a pelos punhos.

Em um momento entendi do que as mãos daquela velha senhora — veias saltadas sob a pele manchada — me lembravam. As mãos da titia Gorgon, tão em forma e fortes como as de papai, embora com garras de ferro como as de um falcão enfiadas nas axilas enquanto estava de braços cruzados. Oh, Deus. Como eu poderia ter esquecido a titia Gorgon? Sua casa sinistra na encosta daquela colina varrida pelo vento, onde fomos morar depois que levaram papai embora. Aquela casa era a última coisa que eu *conseguia* lembrar, na verdade, antes da pausa longa e sombria.

Eu ainda segurava a garota pelos punhos. Ela estava começando a ofegar pelo nariz. Afastei-a, e ela caiu sobre a cama, sua saia se abrindo em um plissado. Com os braços esticados, ficou deitada, a cabeça voltada para o lado, respirando, esperando. O que Jekyll queria que eu fizesse? Até agora, desejava apenas mulheres, a novidade das mulheres, após uma vida de controle virginal. Pressionei meu olho esquerdo com os dedos, onde uma pontada de dor começava a aferoar. Não conseguia entender o que ele estava tentando me dizer. *Pare, falei.* Minha voz parecia distante. Pigarreei.

Sente-se. A garota virou a cabeça para me olhar com cautela. Levantou-se com um farfálar. *Qual é seu nome?* Senti-me estranho e desfalecido, e mal ouvi a resposta dela — Violet. *Violet,* repeti. O ferrão pressionava a parte de trás de meu olho, fazendo-me contrair. Meu outro olho se voltou para o crucifixo: a cabeça de Jesus no alto da cruz, boca aberta, como se gritando para o céu. Enfié a mão no bolso de minha calça, tirei uma nota despedaçada. *Tome, pegue isto. Esconda.* A garota encarou o papel crepitando entre meus dedos. *Pegue,* mandei com rispidez. *Esconda bem.*

Então aconteceu. Foi a primeira vez, o primeiro lapso de ausência. Em um momento, eu estava entregando a nota para a pequena Violet e, no momento

seguinte, estava lá fora, em uma via gelada e esburacada no nordeste do Soho, andando atrás do homem com o colete cor de esmeralda. O tempo entre as duas situações foi um piscar de olhos.

Não fiquei muito alarmado. Senti-me muito melhor, na verdade, como se tivesse adormecido por um segundo totalmente revigorante: a dor em meu olho havia desaparecido; eu sentia meu cérebro recarregado e alerta. O corpo avançava com confiança, comigo no comando novamente, e escorreguei para o momento presente com uma espécie de propósito revigorado. Havia um motivo para eu seguir esse homem, um motivo que eu lembraria quando chegássemos ao nosso destino. Sua silhueta imponente, de cartola, virou na Crown Street, e assim os becos sujos do Soho desapareceram, como se tivéssemos passado de trás do palco para o mundo respeitável. Por muitos quarteirões, o homem me conduziu para o norte, chegando por fim à Bedford Square, onde se virou para o portão de uma casa de tijolos brancos, grande e agradável, com uma porta verde e uma luminária na entrada. Em vez de subir os degraus de pedra, ele se dirigiu a uma entrada lateral, no piso térreo, recoberto de heras. E assim a perseguição foi encerrada. Fiquei plantado naquela calçada, com o pulso acelerado, olhando para a casa insuspeita, o castelo confortável em que o homem que segui tinha desaparecido. Uma epifânia se desdobrava em minha mente. Aquele dinheiro. Aquelas cinco mil libras que Jekyll havia depositado em minha conta bancária. De repente, sabia o que devia fazer com elas. Ele queria que eu comprasse minha independência do Casarão, do gabinete, da porta dos fundos da Castle Street. Uma casa. Eu devia comprar uma casa para mim. Essa era sua vontade, esse era o significado do gesto, as mãos espalmadas em direção ao fogo. Libertação. *O apoio para que ele floresça.*

Ele queria que eu crescesse.

PRIMEIRO DIA

Tarde

O tempo passa. Devem ser quatro da tarde: a luz fraca do sol já chegava aos tijolos nos fundos do Casarão, a linha da sombra subia como água escura. Essa é a marca surpreendente do tempo. Mesmo sem fazer nada, somos impelidos para o futuro. Apesar de meu otimismo esta manhã, eu não imaginava que chegaria tão longe sozinho, sem ser incomodado. Não tinha certeza se ainda estaria aqui depois de Poole entregar o desjejum de Jekyll. Posso afirmar isso agora que a bandeja suja está sobre os degraus novamente, onde a coloquei para Poole retirar. Parte de mim realmente acreditava que ele iria detectar a mudança assim que pusesse os pés no laboratório. Como fiz silêncio quando pisou nas tábuas do assoalho e começou a subir a escada instável. Eu mal podia acreditar quando o ouvi pousar a bandeja, descer e em seguida se dirigir ao outro lado do pátio. Vão mesmo permitir que eu faça isto, apenas relembrar, a mente como uma catedral deserta? Não confio neste deserto. Nesta qualidade sufocante do silêncio — de algo à espreita.

O abscesso lateja. Um segundo coração, doentio.

No dia seguinte a minha visita à casa para moças da titia Gorgon, passei pela Companhia Blackhaven de Serviços Bancários e saquei quinhentas libras de minha conta. Rabisquei um emaranhado de tinta no cartão de assinatura e aceitei um livreto de couro verde com cheques, e, muitos dias depois, um corretor corpulento, com cabelos de fogo, de uma agência de locação no Soho, levou-me até o velho casarão na Ghyll Road. A casa parecia escura e degradada, retraída em seu recesso entre as propriedades vizinhas, como um livro empurrado mais para dentro que os outros em uma prateleira. Segui o corretor arquejante até o pátio de pedras retangulares. No alto do chafariz vazio, um anjo de pedra me observava enquanto

se desintegrava, com olhos erodidos, boca aberta. Subimos os degraus desgastados do pórtico que chegavam ao vestibulo. Fazia frio, o assoalho estava revestido de poeira. Um par de portas ornamentadas se abria à esquerda e à direita para outros cômodos, e uma escada subia para os andares superiores. Uma sensação muito estranha tomava meu corpo, como se eu já tivesse estado ali antes. Morado ali em outra vida, uma vida esquecida. O corretor explicava que a casa fora construída havia mais de duzentos anos, quando pessoas ricas moravam no Soho, antes de se mudarem para o oeste. Os quartos estavam sujos e fediam a fezes de rato, mas, na verdade, eu era capaz de divisar a grandiosidade abandonada, os tetos decorados com massa e os medalhões de gesso de onde candelabros outrora penderam. No piso superior, abri uma porta, e a sensação de reconhecimento voltou: um longo quarto no sótão, com assoalho com nervuras e portas-balcão duplas se abrindo para uma varanda decadente. O parapeito de ferro se agarrava à casa de pouco mais de dez metros de altura, voltado para uma rua importante e dando vista para a imensidão de telhados e cata-ventos pintados de preto contra o céu platinado. Radiante, fiquei segurando o batente enferrujado. Eu estava em casa. Assinei o contrato lá mesmo, trinta libras por ano.

Funcionários de um armazém nas proximidades transportaram umas relíquias escolhidas ao acaso para mobiliar a casa, e enchi um armário chinês com novas peças de alfaiataria. Eu não esperava gostar de ficar livre das coisas herdadas de Jekyll. Fazia poses diante do espelho gótico enorme em meu quarto, enquanto o alfaiate enrugado andava ao meu redor, fazendo traços com giz, convertendo-me em uma pessoa real diante de meus olhos. Ele deslizou um primeiro casaco experimental em meus braços e adaptou-o ao redor de meus ombros — a costura amarela permanecia exposta, e os bolsos estavam abertos, mas não importava. Na verdade, serviu bem, pela criatura meio-deformada que sou, pálida como um peixe, atarracada, como se fosse cultivada em uma estufa, no escuro. O corpo grande de Jekyll de certa forma se contorcia para caber em minha natureza pigmeia, minha curvatura fetal, mas as roupas dele, é claro, não poderiam mudar. Agora, eu tinha um terno só meu. Encarei meus olhos azuis brilhantes, assombrados, e sorri, descobrindo duas fileiras de dentes manchados, desgastados. Pedi ternos, coletes e dois sobretudos de lã pesada, e, exceto pelas camisas, o restante era de tecido preto. Para mim, nenhum toque da plumagem de Jekyll. Eu queria me infiltrar no mundo, em seus limites imprecisos.

Em seguida, Mrs. Deaker. Ainda não entendo por que, afinal, fui à agência contratar uma faxineira. Mesmo assim, um dia ela apareceu em minha varanda, em seu vestido preto anilhado com penas no pescoço, como um abutre. Parecia ter uns 70 anos, com cabelos prateados, olhos cinza-gelo e um pequeno sorriso desbotado. A parte superior de sua coluna era recurvada, então ela precisava virar o pescoço para cima para olhar para mim, mas deu um aceno digno e disse, em sua voz categórica e sussurrada: Patrão. Anos atrás, no auge, Mrs. Deaker deve ter sido uma senhora elegante. Ela se encaixava perfeitamente na casa, tive de admitir. Deixei o quarto externo ao lado da cozinha, e ela se mudou no dia seguinte.

Assim, eu era um ser humano legítimo. Era Mr. Edward Hyde da Ghyll Road, um ser sem restrições. De fato, não ia ao gabinete havia bem mais de uma semana, percebi com um tremor. Era hora de Jekyll aparecer no Casarão novamente. Após a meia-noite, voltei para a porta da Castle Street com um de meus ternos novos enrolado debaixo do braço, e orgulhosamente o pendurei no armário do gabinete, ao lado do terno de Jekyll. Na caixa de costura da Milward, a segunda seringa estava cheia com o soro transparente, sempre confiável. Quando a segurei pelas alças de aço, deliberadamente não olhei para papai, no canto da sala, aqueles olhos me fitando de soslaio, sempre me observando.

Na manhã seguinte, Jekyll vestia seu roupão de seda azul enquanto raspava a espessa crosta de barba acumulada em sua ausência, quando Poole bateu à porta do quarto. Às vezes Poole agia assim, sempre quando Jekyll estava se barbeando, nunca quando ainda estava na cama ou na banheira. Poole cuidava da organização do Casarão desde que Jekyll havia comprado o lugar, vinte anos atrás, e, desde os primórdios de meu ressurgimento no mundo de Jekyll, fui bastante cauteloso ao lidar com ele, tendo ainda mais cuidado do que ao lidar com Utterson. Com seus modos contidos, enigmáticos, o homem parecia saber de tudo.

Poole se postou à porta do quarto, como de costume. Ele tinha algumas perguntas a respeito do Natal e do quinquagésimo aniversário de Jekyll, e ambos seriam em breve. Jekyll ouviu e deu respostas sem interromper seu trabalho metuculoso. Quando houve uma pausa, disse: *Sei que tem tudo sob controle, nos mínimos detalhes, sem precisar de mim, Poole. Estou certo de que notou minha ausência nestes últimos dias.* Jekyll ajeitou alguns pelos do lábio superior. *Estou trabalhando novamente. Um estudo psicológico abrangente sobre os habitantes de Londres. No*

momento, elaboro o perfil de vários tipos humanos, estudos de caso que chamam minha atenção. Para estudá-los corretamente, sou obrigado a permanecer em sua companhia durante vários dias seguidos. De qualquer forma, se acontecer de estar ausente quando alguma decisão precisar ser tomada, sabe que tenho total confiança em seu discernimento.

Jekyll enxaguou a lâmina de barbear na bacia e voltou o olhar para o espelho lateral, observando Poole, que estava ao lado do batente refletido. Foi um olhar casual, mas Jekyll aguardou até que Poole moveu a cabeça. Obrigado, senhor. Farei o melhor possível. Parabéns por seu trabalho, senhor.

Ah, disse Jekyll, de fato. Devo dizer que será mesmo algo memorável, quando estiver concluído. Ergueu o queixo e passou o pincel de barbear sobre o pescoço. Sou um homem de sorte, não acha, Poole? Eu diria que sim, senhor. E você também se considera um homem de sorte? Poole hesitou. Creio que sim, senhor. Jekyll usou o polegar para tracionar a pele do pescoço com firmeza. Homens afortunados como nós devem se lembrar dos desafortunados. No decorrer de meu trabalho, veja só, conheci uma pessoa. Ele tem uma origem humilde. Acho que acabei colocando-o sob minha proteção. Sua mente é promissora, mas precisa de... refinamento.

A pulsação de Jekyll era perceptível sob o polegar, conforme ele levantava a lâmina e aparava com cautela o pomo de adão e, abaixo da superfície, eu me encolhia quando os pelos eram cortados e saltavam. *O nome dele é Hyde, continuou, balançando a lâmina limpa. Edward Hyde. Convidei-o para me fazer umas visitas. Seria bom para ele ver como vive um cavalheiro. O problema é que minha programação ultimamente tem sido muito inconstante, e não tenho certeza se vou estar aqui para recebê-lo. Então, se ele vier enquanto eu estiver fora, gostaria que lhe desse livre acesso. Trate-o como dono da casa, na verdade. Você faria isso por mim?*

Evidentemente, senhor.

Devo deixá-lo ciente, os modos dele são um pouco rudes. O rapaz veio de origem humilde, como disse, e tem aquilo que se pode chamar de uma sensibilidade artística. Não dê atenção a isso. Apenas trate-o como dono da casa. Faça com que ele se sinta em casa.

Poole permaneceu imóvel ao lado do espelho. Como desejar, senhor. Há mais alguma coisa?

Mais alguma coisa? Por que eu apareceria no Casarão? Ele não me deu todo aquele

dinheiro para alugar uma casa só minha — para manter nossas vidas separadas e distintas?

Jekyll permaneceu em casa até o Natal, ocasião do jantar anual para toda a criadagem, quando todos comiam como iguais na sala de jantar. Na manhã seguinte, eu estava autorizado a voltar para meu lar na Ghyll Road — para Ghyll, como eu costumava chamá-la. Contudo, não conseguia parar de ruminar sobre o convite que ele me fizera. Teria relação com o testamento que Jekyll havia elaborado — com aquela cláusula peculiar sobre eu ser seu substituto, se ele desaparecesse? O que estaria antevendo? Era um sentimento frustrante e cego, minha ignorância. Queria saber qual era meu objetivo, o que Jekyll *precisava* que eu fizesse. Se era para ter uma vida nova e oculta, por que me introduzir em sua casa?

Tentei nos distrair nos dias seguintes. Fui assistir à demonstração de hipnotismo do Grande Cornelius Luce na Poland Street e fiquei na área do bar, enquanto, no palco, o maestro de fraque conduzia os caminhos mentais de voluntários. Visitei uma casa de tolerância e deixei uma loira com perfume de âmbar esfregar seu traseiro em minhas coxas, em uma cama redonda cor-de-rosa. Depois, caminhei furtivamente pelas ruas, até que um cavaleiro alto surgiu e inspirou, satisfeito, uma pitada de rapé, e o segui até uma rua lateral, com um ar vago de malícia, parecendo ensinar ao velhote algum tipo de lição. Mas meu coração estava focado em outra coisa. Eu sabia que não poderia adiar muito mais aquilo.

Na manhã de 1º de janeiro de 1885, Mrs. Deaker bateu à porta de meu quarto ao meio-dia, como sempre, e entrou apressada com a bandeja de café da manhã. O desjejum transcorreu da forma habitual. Alguns dias havia pão fresco, geleia e manteiga, café. Outros dias ela servia ovo cozido com a gema mole e um chá que passou tempo demais na infusão. Eu comia tudo o que me trouxesse. Chegava a ser revigorante, em contraste com a previsibilidade de Poole. Esta manhã, o desjejum consistia em chá preto morno e um bolinho de groselha amanhecido, que se desfez nos lençóis quando o mordi. Minha boca estava seca por causa da ressaca, e o doce virou uma massa impossível de engolir. Mrs. Deaker caminhou até as portas da varanda e afastou as cortinas, e meus olhos arderam com o brilho do inverno. Ela se virou para me observar em meu emaranhado de roupas de cama de cetim. Eu não conseguia ver sua expressão, mas agora já conhecia seu sorriso acolhedor, ao mesmo tempo servil e insubordinado. Feliz Ano-Novo, patrão, disse. Grandes planos para o dia, não? Empurrei goela abaixo o grumo de massa e ensaiei um sorriso, os

resíduos pastosos grudados entre os dentes. *Sempre, Mrs. Deaker. Muitos planos.*

Vesti um terno preto e examinei meu rosto, com seus pelos cor de ferrugem crescendo desordeiramente. Em seguida, girei e afundei a cartola para que cobrisse parte de minha cabeça; e rumei ao sul, para a Leicester Square. Na verdade, eu nunca estivera na praça antes, naquele corpo. Apenas tinha visto tudo através de Jekyll. O céu estava escuro, com uma luz cor de estanho sobre a linha irregular de casas. Havia uma faixa de neve suja incrustada no chão do parque central. Um cachorro latia. Placas de hotéis com seus nomes escritos em letras grandes; casas parecendo trancadas para a temporada. O ar estava frio e úmido, e cerrei os dentes para que não batessem enquanto me aproximava do Casarão, uma construção grandiosa e distinta das vizinhas mais desgastadas. A fachada de tijolos se erguia dos degraus da frente, persianas pretas e acabamentos de marfim adornavam as muitas janelas, e as chaminés simétricas se impunham eretas contra o céu inconstante. A porta enorme e preta tinha uma aldrava de bronze e um botão de campainha. Segurei o anel de latão, de um frio surpreendente, e bati com ele na placa de metal.

Os passos suaves se aproximaram e, em seguida, a porta se abriu. Fui tomado por um ímpeto de ocultar meu rosto. Recurvi-me no alpendre, olhando por baixo da aba para Poole, parado na soleira. O uniforme preto era imaculado, oferecendo um vislumbre de sua camisa branca engomada. Sua cabeça era pequena e elegante, mas os olhos eram grandes e brancos, contrastando com os contornos pretos, como se tivesse passado delineador como um árabe. Suas íris aveludadas repousavam sobre mim. Os músculos de seu rosto não se mexiam. O senhor deve ser Mr. Hyde. Assenti. Poole deu um passo para dentro. Infelizmente, o Dr. Jekyll não se encontra em casa no momento. Mas o senhor não gostaria de entrar?

O vestibulo era longo e baixo, com piso revestido em pedra ardósia. Painéis de nogueira guardavam o calor da lareira enorme. A luz do fogo cintilava, refletida no vidro da mobília a sua frente, o brilho polido do banco de ébano. Senhor, disse Poole atrás de mim, e com cautela deixei meu sobretudo escorregar dos ombros. *Ficarei com a cartola*, eu disse rapidamente, segurando a aba, quando ele estendia a mão para pegá-la.

Segui Poole em direção ao salão principal, com a escadaria bordô se derramando do segundo andar e os pilares de mármore ascendendo até o teto com afrescos e um candelabro deslumbrante. Ele me levou para a direita, pelo salão verde e fresco. Por

favor, fique à vontade, disse Poole. Posso lhe oferecer um refresco? Protegido pela aba da cartola, inspecionei o cômodo elegante, marcado por acabamentos delicados, quadros brilhantes nas paredes. *Vinho*, falei, e Poole se foi.

Meu peito estava zumbindo como um diapasão. Poole engolira a história. Ele realmente achava que eu era uma pessoa distinta. E eu era uma pessoa distinta. Eu era Mr. Edward Hyde de Ghyll. Seria isso que Jekyll estava tentando me mostrar? Afundei em uma cadeira de veludo quando Poole voltou com o decantador e uma taça sobre a bandeja. Ele depositou tudo sobre a mesa de chá japonesa ao lado e encheu a taça com clarete rubi. Sentei-me para observar a precisão hábil de suas mãos. *Poole, certo?* Sim, senhor, respondeu, deixando seu olhar chegar ao meu rosto, nas sombras pela aba do chapéu. *Bem, agradeço pela gentileza, Poole.*

A frase saiu pontilhada de sarcasmo. Uma centelha de melindre atravessou a expressão plácida de Poole. Ele colocou a bandeja às costas e curvou a cintura em uma saudação precisa. Disponha, senhor. Avise-me se necessitar de mais alguma coisa.

Quando ele saiu, levantei-me de súbito, agarrei a taça com voracidade e acabei com o vinho. Tudo parecia tão vívido, como se uma fina camada translúcida tivesse sido eliminada da sala de estar, descascada como pele. Caminhei por sob o arco que levava à sala de jantar, deslizando a mão pela parede sedosa, que chiava sob meus dedos. Ao chegar, detive-me atrás da cadeira de Jekyll, à cabeceira da longa mesa, e, então, inclinei-me sobre ela, até meu reflexo surgir abaixo de mim, na superfície polida e sombria. De meus lábios, deixei pender um fio de saliva brilhante em direção à mesa, sugando-o rapidamente antes que se rompesse. Caminhei de volta pelo corredor estreito que levava ao salão principal, e prossegui até a escada de caracol. O silêncio da casa era desconcertante; hesitei ao chegar ao vestíbulo, com os ouvidos atentos. Uma estátua esguia e nua se erguia em um recesso, sem braços nem cabeça, e acariciei seu quadril frio e curvilíneo quando passei por ela. No segundo andar, parei outra vez diante das portas brancas duplas que davam acesso ao escritório de Jekyll, então empurrei uma delas, para abri-la, e espiei o interior. Eu quase esperava encontrar Poole fingindo fazer faxina, para proteger o cômodo de minha intromissão. Mas estava vazio. Livros alinhados em prateleiras brancas, nas paredes escarlate. Duas poltronas de couro voltadas para a lareira, convidando a apreciá-la. Acima do aparador da lareira, fora pendurado um grande quadro em uma moldura elaborada; eu nunca tinha reparado nele. Não era como os quadros do

salão, com paisagens campestres e retratos. Este era apenas uma massa marrom e preta de tinta formando rodadoiros vertiginosos, que preenchiam a tela. Observei-o inquieto enquanto caminhava sobre o tapete persa em direção à escrivaninha de Jekyll. Cartas estavam alinhadas no mata-borrão de couro verde, organizadas por Poole em ordem de chegada. Estudei-as de cabeça para baixo e depois estendi a mão, virando a mais próxima.

No envelope, à mão, com uma letra firme e sinuosa, estava escrito *Dr. Henry Jekyll*. O canto estava impresso em caligrafia regular: *Danvers X. Carew, membro do Parlamento*. O nome me era familiar. Rasguei o envelope para abri-lo, deixei que Jekyll lesse as primeiras linhas da carta, e tudo voltou a nossa memória: Jekyll o havia encontrado nas imediações do Grampian Club, com Utterson. Ele estava pedindo permissão para uma visita. Recoloquei a carta sobre o mata-borrão e circudei a escrivaninha, para me sentar na cadeira giratória de Jekyll. Deixei-me envolver por ela, repousei os pés sobre a mesa e fiquei observando a porta entreaberta.

Trate-o como dono da casa.

Deixei o escritório e caminhei pelo corredor do segundo andar em direção ao quarto de Jekyll, no outro extremo. Eu já estivera no quarto dele antes, na primeira noite. Minha garganta estava seca, e as palmas das mãos, úmidas, quando toquei na maçaneta. Girei-a e empurrei a porta.

Uma das empregadas estava ajoelhada diante da lareira, vasculhando o carvão queimado. Ela era relativamente nova no Casarão, fantasmagórica e imperceptível, com os cabelos escuros enfiados no gorro branco. Lembrei seu nome — Lizzie. Ela limpou a testa com as costas da mão e olhou para cima. Congelou, com o punho ainda erguido, encarando-me, e subitamente a reconheci.

De repente, eu a estava observando do canto do escritório de papai, onde ele nos fazia ficar de pé: a menina ajoelhada diante dele, papai com seus dedos longos e finos, retirando o gorro dos cabelos escuros dela e levando-o até o rosto, espremendo-o com as mãos, de olhos fechados.

Senhor, murmurou Lizzie, e desviou o olhar para o chão. Ela se agachou ao lado da lareira, as mãos pretas com o pó de carvão, réstias esfumadas de cabelo escapando do gorro, na altura da nuca. A imagem de papai ainda estava fixa em minhas retinas, como um flash fotográfico, deixando fragmentos de dor enterrados em meus olhos. Recuei, segurando o batente da porta. Senti-me adernando em

direção ao recinto. Esta era a casa de Jekyll. Sacudi a cabeça com um gesto violento e dei um passo abrupto para trás, afastando-me da porta. Então corri pelo corredor em direção à escada. Os pelos de meu pescoço formigavam; eu queria sair dali — algo ruim iria acontecer se não sáísse. O vestíbulo estava à meia-luz, e passei por ele com uma leve vertigem. Cambaleei, causando um barulho estrepitante.

Era o aparador de madeira, onde ficavam as bengalas. Umas dez, guardadas em compartimentos separados. Eu havia agarrado uma por acidente, por reflexo, e a retirei do aparador. O punho de bronze morno encaixava perfeitamente na palma de minha mão, e o bastão robusto, de carvalho, afilava-se até chegar a uma ponteira de bronze na extremidade. Bati-a algumas vezes no chão de pedra e, em seguida, dei de ombros e caminhei com ela pelo corredor, até o banco em que meu sobretudo estava pendurado. Deixei a bengala de lado, vesti o sobretudo sobre os ombros, peguei-a novamente e me virei, encontrando Poole de pé, atrás de mim. Peço perdão, não tive a intenção de assustá-lo, senhor. Seu olhar baixou até a bengala que eu segurava, depois se ergueu até meus olhos nas sombras, tentando a todo custo me observar debaixo da aba da cartola. Sua frente estava tensa, mas não muito. Em seguida, passou ao meu lado, para abrir a porta da frente. Contraí as pálpebras diante da luz prateada do dia, mal acreditando que me fosse permitido sair. Espero que o Dr. Jekyll esteja aqui para recebê-lo, disse Poole, quando nos visitar novamente. Dei uma risada nervosa. *Também espero.* Passei ao lado dele e saí pela porta.

PRIMEIRO DIA

Anoitecer

Pela segunda vez hoje, giro a trava e abro a porta do gabinete. O lampião a gás ilumina a escadaria e lança minha sombra na parede de tijolos rústicos. Na metade da descida, um brilho de prata capta a luz — o cloche da bandeja com o jantar. Viu? Está tudo bem. Poole não suspeita de nada. Como se os passos descessem debaixo d'água, respiro fundo e caminho pé ante pé, furtivamente.

Poole sempre deixa a bandeja aqui, neste mesmo degrau, o décimo segundo, de cima para baixo. Parece ser exatamente o degrau que divide a escada ao meio, apesar de eu não ter descido mais que isso desde que começamos a viver aqui, há dois meses. Seguro o corrimão de madeira e espio o interior do arco escuro da sala de dissecação. Através da cúpula de vidro escuro bem no alto, um funil de filtros diáfanos desemboca sobre a mesa de dissecação de pedra, atulhada de frascos. Para além das luminárias, há sombras melancólicas. Meus olhos se acostumam, conforme esquadrinham o espaço, captando a palha das caixas espalhada pelo chão ao redor da mesa, um caixote vazio em pé.

O machado. O machado que Jekyll usava para despedaçar os caixotes e fazer ripas e serragem, quando acordei naquele verão. Ele ainda está lá embaixo? Poole não tem autorização para arrumar este cômodo. Se Jekyll não removeu o machado, e acho que não o fez, então ele está lá embaixo, em algum lugar.

Fiquei de cócoras ao lado da bandeja no décimo segundo degrau. Eu devia ir até lá, xeretar. O machado provavelmente está encostado em algum lugar, bem à vista; eu poderia levá-lo comigo até o gabinete, trancá-lo lá dentro. Como arrombariam a porta? Contudo, permaneci imóvel. Porque este décimo segundo degrau, começo a perceber, é uma linha divisória. Por que Poole coloca a bandeja *sempre* aqui? Todos os dias, nos últimos dois meses, ele coloca a bandeja bem aqui, e nunca subiu um

degrau a mais, como se também soubesse que é uma linha divisória. Como se Jekyll e eu tivéssemos vivido dentro de uma bolha protegida no gabinete que se estende até este exato degrau, separando nosso mundo do de Poole. Ultrapasse o limite e o encantamento protetor se desfaz. Deixei meu olhar se perder pelos degraus restantes, que desapareciam na escuridão da parte inferior, como um reflexo da escada que ascendia atrás de mim. Como se eu me ajoelhasse na borda de um mundo escuro refletido no espelho, por cima de meu próprio reflexo turvo, que me atrai para baixo.

Não, não confie nele. Levanto-me, erguendo a bandeja de jantar pelas alças grossas de prata.

No gabinete, repouso a bandeja sobre a bancada do laboratório, espiando por baixo da tampa. Nuvens de vapor se espalham no ar. Um pernil de cordeiro cujo suco transborda para os legumes cozidos. Fecho a tampa e me afasto do cheiro, enojado pela simples ideia de comer. Da prateleira acima do armário envidraçado, pego o frasco com dois galões de etanol. Coloco um pouco de água em um copo graduado e, do frasco mal-ajambrado, pego um pouco de álcool puro e transparente. Precavido, tomo um gole — bum! Uma chama azul explode em meu estômago e sobe ferozmente por meu esôfago, penetrando os ossos de meu rosto, e tusso, piscando e lacrimejando. O jantar está servido! Ele queima toda a podridão que há por dentro.

Carew veio ao Casarão para sua primeira visita logo após o quinquagésimo aniversário de Jekyll, em 8 de janeiro. Acho que não posso culpar Jekyll por tê-lo convidado. Eu abri a carta de Carew e a jogara de volta sobre o mata-borrão. Poderia tê-la queimado ou algo assim, mas não o fiz, deixei-a lá para que Jekyll a encontrasse. Não me lembro de ter qualquer sentimento particular naquele momento sobre a visita de Carew, além de minha cautela habitual com gente nova.

Ele vestia um paletó de veludo azul-royal, fazendo um belo contraste com seus cabelos prateados. Seu rosto era recoberto por uma rede de rugas delicadas. Os olhos se moviam pelo escritório de Jekyll, olhos cristalinos, como esferas de quartzo. Poole trouxe uma garrafa de xerez branco e duas taças pequenas, curvou-se e se retirou. Jekyll serviu o xerez e disse: *Então, aquela palestra que o senhor disse ter assistido, minha palestra, há dez anos em Viena. Lembro-me bem da ocasião. Eu estudava as fixações satânicas em pacientes com demência precoce. Nem imaginava que houvesse muitos políticos na plateia.*

Carew deu um sorriso irônico. Não, imagino que não. Mas os políticos fariam bem em assistir a uma palestra psiquiátrica ocasionalmente; sei que muitos se beneficiariam com a reflexão. Ele ergueu a taça de xerez e, em seguida, tomou um gole. Eu estava em Viena, continuou Carew, para uma conferência, mas meu interesse em sua palestra era puramente extracurricular. Estava bastante interessado em ouvi-lo falar sobre seu trabalho no caso Haemler. *Sim*, disse Jekyll, indiferente, *Erwina Haemler. Há anos não pensava no caso dela.* Ah, mas era um tema inovador. Foi a apresentação mais clara sobre loucura circular que eu ouvi desde que Falret descreveu o conceito.

Jekyll olhava para ele, suprimindo o rubor de lisonja.

Garanto-lhe, doutor, não digo isso como adulação. Apenas mantive um interesse em seu campo de estudo por muitos anos. Acredito que seu campo e o meu, veja bem, às vezes se entrecruzam. *E qual seria seu campo de estudo, se me permite perguntar?* Sinta-se à vontade. Diga-me, o senhor ouviu falar da Sociedade de Investigações Psíquicas? Jekyll assentiu. *Ouvi, sim. Gurney, Sidgwick, Myers, correto?* Exato, disse Carew. Cauteloso, ele tomou outro gole do xerez, observando Jekyll por sobre a borda de cristal. *Então o senhor investiga fenômenos psíquicos.*

Carew assentiu com a cabeça. Exatamente.

Investigar: não gostei da implicação disso. Não gostei desse homem, com seus olhos inteligentes e sorrisos contidos. O senhor não se incomoda com a comparação, disse ele, entre nosso campo e o seu. Jekyll deu de ombros. *O senhor não é o primeiro a fazê-lo. A mente não pode ser vista, os espíritos não podem ser vistos, há um aparente desejo de que confluem.* No entanto o senhor os considera totalmente distintos? *Considero as reflexões sobre o reino espiritual desnecessárias à psiquiatria. A mente é autossuficiente.*

Embora, disse Carew, certamente o senhor não possa descartar a questão de imediato, correto? Mrs. Haemler, por exemplo, acreditava estar tomada por um espírito demoníaco — o espírito egípcio Apep, se me lembro bem. O senhor pode começar sua análise com o pressuposto de que era uma ilusão? *Eu começo com o pressuposto de que a ideia... neste caso, a possessão por um deus egípcio que personificava o caos... tem um ponto de origem. A paciente foi sugestionada pela ideia. Presumo que seja isso que a perturbe, não um espírito real. O marido de Mrs. Haemler era arqueólogo; ela havia visitado o Egito com ele alguns anos antes, que foi onde, logo descobri, ouviu histórias de possessão espiritual, divindades dominando corpos mortais.*

Obviamente, isso causou uma forte impressão nela. E, um ano mais tarde, quando começou a manifestar certos sintomas — as intensas mudanças de humor, pesadelos, delírios diurnos perturbadores —, sua mente buscou uma explicação e, por fim, fixou-se na noção de que ela também tinha sido... tomada, como o senhor disse, por uma entidade espiritual. É mais simples para a mente externalizar as causas de sofrimento. A fixação nessa ideia estimula os sintomas, e eles ficam mais graves, reafirmando as suspeitas da paciente. Uma ilusão que se autoperpetua.

Eu nunca ouvira Jekyll falar de seu trabalho desse modo. Seus estudos ficavam selados em regiões da mente às quais eu não tinha acesso, galerias inteiras de memórias que tinha curiosidade de conhecer mas que também me deixavam desconfiado. A calma na voz dele chegava a ser pedante, mas sua pulsação estava disparada. Carew ouviu pacientemente. Embora, disse, isso não descarte em absoluto a possibilidade de uma causa externa, não é mesmo? Só porque Mrs. Haemler foi sugestionada pela ideia de que uma possessão fosse possível, não significa, em um raciocínio lógico, que uma possessão seja objetivamente impossível. Em especial quando lidamos com uma paciente que não está meramente com uma ideia fixa, mas que, na verdade, transforma sua aparência e seu comportamento. Uma paciente que chega se tornar, em determinados momentos, uma pessoa inteiramente diferente. Com certeza... Carew fez uma pausa, e voltou o olhar para o fogo. Um silêncio horrível tomou o ambiente. Jekyll parou de respirar. Com certeza, prosseguiu Carew, quando se está lidando com um paciente como Mr. Verlaine, não se pode excluir a possibilidade de uma possessão, até que seja confirmado que é definitivamente falsa.

Era como se Jekyll estivesse esperando ouvir o nome. Emile Verlaine, seu paciente francês. Sentiu um forte aperto no peito e então uma onda de calor enrubescer seu rosto. *Ah*, disse ele, como se suspirasse.

Carew olhou com atenção. Entendo que esteja relutante em falar do caso, doutor. E espero que não pense que vim aqui esta noite para arrancar detalhes. *Por que o senhor veio aqui esta noite?* Carew respirou fundo. Vim porque gostaria de lhe dizer uma coisa. Sei como esses assuntos funcionam. Quando há publicidade, expectativa do público, e então as coisas vão mal, é necessário apontar um bode expiatório. É um comportamento antigo, expulsar um bode da vila, fazendo com que leve embora a culpa coletiva. Nesse caso, o senhor era a melhor opção, sendo o médico-chefe e de nacionalidade inglesa. Mas agora está de volta à Inglaterra. Está entre seus colegas.

Há um interesse solidário e positivo em seu trabalho. E, se quiser se livrar dessa carga, compartilhar seus feitos, seria uma grande honra ouvir o que o senhor tem a dizer.

Não gostei nada daquilo. Eu sabia o que corria nas veias de Jekyll. Sentia isso cada vez que ele pronunciava meu nome em voz alta, para o gerente do banco, para Utterson, para Poole. Era um sentimento terrível de invasão. E, mesmo assim, apesar de minha inquietação crescente, eu também estava tomado por ele. Queria ouvir, saber mais. Jekyll se sentou em sua poltrona, pernas cruzadas, um dedo apoiando o queixo, seu rosto fresco e inalterado.

O que gostaria de saber, precisamente, Sir Danvers?

Carew ergueu o olhar para o quadro pendurado acima da lareira. Parecia contemplá-lo por um instante, aquela massa escura, os rodalhões de tinta. Eu gostaria de entender como determinou, se de fato determinou, a origem das outras personalidades de Mr. Verlaine. Como eliminou a possibilidade de elas serem derivadas de alguma fonte externa. Jekyll ficou calado. Carew continuou olhando para o quadro, aguardando. Talvez, disse, possa me contar algo sobre sua experiência inicial com as personalidades. Pierre foi a primeira que conheceu?

Pierre, repetiu Jekyll suavemente. Sim. Embora Emile não tivesse um nome para ela durante sua primeira internação, cerca de seis meses antes de minha chegada. Ele sofria episódios, lapsos de comportamento irresponsável e infantil. Não tinha lembranças nem consciência desses eventos; eram completamente apagados de sua mente. Ele estava assustado. Mas foi corajoso, recebeu-me com afabilidade, queria falar inglês. Contou-me que estava ansioso para abordar o problema. Um jovem bem-apegoado. Um pintor talentoso. Jekyll parou. Algo leve tensionou sua garganta.

Foi o pai de Mr. Verlaine que pediu a internação?, perguntou Carew.

O pai. Monsieur Verlaine. Havia acabado de se casar novamente, com uma mulher mais jovem. A mãe de Emile tinha morrido quase dez anos antes. Emile estava relutante em falar sobre ela, sua mãe. Mas queria cooperar, queria melhorar. Durante o primeiro mês, não teve nenhum episódio. Então um dos enfermeiros foi me chamar. O quarto dele parecia estar vazio quando entrei. Olhei debaixo da mesa de desenho e havia um garoto agachado. Ele olhava fixamente para mim, como se eu fosse um estranho. Parecia ser pelo menos dez anos mais novo que meu paciente. Só fui capaz de reconhecê-lo porque eu sabia que era Emile.

Ele conversou com você?, perguntou Carew, após um silêncio. Não. Não nesse

primeiro episódio. Na segunda vez, falou comigo. Eu estava pronto. Havia preparado uma experiência. Um dos enfermeiros foi me chamar outra vez, e levei uma caixa de trufas de chocolate. Emile, você deve saber, não tinha o mínimo interesse por doces de qualquer espécie. O garoto estava na cama, voltado para a parede, chorando. Abri a caixa e comi um chocolate. O garoto parou de chorar na mesma hora, e se virou para mim. Ele escorregou para fora da cama e se aproximou. Não chegou até mim, manteve certa distância, mas, quando estendi a caixa, arrancou uma trufa e a enfiou na boca. Sua expressão era de pura alegria enquanto mastigava. Ele engoliu e então olhou para a caixa em minha mão, como se fosse um cão farejador. Emile sempre tinha uma postura ereta e elegante, um olhar direto e firme. Mas lá estava aquela criança acovardada, implorando mais um doce. Prometi que lhe daria a caixa toda, se me contasse seu nome. E foi quando disse: Pierre.

Por um momento, quase pude ver o rosto do garoto no brilho do fogo, olhos fechados, sonhador e alegre. Um quarto com barras de ferro nas janelas e quadros pendurados nas paredes. Então Jekyll balançou a cabeça. Ergueu a mão e passou os dedos sob os olhos. *Por favor, desculpe-me. Não esperava falar sobre isso esta noite.* Carew ficou em silêncio. Claro, disse, por fim, é claro, eu entendo. Ele acariciou os braços da poltrona e se pôs de pé. Jekyll também se levantou. O olhar de Carew se ergueu novamente para o quadro acima do aparador, enquanto abotoava o sobretudo de veludo. Jekyll também o contemplou: uma coisa horrenda, rodaminhos de tinta na moldura elaborada. Carew se virou para Jekyll e estendeu a mão, retorcida como uma aranha. Dr. Jekyll, obrigado. Nossa conversa foi muito intrigante. Voltaremos ao assunto, certo?

Jekyll ficou no vestibulo depois de fechar a porta para Carew. Havia um pedaço de carvão na lareira de pedra, sua sombra tremulando e lutando para escapar. Isso causava em mim uma sensação estonteante de desproporção, como se o fragmento de carvão fosse, na verdade, um pedregulho lá embaixo, que estivéssemos observando de uma altura vertiginosa. Havia tanto que eu não sabia. De repente, estava percebendo a magnitude de minha ignorância. Quão pouco eu sabia sobre os anos, sobre a vida que se abria como um abismo atrás de mim.

Sobre Emile Verlaine, conhecia apenas aquilo que Jekyll precisava que eu soubesse, as lembranças que ele selecionara para me mostrar, para explicar o que o pó e a seringa eram capazes de fazer. Mas ouvi-lo naquele dia fora como ouvir o

caso do jovem paciente pela primeira vez, enchendo-me de um medo revelador, uma sensação atordoante de uma dimensão em plena expansão. O que havia acontecido com Emile Verlaine? Como Jekyll o perdera? Fiquei observando o carvão, sentindo-me à beira de uma premonição obscura — antes que ele enrijecesse e caminhasse pelo vestibulo. Dez minutos mais tarde, eu fechava a porta da Castle Street ao sair.

Jekyll estava distante enquanto eu rumava perplexo para o norte, em direção ao Soho. Sabia que ele estava pensando em sua conversa com Carew. Sabia que tinha me deixado escapar para me distrair, enquanto perseguia seus próprios pensamentos. Eu não gostava desta incógnita, deste sentimento de uma porta aberta, escura, abrindo-se às minhas costas.

Cheguei ao Suíno & Cadafalso sem ao menos perceber que me dirigira até lá. Afetuosamente, observei as letras douradas, então empurrei a porta e entrei. Ah, o Suíno & Cadafalso. Mesmo tendo sido traído por eles — por todos os fregueses habituais e por Vic em particular —, não consigo guardar rancor. Era um grupo tão exausto e sofrido. Não a multidão aos fins de semana, mas os fregueses cativos que escolheram o lugar havia décadas, por motivos variados, e que permaneceram, inflexíveis, frequentando-o. Sou capaz de vê-los debruçados no balcão lascado, sorvendo sua cerveja escura e amarga, homens idosos e algumas putas esqueléticas, e Vic, um gordo ranzinza, lendo seu jornal entre as garrafas empoeiradas. Vazio e silencioso, como eu preferia que fosse. Eu não era um freguês cativo — os fregueses chegaram havia anos —, mas minha presença fora reconhecida por eles com uma obrigação relutante para seus velhos olhos inchados. Quando me sentava e colocava uma moeda de ouro sobre o balcão, Vic trazia a garrafa de gim e um copo. Seu rosto era um saco carnudo e disforme, com olhos tristes e desconfiados brilhando. Como agradecimento, ele me concedia um sutil aceno de cabeça e marchava de volta a seu posto, deixando-me com a garrafa. Tive de me esforçar para merecer isto, para que deixasse a garrafa comigo, e, enquanto me sentava ali, enchendo meu próprio copo, no canto do balcão que considerava meu, sentia-me um homem realizado.

Esta noite, no entanto, havia um homem sentado na ponta do balcão, em *minha* parte do balcão. Ele também não era um freguês regular. Tinha um rosto idoso e rosado, com um bigode branco, e usava um terno escuro e liso e uma camisa barata. Não combinavam, o rosto e o terno. Sentei-me em um banquinho no meio do balcão e atirei uma moeda.

O cavalheiro bebia uísque puro. Sua mão revelava uma paralisia leve e discreta,

conforme levava o copo à boca. Eu podia imaginá-lo perfeitamente no salão do Grampian, em um terno de tweed feito sob encomenda, rindo com seus velhos amigos. Então o que fazia ali, justamente ali? O Suíno em geral não atraía muitos turistas, e me irritava o fato de aquele velhaco entediante ter encontrado o pub, obscuro como era, e, além disso, ter a presunção de pegar *meu* lugar. Sentia-me desprotegido, sentado ao meio do balcão, de costas para o corredor imundo que levava para as latrinas e para o beco. Debruçado sobre meus cotovelos, observei o cavalheiro idoso, seus olhos vagando discretamente pelo bar, sobranceiras erguidas em um gesto polido. Quando encontrou meu olhar fervilhante, fez uma pausa e então levantou seu úsque com um sorriso hesitante e aquele tremor sutil nas mãos. Aquela pontada de dor começava a perfurar meu olho esquerdo de novo. Apertei a cavidade ocular com os dedos. Minha pele estava pegajosa, e minha outra mão segurava o copo de gim com tanta força que tremia. Não parecia ser minha mão, com aquela veia bifurcada se ramificando sobre as articulações; não me sentia capaz de controlá-la. De repente, o copo escorregou, balançou até a extremidade do balcão e caiu do lado de dentro, como um bêbado pulando um muro alto. Vic baixou o jornal e me lançou um olhar moroso. Tentei sorrir e mirei meu reflexo no espelho deformado atrás das garrafas, um rosto estufado e cheio de dentes. Agitado, olhei para o lado, para o cavalheiro na ponta do balcão, e o encontrei de pé, contando as moedas da palma da mão em concha. Ele fez um aceno cortês para Vic, pegou seu chapéu da banqueta e se dirigiu à porta, provocando um arpejo em mim ao passar.

Então eu estava do lado de fora, no beco enevoado, seguindo-o. Não me lembrava de ter saído do bar — simplesmente estava lá, batendo a bengala nas pedras da calçada. Eu conseguia divisar o chapéu-coco do velho em uma silhueta perfeita contra o halo do lampião a gás adiante, seus passos irregulares e titubeantes. Era capaz de sentir o castão de bronze encaixado perfeitamente na palma de minha mão e as gotículas de chuva em meu rosto. No entanto, o ímpeto do corpo parecia estar além de meu domínio, como se eu tivesse apagado por um momento e agora estivesse tentando retomar de onde parei. Contra o brilho esverdeado do lampião a gás, o velho parou e espiou o beco atrás de si, e continuei caminhando, batendo a ponteira de bronze nas pedras. Meu esterno estava começando a vibrar. Ele parecia me impulsionar para a frente, como se fosse atraído por algo imantado — e percebi que Jekyll não estava mais distante, e sim atentamente ao meu redor. O velho cavalheiro ia em direção à Dean Street, que

cruzava nosso beco vazio adiante, e, conforme me aproximava, eu o escutava ofegar e via o vapor de sua respiração. Ele retribuiu o olhar e tentou fugir. Então apertou uma perna, apoiado por uma das mãos na parede. Tossiu e se endireitou quando cruzei seu caminho.

As bordas de seu bigode estremeçeram quando me olhou firme, com ar de superioridade. Boa noite, disse com um ríspido aceno de cabeça. Ergui a bengala e pressionei a ponteira de bronze em sua ombreira. Desculpe-me, disse ele, e o fiz se encostar na parede de tijolos, com pressão suficiente para que ficasse pregado nela. Eu sentia o cheiro de sua carne doce, coberta de pó, o velho impostor. Meus molares trincavam e o sangue pulsava em minhas têmporas, manchando as bordas de minha visão. De onde viera essa fúria? Ela havia dominado meu corpo como uma febre. O velho engoliu em seco e gaguejou. O q-que o senhor quer? É dinheiro? *O que o senhor quer?*, falei, apoiado na bengala. *Chavasca? Uma chavasca jovem? É isso que está procurando, velhaco?* Ele balançou a cabeça, chacoalhando a papada. Balbuciu algo inaudível, em protesto. *Ah, sim, é isso que o senhor quer, um velho como o senhor, quer uma chavasca juvenzinha, fresca como chantili.* Um vulto de cabelos de fogo gargalhando surgiu como um raio em minha mente neste momento, indistinto como um perfume passageiro, e olhei para o fim do beco, como se quisesse captar algo: cachos brilhantes, um pescoço branco desnudo, a cabeça jogada para trás com ar de deleite... Aquele nome de novo, *Georgiana*. O velho estava segurando a ponta de minha bengala, tentando tirá-la de seu ombro quando grunhiu e disse: Não, não, eu só queria um trago, por favor. Voltei a encará-lo, piscando várias vezes. *Então vá beber em outro canto. Aqui, não. Nunca mais volte aqui. Se eu o vir de novo, enfio esta bengala no seu traseiro e arranco suas tripas. Acha que engana alguém? Não apareça por aqui. Entendeu, velhaco moribundo?*

Eu me ouvia proferindo essas palavras ríspidas; era como se alguém estivesse falando através de mim, em uma voz sufocada. O homem balançava a cabeça com veemência. Girei a bengala e a afastei dele libertando-o. Ele apertou o ombro, ofegante. Seus olhos se reviraram, e, por um segundo, vi outro vulto: papai em sua cadeira de rodas, cabelos grisalhos na altura dos ombros, segurando a caneta e nos observando, nos momentos finais. Então minha bengala saltou e acertou a boca do velho. Sua cabeça tombou para trás enquanto algo se projetava do rosto e caía aos meus pés. Dentes. Uma fileira de dentes. O homem fazia um barulho abafado, cobrindo a boca ao se encolher contra a parede. Abaixei e peguei a dentadura, um

conjunto de dentes montados em uma gengiva pálida. Segurei-a, e o velho me encarou com olhos arregalados, a cabeça descoberta, seu chapéu-coco agora jazendo sobre as pedras. Ele olhou para a mão ensanguentada e agitada que levava à boca, agora murcha e escura, seu bigode manchado. Recolhi a dentadura. *Isto é meu agora.* Inclinei a cabeça em direção à Dean Street. *Vá. Vá antes que algo ruim aconteça com você.*

Eu o vi cambaleando, então se virou e foi para o outro lado. Meus joelhos fraquejavam; tive de resistir ao impulso estonteante de me acocorar sobre as pedras. Percebi que ainda segurava a dentadura do homem e a coloquei com nojo no bolso de meu casaco. Por que pegara aquilo? Mas eu não pegara. Não o havia atacado; a bengala — ela saltara por vontade própria. Como se eu fosse um fantoche, com a mão de alguém dentro de mim. Para começar, eu sequer havia decidido seguir o velho, simplesmente fui atrás dele... *Como* fui levado da banquetta do bar até a rua lá fora? Faltava um lapso de tempo. Quando isso havia acontecido antes?

Acontecera na casa de tolerância da titia Gorgon. Agora percebo, é claro. Mas, enquanto vagava pela garoa naquela noite, lembrava-me vagamente do outro episódio — naquela sala com o crucifixo, a rua esburacada lá fora, a casa de tijolos brancos na Bedford Square. Eu não queria lembrar. Não queria começar a juntar as peças, não quando minha nova vida apenas começara. Não queria pensar que algo pudesse estar errado. Talvez Jekyll *tivesse* assumido o controle do corpo, aterrorizando o velho para que fosse embora de nossa área. A noção era perturbadora, que ele pudesse agir através de mim, de dentro de mim...

Porém não era minha função questionar a existência que me havia sido concedida. Parecia que a solução mais fácil seria esquecer o velho impostor e sua dentadura. E foi o que fiz, especialmente depois do encontro de Jekyll com Utterson no Grampian muitos dias depois. Ele atravessava o átrio de granito cavernoso enquanto Utterson descia a escada, guardando um cachecol no casaco. Jekyll não tinha visto o advogado desde sua festa de aniversário, e, mesmo naquele dia, os dois não trocaram mais que algumas palavras. Utterson parou ao pé da escada. *Indo embora?* perguntou Jekyll. *Ora, suba e sente-se comigo.* Mas Utterson balançou a cabeça, ainda manipulando o cachecol. Jantar com um cliente. Olhou Jekyll nos olhos, um olhar triste, contido. Como vai, Harry? *Estou bem, e você, John?* Utterson manteve o olhar por baixo sobranceiras desgrenhadas. E Mr. Hyde? Como está?

A pele sobre as maçãs do rosto de Jekyll ficou tensa. *Mr. Hyde também estava bem na última vez que o vi.* E quando poderei conhecê-lo?, perguntou Utterson. *Gostaria de conhecê-lo?* Claro que gostaria. Devido aos termos de seu testamento, acho necessário conhecê-lo, não concorda? *Talvez,* disse Jekyll lentamente. *Vou propor isso a ele quando o vir da próxima vez. Mas é bom que saiba que duvido que ele consinta. O rapaz fica inseguro na presença de pessoas novas. Pessoas como nós, principalmente. Sente-se intimidado.* Bem, sou só eu. Só uma conversinha rápida, nada mais. Ele pode escolher o lugar. *Sim, como eu disse, vou propor a ideia. Sem promessas, contudo.*

Utterson assentiu com a cabeça, o velho cão astuto. Claro, respondeu. Sem promessas.

Esse encontro estava fora de questão, é claro. Não havia a menor possibilidade de eu mostrar meu rosto a alguém desconfiado como Utterson. Aquele testamento... aquele testamento idiota, insano... Quase havia conseguido esquecer que Jekyll realmente enviara o documento para o advogado, que já deveria estar trancado no cofre de Utterson, apodrecendo no fundo de sua mente. O que Jekyll estava tentando fazer — ele *queria* que Utterson descobrisse nosso segredo?

Ele parecia não ter nenhuma intenção de deixá-lo me conhecer; eu conseguia perceber isso de modo bastante claro, com algum alívio. No entanto, o encontro o deixou refletindo nos dias seguintes. Era em seu amigo Hastie Lanyon que pensava. Eu tinha algumas informações sobre o Dr. Hastie Lanyon agora, absorvidas da atmosfera geral da mente de Jekyll. Algo tinha acontecido nos últimos anos entre os dois; algo havia perturbado o clima entre eles. Lapsos de memória flutuavam: eu podia ver os amigos quando jovens, em uma balsa singrando os mares do norte, soltando a voz gloriosamente na amurada, contra o vento cortante, enquanto os cabelos pálidos de Lanyon chicoteavam seu rosto alegre e bonito. Mas também o vi de relance anos mais tarde, o rosto vermelho como o de um déspota impotente, de pé em alguma sala de estar, gritando: Não aceito isso, Harry, não aceito que jogue seu feitiço nela!

Não me surpreendi quando, cerca de uma semana depois de seu encontro com Utterson, Jekyll escreveu uma carta a Lanyon, convidando o amigo para jantar. Parecia uma estratégia enviesada, mas inteligente. Utterson não teria permissão de me conhecer, mas ao menos Jekyll poderia encontrar Hastie, como Utterson queria havia muito que ele fizesse. Talvez isso tranquilizasse o homem.

Eles se encontraram em um restaurante, um local mal-iluminado, como uma

adega de vinhos, garrafas deitadas em nichos nas paredes. Lanyon já estava sentado em uma sala lateral, próxima à lareira, um homem pequeno em um colete amarelo-canário, olhando vagamente para o vazio. Ele se sobressaltou quando Jekyll se aproximou, depois se levantou e ofereceu um sorriso tímido e uma mão vigorosa. Tinha um rosto vermelho-tijolo, delicado, cabelos ruivos encaracolados. Hesitantes, seus olhos azuis desbotados encontraram os de Jekyll. Olá, Harry, disse ele. Um silêncio constrangedor após se sentarem. Lanyon tinha bebido. Uma veia delicada, bifurcada, revelava-se sob um olho. Ele observou por alguns instantes irrefletidos a borda da taça de cristal, então olhou para cima e acenou com o dedo para o garçom. Um pouco de vinho? Toma uma taça comigo, Harry?

O garçom serviu a Lanyon um pouco da bebida, que ele fez girar em um movimento suave, aspirando o aroma que exalava da borda da taça, antes de observá-la contra a luz do fogo. Bebeu o vinho em um gole, fechando os olhos brevemente. Jekyll assistiu à cena com um aperto na garganta. Quando ambas as taças estavam cheias, Lanyon ergueu a sua e disse: Bem, Harry, a que brindamos? Jekyll ainda não havia pegado sua taça. *Hastie. Desculpe. Sinto muito, mesmo.*

Lanyon tentou sorrir, mas ficou impassível, e seus olhos estavam vítreos — e de súbito entendi, com um tipo de revelação. Lanyon tinha perdido a esposa. Utterson escrevera para Jekyll em Paris. De repente, eu conseguia vê-la, uma mulher corpulenta, com cabelos alaranjados, presos por uma presilha em um coque, sentada no escritório de Jekyll, diante da lareira, nariz vermelho, chorosa, retorcendo um lenço. Então Jekyll piscou, e vi Lanyon do outro lado da mesa, ainda segurando sua taça com um sorriso hesitante. Sim, disse Lanyon, também sinto muito. Seu olhar se voltou para a bebida do amigo. Ele movimentava o líquido com o dedo. Então vamos lá, diga-me, não me deixe esperando. A que brindamos, Harry? Jekyll olhou para a taça, ergueu-a. *A nós, suponho.*

Levou a bebida aos lábios, mas não sorveu nenhum gole do vinho doce e morno. Ele nunca bebia. Apenas tomava esses pequenos tragos cautelosos, dissimulados, com os amigos, quando necessário.

Depois de fazerem os pedidos, o silêncio dominou o ambiente de novo. Pareciam estar pisando em ovos. *E o trabalho, como vai?*, perguntou Jekyll, por fim, e Lanyon deu de ombros. Já foi melhor. Foi um ano difícil, é claro. Mas tenho feito alguns atendimentos domiciliares. Eles me mantêm na ativa. *Isso é bom. Que doenças as pessoas têm hoje em dia?* Ah, as de sempre. Reumatismo, gota, tuberculose. Câncer de

mama, alguns casos de câncer de mama, na verdade. Nada que eu possa fazer por elas, é claro, exceto prescrever láudano e um bom cirurgião. Lanyon franziu a testa, deu de ombros novamente. *Mamãe*, disse Jekyll após uma longa pausa, *também teve câncer de mama*.

Meu Deus! Não sabia disso, Harry.

Eu era muito pequeno. Tinha 5 ou 6 anos. Os cirurgiões também não tinham o que fazer. Papai me fez beber um grande copo de uísque, e, quando acordei, os carneiros já haviam partido. Puseram um lençol sobre ela, no andar de cima, mas papai puxou o pano e me mostrou. Ele me segurou pela nuca, para que eu visse. Foram os dois seios.

Meu Deus!, exclamou Lanyon outra vez. Harry! Ele baixou o olhar para sua bebida, translúcida à luz do fogo. John me contou, falou timidamente. John me contou sobre seu pai. Sobre a morte dele. Jekyll assentiu com a cabeça. Lanyon pigarreou. John me disse que você estava lá, no quarto do hospital, quando aconteceu.

Estava. Só que a morte não aconteceu simplesmente. John contou isso também? Lanyon ficou em silêncio. *A caneta-tinteiro dele repousava em cima da mesa perto das janelas. Papai me pediu para levá-la para ele. Disse que tinha algo para mim, algo para assinar para mim.*

Eu conseguia rever a cena: a caneta de madeira reluzente sobre a mesa. Eu via a mão de papai, paralisada e com as unhas amareladas, quando a pegou de nós. Ele desenroscou a tampa, contemplou a ponta de aço. Então olhou para nós, da cadeira de rodas, com os cabelos grandes e a boca com o bigode raspado, um estranho, exceto pelo olhar. *Henry*, balbuciu.

Ele pegou a caneta de minha mão, continuou Jekyll. *E...* Jekyll ergueu o queixo e golpeou a garganta com seu próprio punho. Encarou o olhar horrorizado de Lanyon, a cabeça inclinada para trás, como se um gêiser lançasse jatos de sangue através de nossa mente, papai piscando, espumando. Meu Deus!, disse Lanyon, os olhos arregalados, como se também presenciasse a cena. Meu Deus, Harry, ele... ele devia estar completamente senil. Jekyll balançou a cabeça. *Acho que não. O médico dele havia escrito para mim, ele disse que papai tinha pedido várias vezes para me ver. Havia planejado tudo. Tinha colocado a caneta na mesa, para que eu tivesse de levá-la para ele.*

Mas, disse Lanyon, mas por quê?

Jekyll o encarou. *Expição*.

Naquele momento, o garçom chegou com o primeiro prato, *aspic* de camarão. Ambos observavam os montículos ainda trêmulos. *Bem, estou faminto*, anunciou Jekyll, e Lanyon soltou uma risada sonora. *Olhe*, disse o primeiro, inclinando-se para a frente, *por que não deixamos a conversa mórbida de lado. O que acha, Segura-Vela?* Lanyon olhou intrigado por um momento e, em seguida, seu rosto se iluminou, e ele deu uma gargalhada. *Segura-Vela! Tinha esquecido essa conversa de Segura-Vela!* E quem era a esposa, Segura-Vela e... ah, não me diga... quem era? *Lady Chatonilda*, disse Jekyll, e Lanyon jogou a cabeça para trás, rindo, e bateu com a mão na mesa. Segurando o garfo minúsculo, Jekyll o observou, aquele inchaço dolorido outra vez pulsando em sua garganta. Pobre velho Lanyon. Ele fungou e limpou os olhos cintilantes com um lenço. Somos capazes de lidar com esse sujeito, lembro-me de ter pensado. Ele não chega nem aos pés de Utterson.

Lanyon preferiu vinho do Porto em vez de café. A conversa se voltou para os tempos de escola, mais apelidos bobos, uma história sobre o professor de anatomia, Utterson de pijama e chinelo, exigindo silêncio. Em determinado ponto, Lanyon estava ofegante de tanto rir e balançava as mãos. Chega, implorou, ah, chega! De algum modo, a toalha de mesa havia ficado presa em seu colete, e, quando se levantaram, ele quase arrastou todos os pratos e taças. Jekyll o conduziu pelo restaurante e o ajudou a vestir o casaco ao saírem. O *maitre* lhes deu boa-noite, e Lanyon deu um aperto de mão vigoroso no homem; foi quando a voz surgiu por trás deles — Henry.

Reconhecimento imediato. Jekyll se virou e lá estava ela, finalmente, ao lado do arco que dava para o salão de jantar principal. Georgiana. Uma jovem delicada, vestindo seda rosa, com um coque loiro platinado e olhos azuis; seu rosto exuberante e vibrante se inclinou para cima com um sorriso divertido. Henry, disse ela, eu sabia que era você. Jekyll ficou parado, o sobretudo sobre o braço, o pulso acelerado contra a camada externa impassível. Ele atravessou o vestíbulo e segurou a mão que ela oferecia, fria e de ossos frágeis. *Georgiana*. Ela olhou para Jekyll com aquele sorriso contido, meio triste. Aproximando-se dela, era possível ver que pequenas rugas de idade tocavam o canto dos olhos, as extremidades da boca. Ouça, disse ela, afagando a mão de Jekyll, estou acompanhada lá dentro, mas vi você... e este é Hastie Lanyon, não? Ela se inclinou para olhar para trás de Jekyll, e então se endireitou, e disse baixinho: Henry, estive pensando, bem, estive pensando... acha

que posso ir visitá-lo?

Ela falou muito rápido e fez uma careta hesitante, estremeecendo. *Visitar-me? É claro. Quando?* Quando conseguir dar uma escapada, na próxima semana, talvez. Mandarei um bilhete para avisá-lo. Seria... seria terrivelmente inadequado? *Não, de jeito algum. Eu ficaria encantado.* Georgiana ergueu a mão, como se fosse pressioná-la sobre o peito de Jekyll. Obrigada. Sua testa ficou tensa, com uma leve preocupação, e ela disse suavemente: Henry. Então se virou e caminhou lentamente de volta para o salão de jantar.

Essa não era Miss Floris?, perguntou Lanyon, maliciosamente, quando já estavam do lado de fora. Jekyll ficou tenso, o olhar perdido do outro lado da rua. *O sobrenome agora é Waller.* Lanyon disse: Entendo, entendo. Ficaram em silêncio. Bem, recomeçou ele, animado, o que a noite reserva para dois velhos solteirões? Jekyll olhou para Lanyon. *Hastie, perdoe-me, mas vou para casa.*

De volta ao Casarão, Jekyll entrou no salão e fingiu que folheava um livro que pegou na prateleira. Tentava ouvir a presença de Poole, então fechou o livro e atravessou a sala até a porta dos fundos, que levava ao salão do lado azul pálido, que parecia nunca ter sido usado. Aproximou-se da parede e tocou a discreta linha vertical, que corria do teto ao piso, onde ficava o painel secreto, e empurrou a parede levemente. Ouviu-se um clique e o painel abriu, e Jekyll atravessou a abertura, chegando à área dos empregados. Estantes lúgubres, cheiro de lustrador de prata e serragem. Eu conhecia esse cheiro. Já estivera ali antes, na primeira noite. Havia me arrastado pelo pátio e entrado no Casarão pela porta dos criados, a porta preta e alta no corredor à nossa esquerda. Agora, eu a via através do batente estreito, enquanto Jekyll se postava na área. Ele caminhou pelo corredor de serviço, com suas muitas portas em ambos os lados, até a porta preta no fim e o pátio enevoado mais adiante.

Por que não saí pelo jardim de inverno, como sempre? Parece significativo para mim agora, que tenha seguido por lá, pelo corredor de serviço, nesta noite em particular, a noite em que me enviou para encontrar Jeannie.

Foi o estímulo mais claro que eu já havia recebido. No momento em que assumi o controle do corpo, sabia o que ele queria que eu fizesse. Aquela garota que vimos no Brejo, há várias semanas, a garota que havia passado por meus pensamentos na noite anterior — rindo, balançando a cabeça cheia de cachos brilhantes. Eu queria

encontrá-la, vê-la novamente. Era como se tivesse passado por uma minúscula chave de prata na estrada, quilômetros atrás, e de repente percebesse em que fechadura ela se encaixava.

No Brejo, fiquei espremido contra o balcão movimentado e grudento, espiando o movimento. Quando o taberneiro passou, agarrei sua manga e falei de modo incisivo: *Tem uma garota, ruivinha, sorridente. Sabe quem é?* O taberneiro tinha olhos de porco apensos a um rosto infantil. Qual, disse ele, Jeannie? *Não sei*, gritei, *ruivinha, sorridente?* O taberneiro me lançou um olhar sórdido, com as sobrancelhas erguidas. Coloquei uma libra sobre o balcão. Ele me disse para tentar o Garganta Profunda. E lá estava ela.

Garganta é um nome perfeito para o local. Era escuro e estreito, e, na parte dos fundos, havia uma escada íngreme que descia até um quarto no porão. Ela estava lá embaixo, na gruta à luz de velas, apoiando-se no balcão, conversando com o taberneiro, gesticulando energicamente. Um dos pés contornava o tornozelo de sua outra perna. O taberneiro estava limpando um copo com um trapo imundo enquanto ouvia parte do que a garota dizia. Ele olhou para mim quando me aproximei. *Gim*, pedi. *E mais um para a senhorita*. Ele deu um sorriso irônico, serviu-me de uma dose de gim no copo que acabara de limpar. A garota estendeu seu copo e ele colocou um pouco de bebida. Mais um para a senhorita — de onde tinha vindo isso? A garota olhou para mim e estreitou os olhos, e notei a semelhança de imediato: a face vivaz e incisiva de Georgiana, os olhos azuis de uma franqueza desconcertante. Os cabelos dela eram tingidos de um vermelho-alaranjado profundo, e os dentes da frente eram separados, mas a forma como me olhava era surpreendentemente familiar, um tipo de abordagem cética simulada. Quem disse que sou uma senhorita?, disse com um sotaque exagerado. Ela estava gracejando. Não consegui pensar no que dizer. Traguei meu gim de uma só vez. A garota tomou um gole do dela, então fez uma careta e engoliu, quase cuspidando de volta, cobriu a boca com a mão e tossiu. *A senhorita é uma garota engraçada*. Não, não sou, disse ela, sou muito, muito triste, se quer saber. Minha vida é uma história trágica. Sua voz hesitava, como se embriagada, em tons irregulares que ela tentava controlar. Debruçou-se sobre o balcão, a cabeça apoiada nas mãos. Ao olhar para mim, estreitou os olhos de novo. O senhor não fala muito, não é? Eu sorri, olhando para o chão. *Falta-me prática*. Ah, querido, disse ela. Bocejou com a boca bem aberta e suspirou. Também tem uma história trágica?

Levei-a para Ghyll. Nunca havia levado ninguém para lá. Não conversamos enquanto caminhávamos. Ela me seguia com as mãos nos bolsos, cantarolando para si mesma. Usava um casaco puído e sapatos que mais pareciam sandálias, apesar do gelo sobre a calçada. Quando chegamos ao portão do casarão, ela parou na rua atrás de mim, olhando desconfiada para a casa sem luzes, que se erguia em seu recesso sombrio. Eu estava procurando o molho de chaves em meu sobretudo. *Está tudo bem. Moro aqui.*

O vestibulo estava frio e envolto pelo odor característico que me assaltava toda vez que voltava após alguns dias distante. Como amônia, ou o que quer que Mrs. Deaker usava para limpar, se é que ela limpava. Conduzia a garota em direção à escada quando a voz da velha senhora ressoou: O patrão voltou. E congelamos. Mrs. Deaker me cumprimentou da soleira da porta da escura sala de estar. Boa noite, patrão. Bem-vindo de volta. Ela riu, um som sentimental e tolo. Estava bêbada. *Boa noite, Mrs. Deaker.* A velha deu um passo à frente. Vi um brilho refletir em seus olhos, como um gato. E, mocinha, a senhorita é bem-vinda também. Que alegria. Não recebemos muitas visitas, não é, patrão? *Obrigado, Mrs. Deaker, isso é tudo.* Sim, hora de ir para a cama, não? Bem, boa noite para os senhores, patrão, mocinha. Mrs. Deaker saiu lentamente do fim do vestibulo, os olhos brilhando e então piscando. Aproximei-me da garota e a guiei escada acima, até meu quarto.

Um facho de luz azul entrou pela porta da varanda, iluminando toda a minha cama com dossel. Deixei meu sobretudo cair no chão quando fui em direção ao aparador. Peguei a garrafa para ver quanto Mrs. Deaker bebera em minha ausência, então despejei gim em dois copos. Minha mão estava hesitante. Eu ouvia a garota atrás de mim, dando passos tímidos sobre o assoalho que rangia. Era uma sensação nova. Trazê-la para cá, para meu quarto, meu santuário. Aquela garota, que parecia tão familiar, como se a conhecesse de um sonho. Quase tive medo, um medo voluptuoso que se acumulava em minha garganta, enquanto a urgência de Jekyll martelava. Virei-me.

Ela estava com as mãos nos bolsos do casaco, observando-me, seu rosto muito branco e imóvel. Ofereci-lhe o copo com gim. *Para fechar a noite.* Ela se aproximou lentamente, pegou o copo com ambas as mãos. O topo de sua cabeça mal atingia meu peito quando ficava de pé diante de mim. Observei minha mão se erguer como se puxada por um fio; a dobra de meu dedo encostou em seu queixo e levantou seu rosto pálido e tenso. Ela respirava pelo nariz, os olhos fixos em mim, tentando

parecer fria e distante. Mas eu a via por trás disso, cheia de um medo cauteloso, de uma excitação afoita. Eu tinha vontade de me inclinar e lhe dar um beijo na boca. O impulso me preenchia como música; baixei a cabeça e ela deu um passo para trás, afastando seu queixo de meu dedo. Olhou-me sobre a borda do copo quando o levou aos lábios. Passei ao seu lado, indo para a cama, afrouxando a gravata.

Nu sob os lençóis de cetim, esperei, tremendo, enquanto ela se despia. Quando suas peças íntimas tocaram o chão, ela ficou imóvel, de costas, fria como mármore. Segui com o olhar o relevo de suas vértebras e seu cóccix com covinhas, até o hematoma cor de lavanda na parte de trás da coxa. Sentou-se na borda da cama e deitou quando a cobri com o lençol. Ele se adaptou ao corpo dela como um óleo sedoso sobre seus contornos. A garota também tremia. Fiquei apoiado em um dos braços, olhando para baixo, para vê-la. Senti-me como se estivesse à beira de um abismo, uma queda excitante. *Jeannie. Jeannie, não?* Ela assentiu com a cabeça, os olhos bem abertos, observando-me. *Quantos anos você tem?* Ela engoliu em seco. *Dezesseis*, murmurou. *Dezesseis*, repeti. Então fui em frente.

Fui até o fim. No meio de tudo, inclinei meu corpo esguio e afastei minhas pernas, ajoelhando-me no meio delas como se oferecesse um sacrifício diante de um altar. Ah, eu consegui, a coisa que papai nos ensinou, forçando nossa cabeça no colo de Alice. Como se a mão dele estivesse segurando minha cabeça agora, ajoelhei-me diante dela, provei e me lambuzei em suas partes ingênuas, almiscaradas. Ela se contorceu e tentou fugir, então gritou e roçou sua carne escorregadia em meus dentes enquanto algo tremia dentro dela, e papai sussurrava: Muito bem, bom garoto. Por trás, enterrei meu rosto em seus cabelos e apertei o lençol de cetim, e, quando cheguei ao clímax, fechei os olhos com força na escuridão reluzente.

Acordei antes do amanhecer. Jeannie estava dormindo com o rosto pressionado no travesseiro, a boca aberta, ressonando bem baixo a cada respiração. Sentei-me e fiquei olhando para ela. Encontrara aquela garota por algum motivo, como se ela fosse de fato uma chave para abrir uma fechadura que leva ao desconhecido, ao passado de Jekyll. Não havia nenhuma mulher naquele passado, sei disso. Não podia haver mulheres nem amantes. Para Jekyll, não podia haver nudez, nenhuma alma vulnerável. Sua fantasia tinha de ser impenetrável, o manto de um monge. Aquela Georgiana, aquele flerte, aquela amizade, fosse o que fosse, acabara por ser, no fim, outro experimento fracassado. Um fracasso, ao que parecia, que agora eu tinha a

oportunidade de corrigir. Jeannie abriu os olhos e me olhou fixamente. Levantou-se sobre o cotovelo. A lateral de seu rosto estava marcada pelo travesseiro, como se fosse uma cicatriz. Tenho de ir para casa, disse. Deslizou para fora da cama e, cobrindo os seios, começou a pegar suas roupas do chão. Fiquei observando, sem conseguir falar nada. Por fim, ela pegou de volta seu casaco puído, postou-se na beira da cama, mexendo na renda da bainha da manga. Você falou que também daria cinco libras depois.

Preciso ver você de novo, sussurrei.

SEGUNDO DIA

Antes de amanhecer

Preciso ver você de novo. Falei como se tivesse opção. É isso que me surpreende, cada vez mais, conforme desenterro esses detalhes e remonto tudo na ordem certa, mortal: nada poderia ter sido diferente. Não foi apenas uma coincidência que Georgiana estivesse jantando naquele restaurante específico, naquela noite, que Jeannie estivesse bebendo exatamente onde me recomendaram procurar. Direi mais uma vez: coincidências não existem.

Por que então isso me deixa tão obcecado, essa ideia de que tudo aconteceu exatamente como iria acontecer? Porque isso significa que não há escapatória? De fato, já sei que não há escapatória deste gabinete, deste desfecho que me aguarda. Utterson batendo à porta, então o machado, a porta abaixo, eu me encolhendo próximo às janelas, segurando o frasco de cianeto. É assim que farei. Com cianeto. Há um mês, Jekyll preparou uma poção do extrato transparente, incolor. Como se fosse capaz de antever o desfecho também. Como se o cianeto fosse seu presente de despedida para mim. É o que estou dizendo. Inevitabilidade. Não se pode evitar os acontecimentos porque, de certa forma, eles *já* ocorreram. É só uma questão de perspectiva. Mesmo aqui, deitado em minha cama de estrado duro, atrofiado, exausto, mas perfeitamente vivo — mesmo agora, já estou morto.

Encontrei Jeannie no Brejo na noite seguinte e a levei novamente para Ghyll. Depois do clímax, Jekyll recuou, afundando-se como um cadáver nas profundezas inundadas, após lutar para tomar fôlego na superfície. Contudo, sua mente ainda dava sinais de vida como ondulações no ar. Apoiados na cabeceira da cama, Jeannie e eu devoramos os restos de um pernil de cordeiro e um naco de pão duro que eu pegara na cozinha, e, enquanto discretamente a observava mastigar, veio-me à

mente uma recordação. Um salão, uma xícara de chá sobre o colo de Jekyll. A jovem Georgiana tocava piano, e sua mãe, ao lado da banquetta, cantava óperas italianas em um soprano terrível. Os sons foram silenciados quando ele se concentrou na garota, apenas alguns anos mais velha que Jeannie, extremamente bonita com cabelos claros em tons de mel, presos em um coque. Sua clavícula saltava enquanto tocava. Seus olhos, de soslaio, encontraram Jekyll com um olhar enigmático, intrincado, as sobrancelhas erguidas como se questionasse algo.

A cena se dissolveu. Com um pedaço de carne na bochecha, Jeannie me fitou ao mesmo tempo que olhei para ela, uma pontada de ternura em minha garganta. O quarto estava em silêncio. O fogo baixo causava grandes sombras, que tremulavam suavemente. *A verdade, ouvi-me dizer, é que você me lembra alguém.* Sua filha?, perguntou Jeannie, limpando as migalhas da barriga. Ela olhou rapidamente para mim, como se o gracejo tivesse escapado. *Não tenho filhas.* Olhei para o prato sujo de sangue entre nós. Então com quem pareço?, perguntou calmamente. *Alguém de outra vida.* Jeannie balançou a cabeça. Isso acontece comigo o tempo todo. *É verdade? Quantas vidas você viveu?* Ela refletiu por um momento, fechando os olhos. Quatro, respondeu. De alguma forma eu sabia que ia dizer isso: quatro. Jeannie deu uma risadinha, achando graça de si mesma, e toquei seus cabelos. Eu já estava louco pelos seus cabelos, tingidos de magenta, como um disfarce, e abundantes, com odor de não lavados. Puxei uma mecha, e ela deixou, observando meus dedos enquanto os fios escorriam entre eles. Então toquei a parte de trás de seu pescoço, e ela se afastou. Não, senhor, agora chega, tenho de ir para casa. Jeannie empurrou o lençol e eu segurei seu punho. *Fique.* Não posso, disse. Seus olhos cintilando sobre mim, foscas e duros, cautelosos novamente. Não posso. Meu pai. Segurei-a por mais um tempo, e então a deixei ir embora.

Fique? Nunca me senti assim por uma cocote, nunca quis nada com nenhuma delas depois. Contudo, quando fechei a porta da frente para a garota, no vestibulo, uma dor percorreu meu corpo, como o ar inspirado passando por um dente cariado. Permaneci na escuridão, saboreando-a, a dor aguda, doce.

Também estive com Jeannie na noite seguinte, e, quando ela se foi, nas primeiras horas da madrugada, quase a segui para ver se realmente tinha uma casa — e um pai. Fui até o portão do casarão da Ghyll Road e parei, segurando as barras de ferro da grade, ouvindo seu cantarolar alto, descuidado, descendo a rua. De volta ao meu quarto, tentei dormir, mas não consegui. Por fim, joguei os lençóis no chão e me

vesti, peguei a bengala e voltei para a Castle Street.

Jekyll estava ansioso para saber se Georgiana havia mandado notícias. Um ou dois dias depois, ela escreveu. Poole trouxe a carta para Jekyll, em seu escritório. Fora entregue, disse Poole, pelo garoto da adega de vinhos. Na verdade, o envelope tinha sido endereçado à Sociedade Ornitológica de Londres, e a carta em seu interior estava codificada, confirmando que dali a dois dias seria a data aceitável para um passeio, desde que o clima permitisse. Jekyll dobrou a carta e a recolocou no envelope, e se postou em frente à janela do escritório, as mãos às costas, e, por um segundo, vislumbrei uma sala de estar amarela, com duas poltronas sem graça, e Georgiana de pé, muito próxima, com um sorriso triste de piedade. Henry, dizia ela suavemente, está tudo bem.

Jekyll vacilou, virou de costas para a janela e olhou para a carta sobre a escrivaninha. A letra conhecida, rebuscada, na frente do envelope. Ele hesitou, então estendeu a mão e o pegou pelo canto. Abriu a gaveta da escrivaninha e deixou a carta cair lá dentro. E não fez nada. E estava diante das janelas do escritório outra vez quando ela veio, dois dias mais tarde, como prometido.

Era dia primeiro ou dois de fevereiro, uma manhã escura, prestes a chover e nevar. Jekyll havia levado uma hora para se decidir por um terno de sarja bege com um colete de malha vinho. Ele se afastou das janelas quando Poole entrou no escritório para anunciar que Miss Georgiana havia chegado. *Muito bom, Poole. Descerei com você.* Poole o seguiu pelo corredor. *Mr. Hyde me disse que foi muito bem recebido aqui,* comentou. *Uma pena que eu não estivesse em casa para recebê-lo, mas o encontrei na noite passada e pensei que você gostaria de saber dos elogios. Obrigado, Poole, é muito importante para mim que ele se sinta em casa aqui.* Atrás de Jekyll, Poole murmurou: *Senhor. Você não gosta dele, percebo. Não tenho opinião formada, senhor. Bem, você não está sozinho. Imagino que poucos se importem com o jovem. Ele tem muito a aprender em termos de boas maneiras. Mas o rapaz é um tipo talentoso. E o talento deve ser estimulado, deve ser protegido.* Jekyll se virou e fitou os olhos lânguidos de Poole. *Entende o que quero dizer?* Poole devolveu o olhar. Perfeitamente, senhor. Jekyll olhou para ele por mais um tempo, então assentiu com a cabeça. *Bom homem.*

Lá embaixo, encontrou Georgiana na sala de estar, lendo a lombada dos livros na estante. Ela estendeu a mão. Parecia mais velha do que no restaurante; as linhas nos cantos dos olhos e da boca se tornaram mais profundas, e, por um momento,

quase não reconheci a mulher de cabelos brilhantes com o rosto inclinado e sorriso arguto. Henry, disse ela. Jekyll se curvou sobre a mão da moça, e ela pressionou o polegar de Jekyll com o dela. Ele soltou sua mão e pigarreou. *Talvez...* Georgiana assentiu com a cabeça. Sim, era isso que eu estava pensando.

Eu sabia que ele ia levá-la ao gabinete. Jekyll estivera lá em cima uma hora antes, aquecendo o braseiro, escondendo qualquer objeto que pudesse parecer suspeito. Parecia-me insano levá-la lá em cima. Aquele era *nosso* espaço. O gabinete era o centro de nossas vidas. Mas eu também sabia que ele não fora sempre nosso. Ali fora o consultório particular de Jekyll, muitos anos atrás. Ele recebia pacientes lá em cima. Tinha recebido Georgiana várias vezes quando era jovem, recém-chegado de seu treinamento e do sucesso na Europa continental, com um futuro bastante promissor. Agora conduzia a mulher pelo pátio, coberto pela umidade matinal, até o laboratório. A porta de aço fez um ruído como se estivesse enferrujada, e algo bateu as asas perto da cúpula de vidro, preso. Jekyll acendeu o lampião e ofereceu-lhe a mão.

Destrancou a porta do gabinete, forrada por fora com uma espessa camada de baeta vermelha, e Georgiana entrou atrás dele. Com uma echarpe e um vestido azul-marinho, bochechas rosadas, ela observou o cômodo, correndo os olhos pelas janelas e pela mobília, até que chegou ao espaço vazio na parede, perto do canto, onde estava pendurado o retrato de papai. Ela se aproximou, parou a alguns passos do quadro. Eternamente jovem, com seus cabelos castanhos fartos, seu bigode cheio, cobrindo os dentes, e um cavanhaque estrito, colarinho bem aberto sob o casaco de veludo preto, sentado em uma banqueta com seu precioso violino apoiado no joelho. A expressão distante, mas, ao mesmo tempo, débil e perspicaz nos olhos. Esse é seu pai, disse Georgiana.

Sim. Jekyll estava de pé perto da mesa. É notável, disse ela. Como chegou a suas mãos? Ele deixou para mim. Já faleceu.

Ah, Henry, sinto muito. Quando? *Em agosto. No último mês de agosto? No verão passado, sim. Ele deixou para mim este quadro e o violino que está segurando na tela. Jekyll fez um gesto em direção ao espelho — o estojo preto do violino estava encostado na parede atrás dele. É um Stradivarius. Muito valioso. Ele tem um nome, algum nome italiano. Você tinha me contado que ele era maestro, não tinha?, disse Georgiana. Sim. Da orquestra de Edimburgo. O maestro mais jovem que eles já tiveram. E também o menos convencional; ele às vezes era o spalla, é o que comentam.*

Fama, viagens. Então minha mãe morreu.

Sinto muito, disse Georgiana.

Eu, não. Não sinto nem um pouco. Morei longe deles tempo demais. Cheguei a pensar que ele realmente fosse durar mais que eu, como uma piada perversa.

Georgiana se virou para o retrato de papai novamente, seu olhar calmo e imutável. Minha mãe me fez posar para um retrato, disse ela. Tocando piano. Tive de ficar parada por horas a fio. Agora, está pendurado no salão. Em frente ao quadro dela. Então ficam se entreolhando, em lados opostos da sala. Minha mãe adora ressaltar a semelhança. Ela adora essa palavra, *semelhança*. Não acho que se pareça em nada comigo. Algo no rosto está errado. Georgiana deu um sorriso nervoso. Agora, ambas vamos durar mais que nós mesmas, minha mãe e eu. Não é por isso que as pessoas mandam fazer esses retratos? Assim, podem pendurá-los nas paredes, encarando quem tiver sobrado? Às vezes, penso em retirar o quadro de lá no meio da noite e cortar o rosto da tela. Meu rosto. Depois, eu o penduraria de volta e fingiria estar horrorizada pela manhã. Ela provavelmente pensaria que havia sido obra de um de seus fantasmas. Alguns fantasmas vivem lá em casa, de acordo com minha mãe. Três. *De alguma forma, isso não me surpreende. Ela mora com você também, então.* Ah, sim, disse Georgiana. A casa é muito grande, muito grande para nós três. Houve uma pausa delicada. *Então você não tem filhos?* Georgiana o fitou por um momento e, em seguida, desviou o olhar para as mãos. *Georgiana, você quer se sentar?*

Sentaram-se nas poltronas junto à janela. Jekyll cruzou as pernas e apoiou dois dedos sobre a têmpera. Ela pôs as mãos no colo e franziu a testa, girando e girando o anel no dedo. Sei que o que estou fazendo não é certo. Vir aqui de novo. Pedir que me escute, envolver você nesta falsidade. Eu nunca teria lhe procurado... quero dizer, pensei em procurar, mas não faria isso. Até conversei com outra pessoa, para não envolver você nisso. Mas então o vi naquele restaurante, e pensei: é o destino. E aqui estou. E não é apenas por mim. Você perguntou se eu tinha filhos. Não tenho. Georgiana olhou de relance pela janela, ainda girando o anel. Mas estou grávida.

Os olhos de Jekyll, em um gesto involuntário, voltaram-se para seu ventre. Não havia protuberância por trás do corpete minúsculo do vestido. *De quanto tempo?* Seis semanas, mais ou menos, acho. *Você já foi examinada por um médico?* Ela negou com a cabeça. Ainda não. Mas eu simplesmente sei. Posso dizer com certeza. Jekyll observou o perfil da moça, uma leve contração no canto da boca. *Teve algum aborto*

antes? Ela assentiu com a cabeça, os olhos vidrados. *Quantas vezes?* Oito, respondeu.

Jekyll a encarou. *Você já abortou oito vezes?* Georgiana confirmou. *Em que fase?*, perguntou ele, contendo a voz. Em fases diferentes, foi a resposta. No segundo ou terceiro mês, geralmente. Um deles... Um deles quase foi até o fim. Jekyll olhou pela janela, para o pátio sombrio, que ficava ainda mais escuro. Georgiana suspirou. Só de poder falar sobre isso já me sinto melhor, sabe? Nunca contei a ninguém. Aquele... Eles levaram embora; nem cheguei a ver. Nem queria me dizer que era um menino. Georgiana secou os olhos, deu um sorriso soluçando. Ah, pobre Henry. Uma mulher histérica e digna de pena para começar o dia.

Do outro lado da janela, flocos de neve começavam a cair lentamente, como cinzas. Georgiana respirou fundo. Há uma coisa que eu gostaria de lhe perguntar. É algo em que tenho pensado, e gostaria de saber se acha que tem fundamento. Ela esperou, como se aguardasse a permissão de Jekyll. Ele acenou com a mão: *prossiga*.

Tenho tentado seguir os princípios da ciência. Para analisar a minha... minha condição. Uma conclusão é que o problema é físico. Que algo está errado, deformado, dentro de mim. Às vezes, penso que esta é a resposta, que sou deformada por dentro, e, neste caso, não há nada que eu possa fazer de diferente. Mas então há uma segunda conclusão possível. E se o problema não for físico, mas mental? Psicológico, quero dizer. E se houver algo em minha mente que esteja causando os... os abortos? Como uma substância tóxica. Não parece muito científico quando digo dessa forma. Mas você me disse, muito tempo atrás, que as emoções e os pensamentos não são meramente mentais, que há um aspecto químico também. Falou sobre o corpo ter sua própria química. É por isso que pensei que você, de todas as pessoas do mundo, poderia entender o que estou dizendo.

Está me perguntando se é possível que uma mulher sabote psicologicamente a própria gravidez? Bem, *sabotagem* faz parecer algo deliberado, respondeu Georgiana. Estou perguntando se uma mulher pode fazer isso de forma involuntária? *Por que seria involuntário?* Não sei, disse ela. Os poetas dão a entender que os sentimentos são forças insuperáveis que dominam o corpo. É como me sinto às vezes. E muitos de meus sentimentos atuais parecem tão... tóxicos. Dá para sentir o gosto, um amargor. Georgiana baixou o olhar. Isso não pode fazer bem ao bebê, não acha? Conviver com esse tipo de coisa? Talvez esse tenha sido o problema desde o começo.

Esses pensamentos tóxicos eram relacionados a Mr. Waller?

Horace é um bom homem, disse ela. Um bom marido. Só que ele...

Ela balançou a cabeça.

Só que ele não entende.

Georgiana olhou para cima, com cautela, para ver se Jekyll estava zombando dela. Não, acho que não.

Você contou para ele que está grávida?

Contei. Ela deu uma risadinha estranha. Foi quase um desastre. *Pode me contar mais sobre isso?* Se quiser ouvir. Foi há cerca de uma semana, um pouco antes de lhe encontrar. Minha mãe ia fazer um evento beneficente para alguma sociedade ligada ao espiritismo. Ela andava muito atribulada. Horace havia passado quase duas semanas na Bélgica e tinha acabado de regressar naquela manhã, então todos aqueles convidados estavam chegando e ele precisava se arrumar e ser o anfitrião. Eu tinha planejado esperar para contar. Mas lá estava ele, abotoando o colete diante do espelho. E acabei falando tudo sem pensar. Arrependi-me de imediato. Ele parecia tão esperançoso, tão feliz e inocente. Essa é exatamente a reação que uma mulher gostaria que o marido tivesse, não? Mas me pareceu tão tola, tão ingênua. Ele sempre me olha como se fosse pela primeira vez, como se tudo o que aconteceu no passado nunca tivesse acontecido. Às vezes, acho que consegui esquecer, de certa forma, todas as decepções. Eu não posso falar sobre o assunto. Ele nem gosta que eu pense nisso. Como se, ao fingirmos juntos, tudo fosse desaparecer.

De qualquer forma, depois do jantar, minha mãe vem me procurar e me pega pelo braço e me leva com ela. E percebo imediatamente que Horace contou a ela. Ela segura meu braço. Por que não lhe contei antes? Por que tinha de saber as novidades através de meu marido? Com aquele sorriso irrequieto no rosto, segurando meu braço com força. Ela me leva para a sala de estar, onde um homem está esperando. Eu já o conhecia, um dos médiuns de minha mãe. Ela me diz que pediu ao homem para examinar minha aura, para se certificar de que é saudável. Ele diz: Por favor; mostrando-me onde quer que eu fique. Sai da sala. Eu estava tremendo, estava tão irritada. Voltei ao meu quarto e minha mãe entra às pressas atrás de mim, e... é difícil descrever. Ela está diferente, o rosto dela está diferente. Ela agarra meu braço e afunda as unhas nele, e ela está muito pálida e com manchas no rosto, dizendo coisas... você não acreditaria se eu contasse. Sou uma vadia, não posso ter um bebê, porque sou uma vadia e meu corpo foi destruído por dentro. Em certo momento, percebo que discutimos em voz alta, porque Horace está lá, tentando arrancar a

mão de minha mãe de meu braço. Ela recua e fica ali, de pé. Aturdida, como se não soubesse onde estava. Mas eu consegui ver através disso. Eu conseguia ver o interior dela, por trás da confusão, olhando para mim, aquela coisa astuciosa. E pensei: tenho o sangue dela. Ela me fez. Então o que eu sou?

Georgiana encarou o olhar de Jekyll, esperando uma resposta. *Você não é ela. É isso que deve dizer a si mesma.*

E você se diz o mesmo, Henry?

Sim. Digo.

Georgiana sorriu, suave e doce. Quem é você, então? Quem é o misterioso Dr. Jekyll? O tom dela era de gracejo, mas seus olhos não brincavam. *O que a faz pensar que tenho um segredo?* Todo mundo tem um segredo. Ao menos um. *Quantos você tem?* Ela pensou por um momento. Quatro, disse, e riu. Então baixou o olhar. Às vezes, sinto como se eu fosse o segredo. Como se eu estivesse dentro de mim mesma. Dentro da pessoa que todos pensam que sou. Mas meu eu verdadeiro é...

Ela não prosseguiu. Estava muito silencioso. Flocos de neve gelados batiam na vidraça.

Quero lhe mostrar uma coisa, disse Jekyll. Ele se levantou da poltrona e contornou a mesa longa, indo até as prateleiras acima do armário envidraçado. A segunda tinha um pote de vidro com o pedaço de um intestino humano no interior, gorduroso, enrolado e pálido, e Jekyll pegou o frasco menor ao lado desse. O recipiente fez um tinido quando ele o segurou e o levou até Georgiana. Jekyll o depositou sobre a mesinha embaixo da janela. Ela se inclinou para observar o frasco. São... São dentes? Ela franziu a testa e pegou o frasco.

Os dentes do velho boiavam na vertical, no líquido translúcido, apenas tocando o fundo. Quando ela girou o frasco, eles se viraram para o lado com um clique.

São seus?, perguntou ela. *Tornaram-se meus. Peguei-os. Como uma lembrança.* Georgiana torceu o nariz. Uma lembrança de quê? Jekyll estendeu a mão e pegou o frasco de volta. Uma pequena bolha se soltou de um dente e subiu até o topo. *Um incidente inesperado. Eu me surpreendi. É bom surpreender a si mesmo de vez em quando. Você deveria tentar. Fazer algo inesperado. Algo que realmente quer fazer. E guarde uma lembrança. Todos somos segredos, Georgiana. Todos nos escondemos lá no fundo, um eu dentro de outro eu, dentro de outro eu. Quando fingimos que isso não é verdade nos intoxicamos. Você entende?*

Georgiana estava encarando o frasco na mão de Jekyll. Acho que sim, respondeu.

Ele abriu a porta de aço do laboratório, e uma explosão de ar gelado os surpreendeu. Estava escuro como em um fim de tarde. *Posso lhe perguntar algo?* É claro, disse ela. *Quando você chegou, disse que havia consultado outra pessoa. Que pensou em entrar em contato comigo, mas depois tinha consultado alguém, para não me envolver. Era alguém que eu conheço?* Ah, disse ela, bem, talvez. Uma pausa. *Posso saber o nome?* Ela deu sua risada nervosa. Estou um pouco envergonhada de dizer, Henry. Não é um médico. É um hipnotizador. Dos melhores, pelo que ouvi falar. Cornelius Luce?

Cornelius Luce. Conhecíamos o nome. Fomos ao seu espetáculo de hipnotismo na Poland Street. *Já ouvi falar dele*, disse Jekyll em tom neutro. *Onde, se posso perguntar, conversaram?* Bem, na casa dele, em St. James. É lá que ele atende os pacientes. *Onde ouviu falar dele?* Ele veio a nossa casa neste verão. Para um dos eventos de minha mãe. Conversamos; ele me deixou seu cartão. Guardei. Preciso pedir desculpas agora? *Não. Estou apenas curioso. Então ele mora em St. James. Onde, exatamente?*

Georgiana olhou para cima enquanto Jekyll olhava para a frente. Por que pergunta?, disse ela com cautela. *Curiosidade profissional, Georgiana. Não vou fazer nada, apenas gosto de saber onde as pessoas atuam. O lugar onde ele mora é tão secreto assim?* Ela suspirou. Dury Street, Dury, esquina com a King, se me lembro bem, ao lado da praça. Tem uma placa na frente. *Obrigado*, disse Jekyll.

Eu nunca fora a St. James antes. No entanto, uma hora depois, saí da Castle Street como se soubesse o caminho, como se estivesse seguindo meu impulso pessoal. Logo, deparei-me com a área ampla da praça, mansões imponentes circundando o espaço. Encontrei a Dury Street por acaso, uma pequena rua lateral na extremidade oposta da praça. Parei diante de um mourão de tijolos em uma casa imensa, e li a placa de bronze:

*Cornelius C. Luce, hipnotizador e consultor espiritual
Somente com hora marcada*

A casa era de tijolos aparentes, com persianas pretas e uma enorme porta da mesma cor, um pouco parecida com a do Casarão, porém maior. Erguia-se contra um rasgo prateado no céu. Uma raiva premeditada tomou meu corpo enquanto eu

estava postado na sombra da casa. Lembrei-me do tal Luce. Seu espetáculo na Poland Street, a multidão barulhenta, rindo e gritando. Luce, no palco com quatro voluntários que ele pusera em transe. Ele fez um dos homens crer que sofria de uma flatulência terrível, e os outros três acreditaram que podiam sentir o cheiro; eles torciam o nariz e olhavam desconfiados ao redor, enquanto a multidão gargalhava ferozmente. Luce estava de pé ao lado, observando a cena grotesca com um sorriso indulgente. Jekyll e eu considerávamos a diversão duvidosa. Mas, agora, eu estava diante da casa do homem, rangendo os dentes, torcendo a ponta de minha bengala no chão. Ele era performático, um artista do palco, provavelmente uma fraude. A simples ideia desse sujeito vagueando o interior da mente de Georgiana — vasculhando os pensamentos dela com seus dedos imundos — me deixou furioso, enquanto Jekyll se expandia dentro de mim.

Uma garota abriu a porta. Uma coisinha adorável, de uniforme preto com um avental branco e touca, meias finas brancas e sapatos pretos brilhantes. Bom dia, disse. *Bom dia. Eu gostaria de ver Mr. Luce.* O senhor tem hora marcada? Ela sabia que eu não tinha. *Não tenho. Mas o nome é Hyde. Inspetor Hyde. Scotland Yard, madame.*

Eu disse isso com tanta facilidade quanto se tivesse planejado. Mas fiquei surpreso; quase estremei. A garota me estudou um momento. Olhos verdes em um rosto em forma de coração, franja vermelho-escura sob a beirada da touca. Eu conseguia imaginá-la em uma das fotos do salão de Jekyll, um café à beira de um rio em plena floração. Ela se lembraria de mim, meses mais tarde. Seria testemunha de tudo. Estudou-me com aqueles olhos astutos, então tomou a decisão e me deixou entrar.

O vestibulo parecia um salão de baile, assoalho em mosaico, quadrados pretos e brancos, como um tabuleiro de xadrez. Uma folhagem exuberante flanqueava a escada principal. Uma tapeçaria no patamar. A garota me levou através do salão, até uma sala de espera vinho. Disse que avisaria a Mr. Luce que eu estava ali e, com um último olhar evasivo, deixou-me sozinho.

Caminhei em direção a uma das fotografias na parede. Uma velha austera sentada em uma cadeira, olhando para a frente com olhos que pareciam cegos. A trás dela, na escuridão turva, uma forma transparente, branca, alta como um homem, estendia a mão. Uma farsa, é claro. Mesmo assim, isso me aborreceu. Virei-me e me vi em um espelho com veios dourados na parede oposta, uma figura recurvada,

noturna, pálida como um vampiro. Aproximei-me de meu reflexo, erguendo a mão. Nossos dedos ficaram próximos o suficiente para se tocarem. Olhei de relance para a porta e vi que a garota estava de volta, observando-me. Inspetor, chamou ela, Mr. Luce tem dez minutos antes da próxima consulta. Pode vir comigo. Segui-a escada acima até o primeiro andar, até uma porta dupla branca. Ela bateu e as abriu.

A espaçosa sala verde-musgo acabava em enormes janelas com treliça; o teto branco era arqueado e subdividido. Cornelius Luce esperava com as mãos entrelaçadas às costas, um homem pequeno e elegante, usando um terno cinza-claro, cabelos penteados para trás, bigode preto impecável. Obrigado, minha querida, disse ele em sua voz agradável. Atrás de mim, murmurou a garota, senhor, e fechou as portas. Luce me olhava com as sobrancelhas arqueadas com suavidade. Inspetor Hyde, certo? Minha boca estava seca. Além de Luce, uma lareira, duas poltronas, uma espécie de cama de couro baixa e marrom, como um divã. *Apenas Mr. Hyde esta noite. Uma conversa informal, é tudo.* Ele fez um gesto apontando as poltronas e o fogo. Sentamo-nos. Meu olhar se voltou outra vez para o divã de couro, com um braço de sofá e um travesseiro de veludo vermelho em uma extremidade. Apontei meu queixo para o móvel. *Seus clientes se deitam ali?* Se quiserem, respondeu ele. Seu olhar estava calmo, olhos castanhos amendoados. *Mr. Luce, falei. Uma mulher veio procurá-lo, há várias semanas. Mrs. Georgiana Waller.*

Ele parecia observar meus lábios enquanto eu falava. Esperei. Perdoe-me, isso era uma pergunta? Desculpe-me, Mr. Hyde, mas não tenho permissão para divulgar a identidade de meus pacientes. *A identidade de seus pacientes?* Exato, confirmou Luce. Este é um processo que exige discrição, e meus pacientes geralmente contam com isso. *O senhor é médico, então?* De certa forma. *Bem, Mrs. Waller veio consultá-lo.* Ele ergueu as sobrancelhas bem-definidas de novo. É o que o senhor diz. Ficamos nos encarando. Então desviei o olhar para a lareira, onde o carvão se tornava uma massa vítrea. Eu conseguia ouvir o som crepitante que faziam ao queimar. *Mr. Luce, e se eu dissesse que Georgiana Waller está morta.*

Senti vertigem ao dizer essas palavras, um relaxamento prazeroso. Olhei para Luce de novo, que sofreu uma leve alteração na fisionomia, os olhos bem abertos, os lábios contraídos. Ah, meu Deus, disse baixinho. *Ah. Agora estamos chegando a algum lugar. Ela veio procurá-lo, então.* Evidentemente o senhor sabe que sim, disse Luce. *Evidentemente.* Recostei-me na poltrona com um sorriso presunçoso. Apoiei os cotovelos nos braços da poltrona e uni a ponta dos dedos, como Jekyll teria feito.

Então o que ela lhe contou quando esteve aqui? Luce meneou a cabeça. Isso é confidencial, sinto muito. *Era algo incriminador? Está preocupado com a reputação da dama?* Francamente, estou preocupado com minha reputação. Como acha que meus outros pacientes irão se sentir se eu revelar informações particulares à polícia? *Eles podem ficar preocupados. Bastante preocupados, imagino. Seus pacientes devem lhe contar todo tipo de coisa.* Luce me olhou com firmeza por um tempo. O senhor disse, Mr. Hyde, que esta seria uma conversa informal, não? *Disse, sim. Foi uma gentileza. Posso torná-la oficial, se preferir.*

Tive uma vontade louca de gargalhar. Em vez disso, levantei-me da poltrona e caminhei até a lareira. Eu nunca sentira um autocontrole tão evidente. Algo chamou minha atenção ali, uma caixa de madeira em forma de túmulo, com um pêndulo de prata na posição vertical. Um metrônomo. Papai tinha um igual em seu escritório. Estendi um dedo e pus o pêndulo em movimento. Eu esperava que o som rápido e ritmado saísse do objeto, mas não houve barulho algum; o disco de prata se movia em silêncio para a frente e para trás. *Mrs. Waller, comecei, sem virar o corpo. Não foi uma simples morte. Ela se matou. De forma terrível. O senhor quer saber como? Abriu a barriga com uma faca de cortar aves. Como os japoneses fazem. Antes disso, escreveu uma palavra no braço, com a ponta da faca. Vadia. As letras rasgando sua pele. Viréi-me e olhei para Luce, que me encarava, horrorizado. Santo Deus, disse. Sim, santo Deus, mesmo. Bem, aqui estão minhas dúvidas. De onde essa senhora tirou a ideia de fazer uma coisa dessas? É preciso ser um lunático desolado e irracional para fazer isso.* Luce apenas me encarava. *Diga-me, Mr. Luce, o que o senhor faz exatamente? O que é um consultor espiritual, afinal?*

Eu sou um guia, respondeu ele, depois de um momento. Guio espíritos perdidos para pessoas. E pessoas perdidas para o entendimento. Inclinei a cabeça. *Entendimento do quê?* Do que elas estiverem buscando, explicou Luce. *E o que Mrs. Waller buscava?* Luce suspirou, passeando o olhar pelo aposento. Ele se sentou com as pernas cruzadas e um sapato cinza balançando, seu queixo imaculadamente barbeado em uma posição desafiadora. Uma resposta, disse finalmente. *Uma resposta para quê?* Para uma pergunta, afirmou ele, que nem sabia que estava fazendo. *Isso é uma charada?* Pode chamar de charada. Todos fazemos perguntas, Mr. Hyde, não concorda? *O senhor é o especialista, então deveria saber. O que acha que ela estava perguntando?* Luce suspirou outra vez. Acho que queria saber como ser feliz.

A resposta me assustou; minhas cordas vocais ficaram tensas. *Ela era infeliz?*

Ela parecia radiante, disse Luce, mas triste. Como muitas pessoas que recebo. Mrs. Waller tinha uma situação familiar bem difícil, pelo que entendi. A mãe vivia com ela, e parecia ser uma mulher difícil, superprotetora, egocêntrica, imprevisível, possivelmente instável. Mrs. Waller se sentia responsável por ela. *E o marido? O que o senhor sabe dele?* Luce deu de ombros em um gesto suave. Ela realmente não falou sobre o marido. Conversamos apenas uma vez, por uma hora. Mas, em geral, pareceu-me que se sentia... restrita pelas circunstâncias. *Pelo casamento? Por morar com a mãe?* Isso, concordou Luce, e pelas circunstâncias em geral. *Que circunstâncias?* Ele voltou os olhos semicerrados para mim. O olhar frio e desdenhoso. Talvez o senhor não consiga entender como estes tempos modernos são complicados para as mulheres. Elas começam a compreender que têm direito a querer mais. Contudo, não sabem precisamente o que é esse "mais" nem como consegui-lo. *Entendo. Está me dizendo que Mrs. Waller estava sofrendo com a era moderna. É isso?* O senhor acha pouco?, respondeu Luce. Dei de ombros. *Ela contou que estava grávida?*

Ele me olhou nos olhos, um exame minucioso. Então meneou a cabeça. Olhei outra vez para o metrônomo. O disco ainda corria para a frente e para trás, sem fazer barulho e sem parecer ter reduzido o ritmo. Estendi o dedo e fiz com que parasse. *Bem, ela estava. Isso derruba sua teoria?* De forma alguma, retrucou Luce, na verdade, apenas reforça. Ri, um ganido curto. *Ah, é claro, muito claro. Este é seu método científico: encontre uma teoria e, então, ache as evidências para apoiá-la. Mas eu tenho minha própria teoria. O senhor gostaria de ouvi-la? Temos uma mulher perfeitamente saudável, com uma criança no ventre, e ela vem consultá-lo, à procura de uma resposta. De compreensão. Ela é hipnotizada. O senhor a enfeitiça. E algumas semanas mais tarde a senhora grava a palavra vadia no braço e retalha o útero com uma faca. Eu diria que ela compreendeu alguma coisa.* Luce fez um ruído. Ele olhava para mim incrédulo, com a boca meio aberta. É uma acusação ultrajante. E um mal-entendido grosseiro de como a hipnose atua. *Ah, tenho uma noção bem clara de como ela atua. Senhoras ricas deitadas em seu divã de couro, adormecidas, e o senhor saqueando suas intimidades. Descobrimo seus segredos. Levando-as a compreender. Já estive na Poland Street, Mr. Luce, vi a que tipo de entendimento o senhor leva seus pacientes.*

Luce descruzou as pernas e se levantou lentamente da poltrona. Observei-o,

vibrando triunfante. Inspetor Hyde, posso ver sua identificação? *Não*, respondi. Minha voz estremeceu. *Não pode, Mis-ter Luce*. Ele balançou a cabeça vigorosamente. Neste caso, peço que saia daqui. Imediatamente, por favor. O fogo deu um estalo e se intensificou aos meus pés. Houve uma batida à porta, e então ela abriu. A garota surgiu, com a mão na maçaneta. Penelope, anunciou Luce, Mr. Hyde está de saída. Dei um sorriso tenso. *Ela é realmente um doce, percebo. Mas não pertence à criadagem. Então por que está vestida desse modo?* Penelope, repetiu Luce, busque Oswald, por favor. *Não é necessário*, eu disse de imediato, *não é necessário. Já estava de saída, como o senhor disse*.

Eles me seguiram até metade da escada principal e, em seguida, ficaram no patamar me observando. Minha bengala estava apoiada em uma bancada na porta da frente, meu chapéu, bem ao lado dela. Voltei-me para encarar o imenso vestíbulo com minha bengala em uma das mãos e o chapéu na outra. Eles me vigiavam lá do alto, meu público, e uma emoção operística se acumulou em minha garganta. *Voltaremos e nos ver!*, gritei, e fiz uma reverência frívola.

Eu queria ver Jeannie, queria comemorar. Tentei achá-la no Brejo e, em seguida, no Garganta. Mas ela não estava em lugar algum. Lá fora, postei-me na lama pisoteada, uma pontada de pânico no peito. E se eu não conseguir encontrá-la outra vez? O pensamento me fazia ficar sem fôlego. Retornei ao Suíno & Cadafalso para me anestesiarem e esperar. E lá estava ela. Parei à porta, sem acreditar que a via empoleirada em um banquinho alto e bambo do balcão, tagarelando com Vic. Eu lhe dissera que bebia aqui, dissera que, se não estivesse no Brejo nem no Garganta Profunda, então que tentasse o Suíno & Cadafalso — e ainda assim não acreditei. Sua voz era o único som no recinto; não era alta, mas constante, e alguns dos fregueses ao balcão acompanhavam a conversa, quase apreciando a visão. Mesmo o sempre ranzinza Vic esboçava um sorriso meio perplexo enquanto a observava por baixo de suas sobrancelhas indolentes. Ela não me notou até eu me debruçar ao seu lado, momento em que se virou e deu um gratinho. Os olhos azuis ansiosos me analisaram, como se estivessem tentando se lembrar de quem eu era. Seu xale tinha escorregado de um ombro, revelando as sardas em seu decote, a pele branca como leite contrastando com os cabelos escarlate. Eu queria mergulhar meu rosto em seu pescoço; a concavidade delicada de sua clavícula me atraía como gravidade. Afastei meus olhos de Vic, que estava me olhando aborrecido, mal-humorado, percebendo

que ela era minha. Assenti com a cabeça para ele. Em um movimento brusco, ele me serviu um copo de gim. Empurrei o copo e disse que queria uma garrafa de champanhe. Ele balançou a cabeça. Nada de champanhe. Tenho de mandar o rapaz buscar. Esperei, de sobranceiras erguidas, e Vic olhou para mim com seu rosto pustulento, parecendo um saco de batatas, antes de se afastar com passos pesados. Peguei a mão de Jeannie que estava apoiada em seu joelho e pressionei-a contra meu rosto, inalando seu aroma repulsivo. Ela deu um sorriso confuso, contido, e afastou a mão quando deslizei a ponta dos dedos até meus lábios. Tocando seu próprio pescoço, a garota desviou o olhar, e contemplei todo o comprimento do balcão, observando os frequentadores. Todos os olhos assombrados voltados para mim, como os de animais enjaulados, ansiando por algo selvagem e livre. *Olhe quantos amigos você fez, falei baixinho.*

Bem, é isso que eu faço, respondeu ela, não é? Jeannie ajeitou o xale para cobrir o ombro. Faço amigos.

Foi só uma questão de tempo antes de levá-la para casa.

Foi na noite seguinte, na verdade. Encontrei-a no Suíno & Cadafalso novamente, para esfregar na cara deles. Mas Jeannie estava distante, evasiva, e, em meu quarto, mais tarde, ela ficou com um olhar congelado enquanto eu a despia. Vi o hematoma quando suas roupas de baixo tocaram o chão. Flanco esquerdo, lateral da coxa. Recente, com vasos rompidos, inchados. Ela sempre tinha alguns machucados, e sua pele, tão pálida e sensível, desvanecia-se em tons de amarelo ou índigo. Mas nunca um como este. Tentei ignorar o fato, mas ela apenas se deitou na cama, sem reação, até que começou a parecer que eu estava me refestelando com um cadáver, e parei. Sentei-me apoiado na cabeceira da cama ao lado dela. Jeannie desatou a chorar, em silêncio, lençóis dobrados sobre as axilas. *Foi seu pai...?*, perguntei, por fim. Ela não respondeu. *Jeannie. Foi seu pai que fez isso?* Ela assentiu com a cabeça, limpando o nariz com o braço. Aproximei-me dela e coloquei minha mão sobre sua cabeça. Ela estava tensa, resistindo, quando tentei puxá-la para mim. *Ssh*, eu disse, e puxei sua cabeça até meu peito nu. Após alguns segundos, Jeannie começou a chorar mais intensamente. Acaricieei seus cabelos e olhei ao redor; um anel de escuridão opressiva rondava meu coração. Após um tempo, ela adormeceu junto ao meu peito. Sua cabeça subia e descia conforme eu respirava.

Devo ter adormecido, porque acordei quando o peso sobre meu peito desapareceu.

Eu a ouvia vestindo suas roupas. Chamei seu nome baixinho. Ela veio até a beirada da cama e tocou meus dedos, pressionou-os de um modo desajeitado. Então saiu na ponta dos pés. Quando a porta da frente, lá embaixo, fechou-se com um rangido, joguei os lençóis de lado e remexi minhas roupas. Agarrei a bengala e a segui, descendo a Ghyll Road. Estávamos sozinhos na rua, e mantive uma boa distância atrás de Jeannie, ficando sempre nas sombras. Ela saiu do Soho, seguindo para o nordeste, caminhou pela Theobald's Road por muito tempo, até que entrou na Clerkenwell, e então tomou as ruas laterais. Vias estreitas, poucos lampiões a gás. Ela me levou até um beco íngreme, com barracas imensas e oficinas escuras. Varais de roupa se cruzavam acima de nossas cabeças, e as peças estendidas, enfunadas pela brisa, pareciam velas de barco. Seguimos morro acima, para uma rua mais larga, repleta de casas estreitas apinhadas. Ela subiu alguns degraus e entrou em uma casa. Esperei e, em seguida, entrei no salão com o chão revestido de azulejos quebrados, com cheiro de bolor e sopa. Ela ia se agarrando ao velho corrimão de madeira da escada, e eu a segui, de costas para a parede. Jeannie parou em um patamar, e me escondi em uma curva abaixo dela. Vi seus pés através da grade, calçando os chinelos surrados. A chave fez um estalido na fechadura, e ela fechou a porta ao atravessá-la.

Avancei em silêncio e coloquei o ouvido na porta. Vozes baixas, vibrações indistintas vinham lá de dentro. Eu conseguia detectar o tom de voz de Jeannie e um outro, mais grave. Fiquei estático. Ao diabo. Bati à porta com força. Silêncio. Esmurrei novamente, e um homem magro em mangas de camisa a abriu de súbito. Ele tinha um bigode cheio, cobrindo os dentes, como o de papai, queixo e bochechas recobertos de barba por fazer. O fedor do uísque exalava de sua pele ao me encarar, com olhos lascivos, cambaleando. Quem é você?, perguntou, e então consegui ver Jeannie pela fresta que revelava o quarto ao fundo. Meus olhos encontraram os dela. O pai desviou, virou-se para olhar para ela, e empurrei a porta com o ombro, acertando-a nele, enfiando a haste de minha bengala sob seu queixo. Segurei a bengala pelas extremidades, pressionando-o contra a porta, e ele retorceu o rosto, tossiu e chutou a madeira oca. Minha cabeça latejava; eu mal conseguia ouvir minha voz quando me inclinei para perto e vociferei: *Você sabe quem eu sou, velhote*. Ele mostrou os dentes, resmungando quando a bengala grossa de madeira se enterrou na cartilagem macia de seu pescoço. Como seria fácil. Os nós de meus dedos ficaram esbranquiçados. Com um grunhido de esforço, afastei-me.

Ele apertou o pescoço e tossiu, apoiando-se na porta. Coloquei a mão no bolso e tirei um punhado de moedas. *Sabe quem eu sou, velhote?* O olhar dele passou sobre meu ombro e eu disse: *Não olhe para ela, olhe para mim.* Deixei as moedas caírem no chão; elas bateram e quicaram aos meus pés. *Pegue as moedas.* Ele afastou uma das mãos do pescoço e virou a palma para mim, como se estivesse mendigando. *Pegue as moedas.* Ele assentiu com cabeça, ficou de joelhos e começou a tatear cegamente as moedas no chão. *Todas,* eu disse, e, quando ele ficou de quatro como um cachorro, chutei sua coxa. Mais um chute nas costelas, e o sujeito caiu com as costas viradas para a porta. Ah, disse, engasgando, segurei-o de lado. Ah, meu Deus, por favor, senhor. Fiquei de cócoras para olhá-lo nos olhos. Por favor, disse ele. Agarrei e puxei um punhado de seus cabelos oleosos. *Eu sempre quis escalpelar alguém. Arrancar seu topete pelo couro cabeludo, como os índios fazem. Como prefere, velhote?* Ele tentou mexer a cabeça, mas segurei com mais força. *Encoste nela outra vez, encoste um dedo nela, e volto aqui com uma coisa bem afiada, e tiro um pedaço de lembrança. Entendeu?* Bati a cabeça dele na porta, torci seus cabelos. *Entendeu?* Sim!, gritou ele. Sim, entendi, eu juro, entendi.

Larguei seus cabelos e limpei a mão na sua camisa. Quando me levantei, senti uma onda de tontura, e minha vista escureceu. Pisquei várias vezes, assustado ao ver o quartinho sujo atrás de mim. Jeannie estava apoiada na mesa da cozinha, sua expressão era de medo e dúvida. Atrás de seu ombro havia uma porta frágil, com uma rachadura levemente afundada. Tive a sensação de que havia uma pessoa agachada atrás dela, um olho brilhante visível pela fresta. *Tudo bem,* eu disse, olhando inquieto para Jeannie. *Estou bem.*

Quando voltei para Ghyll, já era de manhã, uma manhã inexplicavelmente quente e com cheiro de lama e esterco. Deixei meu sobretudo em uma pilha de roupas no chão e entrei na sala de visitas. Eu me dirigia ao aparador, acho, mas parei, atingido pela luz que entrava pela grande janela da frente, iluminando pontos de poeira. Havia algo em um vaso sobre a mesa que ficava ao lado da janela. Aproximei-me, desconfiado. Uma flor, com um grande miolo marrom e com uma coroa de pétalas douradas, voltada para a luz, como se tomasse banho de sol. Quase tive medo. Era como se a coisa tivesse se materializado no ar, fruto da manhã, vindo de outra dimensão. Muito bonito, murmurou Mrs. Deaker atrás de mim. Muito bonito, não acha, patrão? Voltei-me para o som da voz dela e encontrei a velha senhora me

observando das profundezas de uma poltrona ao lado da porta. Ela retirou o cobertor de suas pernas e, com um gemido suave, levantou-se da poltrona, arrastando-se até ficar ao meu lado. O patrão deve permitir essa indulgência. Ficou contente? *Ela vai morrer*, falei. *Ainda é inverno*. Mrs. Deaker estalou a língua e segurou a flor com a mão de unhas longas. Seu cheiro, de sujeira e comida estragada, exalava por baixo das roupas. É claro que vai morrer, disse suavemente, passando a unha pelo caule peludo. A mocinha vai gostar. O patrão vai ver.

SEGUNDO DIA

Manhã

O patrão vai ver.

Acordei sobressaltado, as palavras tilintando. Um pesadelo — pessoas me pisoteando e me afundando em montes de esterco, Mrs. Deaker ajoelhada ao meu lado, empurrando meu rosto no lodo, balbuciando. Sento e olho ao meu redor: estou no chão, perto do fogão, onde devo ter me recurvado e pegado no sono, deixando a velha e sua flor congeladas no passado. A luz do dia invade as janelas empoeiradas. Deito de costas no assoalho frio, ofegando. Uma teia de aranha se formou entre o banco e o tampo da mesa de noqueira. Com as mãos, cubro o rosto, arranho a barba hirsuta, e me dou um tapa com força. Levante.

De pé, cerro os dentes e arqueio a coluna, até escutar o estalo agradável das vértebras lombares. Então seguro os cantos da mesa e fico de cócoras, para estalar os joelhos. O corpo enrijece mais a cada dia, os músculos recurvando a coluna, fazendo meu quadril entortar. Hyde, o Corcunda. Manco em direção ao armário envidraçado; o frasco de etanol está na prateleira de cima. Mas, quando passo pela pequena escrivaninha, meu olhar recai sobre o envelope apoiado na luminária. O traço em tinta gravado na frente do envelope: *Gabriel John Utterson*.

Isso não me agrada. Ele ali, parado, rindo de mim com sua imunidade, tão certo de que não vou queimá-lo ou destruí-lo. Como Jekyll sabia que eu não seria capaz? Não sei se *conseguiria* tocá-lo. Meus dedos formigam só de pensar, como se o papel guardasse um traço contagioso da insanidade de Jekyll. Por mais louco que estivesse, ele ainda sabia que eu iria obedecer a sua última ordem e que deixaria sua confissão onde está. Como gostaria de provar o contrário! Pegar o envelope e rasgá-lo bem devagar, em pedacinhos minúsculos...

Minha pálpebra inferior começa a tremer, um batimento irregular sob a pele —

toco nela com a ponta dos dedos, em pânico.

Com a mesma rapidez, para.

Afasto-me da escrivaninha. Nada a temer. Não há nada naquele envelope além de mentiras desesperadas em que Utterson não vai acreditar. Ele sabe demais para ser enganado pelo relato parcial de Jekyll. Utterson deve ter quase todas as peças agora, o suficiente para ter ao menos uma noção. Ele já percebeu? O quadro completo — a verdade?

Fiquei surpreso com Utterson. Apesar de minha cautela, subestimei o homem, o poder de sua curiosidade. Ele disse que queria me conhecer — que era *necessário* que nos encontrássemos. No entanto, nunca pensei que ele faria o que fez. Quanto tempo passou vigiando a porta da Castle Street? Quantas noites? Ele sabe esperar, Utterson é bom nisso. Mesmo agora, com todas as peças do quebra-cabeça reunidas diante dele e o envelope entoando o canto da sereia, ele espera Poole pedir sua ajuda. Hoje? Talvez não. Mas amanhã? No dia seguinte? Quanto tempo mais vão me deixar viver assim?

A perseverança de Utterson foi recompensada não muito tempo depois de minha visita à casa de Jeannie. Eu tinha quase certeza de que ela não iria ao Suíno & Cadafalso na noite seguinte, convencido de que a assustara. Mas ela apareceu por lá, e, quando acordei na manhã seguinte, pela primeira vez, encontrei-a ainda em minha cama, a testa franzida enquanto dormia. À luz fria, sua pele era como marfim, incrustada com minúsculas espinhas, como pedras preciosas, no queixo e na testa. Eu nunca a observara com tamanha atenção, tão meticulosamente, tão de perto, respirando suavemente em meu rosto. Um fio de cabelo havia colado no canto da boca, e eu o soltei com cuidado e o ajeitei atrás de sua orelha. Um olho de ágata piscou e se fixou em mim. Eu quase esperava que ela se encolhesse, sentasse com pressa e agarrasse as roupas. Em vez disso, suas pálpebras fecharam novamente, e ela estalou os lábios e murmurou, sonolenta: Bom dia.

Um ou dois dias mais tarde, em minhas caminhadas, passei por uma vitrine elegante, com um vestido rosa exibido em um pequeno manequim de madeira. Tinha mangas brancas bufantes e bordados de renda na gola e na cintura. Entrei e comprei a peça por cinco libras, uma pequena fortuna — para minha filha, expliquei. Serviu em Jeannie como se tivesse sido feito sob medida para ela. Levei-a ao Hotel Grand para jantar. Três músicos realizavam uma performance belíssima no centro do

salão, como um elaborado mecanismo a corda. Jeannie havia lavado seus maravilhosos cabelos e os prendera no alto da cabeça; seu decote enrubescia enquanto ela olhava ao redor, tentando parecer indiferente. Falei ao garçom que era aniversário de minha filha, e ele trouxe uma taça de licor para que Jeannie tomasse vinho, que ela sorveu em goles rápidos, dissimulados. Quando o garçom perguntou se *mademoiselle* estava gostando do *consommé*, Jeannie colocou a mão sobre a minha e, com uma voz suave e elegante, disse: Meu pai acha que está estranho. Bufei sobre uma colher do caldo e comecei a tossir, e ela acariciou minha mão e murmurou para o garçom: São as lombrigas, meu pai nunca mais foi o mesmo depois da Índia. Mais tarde, roubou uma colherada de meu creme de limão e, quando o líquido caiu em seu colo, deu um berro, olhando para baixo desapontada: Que merda!

Jesus, esses detalhes, esses detalhes tão fúteis.

Foi na noite seguinte, ou na outra, que voltei para a Castle Street. Eu não pretendia voltar, estava vagando sem rumo, pois Jeannie havia tirado a noite para passar com sua irmã em casa. Quando olhei para cima e refleti, percebi que meu passeio tinha me feito aterrissar muito perto da Trafalgar, poucos quarteirões ao sul da Leicester Square. Senti um puxão no umbigo, uma tensão nas rédeas, e, dando de ombros, virei em direção à Castle Street.

Subi a rua pavimentada e segui para o laboratório pelo sul em vez de pelo norte, como costumava fazer. Estava procurando o molho de chaves no bolso interno do sobretudo quando passei pelo beco estreito que levava da Castle Street ao pátio do Casarão. Utterson deve ter ficado escondido lá, dentro do beco. Eu gostaria de dizer que parei, nariz erguido, olhos argutos, detectando alguma presença vigilante. Mas, na verdade, não percebi nada enquanto subia os três degraus imundos. Senti o movimento de alguém se aproximando atrás de mim apenas no último segundo, antes que ele tocasse em meu cotovelo e dissesse: Mr. Hyde?

Sibilando, ergui minha bengala em um golpe cego em direção à voz. Mas Jekyll segurou meu braço. O lampião mais próximo estava atrás de mim, e, por baixo de minha cartola, eu via a face alongada e tensa de Utterson, e seus detalhes singulares: os olhos cinzentos e muito próximos, as costeletas rijas eriçadas de suas bochechas, a pinta cor de carne sobre seu longo lábio superior.

Eu não conseguia me mover. O senhor é Edward Hyde, disse Utterson, e dei por mim concordando com um gesto de cabeça. *Sou Hyde*. Seus olhos se estreitaram um pouco. Ele não conseguia me ver, percebi. Eu era apenas uma figura escura acima

dele. Sou Utterson, disse ele. *Eu sei quem é o senhor. O que quer?* Eu esperava encontrar o Dr. Jekyll. Talvez possa me deixar entrar. *Jekyll não está em casa.* Entendo, respondeu ele, e olhou para cima, para a parede sem janelas do laboratório. O senhor está morando aqui? *Tenho minha própria casa. Agora, se me permite.* Virei-me para a porta. Ele tocou em meu braço novamente. Espere. Parei com a chave estendida. *O que o senhor quer?*

Quero ver seu rosto.

Minha barba se eriçou. Meu rosto. Não, eu não podia mostrar meu rosto, não a Utterson. Contudo, com uma impotência que me possuía, baixei a chave e virei o corpo, e minha mão, involuntariamente, ergueu-se até a aba da cartola. Então a levantei. Eu estava acima dele, a cabeça fervendo, e senti um arrepio congelante em meu couro cabeludo, onde a faixa da cartola havia marcado meus cabelos. Utterson olhou para cima. Ele engoliu em seco. O senhor poderia, disse com a voz fraca, o senhor poderia descer um degrau, por favor? Eu ri, um pouco histérico. *Isto é tudo que posso oferecer, Utterson. Agora, vá embora.* E, como se estivesse livre de seu feitiço, voltei-me para a fechadura e enfiei a chave.

Chegando ao gabinete, desabei na cadeira, tremendo. O que acabara de acontecer? Como ele sabia que devia me esperar naquela porta? Senti-me enjoado, exposto, como se uma cortina tivesse sido arrancada e revelado uma grande operação de espionagem nos bastidores. Observei o pátio pela janela, a passagem estreita do beco, quase esperando ver Utterson emergir, trazendo consigo uma multidão. Por que tirei a cartola? Jekyll me induziu? Por que ele iria querer que o advogado visse meu rosto?

Jekyll se afundou no banco, nu, afrouxando o torniquete de borracha do braço esquerdo. Estava ficando difícil pegar a veia, descolorida na dobra do cotovelo, cheia de minúsculos pontos de punção ressecados por todo o antebraço. Ele flexionou a mão, abrindo-a e fechando-a, enquanto comparava o braço esquerdo com o direito — liso e limpo, veias frescas fluindo sob a pele.

Do roupeiro, retirou uma navalha e uma tigela de porcelana, que encheu com água fria, e se barbeou diante do espelho. Os fios de barba raspados se acumulavam sob a lâmina. Jekyll mergulhou uma bola de algodão em etanol e massageou o rosto bruto com o líquido ardente. Em seguida, vestiu as próprias roupas, desceu do gabinete e atravessou o pátio até o jardim de inverno.

Poole estava na sala de jantar, organizando a prataria sobre um pano. Jekyll subiu os dois degraus do jardim de inverno e parou quando o viu do outro lado da mesa. O lampião fora reduzido a uma luz sépia. Era quase meia-noite. Ainda assim, ali estava Poole, polindo a prataria. Ele olhou para cima, como se estivesse surpreso. Ah, senhor, boa noite, bem-vindo ao lar. Com cautela, Jekyll balançou a cabeça. *Boa noite, Poole. Ainda acordado, pelo que vejo.* O outro baixou sua cabeça. Sim, senhor. Deseja algo? *Não, não. Estou me recolhendo. Conversaremos pela manhã.* Muito bom, senhor, disse Poole, e esperou Jekyll quase chegar à porta mais distante antes de acrescentar: Mr. Utterson veio visitá-lo, senhor.

Jekyll parou. O tom da voz de Poole parecia artificial. *Ah? Quando foi isso?* Agora há pouco, senhor. Ele saiu há cerca de dez minutos. Jekyll se virou. *Ele disse o que queria?* Não, senhor, pareceu-me que queria vê-lo. Achei que gostaria de saber, visto que ele partiu há tão pouco tempo. *De fato. Já passou muito da hora de Mr. Utterson ir se deitar, obviamente.* Poole baixou a cabeça com um esboço de sorriso nos lábios e então olhou nos olhos de Jekyll. Realmente, senhor.

Jekyll estava na metade do caminho do corredor que levava ao salão principal quando parou novamente. Sutilmente, estalou os dedos, e, em seguida, virou-se e voltou para a sala de jantar. Poole estava em pé ao lado da mesa, segurando um garfo, olhando fixamente para o vazio. *Desculpe-me, Poole, ocorreu-me agora. Mr. Hyde planeja passar a noite no gabinete. Poderia levar-lhe água e vinho? Não o perturbe, deixe tudo na escada. Poderia fazer isso?*

Poole baixou o olhar para o garfo em sua mão. Certamente, senhor. Também devo levar o desjejum a Mr. Hyde pela manhã? *Não,* respondeu Jekyll, *imagino que ele vá sair bem cedo. Apenas a água e o vinho.*

Poole deliberadamente ficara lá, na sala de jantar, com a prataria? Utterson lhe dissera que tinha visto Mr. Hyde entrar pela porta dos fundos do laboratório? Ele está lá agora, deve ter dito. Você sabe que ele tem uma chave, Poole?

Jekyll se deitou na banheira com uma toalha sobre o rosto. A pergunta ressoava na água quente como sangue: como Utterson soubera que devia me esperar na porta da Castle Street? Como ficou sabendo que eu entro e saio por aquela porta? Ele havia ajudado Jekyll a comprar a casa vinte anos atrás, quando se mudara para Londres, então sabia sobre aquela porta, o acesso do Casarão para a Castle Street. No entanto, como poderia saber que *eu* usava essa entrada? Ele estava esperando lá.

Poole possivelmente poderia suspeitar que eu tinha acesso ao gabinete. Mas teria contado a Utterson? Quem poderia dizer o que aqueles dois disseram um ao outro? Eles podiam estar trocando informações sobre Mr. Hyde há semanas.

Tudo parecia tão inconsistente, como se a estrutura de nossas vidas tivesse sido edificada alto demais e começasse a balançar. Contudo, as veias de Jekyll crepitavam com leite na manhã seguinte, quando vestiu seu roupão de veludo e correu lá para baixo, atravessando o pátio. Escancarou a porta do laboratório, e, mais uma vez, algo se agitou desesperadamente na cúpula de vidro muito acima do chão. A bandeja de prata com decantadores contendo água e vinho estava sobre o degrau, na metade da escada. Jekyll pegou a bandeja e a levou até o gabinete, colocou-a sobre a mesa e trancou a porta.

O jornal ainda estava quente após Poole tê-lo passado a ferro, quando Jekyll se sentou para o desjejum. Enquanto Poole servia o chá, Jekyll franziu a testa, curvou-se para ler algumas letras pequenas, e então virou a página. *Sabe, Poole, tenho pensado em reunir alguns amigos da velha turma para jantar, como costumávamos fazer. Nesta sexta-feira, talvez. Acha viável?* Ele pegou a xícara de chá e olhou nos olhos de Poole, com ar de desafio. Podemos providenciar tudo, senhor. *Ótimo. Então está resolvido.*

Jekyll escreveu os convites naquela tarde. Utterson, Lanyon, três outros nomes que eu mal conhecia. Fiquei impressionado com sua atitude. Poole e Utterson estavam conspirando, e ele ia dar uma festa? No entanto, os cinco convites surgiram, um a um, conjurados com a caneta-tinteiro de papai. Depois, Jekyll se reclinou em sua poltrona, segurando um cartão que Carew lhe enviara vários dias antes. *Gostaria que me recebesse novamente, escrito em sua letra sinuosa, em qualquer noite que lhe seja conveniente.* Jekyll segurou o cartão pela ponta e o balançou.

Não pensei que Jekyll fosse querer se encontrar com alguém por enquanto. Tínhamos sido descuidados. Precisávamos nos retrair, protegendo tudo antes de prosseguir — certamente não convidando curiosos como Carew para virem outra vez a casa. Jekyll podia sentir que eu me retorcia enquanto ele olhava pela janela, batendo no joelho com um dedo. Um pequeno sorriso tracionava a borda de seus lábios.

As respostas a seus convites bateram à porta na tarde seguinte. Cinco confirmados para o jantar de sexta à noite. Carew escreveu apenas: *Que seja na noite*

de quarta-feira.

Desta vez, ele pediu para dar uma volta pela propriedade. Sabe, disse Carew no salão principal, meu avô visitou esta casa uma vez, há cem anos. Ele era um naturalista amador, um jovem irlandês desconhecido. Simplesmente bateu à porta e John Hunter atendeu, o grande cirurgião em pessoa. Meu avô adorava falar sobre a girafa no salão principal... O senhor sabe onde ela ficava?

Jekyll o levou pelo térreo, indicando todos os detalhes que preservara dos tempos antigos. Na sala de jantar, Carew parou e disse: E por aqui? *O jardim de inverno.* Pouco depois, o anfitrião ergueu a mão e disse: *Por favor, por aqui.* Carew desceu os dois degraus, e Jekyll ficou no batente da porta acima dele. *Com as luzes do cômodo apagadas, podemos ver através do vidro, o pátio enevoado, o bloco de pedra calcária erguido no canto nordeste.* Ah, que maravilha, disse Carew, a velha sala de dissecação. A menos que eu esteja enganado, havia uma cobertura de vidro ligando-a à casa principal, uma área de exibição? *O proprietário anterior a colocou abaixo. O bloco inteiro está prestes a desmoronar, na verdade; tenho tentado restaurá-lo. Eu lhe mostraria, mas está uma bagunça lá dentro, com a reforma.* Jekyll acendeu o lampião; a parede de vidro se transformou em um espelho âmbar. Ah, disse Carew, isso é decepcionante. Algum dos preparados de Hunter sobreviveu? *Pouquíssimos. Embora a maioria tenha sido descartada depois que ele faleceu. Dívidas e essas coisas.* Uma pena, comentou Carew, analisando o comprimento da estufa. Ele balançou a cabeça para as cadeiras de vime e para as plantas penduradas no canto da sala. Importa-se se sentarmos um momento? Gosto muito daqui.

Eles se acomodaram nas cadeiras de vime barulhentas. Jekyll limpou o joelho e disse: *Passsei pela biblioteca, e foi um prazer encontrar várias edições da revista de sua Sociedade de Investigações Psíquicas. Fiquei bastante intrigado com o caso das irmãs Gorley.* Sim, evidentemente, disse Carew, Agatha e Maggie. *O senhor teve a oportunidade de examiná-las?* Sim, na verdade, embora não de maneira oficial, porque foi depois de nosso relatório ter sido publicado. O que foi bem triste, acho, pois minha visita teve um resultado bastante curioso. Jekyll ergueu as sobrancelhas. Veja, começou Carew, o relatório na revista focava principalmente na transmissão de imagens visuais pelas irmãs, de uma sala para a outra. Maggie era a artista; ela ficava sentada na sala de estar enquanto Agatha, no salão, era instruída a comunicar uma imagem com a mente, que a irmã desenhava. Houve alguns exemplos

de precisão impressionantes, como o senhor leu. O caso da carruagem coletiva, por exemplo, resultou em um desenho bastante indiscutível de uma carruagem no caderno de Maggie. Mas eu queria aumentar a distância entre elas. Minha dúvida era se essa capacidade telepática, se é que era realmente isso, tinha um alcance máximo. E também queria ver se a atmosfera no entorno, a própria casa, de alguma forma seria um facilitador. As irmãs cresceram naquele lugar; estavam familiarizadas com ele. Então preparei uma série de experimentos que envolviam retirar Agatha da casa. Levei-a para o jardim, então para um passeio pelo quarteirão, e, por fim, para dar uma volta de tîlburi, e foi aí que encontrei meu curioso resultado. Enquanto dávamos a volta, eu lia um poema para ela, o mesmo poema, várias vezes. Robert Browning, “Minha Última Duquesa”. Enquanto isso, na casa, Maggie estava com minha assistente. Pedi que ela não desenhasse, apenas falasse em voz alta o que viesse a sua mente, enquanto eu estava com sua irmã. Minha assistente iria anotar tudo. Quando voltei, li a transcrição. Sua fala não mencionara nada aparentemente relacionado ao poema. Eram imagens aleatórias, em sua maioria, coisas prováveis de se ver na rua. Olhei para cima e vi Maggie me observando. E, então, lançou-me um olhar confuso, e disse: Cortina? Como uma pergunta, baixinho. Cortina?

Carew fez uma pausa, saboreando o momento. Já leu o poema “Minha Última Duquesa”? perguntou. É um monólogo, um duque italiano está nos mostrando um retrato de sua falecida esposa, pendurado na parede. E ele mantém o retrato atrás de uma cortina. Ninguém pode abri-la, exceto ele. Cortina.

Jekyll observava Carew, aguardando. O visitante sorriu. Muito curioso, não acha? Ainda tento decifrar esse enigma. Passei mais dois dias com as irmãs, e nenhum outro resultado chegou perto desse. Mas, naquele instante singular, tenho de dizer, parecia que a ideia em si tinha viajado pelo ar, de uma mente para a outra. Ele fez uma pausa. O senhor considera o incidente suspeito. *Todo incidente desse tipo é suspeito*, falou Jekyll. Então Maggie Gorley me fez de bobó? De alguma forma, ela descobriu que poema eu lia para a irmã? É nisso que o senhor acredita? *Creio que esteja em nossa natureza enganar e sermos enganados quando desejamos acreditar. Já testemunhei em muitas ocasiões até que ponto as pessoas podem chegar para enganar os crédulos*. Eu também, acrescentou Carew. Tenho denunciado mais fraudes do que qualquer pessoa, garanto-lhe. Mas não vou dizer que o que as fraudes fingem invocar seja falso. Não descarto o princípio, sabe, diante de falsas evidências.

Evidências de quê? Em que o senhor está tentando acreditar?

Carew se sentou de volta na cadeira e olhou em torno da sala. O senhor fala da natureza humana. Também penso nisso muitas vezes. Penso no animal humano. Esse primata sem pelos, andando sob dois pés e vestindo sua roupa elaborada, enquanto luta pela sobrevivência. Enganamo-nos mutuamente, ah, sim. Engano, tortura, assassinato deliberado e, em alguns casos, com prazer. Outros animais vivem com medo e pavor de nós. O que nos torna tão especiais? A mente. O poder grotesco da mente humana. Carew se virou para olhar para Jekyll, seus olhos brilhando como cristal. Essa inteligência excessiva é uma mutação destrutiva. Faz-nos imaginar que estamos acima da natureza, que a natureza é subserviente a nossas exigências. E essa arrogância irá nos destruir, sem dúvida, a menos que possamos aprender sua finalidade. Sabe, talvez a mente humana esteja além do simples funcionamento do cérebro, da massa muscular extremamente adaptada. Talvez seja parte de algo mais, alguma consciência universal maior, à qual estamos todos ligados. Somos todos uma única mente fluida e temos apenas de perceber isso... Acho que estou tentando acreditar nisso.

A mente individual como parte de uma rede interconectada. É uma ideia atraente. O senhor imagina que chegaremos a esse entendimento coletivamente, como uma espécie? Levaria tempo, respondeu Carew. Muito tempo. Não falo de meu tempo de vida nem do de ninguém. Mas ainda posso contribuir. Se há alguém por aí indiscutivelmente capaz de entrar nessa rede, como o senhor diz, nesse fluxo de pensamentos e experiências, então eu gostaria de encontrar essa pessoa. Seria um começo, não acha? Jekyll deu de ombros. *Com que finalidade? Seria outra maneira de viver, de sobreviver? Cada um vive a sua maneira. Nós não mudamos? Não progredimos? Progredimos, certamente. Mas mudamos? Como falamos, como nos vestimos, como andamos, sim. Mas nossa natureza muda? Pode mudar?*

Carew meneou a cabeça. Confesso, estou surpreso. Esperava isso de qualquer pessoa, doutor, essa certeza cínica. Somos o que somos. Somos o ponto final da evolução, é isso? Jekyll não respondeu por um longo tempo, reflexivo. *Posso dizer apenas o que disse da última vez que nos falamos. Pensar na mente como algo mais, com mobilidade, permanência, além da massa cerebral, é desnecessário para meu trabalho. A função da mente é complexa o suficiente por si só, e essas teorias adicionais... são apenas redundantes.* Redundantes, repetiu Carew. É redundante sequer considerar a possibilidade de que pessoas vítimas de, digamos, um transtorno

dissociativo, possam estar agindo e falando sob a influência de mentes que não a sua própria? Como descartar tal reflexão? Como rejeitá-la no caso de Mr. Verlainne, um homem com três personalidades distintas, todas aparentemente habitando sua cabeça? Quero entender isso. Quero muito.

Jekyll soltou um longo suspiro. Já sabia que a conversa caminharia para aquele assunto, é claro; até eu esperava por isso. Ele observava o aparador à parede, o licoreiro de cristal lapidado contendo xerez. Então se levantou e foi até ele. Serviu o xerez vermelho pálido em duas pequenas taças, levou-as de volta e entregou uma a Carew. Com uma mão no bolso e a outra segurando a taça, Jekyll se postou ao lado da cadeira de vime, fingindo admirar as videiras balançando ao vento e as folhas largas da planta pendurada. *Não acredito que sejamos o ponto final da evolução. Mundo afora, os seres humanos estão evoluindo, enquanto estamos aqui conversando. O que é preciso para evoluir? Condições únicas, muitas vezes severas, e a urgência de sobreviver. Mutações fisiológicas podem levar gerações para se desenvolver. Mas uma mutação psicológica, uma evolução da mente, pode ocorrer durante a infância. Enquanto a mente ainda está se moldando, adaptando-se.*

Jekyll olhou para dentro de sua taça, suas facetas rubi. Ergueu-a e deixou o xerez avinagrado escorrer pelos lábios. Então permitiu que a dose entrasse em sua boca, e engoliu. Nunca vi Jekyll fazer isso. A queimação do álcool subiu até seus olhos. Carew murmurou: A sua saúde. Jekyll pegou a taça vazia de Carew e a colocou de volta sobre o aparador. *A mãe de Emile, disse, erguendo a tampa de vidro, faleceu quando ele tinha 10 anos. Durante dez anos após sua morte, ele viveu com o pai sem perturbação. Os lapsos para a personalidade infantil que eu viria a conhecer como Pierre começaram apenas depois dos 20 anos. Ou seja, somente depois que Monsieur Verlainne se casou novamente e sua nova esposa se mudou para a casa. Jekyll entregou uma das taças de xerez para Carew e, em seguida, sentou-se na poltrona barulhenta. Às vezes, a mente funciona na vida como em um sonho. Faz substituições, coloca emoção e significado em um objeto substituto. A segunda esposa de Monsieur Verlainne era jovem e atraente, mas diferente de sua primeira esposa, mãe de Emile. Porém, na mente do rapaz, como acontece em um sonho, lá estava sua mãe de novo, ressuscitada ou reencarnada, se preferir. E houve uma reação violenta. Partes de sua mente, as regiões da memória que Emile tinha trancado, desabrocharam. Por quase dez anos, havia se treinado a viver no controle da parte que acumulava novas experiências, absorvendo conhecimentos de arte, da sociedade. Ele tinha conseguido trancar tudo o que*

não queria lembrar sobre a mãe, sobre a infância. Mas, de repente, era como se ela tivesse voltado a viver na casa de novo. E as memórias também retornaram.

O rosto de Jekyll já estava quente por causa do vinho. Ele girava a taça pela haste. A mãe de Emile, disse Carew. Ela o traumatizou, é o que o senhor está dizendo. Jekyll balançou a cabeça. *Essa é uma boa palavra. Traumatizou. Carew aguardou. O que ela fez, exatamente?*

Grande parte parecia ser de natureza sexual. Ela costurou uma espécie de cinto de castidade que o obrigava a usar sob as roupas, muito apertado e doloroso. Ela dava banho nele na banheira e segurava sua cabeça embaixo da água, introduzindo dedos ensaboados no reto do garoto, para limpá-lo por dentro. O pai, Monsieur Verlaime, permanecia alheio ao que estava acontecendo, até onde pude determinar. A mãe mantinha o menino amedrontado sob alguma ameaça terrível, e ele nunca falou sobre o que acontecia com o pai. Em vez disso, desenvolveu meios alternativos para se defender. Pierre, como a personalidade viria a se chamar, era uma dessas adaptações.

Qual era a função dele?, perguntou Carew. Jekyll girava a haste de cristal entre os dedos, o líquido brilhando. Havia uma sede na base da língua, uma imprudência inebriante. *A função dele era a de suportar a dor. O desconforto, a humilhação, suportá-la quando se tornava insuportável. Ele era um bode expiatório. Levava o castigo no lugar do garoto. Emile o forçava a enfrentar a situação, como um anteparo. E então o trancou, por quase uma década. Até que sua mãe voltou, ou assim lhe parecia. E Pierre voltou também.*

E o outro, disse Carew. Ele também voltou, não? L'inconnu. Era como o senhor o chamava?

Não o chamei assim. Isso foi uma invenção tola do comitê do hospital, e os jornais adotaram o nome. L'inconnu. Não, eu... eu realmente não dei um nome a ele. Ele nunca deu um nome a si mesmo, nem Emile. Mas ele foi criado. Da mesma forma que Pierre. Como uma adaptação. Sim e não. Acho que se desenvolveu ao longo dos anos. Cresceu. Como uma pérola negra. Ou um tumor. Pierre era diferente. Ele tinha ficado trancado, estático, como uma criança. Mas o outro havia amadurecido nas profundezas da mente de Emile. Aguardando, pareceu-me em retrospecto, o momento perfeito para emergir.

Ele queria uma plateia. Para poder anunciar a si mesmo. O comitê lhe deu uma oportunidade. Queria interrogar Emile. Desde o início, deixei claro que apenas eu trataria Emile, mas então o comitê insistiu em interrogá-lo. Então convidei dois dos médicos, Queneau e Petit, para se encontrarem com Emile no quarto dele. Eles

perguntaram se estava confortável, se tinha percebido algum progresso. Então começaram a falar sobre Pierre, e percebi algo mudando nos modos de Emile. Ele se tornou inquieto, mexendo os joelhos, arranhando os braços. Seus músculos faciais estavam se comportando de modo estranho. Notei Queneau e Petit trocando olhares. Por fim, eles assentiram com a cabeça e se levantaram, e Petit estendeu a mão para o rapaz. O médico esperava que ele retribuísse. Vi Emile pegar a mão de Petit, e uma convulsão correu por seu corpo, como se ele fosse vomitar. Então Emile mordeu o dorso da mão de Petit. Rasgou-a, balançando a cabeça, urrando. Petit guinchava, Queneau chamava Emile de assassino maldito. Dei um salto e uma pancada na nuca do jovem. Ele olhou para cima na hora. Não era mais Emile nem Pierre. Havia sangue em sua boca, nos dentes. Tinha um sorriso malicioso. A cor de seus olhos havia mudado, as pupilas estavam contraídas, eram apenas pontos pretos. Ele disse: Doutor. Em inglês, sussurrando com a voz áspera, doutor. Então a porta foi escancarada, e os enfermeiros entraram às pressas. Vi a criatura correr pelo quarto como um macaco, fazendo-os persegui-la, vibrando e gargalhando enquanto se debatia. De alguma forma, escapou pela porta, e foi encurralado no corredor. Colocaram uma camisa de força e ele foi arrastado até o quarto andar. Ala de segurança máxima. Para os violentos e os desequilibrados. Ele foi colocado em um quarto acolchoado, e ainda estava com a camisa de força, horas mais tarde, quando finalmente me deixaram vê-lo.

O comitê culpou o senhor pelo ataque, é claro? Fui responsabilizado. E eu era o responsável. Ele era meu paciente. Mas Queneau e Petit estavam agindo como se eu os tivesse levado para uma emboscada. Tentei discutir o assunto de forma razoável. Uma terceira personalidade distinta. O caso tinha expandido para outra dimensão. Nenhum hospital na França estava tratando de uma situação assim. Prestígio, publicidade — tive de usar esses termos. E o ferimento na mão de Petit não era grave. Foi uma provocação, não um ataque verdadeiro. A personalidade queria nossa atenção; não poderíamos simplesmente trancá-lo na ala de segurança máxima. Por fim, deixaram-me vê-lo. Nesse momento, é claro, havia apenas Emile, confuso e assustado. Ele não tinha lembrança dos acontecimentos? Alegou não saber de nada. Era um buraco em sua mente. De repente, viu-se em uma cela acolchoada, só isso. Tive de deixá-lo lá aquela noite. Na manhã seguinte, no entanto, um enfermeiro veio me buscar. Ele estava perguntando por mim. Não Emile. O outro.

Ele estava agachado no canto da cela quando entrei. Parecia menor, mais magro que o rapaz. Como um animal mantido em uma jaula. Faminto, calculista, observando-

me. Eu havia levado uma injeção, um sedativo, para caso precisasse. Mas ele ficou lá no canto. Queria conversar. Sabia quem eu era, quem era Emile. Sabia sobre Pierre, sabia por que eles estavam no hospital. Sabia que eu queria estudá-lo. E estava disposto a cooperar. Mas queria coisas em troca. Sair do quarto andar, para começar, voltar para o quarto. Mais tarde, eram outras coisas. Quando consegui agradá-lo, ele me contou sobre a mãe de Emile, o que ela havia feito com eles. Ele tinha lembranças vívidas, logo percebi, esse outro desconhecido. Tinha guardado memórias, todos esses anos, afastando-as da mente consciente de Emile. Todo aquele horror, toda aquela raiva e todo aquele nojo do pai, tão deliberadamente alheio. Tinha de ir a algum lugar. Então a raiva se voltou para dentro. Se você não pode infligir aos outros, aflige a si mesmo. Um tumor maligno. Pierre foi criado como um bode expiatório, mas esse outro segurava o chicote, e Emile estava indefeso entre eles.

Mortificação da carne, meditou Carew. Um tipo de autoflagelação. Então está dizendo que a função de L'inconnu era... a autopunição de Emile?

Jekyll encarava o brilho do vinho na taça com os olhos bem abertos, hipnotizado. *Autopunição*, repetiu ele em voz baixa.

Para quê?, perguntou Carew.

Jekyll passou a língua pelo lábio inferior. Sua boca estava muito seca. Com cuidado, pousou a taça cheia sobre a mesa de vime. *Para fingir, talvez. Todo esse tempo. Fingir ser uma pessoa normal. Não sei.* Um traço de impaciência tinha tomado sua voz. Ele tocou as têmporas, onde começara a latejar. *O senhor vai me perdoar. Foi um longo dia.*

Carew ficou em silêncio, olhando fixamente para a parede escura reflexiva de vidro, o pátio invisível mais adiante. É claro, disse ele. Já é tarde. O senhor foi um ótimo anfitrião. Muito obrigado.

No vestibulo, Carew estendeu a mão longa e fina. Jekyll, disse ele.

Sir Danvers. Jekyll lhe deu um aperto de mão e, em seguida, acrescentou, de súbito: *Sabe, vou dar um pequeno jantar nesta sexta-feira.*

Era muita informação para ser assimilada. Toda essa história de Emile Verlaine era também sobre nós dois. Eu havia crescido ao longo dos anos, como uma pérola negra. Tinha sido seu bode expiatório. Contudo, não tive nenhuma intenção de punir Jekyll. Muito pelo contrário, na verdade: eu queria protegê-lo. Fora *ele* quem correria todos os riscos, atraindo os curiosos para nossa esfera, flertando com a

exposição.

Ele seguiu com os planos para o jantar. Definiu um cardápio com Fanny, a cozinheira rechonchuda de rosto corado. Jekyll vasculhou a adega cheia de teias de aranha com Poole em busca de safras de vinho especiais. Selecionou as taças e a prataria. Aquele jantar outrora havia sido uma tradição no Casarão. Os mesmos seis convidados ano após ano: Utterson, Lanyon, Percy e Osgood, do Grampian, McClure, do clube de esgrima, e Talbot. Talbot estava morto agora, mas os outros cinco viriam, e com Carew seriam seis. Na tarde de sexta-feira, eu estava começando a me contorcer em meu confinamento. Sentia falta de minha casa, de minha cama, de minha Jeannie, até mesmo da velha Mrs. Deaker. Minha vida parecia distante, uma ilusão, como se fosse simplesmente algo com que eu sonhara em uma noite magnífica.

Ressentido, assisti a Jekyll abotoar seu colete acolchoado e vestir seu fraque brilhante e de bom caimento. Ele puxou as lapelas e tocou as abotoaduras, passou a palma da mão nos cabelos repartidos de forma impecável. Minutos depois, recostou-se no batente da porta do salão de jogos no térreo.

Poole estava diante do aparador, vertendo vinho das garrafas nas jarras. O salão de jogos era escarlate, com rendilhado branco. Eu nunca vira esse salão ser usado antes. *Como está o buquê do Lafite?*, perguntou Jekyll ao entrar. Poole girou a garrafa, vertendo as últimas gotas do vinho, e entregou o recipiente a Jekyll, que o girou e sentiu o cheiro pela abertura da jarra. Seus olhos encontraram os de Poole sobre a borda de cristal. *Amadeirado*, disse, devolvendo-o. Ele observou a mesa, sete lugares arrumados, os guardanapos carmesins dobrados em forma de flor sobre cada prato. *Como nos velhos tempos, hein, Poole?* Sim, senhor, respondeu o outro. Como nos velhos tempos.

Jekyll se sentou na cabeceira, Utterson a sua esquerda e Lanyon à direita. Minha atenção não se desviava de Utterson. Eu conseguia ouvi-lo comer, conversando com Carew, a sua esquerda. Um ruído e uma vibração constantes enchiam o salão de jogos. O anfitrião apoiou o cotovelo no braço da cadeira acolchoada e observou a mesa com seu sorriso fixo, agradável. Mas também estava focado em Utterson. Utterson tinha sido o último a chegar. Quando Jekyll trocara um aperto de mão com ele no salão, o advogado não o olhara nos olhos. Ele continuou evitando olhar nos olhos do amigo durante a noite inteira. Agora ambos, Jekyll e eu, estávamos observando-o, sua gravata branca ligeiramente torta, enquanto, com ar sombrio,

ele cortava seu filé e assentia com a cabeça para tudo que Carew dizia. Utterson percebeu nosso escrutínio. Seus olhos nos fitaram. Suas bochechas enrubesceram enquanto ele devolvia o olhar, mastigando. Engoliu e tentou dar um sorriso hesitante. Então Lanyon agarrou a mão direita de Jekyll e a espremeu.

Seu rosto estava vermelho até as raízes dos cachos cor de linho. Ah, sim, Segura-Vela! Sabe que eu estava me lembrando disso outro dia? Estava com um paciente, um caso muito grave, e *Segura-Vela* veio a minha cabeça. Quase tive um ataque de riso! As palavras de Lanyon ecoaram, sua voz soou muito alta. *Sim*, disse Jekyll, distraído, *deve ter sido bem estranho*. Harry!, gritou Lanyon, então soluçou e se balançou na cadeira. Harry, um brinde! Façamos um brinde, pode ser? Ele se virou para a mesa e anunciou: Ei, rapazes, que tal um brinde, o que acham? O anfitrião decide ao que vamos brindar! Houve um breve silêncio. Então Osgood Percy e McClure se uniram ao coro: Ah, sim, um brinde, vamos, doutor, vamos ver se continua afiado! Lanyon cantarolava: Um brinde! Um brinde!, batendo o punho na mesa cada vez que falava. Jekyll ergueu a mão. *Certo, certo*. Ele ficou de pé com sua taça de vinho na mão. De repente, houve um silêncio total. Todos os olhos no recinto se voltaram para ele.

Sua voz estava límpida e tranquila. *Amigos. Velhos amigos. E novos amigos*. Ele apontou com a cabeça para Carew, que estava observando tudo, um dedo sobre os lábios. *Faz muito tempo. Estava tentando determinar isso hoje. Foi em 1876. O último ano em que jantamos juntos assim, neste salão. Há nove anos. Não vou fingir que nada mudou. Foram anos em que tudo começou a mudar. Nós nos reuníamos. E agora começamos a nos afastar, a nos perder. Não acho que seja exagero dizer que cada um de nós já perdeu alguma coisa. Perdas fazem parte da natureza da vida. A regra inevitável. Mas isso não significa que devemos ser complacentes. Podemos recuperar as coisas perdidas. Isto, aqui, o que tivemos certa vez, podemos recuperar, velhos amigos. Devemos recuperar o que é valioso*. Jekyll fez uma pausa maior, olhando para o candelabro. Ele ergueu sua taça. *À amizade. Até o fim*.

Um segundo de completo silêncio. Então Lanyon soluçou uma risada e falou em voz alta: Saúdel! Todos ergueram suas taças e juntos disseram, quase em tom grave: À amizade — e beberam. Jekyll olhou para Utterson e notou um tipo de admiração cautelosa em seus olhos. *A sua saúde, velho amigo*. Utterson balançou a cabeça uma vez. A sua saúde, Harry.

Durante a sobremesa, Lanyon pediu licença e não retornou. Jekyll o encontrou na escuridão da sala de estar, do outro lado do Casarão. Ele estava sentado em um sofá com o rosto entre as mãos, tremendo. Não adianta, falou aos gemidos, agitando o lenço. Não adianta, já não encontro prazer em nada. Deixe-me em paz, Harry, eu lhe imploro. Jekyll o ajudou a se recostar, e Lanyon virou o rosto para as costas do sofá. Sou um idiota, disse, gemendo, tão idiota. Eu só queria que ela voltasse. Quero que ela volte. Jekyll suspirou, e então Lanyon agarrou seu pulso. Harry. Ele engasgou. Eu... devia ter... eu... devia ter deixado você... Sua boca manchada de vinho abria e fechava como um peixe, e os olhos estavam tensos. *Tudo bem*, disse Jekyll. *Vai ficar tudo bem.*

Todos haviam se dirigido ao salão para fumar charutos e tomar um conhaque. Depois de uma hora, os convidados começaram a se despedir, e Jekyll saiu para ver como Lanyon estava. Ele dormia de lado, curvado para as costas do sofá, roncando baixinho. Quando Jekyll saiu da sala de estar, encontrou Utterson e Carew sozinhos no salão principal.

Eles estavam no canto mais distante, à porta que dava para o vestibulo. Jekyll estava oculto por um vaso enorme, esforçando-se para ouvir o que eles sussurravam. Carew se inclinava na direção de Utterson enquanto falava, e Utterson olhava para o outro lado, ouvindo, relutantemente, ao que parecia, até mesmo se inclinando um pouco para trás, como se seus sapatos estivessem pregados no chão. Eles se afastaram quando os passos de Jekyll ressoaram no chão de mármore. E o nosso Dr. Lanyon, disse Carew, está se sentindo melhor? *Ele vai ficar bem.* Houve uma pausa. Bem, continuou o outro, então devo partir. Obrigado, Dr. Jekyll. Sinto-me lisonjeado por ter sido incluído neste jantar. Mr. Utterson, é sempre um prazer. Jekyll lhe mostrou a porta, e, quando a fechou, e se virou, Utterson estava atrás dele no vestibulo. Seus olhos brilhavam à luz da lareira com fogo baixo. Ele respirava pesadamente pelo nariz. *Venha, John.*

No salão, as taças sujas tinham sido levadas, e os cinzeiros, esvaziados. Uma névoa da fumaça dos charutos ainda pairava no ar. Jekyll serviu vinho do Porto em uma grande taça e a entregou para Utterson, então se deixou cair em uma poltrona diante da lareira. Seu coração batia rápido. A sombra do outro homem passou e então se sentou na outra poltrona. Os carvões se partiam como vidro quebrado, quando queimavam e estalavam. Por fim, Utterson disse: O brinde que fez foi memorável, Harry. Você falou sério? *Sim. Falei.* Que bom. Isso significa que você

realmente quer o bem de seus amigos? Jekyll olhou para ele. *Sim. É claro.* Então, Harry, deixe-me ser seu amigo. Deixe-me ser seu amigo e ajudá-lo.

Ajudar-me. Por que acha que preciso de ajuda, John? Porque precisa, disse Utterson. Eu conheço você, Harry. Tanto quanto é possível um homem conhecer outro. E sei que algo não está certo. E ambos sabemos que isso tem a ver com Edward Hyde.

Jekyll olhou para seu amigo, batendo um dedo no couro da poltrona. *Soube que você se apresentou a Hyde. Ele me contou. A princípio, não acreditei nele. A ideia de você esperando pelo rapaz em frente àquela porta... eu não seria capaz de imaginar isso acontecendo.* Não?, questionou Utterson. Você não seria capaz de imaginar isso? De que outro modo eu iria conhecer o homem, Harry? *Mas por que você precisava conhecê-lo? Qual a importância disso?* Qual a importância disso?, repetiu Utterson, incrédulo. Harry, você entregou toda a sua vida a esse sujeito. Se você desaparecer — foi a palavra que usou, *desaparecer* —, aquele homem deve simplesmente assumir sua vida! Você realmente está perguntando qual a importância de eu conhecê-lo? O rosto de Utterson estava alterado com veemência. Ele olhou para dentro da taça de vinho do Porto. Não é uma simples curiosidade; não estou bisbillotando seus negócios, nunca fiz isso. Mas corre uma conversa. Sobre Mr. Hyde. Seu comportamento, seu caráter. Tenho ouvido coisas. *Prrossiga*, pediu Jekyll. *Que coisas?* Certamente você conhece o caráter dele melhor que ninguém. *É claro. E bem sei como o caráter é distorcido pelas fofocas.* Então, por favor, esclareça-me. Não, não é disso que vim falar. *John, quero saber o que você ouviu. Que comportamento?* Ah, inferno, próximo à porta de sua casa, Harry, o homem tentou atacar uma jovem, uma criança. Foi o que ouvi. Tudo bem? Satisfeito?

Jekyll o encarou como se uma válvula se abrisse em sua mente. É claro. Enfield. Richard Enfield, o salvador da garotinha. Utterson o conhecia. Eles eram primos distantes, aparentados de forma pouco clara. Juntos, faziam caminhadas aos domingos. Jekyll o conhecera anos atrás. Foi assim que Utterson soubera que devia esperar na porta da Castle Street. Não fora Poole quem havia contado a ele. Enfield lhe dissera que eu tinha entrado por certa porta e Utterson sabia exatamente qual era.

Ele estava observando a reação de Jekyll. Jekyll pigarreou. *Escute. Também já ouvi essa história. Ele não estava tentando atacar aquela garota. Isso é mentira, tenho certeza. Veja, é exatamente isso o que quero dizer sobre fofocas, como o caráter é...* Não

me importo, interrompeu Utterson, também não estou interessado em fofocas, como já disse. Harry, ouça. Foi isto que vim lhe dizer esta noite. O que quer que você tenha feito, eu não me importo. Não importa o que tenha levado a esta situação, não importa o que você tiver feito que tenha levado aquele homem a se aproximar de você. Nunca o julguei; não tenho esse direito. O que quer que ligue você a esse homem, eu posso ajudá-lo a se libertar. Não precisa fazer isso sozinho. Harry, pelo amor de Deus, deixe-me ajudá-lo!

Seu rosto tremia, e Jekyll teve de desviar o olhar para a ponta brilhante de seu sapato que balançava. Por um longo tempo, ele não conseguiu falar. *John*, disse, finalmente. *Estou emocionado. Perdoe-me pelo tom que usei. Você está preocupado, e isso é um grande alívio. Saber que você faria tudo a seu alcance para me ajudar. Se eu precisasse de ajuda. Mas, como já falei, não preciso. Edward Hyde não tem nenhuma influência sobre mim. Estou interessado nele, e quero vê-lo ser bem-sucedido, atingir seu potencial. Os detalhes daquele testamento são peculiares, admito, mas há uma razão, uma excelente razão, por trás deles. Sinto muito, mas não posso lhe explicar. Não posso mesmo.* Por quê?, perguntou Utterson. Por que não pode explicar? *Porque você não iria entender. Não diga que sim, porque você não entenderia. Não é sua culpa. Mr. Hyde não é um homem agradável. Ele perturba as pessoas. Estou ciente disso. As pessoas, em sua maioria, quase todas, sentem repulsa quando viram uma pedra grande e se deparam com coisas viscosas. As pessoas não querem ser lembradas que as coisas podem crescer e prosperar em tais condições. Mas é assim que elas foram feitas. É assim que se parecem. E, para certos olhos, elas parecem muito interessantes.* Então ele é um espécime científico, é isso? *Se quiser entender assim. Mas um espécime muito raro, em perigo de extinção, sem o...* O apoio para que floresça, sim, sim, interrompeu Utterson, exaurido. Ele balançou a cabeça, olhando para o fogo. Jekyll o deixou refletir um momento e, então, inclinou-se e segurou o antebraço do amigo. Utterson olhou para a mão de Jekyll, firme e com grandes veias, então voltou os olhos para cima, para os olhos do anfitrião. *John, se realmente deseja me ajudar, se quer que eu tenha paz de espírito, então faça o seguinte. Prometa que vai honrar minhas instruções, se algo acontecer. Assegure-se de que ele receba o que lhe deixei. Confie que sei o que estou fazendo e prometa. É assim que você pode me ajudar.*

Lentamente, Utterson assentiu com a cabeça, uma vez, como se estivesse hipnotizado.

Tudo bem, disse. Eu prometo.

SEGUNDO DIA

Crepúsculo

O céu está arroxeadado por trás da silhueta das chaminés do Casarão. Poole não demorará muito para trazer o jantar. Não que eu pretenda comer; meu estômago ainda se contorce quando penso em comida. Mas começo a encontrar conforto na rotina. Ele é como o passarinho de um grande relógio cuco, saindo duas vezes ao dia da porta do jardim de inverno, com sua bandeja de prata coberta por um cloche. Esta manhã, na verdade, quando deslizei escada abaixo para pegar o desjejum no degrau do meio, percebi que o movimento desse relógio é a medida de minha vida. Enquanto Poole continuar trazendo as refeições de Jekyll através do pátio, permaneceréi vivo.

Há algo distintamente ritualístico nesse gesto. Ele sobe exatamente até aquele degrau do meio — a divisa entre meu mundo e o dele —, em seguida se ajoelha para depositar sua oferenda, como o adorador de um deus terrível em seu templo. Então desce e se retira para a casa, e o deus terrível sai de sua toca para tomar posse de sua recompensa. No desjejum: um aspic de ovo, uma tira de bacon com bastante gordura, uma fatia de tomate grelhado e algumas batatas pequenas cozidas, balançando sobre o prato. Não consegui comer, mas não quero que Poole pense que Jekyll está morrendo de fome, então fui cortando tudo e joguei o conteúdo do prato pela janela, para o cascalho do térreo, onde Jekyll costumava esvaziar seu penico. (Desconfio de que Poole tenha se esforçado para ignorar a imundice deste lado da propriedade, por onde jamais passa ao sair ou voltar a casa.) A seguir, cubro o prato e levo a bandeja de volta, escada abaixo, para o altar, para Poole substituí-la pela do jantar. Um ritual. Um ciclo de vida.

Assegure-se de que ele receba o que lhe deixei.

Como essas palavras parecem proféticas agora. Como se ele soubesse exatamente

qual seria minha herança. Isto. Ele deixou isto para mim.

Depois da festa, Jekyll conduziu Utterson à porta da frente. Utterson ficou na varanda, acabado e abatido, um traço de petulância em seu lábio inferior, quando olhava para Jekyll na porta. O anfitrião ergueu a mão e fechou a porta e, em seguida, foi procurar Poole.

Não consegui encontrar-lo nem lá em cima nem lá embaixo. Por fim, foi ao salão lateral, até a fenda na parede. Ele empurrou, e o painel estalou, então abriu a porta o suficiente para poder deslizar para a área dos empregados. O longo corredor de serviço se dirigia para a esquerda, até a porta preta no fim do pátio, mas, em vez de seguir esse caminho, Jekyll passou pela porta estreita à direita. Um corredor mais curto, com apenas uma porta no fim. Ele bateu, e, depois de um tempo, Poole abriu. Estava arrumando as abotoaduras, como se tivesse acabado de vestir o paletó. Seu olhar mudou de imediato ao ver Jekyll a sua frente. Senhor, perdoe-me, Mr. Utterson se foi?

Atrás de Poole via-se seu quarto imaculado: uma escrivaninha, a estante, a cadeira de couro com um apoio para os pés, a mesinha com um copo de licor âmbar. Jekyll pôs a mão no ombro do homem, e deu um leve apertão. Poole não o traíra. *Está dispensado por esta noite*, avisou. *Eu só queria lhe agradecer. Tudo estava perfeito.* Poole baixou os olhos. Não há de quê, senhor. Jekyll manteve a mão em seu ombro por mais um tempo, então o soltou. *Além disso, parto amanhã de manhã, por uma semana ou duas. Tenho de voltar à Escócia, infelizmente surgiram questões sobre a propriedade. Talvez eu aproveite para tirar férias curtas. Então talvez não me veja aqui pela manhã.* Poole ergueu o olhar, e seu rosto transparecia alguma coisa, como um movimento atrás de uma cortina.

É sempre uma pena quando parte, senhor. Até a volta, então.

Sim. Até lá.

Preciso me lembrar disso com cuidado. No gabinete, Jekyll retirou a gaveta E do armário e a colocou sobre a mesa. Pegou o frasco de pó fechado com uma rolha e o sopesou. Estava quase vazio. Havia uma dose do resíduo branco depositada no fundo. Ele voltou ao armário e puxou a gaveta H, no canto inferior esquerdo. Agora, quantas barras ainda havia?

Jekyll encomendara o produto no Maw, em Londres, onde já havia comprado o

pó original, enquanto tratava Emile Verlaine na França; ainda tinha seis barras envoltas em folhas metalizadas, embaladas lado a lado na caixa de madeira, quando enviara seus pertences de Paris ao Casarão. Fomos gastando o estoque desde outubro, e estávamos em fevereiro ou no início de março. Devia haver quatro barras restantes. Quatro barras prateadas, um tijolo pesando meio quilo cada, estocadas na gaveta H naquela noite. O suficiente para durar por mais um ano, talvez. Mas o que Jekyll planejava fazer quando o estoque baixasse? Encomendar mais? Ou ele já sabia que não haveria mais, que aquele produto era o último existente?

Eu não estava preocupado com quanto tempo o pó duraria ou o que aconteceria quando terminasse. Era problema de Jekyll, e eu ainda confiava nele. Só queria sair — voltar a minha vida! Com impaciência, observei-o desembulhar uma das barras da folha metálica, fragmentar o bloco, transformando-o em um pó branco e seco, e raspá-lo, depositando-o no interior do frasco com tampa de rolha. Ele amassou o invólucro prateado, moldando-o como uma bola apertada, e a jogou no lixo ao lado da escrivinha, então tirou o fraque e ergueu a garrafa carmesim contendo um líquido alcoólico com cheiro de uísque, que ficava acomodada na gaveta E. Puxou a rolha e derramou uma porção exata em um balão de Erlenmeyer. Com a colher de bronze, pegou um pouco do pó branco, retirou o excesso da borda e colocou no frasco, dando toques leves com o dedo na colher. O líquido carmesim começou a espumar imediatamente e a se tornar preto arroxeado, antes de efervescer e adquirir um tom verde pálido, totalmente transparente. Ele transferiu o soro para um frasco de vidro estreito e fechou com a rolha de borracha preta, então pegou a primeira seringa pelas alças de aço. A agulha atravessou a rolha, e, como o bico de um colibri, sugou o fluido até a linha média branca do cilindro. Jekyll recolocou essa seringa no interior vermelho da caixa da Milward e pegou a segunda. As mãos ágeis executaram a operação com automatismo muscular — ele o faria até de olhos vendados. Por fim, despiu-se totalmente, pendurou as roupas no guarda-roupa e enrolou o torniquete de borracha gelada em torno do bíceps esquerdo. Eu sentia a pressão zunindo nas veias do braço enquanto Jekyll fechava o punho, então o aço perfurando a pele. Eu estava por um fio — antes que o êmbolo fosse pressionado —, então fui empurrado para a frente, em uma espiral centrífuga, como se a sala girasse ao redor de seu eixo, lançando-me para cima e para o corpo com uma contração nauseante.

Desajeitado, caminhei trôpego, a pele formigando com o ar, como flocos de neve

se dissolvendo. Peguei minhas roupas no guarda-roupa e as vesti de qualquer jeito, sem me importar com qual botão passaria por qual buraco. Afundei minha velha cartola até cobrir as rugas da testa; peguei minha fiel bengala e fiz a pausa usual diante do espelho pivotante. Minha mão tremia quando a estendi para tocar o reflexo, então pressionei a palma da mão fria na parte de baixo do espelho. Quando descolei minha mão de lá, uma mancha úmida se encolheu e desapareceu.

Um ar fresco maravilhoso correu através de minhas roupas mal-abotoadas; os cheiros de fumaça de carvão e névoa e levedura de cerveja penetraram minhas narinas. A lua estava crescente, fragmentos de nuvem corriam sobre minha cabeça, e o Soho brilhava como se um lodo de algas pretas revestisse as pedras. Um instinto de familiaridade me puxava de volta para Ghyll. Eu tinha de me assegurar de que era real. Mergulhei na esquina retorcida e lá estava ela, encaixada em seu recesso, uma ondulação de luz pálida sobre as escamas de seu telhado — e meu coração quase explodiu; tive de me apoiar na parede, mal acreditando.

Quando cruzei o pátio de paralelepípedos, o anjo de pedra em decomposição no alto do chafariz parecia virar a cabeça para me observar. Subi os degraus arredondados e entrei. O vestíbulo sepulcral, seu familiar cheiro de amônia. Dirigi-me à sala de estar, onde uma luz pálida entrava pelas janelas da frente. A flor ainda estava lá, em sua mesa iluminada pelo luar. Parecia adormecida, sua coroa de pétalas douradas curvada para baixo. Estendi um dedo, acariciei o caule recurvado e peludo.

O patrão voltou, grasnou Mrs. Deaker atrás de mim.

Virei-me. A bruxa estava sentada à porta, na poltrona — mais uma vez, eu havia passado direto por ela. Quase dei uma gargalhada, de tão aliviado que fiquei ao vê-la. Tudo estava como eu deixara. O patrão voltou, sussurrou Mrs. Deaker novamente, de suas longas viagens.

Joguei meu chapéu no sofá e deixei minha bengala cair no tapete com baque surdo. *Voltei, de fato. A senhora mora nessa cadeira, Mrs. Deaker?* Ela riu, sussurrando algo para si mesma. Então estendeu a mão para mim. Ajude uma dama a se levantar. Sua pele estava surpreendentemente macia, mas os ossos e os tendões me agarraram com a força de um falcão. Ajudei-a, e, enquanto ela balançava, senti o aroma de seu corpo fecundo. Ela cambaleou e colocou a mão em meu tórax, em seguida olhou para mim, seus olhos como discos de gelo, seus pequenos dentes à

mostra em um sorriso novo e sugestivo. Riu novamente e murmurou como se me repreendesse: Patrão. Seus dedos eram como aranhas andando pela frente de meu colete.

Dei um passo para trás. Por meio segundo, a perspectiva passou por minha mente — depois suprimi um tremor, dirigi-me ao aparador, servi-me de um copo de xerez ácido e tomei de um gole. Levei uma dose para Mrs. Deaker e ela aceitou, a cabeça inclinada, os dentes brilhando. Tenho uma surpresa, anunciou ela. *Ah?* Mrs. Deaker assentiu. Venha.

Ela me levou para cima, segurando à frente a instável lamparina a óleo com a qual circulava durante a noite. Segui-a até o último andar, onde era meu quarto, e, quando chegamos ao alto da escada, ela olhou para mim, e vi que sentia medo. De repente, senti-me assustado. Ela se virou e me levou até o fim do corredor, onde ficava o quarto vazio. Era apenas um quarto vazio. À porta, Mrs. Deaker ergueu um dedo até os lábios e fez: *Shh*.

A grande *chaise longue* de veludo fora trazida de meu quarto. Estava sob a janela, na parte com teto inclinado, e a mesma luz pálida iluminava o braço curvado do móvel, onde alguém estava dormindo. Olhei para Mrs. Deaker, então entrei no quarto. Era Jeannie, seu braço magro de marfim cobria parte do rosto. Fui pé ante pé em direção a ela e então parei, congelado, quando a metade da *chaise longue* nas sombras se revelou. Algo estava errado; havia muitas pernas e braços. Estreitei os olhos. Outro corpo dormia ali também, deitado no lado oposto. Uma garotinha, com um braço jogado para fora da *chaise longue* e uma perna sobre os joelhos de Jeannie. Estremeci. O rosto da garota estava de lado, e eu conseguia ver apenas uma orelha pequena, opalescente, recurvada como uma concha, uma marca de nascença abaixo dela. Olhei de relance para Jeannie e encontrei seus olhos abertos e fixos em mim. Senti-me estranhamente culpado, como se fosse pego em algum ato furtivo. Ela ergueu as pernas da garotinha de cima de seus joelhos e escorregou para fora do divã. De pés descalços, ela se aproximou, segurou meu dedo, e me levou de volta para a porta. Mrs. Deaker estava lá com sua lamparina. Mocinha, sussurrou ela, e colocou sua mão velhusca sobre a cabeça de Jeannie. Ambas olharam para cima, para mim.

Em meu quarto, servi-me de gim e me postei às portas da varanda. De repente, eu desconfiava daquela recepção. Tudo estava errado — estavam me oferecendo coisas

demais, rápido demais; primeiro, o sorriso sugestivo de Mrs. Deaker e, agora, isto. Havia um elemento conspiratório em jogo. Voltei-me para a cama e encontrei Jeannie sentada na beirada, despida e com os pés balançando, olhando-me com olhos cautelosos, com olheiras. Deus, esses pés bem-torneados — fiquei paralisado com o desejo de me afundar diante deles, pressioná-los em meus sentidos. Mas me mantive firme do outro lado do quarto, tomando minha bebida. *Bem, pode começar a contar.*

Depois que nos separamos, há uma semana mais ou menos, Jeannie disse que tinha ido para casa, e encontrara a irmã, Dorie, sozinha. Durante dois dias seu pai não havia aparecido. Então uma senhora de idade bem-vestida chegara afirmando ser tia de seu pai, explicando que ele escrevera para ela, que estava enfrentando alguns problemas, e se ela cuidaria das garotas, em sua casa, até que pudesse buscá-las. De alguma forma, convencera Jeannie e a irmã a pegarem a carruagem que as esperava lá embaixo, e seguiram em direção oeste, chegando a uma casa grande em alguma praça obscura. Foi quando Jeannie tivera um pressentimento terrível. Não era uma casa de verdade. Parecia uma *casa de fachada*, disse ela. Quando o condutor as tinha ajudado a descer para o meio-fio, ela conseguira chutar a canela dele, agarrar Dorie e fugir, e se esconder atrás de umas latas de lixo.

O que você acha que era essa casa de fachada?

Uma casa para moças, respondeu Jeannie, obviamente. São montadas em lugares chiques assim, pegam as garotas da mesma forma como quase como nos pegaram. Elas são trancafiadas em gaiolas, ouvi dizer, e os homens podem traçar as meninas através das grades, se quiserem. Não acredita em mim? Nunca ouviu falar nessas casas para moças?

Já ouvi falar.

Jeannie me encarou por mais um tempo, desafiando-me a duvidar dela. Então olhou para suas mãos no colo. Bebi meu gim, deixei o copo cair no tapete e me aproximei dela lentamente. Seu corpo ficou tenso quando pressentiu minha aproximação, mas Jeannie não olhou para cima até que eu estivesse sobre ela, ofegante, o desejo ardente coagulando de minhas entranhas até a língua. Ela ergueu o rosto — determinada, até um pouco desafiadora. No entanto, quando seus olhos encontraram os meus, uma dúvida inquieta abafou toda a sua rebeldia, como se tivesse visto algo atrás de mim. Captei um vislumbre de algo escuro se movendo a minha esquerda e me virei para o espelho gigante colocado contra a parede. Por um momento, pareceu-me uma porta para outra sala, para outra dimensão, onde

estaria meu duplo, pálido e atrofiado, avançando com uma mão furtiva em direção à cama. Olhei para minha mão. Estava se elevando, dedos prestes a pegar uma mecha dos cabelos de Jeannie. Como se *eu* fosse o reflexo. Retraí a mão. Minha cabeça latejava.

É melhor você voltar para a cama.

Na manhã seguinte, caminhei cambaleando até a varanda decadente e vomitei uma golfada de gim e restos não digeridos por cima da grade, salpicando as pedras lá embaixo. Fiquei lá balançando, na brisa morna, a cabeça desnorteada. O que comi ontem à noite? Não conseguia me lembrar de nada desde o momento em que Jeannie saíra de meu quarto. Um branco total. Explorando minha boca azeda com a língua, alcancei um pedaço de algo preso a meu molar, que cuspi na palma da mão. Um fio viscoso de cartilagem cinza. Enojado, joguei-o através da grade, fechei meu roupão, e fui cambaleando pelo andar superior até o quarto onde elas estavam. A porta fora deixada entreaberta.

O cômodo estava vazio. Só a *chaise longue* e um cobertor dobrado com cuidado na parte traseira. Um raio de sol entrava pela janela e chegava ao assoalho. Senti o cheiro das garotas no ar, como pão quentinho.

As três estavam lá embaixo, na cozinha. A mesa fora posta para quatro. Jeannie e Dorie estavam sentadas frente a frente, enquanto Mrs. Deaker manejava o fogão. Café e bacon gorduroso; meu estômago se revirou com náusea. Elas olhavam para mim, na soleira da porta, enquanto eu olhava para a imagem turva da pequena Dorie empoleirada na cadeira grande de madeira. Tinha certeza de que já vira a garota antes, em uma pintura em algum lugar, essa criança de tirar o fôlego, com cabelos loiros e pálidos, e olhos verdes felinos. Jeannie acenou para ela, um gesto que possuía uma mensagem implícita, e a garota suspirou e pulou obedientemente da cadeira, contornou a mesa e veio até mim. Ela fez uma rápida reverência, murmurou algo, com extrema polidez: Senhor. Em seguida, tocou minha mão, enorme e com veias grossas, e a pegou com seus dedos perfeitos em miniatura. Observei-a, sentindo vertigem, curvar-se e mal beijar o dorso de minha mão. Então Dorie correu para a cadeira e se sentou novamente. Mrs. Deaker me olhava, segurando uma espátula preta com o cabo trançado. Bom dia, patrão. O café está servido.

As gemas estavam moles. O bacon não estava queimado e o pão, frito no ponto exato. Observei Mrs. Deaker cortando seu ovo com garfo e faca, fastidiosa. Eu me

senti enjoado e desconfiado, e até mesmo estranhamente tocado por toda a produção que parecia ter sido feita para mim. Havia até creme de leite fresco para o café em um pequeno frasco azul. As senhoritas comeram em um silêncio agradável, como se tomar o café da manhã juntos fosse algo que fizéssemos todo dia. Dorie arrancava pedaços do bacon com os dedos e os mergulhava na gema, examinando o teto com muito interesse enquanto mastigava. Era possível ver uma marca de nascença sob sua orelha delicada, um grumo marrom maior em sua garganta. O que ela fazia em minha casa? Eu não havia acabado de pensar que as coisas estavam se tornando muito grandes, muito complexas, que precisávamos simplificar nossas vidas? Olhei de relance para Jeannie e a peguei me observando atentamente, como se lesse meus pensamentos. Eu realmente devia acreditar que seu pai tentou vendê-las para uma casa de moças? Isso importava? Ela veio para cá — para mim — para minha proteção.

A garota carregou os pratos para a pia e começou a lavar a louça, enquanto Mrs. Deaker permanecia à mesa com as mãos manchadas cruzadas regamente. Quando nossos olhares se cruzaram, ela ergueu as sobrancelhas prateadas e, como um eco, ouvi-a sussurrar: O patrão vai ver. Arrastei minha cadeira para trás e me levantei, instável. *Bem, anunciei, estava delicioso. Acho que preciso de um cochilo.*

Jeannie tinha se virado com um prato pingando nas mãos. *Quando terminar.*

Seu vestido era amarrado nas costas; rasguei o nó e arranquei os cordões, abrindo-o e jogando as roupas no chão do quarto. Mais tarde, com uma perna ágil enganchada sobre meu ombro, passei meus lábios por seu pescoço, por seu queixo, e os pressionei contra os lábios dela. A língua de Jeannie invadiu minha boca, e esse contato molhado, novo, liberou uma descarga elétrica; nosso primeiro beijo de verdade. Selvagens, sedentos, sugamo-nos, os dentes de um batendo nos do outro. Quando acabamos, ela ficou deitada de lado, e o contorno de seu corpo foi iluminado pela luz. Toquei meu lábio inferior e dele verteu um pouco de sangue.

Seu pai... Onde você acha que ele está?

Sua pele ficou tensa. Ela deu de ombros. *Jeannie*, chamei, e ela se virou para mim. Seus dedos corriam pela borda de cetim da fronha. Você quer que a gente vá embora? *Não. Eu não quero isso. Quero que fiquem. Mas quero saber se seu pai irá mudar de ideia e virá atrás de vocês.* Ele não sabe onde você mora, disse Jeannie. *Tem certeza?* Ela deu de ombros outra vez. Certeza absoluta. De qualquer forma, ele nem está em

Londres, como eu disse. Foi embora. Ele odeia a cidade, sempre falava isso, e que preferia estar no campo, essas coisas. Deve estar lá.

Simples assim? Você nunca mais vai vê-lo?

Ela ergueu os olhos para me observar. Afastei uma mecha de cabelos de sua testa. *Ele não se esquecerá de vocês. É importante que entenda isso. Em algum momento, tentará encontrá-las. Dirá que está arrependido.* Pousei meu dedo na bochecha de Jeannie. *No escritório de meu pai, havia uma porta em um canto escondido. Ela dava em uma escada de caracol. Ao pé da escada havia outra porta. Bem pequena. Como um armário pequeno. Era preciso entrar agachado. Calabouço, era como meu pai chamava o cubículo. Ele me deixava lá. Dizia que era como um treinamento. Para aumentar a resistência. Algumas vezes, ele me fazia tomar uísque, como preparação. Ou cheirar cocaína. Já provou cocaína?* Jeannie negou solenemente com a cabeça. *Que bom.* Desviei o olhar para a porta da varanda, para o céu esbranquiçado, monótono. *Na última vez, ele me deixou lá por dois dias inteiros. Carlton acabou me tirando. Carlton era nosso mordomo. Ele reuniu todos os homens da casa, e arrombaram a porta do escritório. Como em um motim. Eu teria adorado ver a cena.*

Minhas pálpebras estavam pesadas. Fechei os olhos. Um burburinho em meus ouvidos — eu ouvia papai gritando, jogando e quebrando coisas, mas o som era abafado, distante. *Não se preocupe,* murmurei. *Estamos todos em segurança agora.*

Mas eu não acreditava naquilo. Quando acordei mais tarde, Jeannie havia partido, e a porta da varanda rangia ao vento, batendo na cadeira decorada da escrivaninha. Sonhara com Ghyll, como costumava ser, centenas de anos atrás, em seus dias de glória, quando uma família feliz e inocente tinha vivido aqui, alheia a sua perdição. Do sonho, cheguei a uma conclusão, uma espécie de profecia terrível. Mas, enquanto passeava os olhos pelo quarto, não conseguia lembrar qual era. As coisas estavam mudando. Tornando-se mais complexas. Enquanto Jekyll planejava seu jantar — e eu ficara trancafiado, preocupando-me com Utterson e Poole —, minha vida aqui se metamorfoseara em algo quase irreconhecível. Esta farsa de vida familiar, na qual eu tinha meu papel a desempenhar. Não confiava naquilo. Não era nem pai nem provedor. E, mesmo assim, sentia como se eu também estivesse mudando, evoluindo. Não me sentia eu mesmo, simplesmente não me reconhecia.

Caminhei pelos andares mais altos, silenciosos e apavorantes e desci até a sala de

estar, de onde ouvia vozes. Mrs. Deaker e Jeannie estavam sentadas no sofá, e Dorie, no chão, com o vaso de flores na mesinha entre elas. Estavam fazendo uma espécie de brincadeira, conversavam com a flor, uma após a outra. Dorie sussurrava com as mãos formando uma concha em volta da boca. Mrs. Deaker ergueu o olhar e me viu junto à porta, e as garotas também me fitaram. Fui até o aparador e me servi de uma taça de xerez; minhas mãos tremiam. Doris, disse Mrs. Deaker, talvez o patrão queira dizer algo para o Sr. Girassol.

Virei e me deparei com a garotinha segurando o vaso. Doris, disse Mrs. Deaker, por que não deixa o patrão experimentar? A flor é dele, afinal. A garota continuou a me encarar com seu olhar frio e mal-humorado, até que Jeannie disse, repreendendo-a: Dorie. Ela colocou o vaso na beirada da mesa, onde Jeannie o amparou, antes que caísse. Um breve silêncio. *Muito bem*, eu disse, examinando a flor. Parecia estar desabrochando, na verdade. As pétalas douradas coroavam sua face lisa e exuberante, como uma juba. A flor estava ligeiramente inclinada, como se fizesse uma pergunta.

Você tem de *conversar* com o Sr. Girassol, disse Dorie, no mesmo tom irritante que Jeannie usava quando algo lhe parecia especialmente óbvio. Sorri para a garotinha. *Mas estou conversando com ele. Estou falando mentalmente. É a única maneira que ele consegue ouvir a gente.* Ela estreitou os olhos. *Assim*, sussurrei, *posso ouvi-lo também. Posso ouvi-lo agora, na verdade. Que interessante. Quer saber o que ele está dizendo sobre você?*

Dorie me analisou por algum tempo. Então levantou e pegou um espanador do sofá e caminhou para a janela, cantarolando baixinho.

Passei aquela tarde inspecionando a área externa da Ghyll. Se eu realmente precisava proteger essas pedras preciosas em minha fortaleza gélida, teria de determinar se a casa era mesmo segura. Tranquei a porta da frente e tentei empurrá-la e entrar à força. Espiei a caixa de correio de bronze no recesso do vestibulo, então enfié o máximo possível de minha mão lá dentro. Esgueirei-me até o corredor estreito ao lado da casa, chegando ao beco pavimentado de paralelepípedos irregulares sob a varanda, onde restos de meu vômito secavam sobre as pedras irregulares. Um cano enferrujado subia a parede da casa até a varanda; dei um puxão nele, pensando se era possível que alguém o usasse para escalar. Quando me afastei, piscando para eliminar ciscos de ferrugem de meus olhos, senti algo nas pernas e encontrei um gato sarmento esquelético se esfregando em minhas

canelas com um ronronar de satisfação. Enxotei o pedinte e me volvei para a porta dos fundos da Ghyll, que ficava a alguns degraus deteriorados da rua e nunca era usada. A fechadura parecia frágil, como se um empurrão com o ombro fosse suficiente para abri-la. Voltei para a frente e segui pela cozinha, indo até a escadaria que levava à adega subterrânea, para onde a porta dos fundos se abria, e empurrei um baú antigo e coberto de poeira para obstruir a entrada. Limpando as teias de aranha do rosto, sentei, cansado, no baú. Não fiz grande coisa, é claro. O que quer que estivesse por vir, não entraria em minha vida por esta porta dos fundos nem escalaria o cano até a varanda. Mas o que mais eu podia fazer? A ameaça era muito difusa e indefinível. E a casa era bem maior do que eu imaginava.

Nos dias seguintes, passei a prestar atenção em todo espaço vazio da Ghyll. Após o desjejum, Mrs. Deaker explorava a casa com as garotas, indo aos andares entre o térreo e o de meu quarto, para se distraírem com suas brincadeiras peculiares. O silêncio se infiltrava como um gás letal que emanava das paredes, deixando-me nervoso, hipersensível a cada grito e gemido. Eu saía à procura delas só de ceroulas, para poder observá-las sem ser notado. No salão desolado do segundo andar, espiei-as sentadas em um triângulo sobre o tapete surrado, com as mãos sobre uma fogueira imaginária no centro, de olhos fechados, balançando, uma convenção de bruxas. Em um quarto estéril no terceiro andar, encontrei Dorie deitada no assoalho, as mãos cruzadas sobre o peito, fingindo-se de morta, enquanto Jeannie e Mrs. Deaker, de pé sob a sepultura, proferiam um elogio fúnebre, tentando fazê-la rir. Essas brincadeiras me deixavam nervoso. Não gostava de ver esses recantos vazios de minha casa, lugares onde uma pessoa poderia se esconder, viver, mover-se furtivamente, sem levantar suspeita. Como se quisessem provar isso, às vezes as garotas simplesmente desapareciam, sumindo por horas em uma versão de esconde-esconde digna de um pesadelo, em que todos se escondiam e ninguém procurava. Exceto eu. Rastejando de andar em andar, abrindo armários e roupeiros, puxando as cortinas, perscrutando vestiários, e, uma vez, até pressionando a orelha contra o assoalho, quando ouvi um sussurro vindo debaixo das tábuas. No salão do segundo andar, olhei para um quadro na parede, uma paisagem marítima prateada ao luar, com uma figura escura visível ao longe. Observei a figura com atenção, tomado pela louca fantasia de que uma delas estaria escondida *dentro* da tela. Virei-me e não examinei a paisagem marítima de novo, com medo de que a imagem talvez tivesse se movido. Afinal, onde *ficavam* seus esconderijos impossíveis? Onde eu não

havia procurado?

Então me lembrei da adega subterrânea e passei uma hora infrutífera revirando as teias de aranha abandonadas e a bagunça de móveis antiquados e quebrados, cabeceiras e cadeiras e uma penteadeira dourada deixada para trás pela grande família quando partira daquele lugar. Verifiquei o interior do baú antigo colocado na frente da porta dos fundos, então subi resoluto para a cozinha. Eu queria muito escapar da casa sufocante. Fazia dias que não saía para uma caminhada tranquila. Contudo, não gostava da ideia de deixar as garotas sozinhas. Na adega, eu atravessara uma teia de aranha pegajosa, e estava retirando restos dela de meu rosto enquanto atravessava a cozinha quando ouvi uma pancada, uma batida, e gelei. O barulho tinha vindo da pia. Os canos? Meus olhos se voltaram para baixo da torneira e da bacia de porcelana, e se fixaram na portinhola do armário onde ficava o sifão. Uma porta de madeira branca com uma maçaneta preta. Minha boca ficou seca. Fiquei de cócoras diante dela, toquei a maçaneta. No começo, a porta emperrou e, então, abriu com um rangido — e me deparei com Dorie encolhida lá dentro, retorcendo os pés atrás do cano de ferro em forma de U. Feche isso!, sussurrou ela para mim. Estou me escondendo! Eu só conseguia encará-la, estarrecido. O calabouço de papai estava aqui em minha casa, escondido atrás da portinhola debaixo da pia. Dorie estivera escondida lá esse tempo todo? Feche isso, feche isso!, sussurrou ela novamente. Estou me escondendo! A menina esticou a mão para agarrar a porta, e vi a silhueta de papai agachado contra a luz de seu escritório. O brilho desaparecia conforme ele nos fechava lá, sumindo até restar um filete, alguns grãos dourados. A porta do armário se fechou e engatinhei, movendo-me pelo chão da cozinha.

Arrastei-me para uma cadeira. Minhas mãos tremiam, e a pálpebra esquerda vibrava freneticamente, fazendo com que a luz forte e alaranjada do sol nas janelas imundas parecesse oscilar. Pressionando o olho, vi a porta novamente — a porta do calabouço, com cintas de aço nas extremidades e uma prancha de madeira pesada fixada entre elas. Tudo tinha voltado. Clamara seu nome e o invocara, como uma maldição. Fechei o outro olho e pressionei os globos oculares com a palma das mãos, desejando que a imagem fosse embora, sentindo a cadeira de repente se inclinar para trás, como se toda a sala estivesse girando e prestes a ficar de ponta cabeça...

E então eu já estava descendo a rua. Minha bengala batendo ritmadamente nas pedras do calçamento, e o ar fresco se esgueirando por meu colarinho. Toquei meu

rosto pegajoso, a aba da cartola, piscando diante da casa de tijolos rústicos banhada por uma névoa perolada, a fileira de pombos pretos sobre um fio esticado acima da rua, as pessoas caminhando a passos lentos. A descontração enganosa desta cena. Eu caminhava decidido, embrenhando-me por uma rua estreita, e então me virei novamente, por fim me deparando com uma ruela arruinada, espiando uma placa sobre um lance de degraus íngreme que descia. As letras pintadas estavam ilegíveis. Era como se as pessoas dessem uma facada na placa de madeira sempre que passassem por ela. Olhei para trás, então desci os degraus escorregadios até o dreno aberto na base da escada e entrei furtivamente no pub.

De pé-direito baixo e espremido, o lugar cheirava a urina. Havia alguns homens sentados em banquetas ao longo do balcão do bar; caminhei por trás deles, esgueirando-me pela parede da adega, até chegar a uma banqueta vazia, que balançou para um lado quando me sentei. O velhote barbudo atrás do balcão se aproximou mancando, e pedi gim, cauteloso. Ele colocou um copo diante de mim com um líquido transparente que tinha o cheiro do produto que Mrs. Deaker usava na faxina.

Parecia que eu fora conduzido até ali, àquele lugar vil e desconhecido. Como se por alguma mão escura mergulhada em meu cérebro, manipulando meus impulsos. Sim, era inegável que algo estava se infiltrando em minha vida, como redemoinhos de tinta na água. Encarei meu copo, lascado e opaco, e o tomei de um gole. Então olhei para a esquerda, para o homem que havia acabado de se esgueirar atrás de mim. Diante do balcão, ele tirava as luvas, dedo por dedo.

Ele as enfiou dentro da cartola, e a colocou de cabeça para baixo sobre uma banqueta. Desabotoou o sobretudo e apoiou a mão fechada no quadril enquanto se curvava até o balcão, e a luz turva captou a textura escamosa de seu colete esmeralda.

Eu conhecia esse homem... mas de onde? Ele era corado, contido, com costeletas pretas emoldurando o rosto suave, agradável. O taberneiro se virou bruscamente para atender o novo cliente, que escorregava dois dedos no bolso do colete esmeralda iridescente. Retirou uma moeda e a colocou sobre o balcão. O velhote se afastou, e então o homem olhou para mim. Cumprimentou-me com um gesto indeciso.

É claro.

A casa para moças da titia Gorgon. Quarto 3, o Cristo esculpido, clamando ao Seu Deus. Era o mesmo homem — com o mesmo colete esmeralda. Minha cabeça

latejava. Aquilo não podia ser por acaso. Não mesmo. O homem ergueu uma dose de uísque e a engoliu de uma vez — lembrei-me perfeitamente dele, aquele queixo pontiagudo. Ele não se sentou; ficou de pé ao balcão, a cinco passos de distância, e seu tórax reluzia como o peito estufado de algum pássaro exótico. Estava falando com o taberneiro de novo, gesticulando para a garrafa de uísque. O velhote barbudo murmurou alguma resposta, e o homem puxou outra moeda, maior, que colocou sobre a palma da mão cheia de rugas. A garrafa de uísque foi deixada sobre o balcão, e o cliente se serviu de outra dose, levando o copo preguiçosamente aos lábios.

Noite importante?, ouvi-me dizer.

Mal reconheci minha própria voz: estava sufocada, tensa. O homem bebeu e baixou o copo. Como? *Noite importante?*, repeti, apontando para a garrafa. Ele me olhou inseguro, então deu de ombros e afastou o olhar. Como sempre.

Sim, como sempre. Meus ouvidos começavam a tilintar, como se as garrafas e os copos atrás do balcão vibrassem. A garrei meu copo, no qual o gím ondulava com o mesmo tremor discreto. Uma dor aguda pressionava a parte de trás de meu olho. Fechei-o com força, resistindo ao impulso de tampar os ouvidos com as mãos, quando o zumbido aumentou. O que eu devia fazer? Não era desse tipo de homem que eu tentava proteger minhas meninas na Ghyll? A fera em traje de gala, aguçando o apetite antes do banquete. Serviu-se de uma terceira dose, bebeu e colocou a rolha na garrafa. Já basta, disse ele a si mesmo, pegando a cartola. Segurou a garrafa de uísque pelo gargalo, bateu no balcão com as luvas e caminhou em direção aos fundos do recinto, para a saída.

Na porta dos fundos, um lance de escada subia para um beco com varais altos. Lençóis como velas ao vento, tingidos pelo pôr do sol adamsado. O homem olhava para cima, tomando um gole da garrafa. Enquanto baixava o uísque, ele se virou. Um sorriso bajulador e temeroso iluminou seu rosto. Tive a sensação de que não foi a mim que viu, mas algo além, algo que se movia através da minha pessoa e socava seu plexo solar. Ele caiu de joelhos e vomitou. A palma de minha mão acertou sua bochecha fazendo um som seco na carne. Quase não senti o golpe. Apenas a pontada de dor no olho. O homem se estendeu de lado nas pedras, tossindo. Peguei a garrafa de seus dedos. *Abra a boca*, ouvi-me dizer enquanto minha bota o fazia rolar de costas. Uma dose de uísque respingou em seu rosto. Ele balbuciou algo, ofegante. *Tire as roupas*.

Eu estava no salão da Ghyll, atordoado, hipnotizado com a última nesga laranja derretendo no chão. Ouvia vozes e o barulho de pratos vindo da cozinha, que ficava ao fim do corredor. Balancei a cabeça, toquei a bochecha esquerda. A dor se fora. O zumbido nos ouvidos havia passado. A bile ardia no fundo da garganta. Subi para meu quarto e fechei a porta.

Larguei o casaco no chão e respirei fundo, depois parei diante do enorme espelho. O colete esmeralda ficava confortável como um espartilho. Piscava e brilhava com os movimentos de meu tronco, transfixado. O rosto olhando para mim não era bem o meu. Os olhos tinham um brilho estranho, obscuro. Minhas mãos fediam a uísque. O colete estava ensopado da bebida. Mesmo de ressaca, eu sentia o cheiro forte de merda em meu polegar, que mantinha afastado dos outros quatro dedos. *Beba tudo!*, ouvi a voz asfíxiada rugir. *Beba tudo, garoto!*

Estremeci, atrapalhado com os botões do colete, e o arranquei. Limpando e torcendo o polegar no tecido, enfié a peça no fundo da gaveta do guarda-roupa. Da garrafa no aparador, espirrei gím nas mãos e esfreguei uma na outra. Ofegante, auscultei as profundezas da casa e gradualmente pude discernir os sons leves delas jantando degraus abaixo.

Eu não queria ficar sozinho.

Haviam começado sem mim. Esgueirando-me até meu assento, tomei um cuidado especial de me sentar na posição exata, olhando incisivamente para longe da pia e da porta asfíxiante abaixo dela. Prendi a respiração e olhei para Mrs. Deaker, que mastigava calmamente e me devolveu um sorriso polido, inescrutável. Deslizei o olhar para Dorie, que me encarava com um olhar gélido, como um gato ocultando pensamentos de vingança. O que eu havia feito? Descoberto seu esconderijo? Jeannie, entretanto, pegara meu prato vazio e agora o apresentava diante de mim, repleto de comida: costeletas de cordeiro, batatas, ervilhas, um tipo de pudim com um caldo viscoso. Hesitei diante da mistura intragável, o coração na garganta. Então olhei para ela. Seus cabelos carmesins estavam arrepiados, como se pelo vapor, e sua pele, ruborizada. Jeannie me encarou, a testa franzida, inquisitiva. Em seguida, estendeu a mão e tocou a minha, pendendo na borda da mesa.

Por reflexo, quase me afastei desse contato adorável, inesperado. Mas me mantive firme, enquanto ela deslizava os dedos sob minha palma e a apertava, e uma onda de calor fluiu por meu braço. De repente, senti vontade de chorar — de me jogar no chão e enterrar a cabeça em seu colo, para abafar meus gritos sufocados.

Em vez disso, desviei o olhar para a pia e para a porta branca abaixo dela. Apenas uma porta de armário comum, eu disse a mim mesmo. Apenas uma porta de madeira branca com um puxador preto, inofensivo. O calabouço não era ali. Estava centenas de quilômetros ao norte, em uma casa abandonada, deserta, fechada para sempre.

Na manhã seguinte, durante o desjejum, meu apetite voltou. Espetei uma linguíça após a outra, devorando cada garfada, seu suco escorrendo por minha boca. Curiosamente, a carne não tinha sabor e o café era apenas água preta escaldante, mas eu mastigava e deglutia ativamente, evitando o olhar da pequena Dorie a minha direita. Ela ainda agia de forma estranha, brincando com a comida, encarando-me de relance, com olhos frios, vingativos. Mas eu estava determinado a agir como se fosse inabalável. Por fim, a menininha empurrou o prato de lado e cruzou os braços. Nunca fazemos nada divertido, disse. Queremos fazer algo *divertido*.

Mrs. Deaker me fitava com uma fatia de linguíça espetada no garfo a meio caminho da boca. Espetei outra — a última — da travessa gordurosa, apesar de minha garganta estar entupida de gordura. Dei uma mordida, e, com o naco inosso na bochecha, voltei-me para o olhar acusatório da garota. *O que você chama de diversão, afinal?*

Naquela noite, lá estava eu em um assento de veludo com molas, em um teatro grandiosamente decadente, assistindo a piratas suados dançando sobre um palco espalhafatoso. Mrs. Deaker se sentava ao meu lado, irrequieta, batendo as mãos nos apoios de braços da cadeira no ritmo da música. Enquanto caminhávamos para casa, após o espetáculo, as meninas corriam à frente pela rua agitada, brincando de pega-pega e fingindo duelar, e Mrs. Deaker deslizou o braço sob o meu para que eu a conduzisse. Patrão, com sua permissão, estava pensando que podíamos subir o armário do salão para o quarto das meninas. Ou um gaveteiro, ao menos. Elas não têm onde guardar as roupas.

Eu escutava sem dar muita atenção. Ia avaliando a rua e o rosto dos transeuntes, como se esperasse algo, mas o que precisamente eu não saberia dizer. *Quantas roupas elas têm?*, perguntei distraidamente. Bem, disse Mrs. Deaker, de fato, elas precisam de mais roupas. Seu braço apertava o meu, e, relutantemente, encarei seu perfil, rígido e resolutivo. Não era a primeira vez que me perguntava onde andaria

Mr. Deaker. O que houve com ele?

Então ficaremos com elas? É essa a ideia?

O senhor tem outros planos?

Havia uma implicância amarga, enigmática, no tom de sua voz que eu não gostava nem entendia. Ela olhava severamente para a frente enquanto caminhávamos. Estalei a língua, irritado, e meu olhar se perdeu no fim da rua, procurando as meninas, que tinham desaparecido. As lojas ainda estavam abertas, o céu noturno exibia um azul profundo, e os moradores do Soho se movimentavam a passos lentos, casais de braços dados, grupos ruidosos em bandos de desordeiros. Senti um arrepio de perturbação pelo braço ossudo enganchado ao meu como um grilhão, acorrentando-me. O que eu estava fazendo, falando de roupeiros, no papel de um pai de família? E o que ela quisera dizer com *outros* planos? Estiquei o pescoço, vasculhando as fileiras de chapéus e ombros balançando. Então Cornelius Luce atravessou a rua, apenas dez passos à frente.

Um beco cruzava o caminho, e ele atravessava o cruzamento. O reconhecimento foi imediato: o brilho do bigode imaculado, a plácida fisionomia sob o chapéu preto. Meu coração disparou, e Luce caminhou e desapareceu rumo ao outro lado do beco.

Corri para a esquina, arrastando Mrs. Deaker, que não me largava. O beco era estreito e ladeado de construções altas, e o homem seguiu seu caminho, as pontas de seu casaco cor de carvão se agitando. Eu quase era capaz de sentir as possibilidades que ele deixara atrás de si. Era o que eu estava esperando. Aquilo não era uma coincidência, assim como encontrar aquele homem com o colete esmeralda não havia sido. Não, eles foram sendo colocados em meu caminho. Eu não poderia simplesmente ignorar o fato. Rumei em direção ao beco, como se sugado pelo recuo de ondas marinhas; porém, algo me segurou. Olhei para as mãos firmes de Mrs. Deaker apertando meu antebraço, enterrando os dedos na veia dolorida próxima à dobra do braço, e, com um movimento brusco, libertei-me. Ela olhava para mim estarrecida, o braço erguido, como se a houvesse golpeado. Recuei; o beco me sugou e avancei trôpego pelas pedras irregulares atrás de Luce.

No cruzamento seguinte, ele tomou uma rua mais ampla, e eu me esgueirei em meio à multidão errante, com o chapéu-coco do homem aparecendo entre os passantes. Eu saíra sem minha bengala esta noite e me senti de mãos vazias, indefeso, enquanto rodeava e mergulhava entre as pessoas que se aproximavam — e cheguei a ficar preso no baile absurdo com um pedestre idiota que espelhava minhas

tentativas de passar por ele, até que lhe dei um empurrão. Muitos quarteirões à frente, Luce entrava no Black Shop Pub, e fui atrás dele. Um bar irlandês, lotado e barulhento, esfumaçado. Perdi Luce de vista imediatamente, entre os corpos espremidos uns aos outros. Deixei-me levar pelo fluxo e cheguei ao balcão, onde o taberneiro colocou uma cerveja preta espumante diante de mim. Segurando-a, lutei contra a maré, até que vi uma abertura, um corrimão de madeira, e me arrastei para a liberdade.

A área do balcão ficava poucos metros acima do salão principal, e era encurralada pelo corrimão de madeira atrás do qual agora eu me abrigava. Mas eu tinha uma visão excelente do andar de baixo. Cabines em ambas as extremidades, cadeiras altas, mesas no centro e dardos nos fundos. Sorvendo o líquido lodoso, procurei Luce pelo salão. Rapidamente o encontrei. Agora estava sem o chapéu, e seus cabelos escorridos brilhavam à luz da luminária suspensa, com ele debruçado em uma mesa alta, falando com um homem sentado de costas para mim. Seu companheiro usava um casaco xadrez azul e uma cartola preta.

Minha posição junto ao corrimão era muito exposta; bastaria Luce olhar para cima e eu seria visto. Mas não havia como me mover — a horda de corpos me mantinha no lugar. E aquele casaco xadrez azul, aquela cartola alta. Eu já vira esses trajes em algum lugar antes? Luce tirou o casaco cor de carvão, que largou no espaldar de uma cadeira, e então secou a fronte com leves toques de um lenço, o olhar percorrendo a sala. *Vire-se!*, disse a mim mesmo. *Esconda-se!* Mas não havia para onde virar ou me esconder. Agarrei-me ao corrimão quando o olhar de Luce passou sobre mim, e prendi a respiração, como se isso me tornasse imperceptível. Vi seus olhos protegidos pelas sombras titubarem, então se voltarem para os meus. Seu lenço de seda branco ainda estava sobre a testa, uma trégua fictícia, ao nos entreolharmos rapidamente de lados opostos do salão. Então dois homens surgiram entre nós, e, quando se foram, vi que Luce estava se inclinando para mais perto do homem sentado, falando apressadamente. Quando o outro começou se virar, uma pequena mecha de cabelos brancos escapou de seu colarinho. Eu soube de quem era aquele rosto sob a aba preta. Embora tentasse me esticar para sair de perto do corrimão, meu corpo estava pregado a ele. A bochecha ossuda se voltou em minha direção, e os olhos de cristal me encontraram. Todos os sons desapareceram.

Mesmo depois que Carew retornou sua atenção para a mesa, eu ainda não conseguia me mexer, agarrado ao corrimão e ao meu copo de cerveja. Senti como se

tivesse vislumbrado um raio de verdade ofuscante no qual tudo momentaneamente se fundia e fazia sentido. É claro que Luce tinha me levado até ele. Agora pegava o casaco e o chapéu e empurrava a multidão, indo em direção à porta — mas Carew continuou na cadeira alta, suas costas quadriculadas viradas para mim, a mecha branca ondulando sobre o colarinho. O bramido do bar se tornou indistinto em meus ouvidos sob o sombrio latejar do sangue. Ele agora mexia na cartola, e, como se pudesse sentir meu olhar, passou a mão nos cabelos e ajeitou a mecha solta. Saiu da cadeira e, segurando a cartola pela aba, começou a caminhar pelo salão, em minha direção. Olhava para baixo, prestando atenção nos obstáculos do caminho. Meu corpo se retesou, eu rangia os dentes, mas continuei imóvel. Uma mecha de cabelo prateado balançava diante de seu rosto enquanto Carew se esgueirava entre as cadeiras. Prendeu-a atrás da orelha e, ao mesmo tempo, ergueu a cabeça e me fitou com os olhos. Eu não conseguia nem piscar.

Um ou dois segundos depois, ele se virou; meu coração disparou e pareceu querer sair pela boca. O copo de cerveja escapou de minha mão e foi ao chão, e o ruído da queda me libertou da paralisia. Consegui desprender meus dedos pálidos do corrimão. Carew se dirigia para a porta. Seu ombro axadrezado desapareceu em meio aos corpos que entravam. Virei-me e, com o cotovelo, abri caminho em sua direção, passando entre alguns irlandeses, avançando como se rédeas me impelisses para a frente. Cheguei ao lado de fora cambaleando, na chuva fina.

O Black Shop ocupava uma esquina, e olhei ao redor avidamente antes de avistar Carew subindo a rua que seguia para o norte. Ela se situava entre cortiços cinzentos, de cujos beirais pingava a água da chuva. O lado esquerdo era mais escuro, e me mantive próximo à parede áspera enquanto o homem marchava a passos firmes pelo centro escorregadio, com as mãos nos bolsos do sobretudo. Mais à frente, havia um lance de degraus irregulares e um corrimão de cano metálico delineado contra o nimbo esverdeado de uma luminária em meio à bruma. Carew subiu, e vi sua silhueta emergir, primeiro a cartola estranha, depois o restante. Perto do topo, fez uma pausa, e eu me espremi contra a parede. Carew prestou atenção antes de se virar e analisar a rua em declive abaixo. Uma figura escura e magra, uma peça de xadrez. Respirou profundamente e então gritou triunfante: Mr. Hyde?

Quase urrei.

Carew continuou imóvel, emoldurado pela névoa verde, malévola. Vi sua respiração fumegante. Aproximou-se e gritou novamente: Mr. Hyde! Tremendo

contra a parede, tapei minha boca com a palma da mão, lutando contra o impulso terrível, crescente de gritar em resposta. Os beirais no alto respingavam. Ele esperou. Fechei os olhos. Quando abri novamente, estava sozinho.

Sozinho? Não, não estava sozinho. Quando caminhei para casa sob a chuva, podia sentir a figura de Jekyll no fundo de meu cérebro, de onde ele me fizera seu refém. Não fui *eu* quem ficara de pé, rígido, naquele corredor para escrutínio de Carew, não fui *eu* quem o seguira pela rua e então tentara gritar alguma resposta! Só podia ter sido Jekyll. Não havia mais como negar. Seu controle evoluía. Ele conseguia me influenciar — alcançar meu corpo ou minha mente — e me *mover*. Não gostei nada disso. Por que ele iria querer que Carew me visse — por que o perseguir? O que significava o fato de Carew saber meu nome?

Em meu quarto, na Ghyll, tirei minhas roupas ensopadas e estremei enrolado no roupão. Rastejei-me para uma poltrona esfarrapada num canto, sentindo um medo estranho de minha cama, como se pudesse ser esfacelado durante o sono, caso adormecesse ali. Paranoico, sim. Mas não havia como apagar o eco triunfante de Carew de minha cabeça, como se ele tivesse me procurado por um longo tempo e então, por fim, tivesse me encontrado, oculto. No entanto, como isso era possível? Mesmo se Luce tivesse dito meu nome a ele... o que poderia querer comigo? E Jekyll, o que poderia querer com ele? Minha mente se sentia impregnada de motivações obscuras, que se moviam por entre as membranas. O estofado emergia de um rasgo na poltrona, e meus dedos puxavam os tufoes brancos, enrolando-os em pequenos chumaços. Meu nariz estava escorrendo; distraidamente, limpei-o com a palma da mão e fui surpreendido pelo muco quente e sedoso manchando meu punho. Meu punho? Meu quarto? Seriam eles realmente meus?

Quando acordei com um grunhido, já era manhã, e uma figura estava parada a poucos metros de distância, com uma bandeja de prata. Por um momento confuso, aterrorizante, pensei que fosse Poole. Limpei a remela dos olhos e vi que era Jeannie, ali, com a bandeja do desjejum, observando-me. Eu estava espalhado na poltrona, uma perna enganchada no braço estofado, o roupão aberto, desleixado. Fechei-o em um só movimento e me sentei, a pulsação disparada, espanando as bolinhas de estofado branco de meu colo com o dorso da mão. Jeannie evitava meu olhar, procurando um lugar para pousar a bandeja. Ela se inclinou e a colocou no chão. O

patrão vai querer o café agora?, murmurou, em uma imitação misteriosa da velha senhora, enquanto erguia a xícara e o pires. Repreendi sua atitude e dei um trago resoluto, ofegante, enquanto sentia o líquido descer queimando.

Onde esteve ontem à noite?, perguntou. Ela agora estava recostada no aparador junto à parede, acompanhando o relevo do móvel com o dedo. Contra o brilho prateado reluzindo pelas portas da varanda, ela era apenas um contorno esguio, um rosto abatido. Pigarreei. *Em um pub. Black Shop Pub.* Ela aguardou. Para quê? Franzi a testa, olhando para baixo, para a borra no fundo de minha xícara, como se pudesse ler a sorte mistificadora em suas runas. *Eu tinha de encontrar alguém*, disse, lentamente. *Alguém estava me esperando.* Quem?, perguntou Jeannie. Balancei a cabeça.

Você anda..., começou Jeannie. Você anda diferente.

Diferente como?

Jeannie contornou a borda debruada do aparador. Apenas diferente. Dorie disse...

Dorie disse o quê?

Dorie disse, no outro dia... ela disse que você a prendeu embaixo da pia. Quando ela estava se escondendo, você empurrou uma cadeira ou algo contra a porta?

Qu-Quê, gaguejei, mas... que bobagem. Eu a encontrei... ela estava... ela me disse para fechar a porta. Toquei minhas têmporas, olhando novamente para o facho de luz. *Eu não...*

Jeannie arranhava a madeira com as unhas, fazendo um som agudo, baixo, então relaxou a mão e suspirou. Não se preocupe. Dorie é muito mentirosa. Deve ser fruto da imaginação dela. Quer seus ovos?

Balancei a cabeça, negando. Eu não havia empurrado cadeira nenhuma contra a porta do armário. Por que ela mentiria sobre isso? Encarei Jeannie, seu reflexo na bandeja de prata, olhando para baixo. Delicadamente, ela colocou a mão sobre a barriga. Preciso lhe contar uma coisa, disse em voz baixa, categórica. Mas não continuou. Em vez disso, suspirou novamente, então olhou para mim com um ar determinado, uma tímida inclinação da cabeça. Ei, disse ela. Que tal sairmos esta noite? Só você e *moi*. Um lugar exótico, como fizemos aquela vez. Tudo bem?

Um lugar exótico?

Isso. Um lugar elegante. Quero arrumar os cabelos.

Ela realmente arrumou os cabelos. Lavou-os na pia da cozinha e os prendeu em um amontoado de cachos brilhantes. Então Mrs. Deaker maquiou seu rosto, passou ruge nas bochechas, delineou os cílios e pintou as pálpebras de azul. Mordendo o lábio, hesitante, Jeannie caminhou para o vestibulo com o vestido rosa com babados que eu comprara para ela, seguida pela velha senhora, que me deu um aceno de cabeça cordial, frio. Que linda, comentou ela, encarando-me com um olhar de ave de rapina. Não concorda, patrão?

Dorie teve um acesso de raiva antes de escaparmos. Ela se enrolou nos tornozelos de Jeannie, tentando arranhar Mrs. Deaker, que, de forma soturna estalou a língua, desaprovando o comportamento. Eu quero ir eu quero ir eu quero ir!, lamentou a garota. Eu me distraí à porta, observando a cena. Não senti a menor compaixão pela mentirosa birrenta. Dorie notou meu olhar de desprezo, e, de repente, deu dois passos rápidos em minha direção e parou, fechando os punhos minúsculos, sua aparência agitada e obscura. Um ódio cintilante inflamou seu olhar seco. Morra, ordenou. Morra. Fiquei hipnotizado, ali parado. A garota deu um suspiro trêmulo e afastou um fio de cabelo dos lábios febris, em seguida, virou-se e, com uma espécie de dignidade imponente, subiu a escada. Essa foi a última vez que a vi.

Levei Jeannie ao George. O lugar era como uma cabana de caça de um nobre, com vigas de madeira e uma lareira de pedras, e cabeças de veado em molduras redondas nas paredes. Eu disse ao garçom que era aniversário de minha filha e pedi uma garrafa de champanhe. Mas meu sorriso soava falso e tenso, e meu rosto tinha um brilho oleoso. Ela estava certa. Eu andava diferente. Estava me transformando. Mas em quê? Jeannie tomou um gole de sua taça e observou o salão. Olhe para essas pessoas, sussurrou. Apontou com o queixo para um homem de ar puritano, jantando sozinho. Aposto que ele paga damas para amarrá-lo e açoitá-lo, disse, aposto que ele tem marcas de chicote pelo corpo. E aquele lá! Ele é cirurgião, você percebe? Sai por aí à noite, retalhando gatos vadios e os deixando na soleira da casa dos velhotes!

O garçom trouxe os escargots e nos deu um tipo de pinça de prata e um garfo minúsculo. Observei Jeannie se esforçando para pegar uma daquelas malditas coisinhas escorregadias, que pulou da pinça para a mesa e girou, exibindo seu lado de baixo, viscoso. Por fim, ela conseguiu enfiar o garfo, torcê-lo e arrancar a carne como se fosse um globo ocular. Com minha pinça, torci o caracol, sondando a carne debruada, cinzenta. Então Jeannie disse, mastigando o naco de carne borrachuda: O

que você faz, afinal? *O que eu faço?* Sim, o que você faz. Quando sai. Sua outra vida. *Minha outra vida*, repeti. Coloquei a pinça sobre o prato. *Sou médico. Moro em uma casa enorme. Com muitos empregados. Só uso roupas novas. Você jamais me reconheceria.*

Jeannie me fitava, com um grumo de escargot espetado no garfo. Que tipo de médico?

Um médico para problemas da cabeça. Um alienista. É o nome que dão. Trato de loucos.

Ela deu um sorriso triste. Isso não é verdade.

É verdade, é tudo verdade. Pergunte-me o que quiser.

Jeannie colocou o garfo sobre o prato e olhou para baixo, para o colo, reunindo coragem. Tudo bem. E nessa sua casa enorme, você tem esposa?

Não. Nada de esposa.

Por que não?

Porque eu a faria muito infeliz.

Uma dor efervescente se expandia em meu peito, como se eu tivesse tomado um gole de champanhe que descia pelo lugar errado. Jeannie acenou vagamente para a toalha entre nós, e ansiei por esticar um braço e limpar o grão de pimenta do canto de sua boca com meu polegar. Em vez disso, puxei meu guardanapo e me levantei, murmurando algo sobre o lavabo, e caminhei em direção aos fundos do salão, como se andasse em um barco chacoalhando. No banheiro de cavalheiros, afrouxei o colarinho e joguei água no rosto arrepiado, contemplando meu reflexo que pingava. Meus olhos estavam róseos e vítreos; uma veia serpenteava, saliente nas têmporas. Uma esposa! Por que ela iria me perguntar isso? O que achava que eu poderia fazer? Eu não poderia protegê-la. Nem sabia do que a estava protegendo. De mim mesmo, começava a parecer. Agarrei a cuba de porcelana, tomado pelo desejo de dar um soco no reflexo de meu rosto e parti-lo ao meio. Nós não a merecíamos. Estávamos apenas sujando-a com nossas mãos imundas. E algo bem pior aconteceria se ficássemos com ela por muito mais tempo. Eu podia sentir algo se aproximando, como uma nuvem prestes a tampar o sol e lançar o mundo nas sombras. Ela não estava segura. *Ninguém está seguro!*, sussurrei, como uma oração fervorosa. De uma cabine atrás de mim, veio o estrondo de uma descarga.

Olhei para o espelho e vi a porta da cabine aberta; um homem caminhou pelo piso ladrilhado em minha direção: corpulento, barba castanha e ficando grisalha no

queixo. Na pia ao lado da minha, ele começou a lavar as mãos, esmagando o sabão para produzir espuma. Observei seu reflexo, e a raiz de minha língua começou a enrijecer como uma vareta, que descia garganta abaixo.

Ah, Deus. Outro, não.

Eu conhecia este homem também. Por um instante entorpecido, que não saberia dizer como, um conhecimento de segunda mão tomou minha mente. Horace Waller. Marido de Georgiana.

O homem não significava nada para mim. Mesmo assim, eu não conseguia parar de encará-lo. Ele sacudiu as mãos, fechou a torneira e se olhou no espelho, percebendo que eu o observava. Um rosto largo, comum por trás da barba espessa. Ele me deu um aceno vago, aceitando uma toalha do velho funcionário de uniforme. Já nos conhecemos?, perguntou, limpando as pontas dos dedos. Minha laringe estava travada. Por um momento, vi Georgiana na cadeira perto da janela do gabinete, tocando o ventre, os cabelos brilhando. Olhei para baixo, para a água jorrando, e fechei a torneira. A porta do banheiro masculino se fechou. Eu estava sozinho com o velho funcionário, balançando uma toalha em minha direção com um sorriso doce e encorajador.

De volta à mesa, Jeannie devorava meus escargots. Eu afrouxara o colarinho de forma descuidada. Uma veia latejava em minha têmpora. Não queria ser tragado por outra desventura confusa. O que me importava o marido de Georgiana? Mesmo enquanto tentava me concentrar em Jeannie, eu podia sentir meus olhos se desviando, procurando Waller pelo salão do restaurante. Logo, avistei-o por sobre o ombro esquerdo de Jeannie, suas costas robustas e a cabeça baixa, desalinhada, em uma mesa com três outros homens. Havia tantos banheiros de Londres. O que significava essa sequência de encontros? Um após o outro, esses homens estavam sendo colocados em meu caminho, como se por algum arranjo oculto, como os três fantasmas de Dickens, levando o velho avarento à iluminação. Iluminação! Isto era o oposto — implicações turvas, desconcertantes. Zombavam de mim. Tudo estava interligado, como em uma teia. E aqui estava Jeannie enroscada no centro dela, inconsciente do perigo. Eu tinha de deixá-la partir. Mandá-la para longe de mim.

Traga-me a conta, pedi ao garçom quando ele trouxe nosso vinho. Tremendo, enchi minha taça, tomei um gole e olhei fixamente para os olhos de vidro mortiços da cabeça de veado, na moldura de madeira que pendia sobre nossa mesa. A conta chegou em sua carteira de couro elaborada. Quanto deu?, perguntou Jeannie. *Uma*

dama não deveria perguntar isso, brinqueei, tentando sorrir. Então lhe passei a conta e, enquanto ela a pegava, olhei de relance para a mesa de Waller, onde os homens afastavam as cadeiras e se levantavam. Enfie a mão no bolso e puxei um maço de notas, desfolhei algumas e as deixei cair sobre a toalha de mesa manchada. Olhei para o dinheiro restante e então, com uma hesitação dolorosa, o passei sobre a mesa para Jeannie, que ainda examinava a conta admirada. Ela viu as notas em minha mão. Para que isso? Dei de ombros, sorrindo amargamente. *Você pode precisar. Nunca se sabe*. Seus dedos pegaram os papéis amassados. Meus olhos estavam começando a doer, o candelabro se turvava. *Pronto, vamos?*

Os quatro homens saíram do George e caminharam descuidados pela calçada, despedindo-se com apertos de mão e toques no ombro. Segurei Jeannie, hesitante sobre os saltos altos, pela lapela do casaco. Ela soluçava. Não consigo parar, queixou-se, e mais um soluço se sucedeu. Você tem de me ajudar, disse ela, ofegante, dê-me um susto. Dorie — hic! — Dorie faz isso e funciona. Dê-me um susto!

Dois dos homens pegaram o primeiro tãluri junto à calçada e partiram. Outro homem entrou no segundo. Waller acenava enquanto o veículo se afastava, a barriga proeminente se sobressaindo no sobretudo, expirando nuvens de vapor. Um terceiro tãluri se aproximou para pegá-lo, mas ele se virou e desceu a rua, caminhando a passos pesados.

Vamos! Jeannie estava suplicando. Tente — hic! Diga meu nome e me dê um susto, funciona, eu juro. Por favooooor? *Jeannie*, e a segurei, chacoalhando seus ombros com força. Ela olhou para mim, assustada, e deu um passo para trás. Acho que deu certo, mesmo. *Ótimo. Vamos*. Enganchei meu braço no dela e a puxei rua abaixo, seguindo Waller. Uma rua tranquila e bem-cuidada atrás do Regent, com árvores enfileiradas, postes de luz e lojas fechadas por causa do horário avançado. Waller se arrastava adiante, um modelo de inocência trôpega, o homem de família a passos lentos e inebriados se dirigindo para casa, para sua esposa. Jeannie caminhava ruidosamente ao meu lado. O que estamos fazendo? Ela ofegou. *Ouça*, eu disse, minha garganta apertada pela azia. *Há algo que quero que você faça*.

Jeannie soltou seu braço do meu e olhou para mim lentamente, perplexa, enojada. Como se eu tivesse arrancado meu rosto como um curativo e expusesse ao ar a carne viva, cruenta. Ela recuou, sua boca amargando, seus olhos começando a reluzir. Por

que você quer que eu faça isso?

Porque sim, respondi sem pensar. *Por que isso importa? É algo simples, não?*

E o que você fará? Ficará olhando enquanto eu estiver com ele?

Não. Minha voz parecia estrangulada. *Talvez. Que diferença faz? É o que você costuma fazer, não é? Fazer amigos. Comigo, com ele, com qualquer um. Quantos já foram, hein? Há quanto tempo você faz isso? Alimento você e sua irmã, aquela cadelinha, cuidado da segurança de vocês. Eu não sou seu pai. Nem seu namorado. Sou apenas mais um que você deixa lambar sua chavasca em troca de cama e comida. Estou errado?*

Jeannie olhou para mim. Sua fronte desorientada havia relaxado e passado a expressar um desapontamento maduro e exausto. Como se soubesse desde o início que eu era esse tipo de pessoa e ainda assim quisesse fingir o contrário. Eu estava tentando deixá-la com raiva. Isto era muito pior. Meus olhos doíam novamente. Um lampião próximo projetou nos cabelos de Jeannie uma coroa castanho-avermelhada. Ela deu mais um passo para trás e tocou novamente a barriga com a mão. Sim, falou, você está errado. Em seguida, ela se virou e foi embora.

Deitado na grama úmida, acordei. Raiar do dia. Alguém acima de mim, cutucando meu ombro. Protegi os olhos com a mão, passei a língua pela boca rançosa. O homem segurava um bastão, pronto para me cutucar de novo. Cinto de couro grosso, botões dourados fechando a túnica, um chapéu arredondado como um capacete de equitação. Sentei-me, sentindo um pânico gélido. Um parque. Uma garrafa de vinho na grama ao meu lado. Bom dia, flor do dia, dizia o vigilante, não é permitido dormir aqui. Concordei, estremeecendo. *Que parque é este?*, tentei dizer, mas só consegui murmurar *Parque*. Isso mesmo, senhor, este é o Hyde Park, e não é permitido dormir aqui. Qual o seu nome? Toquei minha cabeça débil. *Hyde*. Sim, senhor, repetiu o vigilante, Hyde Park. E suspirou. Vamos colocá-lo de pé.

A terra balançava como uma jangada. Agarrei-me a ele, engolindo a bile que subia por minha garganta. *Mil desculpas. Ontem à noite, um desentendimento, minha senhora. As coisas foram longe demais, acho*. Tentei sorrir e imaginei minha boca circundada por uma borra escura e os dentes manchados de vinho. Ele fazia uma inspeção, minhas roupas, minha bota, meus olhos injetados. Onde fica sua residência, senhor? *Ghyll. Ghyll Road*. Ele franziu a testa, um bigode espesso, comprido. Então assentiu bruscamente com a cabeça, enganchou o cassetete no

cinto. Neste caso, senhor, sugiro que vá para casa.

Casa. Uma garoa fina caía quando cheguei ao pátio de pedra, olhando para a casa cinzenta, lutando contra um desejo mesquinho, desolado, de encontrar uma pedra e atirá-la na janela da sala. Um gato miava na névoa monótona e lúgubre. O anjo de pedra no alto do chafariz ecoava o som através de sua boca aberta corroída. Quando pisei no vestibulo, chutei duas baratas que passeavam pelo chão. Galguei os degraus da escada até o andar superior e abri a porta do quarto das meninas. A *chaise longue* repousava sob a janela e a nesga de luz escurecida da manhã. Lá embaixo, caminhei pela cozinha, olhando fixamente para a mesa e para as cadeiras. A porta do quarto de Mrs. Deaker, em frente ao fogão, estava parcialmente aberta; havia algo aceso lá dentro. Fui até lá e a abri um pouco mais com a ponta do dedo. O quarto tinha o pé-direito alto e era desprovido de janelas. As folhas e as pérolas da sanca trabalhada saltavam em meio às sombras. *Mrs. Deaker?*, chamei, entrando no quarto, desconfortável, espiando o ambiente. Era possível sentir seu cheiro acre, bolorento. Meu olhar encontrou o reflexo oblongo de um espelho, no canto mais distante — uma penteadeira. Mrs. Deaker estava sentada diante dela, de costas para mim. Seus cabelos longos e prateados escorridos, como se os tivesse escovado. Mas ela estava imóvel agora. Sua imobilidade era assustadora. Tive a impressão macabra de que não era realmente ela, mas um manequim empalhado, com olhos de vidro e crina de cavalo. *Mrs. Deaker?*, sussurrei. Com um giro silencioso, ela se virou na banquetta, então se levantou e começou a caminhar em minha direção, com passos lentos, como um sonâmbulo; seu roupão se movia, seus olhos estavam assustadoramente distantes. Uma névoa de gim pairava ao redor dela; dei um passo para trás, alarmado. *Eudora*, falei, e ela parou, zozna, a poucos passos de distância. Os olhos de zumbi se focaram em mim, seus lábios se retraíram. Íamos ficar com elas, sussurrou a mulher. Esse era o plano. Ficar com elas.

Escute, falei. *Escute*. Balancei a cabeça, sentindo-me inútil. *Elas tinham de ir. Tinha de ser assim.*

Ela parecia estar prestes a rir. Vocês, homens, disse, quase em uma espécie de assombro. Vocês são sempre assim. *Eu, não*, gritei. *Não tenho controle sobre esta situação. As coisas são... como têm de ser.*

Mrs. Deaker olhou para mim, os olhos rasos, mas sem derramar uma lágrima, seus dentes minúsculos à mostra. Então cuspiu no chão, aos meus pés. Uma gotícula

atingiu meu rosto, molhada e sugestiva. Pisquei.

Saia daqui, ordenou ela.

TERCEIRO DIA

Antes de amanhecer

Agora estou convencido: há um ninho de passarinhos em algum canto do anfiteatro. Achava que estava imaginando coisas quando ouvi pela primeira vez, mas aí está de novo, aquele piadinho esperançoso. Queria enfiar a cabeça pela janela e dar uma olhada, mas isso não seria muito inteligente; já está clareando, e Poole pode estar vigiando as janelas. Ouvi-los, então — essas criaturinhas minúsculas, só penas e bicos e corações palpitantes, chilreando à meia-luz querendo seu desjejum. É notável pensar na vida crescendo nas rachaduras desta oficina amaldiçoada. Quase consigo interpretar isso como um sinal de algo bom. Mas sei que não é nada assim. Estou sendo provocado novamente por essas aves. Todos os pássaros mortos no chafariz do pátio da Ghyll. É disto que tenho de me lembrar, de todos aqueles corpinhos inexplicáveis. Pássaros são como pequenos lacaios, surgindo aqui e ali por umas migalhas. Morrer em meu chafariz, fazer um ninho sob minha janela e pôr ovos — dá tudo na mesma, nascimento e morte são, intercambiáveis.

Quando me afasto da janela, meus olhos se voltam para o frango do jantar da noite passada. Só a carcaça já me provoca uma sensação desagradável — a pele esfolada brilhando à luz matinal e um buraco desfiado no peito; as coxas tortas. Parece o resto da refeição de um lunático. Quando fiz isso? Com cuidado, coloco uma das coxas no lugar, sinto o clique da cartilagem na articulação. Quando solto, ela começa a subir novamente, por conta própria. Não, isso não é bom, não posso deixar Poole ver o prato assim. Precavendo-me, pego a extremidade óssea avermelhada, ergo a carcaça pesada com uma das mãos e abro a janela um pouco mais com a outra. Balanço aquilo através da abertura e faço voar pátio abaixo. A carcaça bate no chão com um som úmido, carnudo. Pelo menos não será desperdiçado lá fora. As aves vivem bicando tudo que deixo cair.

Contudo, é um frango. Seria canibalismo um pássaro comer outro?

Ah, quem se importa. Pássaros comem uns aos outros todos os dias. Todos devoram seres de sua própria espécie.

Saia daqui, mandou Mrs. Deaker, e assim o fiz. Subi as escadas de volta ao quarto das meninas. Dormi um sono febril sobre a *chaise longue*: acordei banhado em suor, fervendo, a cabeça latejando. Não sabia dizer se dormira um dia ou um minuto — a garoa cinzenta tamborilando na claraboia inclinada se mantinha a mesma. Virei de costas para as almofadas e sonhei que cavava uma terra úmida, que escorria por minhas mãos, e, quando acordei novamente, o sol da manhã me assava vivo.

Eu estava faminto. Saí cambaleando, com as pernas pesadas, da casa para o dia vibrante. Nuvens prateadas se moviam sob o sol; uma brisa morna soprava na rua. Comprei um enroladinho de linguiça, extremamente quente e cheio de maravilhosos pedaços de gorduras em uma barraquinha. Devorei-o ali mesmo, esfreguei a manga na boca, revigorado, então segui adiante. Seguia para o leste; logo passava pela Crown Street e deixava o Soho para trás. Eu sabia aonde estava indo. Não tinha dúvidas. Mesmo assim, não conseguia me lembrar do caminho exato que Jeannie havia feito naquela noite. Tudo parecia diferente à luz do dia. A rua estava lotada: uma carruagem coletiva balançava, lotada de pessoas agarradas aos estribos, o ar denso com os ruídos e a poeira de gesso. Passei por um beco repleto de bancas e oficinas, com seus fornos brilhando, cheios de ferro derretido. Mulheres ficavam puxando meu braço e tentando me mostrar seus produtos — joias, urnas, santos esmaltados, castiçais, arreios de couro, almofadas —, mas continuei em frente, trôpego, passando pelas multidões errantes. Por fim, lá estava eu, subindo uma ladeira atravessada por varais no alto, lençóis e roupas de cama balançando à brisa. Satisfeito por reconhecer os arredores, subi até o topo e cheguei a uma rua larga com muretas em ambos os lados, feitas do mesmo tipo de tijolo marrom. Sim, esta era a rua. Subi alguns degraus e entrei em um salão fedorento, mas percebi que não era o certo. Tentei outro e outro antes de sentir o cheiro específico de bolor e sopa, com o piso de azulejos quebrados. Este era o lugar. Subi as escadas até o terceiro andar. Havia uma mancha amarela espalhada sobre o papel de parede estufado, como um país em um mapa. Pé ante pé, fui até a primeira porta à esquerda, apertei a orelha contra a madeira e tentei ouvir. Silêncio. Tentei girar a maçaneta — estava trancada, mas a fechadura era frágil; a porta cedeu um pouco quando a forcei com o

ombro. Ao diabo. Dei um passo para trás e a arrombei com um chute: o estalar de madeira fragmentada e o tilintar de algo metálico caindo. A sala estava vazia. Havia quatro cadeiras diferentes em torno de uma mesa desnivelada; moscas sobrevoavam acima dela. O lugar exalava fedor de legumes podres, encanamento entupido. Fiquei ofegante, esperando. Havia duas portas com a tinta descascada, em paredes opostas, e uma estava parcialmente aberta. Caminhei pelo chão arenoso e a empurrei para que abrisse.

Uma cama grande ocupava todo o espaço em um quarto quadrado. Lençóis amarelados, amarrotados; um fedor acebolado no ar. Uma roupa íntima engordurada pendurada próximo ao encosto, e, da gaveta ausente do criado-mudo, uma manga de camisa pendia como uma língua pálida. Cruzei a sala em direção à outra porta, girei a maçaneta e a empurrei para dentro. Uma cama de casal baixa, uma estante, uma escrivaninha com uma perna quebrada. Aproximei-me da cama arrumada. O travesseiro e o pano que o cobria tinham marcas de que alguém se deitara ali; curvei-me para cheirar e captei um traço esmaecido delas, aquele cheiro de pãozinho quente, sobreposto pelo odor azedo do pai. Uma boneca estava caída junto à parede, cabisbaixa, e a peguei, hesitante. Uma coisa de pano, esquisita, molenga, com enchimento áspero, ralo. Deve ter tido um rosto e cabelos no passado, mas agora a cabeça estava nua, exceto por alguns pequenos tufoes espalhados pelo couro cabeludo, e o rosto era vazio, exceto por um olho castanho de botão. Ela me olhava torto e, de certa forma, esperançosa, e me ocorreu, estranhamente, que a pequena abandonada estava nua e que, entre suas pernas, havia uma pequena costura. Aproximei-a de meu rosto, apertei meu nariz contra seu umbigo e tive uma visão de Jeannie parada em meu quarto de novo, com a mão sobre a barriga, olhando para baixo. Dei um gemido sufocado, ruidoso, abafado pelo tecido. Baixei a boneca e a deixei sobre a cama. Então me virei e andei apressado pelas tábuas rústicas da sala até a porta, aberta, suspensa pelas dobradiças. Puxei-a para fechar e encontrei o pai de Jeannie no corredor.

O homem parecia doente, pálido e estava com a barba por fazer. Tinha raspado o bigode; por um segundo, quase não o reconheci. Sua cabeça tremia enquanto ele me olhava embasbacado, segurando um saco de papel contra o peito. Esc-Escute, gaguejou, elas não estão... elas não... Achei que... Seu queixo grisalho tremeu, e seus olhos ficaram marejados. Elas não estão com você, então? Tive de desviar o olhar. Não. Passei pelo homem e descii a escada, enquanto ele vociferava frases

entrecortadas atrás de mim: Então onde estão? Então *onde* estão? Voltei para o dia ofuscante.

Na sala de estar da Ghyll, a luz do sol entrava pela janela da frente, dançando com partículas de poeira. A flor se deliciava sobre a mesa. Virei o vaso para que ficasse voltado para mim; sua face marrom-escuro se levantou e se inclinou um pouco, como se fizesse uma pergunta. Meu polegar e meu indicador arrancaram uma pétala de sua coroa dourada. A pétala vibrou quando a libertei, e peguei a flor inteira na mão. Senti o caule estalar e partir, e as pétalas se fragmentarem como terra. Pulverizei-a entre os dedos, então a arranquei do vaso pelo caule, causando uma chuva de turfa, deixei-a cair no tapete e prendi as raízes reticuladas sob a ponta de minha bota. Levantei o pé e pisei na massa de novo e de novo, até a espalhar com o salto da bota. Um soluço ficou entalado em minha garganta; agachando-me, apanhei o que restou dela. Recolhendo o caule esmagado e as pétalas e folhas quebradas, corri para fora e despejei os restos no chafariz de pedra morta, em cima de algumas folhas secas e quebradiças. Minhas mãos estavam sujas de amarelo, e havia manchas marrons nas dobras dos dedos e sob as unhas. Choramingando, esfreguei as mãos na calça, evitando olhar para o anjo de pedra postado no alto do chafariz, com seu rosto decadente e sua boca aberta. Uma sombra se lançava sobre o pátio, e olhei para o céu quando uma nuvem ocultou o sol, um coração escuro de bordas prateadas e flamejantes. Encolhi-me, esperando algum tipo de repreensão celestial: uma torrente de chuva, um relampejar. Quase ansiei por isso, por uma punição rápida. Deixei meus olhos se fecharem. Acabe com esse sofrimento! Então a luz do sol inundou o pátio.

No dia seguinte, eu me sentia um pouco melhor. O alívio de um convalescente, como se tivesse purgado depois de um tempo de excessos horríveis. Eu fizera a coisa certa, mandando as meninas para longe de mim. Talvez elas até voltassem para casa. Afinal, a história de Jeannie era uma mentira. O pai não havia tentado vendê-las como escravas. Olhara bem nos olhos dele. Jeannie simplesmente fugira, como teria fugido de mim, se eu não a tivesse afugentado primeiro.

Mas sua presença na casa era difícil de apagar. Tirei as roupas de cama de cetim preto e as levei para uma lavanderia, mas o travesseiro de penas macias que ela gostava de usar teve de ser lançado pela varanda — seu perfume ficaria nele para

sempre. Na cozinha, procurando um pão que havia comprado e que aparentemente tinha desaparecido, deparei-me com a xícara de chá que Jeannie tinha chocado contra o pires uma manhã no desjejum, lascando a beirada, uma ponta cortante em que agora passava meu dedo com amargura. Assim, rapidamente, coloquei-a de volta no escorredor, quase enrubescendo, pois me senti vigiado por um espião sardônico, suprimindo uma risada de escárnio. Virei-me e, na verdade, era Mrs. Deaker à porta, a cabeça inclinada, olhando-me como se eu fosse uma ratazana de esgoto. Seus cabelos prateados estavam presos por grampos, os olhos eram claros e frios. Patrão... o senhor está com fome?, perguntou, ironicamente servil. Olhe a segunda gaveta de baixo para cima. Olhe, encorajou-me quando hesitei. Puxei a gaveta lentamente e me deparei com um excremento enrugado no interior. Uma maçã, marrom e amolecida. Ela riu, mas, quando olhei para a porta novamente, não havia ninguém lá.

Mrs. Deaker parecia me desafiar a demiti-la. Ela parou de preparar meu desjejum e já não limpava nem fazia suas tarefas, pelo que notei. Vivía em minha casa, só isso, vagando pelos quartos como o fantasma de alguém que eu tivesse matado acidentalmente. Mas me recusava a lhe dar a satisfação de validar o papel de pobre vítima que ela assumiria se eu a despejasse — mesmo começando a suspeitar de que a velha bruxa fofoqueira estivesse espalhando boatos sobre mim. Pois podia jurar que os vizinhos estavam me olhando de forma estranha, observando-me de soslaio nas ruas. Quando mudara para a Ghyll, meses antes, eles tinham voltado a atenção para mim, em uma análise especulativa. *Lá vai ele*, eu os imaginava murmurando uns aos outros, *pegou aquela casa na Ghyll Road, o lote todo*. Mas agora os olhares da vizinhança eram diferentes, menos curiosos, de soslaio e ameaçadores. Não era nada explícito; era raro surpreender pessoas realmente me observando. Os olhos dissimulados de uma mulher com um bebê apoiado na cintura, a maneira como as duas faxineiras com lenço na cabeça se viravam ao mesmo tempo para evitar meu olhar. Pequenas coisas em que era possível detectar um brilho inconfundível de hostilidade. E ainda persistia aquela sensação de que algo ou alguém estava me espiando e reprimindo uma gargalhada.

Um dia, parei diante da vitrine da casa de penhores, e minha atenção foi fisgada por um jogo de bonecas de madeira pintadas. Foram feitas de modo que uma se encaixava dentro da outra, todas no interior da boneca oblonga maior, mas, na vitrine, eram dispostas em fila, dez ou mais, todas usando lenços de camponesas

ruças, organizadas da maior para a menor, que era do tamanho de uma bala de revólver. A arrumação me deixou perturbado. A boneca maior, com tantas réplicas em seu interior. Pensei em Emile Verlaine. Essa terceira e desconhecida entidade, L'inconnu. Jekyll dissera que Emile não tinha nenhuma consciência dos outros. Mas conseguiria ele sentir seus desejos independentes? Será que três era o limite ou a multiplicidade pode continuar e continuar, como essas bonecas, com seu sorriso enigmático replicado?

Olhei de relance, inquieto, por sobre meu ombro. Estranho. A luminosidade estava diferente. As sombras eram mais longas. Um vendedor de castanhas parado na esquina mais distante já não estava mais lá. Quanto tempo ficara parado ali?

Eu já havia percebido esse efeito antes. Como se o relógio tivesse dado um salto no tempo, com um estalo silencioso. Eu vivenciara esses lapsos, quando saltava de um momento presente para outro, sem nenhuma ideia de como chegara lá. Presumia que Jekyll fosse a causa de tais lapsos, que ele assumia o corpo, controlando sua movimentação. Porém, desta vez, não havia me movido da vitrine da casa de penhores. Era como um transporte instantâneo para o futuro, com um vazio no meio. Como se Jekyll tivesse tomado o controle do corpo e feito um passeio, voltando ao mesmo lugar e à mesma postura que eu ocupava antes.

Enquanto estava ali na rua, apreensivo, a porta da loja vizinha abriu e um homem corpulento com cabelos cor de fogo ardente caminhou pesadamente para fora. Olhei-o de relance; nossos olhos se encontraram, e eu o reconheci. O funcionário da agência de locação que encontrara Ghyll para mim. Ele me olhou uma vez e, então, depois de mais uma rápida olhada, abriu um sorriso estranho, acenando para mim. Antes que seguisse em frente, recurvei-me e estendi a mão. Esse gesto que vira homens fazerem todos os dias, esse emblema de civilidade, eu havia feito apenas uma vez, com este homem, depois de assinado o contrato. Nua, branca e avermelhada nas juntas dos dedos, minha mão pairava entre nós. O homem obeso olhou para ela por um segundo que custou a passar, tão arrastado que pude observar o esplendor de lascas de cobre em suas bochechas flácidas, uma gota de suor pendendo de sua costeleta rala e alaranjada. Então seus olhos se ergueram e ele soltou uma risada trêmula e alta, falando: Ah, sim, Mr. Hyde! Muito bom!

Minha mão hesitou. O homem balançou a cabeça novamente, a papada trêmula,

mostrando os dentes pequenos, infantis, dando um passo para trás. Então ele se virou e desceu a rua.

Meu nome saíra de sua boca prontamente. Passaram-se meses desde que o tinha visto pela última vez. Será que ele tinha um talento especial para lembrar nomes? Ou havia alguma razão para se lembrar do meu? E por que não me estendera a mão? O sol já se punha quando me desviei para o pátio da Ghyll, e a janela da sala de estar refletia o tom violeta do céu. Por trás do vidro manchado, uma figura parecia estar de pé, imóvel, olhando para fora. Ergui a mão. A silhueta não respondeu.

O ar no vestíbulo parecia carregado de eletricidade. Atravessei a sala de estar e olhei atentamente para o batente da porta. Não havia ninguém de pé junto às janelas. Entrei e olhei para a poltrona junto à parede onde Mrs. Deaker gostava de se sentar e me surpreender, mas estava vazia. Meu olhar se voltou novamente para a janela, então para a mesa redonda abaixo dela, onde o vaso ficava. Havia algo sobre ela agora, um objeto prateado, algo branco. Uma placa de prata fôsa com um envelope branco sobre ela. E, na frente do papel, rabiscado com tinta em letras pontiagudas e apertadas, havia meu nome:

Mr. Hyde

Em meus meses morando ali, nunca havia recebido uma única carta. Peguei o envelope, hesitante, e o abri rapidamente. Com o polegar, rasguei o lacre e puxei um papel quadrado, dobrado sem nenhum cuidado. Estava dobrado cinco ou seis vezes; quase o rasguei em minha impaciência desastrada antes de finalmente abrir a página diante de meus olhos:

*se te ocultas e brinco de te procurar,
deves saber que sei onde te escondeste,
então me oculto, e tu te ocultas,
e vejamos quem encontra quem primeiro!*

Li novamente. Mas o sentido não era mais claro na segunda vez. Seria uma ameaça? Um aviso? A letra em si, garranchos quase ilegíveis, parecia bizarramente

familiar. Poderia ser...? Poderia ser de Jeannie? Por um segundo patético, meu peito foi tomado por uma esperança. Então ela se foi, e me deixou confuso e com um riso sufocado nos ouvidos. Semicerrei os olhos, virei-me e encontrei Mrs. Deaker à porta, observando-me. Peguei o papel, resistindo ao impulso de pigarrear. *Quando isto chegou?* Mrs. Deaker deu de ombros. Uma hora atrás, mais ou menos. Colocaram na caixa de correio. *Na caixa de correio?*, repeti tolamente. Exato, confirmou a velha senhora. É uma carta, não é, patrão? Rogo para que não seja uma má notícia.

Ela me lançou um sorriso gélido e se retirou. Fiquei boquiaberto. Poderia *ela* ter escrito aquilo? Examinei o poema estranho novamente, o papel almaço barato estalando em minhas mãos. *Se te ocultas e brinco de te procurar*. Ocultar e procurar. É claro. É claro que era ela! Quem mais poderia ser? Seria coincidência a carta ter sido deixada onde antes ficava seu precioso vaso?

Atravessei a sala e fui para o vestibulo, dobrando o papel de novo e guardando-o no bolso. Na porta da frente, agachei-me e enfié a mão na caixa de correio, levantando a portinhola de bronze e olhando através da ranhura para o pórtico, para o pátio púrpura, para as lanças de ferro preto da grade e para além da rua de pedras. Jamais gostara daquela caixa de correio. Desconfiara dela quando estava inspecionando a casa, para testar sua segurança. Era uma fistula, uma falha em minha fortaleza. Deveria fechá-la com pregos? Retirei a mão. A portinhola se fechou com um estalo, e me mantive agachado ali, no escuro, com a certeza de que a velha bruxa estava me observando, vangloriando-se nas profundezas do corredor. Levantei-me, abri a porta, como se estivesse apenas verificando o tempo, e saí para o pórtico. Não queria estar ali. Queria estar em outro lugar, qualquer lugar, menos ali. E, com uma pontada súbita de espanto, lembrei-me da porta da Castle Street.

O gabinete! Quanto tempo estivemos fora? Semanas, pareceu-me. Eu quase o esquecera, como um sonhador esquece sua cama e seu corpo adormecido nela. A perspectiva agora se abria diante de mim como uma via de escape. Olhei de relance para o vestibulo, tomado pelas sombras. Então fechei a porta atrás de mim.

Dez minutos depois, eu estava sob a porta da Castle Street, ofegante por causa dos passos apressados. Um lampião iluminava a face rústica do laboratório e o alpendre de cimento, que, eu percebia agora, estava salpicado de crostas de excremento de pássaros. A porta também sofrera em minha ausência. Pessoas haviam talhado a madeira, como amantes que inscrevem suas iniciais — exceto que aquelas marcas eram hieróglifos indecifráveis, estranhos. Havia um que se

assemelhava a um olho aberto dentro de um triângulo, cortado transversalmente. Próximo à maçaneta, pedacinhos de tinta estavam lascados, havia marcas de faca. Bem-vindo ao lar. Chave na mão, subi os degraus, pisando nos excrementos que pareciam giz.

Jekyll saiu pela porta da Castle Street, carregando um tipo de bolsa de viagem de couro, surrada, que pegara no guarda-roupa depois de se vestir. Ele desceu os degraus sujos e seguiu na direção sul pela Castle até a esquina, onde dobrou rumo à Leicester Square. Suas chaves faziam um ruído metálico no bolso, mas, quando chegou ao Casarão, tocou a campainha, e Poole se apressou em deixá-lo entrar. É excelente vê-lo novamente, senhor. Tenho certeza de que suas férias foram prazerosas.

Jekyll o seguiu lentamente até o salão principal. *Prazerosas? Pode-se dizer que foram prazerosas, sim.* Que bom, senhor. Está com uma aparência ótima, senhor.

Era mentira. Seu rosto barbeado estava cinzento, com manchas negras sob os olhos. As roupas tinham um leve aroma de bolor, que não mascarava o cheiro de alho e azedo que exalava do corpo. *Agradeço muito. Mesmo assim, acho que vou me banhar.*

No desjejum da manhã seguinte, olhei através dele, chocado, para a data no jornal recém-passado. Era 1o de abril de 1885. Estivemos fora quase um mês. Lá em cima, encontramos uma série de cartas e cartões de visita, dispostos sobre a mesa em ordem de recebimento. Jekyll parou diante do mata-borrão de couro verde, com dois dedos apoiados na borda da mesa, analisando a correspondência, enquanto eu me continha, quase esperando ver a caligrafia confusa, em letras pontiagudas, estampada em uma delas. Mas não havia nada de interessante. Exceto o último cartão de visita. Danvers X. Carew, membro do Parlamento. Jekyll bateu duas vezes com os dedos nele e, então, retirou do bolso o bilhete dobrado sem cuidado que removera de meu bolso ontem à noite. Desenrolou o papel áspero e quebradiço e o alisou suavemente sobre o mata-borrão. Seus lábios se moviam enquanto lia novamente as quatro linhas de rabiscos de tinta: *se te ocultas e brinco de te procurar, mas, debes saber que sei onde te escondeste, então me oculto, e tu te ocultas, e vejamos quem encontra quem primeiro!*

O coração de Jekyll batia rápido. *Quem encontra quem primeiro*, repetiu, sussurrando. Essa frase me perturbava também. Encontrar o quê? O que queria

dizer: *Sei onde te escondeste?* Os pensamentos de Jekyll zuniam, uma vasta máquina além dos limites de minha cela. Porém, eu conseguia sentir sua ansiedade, o medo e algo mais obscuro, um tipo de orgulho. Ele ia me mandar de volta em breve. Esta carta havia sido apenas o começo. E Jekyll não pretendia se ocultar. Estendeu a mão e correu a ponta dos dedos sobre o texto, pelo contorno indentado das letras, como se fosse uma escrita em braile que somente ele conseguia ler. Por fim, dobrou a carta, abriu lentamente uma gaveta da escrivaninha e a jogou lá dentro.

Na noite seguinte, eu estava no corpo novamente. Minha única opção seria ir para casa. Prendendo a respiração, destranquei a porta da frente da Ghyll e ouvi seu ranger ao abrir. O local estava como eu o deixara, as sombras nos cantos do vestíbulo. Uma expectativa enlevada pairava no ar quando cruzei as tábuas do assoalho até a porta da sala de estar e observei a moldura redonda da mesa sob a janela. Estava vazia.

Acordei na manhã seguinte, esfregando freneticamente o rosto. Tivera um sonho perturbadoramente vívido: aranhas e centopeias saíam de um livro em minhas mãos. Pulei da cama e coloquei o roupão, então desci as escadas apressado, sentindo-me estranhamente como uma criança na manhã de Natal, esperançoso e apreensivo. Parei no último degrau. Um envelope estava preso à caixa de correio, como, de algum modo, eu já esperava. De volta ao meu quarto, esforcei-me para abrir o envelope com o polegar, com a unha feita recentemente, mas minhas mãos tremiam. Eviscerei o envelope e o joguei no chão. A carta estava dobrada em um quadrado, como a anterior. Quatro linhas tortas de tinta estampavam a folha:

*hyde oculto, o buraco sagrado
beije as mocinhas, faça-as ir
mas, quando os rapazes vierem brincar
o hyde oculto desaparecerá*

Andei de um lado para o outro pelo segundo andar, até que ouvi os passos de Mrs. Deaker atravessarem o salão do andar de baixo e a porta ser fechada. Desci a escada correndo e imediatamente tentei abrir a porta para o quarto dela, ao lado da cozinha. Trancada. Enfiei minha chave mestra no buraco da fechadura e girei com força, mas não adiantou. Andei pela cozinha, abrindo com violência as gavetas e os

armários e, por fim, fui recompensado com um fragmento de papel carbonizado que fora usado para acender o fogão. Após desamassá-lo, descobri os restos de uma antiga lista de compras, presumivelmente de quando as meninas estavam aqui: cordeiro, nabos, batatas, pão... No andar de cima, coloquei a lista sobre a segunda carta, para comparar, para confirmar o que já sabia. As letras não se pareciam. A lista de compras era escrita em uma caligrafia requintada, fluida, com floreios. A carta era exatamente o oposto: garatujas, pontos de tinta confusos e pontiagudos.

Corri os dedos levemente sobre os traços, como Jekyll havia feito. Oposto. Seria possível a mulher ter escrito a carta com a mão oposta, a mão esquerda? A caligrafia se inclinava em direções opostas, a lista de compras para a esquerda e a carta para a direita. Seria algum tipo de disfarce? Se fosse, era muito transparente. Quem mais poderia ter escrito aqueles versos? *Beije as mocinhas, faça-as ir?* Era ainda mais aparente do que a referência a esconde-esconde. Qual era seu jogo? E o que queria dizer com *quando os rapazes vierem brincar?*

Era apenas um verso de um poema infantil. No entanto, havia uma certeza profética na palavra *quando*, que se provou naquela tarde. Eu vagava pelas ruas quando, aparentemente do nada, um bando de pivetes imundos caiu sobre mim e esgaratou meus bolsos com centenas de mãos coordenadas. Antes que conseguisse afastá-los, o bando se separou e sumiu. Despenteado e saqueado, fiquei parado no meio da rua. Molhei as calças em um jorro de surpresa. As pessoas me olhavam. Elas, essas testemunhas, haviam interrompido suas ocupações efêmeras, uma imagem elaborada da vida das ruas agora congelada, todos os olhos voltados para mim com: cumplicidade, diversão, suprimindo o riso de escárnio. Estive convencido por um segundo de que todos tinham se reunido naquele local, como uma plateia, para se deleitar com minha humilhação. Então os ponteiros do relógio voltaram a correr e a agitação continuou a minha volta; baixei a aba do chapéu e caminhei com passos pesados, com os risos silenciosos queimando minhas orelhas.

Um ou dois dias depois, um pássaro deixou cair sua sujeira em meu ombro, um jorro mole e arenoso, branco esverdeado. Não havia ninguém por perto para testemunhar esse momento. A rua estava quase deserta. O que tornou tudo ainda mais assombroso. O pássaro me escolheu como seu alvo. Lembrei-me da soleira da porta da Castle Street, incrustada de fezes. A porta com aqueles símbolos esculpidos, como a maldição de uma bruxa...

Algo estava acontecendo comigo, algo terrível, além de astuto e grandioso, para

o qual numerosos pequenos elementos pareciam ter sido arregimentados para ajudar. Era quase lisonjeiro ser selecionado e perseguido com tanto cuidado. Mas até onde aquilo chegaria? À noite, fiquei acordado na cama, os olhos arregalados, atormentado de insônia, enquanto, abaixo de minha varanda, aquele pedinte sarnento entoava seu miado solitário. Aquele miado melancólico se repetia, como se o animal tentasse pronunciar uma mensagem de alerta que eu nunca entenderia. Apertei o travesseiro contra os ouvidos, mas o som estava em minha cabeça agora, um eco enlouquecedor, até que por fim pulei da cama e caminhei até a varanda, rugindo como um rei enlouquecido: *Silêncio! Silêncio!*

O eco ondulou sobre os telhados. Limpei os lábios, ofegante. Os miados começaram novamente lá embaixo.

*aqui, gatinho, gatinho
aqui, hyde oculto
gatinhos ocultos, que pena
onde a linda flor se foi*

Voltei de meus passeios vários dias mais tarde e encontrei a terceira carta presa na portinhola de bronze. Puxei-a para fora e a rasguei ali mesmo, no pórtico. Em seguida, virei-me e olhei para o chafariz de pedra no meio do pátio. Com as pernas dormentes, desci quase marchando a escada.

O gato fora morto há um ou dois dias. Senti um cheiro suspeito ao entrar no pátio, um odor adocicado, rançoso. Estava deitado de lado sobre as folhas secas, os dentes à mostra, pelos sujos emaranhados nas costelas. Os olhos estavam fechados, ou se foram; uma fileira de formigas pretas explorava as pálpebras afundadas. O animal havia acabado de... morrer? Seria o mesmo bicho que eu ouvira na outra noite, com seu canto fúnebre? Ou será que Mrs. Deaker tinha...?

No vestibulo, ouvi sons vindo da cozinha. A velha fritava um ovo no fogão. Eu a vi da porta, até que ela olhou para mim e soltou um leve suspiro indulgente. Sua carta estava amassada em meu bolso; ouvi o ruído do papel amassado enquanto entrava no cômodo, fingindo indiferença. *A senhora notou algum cheiro estranho, Mrs. Deaker... vindo do pátio?* Cheiro estranho?, perguntou ela. Não, acho que não senti. Mas, atualmente, não consigo sentir muitos cheiros. Sua encenação era perfeita, inocente, leve. Ela raspou a espátula sob o ovo e o virou; a gordura chiava e

gotejava. Cheiro de quê, patrão?

Olhei para a bruxa velha astuta, quase convencido por sua atuação. Ela teria capturado e matado um gato de rua com as próprias mãos? Além disso, quem mais sabia da flor, jazendo no chafariz? Só *podia* ser a velha escrevendo as cartas — mesmo se fosse apenas uma peça menor em um plano complexo, ela tinha de saber algo! Dei mais um passo adiante. *Ouça*. Minha voz estava rouca. *Ouça-me. A senhora sabe que elas não podiam ter ficado aqui. Sabe disso. Tem de entender que não podíamos ter mantido as duas aqui.*

Mrs. Deaker ficou tensa, não olhava para mim. E por que diz isso?

Porque sim. Por causa de... do que eu sou.

Então, ela se virou, segurando a espátula de cabo torcido, e me encarou com seus olhos frios acusatórios. E o que o senhor é, patrão?

Eu sou... eu sou, gaguejei, querendo de repente, alarmado, confessar, contar tudo para aquela mulher, tudo. Que alívio agradável e proibido isso seria! Mas comprimi o maxilar contra esse impulso, esmaguei o desejo, tornando-o raiva. Eu não me revelaria para aquela bruxa maligna. *O que a senhora tem falado para as pessoas?*, perguntei.

Um sorriso irônico emoldurou seus lábios. Ela se voltou para o fogão. Não preciso dizer nada a ninguém sobre o *senhor*, patrão.

Por um segundo, tive uma visão de mim mesmo dando um passo adiante, agarrando sua mão e a pressionando contra a frigideira: o silvo abrasador da carne fritando. Hesitei ao pensar no som e caminhei em direção à porta com um riso contido, medonho. *A senhora está certa, velhota. Não há nenhum cheiro estranho.*

De manhã, calcei minhas luvas de couro e desci para o pátio, planejando arrastar o gato para fora e jogá-lo no lixo. Era possível sentir seu cheiro de longe, mais decomposto que antes. Com a mão enluvada sobre a boca, espiei o cadáver na beirada do chafariz, lábios e língua com contornos azulados. Mas ele não estava sozinho. Uma pequena figura marrom-acinzentada jazia nas folhas secas ao seu lado. Hesitei, sem acreditar no que via, certo de que aquilo era uma alucinação. Era um pássaro, uma andorinha, morto. Olhei em volta e achei um graveto sobre os paralelepípedos. Estendi-o sobre o chafariz, indeciso, para cutucar o pássaro, mas recuei antes de tocá-lo. Olhei para cima, para o céu pálido da manhã. Era como se o pássaro tivesse acabado de cair morto de seu voo, um minúsculo Ícaro.

O dia seguinte trouxe outro pássaro, e no seguinte a esse, mais um. Incitado pelo medo, assisti às figuras marrom-acinzentadas se acumularem em volta do gato podre, que, por uma mistura de superstição e curiosidade, fui impedido de remover, ou até mesmo de tocar. As aves pareciam não ter sido machucadas, estavam apenas flácidas e mortas, como se atingidas em pleno voo. Ou como se tivessem vindo a meu chafariz especialmente para morrer. Estreitei os olhos e observei mais de perto, esperando que os corpos marrons se convertessem em folhas inofensivas. Da janela da sala de estar, eu observava o pátio e o chafariz, esperando conseguir ver um deles caindo do céu. Uma vez, de fato vi um pássaro pousar na cabeça do anjo de pedra e descer até a borda do chafariz, dando umas bicadas ali. Esbaforido, esperei que caísse morto. Mas ele saiu voando. Fui lá fora examinar a borda, para ver se algo havia sido aspergido nela, migalhas, veneno de rato... Da janela de um quarto da frente sem cortinas no segundo andar, também vi o movimento de Mrs. Deaker saindo e entrando na casa. Mas ela sequer olhou de relance para o chafariz, nem uma espiada enquanto cuidava de seus afazeres.

Eu estava mesmo amaldiçoado? Um dia, passei por uma porta com uma placa no alto dela. *Tarô*, lia-se, e abaixo da palavra havia um símbolo que reconheci de imediato: um triângulo com um olho aberto no interior. O símbolo que fora talhado na madeira estufada da porta da Castle Street. Subi o lance de degraus barulhentos até um sótão cheirando a incenso. A cartomante que lia tarô tinha cabelos brancos despenteados e olhos tomados de catarata. Ela fez com que eu me sentasse a uma mesa. As cartas tinham bordas douradas e estavam bastante desgastadas, com imagens desbotadas, inquietantes. Ela virou as três primeiras sobre uma toalha de veludo entre nós. *Qual é esta?*, perguntei, apontando para a carta do meio, um homem pendurado de cabeça para baixo em uma árvore, braços amarrados em volta do peito. Ela tocou a figura com a unha longa e recurvada como uma garra. O Enforcado, resmungou. *E aquela?* Apontei para a carta à direita, uma figura de manto e barba, segurando um cetro ou um tubo de vidro borbulhante no ar. O Mago, respondeu a cartomante, e então moveu sua garra para a carta à esquerda, uma besta com chifres e pernas de bode, agachada sobre um trono de ouro. O Diabo. Ela fez uma pausa, contemplando a cena com os olhos cegos, leitosos. Do teto inclinado do sótão pendia um grupo de figuras peculiares, como espantalhos, feitas de feixes de galhos e barbantes, revolvendo-se lentamente em meio à fumaça do incenso que ascendia. *Vodu*. A palavra surgiu em minha cabeça, mas eu não sabia o

que significava. Olhei para as três cartas, a garganta seca. *Qual delas sou eu?* A cartomante fez um som que parecia um cacarejo com a língua e virou mais duas cartas abaixo das três enfileiradas. Todas, murmurou, todas são você.

Ela dispôs uma dúzia de cartas em forma de H, pronunciando o nome de cada uma em seu sotaque sibilante. A última carta foi colocada no canto inferior esquerdo, mais próxima de mim, e tinha a imagem de um monólito alto, branco, contra um céu preto turbulento. Chamas saíam da única janela na parte superior, onde um corpo estava emoldurado, os braços estendidos em arrebatamento. Outras pessoas estavam no chão rochoso abaixo da janela, olhando para cima, uma segurando uma tocha. A cartomante suspirou ao ver essa carta, acariciando a borda com a unha de ave de rapina. A Torre. Seus olhos de vidro fumê se voltaram para mim. Caos, murmurou. Transformação. Apertei minhas mãos debaixo da mesa, para evitar agarrar sua frágil mão. *Quando?*, perguntei. *Como?* Seus lábios se retesaram, revelando gengivas lisas, desdentadas. O Enforcado deve esperar, disse ela. Sua unha se moveu para uma carta do outro lado e bateu nela duas vezes: uma bússola de ouro em um céu azul. A Roda da Fortuna, sussurrou. A unha em forma de gancho se ergueu e começou a dar voltas no ar, agitando a fumaça em uma espiral. O senhor verá.

Levantei-me, assustado. Eu tinha de ficar recurvado, por causa do teto baixo. Um dos espantalhos de vodu balançou perto de meu rosto, seus braços e pernas rigidamente estendidos, sua cabeça, um círculo vazio com uma cruz de barbante retorcido no interior. Catei uma moeda do bolso e a lancei sobre o veludo. A cartomante sorria, a boca fôsea e desdentada, balançando a cabeça trêmula luminescente. Cuidado com o Louco, ronronou.

Cuidado com o louco? Eu não precisava da zombaria de Jekyll para saber que isso não passava de bobagem mística. Mesmo assim, por dias não consegui afastar imagens de minha cabeça. Não podia deixar de sentir que, com a configuração das cartas, a cartomante vira meu destino traçado, passado e futuro, um tão inevitável quanto o outro. Em meus sonhos, eu posicionava as cartas pelo assoalho em padrões tão diabolicamente complexos que precisava subir em uma cadeira para ver, pois havia centenas delas e milhões de permutações possíveis, e acordava com um grito sufocado. Às vezes, encontrava arranhões no peito e na garganta, como se tivesse me arranhado com unhas afiadas no meio desses terrores noturnos.

em suas banquetas, Vic resmungando para seus trapos, como sempre. Até meu velho lugar na extremidade estava vazio. Eu me espremi ao percorrer o balcão e me senti na banquetta de sempre. Vic não olhou para mim. Ninguém olhou, na verdade. O silêncio causava uma tensão desagradável. Limpei o rosto, tamborilei com os dedos sobre o balcão, peguei uma libra de ouro do bolso encharcado e coloquei sobre a prancha de ébano com um estalo barulhento que me fez hesitar junto dos velhos alinhados que cuidavam de seus tragos amargos. Pigarreei. *Vic*. Ele deu um suspiro pesado e virou o jornal que lia. Minha pele formigava. Deslizei da banquetta e chapinhei até ficar diante de onde Vic se encostara no balcão. Chamei-o novamente. Ele baixou o trapo e ergueu seus olhos pequenos, taciturnos, presos naquela máscara suína. Seu olhar era quase frio, distante, mas eu via o medo brilhando nos cantos. Passou a língua pelos lábios grossos. *Ande*, disse. *Vá embora*.

Gotículas de água pingavam de meu casaco nas tábuas do assoalho. Um rangido fino saiu de minha boca aberta. A mão de Vic, notei, descera até a prateleira sob o balcão onde ele guardava um machado com cabo de madeira — para emergências, dissera-me uma vez. Você deve ter colhões, continuou Vic, para vir aqui de novo. Eu avisei da última vez, não foi? Não queremos saber de suas negociatas aqui, Mr. *Hyde*. A voz dele estava ficando mais alta, ganhando confiança. Todos observavam; eu conseguia sentir os olhares. Da última vez? Eu não conseguia falar nada. A mão rechonchuda de Vic segurou firme o cabo do machado. Ele não o tirou do lugar, apenas o segurou com firmeza. O que eu disse a você?, perguntou, com coragem, os olhos piscando para a plateia. Hein? Eu não falei que não precisamos de nada que você tem? Dei um passo para trás e lancei um olhar desesperado para o pessoal no balcão. De fato, todos os velhos olhos frios estavam voltados para mim, sedentos de malícia, mais vivos do que eu jamais os vira. Lábios retesados, mostrando os dentes manchados, as narinas distendidas, os olhos transbordando de maldade, como pessoas sofrendo de alguma praga que as deixasse sedentas de sangue. Eu me afastei desolado. O Suíno fora infectado também. Vic tinha puxado o cabo agora, um bastão elegante de madeira clara, a extremidade pesada na palma de sua mão. Tinha visto esse objeto em algum lugar antes, não exatamente aqui, mas em outro lugar. Minha pálpebra inferior começava a tremer. Tive a sensação de que algo estava se abrindo atrás de mim, aquela porta novamente, abrindo-se para uma dimensão desconhecida. Não me virei. Pressionando a pálpebra para conter a pulsação rápida, voltei confuso até a porta.

Subindo a escada de trás da sala de dissecação, caminhava trôpego. Entrei vacilante no gabinete, deixando minhas chaves caírem. O quarto girava; eu não conseguia ficar de pé, então rastejei pelo chão até o armário com porta de vidro e peguei a caixa e o torniquete. Caíndo sobre o banco, enrolei o garrote no braço e peguei a seringa, mas estava bêbado demais para enxergar direito. O cilindro com a agulha presa se dividira em duas seringas, e eu não conseguia dizer qual era real até fechar um dos olhos. A agulha hesitante se virou na direção de meu antebraço até tocar a pele e a penetrar; o êmbolo caminhou pelo cilindro e eu capotei aliviado, de volta para a escuridão.

Manhã. Jekyll acordou esparramado no chão do gabinete. Uma dor de cabeça insuportável. Protegendo os olhos contra a luz, sentou-se, inspecionando o mundo brilhante, horrendo. A porta de trás estava entreaberta. Uma poça de vômito brilhava nas tábuas perto do braseiro. Ainda usava minhas roupas molhadas, com manchas de vômito no peito da camisa e nos punhos. Seguro lá dentro, olhei desorientado para fora, incapaz de lembrar como havia chegado aqui. A chuva havia parado. Uma neblina branca, silente, impregnava as janelas.

Jekyll se pôs de pé com cuidado, como se estivesse se levantando em um barco. Serviu-se de um copo de água, então tirou um pequeno frasco do nicho. Mergulhou uma pipeta de vidro em seu interior e sugou uma porção de néctar marrom. Gota, gota, gota; pingou o líquido no copo, cada gotícula explodindo em arabescos âmbar. Mexeu o coquetel e tomou.

Tirou minhas roupas, vestiu-se com suas próprias. Cortou com uma tesoura a barba cor de ferrugem e depois raspou bem rente. Usou minha camisa para limpar o vômito do chão. A morfina começou a fazer efeito, suas ações produziam uma estabilidade química, a dor e a náusea evanescendo. Jekyll parecia se mover através de uma atmosfera suave enquanto penteava os cabelos diante do espelho, fazia uma revisão final no quarto e então descia a escada da frente, atravessando o anfiteatro. O pátio de cascalho estava fervendo, a estufa do jardim de inverno úmida. Mas a sala de jantar estava fresca. Jekyll se sentou em seu lugar à mesa, alegremente entorpecido. Poole entrou com uma jarra de prata polida e não viu seu patrão até a colocar no aparador e se virar. Meu Deus, disse, endireitando-se, Dr. Jekyll, perdoe-me, eu não sabia que o senhor havia retornado. Vou preparar seu desjejum imediatamente. Jekyll acenou com uma mão, um perdão nobre, lânguido. *Apenas chá, Poole, murmurou com lábios elásticos, torradas e chá seria perfeito.*

Ele passou a manhã e a tarde à deriva no sofá em seu estúdio. Ao anoitecer, a ressaca que ficara à distância começava a retornar ao corpo. Seus globos oculares pareciam cheios de areia; suas têmporas latejavam. Ele queria outra dose de morfina. Eu também queria continuar flutuando sem peso, sem pensamento. Em vez disso, tomou um banho e se vestiu para o jantar, abrindo mão da gravata. Sentia-se tonto quando se sentou à mesa. Não conseguia comer; suas entranhas se revoltaram diante da visão da costeleta de vitela escorrendo óleo no prato. Não está a seu gosto, senhor?, perguntou Poole. Devo lhe trazer algo diferente? *Não*, respondeu Jekyll, sem forças, virando a cabeça por causa do cheiro, *não, estou sem apetite, sinto muito. Imagino que eu tenho trabalhado demais.* De fato, senhor. Seus estudos sobre os tipos humanos, correto? Jekyll olhou para ele. *Precisamente.*

Naquele momento, a campainha tocou, ressoando no salão principal. Jekyll ficou tenso. Vou ver quem é, senhor. *Não estou em casa*, avisou Jekyll rapidamente. *Seja quem for, não estou em casa. A menos que...* A palavra se dissolveu em sua língua em um silêncio sugestivo. Poole fixou seu olhar um momento e, então, fez uma reverência. Muito bom, senhor.

Georgiana estava de pé no salão principal, retirando as luvas, quando Jekyll entrou pelo corredor. É claro que ela voltaria para nós agora. Quando olhou para cima, vi um flash de Jeannie, um halo castanho-avermelhado ao redor de sua cabeça, e me senti profundamente nauseado. Georgiana estendeu a mão gélida. Você estava jantando, não é? Posso ir embora agora mesmo, se estiver atrapalhando. Jekyll conteve um arrepio ao tocá-la. *Você já comeu?* Ah, disse ela, não estou com fome. No entanto, posso me sentar com você, se estiver interrompendo. *Também não estou com fome. Venha.*

No gabinete, ele se ajoelhou diante do braseiro, acendeu um fósforo e ateou fogo no carvão. Georgiana, com um xale branco ao redor dos ombros, estava olhando para o retrato de papai novamente. Seu ventre estava mais aparente agora; uma de suas mãos delicadas pousara distraidamente sobre ele. Ela notou que Jekyll estava olhando, e ele desviou o olhar. Eu teria escrito para você, disse Georgiana, para perguntar se podia fazer esta visita. Mas não sabia que ficaria sozinha em casa esta noite. Vi uma oportunidade e não deixei passar. Ela fez uma pausa. Como você está, Henry? *Ah, ocupado.* Mesmo? Isso é bom? Ele deu de ombros. *Deixa a vida mais interessante.*

Eu conseguia sentir seu olhar enquanto Jekyll caminhava para as janelas com uma das mãos no bolso. Eu conseguia imaginar os olhos inquisitivos de Jeannie, seu sorriso contido, parcialmente contente, os cabelos ruivos brilhantes se derramando sobre o ombro branco, desnudo. Jekyll arfava pelo nariz. Henry, continuou Georgiana. Quer que eu vá embora? Jekyll olhou para ela, usando um vestido amarelo, cujas costuras foram soltas para se moldar ao amadurecimento. *Você parece bem.* Ela colocou a outra mão sobre o ventre e olhou para baixo. Estou bem. Estou me sentindo muito... otimista. A orelha dela estava corada sob um cacho loiro-claro. *Esse é o truque, não é.* Ela assentiu com a cabeça. Sim, de fato, acho que é. Georgiana olhou para cima, timidamente. Você sabe, segui seu conselho. Quando disse que eu deveria me surpreender. Pegar uma lembrança. *Ah?* Sim, e acho que estava certo. Foi muito libertador. Ela hesitou. Gostaria de vê-la? *Ver o quê?* A lembrança. O que eu peguei. Carrego comigo, às vezes, como um tipo de amuleto.

Jekyll assentiu. Georgiana colocou a mão no bolso do vestido enquanto dava a volta na mesa, caminhando em direção às janelas. Com um sorriso travesso, tirou do bolso algo fino e prateado, e o ergueu. Era um garfinho de prata. Nosso coração foi acometido por uma onda de náusea. *O que é isso?*, ouvi Jekyll perguntar. É um garfo para ostras, respondeu Georgiana com uma risada e, em seguida, pareceu preocupada. Henry, você está bem? *Estou bem, é que... onde conseguiu isso?* Bem, é uma longa história. Quer mesmo que eu conte? Será que, não sei, não estragaria tudo de alguma forma? Jekyll encarou o garfo, e eu fiz o mesmo através dele: o minúsculo desenho frisado ao redor da borda, os três dentes afilados. Eu era capaz de ver Jeannie mergulhando o garfo no escargot e o torcendo. A mão de Jekyll se ergueu em direção ao garfo, mas, antes que pudesse tocá-lo, um impulso elétrico chegou aos dedos e ele recuou. *Sim, talvez seja melhor não contar.* Gelado, nauseado, ele se virou para a janela, que refletia o quarto. Henry, disse Georgiana suavemente. Há... algo que eu possa fazer?

Fazer. Como assim?

Para ajudá-lo.

Para me ajudar. Ele riu, um som gutural. *Diga-me, por que as pessoas acham que preciso de ajuda?* Jekyll voltou os olhos para os dela, arregalados, desnorreados. *O que a faz pensar que pode fazer qualquer coisa por mim, Georgiana?* Ah, mas eu não..., disse ela. Henry, não quis sugerir... *Que sou um inválido? Que preciso de cuidados? Ser resgatado?* Não, é claro que não. Henry, você é a pessoa menos

inválida que conheço. Mas você parece... parece tão solitário. Ele foi sarcástico agora. *Não estou sozinho. Acredite em mim, não estou sozinho. Então entenda isto: você não pode me ajudar. Ninguém pode me ajudar. E não posso ajudar você. Nunca fui capaz de ajudá-la...* Ora, isso não é verdade!, interrompeu ela. É isso que estou tentando dizer! Você já me ajudou. Muito. Acha que tinha de fazer amor... de se tornar meu marido para me ajudar? *Não vamos falar disso*, retrucou Jekyll. Ele começou a se virar, mas Georgiana estendeu a mão e tocou o dorso da mão de Jekyll. Ele congelou, um pouco de lado, os dedos dela tocando sua pele levemente. Você é um bom médico. E tem sido um bom amigo.

Um bom médico, repetiu Jekyll. *Meu paciente em Paris se matou. Ele se enforcou. Sabia disso?* Mas não foi culpa sua, protestou ela. *Como pode ter certeza? Você não sabe, então não diga que sabe.* Afastou a mão para que ela não o tocasse. *Você não me conhece, Georgiana. Não sabe quem eu sou, o que eu fiz. E também não conhece você. O que acha que somos agora? Por que voltou aqui?*

Ela balançava a cabeça lenta e veementemente, com olhos arregalados, começando a brilhar. Eu não... não sei o que fiz para você. *Claro que não. Você vem e vai quando acha conveniente.* Quando acho conveniente?, gritou ela. Henry, nada em minha situação é conveniente. Achei que você compreendesse. Mas vim de qualquer forma, vim porque queria vê-lo. Para lhe agradecer.

Bem, você já fez os dois. Agora, pode ir embora de novo.

Podíamos ouvi-la tropeçando pela escada e cruzando o anfiteatro, então pisando no cascalho do pátio. Jekyll ficou rígido ao lado das janelas, os olhos brilhando com o calor. Pressionou os lábios contra o dorso da mão, fechando os olhos. Então se virou e voltou ao nicho para pegar o pequeno frasco marrom. Colocou água em um copo e pingou as gotas âmbar, cada uma se desmanchando nas profundezas. Jekyll segurou a tintura — e então seu coração ficou apertado; girou e arremessou o frasco na parede, onde ele se quebrou. *Você não ganha nada*, sussurrou entre os dentes, *não ganha nada!*

Sem morfina, sem comida: nos dois dias seguintes, ele realmente quase não ingeriu nada. Confinou-se em seu escritório, aceitando apenas chá, ficando deitado no sofá com o estômago roncando enquanto observava uma rachadura fina no teto. Eu não conseguia contato com Jekyll; seus pensamentos pareciam tão distantes quanto o resmungo de sua fome. O que faremos? A questão chegava a mim como uma

pergunta fútil, patética. O que podemos fazer? Minha vida estava contaminada. Aquela conspiração havia poluído todos os aspectos de minha existência. Veja como o Suíno tinha se voltado contra mim! Nunca gostaram de mim lá, disso eu sabia, mas aceitavam meu dinheiro, aturavam meu patrocínio até agora. Então, o que mudara? Era como se o lugar tivesse sido enfeitado. Minha vida como Edward Hyde estava acabada. Meu próprio nome estava maculado. Conseguia ouvir Vic dizendo claramente: Não queremos saber de suas negociações aqui, Mr. *Hyde* — como o eco daquela última e aterrorizante carta que eu havia queimado! Aonde eu poderia ir com um nome maculado? O que poderia ambicionar? Ficaria escondido em minha casa assombrada, esperando o ruído da caixa de correio com o mais recente enigma de meu algoz? Nunca conheceria a identidade do autor, supondo que houvesse uma *identidade* a ser conhecida. O mistério iria simplesmente desgastar minha sanidade, até que eu fosse reduzido a um náufrago paranoico.

Tamanha era minha agitação que mal notei quando Jekyll por fim deixou o escritório e desceu a escada. Somente quando ele saiu do jardim de inverno para encarar uma tarde agradável e ofuscante pude perceber o que se passava. Ele atravessou o pátio, subiu para o gabinete. Por um momento, pensei que afinal poderia estar indo buscar a morfina. Mas então retirou a gaveta E do armário, pousou-a sobre a mesa, tirou o roupão e enrolou a manga da camisa.

Ele estava me libertando? Por quê? Fiquei desconfiado. Ainda assim, senti o coração relaxar quando tirou o soro do frasco e preencheu o cilindro de vidro, e então lançou um jato brilhante de um verde pálido. Ele tinha uma solução? Eu tremia quando a agulha penetrou fundo na veia. Ah, Jekyll, roguei, não me iluda.

Dez minutos depois, eu saí pela porta da Castle Street para o alpendre coberto por crostas de excremento. Vestia uma camisa limpa. Meu sobretudo e minha calça cheiravam a mofo, mas estavam secos. Eu tinha quase cinquenta libras em meus vários bolsos. Debaixo da aba do chapéu, aspirei o buquê do fim do dia: fumaça de carvão, esterco de cavalo, pão, sol sobre as pedras. A luz ao longo da fachada das casas mais altas havia começado a assumir um tom dourado, alaranjado. Uma brisa morna subia a rua, agitando as pontas de meu sobretudo. Tive de me inclinar sobre a bengala por um momento, irresoluto e satisfeito. Então descí os degraus de cimento e a rua de paralelepípedos. O sul estava a minha frente, não o norte, em direção ao Soho, mas ao sul em direção a... eu não sabia a quê. Mas eu não ia voltar para a Ghyll. Na Trafalgar Square, virei para o leste, caminhei ao longo da Strand.

A multidão dos teatros congestionava a calçada, todos os transeuntes se exibindo em suas echarpes e lenços de seda e perfumes enjoativos; esgueirei-me através deles, com uma espécie de revelação crescente. Ninguém olhou para mim. Ninguém reparou em mim. Eu não importava para eles. A luz se tornou mais densa enquanto me dirigia para o leste, o céu escurecendo para um azul-royal acima dos telhados pretos, e, horas mais tarde, a noite me encontrou passeando ao longo de uma via em ruínas, à luz de lâmpões a gás tremulando algures no labirinto de Whitechapel. Um cão uivava, um homem e uma mulher gritavam um com o outro em um dos cortiços assomando sobre a rua. Uma risada embriagada irrompeu de uma prostituta bêbada de pernas inchadas esparramada em uma parede. Outra garota cambaleou e se jogou em meu peito, murmurando algo com seu hálito pútrido. Na esquina, havia um velho enrugado que se virou para longe de mim e vociferou: Não tenho nada! Não tenho nada, estou dizendo, nem adianta pedir! Fiquei maravilhado com esses personagens insanos, anônimos, como se eles tivessem sido inventados unicamente para me divertir. Cheguei a um pub e entrei.

Pé-direito baixo e um brilho sulfuroso e acolhedor. O taberneiro era careca, com um bigode enorme e lustroso. Serviu-me um copo cheio de gim e o empurrou com um aceno amigável. Havia três homens imensos, hirsutos, sentados mais na ponta do balcão, observando-me. Meu coração quase saiu pela boca, ergui meu copo a eles. Depois de uma pausa, eles levantaram suas cervejas e voltaram a conversar.

Senti que ia cair na gargalhada. Como fui idiota! Como fui bitolado e tacanho! Lá estava eu, imaginando que minha vida como Edward Hyde tinha acabado, quando havia todo esse campo desconhecido a ser explorado. O Soho não era minha vida, e Ghyll não era meu *lar*. Era apenas uma casa velha deteriorada que eu alugava por trinta libras. Poderia arrendar centenas de casas a esse preço — o que importava? Até meu pobre nome maculado — era apenas um nome! Não fora sequer uma escolha minha; Jekyll tinha me batizado quando me dera as cinco mil libras e um mundo de problemas com elas. Eu já existia havia meses sem nome, sem casa e sem muito dinheiro, e era perfeitamente feliz. Feliz! Deixara para trás algo daqueles primeiros dias, algo que eu sabia intrinsecamente quando Jekyll havia me libertado pela primeira vez, mais de seis meses atrás. Esta era minha vida. Eu a levava comigo aonde quer que fosse. Este era meu *lar*. Bem aqui.

Passei a noite em um hotel decadente à margem do rio. Da cama afundada, podia sentir o cheiro da água banhando os pilares, seu fedor de peixe, de mulheres. Podia

sentir Jekyll dentro de mim, ramificando-se através de meu sangue, um enrijecimento no meio de minhas pernas. Tremendo como se estivesse com frio, desabotoei a calça e acariciei delicadamente o volume. Eu nunca havia feito isso assim antes, colocando-o para fora em agonia, chegando ao ápice em chamas e, então, voltando, de novo e de novo, a sensação em direção ao desfecho tão exótica que segurei nossa vida rígida na parte mais próxima à base, no limbo excruciante, como aquele paradoxo de dividir um todo pela metade para sempre, sem nunca atingir o marco — e, quando por fim cheguei ao clímax, o corpo inteiro se contraiu em arrebatamento. Eu não conseguia abrir os olhos; uma grade fosforescente piscava seu rendilhado na escuridão. Jekyll estava fundido a todos os meus nervos, soldado a mim. Ah, Deus. Eu não precisava de uma casa, uma cama com dossel, lençóis de cetim. Eu não precisava de criados, prostitutas, vizinhos, amigos. Eu não precisava de uma conta bancária; não precisava de um nome. Tudo de que precisava era aquilo.

De manhã, continuei rumo ao leste, passeando ao longo do rio, observando os abutres cruzarem as margens sujas e mergulharem fundo para procurar fragmentos de algum tesouro submerso. Um resíduo andrógino de criança imunda se endireitou com algo que colocava na boca, chupava e em seguida removia, limpo para inspeção. Uma gaivota planou em um voo descendente e pousou em um poste de amarração de madeira verde coberto de algas. Um barco com as bordas baixas, carregado com tecidos, vagava por lá, deixando atrás de si ondulações como seda na água oleosa. Ao anoitecer, eu tinha alcançado a entrada e as docas da ilha dos Cães e me juntei a uma multidão barulhenta de trabalhadores gritando e praguejando enquanto dois homens lutavam, sem camisa, por dinheiro. Mais tarde, em um barraco de tábuas ruidosas sobre a água, escuro como breu, exceto por um brilho vindo daqui e dali de buracos para passar cordas, tateei meu caminho até um beliche de colchão estreito, e um menino chinês frágil acendeu o cachimbo longo e fino, que se estendia de meus lábios. Uma bola brilhante de ópio queimava na escuridão enquanto eu sugava sua fumaça leitosa, hipnotizante.

Sim, Jekyll me impelira para o ópio. O piche preto, pegajoso e milagroso era parente de seu láudano no frasco marrom, guardado no armarinho de vidro — porém, muito mais potente quando tragado para os pulmões e absorvido pelos alvéolos. Imaginei que poderia realmente sentir a fumaça se dispersando através de meus capilares como um leite curador, um bálsamo mágico, unguindo meus nervos.

As pontas de meus dedos foram especialmente afetadas. Seria capaz de passar horas acariciando minha barba áspera, encantado com seu ruído eletrizante, ou esfregando os dedos uns nos outros e decifrando o segredo contido em seus verticilos. Uma hora sob efeito do ópio é algo infinitamente flexível, e, quando a aurora rosa pálida atravessou as paredes do cortiço, parecia-me — de olhos esbugalhados, transportado — que a noite havia durado vários dias. No entanto, eu nem sempre me encontrava no beliche de madeira. Muitas vezes, acordava nos lugares mais bizarros — em um terreno baldio amplo, próximo aos trilhos da ferrovia; em um coche vazio em uma área lamacenta, onde porcos deitados empilhados dormiam e roncavam; na cama tombada de uma mulher de meia-idade — sem nenhuma lembrança de como havia chegado lá. Particularmente, não me importava se não conseguisse me lembrar desses passeios alucinatórios. Estávamos em uma aventura! Eu não era Edward Hyde; era o herói obscuro, sem nome, viajando disfarçado para longe dos problemas em casa, onde era um homem caçado, perseguido injustamente. Era um fugitivo fazendo o papel de vagabundo, e sentia um prazer ardiloso de estar entre os cidadãos e os vagabundos dos cortiços a leste, como se fosse um deles.

É claro que, na verdade, eu não era. Tinha quase cinquenta libras espalhadas nos vários bolsos, como já disse. As notas grandes, de cinco e dez, eram de certa forma inúteis, pois ninguém tinha troco para elas. Tudo era incrivelmente barato; eu mal conseguia controlar as moedas insignificantes necessárias para pagar pelas coisas. Quando a lua cor de mel terminara seu ciclo completo, eu tinha gasto menos de uma libra. Poderia ter vivido anos com as cinquenta libras no East End, à margem sul do rio. Mas, inevitavelmente, fui roubado.

Uma noite, no fétido Bermondsey, deparei-me com o pequeno casebre de uma cigana de cabelos revoltos e, parecia, cega de um olho azul, pálido e turvo. Eu tinha uma sensação esquisita sobre o lugar, que estava vazio, exceto pela mulher, que me lembrava de alguém que não conseguia determinar. Ela me conduziu a um beliche e acendeu o cachimbo para mim, e, quando dei a primeira tragada, a resposta me veio como um golpe frio: é claro, a cartomante que lera minhas cartas estava de volta nesta minha outra vida. As duas mulheres poderiam ser irmãs! Olhei para uma unha que parecia uma garra quando a cigana traçou uma espiral, como um saca-rolhas, no turbilhão de fumaça, sussurrando algo para si mesma, e, como um eco, ouvi a outra cantarolar em meu ouvido: *Roda da Fortuna*. Era um mau presságio, nesta reencarnação, aquela cabana vazia — eu queria ir embora. Mas as drogas dela

agiam rápido; meus membros e minhas pálpebras já estavam pesados como chumbo.

Quando naveguei de volta à consciência com um suspiro pesado, encontrei-me sozinho no quarto vazio, que tinha uma única janela dos fundos em chamas sob a luz do sol abrasador. Caminhei cambaleando para a manhã severa, para a agitação do comércio, tentando proteger os olhos. O fedor pungente de terebintina e couro curtindo aguçou meu juízo enquanto eu perambulava por lá, estalando a boca, afagando os bolsos distraidamente. Então parei e enfiei a mão no casaco, na calça, no colete, frustrado. Onde estava todo o...? Meus olhos se arregalaram. Virei-me e voltei cambaleando pelo caminho que havia percorrido, abrindo espaço através da multidão agitada, mas as ruas eram um labirinto e todos os barracos pareciam iguais — pedaços de metal e madeira de sucata — e, para começar, eu não me lembrava de onde ficava o casebre da cigana. Desorientado, banhado em suor gelado, cheguei a um impasse e enfiei novamente as mãos nos bolsos. Mas em vão. Deixaram-me liso.

Minhas botas estavam caindo aos pedaços, os saltos, acabados, e uma das solas, solta. Minhas bolhas doíam. Minhas costas estavam travadas, e meu pescoço, com torcicolo das múltiplas acomodações em camas duras. Uma erupção cutânea pruriginosa havia invadido meu ânus, e eu podia jurar que tinha piolhos rastejando por meu couro cabeludo. De repente, estava cansado de vagar, cansado de atuar naquele papel de fugitivo. Sentia falta de minha cama. Queria voltar para casa.

Peregrinei pelo noroeste o dia inteiro, tateando com a bengala. (Aquela bengala estava agarrada a mim! Quase a perdera dezenas de vezes, confuso e louco como estivera, mas o bastão fiel permanecera ao meu lado, esperando para satisfazer a seu terrível destino.) Quando voltei a Ghyll, uma nuvem quase desfeita pairava iluminada pela última luz prateada no céu. Fiquei do outro lado da rua, quase sem acreditar que a casa ainda estava lá, sem ter sido queimada por uma multidão, e exatamente como eu a deixara. Desloquei-me do outro lado da rua para o pátio e, apoiando-me, olhei sobre a borda do chafariz. Franzi a testa de espanto, então remexi com a ponteira da bengala. Estava vazia. Nenhum pássaro, nenhum gato, nenhum osso, apenas o vazio da pedra e algumas folhas secas. No vestibulo, encostei a bengala nos lambris e arranquei as botas, então fui mancando até a porta da sala de estar. Fiquei lá parado, na sala, analisando a mesa redonda brilhando sob a janela. Também estava vazia. Fiquei imóvel, de pé, à espera de acordar de

sobressalto naquele cais de madeira, tudo outra vez, e perceber que o dia fora um sonho.

Mrs. Deaker me encontrou na manhã seguinte, no banheiro do terceiro andar. Eu estava sentado em uma banheira de água tépida, marrom, examinando meu rosto em um pedaço de espelho quebrado que tinha retirado de uma misteriosa pilha de cacos na pia, quando a maçaneta guinchou e a porta se abriu. A senhora segurava um atizador de lareira e fez uma careta quase cômica; tive de conter uma gargalhada leviana. *Olá, velhota*, falei com uma onda de carinho. O som de minha própria voz me assustou — senti-me como se não tivesse falado por semanas. Mrs. Deaker suspirou, mal conseguindo disfarçar seu alívio, e bateu a ponta do atizador no azulejo. Olhou para mim com um ora-ora-ora astuto saindo de seus lábios enrugados. *O patrão voltou, hein?*, falei. *Está de volta de sua longa viagem*. Ela ficou em silêncio. A torneira vazando fazia *ping, ping, ping*. Pigarreei, olhando para a água com ferrugem. *Olhe. Sinto muito*. A torneira ressoava. Sente muito, disse Mrs. Deaker por fim, contemplativa, como se nunca tivesse ouvido a expressão antes. Foi a primeira vez que eu dissera isso. A velha senhora encolheu os ombros ossudos. Está bem, então.

Lá embaixo, encontrei sobre a mesa da cozinha uma costeleta morna, como uma oferenda. Sentei-me e a devorei, os olhos vagando descrentes em torno do cômodo sombrio. Não havia mais cadáveres no chafariz, não havia mais cartas — e uma costeleta de vitela para o desjejum. Parecia bom demais para ser verdade. Eu poderia confiar nisso? Poderia me deixar acreditar que havia acabado, que a maldição tinha simplesmente sumido em minha ausência? Passei o dia inteiro à espera, em um estado de alta expectativa, certo de que algo iria acontecer — alguma resposta a meu retorno ao lar. Mas, na manhã seguinte, nada havia acontecido ainda, nenhum estalo da caixa de correio, nenhum pássaro na bacia de pedra. O dia estava ensolarado, e o céu estava limpo. Eu não podia acreditar. Não me deixariam escapar tão facilmente, retomar uma vida de liberdade descuidada. Não, fui muito cauteloso ao andar pelas ruas antigas do Soho, alerta às expressões do povo, encarando as vitrines, pronto para qualquer coisa. Passei por uma banca de jornais e parei, e finalmente li a data abaixo da manchete. Era início de junho.

Por trás de meus próprios pensamentos, podia sentir o fluxo de Jekyll, mais perto agora que antes, como um murmúrio soprando. Estivéramos fora por mais de um mês, o tempo mais longo que já passamos afastados do Casarão. Poole devia estar

preocupado. Jekyll não dissera nada antes de partir. Poole teria se assegurado do bem-estar de Jekyll. No entanto, como poderíamos voltar ao Casarão agora, quando tudo corria bem, de forma tão suspeita e ominosa para mim?

Naquela tarde, quase não reconheci a Leicester Square. A calçada estava lotada de pedestres, casais juntinhos, e a área central era ocupada por espreguiçadeiras e chapéus-coco, e pessoas passeavam ao lado da estátua branca como sal do velho Shakespeare, bem no centro. Nervoso, esgueirava-me entre eles, transpirando em meu sobretudo preto de inverno. Talvez, pensei distraído (e com um otimismo insano), estivesse na hora de encomendar roupas de verão. Limpei a bochecha úmida com a manga da camisa e parei diante da porta da frente do Casarão, que era preta e brilhante, como se recém-pintada. Engoli em seco e toquei a campainha. Ouvi o som distante vindo lá de dentro e, então, o barulho de passos.

O sol pendia atrás de mim, e, quando a porta se abriu, iluminou completamente o rosto de Poole, que quase não conseguiu esconder sua ansiedade e preocupação. Mr. Hyde, disse ele, com um toque expectante no tom da voz, quase de boas-vindas. Entre, por favor. Poole abriu passagem, e entrei no salão fresco, à meia-luz. O senhor está ciente de que o Dr. Jekyll não está em casa? *Estou. Trago uma mensagem dele.* Mantive os olhos distantes. Queria muito tirar minha cartola e passar as mãos por meus cabelos úmidos, emaranhados. Mas não ousava, mesmo com a barba, revelar-me completamente para a inspeção de Poole. Meu olhar se voltou para os armários em frente à lareira: os painéis de vidro texturizado, uma fileira de frascos escuros exibidos lá dentro. As amostras coletadas pelo Dr. John Hunter. *Jekyll tem viajado*, ouvi-me dizer. *Temos viajado juntos. Tive de voltar para estes lados da cidade, cuidar de alguns negócios. Ele me pediu para lhe dizer que está bem, que não há nenhum motivo de preocupação.* O olhar de Poole era como um círculo feroz de luz solar refletindo em minha bochecha. Viajando por onde?, perguntou, e adicionou, com polidez: Se me permite perguntar. *East End, principalmente. Mas por toda Londres, na verdade. Jekyll diz que é uma expedição de pesquisa.* O senhor tem alguma ideia de quando ele voltará? *É difícil dizer*, respondi levemente, começando a me divertir com a provocação. Dei uma olhada rápida para o homem, lancei-lhe um sorriso infantil. *Ele não disse que ia partir, disse? Isso não lhe parece coisa do Jekyll?*

Seus olhos estavam fixos nos meus, o branco tão claro e nítido que era quase azul na escuridão. Então seu olhar hesitou e desviou para a esquerda, ao longo do

vestíbulo. Ao longe, na porta iluminada para o salão principal, havia uma figura feminina, obviamente escutando; a mulher congelou quando olhamos para ela. Obrigado, Lizzie, disse Poole, isso é tudo. Em um momento, ela voltou à vida; fez uma mesura com a cabeça, saudou-nos e se apressou em sair. Poole continuou a observar o portal vazio brilhante, com o queixo teso. O senhor vai reencontrar o doutor, perguntou com firmeza, quando seus negócios estiverem resolvidos? Minha língua se desprendeu do palato com um estalo molhado. *Talvez*. Então talvez possa lhe dizer, continuou Poole, e ele parou, fixando o olhar em mim. Será que detectei um lampejo de incerteza por trás da fachada serena? Ele pigarreou. Talvez possa lhe dizer que ele é ansiosamente aguardado em casa. *Espero que sim. Isso é tudo?* Ele não desviou o olhar. Sim, é tudo. A menos que tenha algo a acrescentar a seu relato esclarecedor.

Senti algo em minha garganta — uma risada. Comprimi os lábios para contê-la, e em silêncio balancei a cabeça.

Neste caso, desejo-lhe um bom dia, Mr. Hyde.

De volta à Ghyll, encontrei Mrs. Deaker no sofá da sala de estar, bebendo xerez. Entrei, peguei um copo no aparador e me acomodei na outra ponta do sofá. Ela se empertigou, olhando para a frente. Depois de um momento, levantou a garrafa de cristal do chão e, quase sem olhar, derramou um pouco do líquido rubi em meu copo estendido. Recostei-me e assistimos à luz nas janelas da frente se desvanecendo em um crepúsculo que impregnava o cômodo barroco antigo e o tornava apreciável mais uma vez, como devia ter sido havia muitos anos, quando a nobre família feliz vivera aqui. O que acontecera com eles? O que acontecera com este lugar? Virei a cabeça para Mrs. Deaker e percebi que já havia escurecido. Era possível ver seu perfil como uma efígie de mármore, um brilho de prata ao redor da borda de sua taça. Queria perguntar algo a ela, algo terrivelmente importante, mas não conseguia lembrar o que era. A pergunta surgiu em mim e afastei os lábios para falar. Sssshhh, disse ela.

Sonhei que estava de volta no vestíbulo. Analisando os painéis de vidro texturizado, os frascos com os espécimes coletados pelo Dr. Hunter, que se moviam e agitavam o líquido turvo como enguias em aquários, e, enquanto isso, tentava explicar a Poole quais eram os planos de Jekyll. Mas todos os meus traços — lábios, nariz, orelhas,

bochechas — pareciam de borracha e soltos, prestes a se desprender a qualquer momento e revelar a Poole o que havia por baixo. Não Jekyll, mas alguém que eu não conhecia, repulsivo e emergindo por baixo da camada leprosa que recobria minha face. Meus dentes balançavam conforme falava, e eu cobria a boca para não os cuspir, e, quando acordei, estava segurando o nariz para que ele não caísse.

Ainda estava na sala de estar, esparramado no sofá. Não me lembrava de ter adormecido ali. A boca estava seca, a cabeça, latejando. Puxei o lóbulo da orelha, para testar, certificando-me de que estava preso com firmeza, então empurrei os dentes com a língua. Minha mão parecia esquisita e cheirava mal, e encontrei grudado no meu polegar um fio de cabelo longo, escuro, encaracolado. Soltei-o e sacudi aquela coisa pegajosa, para soltá-la, e deixei o cômodo, correndo pelo salão sombrio e saindo pela porta da frente.

Caminhei pelas ruas, confuso e nauseado, como se estivesse de ressaca, embora não fosse capaz de me lembrar de ter bebido nada além do xerez. Gradualmente, o sol nasceu e as ruas se encheram com meus vizinhos. Sentia um cheiro azedo e pungente das axilas e da virilha. Algo estava para acontecer, eu podia pressentir: havia uma agitação no ar. O espasmo que há muito me acompanhava fazia minha pálpebra tremer outra vez, como um código Morse indecifrável. Tomei uma caneca escaldante de café em uma barraca na rua e fui para casa.

Um homem estava encostado na minha grade quando me aproximei, com seus braços cruzados e uma das botas apoiada nas lanças de ferro. De aparência comum, barbudo, olhando para o outro lado. Parei diante dele e o encarei até que virou a cabeça e fez um meneio insolente e calmo. Olhou por cima do ombro, para minha casa, mostrando um vislumbre de seu dente canino. Então se afastou da grade e seguiu seu caminho. Fiquei parado, observando-o partir, um rugido difuso em meus ouvidos. Fechei os olhos, apertei bem as pálpebras, agarrei-me às lanças de ferro para me equilibrar; as pedras sob meus pés pareciam soltas, como meus dentes em suas cavidades naquele sonho. Então abri os olhos. Os espasmos na pálpebra inferior haviam passado. Eu ouvia o trotar de um cavalo levando uma carruagem nas proximidades. Tudo estava bem. Expirei, joguei a cabeça para trás, então me volvei para o pátio. No chafariz, parei brevemente para observar seu interior — vazio, novamente —, mas nos degraus da frente que cediam, parei de repente.

Um quadrado branco estava preso ali, pendendo da caixa de correio.

Subi até o alpendre como se estivesse indo para a forca. Segurei o envelope e o

puxei da portinhola de metal. A letra longa e pontuda atravessava a frente: *Mr. Hyde*. A textura áspera do papel barato. Virei o envelope. A porta da frente foi aberta cautelosamente. Mrs. Deaker me encarou, surpresa. Patrão, disse ela, pensei que... o senhor? Seus olhos semicerrados se voltaram para o envelope em minha mão. Ouvi a caixa de correio há pouco, explicou ela.

Olhei para o envelope também, então me virei e observei a grade, onde aquele homem havia ficado parado. Estaria me esperando, como um vigia? Eu deveria...? Dei um passo confuso para a frente, parei e olhei para o envelope novamente. Enfiei o polegar em sua aba e a rasguei para abri-lo:

*esconda-se, diz quem procura, e o oculto se oculta
e acha que a brincadeira se arrefeceu,
mas estou contando, um dois três,
agora, pronto ou não, aqui vou eu!*

Preparei-me para uma explosão, para um lampejo branco de vapor. Aguardei, com os ombros curvados, a carta crepitando em minhas mãos. Olhei para cima: o mundo ainda estava ali. As pessoas passavam distraídas, para lá e para cá, além da cerca. Parecia que eu ouvia risos vibrando no ar. Procurei Mrs. Deaker, que me observava com uma curiosidade contida, como se eu fosse um lunático imprevisível em sua porta. Ofereci a carta a ela. Depois de hesitar, pegou-a. Aproximou-a do rosto para ler, então a baixou e olhou para mim, confusa, desconcertada, quase temerosa. Seus lábios franzidos tremaram, como se ela estivesse prestes a fazer uma pergunta. Puxei a carta de sua mão. Ela não estava fingindo. Ah, não, eu via claramente agora, como se a névoa que cobrisse meus olhos tivesse se desfeito. Não era simulação. Ela não escrevera nenhuma das cartas. Era inocente.

Inocente! O que isso queria dizer, afinal? Quem era culpado, então — aquele homem solitário descansando em minha grade? Ele era, se muito, um mero batedor, aguardando minha chegada, para que o mensageiro pudesse entregar a carta no momento perfeito. Mas certamente *ele* também não era o verdadeiro autor da mensagem; era apenas um mensageiro, outro peão!

Parte de mim ficou imensamente aliviada. Não demoraria muito agora. Eu sabia que aquilo não tinha terminado. Sabia que ia começar de novo, e agora recomeçava, estava vindo — *pronto ou não, aqui vou eu!* Preparando-me, fiz outra inspeção na

casa, verificando os assoalhos desnudos, as janelas e a porta dos fundos da adega. O baú pesado ainda obstruía a passagem, mas, quando tentei girar a maçaneta enferrujada, para minha surpresa, a porta abriu. Estava certo de que a havia deixado trancada; sempre ficava trancada. Será que Mrs. Deaker estivera ali?

No dia seguinte, saí de casa cedo e circudei o quarteirão até chegar a um recesso, em frente à Ghyll, com vista para o portão, o chafariz e a porta da frente. Passei a manhã inteira e toda a tarde parado lá, nervoso e entediado, precisando urinar, observando os corpos que se deslocavam de um lado para o outro, e pensando em Utterson vigiando a porta da Castle Street noite após noite, paciente, imperturbável. No dia seguinte, fiquei vigiando a porta dos fundos da adega, no beco de trás, e no dia seguinte...

Mas logo desisti; o tédio era muito estressante. Meu algoz era esperto demais para atacar enquanto eu estava de tocaia. Então eu tinha de ser esperto também — tinha de fingir lassidão, negligência. Tentei frequentar alguns de meus velhos ambientes novamente; não o Suíno, é claro, mas o Brejo, o Garganta — e, uma vez, até mesmo o Black Shop Pub, aonde Cornelius Luce me levara até Carew naquela noite, há muito tempo. O pub estava novamente lotado de irlandeses, e fiquei na balaustrada com um copo de cerveja preta, olhando para a mesa onde Carew se sentara de costas para mim. Refiz o caminho que ele havia feito naquela rua íngreme e estreita, subi os degraus até o topo, onde ele subira e gritara meu nome: Mr. Hyde! O eco de seu grito triunfante voltou aos meus ouvidos. Carew teria alguma ligação com tudo aquilo? Observei a rua abaixo, as sombras onde eu tinha me escondido, e vi os telhados acima, quase na esperança de encontrar uma figura lá no alto, emoldurada como um arcanjo contra o céu inconstante. Mas não havia ninguém.

Junho passava. Algo dentro da Ghyll parecia estar apertando, tornando-se cada vez mais tenso, com uma inquietude palpável que até Mrs. Deaker percebeu. Uma noite, sentei-me pesadamente à mesa da cozinha, tomando vorazmente um vinho barato direto da garrafa enquanto, atrás de mim, a velha senhora lidava com o fogão, esquentando seu jantar. Os sons acolhedores de chiar e raspar me consolavam; uma calma se assentou em minha mente. Acabei com a garrafa, coloquei-a sobre a mesa e bati na borda, então a garrafa caiu e atingiu a pedra do assoalho, fazendo um estalo agudo. Mrs. Deaker berrou: um cacarejo de surpresa. Girei em minha cadeira, meu sangue gelando, e ela voltou seus olhos esbugalhados

para mim com a mão dramaticamente sobre o peito. Ambos olhamos para a garrafa quebrada e o vinho carmesim derramado no chão. Ela soltou uma gargalhada oscilante, e eu ri desajeitado. Mas pairava aquele ar de terror. Nenhum de nós se moveu enquanto a poça escorria como sangue por toda a laje. Aquele desejo confessional tomava conta de mim novamente, o desejo de me quebrar como a garrafa e deixar sangrar meu segredo. Aquele velha mulher que eu havia convidado para minha vida, meu caos, como uma espécie de testemunha — também tinha perguntas para mim, eu sabia, fervendo em seu coração murcho. Então por que não poderíamos conversar? Olhei para a mão manchada sobre o peito, sua pele sedosa e amarelada. Queria senti-la em minha testa. Como se tivesse percebido, sua mão voltou ao fogão, de onde ela puxou um pano de prato da alça da porta. Ofereceu-o para mim, como uma bandeira de trégua cinza e rasgada.

Os últimos dias de junho foram de tempestade: chuva de vento e raios riscando o céu, seguidos por trovões e relâmpagos flamejantes. Isso me animou muito, essa violência eletrizante. Aventurei-me a percorrer a varanda, segurei o parapeito como se fosse a proa de um navio em mares tempestuosos, e enfrentei e desafiei os raios a me atacarem, convidando os deuses a arrancarem o terraço inteiro de suas amarras frágeis e arrebatá-lo como a carruagem de Hades. Eu esperava que a tempestade durasse semanas e semanas, um dilúvio bíblico lavando e levando embora minhas preocupações triviais — todas as preocupações triviais de todos os lugares! *Pronto ou não*, gritei ao vento devastador, *aqui vou eu!* Mas, após vários dias, a chuvurada cedeu. As ruas ficaram envoltas em vapor sob o sol enevoado, cobertas com ondas de folhas e detritos, telhas, guarda-chuvas quebrados, papel encharcado, os destroços de um carrinho de bebê. As pessoas surgiam, perscrutando o céu. O sol se intensificou, tornando-se uma labareda crepitante, e, de repente, sem nenhum aviso, era julho. Verão no Soho, as ruas engasgadas com a agitação; havia vendedores de comida em cada esquina, promovendo suas mercadorias, sorvetes aromatizados, carnes grelhadas, ovos cozidos; um festival para os forasteiros, senhoras com sombrinhas rendadas e homens de terno cor de creme. Abri caminho através da horda de turistas, irritado pela continuidade jovial do mundo. Eu quase não reconhecia meu velho Soho decadente, brilhante e alegre como um balneário. Toda a produção parecia suspeitamente teatral, uma distração em grande escala para me confundir. Afinal, qualquer coisa poderia acontecer em uma multidão. Alguém poderia roubar sua cartola do alto de sua cabeça.

Por alguns passos, sequer senti que ela havia desaparecido. Desorientado, vagando entre os passantes, no começo, apenas notei que o brilho estava mais intenso, o ar resfriava minhas orelhas. Então, com um ímpeto de pânico, bati a mão na cabeça e descobri que estava exposta. Minha cartola! Dei meia-volta, voltei alguns passos, abrindo caminho com o cotovelo. Não estava sobre as pedras abaixo dos pés que se moviam. Não estava na cabeça de ninguém. Parei, meu coração gelou. Era 6 de julho.

Que rua era essa? Eu não conseguia me orientar, não me lembrava aonde estava indo. O sol parecia mais quente e mais alto no céu do que apenas alguns segundos antes. Sem a cartola e exposto ao brilho ofuscante, vaguei pelo caminho até chegar a uma esquina conhecida e, então, tracei um curso apressado até a Ghyll. Aquilo não havia sido fruto de roubo ou troca; fora deliberado demais, preciso demais. E, droga, eu *gostava* daquela cartola, ela se encaixava perfeitamente à ruga na altura de minhas sobrancelhas. Sem conseguir pensar direito por causa do sol direto, subi a Ghyll Road, tão cheia com o fluxo de pessoas vindo das ruas principais que eu não consegui ver o portão da frente até quase chegar a ele. Limpei o suor dos olhos com a manga da camisa e cheguei a meu destino.

Minha cartola estava pendurado no mourão de madeira como se fosse por um gancho.

Mas não havia um gancho. Ela estava pregada na madeira pela aba. Por um prego de ferro enferrujado e grosso. O prego não se moveria, fora enterrado muito fundo. Olhei para trás, em direção à horda em movimento, e, em seguida, soltei a aba da cartola pela cabeça do prego. Foi quando vi o jornal por trás dele, também preso ao mourão pelo mesmo prego. A *Pall Mall Gazette*. Já esperava que meus dedos fossem percorrer a aparição. Mas o folhetim era incrivelmente resistente e áspero. Rasguei-o para soltá-lo.

Em meu quarto, fechei um olho e espiei através do orifício circular perfurado na aba da cartola. Então joguei o artigo arruinado sobre a cama e me virei para o jornal, que tinha um rasgo irregular acima da manchete:

O TRIBUTO VIRGINAL NA BABILÔNIA MODERNA CONVIDAMOS VOCÊ A TRAZER ESPERANÇA

O relatório de nossa Comissão Secreta será lido hoje com um horror tremendo, que emocionará o mundo inteiro. Após a imagem terrível dos crimes atuais,

cometidos como se estivessem sob a égide da lei, ser totalmente desdobrada diante dos olhos do público, precisamos ter certeza de que a Câmara dos Comuns encontrará tempo para elevar a idade durante a qual as donzelas inglesas podem ser protegidas de erros espíáveis.

Eu lia cada vez mais rápido. *Donzelas inglesas, a venda de garotas inglesas, a compra, a venda e a violação de crianças, o assédio às donzelas.* Logo estava apenas passando os olhos pelos títulos espalhados por todo o artigo: “A violação de virgens”, “Virgens dispostas e não dispostas”, “Compra de garotas no East End”, “Garotas penduradas”, “O mercado de escravas de Londres”, “Criança de 13 anos comprada por £5”. Praticamente o jornal inteiro era focado no artigo histórico. Freneticamente, virei as páginas em um movimento quase cego, com as mãos manchadas de tinta, vasculhando as linhas quase instintivamente para procurar, sim, meu nome, convencido de que a qualquer momento ele pularia das colunas de tipos densos. O que diabos era aquilo? O que era essa Comissão Secreta? Por que o jornal tinha sido pregado em meu portão? Olhei para cima, ruborizado, minha face apreensiva com um sorriso petrificado, ao ouvir o silêncio grandioso da casa. Então, li o texto desde o início.

Era uma campanha, uma denúncia abusiva. Na Grécia antiga, argumentava o autor, os atenienses prestavam homenagem ao rei Minos lhe enviando jovens virgens, sete rapazes e sete donzelas, para serem devorados pelo Minotauro em seu labirinto fétido a cada nove anos. Mas, em Londres, essa mesma transação bestial era feita todas as noites, garotas inglesas sacrificadas nas entranhas do monstro. *Eram donzelas quando o dia amanhecia, mas sua ruína chegará hoje à noite, e amanhã elas irão se encontrar dentro dos portais do labirinto da prostituição de Londres.* Quartos acolchoados, à prova de som, para os senhores que queriam fazê-las gritar. Correias de couro nas camas de dossel. Parteiras em East End para certificar sua virgindade de antemão e contornar os danos depois. Coisas horríveis. E esta Sociedade Londrina de Proteção a Jovens Mulheres — onde eu ouvira falar disso antes? Afastei-me da cama onde jazia o jornal. Um movimento chamou minha atenção; olhei de relance para a esquerda, para o espelho gigantesco, onde um estranho barbudo, malicioso, olhava-me atentamente, conforme se agachava, limpando as mãos compulsivamente na calça. Cheguei mais perto, encantado pelo reflexo feroz, e cautelosamente estendi a mão suja de tinta em direção à mão do lado

de lá. Imediatamente, contraí-me e me afastei, alarmado com o contato — parecia não ser vidro, mas uma energia sedosa, líquida. Olhei ao redor no quarto. Os móveis enganosamente casuais abrigavam seus segredos.

Naquela noite, joguei minha cartola da varanda e a vi rodar em um amplo arco sobre telhas e arestas e desaparecer de vista. Ela não prestava mais. Havia sido alterada por seu calvário sinistro. Era o mais próximo que eu tinha chegado de meu algóz. Ocultar e Procurar, Hide e Seek. Ele era real. Realmente me tocara, no meio da multidão, estendera a mão e derrubara o chapéu de minha cabeça, expondo meu rosto ao povo. *Pronto ou não, aqui vou eu...*

Nervoso com um pavor desafiador, caminhei através da multidão, no dia seguinte, em busca de uma loja de chapéus. Encontrei uma na Wardour Street e mergulhei em seu crepúsculo mofado. O dono, que parecia uma toupeira, não me deixou sozinho até que mostrei os dentes a ele, então fui autorizado a passar uma hora reconfortante sozinho entre as pilhas de chapéus empoeirados, experimentando um após o outro em frente ao espelho torto. Por fim, deparei-me com um chapéu-coco pequeno, de um cinza pálido, com uma fita de cetim lavanda, indecorosa, que não era meu estilo, mas, quando provei, o encaixe em meu crânio foi perfeito. Dei um sorriso gengival para mim mesmo, inclinando a cabeça para baixo até que a aba me cobriu inteiramente, menos meus dentes triangulares reluzentes. Este chapéu poderia ser um tipo de disfarce, tão diferente do outro. De volta à rua, misturei-me à multidão que festejava, mantendo a aba baixa, e meus olhos com os contornos vermelhos se moviam rapidamente. O sol batia nas janelas, e fragmentos de mica reluziam na alvenaria, o que me deu dor de cabeça. Abri a porta de um pub e espiei o interior. Também estava abarrotado, homens gritando seus pedidos no balcão. Postei-me diante daquele clamor turbulento, piscando para me livrar da fumaça do cigarro preto queimando a minha frente. Sentia uma dor de cabeça pungente, como uma vareta espetada em minha órbita ocular. Fechei os olhos e, por um momento extasiante, soltei meu peso sobre os corpos atrás de mim, um segundo ou dois de um vazio doce e absoluto. Então dei um solavanco, cambaleando para trás, e me vi prestes a cair de costas, provocando um estrondo no chão. Como se tivesse acordado de um cochilo de menos de um segundo, olhei em volta, confuso mas revigorado, e minha visão voltara ao normal e até mesmo a sede havia diminuído um pouco. Toquei meu rosto, a aba do chapéu, assegurando-me de que tudo ainda estava em ordem. Então me virei e fui para a rua.

Eu não conseguia me lembrar exatamente de nada, uma sensação de estranheza total, enquanto vagava pela Wardour. A arquitetura que se erguia acima de mim parecia estranha — havia algo nos ângulos, nas sombras, como se toda a paisagem urbana tivesse sido desmontada e substituída por cenários bidimensionais. Era a sensação de uma grande piada, um riso sufocado nos rostos dos passantes, de todos os atores figurantes. Ninguém me olhava nos olhos. Havia, de fato, algo tenso e deliberado na forma como não me encaravam. Com exceção de um pívete com rosto sujo de fuligem que parou em uma esquina e me observou enquanto eu passava por ele, seus olhos vermelhos e quentes como brasas, sua cabeça virando para acompanhar meu trajeto. Pensei naquele bando de garotos, naquele roubo de carteiras coordenado. Esse seria um deles? Ele me conhecia e estava com medo de mim, pois, quando fiz um movimento indeciso em sua direção, ele se misturou na multidão e desapareceu.

Subindo a Ghyll Road, fiquei ofegante, certo de que, como ontem, algo havia acontecido em minha ausência. Conforme me aproximava, vi um grupo de pessoas reunido em torno do portão da frente. Elas estavam lendo jornal. Um homem cruzou meu caminho rua abaixo, lendo atentamente. Outros estavam com o periódico aberto, a cabeça inclinada. Caminhei com uma casualidade desprezível. Um jornal fora pregado no mourão de novo, e vários exemplares da *Pall Mall Gazette* que tinham sido amarrados com barbante foram desamarrados e estavam espalhados nas pedras, permitindo que as pessoas os pegassem gratuitamente. Peguei a cópia pregada ao mourão — fora atravessada pelo velho prego enferrujado — e, com um gemido de lamúria, rasguei-a para liberá-la do prego.

O TRIBUTO VIRGINAL DA MODERNA BABILÔNIA II O RELATÓRIO DE NOSSA COMISSÃO SECRETA

Por um segundo, pensei na possibilidade de pegar os jornais restantes e carregá-los para dentro de casa. Em vez disso, entrei no pátio segurando meu exemplar e me dirigi à porta, sentindo como se um rifle estivesse apontado da rua para um ponto entre minhas omoplatas. Desastrado, levei um tempo para colocar a chave na fechadura, e, quando bati a porta atrás de mim, encontrei Mrs. Deaker diante da sala de estar. Ela assistira ao espetáculo pela janela. Sua testa estava franzida, e sua boca, entreaberta, como se fosse falar. O jornal estalava em minha mão. Passei

rapidamente por ela, subindo as escadas.

Descrevi ontem, começava o artigo, uma cena que ocorreu no último dia das corridas de cavalo, em uma casa bem conhecida, a menos de meio quilômetro do Oxford Circus. Não foi um dos piores exemplos dos crimes que são constantemente perpetrados em Londres, ou até mesmo naquela casa. As vítimas de estupro são quase sempre crianças muito pequenas, entre 13 e 15 anos. A razão para isso é muito simples. A lei atual quase impede tais crianças a serem presas fáceis de homens dissolutos. No momento que uma criança faz 13 anos, ela se torna mulher aos olhos da lei, com absoluto direito de dispor de sua pessoa para qualquer um que, por força ou por dissimulação, possa intimidá-la ou persuadi-la a abrir mão de sua virtude.

Como da outra vez, fui folheando as páginas, horrorizado “Assédio em West End”, “Uma agência de assediadores”, “Precisa de uma criada?”, “Uma entrevista com a agência”, “Encomendei cinco virgens”, “As virgens certificadas”, “Mercadorias para a sedução”. Mal conseguia entender — aqui, o próprio jornalista que iniciara a cruzada entrara em contato com a agência de Madame X, tentando encomendar cinco virgens certificadas para distribuir entre seus amigos. Que tipo de história maluca era essa?

Abri a estreita gaveta de cartas na escrivaninha antiga, onde eu tinha guardado dois dos poemas de meu algoz, armazenados em seus envelopes. Lá de dentro, tirei um deles e li novamente: *hyde oculto, o buraco sagrado, beije as mocinhas, faça-as ir, mas, quando os rapazes vierem brincar, o hyde oculto desaparecerá.*

Beije as mocinhas.

As palavras mordazes agora representavam uma nova ameaça. As cartas sempre estiveram levando àquela campanha insana, àquela acusação dissimulada? Qual era a implicação? Que eu era um desses monstros dissolutos, esses patronos de casas para moças? Porque havia abrigado duas em minha casa? Eu podia sentir algo enlouquecedor forçando a entrada em minha memória, incapaz de chegar a ela. Agarrei meus cabelos pela raiz, rangendo os dentes. Qual era a conexão? Aonde tudo isso me levaria? O jogo ficava maior e mais público a cada movimento. Exposição. Nada mais de me esconder em minha casa anônima, aninhado em minha vida secreta. Sim. Essa havia sido a mensagem desde o início, desde a primeira carta de provocação. *Então me oculto, e tu te ocultas, e vejamos quem encontra quem primeiro!*

No dia seguinte, eu estava determinado a vigiar o portão da frente. Arrastei uma poltrona para a janela da sala de estar e me preparei para esperar. Ficou abafado quando a manhã desabrochou, mas não queria abrir a janela, como se algo contagioso estivesse solto no ar. Uma mosca gorda bateu no vidro em seu voo desajeitado. No parapeito da janela, havia outra mosca morta, caída de costas, as pernas minúsculas eriçadas. Podia sentir meu cheiro: minhas roupas não trocadas, meu corpo sem banho, pungente, relaxado. A mosca se debatia no vidro. Minhas pálpebras começaram a pesar.

Papai estava sentado ao meu lado, em sua cadeira de rodas. Suas mãos estavam carcomidas, porém ainda em forma, com as unhas amareladas pendendo dos braços de madeira da cadeira. Seus cabelos brancos-acinzentados caíam sobre os ombros quando ele inclinava a cabeça para me observar, dando-me um sorriso contido, encorajador. Aqueles lábios barbeados. Ele acenou com a cabeça para a janela, como se dissesse: Vamos assistir juntos. Eu queria lhe dizer alguma coisa urgentemente, mas não me lembrava do que era.

Meus olhos se abriram.

Houve um movimento no pátio, uma agitação no ar. Por um segundo, eu não conseguia respirar, então dei um suspiro estrangulado, lento, e, em um movimento súbito, levantei da cadeira. As pessoas estavam aglomeradas no portão novamente. Como se drogado, pus-me de pé, vacilante, e me dirigi ao vestíbulo, escancarando a porta. Folhas de jornal faziam piruetas e giravam do outro lado do pátio, e eu podia ouvir gritos, ou cânticos, como crianças cantarolando alguma provocação. Esfreguei os olhos, e, do grupo no portão, distingi alguns meninos jogando jornais no ar e saltitando enquanto cantavam. As palavras... soavam quase como meu nome. Mis-ter Hyde! Mis-ter Hyde! Mis-ter Hyde! Corri escada abaixo e, no pátio de paralelepípedos, afastei um jornal levado pelo vento de meu caminho. Atravessei o portão e escorreguei na calçada. Dois dos garotos me viram — pivetes, como aquele que eu tinha visto ontem —, largaram os jornais e fugiram. Havia outro garoto que estava absorvido demais em seus saltos e gritos alegres do que eu jurava ser meu nome para me ver; no entanto, quando ergui os braços para me equilibrar e fui em sua direção, ele se virou e fez uma expressão atônita, cômica, e fugiu correndo. Fiquei lá parado, o peito arfante, encarando a multidão aglomerada na rua como uma plateia improvisada. Eles analisavam minha chegada à cena com curiosidade, como se fosse um novo personagem em alguma apresentação teatral a que estavam

assistindo. Folhas de jornal estavam caídas sobre as pedras ou agitadas ao vento; uma fora empalada na grade da cerca. Girei em direção ao mourão: uma única página de jornal rasgada estava trespassada pelo prego, agitada pela brisa. Virei-me de novo para a multidão. Meu olhar focou um janota na frente; ele usava um chapéu branco e uma flor na lapela, e estava de braço dado com uma figura vistosa de roxo — os dois me vigiavam com aversão. Risos de zombaria ecoavam ao meu redor. Eu pretendia esbravejar como um louco no meio da multidão e pisotear todos sob meus cascos, berrando. Mas recuei, arranquei a folha do prego e caminhei em direção a casa com um tipo de dignidade furiosa.

Mrs. Deaker abriu a porta para mim, e cruzei o salão, desmoronando na parte de baixo da escada. A velha senhora deu passos ruidosos com suas botas, até que ficou me encarando a alguns passos de distância. Ergui um olhar de desgraça, sombrio. A adrenalina estava se esvaindo; sentia-me tonto e exausto. Mrs. Deaker captava minha expressão cansada de uma distância piedosa, olhando para mim como se eu fosse algum desgraçado deformado na soleira de uma porta. Uma onda de amargura inundou meu coração. *Velha vadia. Está feliz? Era isso que você queria, não?*

Feliz, repetiu ela com um riso desdenhoso, suave. Não, patrão. Não estou feliz.

Você me amaldiçoou. Admita, colocou um feitiço em mim. Por causa das garotas. Isto é tudo culpa sua, não é? Não é? Eu estava implorando. Sua piedade se aprofundou. Ela sorriu, um espasmo aflito. O senhor fez isso a si mesmo, Mr. Hyde. Ela se virou e saiu do salão com passos leves.

A folha de jornal estava amassada em minha mão. Fiz força para abrir os dedos e alisei a página sobre o joelho. Tinha sido rasgada ao meio — e marcada, percebi agora, com um lápis grosso ou um pedaço de carvão, um círculo irregular ao redor da coluna inferior direita, onde se lia o título “O Minotauro de Londres”:

Como no labirinto de Creta, onde havia um monstro conhecido como o Minotauro que devorava as donzelas lançadas nos labirintos daquele lugar maligno, em Londres também há ao menos um monstro que pode ser considerado a absoluta encarnação da luxúria brutal. Aqui, movendo-se pela sociedade como uma figura respeitável, com trajes elegantes e linho fino, como um bispo, sem forma faltosa ou aparência de besta brutal para diferenciá-lo de seus companheiros, é o Dr. —, agora aposentado de sua profissão e livre para dedicar sua fortuna e seu ócio a arruinar criadas. Esse é o “cavalheiro” cuja cota de virgens de seus

agenciadores é de três por quinzena — todas garotas que não tenham sido previamente seduzidas. Mas sua paixão devastadora afunda-se na insignificância quando comparada à de Mr. —, outro homem rico cuja vida é dedicada à gratificação da luxúria. Durante minhas investigações no reino subterrâneo, seu nome constantemente sobrevém.

Não é parte de minha incumbência apresentar os indivíduos à execração popular, prometeu o escritor, e o nome e o endereço dessa criatura não aparecerão nestas colunas. O nome e o endereço dessa criatura! Em meu quarto, percorri a passagem novamente. Eu sabia que não poderia estar se referindo a mim — eu não tinha comprado nenhuma virgem nem arruinado criadas. E, ainda assim, isso não importava. Meu algoz tinha arrancado *esta* página específica e circulara *esta* coluna em particular. Dr. Espaço em Branco e Mr. Espaço em Branco. *Agora aposentado de sua profissão e livre para dedicar sua fortuna e seu ócio a arruinar criadas...* Mr. Seek, fosse lá quem fosse, havia selecionado esta página para pregar em meu portão. Sua mensagem era inegável. Seek sabia. Sobre mim, sobre Jekyll. Sobre nós.

Não podíamos continuar ali. A exposição, a exposição pública às massas, nosso segredo desmascarado. Esse era o fim do jogo. Tínhamos de fugir, de desaparecer. Já havíamos feito isso antes, poderíamos fazer de novo. Deixar a casa, deixar essa identidade para trás. Seria... Qual era a expressão?

Uma retirada estratégica. Ela surgiu desdenhosamente em minha cabeça. De imediato, eu estava repleto do desdém e do escárnio de Jekyll. Fugir? Fugir para onde? Para o East End novamente? Por quanto tempo? E o Casarão — teríamos de nos retirar dele também? Covardemente! Patético! Seus pensamentos cresceram em minha mente com um cântico submerso e depois minguaram, deixando-me abalado e envergonhado. *O que fazer, então?*, perguntei ao silêncio persistente. *Diga-me! Diga-me o que fazer!*

Não houve resposta. O céu para além do aglomerado cinzento dos telhados assumia um tom claro de tangerina, com fitas contorcidas em matizes lilás. Aonde foram as horas? O aroma de frango assando subia das ruas abaixo, provocando uma explosão de saliva em minha boca. Eu não havia comido nada o dia inteiro. Fechei os olhos que ardiam, descansei minha têmpora no batente da varanda aberta.

Então enrijeci, as orelhas achatadas contra meu couro cabeludo: uma batida fraca, mas nítida, vinda lá de baixo. Ouvi, sem fôlego. E novamente: *Toc-toc-toc-toc!*

Abri os olhos e fitei o outro canto do quarto. Alguém estava aqui. Eu não conseguia mover um músculo, congelado como um animal ao som de um galho partido. Então houve um barulho novo, mais nítido, um rápido estalo repetitivo. Eu conhecia esse barulho. A caixa de correio.

Arrastei-me escada abaixo e parei, agachado, no penúltimo degrau acima do vestíbulo. Vi o brilho laranja intermitente da caixa de correio, como se a porta — a própria casa — estivesse tentando me dizer algo em uma mensagem frenética. Eu devia ter ouvido.

Abri a porta. De alguma forma, não fiquei surpreso com a visão dos dois homens grandes em ternos de tweed em minha varanda. O mais alto tinha um bigode cor de areia, e o mais baixo, uma tez corada, com olhos azul-gelo. Boa noite, senhor, disse Bigode educadamente. O senhor seria Edward Hyde, correto? Eu não conseguia falar. Eles trocaram olhares de soslaio. Senhor, sou o inspetor Fulano, disse Bigode, e este é o inspetor Ciclano. Scotland Yard, Mr. Hyde. Podemos entrar?

Eu não captei o nome deles. Meus tímpanos rugiam como conchas de caramujo. Mas eu conseguia ouvir minha própria voz, estranhamente calma, dizendo: *Cavalheiros, boa noite. Posso ver sua identificação?* Cada inspetor apresentou uma carteira de couro, abertas: duas estrelas de prata, *Polícia Metropolitana* estampada em um anel azul ao redor do centro. Abri a porta um pouco mais e fiquei de lado; eles marcharam para dentro de minha casa. *Por aqui, por favor*, ouvi-me dizer, quase com vigor, enquanto os conduzia ao fundo do vestíbulo e, em seguida, ao primeiro lance de escadas. Fiquei surpreso com minha estabilidade. No segundo andar, entrei no salão vazio. Um tapete de poeira sobre as tábuas do assoalho, intato desde que as meninas partiram. O único lugar para se sentar era o sofá de veludo surrado, com estofamento felpudo marrom desbotado. Os inspetores analisavam o quarto desconfiados; Bigode perscrutou o gancho vazio do lustre no teto. Mr. Hyde, esta é sua residência principal?

Meu olhar estava pregado na parede oposta, no retrato pendurado lá. Aquela paisagem marítima prateada com a figura escura solitária, flutuando como uma miragem sobre o cascalho brilhante. Uma pontada de saudade me perfurou. Como ansiei por ser transportado para esse retrato, essa dimensão alternativa, naquela praia para sempre banhada pela lua prateada...

Voltei a olhar para o inspetor Bigode, que me observava com curiosidade e cautela, perplexo. *Minha residência principal*, ouvi-me murmurar, *sim, sim, é.*

Ouvimos que o senhor teve algum tipo de perturbação esta manhã, disse o inspetor Azul-Gelo. Ele enfiou a mão no bolso e puxou, como eu imaginava que faria, uma folha de jornal dobrada. Ele olhou para o texto e, por um momento, pensei que iria começar a ler em voz alta. *Sim, isso*, eu disse. *Apenas crianças. Um pouco de travessura, é tudo.* Bem, o senhor é especialista no assunto, não é?, disse o inspetor Bigode. Em travessuras, quero dizer. Engoli em seco e tentei sorrir, mostrando os dentes, desequilibrado, piscando ansiosamente. Estava sendo preso? Eles podiam fazer isso? Eram da polícia, poderiam me levar para fora de casa e me jogar em um coche com barras de ferro e me colocar em uma cela, se quisessem. Quem poderia detê-los? Dei um passo para trás. *Cavalheiros*, falei. *Que indelicadeza a minha. Informarei a minha esposa de que estão aqui. Eu, pelo menos, apreciaria uma bebida.* Saí do salão, o olhar alternando entre o inspetor Bigode e o inspetor Azul-Gelo, esperando que um deles erguesse a mão e dissesse: Alto lá, senhor, e me acusasse e me jogasse no chão, e prendesse meus pulsos com algemas de ferro. Mas eles simplesmente se levantaram e me observaram recuar, impassíveis, indiferentes. Apoiei-me no corrimão e desci as escadas. O vestibulo estava vazio. Meu novo chapéu-coco cinzento continuava pendurado no balaústre do corrimão, e estendi a mão para pegá-lo, assustado ao sentir o toque no objeto, o feltro seco e duro de sua borda. Minha bengala estava encostada no lambri ao lado do batente da porta da sala de estar, o bronze quente se encaixando em minha mão. A maçaneta girou suavemente na minha palma. Do outro lado do pátio e da rua, os tijolos da casa vizinha apoiavam uma luminária amarelada. Coloquei os pés no alpendre em um torpor causado pelo assombro. Como fora fácil. Virei e olhei para trás, através da porta aberta, para o vestibulo da Ghyll.

Uma retirada estratégica. Sim, esse é o termo.

TERCEIRO DIA

Meio-dia

De trás do espelho oval, pego o estojo de couro preto do violino e o levo para a mesa. As fivelas de prata se desprenderam com facilidade e fizeram a tampa se abrir. Em seu leito de veludo azul, o instrumento se encontra silente, maior do que me lembrava. Talvez porque sempre me pareceu pequeno em sua mão larga, irregular. Não sei por que senti vontade de vê-lo agora — esta velha testemunha, velho amigo de papai. Ele adorava este maldito violino. Poderia tê-lo doado a um museu ou a uma escola de música, algum lugar digno, pois é realmente lindo, com seu braço delgado e sua pele de bronze, sua fragilidade envernizada. Em vez disso, deixou-o para nós, para ficar desafinado e negligenciado, apoiado na parede. Por quê? Expição? O que ele imaginou que provaria nos deixando suas coisas amadas?

Viro a cabeça para a parede norte, vazia, onde seu retrato costumava ficar pendurado. Não há nenhum retângulo desbotado sobre os lambris de madeira, nenhum sinal de que a imagem já esteve lá um dia; a parede está apenas — desnuda. Meu rosto está começando a coçar sob a barba, como se de vergonha. Mas por que eu deveria me sentir envergonhado?

Olho novamente para o instrumento e passo o polegar nas cordas, tocando um acorde rouco e vibrante. Sinto um calafrio e fecho abruptamente o estojo, travando os grampos. Por um momento, estou com os dedos no couro, sentindo algo me escapar, algum tipo fugaz de compreensão, sobre renúncia, papai, a Ghyll e tudo mais... Mas a ideia se dissolve quando tento me focar nela. Arrasto o estojo de cima da mesa e o deslizo novamente para trás do espelho, com o vidro pivotante voltado para a parede, como Jekyll o deixou.

Melhor assim, o espelho virado para a parede. É melhor não olhar para mim mesmo, ver o que me tornei, este animal treinado, enjaulado, à espera de ser liberto

de seu sofrimento. Ele está brincando comigo, com certeza. Poole! Como pode não perceber? Como pode pensar que Jekyll ainda está aqui? E se isto *realmente* continuar indefinidamente, e se esta for minha punição? Nada de machado, sem cianeto, nenhum momento de glória. Em vez disso, morte por atrofia.

Rá. Não devo me iludir. Eu não teria tanta sorte.

Esta vergonha pungente. É por causa da Ghyll, é claro. A maneira como abandonei aqueles supostos inspetores e fugi. Temeroso, patético, abandonei minha fortaleza a um par de estranhos, depois de todas as precauções que tomara para impedir que qualquer informação vazasse. Mas eu não estava apenas me preservando. Enquanto escapava para o sul, em direção à Castle Street, podia sentir a exaltação e o medo de Jekyll por termos fugido por pouco. Tanto quanto eu, ele não queria ficar por perto para ver o que os inspetores diriam. Atirei-me pela porta da Castle Street e subi a escada dos fundos para a segurança do gabinete, praticamente choramingando com gratidão ao vê-lo. Eu estive fora por um longo, longo tempo. Mais de dois meses, meu distanciamento mais longo no corpo até então. A seringa menor na caixa de costura da Milward ainda estava cheia, é claro, mas, quando deslizei os dedos pelas alças de aço, fui assolado por um pensamento profético. O soro poderia ter vencido — tornando-se inútil — dentro do cilindro de vidro todo esse tempo? E se a agulha falhasse?

Não aconteceu, a princípio. Jekyll cambaleou até o espelho e olhou para seu reflexo distante. Uma barba louro-ferrugem camuflava a face, da maçã do rosto até a garganta, e uma juba suja pendia diante de seus olhos azuis desolados. Ele pegou a tesoura e a navalha, derramou um pouco de água em uma bacia, cortou a barba e depois passou a navalha nos pelos. Molhou os cabelos e penteou as mechas emaranhadas, alisando-as da melhor maneira possível, então se vestiu com suas próprias roupas. Estava apresentável novamente, mas vazio, branco onde a barba fora raspada, com uma intensidade cansada no olhar. Virou-se, desceu a escada e atravessou o pátio para o Casarão.

Da sala de jantar, ouvia alguém falando, direta e continuamente, uma entonação baixa emergindo da passagem arqueada. Jekyll a seguiu até a porta do salão. Poole estava sentado na cadeira de veludo esmeralda, lendo um livro para a criadagem toda reunida, cerca de doze pessoas sentadas ao redor da sala, calmas e prestando atenção. As criadas e a cozinheira sentadas no sofá longo, com o ajudante da

cozinheira a seus pés, e Bradshaw, o laçao, empoleirado no braço redondo do sofá, um sapato balançando, as mãos cruzadas no joelho, seus cabelos acobreados radiantes. O olhar do laçao deslizou para a porta arqueada e focou Jekyll, inclinado lá. Todos os olhos no cômodo então se voltaram simultaneamente, e Poole parou no meio de uma frase e se virou na cadeira. Um momento assustador, vazio, de estranhamento, como se ele tivesse entrado na casa errada. Dr. Jekyll, exclamou Poole. Minha Nossa, que surpresa. Ele rapidamente ficou de pé, escondendo o livro nas costas. Por favor, desculpe-nos, senhor, e bem-vindo ao lar, é tão bom revê-lo. Ele pigarreou. Todos começaram a se levantar do sofá e das cadeiras, com certo ar de má vontade, como filhos obedientes, mas descontentes por terem lhes dito que é hora de dormir. Senhor, disse a cozinheira corpulenta e carnuda, arrumando as saias, vai querer seu jantar? Poole a fuzilou com o olhar, e ela baixou os olhos para o chão. Perdoe-nos, senhor, disse Poole. O senhor jantará esta noite?

Qualquer coisa fria será suficiente.

Poole lhe serviu carne assada fria e batatas ao vinagre na sala de jantar. Espero que perdoe minha liberdade na sala de estar, senhor, retomou. A boca de Jekyll estava cheia de carne. Ele engoliu o bolo frio e estalou os lábios. *O que estava lendo?* Apenas um texto de Dickens, senhor. Espero que sua expedição de pesquisa tenha sido proveitosa. Jekyll sugou um fiapo de carne dos molares. *Houve frutos, por certo.*

Quando Poole saiu, Jekyll despachou o restante da comida e subiu para seu quarto, onde tomou um banho. Sentou-se na borda da banheira que rangia, o coração apertado como um músculo com câibras. Aquela cena no salão, todos reunidos ouvindo Dickens. Como se ele estivesse assistindo à cena por uma janela bem-iluminada, espiando uma grande família contente em sua terra feliz, com a escuridão irregular a suas costas e o painel de vidro frio separando-o daquele calor. A maneira como haviam olhado para ele, com alarme e leve consternação, como se fosse realmente um intruso em sua própria casa. O que acontecera em sua ausência?

Afundou na água fervente para ficar boiando suspenso sob a superfície. Pulsávamos em aparente harmonia. Seus pensamentos eram uma melodia submersa, mas eu não precisava ouvi-los com clareza. Era óbvio que algo estava acontecendo. Nada definível, uma mera penumbra de problemas por vir, mas o manto do Dr. Henry Jekyll não podia mais nos proteger. Se Mr. Seek sabia sobre Jekyll e o vínculo entre nós, se estava determinado a nos expor, então não pararia de me perseguir, mesmo comigo fora de casa. Ele viria atrás de nós no Casarão também. Tínhamos

de estar prontos. Jekyll não poderia continuar a manter seu próprio plano irritante. Ele teria de me aceitar no santuário de sua mente.

Ele entrou descalço, pingando, em seu quarto de vestir, extenuado em seu roupão. Manteve as janelas do quarto abertas e despencou na beirada da cama, molhado de suor. Eu sentia a seda em contato com a pele ardente, o ar refrescante vindo da praça, o pulsar do ambiente, expandindo e se contraindo. Deitamos de costas, levemente nauseados, com o teto dando voltas como as pás de um ventilador.

A sala de dissecação. A mesa de dissecação. A luz branca do sol atravessando a claraboia. Cirurgiões trabalhavam com bisturis e pinças, enquanto estudantes, que não conseguíamos ver, acompanhavam do círculo de bancos. John Hunter, o grande pai do Casarão, dava uma aula expositiva enquanto cortava um segmento de carne de nosso bíceps. Erguemos o braço e ficamos maravilhados com a fâscia lustrosa, arroxeadada sob a pele. Colocamos nossos dedos na incisão e começamos a ampliá-la, e, como se o antebraço inteiro e a mão fossem uma luva de borracha, soltamos o tecido trançado da carne e arrancamos toda aquela coisa molhada, fitas de membrana tegumentar clara estendidas do reticulado dos dedos antes de serem afrouxadas. Os cirurgiões tentavam nos segurar, mas lutávamos com eles e nos sentamos, enganchamos nossos dedos nas bordas de nossos olhos e puxamos até os buracos das órbitas estalarem e toda a sufocante máscara do rosto ser descascada totalmente...

Então, desperto: meus olhos abertos, cintilando.

De bruços, o rosto esmagado na cama. Manhã clara como uma chama de magnésio. A cabeça latejava, sentia uma sede avassaladora, mas eu não conseguia sequer levantar o rosto da coberta de seda áspera. Minhas pálpebras escorregaram por um segundo bem-aventurado de sono e, então, abriram-se depressa novamente, encarando a mão sobre a cama diante de mim. Uma mão morta, descorporificada: tentei mover o polegar e, para minha surpresa, ele se contorceu. Os dedos vibraram vitalidade também, aracnoides. Fechei-os em um punho, libertei-os, fascinado pela simples ação de minha mão.

Minha mão.

Fiquei de joelhos, o coração palpitando. Jekyll tinha ido dormir — e aqui estava eu, acordando no corpo. Pulei da cama e me dirigi trôpego a seu quarto de vestir, aproximando-me do espelho oval e apontando-o para baixo. Ó Deus. Com cabelos selvagens e embotado de sono, meu reflexo reapareceu; eu conseguia sentir Jekyll

recuando. Cheguei mais perto do espelho, então olhei para baixo e, como um experimento, belisquei meu mamilo, um beliscão com vontade. Dor. Estava firmemente preso. Aquilo não era um sonho.

Afastei-me do espelho. Tinha de chegar ao gabinete. Com Jekyll pulando como uma chama de vela frenética na mente, vesti desajeitado suas roupas e me arrastei para a porta do quarto. Espreitei o corredor. Poole podia estar em qualquer lugar a esta hora. Saí furtivamente do quarto e deslizei colado à parede até as escadas. Espiei por cima da grade e desci as escadas de caracol até o parquet de mármore do salão principal, prestando atenção. Do salão principal, caminhei suavemente pelo corredor estreito que leva até a sala de jantar. Ela era o maior perigo; Poole sempre aparecia em um minuto após Jekyll se sentar para o desjejum. Pé ante pé, passei rapidamente pela mesa de jantar e saltei os dois degraus para o jardim de inverno. Estava prestes a tocar a maçaneta de aço da porta quando meus olhos se moveram para a esquerda, e congelei. Bradshaw e Lizzie estavam junto às plantas que pendiam do teto, a dez passos de distância, silenciosamente me observando.

Lizzie regava uma samambaia, enquanto Bradshaw se postava logo atrás dela, as mãos unidas nas costas, como se examinasse seu trabalho. Um sorriso pouco cortês jazia nos lábios dele. A garota enrubescou, um brilho de culpa em seus olhos assustados. Segurando a calça de Jekyll pela cintura, a camisa larga demais e os botões desencontrados, um amante furtivo escapando pela porta dos fundos, segurei firme a maçaneta e manquejei com os pés descalços através do pátio de cascalho. Eles não me importavam; tudo o que importava era trazer Jekyll de volta. Subindo as escadas, fugi até a porta de baeta vermelha, quando, com um espasmo de pânico, pensei: As chaves! Mas estavam no bolso da calça dele, então entrei no gabinete. A chave tiniu ao penetrar no armário envidraçado; puxei as portas para abri-las e retirei a gaveta E.

Eu nunca havia preparado a agulha. Isso era domínio de Jekyll. Mas podia senti-lo guiando minhas mãos, de repente hábeis. Assisti-as fazendo a operação: pegar um Erlenmeyer, despejar o extrato carmesim no frasco, medir uma colher de pó. Quando a cor esmaeceu para um verde pálido, transferei para o frasco de vidro e atravessei a rolha de borracha com a agulha, por fim impelindo um fino jato de soro da hipodérmica. Contraí o punho, puxando o torniquete com os dentes para apertá-lo. E, enquanto conduzia a agulha para o ponto exato, não deixei que eu me perguntasse o que aconteceria se ela fracassasse.

Vinte minutos mais tarde, Jekyll se sentava para tomar o desjejum. Fingiu estar lendo o jornal enquanto Poole servia o café. Quando a xícara estava cheia, Poole esperou obter atenção por trás do jornal até que Jekyll baixou a metade superior e o olhou nos olhos resolutamente. Poole baixou a cabeça lustrosa. Eu queria apenas dizer, senhor, que é bom tê-lo em casa. *Obrigado, Poole*, respondeu Jekyll com cautela. *É bom estar em casa*. Ele se curvou de novo e se virou com a bandeja, então fez uma pausa e disse: Podemos esperar que fique por algum tempo, senhor? Jekyll deu de ombros, fingiu indiferença e balançou o jornal. *Sim, imagino que sim*.

Quando Poole saiu, Jekyll pôs o jornal de lado e levou o café para cima, movendo-se com precisão, como se a xícara estivesse completamente cheia e ele não quisesse deixar cair uma gota. Mas era o corpo que se sentir instável, como se um gesto repentino pudesse me trazer de volta sem aviso. Eu estava apavorado, confuso e não podia deixar de me senti responsável de alguma forma, como um cão mau que fez algo imprudente e estúpido — mesmo que, evidentemente, eu não tivesse *feito* nada. Não importava se não entendia as leis da natureza e das ciências, elas existiam, imutáveis, confiáveis, e a maior lei de minha existência era que a agulha era minha chave, meu passaporte para dentro e para fora do mundo dos sentidos. Porém, agora, parecia que as leis estavam se deteriorando. O disfarce de Henry Jekyll não era mais uma proteção absoluta.

Ele ficou tenso com a intrusão de meus pensamentos enquanto caminhava pelo escritório. De uma prateleira, desceu uma coleção de livros com capa de pano e de couro que empilhou na escrivaninha. Jekyll os consultava esporadicamente, percorrendo com o olhar as linhas de rabiscos fluidos ornamentais — sua própria caligrafia, reconheci — antes de empurrar os livros de lado, com um silvo exasperado. Naquela noite, estava deitado no sofá de couro, contemplando a mancha avermelhada do pôr do sol refletido no teto. Quando bateu à porta, ele estava em silêncio. Quando bateu novamente, respondeu irritado: *O que foi?* Poole abriu a porta. Mr. Utterson deseja vê-lo, senhor.

Jekyll se sentou empertigado. *O quê?*, brandiu. *Agora?* Nem tínhamos ouvido a campanha. Sim, senhor. Mr. Utterson está lá embaixo.

Jekyll passou a mão nos cabelos. Utterson! Eu quase havia me esquecido do homem, com todas as nossas preocupações. Não podíamos vê-lo, é claro, não agora, não desse jeito... Poole pigarreou. Senhor, tomei uma pequena liberdade, espero que não se importe. Eu disse a Mr. Utterson que o senhor havia pego um sereno,

resfriou-se, e eu iria verificar se o senhor se sentia melhor. Jekyll ergueu o dedo no ar, assentindo com a cabeça. *Sim, sim, muito bem pensado, Poole. Você sabe, ainda estou me recuperando de minhas viagens, na verdade. Talvez possa dizer a Mr. Utterson que vou visitá-lo em breve, nos próximos dias.*

Assim que Poole saiu, Jekyll ficou de pé e atravessou a sala, pressionando o corpo com força contra a parede ao lado da janela. Conseguia ver os degraus da frente e a entrada, e, um minuto depois, Utterson emergiu e desceu até o portão da frente. De lá, como se sentisse nosso olhar oculto, virou-se e olhou diretamente para a janela do escritório. Jekyll moveu a cabeça no último segundo e ficou rígido, esperando. Quando espiou lá fora outra vez, Utterson caminhava em silêncio pela calçada.

Naquela noite, Jekyll preparou outra injeção do soro no gabinete e levou para seu quarto. Guardou na gaveta da mesa de cabeceira e então, vestido com trajes de passeio, postou-se na poltrona diante das janelas. Mantinha vigília contra mim, fazendo-se inflexível ao sono. Como se eu fosse usurpar o corpo novamente quando suas pálpebras escorregassem e ele fechasse os olhos. Como se eu *quisesse* o corpo agora, nestas circunstâncias. Como colocar a culpa em mim? Inferno, como ele podia saber tanto e parecer compreender tão pouco?

Ao amanhecer, continuávamos acordados. Jekyll olhou rapidamente para as mãos, palmas e costas, e apertou o rosto áspero, conferindo com o toque todas as feições, como se para se certificar de que elas ainda eram as suas. Encostou o queixo no peito, com um suspiro aliviado e murmurou: *Graças a Deus.*

Graças a Deus? Eu nunca o tinha ouvido falar uma coisa dessas antes. E jamais ouviria novamente.

Ouvimos a campainha desta vez. Jekyll estava em seu escritório, onde passara a manhã e a tarde debruçado sobre seus antigos diários. Eram seus diários da França, sobre o caso de Emile Verlaine. Tentei ler junto, mas era como tentar ler por cima de seu ombro ou em um sonho. No entanto, sabia que ele estava lendo sobre o pó, a injeção de produtos químicos. Emile Verlaine não precisava de agulha para se tornar Pierre e o Outro, não a princípio. A transformação ocorria involuntariamente. Jekyll simplesmente havia manipulado, domado, esse processo natural. Nosso caso era diferente; eu precisava da injeção. Isso acontecia por que Jekyll tinha melhor controle de si mesmo do que Emile? Ou por que eu era mais obediente do que as personalidades interdependentes do rapaz?

As três notas da campanha soaram. Em menos de um minuto, Poole estava batendo à porta do estúdio. Perdoe-me, senhor. Sir Danvers está lá embaixo. Expliquei que estava indisposto, mas ele foi bastante insistente. Pediu que lhe entregasse isto.

Poole segurava um envelope branco. Ofereceu-lhe o envelope, e Jekyll estendeu automaticamente a mão para pegá-lo. Juntos, olhamos para a caligrafia sinuosa em sua frente:

Dr. Jekyll

Nosso coração congelou em um bloco de sangue. As mãos viraram o envelope e rasgaram a dobra, puxaram o pedaço de papel verde pálido. Um cheque do banco de Jekyll. Preenchido ao portador, de noventa libras, em 12 de dezembro de 1884. A assinatura dele — minha falsificação questionável — rabiscada ao longo da linha inferior. Um carimbo vermelho do banco estampado no canto. Jekyll estava voltado para as janelas, sem respirar. Havia algo mais no envelope. Seus dedos pegaram o cartão de visita que já conhecia: Danvers X. Carew, membro do Parlamento. Virou-o.

Precisamos nos encontrar

Poole estava esperando. Senhor?, aventurou-se. Se não estiver bem, peço a ele para ir embora.

Não. Não, mande-o subir.

Poole partiu. Jekyll deixou o envelope perto dos diários espalhados na mesa. Algo havia acontecido com o ar — estava espesso como água. Passos começaram a ser ouvidos cruzando o salão principal. Jekyll abriu a gaveta de sua escrivaninha e entulhou os diários lá dentro. Alisou os cabelos e esfregou as mãos, expirando três vezes, como fazia antes de uma luta de esgrima. Quando Poole entrou com Carew, Jekyll estava olhando pela janela, as mãos nos bolsos da calça. Senhor, murmurou Poole, fechando a porta ao sair.

Silêncio arrebatador. Jekyll não se movia. Estava montando uma fisionomia: uma elevação suave da sobrancelha, um leve sorriso distraído, indiferente. Ele se virou e o apresentou a Carew. O homem usava um terno cinza com uma gravata-

borboleta lavanda; seus cabelos marfim escovados, vistosos, pendiam nas laterais dos ombros. Boa noite, doutor, disse. Jekyll não respondeu. Carew apontou para a cadeira de couro em frente à escrivaninha. Posso? Jekyll assentiu com a cabeça, e o homem se sentou, cruzou as pernas longas e finas. Havia removido algo de suas costas. Um jornal dobrado. Franziu a testa ao olhá-lo, então se inclinou para a frente e o colocou sobre a mesa. Era a *Pall Mall Gazette*.

Hoje saiu o último relatório de Stead, disse ele. Pensei que poderia estar interessado.

Um acorde cromático gritante deslizava em harmonia em nossa cabeça. Carew se acomodou, deu um sorriso, quase um pedido de desculpas. Confesso, sinto uma grata surpresa com toda a atenção que essas reportagens têm recebido. Quando Stead originalmente me disse o que tinha a intenção de escrever, preferi considerar que a história toda seria descartada, tomada como o discurso histórico de um radical. As pessoas não querem ouvir o que realmente se passa lá fora, elas não querem receber sermões de um jornalista raivoso. Mas Stead conhece o público melhor que eu, ao que parece. Telegramas de apoio e interesse da América, de outras partes da Europa, um endosso do *British Medical Journal*. As pessoas finalmente estão indignadas. Algo pode realmente ser feito. Acho quase inacreditável. Carew fez uma pausa e deu aquele sorriso leve, quase uma careta, de novo. É claro, os métodos de Stead foram... haverá perguntas às quais ele terá de responder. Santo Deus, comprar uma criança, mesmo se for apenas uma prova de que isso é possível. Ele foi longe demais nessa cruzada. Mas acho que um homem deve ir longe demais, às vezes, para que algo seja feito. Não concorda?

Jekyll ficou perfeitamente imóvel atrás da mesa. Pequenas faíscas começaram a estourar nas bordas de seus olhos. Sem desviar o olhar de Carew, sentou-se em sua cadeira reclinável. O que estou tentando dizer, prosseguiu o visitante, é que esta campanha de Tributo Virginal, apesar de tudo, produzirá algumas medidas substanciais de ação. Mr. Stead sabiamente se absteve de fazer acusações específicas, mas todos sabem que a corrupção desconhece limites, ela chega ao o topo, até mesmo aos próprios cavalheiros. E há determinadas comissões que agora farão esforços para expor, indiciar — humilhar, no mínimo — as partes culpadas que detectarem. Será um circo; respingar lá lama. Evidentemente, dinheiro e poder protegem quem os possui. Nenhum cavalheiro enfrentará a corte por isso. Mas haverá julgamentos. Sacrifícios; bodes expiatórios, talvez. Estou em posição de dizê-

lo — afinal, faço parte de uma das comissões. De duas delas, na verdade, o Comitê Londrino para a Supressão do Tráfico de Jovens Meninas Inglesas e a Sociedade Londrina de Proteção a Jovens Mulheres. Gosto de ter a perspectiva completa...

Os olhos de Carew desceram para a escrivanhinha, para o envelope. Talvez seja melhor se eu falar abertamente. Não tenho intenção de prejudicá-lo, doutor, de prejudicar sua reputação. Muito pelo contrário. Gostaria de ajudá-lo. Proporcionar a proteção que sou capaz de oferecer, se estiver disposto a aceitá-la. Seria um desperdício terrível se fosse envolvido neste circo. Uma perda para a ciência. Para nosso objetivo comum.

Nosso objetivo comum.

Isso mesmo, confirmou Carew. Compreensão, doutor. Compreensão da natureza da mente humana e de todo o seu potencial milagroso. Não é esse seu objetivo? Não é por isso que faz... o que faz? Para explorar os limites do que é possível? Ele fez uma pausa, as sobrancelhas erguidas com ar teatral. Ou não está relacionado à ciência ou à compreensão? É meramente uma questão de... prazer? Jekyll não dizia nada. Olhei para fora, por trás da concha fria, desdenhosa. Pode decidir não me contar, disse Carew. A escolha é sua. Mas, se não o fizer, então não serei capaz de protegê-lo do que está por vir. Não é uma ameaça, é simplesmente um fato. Investigações serão feitas, e nomes serão arrastados para a lama. O nome de um homem, Dr. Jekyll, é seu legado, como tenho certeza de que concorda. E temo que o seu não sobreviverá a outro escândalo. Todo o seu progresso e todo o seu trabalho serão maculados, descartados pela comunidade científica e pela história. O senhor será lembrado, se muito, como uma aberração criminosa. É isso que quer? Diga-me, e, se for, com tristeza vou deixá-lo entregue a sua sina.

Meu Deus, ele era bom. Sentou-se do outro lado da escrivanhinha com um ar sincero nos olhos, seu blefe praticamente impenetrável. Jekyll falou calmamente. *O senhor disse algo sobre falar abertamente. Eu gostaria de ouvir, abertamente, que crime acredita que cometi.*

Os olhos de Carew novamente pousaram sobre o envelope com a ponta do cheque verde pálido para fora da beirada rasgada. O que me diz de associação com um homem reconhecidamente pedófilo?, começou. Um patrono de estabelecimentos que aprisionam crianças como concubinas. Um homem que manteve uma amante de 14 anos de idade em sua casa, um homem que poderia ser acusado de vários crimes: agressões a pessoas inocentes, pequenos furtos, evasão da polícia...

Ele deixava as palavras desvanecerem com um silvo de serpente.

Associação. Se acontece de eu conhecer um homem, isso é um crime?

Carew franziu os lábios em um sorriso torto. Ah, muito bem, se o senhor insiste. No dia 12 de dezembro do ano passado, um homem entrou em sua residência às três da manhã pela porta da Castle Street que leva ao laboratório, na parte dos fundos desta propriedade. Ele saiu menos de cinco minutos depois com um cheque de noventa libras, em seu nome, assinado com sua caligrafia. Dinheiro de propina para o pai de uma menina que tal homem havia tentado raptar na rua. No dia seguinte, o senhor abriu uma conta em nome deste sujeito e depositou nela cinco mil libras. Pouco tempo depois, Edward Hyde fixou residência no número sete da Ghyll Road, no Soho, e empregou Eudora Deaker para cuidar da casa. Aliás, o senhor sabe o que é extraordinário? Conheci Eudora Deaker há muitos anos. Seu marido era o Grande Lazaar. O mágico. Era muito famoso nos anos quarenta e cinquenta. Eudora era sua assistente. Seu maior truque era fazê-la desaparecer de um guarda-roupa que era erguido do chão. Uma mulher deslumbrante, naquela época. Carew balançou a cabeça. E agora ela reaparece na casa de Edward Hyde. Extraordinário. Uma coincidência? Há um planejamento para nossas vidas, acredito, um grande plano elaborado que podemos apenas apreender, se soubermos como apreciar.

E o senhor tem apreciado.

Não faço segredo disso, disse Carew. Edward Hyde me fascinou desde o momento em que ouvi falar dele pela primeira vez. *Por Cornelius Luce.* Isso mesmo. Mr. Luce mencionou o nome dele como uma peculiaridade, mas algo sobre a história — especialmente depois de eu ter confirmado que Mrs. Horace Waller não havia, de fato, falecido, muito menos da forma descrita —, bem, intrigou-me. Por instinto, até então, um faro para detectar o inusitado. Então, sim, comecei a sondar. E o que encontrei?

Diga-me.

Carew fixou seus olhos nos de Jekyll. Encontrei o senhor, doutor. Cheguei à conclusão inevitável de que Edward Hyde é o senhor.

Jekyll quase caiu na gargalhada. Apertou os cantos da boca e girou na cadeira, voltando-se para as janelas. O céu estava indecentemente adorável, transparente como um cachecol lilás acima dos telhados.

Está equivocado. Edward Hyde não sou eu. Esta é a grande questão.

Qual é a grande questão?

Transmutar-se. Tornar-se outra pessoa. Exatamente, disse Carew. E como se faz isso? Transmutar-se? Jekyll olhava contemplativo pela janela. *O que quer de mim, exatamente? Proteger-me em troca de quê, precisamente?*

Havia uma leve admiração na voz de Carew: Ainda não sabe? Eu queria apenas uma coisa desde o início. Queria entender. Entender como funciona. Como a mente pode criar uma personalidade — como ela pode dar à luz uma personalidade, um indivíduo inteiramente distinto. É isso que o senhor tem feito, não? Criou esse outro eu dentro de si mesmo. Tenho observado Hyde. Não é possível alterar certas características físicas. A cor da pele é a mesma. Algumas características dos cabelos. A estrutura óssea facial. O formato das orelhas. Mas seu corpo, por outro lado, quando está na posse dele, fica irreconhecível. A coluna. Ele parece ser uns quinze centímetros mais baixo, pelo menos. E se move mais rápido também, porém como um aleijado, como se a pelve fosse deformada, de alguma forma. E o rosto de Hyde é... completamente distorcido. Concordo plenamente, ele não é o senhor. Mas então quem é?

Jekyll continuava voltado para a janela. Havia poder nessa posição; eu sentia sua vantagem na situação. Ele ergueu as mãos e entrelaçou os dedos. *Acho que eu já disse tudo que precisava ser dito esta noite.*

Uma longa pausa. Carew suspirou. Bem, como disse, a escolha é sua. Se o senhor quiser que eu vá embora, irei. Mas sugiro que reflita sobre a situação com cuidado. Se ainda for capaz.

Então Jekyll se virou na cadeira. *Passo-lhe a impressão de ser incapaz?* O senhor me passa a impressão de estar consideravelmente confuso. Esse Hyde... o senhor pode controlá-lo? Está totalmente ciente do que ele faz... do que o senhor faz quando é ele? Tem noção do que está acontecendo naquela casa que alugou? Porque o que as pessoas do Soho comentam sobre esse homem está muito longe de ser lisonjeiro. Agora, a polícia está ciente da existência dele. O senhor não pode criar um homem, dar-lhe um nome, uma conta bancária e um aluguel em uma casa e ainda fingir que ele é imaginário. Que não deixa evidências, provas legais, aonde quer que vá. Se a jovem amante dele se apresentar para testemunhar, por exemplo, tem alguma ideia do que ela pode dizer? Ou se um mandado for expedido para vasculhar aquela casa na Ghyll Road...? Carew bufou pelo nariz. Desculpe-me, mas tenho de dizer isto. O senhor fez de si um Dr. Frankenstein, e Edward Hyde é seu monstro. E ele irá destruí-lo, junto de tudo o que o senhor mais valoriza, se não aceitar minha

ajuda.

O senhor quer dizer se eu não aceitar os termos de sua chantagem.

Chantagem? repetiu Carew, como se estivesse genuinamente surpreso. Chantagem? Doutor, esse termo foi trazido totalmente pelo senhor. Acha que quero vê-lo exposto — ver essa ciência miraculosa reduzida a um processo de infâmia? Quantas vezes tenho de dizer que desejo *ajudá-la*, ajudá-la a enxergar tudo isso de forma adequada? O senhor está prestes a fazer uma descoberta revolucionária, não tenho dúvidas, mas não pode continuar unicamente por conta própria — todo o experimento irá implodir. Ele está implodindo. O senhor precisa de um defensor, e precisa de proteção sob a qual podemos trabalhar juntos para aproveitar seus conhecimentos científicos, para torná-los palatáveis ao público e, portanto, de uso prático para a humanidade. Não é para isso que serve a ciência?

Ó, eu estava maravilhado com o homem: seus olhos brilhantes suplicavam, sua atuação era impecável. Jekyll se virou de novo para a janela. O céu perdera sua cor tenra acima da linha escura da praça. Tocou os lábios com os dedos. *Devo refletir sobre tudo isso. Preciso de tempo. Leve todo o tempo que precisar. Mas os tribunais e as comissões não irão esperar. Espero, para o bem do senhor, que reflita rapidamente e com sabedoria.*

Jekyll assentiu com a cabeça uma vez. *Obrigado pela visita, Sir Danvers. É sempre um prazer.*

Ele continuou sentado enquanto os passos de Carew eram ouvidos do lado de fora, na calçada abaixo. Levantou o canto do jornal que Carew havia trazido; sua manchete: “Boas notícias de fato.”

Em certo sentido, não me surpreendi. Eu sempre soubera que Carew era perigoso, sabia que havia algo errado em seu grito triunfante naquela noite, do lado de fora do Black Shop. E, ainda assim, não tinha uma opinião formada sobre ele. Carew era meu algoz? As cartas, os jornais, os inspetores de polícia; tudo fora obra de Carew? Como um só homem poderia ter orquestrado uma perseguição em tamanha escala? Então, reflito, Carew não era o único homem envolvido, era? Aquelas cartas — ele poderia ter contratado ajudantes para entregá-las. E aqueles dois inspetores — obviamente, Carew possuía contatos na polícia. Ele havia mencionado algo sobre um mandado para vasculhar minha casa. Minha Ghyll. Abandonada para aqueles dois capangas, oferecida a eles de bandeja. Carew não iria querer vasculhar a casa, a

menos que soubesse que encontraria algo incriminador. Evidências — *provas legais*. Poderia estar plantando coisas para encontrar quando chegasse com o mandado. Ele também dissera algo sobre Jeannie. Minha amante. Como poderia fazê-la testemunhar sem saber onde ela estava? Ele a teria ajudado a fugir? Carew a estava mantendo em algum lugar?

Jekyll me isolou novamente; a membrana endureceu como cimento. Ele não queria ouvir meus pensamentos e não queria que eu ouvisse os dele. O que estava escondendo de mim? Algum elemento crucial me iludia, e Jekyll o estava abrigando como um clandestino habilidoso, rindo nos confins de sua mente. Pressionei-me contra a barreira e me contorci à procura de uma abertura, mas não pude escapar de minha cela rígida.

Ao menos Jekyll não poderia escapar da dele também. Durante a noite inteira, ele ficou deitado, desperto, no sofá do escritório, sua mente veloz e insone por trás das pálpebras fechadas enganadoras. Tomou o desjejum na escrivinha pela manhã — na verdade, revirou os alimentos no prato — e, então, passou a tarde jogado na cadeira, olhando fixamente pela janela. Havia enrolado a manga esquerda da camisa e, de vez em quando, examinava o braço, passando o polegar sobre a veia cefálica perfurada, inspecionando o abscesso que brotava como uma bolha de sangue na dobra do cotovelo. Estalou a língua com desaprovação, como se estivesse diante do arranhão de uma criança indisciplinada, e desenrolou a manga. Ergueu-se da cadeira e distraidamente bateu o pé dormente no chão. Depois, dirigiu-se à Gaunt Street.

A princípio, parecia não ter nenhum destino em mente. Ele meramente vagava sob o pôr do sol úmido, até chegar, como se por acaso, à casa de madeira cinza de Utterson, surgindo sombria acima de um terreno de grama ressecada. O velho criado confuso, recurvado, abriu a porta e conduziu Jekyll para o andar de cima, para o escritório, a sala que parecia uma cabana de caça, com o teto entalhado e o retrato acima do aparador da lareira encarando quem estivesse abaixo, onde Jekyll mencionara pela primeira vez seu testamento. Utterson se sentou prostrado em uma cadeira, a gravata afrouxada, os cabelos rançosos pelo calor. Analisou o amigo com uma carranca deplorável, ácida. Você está terrível, Harry. Jekyll percebeu o sarcasmo. *Digo o mesmo de você, velho amigo*. Ele permaneceu de pé, balançando as chaves no bolso. Sua pulsação martelava distinta e firme, como uma segunda mão. *Vim dizer uma coisa. Tomei uma decisão. Está tudo acabado entre Hyde e eu. Encerrado. Não vou vê-lo novamente.*

Os olhos dele encontraram os de Utterson — aqueles olhos empapados e tristes, voltados para cima com esperança e piedade. Utterson pressionou o punho nos lábios e inspirou pelas narinas dilatadas. Quero muito acreditar nisso, Harry. Meu Deus, como quero acreditar. *Então acredite.* E quanto a ele?, perguntou Utterson. O que acontece com Hyde? Ele irá simplesmente desaparecer?

Hyde retornará para Edimburgo, respondeu Jekyll. *Em boas mãos. Ele sabe que não pode ficar aqui. É como se ele estivesse se fragmentando. Está se tornando uma ameaça para si mesmo. E, sim, para mim também.*

Não reagi, não lhe daria essa satisfação. Utterson acenava a cabeça como um tio orgulhoso e meloso. Fico feliz em ouvi-lo dizer isso, Harry. Essa é uma excelente notícia. Ele se levantou, foi até a cristaleira e voltou com duas taças delicadas de licor de âmbar. Entregou uma a Jekyll e segurou a outra, um fulgor significativo em seus olhos empapados. Brindemos, comandou. Ao fim, Harry.

Jekyll ergueu sua taça; tocaram as bordas de cristal. *Ao fim, John.*

Ao fim? Que bobagem. Jekyll não poderia simplesmente me mandar embora, e sabia disso. E o que foi aquela conversa sobre eu estar me fragmentando, tornando-me uma ameaça? Ele realmente acreditava que tomara o controle do corpo naquela noite? Que eu era o culpado pela desintegração da barreira entre nós? Se aquele fora outro de seus gestos simbólicos, não se mostrou muito convincente. Se Jekyll quisesse tomar uma atitude de verdade, teria ido ao gabinete e jogado todo o pó restante pela janela.

Em vez disso, tomou um banho frio, fez a barba, vestiu-se de sarja leve e foi para o Grampian jantar. O que esperava que eu fizesse — que sumisse e morresse? Que fosse dormir? Que voltasse ao vazio sem sonhos onde vivi quase sua vida inteira? Não, eu não ia voltar para lá; no entanto, ele me pressionou e tentou me suprimir. Como isso resolveria nosso problema? Como meu desaparecimento satisfaria a Carew?

Com espanto, eu o vi tentar voltar a assumir o papel de um Dr. Jekyll blasé. Foi ao barbeiro na Bond Street. Passou no alfaiate e encomendou um terno bege de verão. Voltou ao clube de esgrima e, depois, retirou-se para o salão do Grampian, para tomar uma água com gás junto dos velhos amigos fofoqueiros. Ele não me enganava, e não se enganava também; Jekyll com certeza me sentia me contorcendo com indignação perante essa pretensão tola. Lá, sentava-se em sua cadeira de

membro do clube, sorrindo levemente para a conversa, enquanto contraía e relaxava os dedos dentro dos sapatos desconfortáveis, feitos sob medida. Sua aparência era horrível. Ele não dormia havia dias; sua guarda vigilante contra mim o mantinha acordado. Sua imagem no espelho do barbeiro era pálida, caricata. Uma manhã, cortou o queixo com a navalha, e uma linha vermelha escorreu vívida através do creme. Mais tarde, na Lobb's, ele tirava as medidas para um par de sapatos Oxford brogue, para combinar com seu terno de linho novo, quando o atendente, discreto, pigarreou e apontou para seu queixo. Jekyll tocou o rosto e, então, olhou para as gotas brilhantes de sangue na ponta dos dedos. Limpou-o e se viu no espelho, de pé, os olhos desolados e sobressaltados e uma mancha de sangue sob seus lábios entreabertos. O senhor está bem, doutor?, perguntou o atendente inquieto.

Ele não estava nada bem. No clube de esgrima, naquela tarde, estava ofegante por trás da máscara do capacete de malha. Suas pernas pareciam pesadas, e os pés tropeçavam um no outro quando seu adversário o fazia recuar na pista, brandindo sua arma e acertando o punho de Jekyll, precisamente no osso. A dor incandescente chegou ao braço, então ele arrancou a máscara e a jogou para trás, avançando com o sabre como se fosse aplicar um golpe certeiro. Então parou. O capacete tinha caído em cima de algum equipamento e fizera um barulho terrível. Os homens em suas vestimentas brancas observavam, assustados, da beirada da pista. O oponente de Jekyll havia retirado o capacete e o encarava com indignação. A luva de Jekyll rangeu quanto ele apertou o sabre com mais força.

Jekyll se virou e saiu pelo corredor silencioso, e, quando chegou ao Casarão, estava encharcado e via manchas escuras no ar. Deu alguns passos instáveis ao lado de Poole no vestíbulo, antes de sua visão escurecer e o cômodo emitir um som agudo como um navio, e Poole gritou: Senhor! Estávamos no chão, olhando torpes os suportes de ferro na lareira apagada. Aconteceu de novo, pensei, com um horror desconectado. Mais uma vez, caí no corpo. Poole nos virou de costas para afrouxar o colarinho e a gravata, alisou os cabelos úmidos de nossa testa e perguntou em uma voz trinada: Consegue me ouvir, senhor? Ouve minha voz?

Estávamos nos debatendo na cama, jogando os lençóis pesados enquanto Poole e Bradshaw nos seguravam pelos ombros. Não era a roupa de cama, mas o corpo que tentávamos abater, essa coisa febril que nos sufocava; se ao menos conseguíssemos nos livrar dele, iríamos nos sentir melhor imediatamente. Mas Poole continuava nos

forçando de volta ao corpo, e por fim estávamos fracos demais para lutar. Em pouco tempo, estávamos congelando, travados com tremores sob montanhas de cobertas e, então, assando novamente, revirando um olho assombrado para o gigantesco sol escaldante, fazendo o vapor se erguer de nossa pele que fritava. O corpo estava morrendo. Senti o cheiro pungente da carne. O corpo estava morrendo, e morreríamos presos dentro dele. *Tem de haver uma saída!*, pensei em pânico, claustrofóbico, sonhando que estava perdido no interior do labirinto obscuro do corpo, com seu sistema intrincado que parecia ter saído de um pesadelo de capilares e becos, milhões e milhões de quilômetros de bobinas. Conforme mergulhava através dele, eu me encontrava em cômodos bastante familiares. Meu quarto no sótão da Ghyll apareceu muitas vezes, e penso com muita lucidez que, ao voltar lá, deveria verificar e ver se Carew e seus capangas plantaram algo incriminador. Coisas desagradáveis, estranhas sobrevieram. Punhados de cabelos. Um bernal cheio de dentes. Moedas de aparência estranha que escorregavam gordurosas entre meus dedos. Das paredes, eu rasgava o papel de seda inchado e encontrava o estofado de aniação pregado em uma camada grossa, como se fosse abafar o som do lugar. Parecia conduzir essas buscas monstruosas de novo e de novo, pois continuava chegando ao meu quarto no labirinto replicante.

Gradualmente, a ilusão se dissipou, e comecei a aceitar que não havia escapatória ao corpo. Se ele morresse, nós morreríamos. Essa noção era cada vez mais reconfortante. O mundo do quarto de Jekyll já parecia agradavelmente distante: as pessoas se moviam turvas ao redor, cuidando do corpo, levantando-o, virando-o, limpando-o. Nada parecia estar relacionado a nós. Era como se estivéssemos em um profundo poço coberto, olhando para cima. Às vezes, o quarto parecia estar cheio de pessoas, todas se empurrando para perscrutar dentro do poço onde aguardávamos no fundo, uma escuridão sepulcral na qual boiávamos como marinheiros náufragos em uma jangada. Não havia nenhuma resistência nessa fase. Estávamos além do conflito, flutuando serenos diante da morte, nosso descanso merecido.

Quando abrimos os olhos, pensei que estivéssemos mortos. O quarto brilhava, reluzindo uma brancura gloriosa. Fechamos os olhos e acordamos mais tarde, com uma luz mais fresca, mais clara. Um homem estava à janela, uma auréola sobre sua cabeça. Ele se virou e se aproximou da cabeceira da cama, o rosto de duende vermelho entrando em foco. Lanyon. Ele tocou em nossa testa com o dorso da mão e, então, em nosso rosto. A pele estava deliciosamente sensível. Harry, dizia ele,

Harry, está me ouvindo? Pisque se puder me ouvir. Mantivemos as pálpebras fechadas, então as abrimos. Bom!, exclamou ele. Isso é muito bom, Harry. Lanyon levantou nossa mão da cama. Não parecia presa a nós, como um apêndice inerte. Beliscou-a e a dobrou para beijar os nós dos dedos. Você conseguiu, Harry. Você voltou.

Pouco depois, conseguíamos nos sentar e tomar chá de uma xícara que Poole segurava em nossos lábios. Conseguíamos apertar a mão de Lanyon até ele acariciar nosso punho e rir, dizendo: Basta, basta, muito bom. Mas não nos sentíamos *de volta*. O quarto ainda parecia uma ilusão, como se isso não fosse vida, mas sua reprodução flutuante, sua pós-imagem. Lanyon estava exultante com nosso progresso, e até mesmo o estoico Poole não conseguia esconder seu alívio terno quando nos servia chá e sopa morna. Utterson também nos visitou, e ficou ao pé da cama com um sorriso tímido, balançando a cabeleira desgrenhada. Droga, Harry, você precisa ser sempre tão dramático? Lanyon riu e agarrou nosso ombro; Utterson deu um riso abafado e um som seco de tosse saiu de nossa garganta. Mas ainda não falávamos. Lanyon gentilmente nos pressionou a responder suas perguntas; assim, ele poderia determinar se de fato ainda poderíamos falar. Sabíamos que podíamos. Mas o silêncio era tranquilizador. Falar seria responder perguntas. Nosso cotovelo esquerdo, tínhamos notado, estava envolvido em uma bandagem branca, um chumaço de curativos na dobra interna, onde o abscesso havia brotado. Um dia, Lanyon enrolou a manga do pijama e começou a desenrolar a bandagem, mantendo os olhos focados rigidamente no trabalho. O braço estava manchado de amarelo de tintura de iodo, mas o abscesso drenara e purgara, e a veia púrpura parecia melhor, as cicatrizes, mais finas. Em silêncio, assistimos a Lanyon aplicar mais uma camada de unguento grudento e enfaixar o braço com uma bandagem limpa. Seus olhos se voltaram para cima brevemente, um azul pálido, com uma pequena veia estourada na parte branca. Ele esboçou a sombra de um sorriso, reconfortante e triste.

Lanyon parecia estar hospedado na casa. Todas as manhãs ele entrava e verificava os sinais vitais, alimentava-nos com colheradas de medicamentos dos diversos frascos ao lado da cama. Enquanto cochilávamos durante o dia, ele muitas vezes lia um livro na poltrona. Uma tarde, acordamos e o observamos por algum tempo, uma dor profunda em nossa garganta. Seus cabelos cor de linho reluziam à luz amarelada; seu perfil estudioso estampado contra o brilho. Jekyll molhou os

lábios. *Hastie*. Lanyon colocou o livro de lado e veio para a cama. Ele pegou nossa mão. Harry. Bom Harry. Diga-me alguma coisa, qualquer coisa.

Hastie. Que dia é hoje?

A frente de Lanyon se enrugou em solidariedade. É quinta-feira, acho. Dez de setembro, Harry.

Dez de setembro. A última vez que estivemos conscientes havia sido em... julho. Tínhamos perdido dois meses.

Harry, disse Lanyon, gostaria de lhe dizer uma coisa. Seus olhos desbotados estavam claros, inabaláveis. Eu gostaria de dizer que sinto muito. Sobre Winnie. Deveria ter permitido que ela o visse. Deixá-lo falar com ela. Você só queria ajudar, e eu deveria ter entendido isso, mas, em vez disso, insultei-o. Perdemos tanto tempo com nossa teimosia, com nossos princípios. E sinto muito por isso. Vamos virar a página, agora, sim? Uma página em branco para nós?

Lanyon colocou a mão sobre nosso braço esquerdo e nos deu novamente aquele sorriso triste, consolador.

De acordo?

Dentro de dias, Jekyll estava sentado perto da janela aberta, envolvido em xales. Tomava chá e sopa por conta própria. Poole trouxe a navalha e a tesoura de Jekyll do quarto de vestir em uma toalha dobrada, como se fossem objetos litúrgicos. Envolveu Jekyll com uma toalha e cortou sua barba até ficar bem baixa. Escanhoou as bochechas e o pescoço, e raspou meticulosamente, fazendo caretas ao se concentrar. Pentou os longos cabelos emaranhados e os cortou com a tesoura, seus dedos leves e suaves, com um traço de carinho. Então segurou um espelho e Jekyll analisou seu reflexo, gravemente aterrorizado. Sua pele estava esticada nas maçãs do rosto proeminentes e na frente, luminosamente pálida. Seus cabelos loiros estavam quase inteiramente prateados com mechas brilhantes cor de ouro. Seus olhos ardiam como gelo. Ele olhou como se tivesse sobrevivido a um inverno ártico, trancado em um navio à deriva. Não conseguia baixar o espelho: um Narciso absorto, devastado. *Muito melhor*, murmurou com a voz rouca. No fim da semana, estava mancando e caminhando pelo corredor com uma bengala. Lanyon relutantemente voltara para casa, deixando Poole com uma lista de instruções quanto à dieta e à continuidade do tratamento, que o criado impunha com estrito rigor, observando Jekyll tomar seus medicamentos odiosos como se ele fosse uma

criança que pode tentar enganar seu velho tio. Não tocava no curativo no braço. Jekyll o abriu uma tarde e deixou o braço respirar. Não cobriu novamente e, no dia seguinte, a ferida outrora aberta estava reduzida a um hematoma elevado na dobra do braço, e as perfurações ao longo da veia tinham desbotado, tornando-se pequenos pontos carmesins.

Notei a melhora do braço com neutralidade, um sinal de cura do corpo. Mas isso não significava nada. Em algum momento, Jekyll precisaria de mim novamente. Não tínhamos morrido. Nossos problemas não haviam desaparecido. Mas, enquanto setembro gelava as vidraças e deixava uma frágil geada durante a noite sobre a grama na praça, percebi que não tinha medo. Aquela qualidade ilusória, a relatividade de tudo, ainda existia no mundo. Sentíamos apenas uma plácida expectativa, uma prontidão para o inevitável.

Por fim, a campainha tocou lá embaixo.

O senhor tem uma visita, senhor, anunciou Poole. *Carew*, disse Jekyll, sem se virar das janelas. Sim, senhor. Ia dispensá-lo diretamente, mas ele me pediu para entregar uma mensagem primeiro. A mensagem é: Se ele sair agora, não retornará nunca mais.

Bem. Não queremos isso, queremos? Faça-o subir. Ele não vai demorar muito.

Em um roupão azul-royal e sapatilhas bordadas, sentamos, ouvindo dois pares de passos atravessarem o salão principal e subirem as escadas acarpetadas. A janela estava parcialmente aberta, e pude sentir um cheiro penetrante de fumaça no ar de outono. Jekyll inspirou pelo nariz e prendeu a respiração quando Poole entrou com nosso visitante. Senhor, murmurou, e fechou a porta ao sair. Carew ficou de pé atrás de nós em silêncio. Eu ouvia as folhas ressecadas na praça farfálhando à brisa leve. Jekyll se virou em sua cadeira.

Carew usava um colete xadrez amarelo e um casaco de veludo chocolate. Ele caminhou em direção à escrivaninha com as mãos às costas e aquela careta que era quase um pedido de desculpas nos lábios pálidos. Vejo que Mr. Poole não estava exagerando. O senhor passou por tempos difíceis, não é, doutor?

Ele parecia estar segurando algo nas costas, mas, quando foi até a cadeira em frente à escrivaninha, colocou uma das mãos sobre ela e pôs a outra dentro do bolso. Carew observava Jekyll quase com remorso, a cabeça inclinada. Não quero sobrecarregá-lo ou dificultar sua convalescença de modo algum. Mas é necessário

que conversemos, sinto muito.

Então diga.

Carew tamborilava o topo da cadeira de couro com os dedos. O senhor sabe, quase o invejo. Eu preferiria ter passado os últimos dois meses doente, acamado, do que em disputas com comissões e petições e a oposição recalcitrante dos Torks. Tem sido um circo, devo dizer; acabarei tendo um colapso nervoso no fim de tudo. Deve lhe interessar saber que Mr. Stead provavelmente enfrentará acusações de rapto, assim como seus conspiradores. Os oficiais desejam fazer dele um exemplo. Comprar uma jovem não deixa de ser um crime, mesmo se a estiver comprando para provar que pode fazê-lo. Na verdade, Mr. Stead está muito interessado na perspectiva da grande publicidade que terá seu julgamento. Embora não imagine que seus cúmplices irão partilhar o entusiasmo dele. A prisão não é algo que alguém deseje. Fiz um estudo sobre as cadeias inglesas. Lugares horríveis, como canis. Ninguém em seu juízo perfeito gostaria de passar uma noite sequer em alguma.

Carew levantou a perna da calça e apoiou a coxa magra sobre o canto da escrivaninha, cruzando as mãos sobre a coxa. Seus olhos se moviam cautelosamente. O senhor não deve pensar, disse em um tom novo, mais grave, que, porque não recebi seu aceite na última vez que nos falamos, tenho negligenciado a proteção que lhe ofereci. Se os documentos não contêm nenhuma menção a Edward Hyde, garanto que isso se deve em parte considerável a mim. Em nome das comissões que sirvo, tomei a frente em investigações de certas declarações que chegam a nossa atenção. O nome de Mr. Hyde foi enviado a nós em agosto, por uma senhora de certa influência, que mantém conexões sociais no Soho. As pessoas têm falado, especulado, sobre seu ilustre vizinho, Mr. Hyde. Foi aos londrinos comuns que essa história mais afetou. Eles andam irritados e em alvoroço — para eles, as garotas são *suas* filhas, suas donzelas sendo devoradas pelo Minotauro de Stead. Estão com raiva e ansiosos para atribuir culpas, e Mr. Hyde, em seu castelo, torna-se um alvo bastante tentador. Muito do que ouvi nas entrevistas é de quarta ou quinta mão, e possivelmente fabricado na fonte, mas há uma consistência geral que é difícil de ignorar. Tem sido ignorado, mas só porque estou suprimindo, assim, cometendo um crime e causando motivo para ser responsabilizado. Tenho feito isso, talvez por ser incrivelmente tolo, para protegê-lo. Para proteger o que acho que o senhor é capaz de fazer. Diga-me, isso é loucura?

Sim.

Carew deu um sorriso tolerante, que gradualmente se desvaneceu quando Jekyll não disse mais nada. E o senhor, doutor? Acredita ser um homem hígido? Jekyll não disse nada. Carew estava perto o suficiente para tocá-lo. Suas pálpebras se assemelhavam às de um réptil. Pergunto-me se o senhor faria uma coisa por mim. É algo pequeno se comparado ao que tenho feito pelo senhor. Se importa se eu pedisse para arregaçar a manga de seu roupão até o cotovelo?

A mão esquerda agarrou a cadeira por reflexo. Carew ergueu as sobranceiras e aguardou. Não? É pedir demais? Arregaçar a manga?

Ele manteve o olhar inocentemente incrédulo por mais um tempo. Como pensei, disse calmamente. Como pensei. Não tenho dedicado todo o meu tempo a esse assunto do Tributo Virginal, sabe. Há duas semanas, tirei umas férias e fui a Paris. O Dr. Petit havia concordado em se encontrar comigo no hospital. Ele estava com a digna intenção de ficar na ofensiva, devo deixar claro, recusando-se a princípio a falar sobre o senhor e Mr. Verlaine, honrar o pacto de silêncio estabelecido com o comitê antes de deixá-los. Mas mesmo o silêncio pode ser instrutivo, concorda? E, no fim, as pessoas sempre falam. Elas anseiam por falar. Todos desejamos contar nossos segredos. Simplesmente devemos esperar que alguém venha e faça as perguntas certas.

Carew se virou, levemente agachado, e perscrutou todo o estúdio, da cornija da lareira à pintura preta, macabra. Esta tela, por exemplo, disse. O Dr. Petit me mostrou as outras. Mas, sabe, acho que gosto mais desta. A violência é tão... palpável. O Dr. Petit disse que L'inconnu misturava suas próprias fezes na tinta. Dificilmente algo que um homem escolheria para exibir em seu escritório. Mas aí está, pendurada para todos verem. Alguém já perguntou o que é?

Não.

É claro que não perguntam. E esse é o problema. Aqui estamos, todos nós morrendo de vontade de revelar nossos segredos, e, no entanto, ninguém faz as perguntas certas. Carew se voltou e fixou o olhar em nós em uma inspeção langorosa, astuta. O senhor não encontrará uma plateia melhor que eu. Sou o exato tipo de homem que o senhor estava esperando todo esse tempo. Está disposto a me deixar ajudá-lo?

Jekyll forçou a mão esquerda a relaxar, a soltar o braço da cadeira.

Por onde gostaria de começar?

Carew ajeitou o quadril ossudo sob a escrivadinha. Ergueu o queixo, a vitória

estampada nos lábios. As injeções, disse com cautela. As injeções que usava em Mr. Verlaine. O Dr. Petit não entendeu a lógica de seu método. Ele preferiu acreditar que o senhor estivesse experimentando uma série de narcóticos aleatórios no decorrer daquele ano. É assim que homens medíocres agem, cegando-se ao brilhantismo de seus superiores. Minha presunção é de que havia duas injeções distintas. A primeira transformava Emile em Pierre, e a segunda o transformava em L'inconnu. Essas injeções agíam como gatilhos, convocando a personalidade que o senhor desejasse ter acesso a qualquer momento que quisesse. Até agora, estou correto?

Está, sim.

Carew manteve seu ar especulativo. A segunda injeção, prosseguiu, teria sido uma modificação da primeira. O ingrediente químico principal teria sido alterado, talvez para estimular um efeito mais agressivo, condizente com a personalidade hostil do terceiro. O senhor teria de induzir Emile a associar este efeito com L'inconnu, como uma resposta condicionada reflexa. Se Emile acreditasse que a injeção iria alterá-lo, ela faria exatamente isso. As personalidades voluntariamente trocariam de lugar. É uma teoria engenhosa. Infelizmente, Mr. Verlaine não era forte o bastante, e o experimento foi interrompido. Então o senhor o continuou em si mesmo. O resultado, só posso supor, foi esse ser a quem deu o nome de Edward Hyde. É como consegue tirar sua casca externa. Como se torna ele.

Bravo. Jekyll levantou as mãos dos apoios de braço e bateu palmas, um som seco e oco.

Se for esse o caso, continuou Carew, então quero ver isso acontecer. Quero vê-lo aplicar a injeção em si mesmo e se tornar Mr. Hyde. Podemos começar nossa colaboração assim. Está bem para o senhor?

Jekyll quase sorriu. *Esplêndido. Mas vou precisar de mais tempo. Tornar-me Edward Hyde neste momento me mataria, fraco como estou. Vou precisar de minhas forças.*

Uma semana seria suficiente? Jekyll deu de os ombros. *Uma semana, então. Faremos isso aqui?* Carew observou o escritório ao redor. Não, aqui não. Em algum lugar mais... neutro. Estava pensando, aliás, que podemos nos encontrar na casa de Cornelius Luce. *O senhor certamente deve estar brincando.* O visitante franziu a testa. Por que estaria brincando? Perdoe-me, mas o senhor não pode esperar que eu, sozinho, conheça seu Mr. Hyde. Ele é muito imprevisível. Mr. Luce não precisa estar no recinto, mas sua presença na casa irá me garantir alguma segurança. Ele não

precisa saber de nada além de que o senhor e eu precisamos de um aposento privado para conversarmos.

Jekyll moveu os olhos para a janela, fingindo estar refletindo sobre as condições. Eu sabia que não íamos passar por nada disso. Mas percebi que precisávamos de tempo. Uma rajada de vento bateu na janela. *Está bem*, disse ele, cansado, como se estivesse desgastado. *Na casa de Luce. Em uma semana.*

A expressão de Carew era estranha, olhando-nos de cima: um orgulho velado, envolto por piedade, como se Jekyll fosse alguma alma corajosa, confinada a uma cadeira de rodas. Enviarei uma mensagem sobre os detalhes, disse suavemente. Estou contente, Dr. Jekyll, muito contente com o fato de ter decidido salvar a si mesmo. Não vou desapontá-lo. Ele se levantou e lhe estendeu a mão. Jekyll a apertou sem forças, e um brilho cruzou o rosto de Carew, uma pontada pungente de satisfação. Mr. Hyde não pode..., falou rapidamente. Quero dizer, ele não pode..., fez uma pausa, lábios afastados. *Ouvir-nos?*, perguntou Jekyll. *Agora, quer dizer?* O aperto de mão de Jekyll se fechou mais firme em torno da mão do homem. *Não. Ele não pode nos ouvir. Adormece quando não preciso dele.* Soltou a mão de Carew, que recuou a sua sobre o peito. Isso é bom. *Isso é bom*, disse Jekyll, *para você.* Deixou passar um tempo, depois riu amigavelmente, como se fosse uma piada. Carew deu um sorriso com pouco entusiasmo, cauteloso, segurando a própria mão. Sim, murmurou. Vou enviar a mensagem.

Ah, Carew, você deveria ter dado atenção àquela premonição. Pude ver em seu rosto quando a sombra de seu destino passou por você. Deveria ter escutado, deveria ter nos deixado em paz. Jekyll se sentou perto da janela, sua respiração estável. Ele sabia o que tínhamos de fazer. Assim como eu. Pairava um pouco além de nosso reconhecimento. Jekyll se ergueu da cadeira e se esticou em um alongamento gutural, girando os pulsos. Então foi até o corredor e, do alto da escada, chamou Poole, que apareceu de imediato. *Vou jantar lá embaixo esta noite*, avisou com leveza, então caminhou para o quarto e tomou um banho. Vestiu o terno de linho creme que havia encomendado antes da doença; estava bastante largo em seu corpo atrofiado. Apertou o cinto, abotoou o paletó trespassado e ajustou os ombros, erguendo uma sobrancelha afável a si mesmo no espelho.

Jekyll desceu a escada e encontrou todos os criados do Casarão reunidos no salão principal. Todos seguravam taças de champanhe. Poole estava de pé ao corrimão

com a garrafa, uma toalha de linho drapeada no braço. Ele entregou a Jekyll uma taça de espumante, e, em uníssono, os empregados ergueram as suas e disseram: A sua saúde, Dr. Jekyll! Poole se curvou e disse: A sua saúde, senhor.

Jekyll ficou apoiado no corrimão, seu olhar vagando pelos rostos elevados, ansiosos, inquisitivos. Demorou-se em Bradshaw, uma cabeça acima dos outros, seus cabelos cor de cobre, penteados, reluziam. Veio-me à mente a imagem do lacaio no jardim de inverno, com aquele sorriso suave, fino, nos lábios. Ele lançou ao patrão um aceno discreto, levantando sua taça um pouco mais alto.

Jekyll comeu apenas costeleta e legumes cozidos. Por fim, Poole levou o prato embora, e Lizzie se aproximou com uma jarra de prata. Chá, senhor? Ele assentiu com a cabeça, observando-a despejar o líquido extremamente quente na xícara. O semblante pálido, distante da moça sob a massa de cabelos presos, um traço sombreado na bochecha. Fico feliz em ver que está melhor, senhor, disse, e se virou com a jarra. Jekyll disse baixinho, *Lizzie*, e ela parou. *Você está feliz aqui, nesta casa?* Seus olhos se elevaram, pretos como carvão, a ferocidade em sua timidez. Sim, senhor. Muito feliz, senhor.

Naquela noite, sonhamos que estávamos no quarto de papai no Hospital Bagclaw, ajoelhados ao lado de sua cadeira de rodas e arregaçando sua manga, uma seringa na mesinha próxima. Lizzie se sentou ao lado dele, afagando seu outro braço. A agulha, por algum motivo, não entrava corretamente na veia; parecia estar batendo em algo duro, o instrumento de aço raspando em alguma coisa. Papai nos observava trabalhando em seu braço com uma fisionomia graciosa de autocontrole.

Eu sabia qual era a origem do sonho. Lembrei-me de papai nos observando do alto de sua cadeira de rodas, dedos com unhas amarelas balançando. *Não me trouxe nada, trouxe?*, perguntara com sua voz decadente. *Para acabar comigo? Um médico esperto como você poderia misturar algo em um instante. Fazer parecer natural.*

Fazer parecer natural.

Estávamos acordados quando a manhã empalideceu o quarto.

Após o jejum da manhã seguinte, Jekyll foi à Maw's. Estivéramos lá no verão anterior, após o retorno de nossa viagem ao norte para visitar papai no hospital e ver Pent Manor, aquela última vez. A velha farmácia minúscula estava cheia de garrafas e frascos e fileiras de prateleiras, um aroma pungente, avinagrado na

atmosfera. O próprio Maw veio andando com passos pesados dos fundos do estabelecimento para cumprimentar Jekyll, estendendo a mão em seu cumprimento seguro, apertado, sua mão lisa e resistente como madeira. Seus olhos lacrimojantes, aumentados pelas lentes dos óculos, analisaram a face de Jekyll. O senhor está magro, Dr. Jekyll, sussurrou, anda trabalhando demais.

Jekyll pediu quatro pós e uma tintura, tudo em quantidades pequenas, precisas. Maw se esgueirou entre os produtos, atrás do balcão. Ele apertava os olhos para os rótulos dos frascos aglomerados nas prateleiras. Descia os recipientes que queria, usava uma colher para medir o conteúdo em uma balança de prata, então colocava o pó em um saquinho de papel pardo. Por fim, colocou todos os saquinhos em um envelope marrom grosso e o entregou por cima do balcão ao cliente, como se contivesse um manuscrito sedicioso, de grande valor. O senhor tem ratos, Dr. Jekyll?, perguntou ele com uma elevação sutil da sobrancelha. Jekyll deu uma risada sombria. *Inúmeros.*

Em casa, Jekyll foi direto ao gabinete. Separou os pós em dois balões de fundo redondo parcialmente preenchidos com um líquido incolor. Posicionou um bico de Bunsen sob os dois frascos, cada um ligado a um condensador, o bico delicado suspenso acima de um copo graduado que serviria de recipiente para o gotejamento de destilado dos pós vaporizados. As duas destilações foram combinadas em um frasco, e então ele adicionou três gotas da tintura. Fechou o recipiente com uma tampa de borracha e o virou de cabeça para baixo várias vezes; em seguida, segurou-o à luz da janela. O fluido era perfeitamente transparente, ligeiramente mais viscoso que água. Uma vez que a solução fosse administrada, o coração pararia de bombear sangue em no máximo dez segundos, e em vinte segundos o corpo estaria morto. Fiquei maravilhado com o soro cristalino. De repente, não era mais hipotético. Poderíamos matá-lo. Aspirar o soro com uma agulha hipodérmica, esperá-lo no portão da frente da casa de Luce, espetar a agulha em seu pescoço e ir embora. Um velho morre. Acontece todo dia. Quem suspeitaria de algo diferente? Luce? Que provas teria?

Na manhã seguinte, no desjejum, a campainha tocou, e Poole entrou pouco depois trazendo um envelope, que colocou ao lado do cotovelo de Jekyll, que fingiu ignorá-lo por alguns minutos. Por fim, limpou a boca e rasgou a beirada do envelope com uma faca suja de ovo. A nota era curta:

Sexta-feira, 2 de outubro

Meia-noite

Meia-noite! Que dramático. Mas a rua estaria deserta à meia-noite. Tudo o que tínhamos de fazer era interceptar Carew enquanto se aproximasse da casa e cuidar dele lá fora. Uma vez que entrasse na casa de Luce, tudo se tornaria mais complicado. Jekyll teria de chegar lá cedo, aguardar a vinda de Carew, então tentar fingir que estavam chegando ao mesmo tempo. Um aperto de mão no portão e, em seguida, a agulha no pescoço. Tudo no tempo certo.

Ensaíamos isso repetidamente durante as longas caminhadas que Jekyll fez nos últimos dias do mês de setembro. Dias inquietos, estimulantes, as folhas alisadas com as rajadas de vento. Eu ansiava por estar no corpo e sentir o ar enfumado e ondulado. Mas não esperava ser libertado. Entendi que meu caminho de volta para o mundo passava por Carew; era como se ele estivesse bloqueando a entrada. O homem tornara impossível para mim continuar com minha vida. Tinha me espionado, provocado e atormentado. Havia tomado Jeannie, tomado a Ghyll e pretendia tomar a vida de Jekyll também. Racionalizar era a parte fácil. Mas *executar...* Enfiar a agulha em seu pescoço, pressionar o êmbolo, marcá-lo o mínimo possível. Poderíamos executar um ato tão frio? Carew poderia estar usando um sobretudo com o colarinho alto. Ele poderia ser mais forte que o previsto; poderia começar uma luta, poderia fugir. Ou poderia estar esperando dentro da casa de Luce desde o início da noite. O que fazer, então? Jekyll seria capaz de matá-lo lá dentro, em um ambiente privado, afirmando que Carew sofrera algum tipo de mal súbito? Seria estranho; eles iriam realizar uma necropsia cuidadosa, com um cadáver tão importante. Não, tinha de acontecer fora da casa. Repassamos o plano várias vezes, enquanto Jekyll espreitava a cidade, fortalecendo as pernas, o coração e o apetite.

Na hora das refeições, ele limpava o prato. Encontrou uma caixa pesada na sala de disseção e a levantava ritmicamente acima da cabeça, carregava-a para cima e para baixo nas escadas. De cuecas, ficava diante do espelho do quarto de vestir, examinando suas canelas magricelas, seu abdome côncavo e o peito emaciado, enquanto contraía os músculos vigorosamente. Penteou os cabelos prateados com os dedos, das têmporas bem-comportadas aos fios brilhantes de sua franja. Duas vezes ao dia, subia ao gabinete e removia o frasco de vidro de líquido transparente do armário com porta de vidro, e o segurava contra a luz para verificar se havia

mudança, impurezas. Da gaveta A, tirou outra caixa da Milward, esta com uma seringa simples guardada em veludo roxo e, com os dedos da mão esquerda nas alças, praticou: segurar a seringa escondida nas costas ou no bolso do casaco, e então tirá-la rapidamente e espetá-la em uma jugular imaginária. Cinco segundos, era o tempo levaria. Cinco segundos cruciais, e então poderíamos ir embora, livres. Merecíamos nossa liberdade. Tínhamos de vencer. Era uma questão de justiça.

Essa foi a palavra que Utterson usou: *justiça*. Ele e Lanyon apareceram inesperadamente naquela noite de quinta-feira, 1º de outubro, convidando-se para jantar. A refeição foi interminável. O apetite de Jekyll havia desaparecido. Ele fingia estar mais fraco do que realmente estava, como se ainda estivesse no meio da convalescença. Mas tinha de participar da conversa e fazer alguns comentários ocasionais, pois Lanyon o estava observando sobriamente sob seu bom ânimo saudável e suas conversas descompromissadas. Durante a sobremesa, parei de ouvir e só voltei a prestar atenção quando percebi que a conversa se voltara para W. T. Stead e sua campanha de Tributo Virginal. Lanyon estava dizendo que era grotesco, a noção de prestarem uma queixa contra o homem. Afinal, ele era a razão pela qual estavam realizando as investigações; ele havia trazido o assunto à tona. Meu Deus!, exclamou. Perdemos a noção de valores? O homem merece elogios, não prisão! Utterson, mexendo o café, deu um suspiro exasperado e pousou a colher no pires. Hastie, o homem comprou uma garota de 13 anos. Sem o consentimento do pai e enganando a mãe. Ele a submeteu a ser examinada e certificada por uma parteira, e então a drogaram com clorofórmio e a colocaram em uma cama em um quarto estranho. Ele entrou naquele quarto; ela acordou assustada. O homem merece elogios, você diz. Talvez. Mas, se ele passar um tempo na prisão, bem, em minha mente, isso é justiça.

Lanyon abriu a boca para protestar, então voltou os olhos para Jekyll. Algo em seu olhar alerta fez o homem parar e olhar para baixo, para seu creme de baunilha, enrubescendo. Houve silêncio. Utterson ergueu um olhar curioso e triste para o amigo. E eu ouvi, como um eco, o tilintar das bordas de suas taças, seu brinde:

Ao fim, Harry. Ao fim.

Na manhã de sexta-feira, uma matriz de geada contornava as janelas do quarto. Jekyll ficou em transe enquanto as nuvens corriam diante do sol e as sombras atravessavam o cômodo. Na hora do jantar, essa calma sonhadora tinha se

dissipado. Ele conseguiu comer uma couve-de-bruxelas cozida demais, e então correu escada acima, para seu banheiro, e soltou uma torrente aquosa e ardente das entranhas. Seu estômago se revirava enquanto caminhava mais tarde pelo gabinete, dando voltas e voltas ao redor da bancada do laboratório. Às dez horas, eu estava ficando preocupado. Jekyll tentava coletar o soro transparente do frasco, mas a ponta da agulha estava torcida e não perfurava suavemente a tampa de borracha. *Com calma, com calma*, tranquilizei-o, e a agulha afundou e aspirou o soro para seu cilindro de vidro, até a linha branca final. Jekyll colocou uma tampa de borracha sobre a ponta e guardou a seringa de volta em seu leito de veludo. Fechou os olhos. Seu relógio de bolso marcava sua diminuta pulsação.

Tínhamos de sair. O plano era chegar à casa de Luce no máximo às onze horas. Jekyll balançava a cabeça, começando a respirar de forma estranha. *Não posso*. Ele gemeu em voz alta. *Não posso*. Pressionei-me contra sua mente, assustado agora, mas irritado e impaciente. Não tínhamos escolha; não havia outra maneira, a menos que ele quisesse simplesmente se render, misturar a outra injeção e marchar até a casa de Luce para se tornar o rato de laboratório de Carew. *Tinha* de ser feito. Jekyll balançou a cabeça mais rápido, gemeu novamente. *Não posso*. Ele estava ofegante. *Você faz isso*.

Você faz isso. Não perdi tempo. Arrastei-o para a gaveta E vi as mãos trabalharem, agora de forma competente, derramando o líquido vermelho, e colocando o pó e mergulhando a hipodérmica através da rolha. Jekyll se despiu. Eu quase podia ver nossa respiração quando ele agarrou o torniquete frio com os dentes. Eu oscilava à espreita, girando os braços, e, quando o aço deslizou pelo hematoma, saltei na queda livre doentia e alucinante, e me choquei no corpo e no chão com um uivo.

Fiquei de pé e cambaleei com as pernas dormentes até a mesa, girando o Erlenmeyer e o lançando ainda em movimento em direção à borda — ele caiu e ficou no chão com um barulho improvável. Eu ri. O ar fazia cócegas em meus pulmões. Ri mais alto, arranhando meu peito e passando os dedos entre os pelos. Do guarda-roupa, arranquei minhas vestes e tremi diante da sensação deliciosa do tecido, minha velha fantasia familiar, seu odor de boas-vindas. Desci meu chapéu-coco cinza-claro da prateleira no alto. Ele nunca tinha realmente sido *meu* chapéu. Porém, solenemente, coloquei-o na cabeça e girei até encaixar na ruga de minha testa. Por último, removi minha bengala do guarda-roupa, envolvi com a mão a

empunhadura esférica sempre quente, disposta. No espelho, encarei meu rosto sem pelos e magro, os olhos brilhando como safiras através da sombra da aba. Peguei a seringa carregada e a joguei no bolso do casaco. Então desci a escada saltitando e mergulhei na Castle Street.

A noite! Tinha cheiro de folhas queimando, e o céu estava um breu com estrelas dispersas incrustadas. Sentia o ar fresco em minhas roupas enquanto caminhava aos tropeços em direção ao sul, dando tapas nos muros de pedra de vez em quando para ouvir o barulho seco da vida na palma de minha mão. Tudo estava incrivelmente vívido. Os paralelepípedos sob os lampiões pareciam pedaços de ouro polido, e as pedras nas sombras eram como estanho engraxado. Pilhas de folhas eram carregadas ao longo da rua e entre minhas pernas. Estávamos indo matar um homem. De súbito, parecia algo fortuito, apenas uma desculpa para estar vivo e liberto em uma noite tão suntuosa. Eu mal olhava por onde ia, a mente, um clamor de arco-íris de cor, textura e aroma. Somente ao cruzar a Regent Street notei que havíamos chegado à St. James's Square, que ainda tínhamos um trabalho a fazer. Corri em toda a extensão da grama fosca crepitante, dedilhando a seringa no bolso e me perguntando a que horas seria usada. No outro extremo da praça, dirigi-me à King Street e fiquei sob o beiral da enorme casa de tijolos de Luce, que se erguia a minha direita. Cheguei às lanças da grade de ferro forjado que envolvia o perímetro da mansão e virei a esquina da Dury Street.

E lá estava ele. Com sua cartola alta, Carew caminhava até a calçada, vindo de outra direção, indo aos mourões entre nós. Meu impulso me levou a poucos passos dele, mas, quando Carew levantou a cabeça e me viu, chegamos a um impasse. A sintonia foi perfeita. Não fiquei surpreso. Minha mão estava no bolso, tocando levemente o cilindro de vidro. Ele ficou a vinte passos de distância, tenso. Sabia que eu não era Jekyll. Conhecia minha silhueta encurvada. Escorreguei meus dedos nas alças de aço e comeci a me aproximar, mostrando que não havia desespero ou malícia, e, enquanto ele me observava, lentamente ergueu uma das mãos espalmada como aviso. Mr. Hyde!, gritou. Não como antes, quando estava acima de mim, triunfante. Agora, o grito era interrompido no fim e se transformava em uma pergunta. Mr. Hyde, tínhamos um acordo, esbravejou Carew, Jekyll e eu tínhamos um acordo! Continuei a me aproximar. Ele parecia estar algemado ao local. Com a mão erguida, olhou para a rua vazia a suas costas e então gritou: Jekyll! Jekyll, está me ouvindo? Está aí? Controle-se e pare com isso! Estou armado! Sua voz era

estridente, e ele tateou com a outra mão o bolso do casaco. Seus olhos brilhavam como os de um gato. Continuei me aproximando, em uma espécie de transe. Carew começou a puxar freneticamente algo preso no bolso. Estou armado!, gritou novamente. Não seja tolo, já disse que estou armado! Olhou para o bolso e então para a frente novamente, boquiaberto, olhos selvagens e fascinados, enquanto me observava dar os últimos passos.

Uma epifania tardia: *Cuidado com o Louco*, sussurrei.

Acertei a ponteira de bronze de minha bengala na orelha direita dele, lançando-o contra o muro. Carew bateu na grade e cambaleou, mas se manteve de pé. Em minha mão, toda a haste da bengala de carvalho tremeu com o golpe em seu crânio. Olhei para o brilho amadeirado do objeto, meu braço ficando estranhamente quente, então fitei minha vítima. Suas pernas fraquejaram; ele caiu apoiado em um dos joelhos, agarrando-se à cerca. Levantei a bengala, e, como se fosse um machado, golpei seu punho. Em um piscar de olhos, sua mão se abriu e ele gritou como uma raposa, caindo de costas. Sua cartola caiu e seus cabelos brancos vistosos se espalharam na calçada, salpicados por filetes pretos que vertiam da orelha e ao longo da mandíbula. Ele segurava o braço, a mão estendida em um ângulo perturbador, os dedos retorcidos. Rolou a cabeça de um lado para o outro. Espere, disse gravemente. Por favor, por favor, espere. Fui tomado por enjoo e desespero — ainda havia tanto nele, tanta vida ainda a ser extirpada. Com um gemido, levantei o bastão acima da cabeça e fechei os olhos. O golpe fez um barulho oco no peito de Carew, e senti uma costela quebrar como um galho sob meus pés, uma sensação gratificante e doentia. Golpei mais três ou quatro vezes no tronco, com o movimento de quem racha lenha, então me ajeitei e mirei as costelas que agora estavam desprotegidas, pois ele cobria a cabeça com os braços. Carew rolou de lado, tossindo. Chutei desesperadamente suas costas. Quanto mais? A sensação de seus ossos frágeis vibrando em minhas mãos, como se a bengala em si trepidasse. Ele rolou de bruços, arranhando a calçada e esfregando as botas no chão. Tentava se levantar, percebi com um arrepio nauseante. Recuei a bengala e fiz uma pausa, horrorizado, vendo-o se contorcer como um alejado miserável que eu tinha visto uma vez rastejando junto à sarjeta. Apoiando-se em um cotovelo, a mão quebrada pendendo, Carew virou um olho enlouquecido, mas ainda consciente. O outro piscava incontrolavelmente. Seus cabelos emaranhados estavam grudados na bochecha. Sua boca abria e fechava. Ele emitiu um gemido rouco, como se algo

estivesse errado com suas cordas vocais. Olhei para minha bengala, que afinava até a ponteira de bronze, e, com uma lucidez terrível, observei-me segurando a extremidade mais delgada e girando o punho esférico pesado por cima do ombro como um taco de golfe. Carew parecia estar tentando falar meu nome. Fechei os olhos e golpeei o rosto dele — houve o barulho de alguma coisa se estilhaçando, e o peso da bengala desapareceu quando algo se lançou como um bumerangue no escuro e, pouco depois, bateu nas pedras, rolando rápido com um estrépito antes de parar.

Olhei para a bengala. Estava partida. E segurava menos da metade, um toco de madeira pontiagudo. Então olhei para Carew, no chão.

Deitado de costas, com a cabeça na rua, seus membros se contraíam. Dei a volta e encarei seu rosto. Quase recuei, então me forcei a olhar. O nariz e os dentes superiores foram esmagados, mas os dentes inferiores estavam intatos e a mandíbula se movia quando ele gargarejava uma gosma preta, oleosa e brilhante, que parecia brotar acima de sua garganta. Um olho fora perfurado, o conteúdo escorrendo para a bochecha.

Voltei meu olhar para a rua, à espera de ver saltarem lanternas e pessoas correndo em minha direção. Mas não havia ninguém. Eu queria descartar a bengala partida, mas, em vez disso, apertei-a mais forte. Passei por cima das pernas espasmódicas de Carew para ir ao outro lado, onde o olho estava aberto e ileso, examinando o céu. Havia um odor fecal estranho quando me agachei e enfiei a estaca lascada no bolso de seu casaco. Minha mão alcançou o bolso e escorregou para dentro, e me retraí, certo de que encontraria um enxame de insetos se contorcendo ali dentro. Em vez disso, senti uma coisa fria e pesada, e puxei para fora o revólver, brilhando como chumbo lubrificado. Ergui-o na palma da mão, girando o tambor aberto e olhando, hipnotizado, pelo buraco. Então recobrei o bom senso e me levantei, guardando o revólver no bolso de meu casaco.

A bengala. Eu tinha de achar a outra metade dela, era uma... uma... não conseguia nem pensar na palavra... *prova*. Fiz uma busca na área, no meio da rua como um bêbado, avançando nas sombras que parecessem uma bengala entre os paralelepípedos. Agucei a audição, atento, certo de que tinha ouvido um som, um rincho de zombaria. Mas não havia nada. Carew parou de tremer e de dar pontapés, e dei alguns passos tropeçando em direção a ele. Devia verificar o pulso? Havia mais alguma coisa que eu deveria fazer? *Apenas fuja!*, soou uma voz em minha cabeça, e cambaleei, correndo pela rua.

Não me lembro do caminho que peguei. Não me lembro de decidir voltar para a Ghyll. Apenas quando parei diante de minha casa, vendo-a escura em sua reentrância e emoldurada contra as estrelas espalhadas, eu soube onde estava e o que deveria fazer. Eles poderiam vir me procurar aqui. Iriam vasculhar a casa.

O vestibulo tinha cheiro de algo rançoso, com uma pitada de podridão, como fruta apodrecendo. Eu tinha quase certeza de que o chão estaria pegajoso, uma camada viscosa de lodo. Subi a escada até meu quarto. Segurando a estaca como uma faca, chutei a porta para abri-la. Entrei. O cômodo me parecia quase idêntico a como estava quando parti, deixando os inspetores no local: a cama desfeita, as portas da varanda entreabertas. Até a folha de jornal que eu deixara no chão, ao lado da cabeceira da cama. Mas não confiava naquilo. Tudo parecia cuidadosamente arranjado, como se aquela não fosse minha casa, mas uma réplica em escala perfeita, até o último detalhe possível. Com cautela, atravessei o cômodo, perguntando-me por onde começar. Na antiga escrivaninha com as pernas ornamentadas, abri a gaveta estreita de cartas e observei os dois envelopes guardados lá dentro, os poemas enigmáticos de meu algoz. Fechei-a depressa, então abri a gaveta maior, ao lado dela, e recuei surpreso.

Um martelo grande, agressivo, com cabo de madeira jazia lá dentro.

Alguns pregos grossos, heterogêneos rolaram ao lado dele. Hesitei, então peguei e ergui o martelo pelo cabo escarificado. Era muito pesado, a cabeça enorme e a orelha fendida; ergui-o, perplexo. Não era meu. Coloquei-o sobre a escrivaninha e abri a gaveta do meio. Estava repleta de jornais, como um cesto de lixo cujo conteúdo tivesse sido pisado. *Pall Mall Gazettes*. Porém, eu não havia trazido as cópias para cá, eu... o que eu *tinha* feito com elas? Fechei a gaveta com força e puxei a última, muito dura, abrindo-a e retirando-a da escrivaninha, e ela caiu no chão, rachando. O tesouro se espalhou. Moedas, uma avalanche pesada delas, misturadas com notas amassadas. Tirei uma nota: azul, estrangeira. As moedas rolaram desigualmente pelo chão. Deixei cair a nota, limpei a mão na calça. Virei-me e percorri o cômodo com o olhar, uma gargalhada histérica tentava irromper de meus lábios. Fui até o guarda-roupa e escancarei as portas. Mergulhei as mãos, arranquei minhas roupas dobradas e me vi agarrado a um saco de papel pardo. Ele emitiu um tinido metálico. Enchi minha mão e peguei um punhado de anéis e berloques; uma corrente prateada pendia de meus dedos. Vasculhei ainda mais, lançando roupas para trás, e surgiu outro saco de papel, algo macio no interior. Apertei-o no chão. Elásticos e cachos de

cabelo caíram dele, de todas as cores, loiros e castanhos e pretos, como um animal heterogêneo. Afastei-me aterrorizado. Por que tudo aquilo parecia tão repugnante e familiar? Que sonho era este? Então abri o aparador. Um grande pacote estava atulhado no fundo. Tirei-o de lá, arrebentei o barbante e rasguei o papel pardo. Um brilho verde iridescente no interior. Um colete esmeralda. O colete esmeralda. Segurei-o diante de mim como uma pele de dragão fantástica. No embrulho, havia mais roupas, dobradas como se tivessem chegado da lavanderia: uma jaqueta xadrez amarela brilhante que parecia desconfortavelmente familiar; uma camiseta da qual caiu uma peça branca com babados. Levantei essa coisa com minha estaca: uma calcinha de menina com uma mancha marrom carmesim ao longo da costura inferior.

Inspecionei o quarto em um frenesi de descrença. Carew realmente havia feito isso? Seus capangas plantaram aquelas coisas aqui? Eu tinha de me livrar delas, do máximo possível. Junto à lareira, vasculhei dentro do buraco imundo e desobstruí o cano da chaminé, então juntei todas as folhas de jornal que foram amontoadas na gaveta e coloquei fogo nelas. Enquanto queimavam, rastejei debaixo da cama, arranquei os lençóis e por fim encontrei debaixo do colchão um livro de contabilidade antigo, suas páginas cheias de rabiscos confusos, uma caligrafia pontiaguda familiar — um manifesto demente. Folheei seu conteúdo, tendo vislumbres de seu sentido hostil e maníaco: *fisquei as bochechas dos gaiatos e deflorei a vadia e glug glug glug buraco abaixo* e então uma página inteira preenchida com nada além de *hide hide hide*, como aquela carta que eu tinha queimado. Fechei o livro, os olhos selvagens, o coração martelando. Corri até a lareira e joguei o livro na grelha em brasa. Rasguei o invólucro de cetim de um travesseiro, então peguei o chumaço de cabelo, enfiei lá dentro e fiz o mesmo com o saco de papel de anéis e berloques e o pacote de roupas. Enfiei o martelo na fronha e depois apanhei o máximo possível da pilha de tesouro dos piratas, embora muitas das moedas estivessem oleosas e impossíveis de tirar do chão. Aquele fedor fecal de Carew ainda estava em minhas narinas quando me agachei, catando moedas e colocando no saco, e eu sentia a alegria sufocante no ar, como se estivesse declamando alguns quadros burlescos para uma plateia invisível, maliciosa. Havia fumaça em todo o recinto. Empurrei o livro por trás da grelha, enfiei as cartas de meu alçó em seus envelopes e bati minhas roupas, meus bolsos. Do revestimento interno de meu sobretudo tirei um livreto de couro verde. Meu talão de cheques. Eu

não usara uma vez sequer, evidentemente. Joguei-o nas chamas, assisti ao couro formando bolhas e aos cheques se contorcendo.

Examinei uma última vez meu quarto saqueado, sem esperança, então torci a fronha e me apressei a descer as escadas. A meio caminho do vestibulo, no entanto, parei, pulsando na escuridão. Eu não estava sozinho. Podia sentir algo estranho na nuca. Virei-me, olhei para as sombras abundantes da passagem ao lado da escada. Passei a língua nos lábios. *Mrs. Deaker?* Dei um passo, e o assoalho rangeu uma resposta complexa que me fez endurecer. Ela estava lá? *Mrs. Deaker?*, repeti, quase com urgência. *Você não deveria ficar aqui, eles vão vir, vão...* as palavras secaram em minha garganta. Não era Mrs. Deaker me observando das sombras. Não era ninguém.

Mr. Seek?, sussurrei.

O assoalho gemeu abaixo de mim, como se eu estivesse em um alçapão. Recuei, levantando a mão. *É seu. É todo seu.*

Corri pelas ruas desertas para o sul com meu saco de cetim, enquanto a luz deixava o céu granulado. Logo senti o cheiro do rio. Atravessei um parque até a ponte de Waterloo, subi os degraus agachado, e, em um ponto que me parecia ser o meio, parei. Para o leste, o rio fazia uma curva, captando a cor pálida do céu, pontes se desdobravam em silhuetas ao longo de toda a borda montanhosa de nuvens translúcidas no horizonte ao longe, a City encravada em um tom cinzento contra ele, pináculos e cúpulas e fios de fumaça. A vista estremeceu, prismática. Passei a mão nos olhos e engoli um soluço. Então me virei para o corrimão e olhei para o rio, suas manchas cor de obsidiana salpicadas de espuma. Deixei o pesado saco de cetim pendurado do outro lado do anteparo e o larguei. Com o coração na garganta, aguardei um segundo, dois, até escutar o impacto na água. Puxei o revólver do bolso, envolvi o cabo e o gatilho com os dedos, ansiando apertá-lo, para senti-lo disparar e trovoar. O martelo recuou um pouco de meus dedos rijos, então abri a mão. Mal se ouviu seu barulho na água. De outro bolso do sobretudo, retirei a seringa, segurando-a pelas alças de aço, um objeto ridículo. Pressionei o êmbolo com o polegar e observei a corrente prateada de soro formar um arco da ponta. Deixei a seringa balançar entre meus dedos e cair.

Na metade da ponte tirei meu chapéu, o chapéu-coco cinza pálido, e o arremessei em uma eclipse, girando sobre a água. Pouco depois, vi-o balançando na corrente e

passando sob a ponte.

De volta ao gabinete, vasculhei a bagunça que havíamos deixado: o conteúdo da gaveta E todo jogado sobre a bancada e o Erlenmeyer no chão, uma única caixa da Milward aberta com seu nicho vazio. Senti-me à beira de um colapso eufórico. Cumprira a tarefa. Tudo transcorrera muito, muito errado, mas cumprira a tarefa. Ele estava morto. Estávamos livres. Apaticamente, desabotoei e arranquei minhas roupas grudentas. Baixei a calça e a cueca e olhei para os filetes imundos ao longo de minhas pernas, uma explosão de fedor que me fez cobrir a boca e tossir. Eu tinha me sujado. A ideia era peculiarmente libertadora, praticamente um despertar. Meu membro começava a enrijecer e a se destacar de seu ninho de pelos, então fechei os olhos quando meus dedos buliçosos se fecharam em torno dele. Logo, parecia que o gabinete estava em chamas desenfreadas. Haviam incendiado todo o laboratório e estavam em pé no pátio com tochas, esperando que eu sáísse cambaleando, ofegando por misericórdia. O calor me atingia, fazendo o ar ondular, enquanto as chamas sinuosas lambiam as paredes. Seus tolos, pensei em êxtase, seus tolos! Deixe queimar! Que tudo queime!

Jekyll entrou no pátio. Uma névoa baixa jazia sobre o cascalho; afastava-se quando ele avançava sobre as pedras em direção ao beco que levava para a Castle Street. Carregava minhas roupas sujas, empacotadas e amarradas em meu sobretudo, que ele segurava pela manga. O beco corria ao longo da parede de pedra calcária e surgia na Castle Street. Ele olhou para os dois lados e andou um pouco para o sul. Então, girou o pacote, e girou, e girou, como se fosse um arremesso de martelo, e o jogou. O embrulho fez um arco no ar e quicou nas pedras, envolto em sombras. Crianças iriam encontrá-lo e desamarrá-lo, é claro. Jekyll esfregou as palmas das mãos uma na outra e voltou para o beco.

TERCEIRO DIA

Noite

O que devo sentir? Remorso? O que significa isso, *remorso*? Que me arrependo de tê-lo matado? Não me arrependo. Matar Carew arruinou tudo, com certeza. Mas ele não nos deixou escolha. Mesmo se tudo desse errado — como eu poderia saber? Jekyll cuidou para que eu não soubesse e não entendesse nada! Foi *ele* quem preparou o veneno e depois me levou a fazer o trabalho sujo, sabendo que eu possivelmente não seria capaz de usar a agulha como havíamos planejado. Estava destinado a usar a bengala, afinal de contas. Peguei-a no Casarão com um propósito certo; a arma do crime nunca escapa de seu predestinado...

Calado. O que foi isso?

Um rangido.

Agora, outro rangido, vindo da escada logo após a porta do gabinete. Passos, subindo a escadaria de madeira. Poole? De onde ele veio? Já é hora do jantar? Não o ouvi — como ele pôde simplesmente aparecer, tão silencioso? Estou na parte da frente do gabinete, a menos de três passos da porta. Lento e deliberado como sempre, Poole chega até o degrau intermediário. Ouço um tilintar de prata quando coloca a bandeja com o jantar no degrau. Prendo a respiração. O silêncio inunda o ambiente como água. Então o ranger de mais um passo, e outro — mas não descendo. Ele está subindo. Está vindo até a porta.

Não mexo um fio de cabelo, temendo que as tábuas do assoalho gemam e me denunciem. Poole para do outro lado da porta. A batida suave do nó de seu dedo no batente de madeira. Senhor? Sua voz é abafada pela baeta que reveste a porta. Contraio o diafragma evitando a mínima expiração. Senhor? Dr. Jekyll? Não vai me responder? Fecho os olhos. Sinto-me zonzó. Não estou preparado para isto. Preciso de mais tempo. Posso imaginá-lo lá fora: os dedos tortos, elevados, prontos para

bater de novo, a cabeça inclinada enquanto ouve o vazio arrepiante. Ele sabe. Jekyll responderia; Jekyll diria alguma coisa. Devo tentar imitar sua voz?

Mas Poole recua um passo, um arranhão crepitante. Dá mais um passo atrás. Agora, o movimento de sua sola quando ele dá meia-volta, descendo para o térreo. Ainda assim, não movo um músculo, não até o ruído no cascalho do pátio o levar até a porta do jardim de inverno, que range ao abrir e fechar.

Como não ouvi tudo *aquilo*? O ranger da dobradiça, o barulho do cascalho, a chave da porta do laboratório, seus passos sobre o assoalho da sala de dissecação. Como ele pôde aparecer tão silenciosamente ao pé da escada? Será que Poole conhece alguma passagem secreta, silenciosa, que leva ao anexo?

Ele deve saber a esta altura. Sabe que *alguém* está aqui em cima — alguém que não responderá. Ele conversará com Utterson. Esta noite? Jesus, os dois podem estar batendo novamente à porta dentro de uma hora!

No armário, abro a gaveta E. O frasco de vidro de cianeto se encontra na lateral. Retiro-o e seguro, sem apertar, na palma da mão. Não estou pronto para isto. Ainda não terminei.

Mais de uma hora se passou, e nada ainda.

Talvez Poole vá deixar para resolver isso depois de uma noite de sono. O cauteloso Poole. Pela manhã, fará algo, irá falar com Utterson. Mas esta noite ainda é minha. Não posso desperdiçá-la. Devo prosseguir.

Quarto de Jekyll, manhã após Carew. A luz do sol alinhavava as cortinas e refletia na cabeceira da cama polida. Ele tirou as mãos de baixo das cobertas, inspecionou as costas, tocou o rosto. Quase suspeitava que era manhã de sexta-feira novamente, que tínhamos sonhado toda aquela coisa demente. Jekyll deslizou para fora do leito e abriu as cortinas, protegendo os olhos do sol do fim da manhã. Abriu uma janela e uma brisa resoluta entrou no recinto. Uma voz fina e alta estava cantando em algum lugar lá embaixo, desafinando. Jekyll entrou em seu quarto de vestir e deixou a água fria correr para a bacia branca, examinando-se no espelho de barbear. Franziu a testa um pouco, virou-se de perfil. Então, com as mãos em concha sob o fluxo de água, curvou-se para molhar a face, esfregando a água fria nas bochechas ásperas. Um fulgor de dor — endireitou-se, olhando para a palma das mãos.

Havia um retalho de pele descascado na região abaixo do dedo indicador. Ele o

colocou suavemente de volta com o outro polegar, e Carew revirou seu olho suplicante enlouquecido, antes que a bengala se quebrasse em seu rosto, no imponderável e prazeroso fim. Jekyll estremeceu, fechando os olhos, e então a voz que cantava lá fora na praça se tornou clara de repente: um jornaleiro gritava as manchetes. Assassinato!, berrava nitidamente. Assassinato de um membro do Parlamento! Assassinato terrível! Membro do Parlamento é assassinado!

Lá embaixo, na sala de jantar, o jornal esperava no lugar de Jekyll, liso e quente como sempre, passado a ferro por Poole. Jekyll se sentou e cruzou as pernas antes de pegar o jornal. As letras tinham mais de um centímetro de altura e eram escuras como o sangue dele havia sido:

QUERIDO MEMBRO DO PARLAMENTO BRUTALMENTE ASSASSINADO

Na noite passada, o popular membro do Parlamento Danvers Xavier Carew, advogado, integrante da Royal Society, cavaleiro da Grande Cruz e cavaleiro do Reino, foi espancado até a morte do lado de fora da casa do renomado hipnotizador e conselheiro espiritual Cornelius Luce. O ataque desprezível ocorreu pouco antes da meia-noite e foi realizado com uma bengala de carvalho grossa, da qual um pedaço foi encontrado pela polícia em uma sarjeta próxima esta manhã. Uma testemunha, debruçada em uma janela da residência de Luce no momento do ataque, identificou o autor desse crime vil como sendo Edward Hyde, que tinha visitado Mr. Luce em sua casa alguns meses antes. A relação entre Mr. Hyde e Sir Danvers Carew ainda não foi determinada.

Jekyll ergueu os olhos sobressaltado quando Poole entrou com o desjejum. *Leu isto, Poole? Viu o que estão dizendo?* Poole colocou o prato sobre a mesa, evitando encará-lo. Vi, sim, senhor. Jekyll balançou a cabeça, sem palavras. *Eu... Eu juro, não tinha a menor ideia de que Mr. Hyde fosse capaz...* Poole removeu o cloche de prata e olhou para seu patrão com olhos pretos, analisadores. Senhor, não sei de nada sobre esse assunto. E nem ninguém nesta casa. Posso lhe assegurar.

Ele se virou para sair, mas Jekyll estendeu a mão e apertou o punho do homem. Poole ficou imóvel. Quase podíamos sentir a pulsação através da luva de sarja. Jekyll apertou com força, e o soltou. Poole pigarreou, esboçou uma reverência e saiu da sala de jantar.

No gabinete, Jekyll e eu nos debruçamos sobre o jornal, com as mãos úmidas, sujas de tinta. Não fiquei surpreso ao ver meu nome. Esperava vê-lo impresso havia alguns meses e agora aqui estava, indiscutível, por fim. No entanto, fora tão rápido! Quem era essa testemunha? O próprio Luce estaria olhando de uma janela? Jekyll jogou o jornal de lado, caminhou pelo gabinete e, então, pegou as páginas novamente, como se as palavras pudessem ter mudado, metamorfoseadas em seu próprio nome. Por fim, largou-se em uma cadeira ao lado das janelas. Ele ainda não estava livre. Este era apenas o começo. Utterson viria hoje; Jekyll teria de despistar o amigo também. Depois de alguns minutos, levantou-se outra vez, foi até a escrivaninha, retirou um papel de uma gaveta e se sentou, flexionando a mão esquerda, abrindo e fechando-a. Puxou a caneta-tinteiro de nosso pai do bolso. Expirando, debruçou-se sobre a escrivaninha e começou a escrever com a mão esquerda, um texto estranho, riscado com a ponta da pena. *A meu benfeitor fiel, Dr. Henry Jekyll:*

Por sua infinita generosidade, paguei-lhe da pior maneira possível. Provei ser indigno de sua tutela e apoio, da companhia civilizada que desejava que eu mantivesse. Não há nenhuma civilidade em mim, como mostrei ao mundo ontem à noite. Que minha ação possa maculá-lo me causa tal dor e repulsa, não poderia suportar ver sua repreensão e repúdio. Por isso, realizarei essa tarefa em seu lugar. Não se preocupe, tenho meios seguros para escapar. O senhor não me verá nunca mais. Por favor, perdoe seu pupilo indigno,

Edward Hyde

Foi estranho. Tal como acontecia com os diários de Jekyll, eu conseguia captar seu sentido, mas mal era capaz de ler os rabiscos, como se ele estivesse borrando as letras ou velando-as de mim de alguma forma. No momento em que acabou de escrever, passou o mata-borrão sobre a confissão e dobrou o papel. Pegou um envelope vazio da gaveta e o levou até o fogareiro, acendeu um fósforo na borda e usou a chama para acender o carvão. Observou o envelope ondular e escurecer, então enfiou a carta no bolso do peito e observou o gabinete. Tirou a trava da porta e se sentou novamente junto às janelas, para esperar por Utterson.

Ele veio à tarde. Um denso nevoeiro sobre o pátio. Podíamos ouvir Utterson atravessando o cascalho, sozinho. Ele passou lentamente pela sala de dissecação,

subiu as escadas e bateu uma vez à estrutura de madeira. Jekyll compôs seu rosto por mais um segundo, então disse: *Está destrancada, John*. Ele não se virou quando Utterson entrou e se aproximou em suas botas ruidosas, não se virou até o amigo estar de pé acima dele, respirando de forma audível pelo nariz. Jekyll se voltou para mostrar sua expressão torturada a Utterson — o advogado consternado, cansado, a barba por fazer, os lábios fechados com força. Jekyll deu um sorriso forçado. *Agora vai me dizer, John, que tinha me avisado?*

Não faz sentido, retrucou Utterson, está feito. Não preciso dizer nada, preciso, Harry? *Não, não precisa. John, ouça-me. Não vejo Edward Hyde desde a última vez que você e eu conversamos. Não tinha conhecimento de seu paradeiro até esta manhã*. O outro assentiu com a cabeça, como se esperasse ouvir isso de Jekyll. E você não tem ideia de onde ele possa estar, correto? Jekyll continuou a análise cética e, então, olhou de relance pela janela. *Acho que está morto. Ou estará em breve, se já não estiver*.

Morto?, repetiu Utterson. O que o leva a pensar isso? *Isto*. Jekyll tirou a carta do bolso e a ofereceu entre dois dedos. Utterson a desdobrou. Respirava ruidosamente enquanto lia. Como isto foi entregue?, perguntou. *Colocaram debaixo da porta, lá embaixo. A porta da Castle Street*. E o envelope? *Estava em branco. Eu o queimei*. Jekyll olhou para a frente novamente, de olhos bem abertos e tensos. *É uma carta de suicídio, John*. Ou é o que ele quer que pensemos. Não seria conveniente se todos acreditassem que está morto? *Bem*, disse Jekyll, hesitante, *talvez. Eu não sei. Pode ficar com ela. Deixo para você decidir se é necessário compartilhá-la com a polícia*.

A polícia!, exclamou Utterson com uma risada caricata. A polícia não parece precisar de muita ajuda neste assunto, Harry. Eles têm uma testemunha e a arma do crime, ou melhor, as duas metades da arma do crime, metade recuperada no local do crime e a outra no quarto de Mr. Hyde. Ele tornou o trabalho muito fácil para a polícia. *No quarto dele? Como sabe disso?* Porque eu estava lá, respondeu Utterson. Estava lá com a polícia, quando eles a encontraram. E, antes disso, estava na delegacia, identificando o cadáver de Sir Danvers. Já vi muita coisa, mas aquele homem sobre a mesa estava, estava... ele estava irreconhecível, exceto pelos cabelos. Depois de dar uma boa olhada naquilo, mostraram a arma do crime, a metade que recuperaram na rua. E que reconheci imediatamente. Você sabe qual bengala ele usou? Jekyll meneou a cabeça, empalidecendo sob o olhar penetrante de Utterson. Diabos, Harry, aquela bengala foi presente meu. Dez anos atrás, foi um presente,

quando você se tornou membro da sociedade científica. Por que estava com ele? Você deu a ele? *Eu... Eu não sabia; ele tinha livre acesso à casa, pode ter tirado do suporte em algum momento. John, sinto muito, mas por que a polícia foi procurá-lo? Por que lhe pediram para identificar o corpo?*

Utterson estalou a língua perturbado e olhou rapidamente para fora, respirando com dificuldade. Porque, disse, mexeram no bolso do paletó de Carew e encontraram um envelope branco dobrado. A polícia encontrou isto.

Ele abriu o envelope diante de Jekyll.

*Gabriel John Utterson
Gaunt Street, 13*

A parte superior do envelope fora rasgada com cuidado.

A boca de Jekyll ficou seca. Carew havia escrito uma carta para Utterson. Estava em seu bolso. Ele olhou para o amigo, que observava sua reação com muita atenção. Por que Carew?, perguntou Utterson. Por que Hyde foi atrás dele? *Não tenho certeza. Ciúmes, talvez. Ele sempre se sentia ameaçado por minha relação com Carew. Hyde tinha contas a ajustar com quase todo mundo. E estava se tornando uma ameaça, como lhe contei.* O que você me disse é que ele estava sendo tratado por médicos, disse Utterson. Em um hospital em Edimburgo, você me fez acreditar. *Sim, eu sei. Ele deveria se apresentar voluntariamente. Eu o coloquei em um trem. Cometi um erro. John... Carew lhe escreveu? Ele mencionou o nome de Hyde?*

Utterson manteve o olhar arguto sobre Jekyll por mais um tempo, depois dobrou o envelope e o colocou lentamente de volta no bolso. Não, ele não menciona Hyde pelo nome. Ele não faz menção a nenhum de vocês pelo nome. Mas seu nome, Harry, está em todo este negócio apavorante, e, se houver um julgamento, será arrastado para ele, sem dúvida. Você realmente acha que vou mostrar a suposta nota de suicídio de Hyde à polícia? Com seu nome nela? É claro que não quer isso; você espera que eu a tranque no cofre. Já me tornou seu cúmplice, um cúmplice de crimes dos quais não sei a extensão. Mas agora acabou. Entende o que estou dizendo? Até onde nos toca, Mr. Hyde está morto. Não falaremos dele novamente, porque ele provavelmente nunca será visto, por ninguém. E, se eu souber que as coisas não correram desse modo, se ficar sabendo que você e ele estão... se comunicando, então você estará entregue à própria sorte. Não terá mais minha proteção. E acho que não

percebe plenamente o quanto depende dela. Esta história acaba aqui, bem aqui. Utterson deu um passo para a frente, estendendo a mão. Dê-me sua palavra, Harry. Jekyll aceitou, com uma espécie de temor. Diga, exigiu Utterson. Esta história acaba aqui.

Esta história acaba aqui.

Naquela noite, Jekyll saiu, comprou quatro jornais e os levou para o gabinete. Todos estampavam o mesmo retrato meu, aquele desenho feito a lápis de traços grosseiros que eu veria mais e mais nas semanas seguintes: rosto de macaco rosnando, com costeletas peludas, a testa retorcida e pequenos dentes filiformes. Andaram ocupados, aqueles jornalistas. Sabiam onde eu morava. *Um palazzo decrepito*, escrevera um deles, *escondido por entre as ruas sombrias do Soho*. Eles sabiam o que a polícia encontrara em meu quarto, que *havia sido revirado pelo vilão em uma tentativa inútil e patética de apagar em uma hora toda uma carreira sórdida, que culminou em um assassinato cuja principal evidência, a metade faltante da bengala quebrada, foi deixada à vista no chão*. Eles sabiam quanto dinheiro eu tinha em minha conta bancária no Blackhaven, um pouco menos de quatro mil e quinhentas libras, que, asseguraram ao público, era *bem mais que a ninharia que o monstro separava diariamente de sua fortuna para facilitar seus prazeres imundos*. E, é claro, sabiam da testemunha. Não Luce, mas *uma criada na casa de Luce*. A empregada, percebi rapidamente, aquela coisinha bonita com olhos verdes e desconfiados, que informara que a vítima estava apenas me pedindo informações quando comecei a *agredi-lo como um louco*. Quem a instruíra a dizer isso? Luce estava tentando se distanciar e negar o envolvimento?

Junto dessas sandices, foram desfraldados elogios a Sir Danvers Carew. Eles conseguiram uma fotografia dele, um pouco de lado na imagem, os cabelos fluindo em caracóis platinados e olhos incandescentes. O homem era um *herói nacional, um cavaleiro impecável, um cavaleiro branco, um campeão do progresso e da ciência, um cruzado contra a criminalidade vil que infecta esta cidade*. *A cada hora que seu assassino vaga livremente, brandiu um repórter, crava-se outra marca escura no inventário de ultrajes delineados nas virtudes e no caráter do povo inglês*. Esses jornalistas passaram o dia nas ruas. Imaginei um monte deles invadindo tudo, uma revolução incipiente, agitando ferramentas agrícolas e entoando slogans anti-Hyde. No segundo dia após o crime, no entanto, alguns estavam começando a sugerir que

o assassinato fora deliberado. Que eu tinha *eliminado o distinto cavalheiro não em fúria cega impensada, mas a sangue-frio, premeditadamente*. Entrevistavam meus vizinhos, meus *associados involuntários*. Aqui estava Victor Fleming, proprietário e gerente da casa pública Suíno e Cadafalso — o velho Vic, percebi com uma pontada de traição —, chamando-me de *um tipo perturbador, que oferecia rodadas de bebida e se gabava da jovem prostituta bonita de quem tinha se aproveitado antes de descartar*. Às vezes, era dito pela *clientela regular do estabelecimento*, eu levava minhas garotinhas e comprava gim para elas, oferecendo-as à venda para qualquer pessoa com *uma nota de cinco para gastar*, e depois ria como se isso fosse uma boa piada. Era suspeito, além disso, de ser um *visitante frequente das casas de horror tão recentemente trazidas à luz, em que cavalheiros de posse podem comprar a virgindade raptada de inocentes infelizes*. Era de conhecimento geral, sugeriu um jornal, que, antes de sua morte prematura, Sir Danvers estava investigando, em nome da SLPJM, as declarações de que uma filial de tais casas estava *operando no anonimato do Soho*. Seria possível que a morte de Carew — ou, melhor dizendo, seu assassinato — *fora a solução diabólica que Mr. Hyde encontrara para o problema de sua própria exposição iminente como um comprador e promulgador da virgindade de jovens inglesas?* Durante os dias da campanha do Tributo Virginal, foram relatados distúrbios no portão principal do *palazzo* de Mr. Hyde, e rumores circularam sobre o que precisamente aconteceu na decrépita *mansão do século XVII*. Das ruas, foi arrancado um *habitante anônimo* que disse ser de conhecimento geral que Edward Hyde mantinha *duas garotas por vez, desfazendo-se das antigas quando novas eram introduzidas*. Uma *mãe de seis filhos* reforçava a declaração, e disse que tentou evitar que suas filhas ficassem à solta pelas ruas, *mas, se ele cresce o olho nelas, quem é capaz de detê-lo, vivendo no alto de seu castelo?* Quem poderia detê-lo, de fato, afirma o redator, quando homens como Edward Hyde *agem impunemente, ocultos por suas pilhas de dinheiro*, e samaritanos como Sir Danvers são *executados a sangue-frio sempre que se aproximam demais da verdade incômoda?*

Tudo estava acontecendo exatamente como Carew havia prometido que seria, como se sua morte fosse o gatilho para uma armadilha complexa que ele montara. Eu parecia me observar pendurado diante das massas, com apupos e bastões e vegetais podres, e meu único consolo era a voz de Mrs. Deaker não estar entre elas. Fiquei esperando para ver o nome dela surgir, suas denúncias contra o patrão que praticamente a escravizara em casa etc. Mas ela havia sumido no meio da multidão,

e fez uma oração de gratidão a cada dia que a velha permanecia fora dos jornais. O ato final de desaparecimento de Eudora Deaker.

Jekyll estava mais preocupado com sua própria ausência da história, que ganhava proporções cada vez maiores. Todos os dias, eu sabia, ele esperava ouvir a campainha tocar, para encontrar um clamor de repórteres na varanda da frente, para ver seu nome, por fim, estampado nas páginas do jornal. Com certeza algum investigador dedicado poderia farejar a fonte daquelas libras em minha conta bancária. Com certeza a história da Noite da Menininha vazaria, e alguém começaria a vasculhar informações sobre a Castle Street. Eu esperava por isso também, tenso como a mola de uma máquina pesada pronta para liberar toda a energia acumulada. Não que quisesse que Jekyll fosse pego, é claro. Ele era meu esconderijo, meu santuário. No entanto, irritara-me ao colocar em mim toda a culpa, todos os golpes e cusparadas em meu rosto. Eu também não gostava da atitude cada vez mais exuberante de Jekyll, de sua tranquilidade cética. Ele se aventurou a ir ao Grampian no fim daquela primeira semana, envolvendo-se em uma conversa normal com o atendente do bar que serviu sua água com gás, depois passando um tempo agradável com alguns dos antigos colegas, ao lado da lareira. Eles estavam falando de mim. Qual é sua aposta, doutor?, perguntou Percy. Osgood acha que ele está em Xangai, e Bertie disse... o que era mesmo, Bangalore? Meu palpite é África do Sul. Qual é o seu?

Todos estavam felizes e ruborizados, da bebida e do fogo. Jekyll disfarçou, fingindo estar pensando. *Que tal a América?* As sobrancelhas de Percy se ergueram e ele assentiu com aprovação. América, sim, não tinha pensado nisso. Ele se daria bem com os ianques, não acha?

Jekyll tomou um gole de sua água com gás, estalando os lábios ao sentir as bolhinhas.

Na tarde seguinte, subiu para o gabinete com uma mala. Um de meus ternos estava pendurado no guarda-roupa, junto de outro casaco. Ele examinou todos os bolsos e dobrou os itens. Encontrou uma camisa amarrotada na gaveta e a dobrou também, então encheu a mala com as peças. Levou-a a uma casa de penhores em uma travessa da Strand. As roupas pertenceram ao seu irmão morto, disse, e não queria vendê-las, só não podia mais olhar para elas. De volta ao gabinete, retirou meu molho de chaves da gaveta do guarda-roupa. Havia três — da Ghyll, da Castle

Street e do gabinete. Jekyll guardou no bolso a chave do gabinete, colocou as outras duas em uma placa de vidro e derramou uma solução clara e ácida sobre elas. Muitas horas depois, pescou as chaves com uma pinça de laboratório, e estavam enferrujadas e corroídas. Elas desmancharam entre seus dedos como estopa. Ele jogou os fragmentos pela escada dos fundos, e não se falou mais disso.

Eu observava em silêncio Jekyll fazer essas coisas. Quando não reagia, quando não pensava nem fazia nada, achava que podia ouvir o fluxo dos seus pensamentos além da membrana fina com mais clareza que antes. Era como se Jekyll tivesse relaxado sua concentração contra mim, como se quisesse que eu conhecesse seu raciocínio para entender que ele não tinha escolha. Hyde, afinal de contas, tinha se tornado uma impossibilidade. Não havia motivo para preservar as chaves ou as roupas; estava acabado. Elimináramos Carew e tínhamos nos safado. Se eu não tivesse massacrado o homem até a morte, se tivesse injetado o conteúdo da agulha como havíamos planejado, então, talvez, as coisas fossem diferentes, mas não podia esperar que Jekyll me deixasse sair do corpo novamente. Não pretendia discutir. Eu não queria o corpo de volta. Mas não ia simplesmente evaporar dentro de sua mente. Ele teria de me deixar sair em algum momento. Por ora, no entanto, era melhor para nós dois ter uma fachada discreta e serena para se esconder até tudo acalmar.

Jekyll voltou ao clube de esgrima, encontrou o adversário anterior no bar e se desculpou. Ele aceitou um convite para um evento de gala no Museu Britânico. Preencheu cheques. Quinhentas libras para a Sociedade Real de Estudos Geográficos. Quinhentas para a SLPJM. Quinhentas para a Associação Nacional de Damas. Quinhentas para o Comitê de Investigação sobre a Condição Deplorável dos Cortiços de Londres. A última enviou a Jekyll uma carta convidando-o a se juntar em uma excursão ao Extremo Oriente, e, alguns dias depois, ele marchou com mais de dez homens e mulheres até Whitechapel, para inspecionar casas de alojamento e cortiços, interrogar os desgraçados e distribuir panfletos. O regimento passava por um viaduto cheio de goteiras, quando vi um cartaz com minha cara simiesca numa parede com a ponta descolando: PROCURADO, EDWARD HYDE — 5.000 LIBRAS. Ao lado de Jekyll, um cavalheiro fungou e disse em voz baixa: Podiam oferecer um milhão, por todo o bem que a captura faria. O homem já deve estar a meio caminho da Lua neste momento.

Havia um consenso nessas observações dispersas. Ninguém acreditava que eu

ainda estivesse em Londres. Afinal, por que permaneceria lá, quando havia um mundo todo lá fora para se esconder? Tínhamos de ficar em Londres? A ideia floresceu dentro de mim durante o mês de outubro: deixar a cidade, sair do território da Inglaterra. Poderíamos ir a qualquer lugar! Talvez não a Bangalore ou Xangai... mas *que tal* a América? O próprio Jekyll havia sugerido. O Novo Mundo. Não era exatamente disso que precisávamos agora, um novo mundo para explorar?

Alimentei a ideia em silêncio em minha cela, pois já havia aprendido que intimidar Jekyll não adiantaria nada. O ideal seria ele chegar a esta conclusão como se tivesse pensado sozinho. Foi Utterson quem, inadvertidamente, forneceu o catalisador. No início de novembro, convidou o amigo para jantar em sua casa, onde encontramos outro convidado já à espera. Jekyll o conhecia vagamente, o Dr. Church, um velho alegre de terno xadrez e óculos redondos, que me lembrou de alguém. No meio do jantar, matei a charada: o Dr. Pinter. Ele se parecia com o Dr. Pinter, o médico de papai no Hospital Bagclaw. Lembrei-me do homem parado nos degraus do castelo de pedra maciça quando nossa carruagem se arrastara pelo caminho de cascalho; lembrei-me de seu aperto de mão ossudo e de seu sorriso artiloso e curioso de admiração. O tal Dr. Church estava falando de seu próprio hospital, São Bartolomeu, com aquele mesmo sorriso docilmente astuto, vangloriando-se com humildade da faculdade de medicina e de seu interesse em desenvolver um departamento de medicina psicológica. Utterson ouvia, mastigando, e, quando Jekyll encontrou seu olhar, ele ergueu as sobrancelhas inocentemente. Utterson havia arranjado este encontro, era evidente. Essa oferta de emprego ou seja lá o que fosse. Posso imaginar, dizia Church em sua voz pomposa, que o senhor tenha muitas demandas, Dr. Jekyll; não esperamos que se comprometa com nada além de suas possibilidades. Talvez uma pequena série de aulas expositivas, para começar?

Vi o Dr. Pinter novamente, os nós dos dedos erguidos e prontos para bater à porta do quarto de papai. Entenda, disse Pinter baixinho, ele não espera seu perdão.

Após a partida de Church, Jekyll e Utterson se sentaram no escritório. Jekyll observava os carvões estalando, as pontas dos dedos unidas diante do queixo. Utterson se sentava com suas longas pernas esticadas e os tornozelos cruzados, acariciando uma taça de borgonha. Por fim, disse: A oferta é realmente tão ultrajante? Jekyll se levantou. *Desculpe. Não, não é nada disso. É muito lisonjeira, na verdade.* Você pode até gostar, sugeri o outro homem. De dar aulas. Mentos frescas

a serem ensinadas. Um novo *protégé*, talvez... Jekyll olhou de relance para o amigo, que estava franzindo a testa para sua taça de vinho. Acho, disse Utterson, que deve fazer algo, Harry. Você ganhou a oportunidade de ter um novo começo. Deve aproveitá-la.

Deve aproveitá-la. Jekyll ruminou as palavras em sua caminhada para casa. Um novo começo. Era verdade. Ele fora poupado, milagrosamente. Mas dar aulas? Professor Henry Jekyll? A ideia tinha certo encanto, uma dignidade silenciosa. Mas também seria uma espécie de aposentadoria. Completaria 51 anos em janeiro. Seria velho demais para uma nova aventura? Ele era um Jekyll, afinal; a linhagem dos Jekylls remontava a Nordland, aos vikings, construtores navais, exploradores, aventureiros em sua totalidade, à pira flamejante à deriva no mar. Não era ele um explorador de si mesmo? Enfrentara o limite mais distante e voltara para casa vivo, em sua vitória pessoal. Agora, dar aulas, aposentar-se, pelo resto de sua vida nesta ilha sombria, em seu coração familiar, seguro?

Em seu escritório, Jekyll caminhava até o globo no suporte de madeira perto da janela mais distante. O mundo estava inclinado sobre seu eixo, as massas de terra irregulares com textura montanhosa em seus oceanos de cores neutras. Ele colocou a mão sobre a Rússia e rodou o globo, produzindo um zunido rápido, então parou abruptamente, os dedos apontando para o meio do Atlântico. Andou com eles até a Inglaterra, e, depois, com o dedo indicador, traçou uma rota através do oceano Atlântico para as Américas gêmeas, conectadas por um afilamento de cordão umbilical, que cruzou no ponto mais estreito e virou para o norte ao longo daquela tripa deformada, subindo a costa até a Califórnia.

Califórnia. São Francisco, Califórnia, no oceano Pacífico. A cidade brilhava em nossa mente, construída nas colinas verde-musgo e banhadas em névoa azul. Eu tinha ouvido falar de São Francisco em minhas viagens ao Extremo Oriente; uma noite, um velho marinheiro louco cantarolava sobre a cidade no leito acima do meu na casa de ópio, e, enquanto escutava, a cidade se elevava da fumaça, incredivelmente exótica, com sua costa turquesa, suas colinas serpeantes e seus bondes elétricos tilintando, seus bares feitos de tábuas onde homens pagavam pelo uísque com pepitas de ouro sujas. Jekyll tocou o dedo indicador no local, a corcunda arredondada gigantesca dos Estados Unidos. Eu sentia a fantasia começando a faiscar como carvão fresco antes de começar a queimar de verdade, sua poeira inflamável dançando e estalando no ar sobre as chamas. Eu pairava, batendo as

asas, aguardando o convite para mergulhar.

Ainda havia aspectos práticos que Jekyll tinha de considerar. Se *fôssemos* imigrar para a América, ele não ia deixar tudo em Londres. Não tinha intenção de vender o Casarão, por exemplo. Mas, se fechasse a casa, o que faria com toda a criadagem? Ele não gostava da ideia de demiti-los, liberando-os para outras famílias dispersas, onde poderiam fofocar, espalhando rumores como contágio entre a classe de serviços. E Poole? Obviamente, não levaríamos Poole conosco, isso comprometeria o propósito de iniciar uma nova vida. Hipoteticamente, determinou Jekyll, poderia colocar todos os funcionários em férias remuneradas por tempo indeterminado, em espera, como de fato era, e, quanto a Poole, talvez ele pudesse permanecer no Casarão como zelador, escolhendo um ou dois subordinados para lhe fazer companhia.

Ouvi esses cálculos com uma ansiedade sufocante, torturante, restringindo-me a tentar influenciar a decisão de alguma maneira. Jekyll chegaria lá. Ele não queria dar aulas, definir na aposentadoria. Tentei me acalmar com as fantasias e os planos para nossa vida no Novo Mundo. Seria prudente, desta vez; aprenderíamos com nossos erros. Nenhuma casa grande conspícua para Mr. Hyde, nada de empregados, nenhuma acompanhante constante, sem conta bancária e sem nome. Eu seria um fantasma não oficial em um país estrangeiro, sem conexão rastreável para o eminente médico inglês. Também não nos estabeleceríamos em São Francisco — poderíamos viver mudando, itinerantes pelo país tão enorme e anônimo a nossa maravilhosa disposição. Jekyll tirou da prateleira um atlas colorido e examinou atentamente as formas geométricas ásperas dos estados e dos territórios, e leu seus nomes magníficos: Oregon, Idaho, Wyoming, Montana. *Montana*, sussurrou ele, cobrindo a página brilhante com a mão, e eu evoquei um retrato dele em pé no topo de uma montanha, com botas de couro, um lenço vermelho amarrado em volta do pescoço, queimado de sol e de cabelos despenteados, fitando a imensidão de uma terra infinita.

Eu realmente não poderia imaginar Jekyll escalando montanhas, acampando ao ar livre, e essas coisas todas. Mas a visão agradava sua vaidade: Jekyll, o explorador, o pioneiro tenaz. E, na manhã seguinte, ele foi aos escritórios da Companhia de Vapores Cunard e de lá escoltado até uma câmara particular, com pinturas de navios exibidas nas paredes revestidas de painéis de madeira. Jekyll se

sentou do outro lado da escrivaninha de um cavalheiro com terno risca de giz, usando um monóculo. *Tenho pensado na América*, disse despreocupadamente.

Meia hora depois, deambulava, tendo comprado uma passagem de primeira classe a bordo do novíssimo RMS *Umbria*, que partiria de Liverpool em 25 de janeiro de 1886 e chegaria a Nova York cerca de uma semana depois. De Nova York, o cavalheiro de monóculo garantira a Jekyll que poderia viajar até a Costa Oeste por ferrovia.

Eu continha meu júbilo, supersticioso com a rapidez de tudo; 25 de janeiro estava a mais de dois meses daquele dia, e Jekyll havia tomado a decisão tão abruptamente que poderia mudar de ideia em um instante. Porém, na tarde seguinte, ele foi ao Lobb para provar um par de botas de viagem flexíveis. Em casa, inspecionou o guarda-roupa, e, então, fez uma visita ao alfaiate, onde encomendou três duráveis ternos Harris resistentes de tweed e dois coletes estampados, um trespassado e o outro de cinco botões. Passou na Louis Vuitton da Oxford Street e encomendou um conjunto de mochilas de lona creme, uma mala e uma bolsa de viagem com tiras de couro caramelo e fivelas com monograma. No Banco Coutts, Jekyll falou com um gerente sobre a taxa de conversão para dólares e sobre liquidez e títulos da estrada de ferro.

Ele realmente estava decidido a dar esse passo. Eram compromissos concretos para o plano, esses acessórios, e eu assisti a sua preparação com uma euforia crescente. Havia apenas um detalhe que ambos estávamos negligenciando. Era o detalhe mais importante, o único que realmente importava. O pó. Jekyll precisaria se reabastecer do pó. Ele teria de levar todos os aparelhos químicos e os ingredientes. Mas isso não me ocorrera. Eu estava ansioso e agitado, e providenciar o pó nunca fora minha responsabilidade — no entanto, estava no cerne de minha capacidade de existir, em Londres, na Califórnia, em qualquer lugar. Como poderia ter me esquecido disso? Parece impossível acreditar que Jekyll pudesse ter se esquecido disso também. Será que ele não pretendia que partíssemos? Apesar de todas as suas despesas, será que realmente não pretendia escapar? Ele sabia que era inútil repor o pó, que qualquer esforço para evitar nosso destino era inútil?

Se Jekyll tinha conhecimento disso, um conhecimento enterrado muito abaixo de seus pensamentos superficiais, eu não conseguia detectar. Não queria detectar. Estava alegremente perdido em minha fantasia, em meu anseio de que o tempo *passasse*. E o tempo passou. Uma noite, começou a nevar do outro lado das janelas

de treliça do salão do Grampian. Então era Natal. Como no ano anterior, Jekyll vestiu seus trajes brancos e se sentou à mesa longa da sala de jantar com a criadaagem. Prata, luz de velas, vinho, tudo a que tinham direito. O clima era contido a princípio. Ninguém parecia estar bebendo vinho. Quando Poole serviu o assado, Jekyll se levantou de seu assento à ponta da mesa, assumiu o comando de um garfo de dois dentes e de uma faca de trinchar, e começou a dissecar a articulação que gotejava, servindo as fatias nos pratos que foram passados solenemente ao redor. Quando terminou de cortar, ele permaneceu de pé e ergueu sua taça de vinho.

Este foi um ano incomum. Tanto para mim quanto para vocês, pois minha vida afeta a de cada um aqui presente. Espero que não pensem que não sei disso. Estive ausente. Estive doente. E fiz escolhas ruins nas companhias com que andei. Digamos o nome. Foi um erro meu convidar Edward Hyde para esta casa. Eu estava tentando ajudá-lo, apresentá-lo a um lar amoroso e estável como o que vocês mantêm. No entanto, julguei mal seu caráter. Talvez todos nós corramos o risco de fazer isso um dia, mas meu erro teve consequências terríveis. Consequências que pedi a todos para relevar, para apagar de seus pensamentos. Bem, não posso dizer a nenhum de vocês como pensar. Tudo o que posso fazer é notar que todos permaneceram em minha casa, tornando-a um lar acolhedor e estável, e por isso lhes sou sinceramente, humildemente grato. Obrigado. E feliz Natal.

Do outro lado da mesa, o olhar de Jekyll encontrou o de Poole, cintilando como óleo no candelabro. Houve silêncio, e as pequenas chamas de todas as velas se inclinaram para o mesmo lado, como se uma porta tivesse fechado de repente. Por uma fração de segundo, pensei que todas elas seriam apagadas, um mau presságio, como se uma sombra pairasse sobre a mesa. Então, as chamas voltaram à posição vertical, e Poole ergueu sua taça de vinho e disse: Feliz Natal, senhor; e todos ecoaram animados: Feliz Natal!

Eu sabia que Jekyll decidira anunciar a partida em sua festa de aniversário. Ele não queria que a viagem levantasse suspeitas, mas também não queria explicar seus planos individualmente a cada pessoa de sua vida. Seu aniversário seria a oportunidade perfeita para fazer um discurso gracioso e, então, ir embora com um *bon voyage* em unísono.

Em 8 de janeiro, ele ficou acordado a madrugada inteira, observando as vidraças foscas de geadas captarem a luz rosada do amanhecer. Cinquenta e um anos. Um

número interessante. O início da segunda metade. Bradshaw foi o primeiro a lhe desejar feliz aniversário. O laçao estava sentado no banco de mogno no salão principal, lustrando as sapatilhas pretas de quarto de Jekyll com uma escova amarrada à mão. Ele olhou para cima quando Jekyll descia as escadas, inclinou a cabeça cor de cobre e deu um sorriso travesso, de irmão mais novo, astuto e levemente conivente. Feliz aniversário, senhor, disse, lustrando as sapatilhas.

Uma carga de entregas para a festa chegou ao meio-dia. Poole as conduziu ao beco da Castle Street, atravessando o pátio até a porta de serviço. Jekyll ficou no jardim de inverno, observando os homens carregarem engradados de vinho e pacotes embrulhados em papel pardo. No fim da tarde, barbeou-se novamente, penteou os cabelos prateados e vestiu lenta e meticulosamente, como se para um duelo, o colete trespasado esmeralda e clarete, que combinou com uma gravata-borboleta vinho. Colocou seu fraque de um preto intenso e se postou diante do espelho longo, uma das mãos pousada no quadril, como se houvesse um revólver ali, um Colt prata com cabo de madrepérola. Afinal, todo americano carregava um revólver. Talvez ele também deixasse crescer um bigode curvado nas pontas. Houve uma batida leve à porta do quarto.

Jekyll saiu do quarto de vestir e falou: *Pode entrar*. A porta abriu um pouco e Lizzie colocou a cabeça para dentro com um hesitante: Senhor? *Estou perfeitamente vestido, Lizzie*, avisou Jekyll. Ele ajeitou a lapela e afastou as sapatilhas de couro envernizado. *O que acha, minha querida?* Ela colocou metade do corpo para dentro do quarto, segurando a beirada da porta com a mão, seu rosto com uma expressão estudada, deliberada. Assentiu com aprovação. Muito distinto, senhor. Jekyll riu. *Distinto. Gosto disso. Algo mais, Lizzie, ou veio apenas admirar meu colete?* Ela sorriu e baixou a cabeça. Não, senhor, Mr. Poole me enviou, senhor. Dr. Lanyon acaba de chegar.

Lanyon. Ele estava na sala de estar junto à lareira, pequeno, bem-barbeado e de cabelos bem curtos. Espero não ter chegado muito cedo, disse, pensei que eu teria alguns minutos de você para mim. Feliz aniversário, Harry. Seus olhos de um azul desbotado eram claros e sóbrios, brilhando quando Jekyll o cumprimentou com um aperto de mão, premendo sua mão pequena e firme. Lanyon baixou o olhar e deu uma risada bastante satisfeita. Olhe esse colete!, exclamou. Mas que dupla formamos! Ele abriu a lapela para revelar o colete trespasado xadrez. *Isso é uma vergonha, Hastie*, comentou Jekyll, *porque, como o homenageado da noite, vou ter de*

insistir que você tire o seu. Meu colete não vai tolerar esse insulto. Vamos, tire o seu agora. Lanyon suspirou resignadamente e tocou o botão de cima, depois ri novamente, e Jekyll deu um tapinha em seu ombro. *Posso lhe servir alguma coisa?*, perguntou, dirigindo-se ao aparador. Não, obrigado, respondeu o amigo. Quando Jekyll olhou para trás, ele deu de ombros com orgulho tímido. Uma página em branco, disse.

Sentaram-se juntos próximos à lareira, em silêncio. Agora era a hora de contar a Lanyon, dizer em voz alta para alguém e tornar o plano real: estávamos indo para a América. A garganta de Jekyll estava seca. Ele pigarreou, e a campainha tocou no vestibulo.

Os dois se levantaram quando Utterson entrou no salão, uma das mãos às costas. Foi mais rápido que eu, pelo visto, disse a Lanyon. Bem, serei o segundo, então. Feliz aniversário, velho amigo. Um silêncio desconfortável caiu entre os três homens, antes que Jekyll dissesse: *É um presente de aniversário que tem aí atrás ou passará a noite inteira nessa pose de príncipe?* Utterson e Lanyon trocaram olhares. Uma mariposa se agitou de repente em nosso estômago. Cautelosamente, Utterson trouxe a mão à frente, segurando um objeto longo e fino embrulhado em papel branco.

Jekyll o aceitou estendendo dois dedos de cada mão e o segurou, equilibrando-o como se fosse uma espada. Seu coração batia nas têmporas. Ele desembulhou o pacote e se deparou com uma bengala: fina e de um branco amarelado, como marfim ou osso, com uma curvatura que se estendia por seu comprimento conforme ela afinava. A empunhadura era em forma de gancho com uma baleia esculpida com a boca bem aberta cheia de dentes e ondas curvadas ao longo do flanco. Abaixo do punho havia um anel de ouro, gravado:

*A Harry, por seu vigor e elegância,
dos amigos, H e J*

É de barbatana, disse Utterson. Osso de baleia. Bastante forte, mas também frágil. Jekyll assentiu com a cabeça. *É linda.* Ele se forçou a encarar o olhar grave e envergonhado de Utterson, com sua inesperada onda de esperança. *Obrigado.* Olhou para o rosto ruborizado de Lanyon, satisfeito e ansioso como um menino. *Obrigado aos dois. Foi... muito atencioso.* Mais um momento de silêncio. O papel de embrulho no

chão estalava, como se fosse um sinal de incerteza.

Quando todos chegaram, Poole atravessou o salão com uma bandeja de prata com copos de uísque. Dez homens se movendo pelo salão em seus fraques, o peito xadrez de Lanyon parecendo um tentilhão em meio a pinguins. Jekyll aceitou um uísque. Ele deixou a bebida escorrer pela boca, descendo pela garganta, queimando, rasgando. Seus olhos lacrimejaram, e papai disse em nosso ouvido: *Bom garoto, engula tudo.* Logo o movimento cortante, sombrio, da bebida começou a corroer, como uma fina película de grafite filtrando o ambiente. Todos os demais atravessaram a passagem arqueada para a sala de jantar, porém Jekyll ficou para trás para derramar outra dose no copo. Ele engoliu o uísque, expondo os dentes quando papai sussurrou novamente em nosso ouvido: *Bom rapaz.* Limpou os olhos, ajustou a lapela e caminhou majestosamente pela passagem até o palco.

A prata e o cristal brilhavam no ar, todos os cantos reluziam. No entanto, a sala de jantar, em outros aspectos, parecia muito escura, mantendo os rostos na sombra. Jekyll se sentou ao centro da mesa, Lanyon, a sua esquerda, e Utterson, diante dele. Não conseguia comer. A travessa de garras de lagosta ao creme, a massa coberta por uma pilha reluzente de caviar preto, como besouros minúsculos. Mas o vinho, ele bebeu. Sua cabeça flutuava. Todos pareciam estar falando ao mesmo tempo, em um volume muito alto. Jekyll e eu nos sentamos dentro dessa concha ruidosa, em meio a essas pessoas que nunca veríamos novamente. Agora era o momento de proferir as palavras e torná-las realidade. Em duas semanas, ele estaria navegando e não podia dizer se ou quando voltaria.

Jekyll se levantou. O chão balançou de forma alarmante, e o vinho se agitou em sua taça antes de a sala voltar a se estabilizar. Todos olhavam para ele, todos os rostos pararam no meio da conversa. A inundação de ruídos foi estancada, dando lugar a uma pérola suspensa de silêncio.

Ele abriu a boca. Havia ensaiado o discurso diante do espelho do quarto de vestir. Mas agora as palavras pareciam distantes, submersas. Sua boca continuava aberta; o silêncio ganhou peso. *Cavalheiros*, disse, por fim. *Boa noite. Este foi um ano incomum.* Parou, balançou os pés. *Mas hoje faço 51 anos. Muito tempo para estar vivo. O animal humano vive tempo demais, em comparação com a maioria de seus primos inferiores. Décadas e décadas a serem preenchidas com atividades, depois que dominamos o problema da sobrevivência básica. Agora, devemos produzir para fazer*

com que tudo pareça ter significado. Mas vou lhes dizer uma coisa. Algo que não querem que os senhores saibam. Não existe significado. Nada disto significa nada. Jekyll gesticulou para a sala ao seu redor segurando o vinho, que foi derramado pela borda. *Entendem o que estou dizendo?* Com os dedos pingando, ele olhou para os convidados. Sentiu uma raiva vigorosa, indiferente. Solto uma risada amarga. *É claro que não entendem. Como poderiam? O que fizeram com suas vidas, afinal? O que qualquer um dos senhores fez de fato?* Jekyll parou de falar. O chão estava começando a girar. Ele fechou os olhos e agarrou a taça de vinho, como se ela pudesse ajudá-lo a se firmar. Sua outra mão encontrou o espaldar da cadeira de Lanyon. *Não era isso que eu queria dizer,* murmurou, *estou fazendo tudo errado. Perdoem-me.* Jekyll levantou os olhos até Utterson, e uma sombra pairou sobre a mesa, muito além das chamas tremulantes das velas. *Perdoem-me,* disse, e afundou na cadeira.

Um silêncio longo e desagradável. Eu podia ouvir as velas consumindo o oxigênio. Então Utterson disse, com uma voz apática: *Vivas para Harry.* E todos responderam em uníssono: *Viva.*

Para a sobremesa, Poole trouxe em um carrinho um bolo de chocolate gigante e serviu a Jekyll uma fatia grossa. Por baixo da mesa, Jekyll pressionava o polegar contra os dentes de um garfo, controlando a força para não romper a pele. Todos o observaram levar um pedaço de bolo à boca, onde se transformou em uma pasta. Ele fez que sim com a cabeça e tentou sorrir com a massa presa aos dentes. Após a refeição, o grupo se retirou para o salão. Mas uma mortalha de desconforto e inquietação caíra sobre eles. Todos aceitaram os cálices de conhaque de Poole, mas ninguém se serviu de charutos, e logo começaram a se comportar de forma evasiva, encarando-se. Jekyll permaneceu de pé, com o cotovelo descansando na cornija da lareira, de costas para o espelho em que tivéramos um vislumbre de nosso rosto: avermelhado, quente, com aquele pequeno vaso abaulado na têmpera. Um ar de desprezo estava moldado nos lábios enquanto olhava ao redor da sala, o sangue pulsando nos olhos. O que importava contar ou não a eles, se jamais os veria novamente? Por que deveria se explicar a *eles?*

Percy deu início ao êxodo, pousando seu cálice e se aproximando com um sorriso contido. Feliz aniversário, então, velho amigo, disse, sem chegar a olhar Jekyll nos olhos. Em seguida, todos estavam se cumprimentando e peregrinando para o salão principal. Jekyll se encostou ao batente do salão para vê-los partir. No fim,

restaram apenas Utterson e Lanyon desconfortavelmente de pé no salão principal. A fina bengala de osso de baleia fora encostada no banco de mogno, e Jekyll apontou para ela com o queixo. *Obrigado pela lembrança, senhores, darei a ela um bom uso.* Ele empurrou o batente da porta e cruzou o chão inclinado, oferecendo a mão a Lanyon, que o cumprimentou com um olhar de preocupação. Jekyll deu tapinhas no ombro do amigo e o escoltou ao vestíbulo, e Utterson os seguiu. *Meus velhos amigos,* disse, *o que eu faria sem meus velhos amigos, hein?* Ele abriu a porta e deu tapinhas no ombro de Lanyon novamente, fazendo-o quase tropeçar. O homem olhou para Utterson e deu um sorrisinho tenso, dolorido, antes de sair. Utterson olhou para Jekyll sob suas sobranceiras desgrenhadas, segurando a cartola pela borda. Talvez, disse, tenhamos exagerado no uísque, só um pouquinho. O anfitrião, impaciente, deu de ombros, ainda segurando a porta aberta. Utterson colocou a mão no bolso do casaco. Harry, disse com relutância, tenho algo para você.

De um bolso interno, retirou um envelope branco. Não é meu, disse, sou apenas um intermediário. Entre dois dedos, o envelope foi estendido em nossa direção.

Observei-o como uma onda de enjoo, vi a mão de Jekyll se erguer e aceitar o envelope. Isto não era possível. Olhei o rabisco pontiagudo de tinta na face branca do envelope. *Hyde.* Um crescendo subia no ar. Eu tinha certeza de que o vestíbulo estava prestes a explodir. Jekyll olhou para Utterson. Ele estava abotoando o casaco, olhando para baixo, discretamente. Recebi ontem, explicou. Ela perguntou se eu poderia entregá-lo a você pessoalmente.

Os olhos de Jekyll caíram sobre o envelope outra vez, e piscou. Estava diferente agora; a linha de tinta havia se reconfigurado. *Henry,* lia-se nele, em uma caligrafia feminina elegante. Ele virou o envelope, olhou para a gota de cera vermelha e, em seguida, virou de novo para olhar discretamente o nome: *Henry.* Como era possível...? Utterson estava dizendo alguma coisa. O amigo observou o rosto de Jekyll e fez uma pausa, sua expressão se tornando alarmada. Harry, minha nossa, estou... está tudo bem? Ele estendeu a mão e agarrou o antebraço de Jekyll. Sinto muito, foi tolice minha, eu não devia ter me envolvido. Jekyll livrou seu braço da mão de Utterson e olhou para a porta aberta onde Lanyon se encontrava parado como se estivesse a quilômetros de distância a sua frente, apreciando o céu, a imensidão em movimento.

Bem, disse Utterson. Acho que vou deixá-lo, então. Boa noite, Harry.

Jekyll fechou a porta e caminhou como um sonâmbulo pelo salão, segurando o

envelope com firmeza ao seu lado. Queime-o, eu pensava. Diante da lareira, ele o levantou de novo, correu o polegar pela linha de tinta que fluía. *Henry*. Virou-o, rompeu o lacre e puxou a carta dobrada.

Caro Henry,

Feliz aniversário. Desculpe-me por usar Mr. Utterson como mensageiro desta forma, mas eu queria alguém que o conhecesse para fazer a carta chegar a suas mãos, visto que eu não poderia fazê-lo. Sou mãe agora. O nome dela é Hermione. Ela tem olhos cinza e poucos cabelos e dez dedos nas mãos e nos pés — cinco em cada, é claro. Conto-os às vezes, para conferir. Enquanto escrevo, neste exato instante, ela está deitada de costas, olhando para mim, muito solene, agarrando o ar com os dedos gordinhos. Você disse que nunca foi capaz de me ajudar, e aqui está a prova de que estava errado. Tenho profunda certeza disso. Você fez a diferença decisiva desta vez. Vê-lo naquele restaurante. Tenho certeza de que não acredita em destino, mas eu acredito, e isso, como você mesmo disse, é o grande truque. Eu te amo, Henry. Isso não quer dizer que você precisa fazer algo, nem responder. Só quero que saiba que te amo.

A carta se extasiou nas chamas e se curvou sobre os carvões. A visão de Jekyll estava fragmentada como cristal lapidado quando ele se virou para olhar quase cego para o salão. Poole estava parado ali, segurando algo prateado repleto de cristais que reluziam e aferroavam. Senhor?, disse, dando um passo à frente, e Jekyll gritou: *Fique longe de mim, Poole. Saia daqui, fique longe de mim!* Poole se virou e saiu da sala. Jekyll pegou uma taça sobre a mesa baixa e bebeu todo o conhaque, então apertou a órbita dos olhos com as mãos. Lançou-se pela sala, atravessando o salão principal. Escancarou a porta da frente e cambaleou pelas escadas em direção à praça.

O ar gelado aguçou seus sentidos. Jekyll esfregou a manga nos olhos e deu tapas firmes no rosto. No ponto mais alto da praça, chamou um cabriolé de aluguel e disse ao motorista: *Berkeley Square!* O cabriolé abriu caminho para o oeste através do trânsito, e nos contraímos, suando e congelando no banco que rangia. Havia um rasgo no couro, que os dedos de Jekyll encontraram, e ele começou a remexê-lo, ampliando-o, torcendo o estofado de palha. O cabriolé passou perto de Piccadilly, na

Berkeley, as casas fundidas de um lado do parque e as árvores estêreis no outro. Jekyll se debruçou na pequena janela, vendo as casas passarem, então deu um soco no teto de lona, e o veículo parou subitamente. A casa de tijolos brancos era alta e estreita, com uma porta verde e pares de janelas arqueadas em cada pavimento, até o telhado com mansarda, onde chaminés lançavam espirais gêmeas de fumaça. As janelas diáfanas estavam tomadas por uma luz pálida. No segundo andar, uma silhueta passava de uma moldura de janela à outra, andando para a frente e para trás, lentamente, sonhadora, como em uma dança. Georgiana. Ela estava embalando a bebê, parecia, fazendo-a dormir. Através da janela do cabriolé, Jekyll a admirava, sua garganta se tornando espessa com um pesar lascivo. *Eu te amo*. Como isso poderia não requerer uma resposta? De um arco pintado para o outro ela caminhava, cabeça baixa, cantarolando aquela doce canção — Meu Deus, eu podia ouvi-la..., soando pela noite, uma vida inteira atrás, quando Jeannie caminhava ao meu lado de volta à Ghyll em seu casaco puído e seus sapatos inadequados. As janelas turvaram com um brilho difuso, e contra ele vi Jeannie colocar a mão sobre a barriga, olhar para baixo e murmurar: Preciso contar uma coisa. Aquela boneca, aquela coisinha abandonada, nua, com um único olho de botão — por que ela voltava ao meu pensamento agora? Jekyll fechou os olhos com força, agarrando o aro de metal frio da janela. Sacudiu a cabeça e bateu no teto de lona e gritou: *Greek Street! Vamos!*

Ele havia descascado o assento todo quando nos afastamos de Shaftesbury e alcançamos os limites do Soho. Jekyll saltou do carro, passou uma nota para o motorista e partimos pela rua gelada e cheia de pessoas em seus sapatos de festa. Os lampiões pareciam iluminar debaixo d'água. Todos pareciam estar se movendo contra nós, como se estivéssemos do lado errado da maré humana. Jekyll avançava agitado e ia empurrando com os ombros. Na esquina da Old Compton, dobrou à esquerda e depois à direita no cruzamento seguinte, e se deparou com a placa de madeira presa nas correntes tortas que pendiam do tijolo: um sapo inchado, descascando, pintado há cinquenta anos. Ele desceu as escadas barulhentas para o salão subterrâneo ensurdecedor. O Brejo. Jekyll se esgueirou pela multidão em seu fraque e colete estampado, apenas mais um cavalheiro deslocado. *Uisque*, gritou ao taberneiro. Ele virou a bebida que transbordava do copo de uma vez, então bateu o copo no balcão de madeira. Bem ali. Foi onde a vi pela primeira vez, minha pequena Jeannie, jogando a cabeça para trás e rindo quando um sortudo falava a seu ouvido

com a mão em concha. Aonde ela havia ido? Eu realmente nunca mais iria vê-la? Todas as bocas abertas pintadas pelo salão rugiam, e, enquanto olhávamos ao redor sem esperança, uma cocote obesa ao nosso lado soltou uma gargalhada grave, expondo a garganta e balançando os seios. Encaramos a paródia monstruosa e, então, afastamo-nos do balcão cambaleando, tropeçando na neblina de fumaça em direção às escadas.

O Garganta Profunda ficava ao fim de uma rua tortuosa; mergulhamos na massa de pessoas suadas em direção aos fundos, onde as escadas decrépitas desciam para a gruta. Jekyll fez uma pausa no último degrau. Jeannie também andara por lá, no balcão, um pé envolvendo o outro tornozelo, gesticulando com o taberneiro enquanto ele limpava um copo com um trapo. *E mais um para a senhorita.* Fora o mesmo taberneiro musculoso, com pelos grisalhos eriçados em seu rosto gordo. Olhos de peixes e medindo Jekyll enquanto ele se aproximava. O que vai ser, então? *Estou procurando uma garota,* disse Jekyll. *O nome dela é Jeannie. Cabelos ruivos, falante. Você a viu?* Os lábios do taberneiro se abriram, um grande dente de ouro na frente. Muitas meninas andam por aqui, *senhor.* Jekyll tirou uma nota do bolso e pôs sobre o balcão de gosto duvidoso. Eu me lembro de Jeannie, admitiu o taberneiro, dobrando a nota. Mas não a vejo faz tempo. Ouvi dizer que ela andou com algumas, hum, companhias desagradáveis, esses tipos.

Olhando por cima do ombro do taberneiro, vimos nosso reflexo inesperado no espelho distorcido: uma massa abaulada de carne com olhos saltados na testa distendida e uma boca de polvo. Jekyll partiu.

Na rua do lado de fora, afrouxou a gravata apertada no pescoço. As roupas estavam coladas à pele. Ele se recostou em uma parede de tijolos. Senhor!, gritou uma senhora em uma imitação de alarme. Um par de cocotes rechonchudas de braços dados, parecendo gêmeas siamesas, ambas as cabeças com perucas crespas inclinadas para o mesmo lado. Senhor, o senhor parece muito abatido. Não acha, Lorrie? A outra concordou. Parece, sim, que ele vai encarar a morte ali adiante, o pobre-diabo. Elas se aproximaram, e eu conseguia sentir o cheiro de seu perfume e a pungência carnuda. Senhor, por que não deixa Lorrie e Dorie o levarem a um lugar bom e quente, hein? Cada uma tinha segurado um dos braços de Jekyll e o estavam puxando da parede. O cheiro de mamífero que elas exalavam fazia o membro dele endurecer. Jekyll se deixou ser arrastado para a frente alguns passos antes de libertar os braços, com força, e as mulheres balançaram, perdendo o equilíbrio.

Lorrie bateu com a mão na peruca. Pederasta de merda!, gritou ela. Pederasta chupador de rola! Dorie gargalhou e colocou a mão no meio das pernas. Jekyll se virou e correu pela rua, derrapando em seus sapatos de festa pela Greek Street, onde um cabriolé de aluguel estava trotando e quase o atropelou. Cavalos bateram os cascos no chão e relincharam, o condutor gritou, e Jekyll se atirou porta adentro.

Leicester Square!

Ele apertou as coxas bem juntas, os dentes trincados. Suas mãos tremiam tanto que mal conseguia separar uma nota quando o cabriolé parou diante do Casarão, e ele deixou as chaves caírem na varanda antes de conseguir enfiar a certa na fechadura. O vestibulo nos envolveu em um calor piedoso, vindo em ondas da lareira. Jekyll arrancou a gravata-borboleta e se aprofundou de joelhos nas lajes. Tirou o fraque e o colete e espalmou as mãos na direção do calor até que parassem de tremer. Ele se levantou e cruzou o salão principal mancando, tirando os sapatos com chutes no ar enquanto subia as escadas atapetadas.

No banheiro, abriu a água e se sentou na borda da banheira enquanto a água quente rugia da torneira em formato de pescoço de cisne. O membro ainda estava teso com sangue em suas partes, pulsando uma dor nauseante no ventre. Jekyll afrouxou a calça e relutantemente afastou a abertura de sua roupa de baixo. A carne estava quase roxa, a pele puxada para trás na protuberância raivosa. Engoliu em seco e circundou o membro com os dedos, e papai sussurrou em nosso ouvido: *É isso, garoto, continue.* Imediatamente, Jekyll ficou de pé, enfiou a calça de volta e fechou a torneira. *Ping, ping, ping.*

Ele caminhou até o fim do corredor de cima, segurando as mãos, então voltou e desceu as escadas. As brasas no salão estavam quase apagadas. Jekyll continuou em direção ao salão do lado escuro e alcançou o painel oculto na parede. Empurrou-o até ele estalar e abrir dois centímetros, e então entrou na área dos empregados. O coração batia como o de um coelho. Ele ia me libertar? Jekyll virou à esquerda no corredor estreito. O gás do fogão estava muito baixo. Sombras subiam como aranhas corrediças em direção à escuridão da porta do grande pátio na extremidade. Seis portas menores em ambos os lados, por trás de cada uma um criado dormindo. O peso de Jekyll fazia o chão de madeira ranger. Uma fenda de luz apareceu à direita, cinco passos à frente.

Ele congelou. A fresta se ampliou, e alguém olhou para fora. Olá?, sussurrou ela. Uma luz fraca do interior do quarto tocou a lateral de seu rosto; uma trança

pendurada abaixo da touca branca. Senhor?

Jekyll a empurrou para o quarto e fechou a porta. Fios de cabelo de Lizzie ficaram presos entre os dedos de Jekyll quando ele os agarrou para virar o rosto dela. A criada tentava se soltar do punho que segurava sua camisola. Empurrou o ombro de Jekyll para se libertar e se afastou, agachada. O quarto era uma caixa minúscula, uma mesa, uma cama e quatro paredes pulsantes. Os dedos de Lizzie estavam abertos e seus olhos, arregalados na face pálida, a touca, fora do lugar. Não, sussurrava ela, senhor, não, por favor, espere, senhor, por favor. Jekyll estendeu a mão e ela tropeçou na cama. Ele agarrou seu antebraço magro, virando-a desajeitada, e passou o braço em torno do pescoço da criada. *Sua vadiazinha*, soprou em sua orelha, encaixando o membro atrás dela. A outra mão de Jekyll soltava a fivela, então a calça caiu até os tornozelos. Ela continuou choramingando: Por favor, senhor, não desse jeito, ó Deus, por favor, espere. Ele agarrou a gola da camisola de algodão de Lizzie e a rasgou com satisfação. Jekyll a fez se curvar na beirada da cama; os joelhos dela travaram, e a garota caiu de barriga. Tonto e desesperado de desejo, ele desceu as roupas de baixo da criada; as nádegas brancas e magras da jovem estavam contraídas. Jekyll cuspiu saliva nos dedos e os enfiou na fenda. Observei-o movimentando o polegar e lambuzando as pétalas separadas como papai nos ensinar. Papai nos segurava com firmeza pelos cabelos, uma névoa de uísque em nosso ouvido, sussurrando o que fazer, e Jekyll obedientemente encaixou a cabeça do membro na fenda dela e começou a empurrar. Era como se papai estivesse aqui no quarto, atrás de nós, seus dedos agarrando nossos cabelos, seu sussurro aguilhoando nossa bochecha. *É isso aí, garoto, vai fundo, agora, até o talo.* Jekyll fechou os olhos, virou a cabeça de lado e, de repente, gemeu: *Agora!* Os espasmos começaram, uma arremetida vinda de dentro enquanto o aperto em nossos cabelos aumentava durante o clímax, e então, gradualmente, quase com ternura, ele foi liberado, seus dedos desvanecendo como os de um fantasma.

Tentando se levantar, Jekyll cambaleou até a mesa de cabeceira e chutou alguma coisa. Ele apoiou uma mão na parede até o chão parar de balançar. Levantou a calça e ajeitou a camisa, desviando o olhar da garota na cama. À porta, ele parou. Seu rosto ardia com uma espécie de orgulho juvenil. Virou-se e olhou para ela, sentada no canto da cama, abraçando os joelhos e olhando para a parede. Seu rosto estava rígido e pálido como osso.

Obrigado, disse.

Ele ficou parado no corredor de serviço, como se não se lembrasse de onde estava. Esta era sua casa, este corredor sombrio e vazio? Onde estavam todos? Por que não estavam aglomerados nos batentes das portas? Voltou para a área e empurrou o painel, passando pela abertura até o salão lateral, onde o retrato de um cavalheiro de peruca com culote de equitação olhava tranquilamente para baixo na escuridão. No andar de cima, Jekyll puxou de volta as cobertas, recompôs-se e se deitou, ainda vestido, na cama.

Estávamos deitados novamente sobre a mesa de dissecação. Porém, desta vez, éramos apenas nós, operando nosso próprio tronco. Cabeça erguida e dedos sondando os montes viscosos de nossos intestinos à procura de algo, como um tumor, para ser excisado. Uma cura.

Acordamos juntos: uma luz rosada nas vidraças, como na manhã anterior. E, como antes, a noite parecia ter sido apenas um sonho, e era 8 de janeiro, aniversário de Jekyll, tudo de novo. Debaixo das cobertas, ele deslizou as mãos, em boa forma e brancas e manchadas, a direita com uma pinta acastanhada entre o polegar e o indicador. Levou a mão ao rosto, cheirou e captou o traço metálico dela. Jogou as cobertas para trás e puxou a camisa enfiada dentro da calça, esperando vê-la empapada de sangue. Havia apenas uma mancha na camisa, abaixo da cintura, que descamou como ferrugem quando a esfregou. Não fora um sonho.

Da janela, olhamos para a praça abaixo, tudo — árvores, solo, calçada — coberto de geadas, uma lâmina delicada de neve rosada. Jekyll vestiu o casaco e enfiou um par de botas, e, um minuto depois, estava caminhando para o norte, ao longo da praça, no ar puro da manhã cortante, sem chapéu, o colarinho desabotoado, a respiração se condensando. Cada novo passo deixava uma pegada perfeita na cobertura arenosa de geadas. Na via principal, os primeiros coches haviam deixado linhas gêmeas sobre o gelo rosado no chão, fazendo curvas e cruzando com outras e deixando marcas com os cascos dos cavalos. Passamos por um cavalo atrelado a um coche que levantou a cauda e lançou uma pilha de fezes verdes, que emanavam vapores como comida quente. Conforme nos aproximávamos, uma revoada de pombos ciscando o chão decolou em uma explosão uníssonas, postando-se juntos nos telhados onde se via o céu mudando de coral para um azul pálido. Logo, os homens começaram a desabrochar do metrô, e meninos apareceram nas esquinas vendendo castanhas embrulhadas em jornal. Jekyll andou e andou,

ficando com uma película de suor na pele que resfriou imediatamente ao redor das orelhas e do pescoço. Estávamos indo para o norte. Em uma rua repleta de casas de pedras brancas, ele seguiu por um caminho que levava a uma área cercada com árvores ressecadas. Abriu o portão e caminhou pelo corredor de cascalho, ladeado por sebes. A névoa baixou ao solo, criando espectros nas árvores, e a estátua de um cavaleiro lhes dava as costas, triunfante, à frente. Em um banco de ripas pretas, Jekyll se sentou.

As árvores gotejavam com os raios de sol atravessando suas folhas. Ficamos ali, ouvindo o tamborilar das gotículas. Dentro da calça de Jekyll, o membro se avolumava, quando, em nossa mente, Lizzie choramingava em meio aos lençóis. Por que ela não berrara? Por que ninguém o detivera? Como Jekyll podia estar sentado aqui, no parque, e eu dentro dele, nesta manhã perfeita? Ele tirou a mão do bolso e pressionou novamente a palma contra a face, e eu conseguia sentir o cheiro dela também, como se fosse minha própria mão. Como fora simples! Todo esse tempo, convencido de sua impotência. Todos os problemas que tinha enfrentado para se esconder em nosso interior enquanto eu aliviava seu desejo.

Jekyll inclinou a cabeça para trás e analisou o céu boquiaberto através dos ramos entrelaçados. Podíamos ouvir os pássaros espalhados pelas árvores conversando como velhos amigos que retornam de longas viagens a terras distantes. Os pássaros esquecidos. Com o que se preocupavam? O que lhes importava o que fizemos? Nossas aventuras não significavam mais para eles do que as pequenas aventuras deles significavam para nós. Não importava o que tínhamos feito. Alvoreceu, esta revelação gloriosa, cautelosa. Não havia nenhuma maldição, nenhum plano para nos destruir. Havia somente o caos do mundo. E o mundo não se importava. O mundo não queria nem saber! Os ramos acima de nossa cabeça balançaram com um esquilo e deixaram cair gotas prateadas à luz do sol. Uma atingiu nossa testa com um *plop* frio e milagroso. Então todos os ramos pretos retorcidos faiscaram em branco quando um raio rasgou o céu esverdeado em um risco bifurcado. A terra girou abruptamente para nos virar de cabeça para baixo. Em êxtase de terror, agarramos as ripas do banco para evitarmos cair e esmagar os galhos das árvores no oceano do espaço exterior. Nossa cabeça se encheu de sangue, e gememos com a força da gravidade, mas então tudo voltou a ficar aprumado novamente.

Estrelas e pontos de luz dançavam nos olhos. Eu agarrei o banco sem intenção de saltar. A náusea desceu por minha garganta, e o parque brilhava. Em uma onda de

alívio, apertei-me, risos ofegantes. Então parei e olhei para minha mão.

Minha mão.

Eu podia sentir o ar passando nos pelos finos. O estalido nas articulações quando flexionava e relaxava cada parte. Assisti aos movimentos admirado, então olhei para cima, o coração florescendo. Havia acontecido outra vez. Eu estava de volta ao corpo. Jekyll estava paralisado, um bloco de gelo atrás de meu esterno. Olhei o caminho e, abalado, vi dois homens caminhando a passos lentos em minha direção. Dei um pulo, fiquei de pé, levantei a gola do casaco de Jekyll e, com pressa, fui para o outro lado, em direção à estátua.

Eu me esquecera de como as roupas de Jekyll ficavam enormes e desajeitadas em mim. As barras da calça arrastavam no chão conforme eu corria, e o casaco dele chegava à parte de trás de meus tornozelos. Virei o colarinho para cobrir o rosto enquanto arrastava as pernas da calça por uma passagem na extremidade do parque e emergi em uma rua idêntica à outra com casas de pedras brancas. Um cabriolé fez uma curva quase em cima de mim, e me virei para o outro lado enquanto ele passava chacoalhando. Minha mente parecia um saco de gatos. Eu precisava reduzir sua velocidade, tinha de *pensar*. Estava bem longe do Casarão. De qualquer forma, não poderia bater à porta da frente de lá; eu era um assassino procurado. E Jekyll destruíra minha chave da porta da Castle Street, e seu próprio molho de chaves, por algum motivo, não estava em seu bolso espaçoso. Eu tinha de sair das ruas. Na esquina seguinte, olhei ao redor em busca de uma placa e, então, encontrei um azulejo incrustado nos tijolos: Howland Street. Howland, Howland — isso não soava familiar? Voltei-me para dentro, para Jekyll, para trazê-lo a este momento. Preste atenção; aonde poderíamos ir? Outro cabriolé de aluguel vinha em minha direção, então, com uma epifania, fiz sinal e me atirei no interior.

Era uma carruagem aberta, de dois lugares, com o condutor na frente. Ele se virou, sua pele pontilhada de espinhas. *Hotel Donne*. Eu ofegava. *Conhece?* O gnomo feioso apenas me contemplava. Precisei controlar o impulso de me inclinar para trás e chutá-lo no ato. *Hotel Donne*, disse de novo entre os dentes, *conhece?* Seus olhos sem cílios deslizaram para minha roupa e depois voltaram para meu rosto, que tremulava; em seguida ele se virou e fez estalar as rédeas. Segurei firme em uma protuberância trêmula. Seria possível ele ter me reconhecido? Realmente pareço com aquele babuíno sorridente dos cartazes? Analisei a rua por onde estava passando, prestes a pular do cabriolé ao menor sinal de suspeita. Quando ele parou, um minuto

depois, quase me atirei do veículo, certo de que o cretino estava tramando algo — mas vislumbrei o toldo vermelho com as palavras em branco: Hotel Donne.

O nome parecia vagamente familiar, assim como o lobby decrépito, excessivamente ornamentado, quando caminhei para o interior. Um candelabro em um ângulo torto. As paredes forradas de uma seda carmesim listrada e descascando perto do topo, cheia de bolhas. O recinto tinha cheiro de fritura. Por que Jekyll conheceria este lugar? Na recepção, um homem estava debruçado no balcão, dormindo. Aproximei-me e toquei o sino de bronze ao lado do seu cotovelo. Ele acordou sobressaltado com um grunhido. Era apenas um garoto, amorenado e de olhos escuros, com os cabelos pretos bem curtos, como se lambidos por uma vaca, e vestindo um casaco castanho-avermelhado, grande demais para o tamanho dele. *Quero um quarto.* Ele inclinou a cabeça para o lado e estalou o pescoço. Eu estalei os dedos. *Um quarto, oi, vamos lá.* Toquei o sino novamente. *Você fala inglês? Inglês? Estamos na Inglaterra, não?* Então uma mulher saiu da porta atrás dele, recurvada; ela lembrava um batráquio, com uma verruga florescendo junto à narina esquerda. Jesus, quem eram essas pessoas? Sim, como nós poder ajudar?, perguntou, um sotaque eslavo forte em sua voz masculina. O senhor deseja um quarto, meu senhor? *Um quarto, sim.* Ela depilava o lábio superior levemente bigodudo. Só o senhor? Dei um suspiro exasperado, estendi as mãos. Então disse, sem motivo aparente: *Um quarto com escrivãinha.*

Ela caminhou a minha frente nas escadas. O cheiro bolorento de sua roupa íntima vinha até mim enquanto a mulher subia com passos pesados, como um quadrúpede desgostoso. Em uma porta no segundo andar, no fim de um corredor deserto, girou uma chave em uma fechadura. Assim que a porta abriu, passei pela mulher e entrei em uma sala de estar.

Papel de parede bilioso, poltronas baratas junto à lareira acanhada, duas janelas com cortinas de musselina drapeada brilhavam à luz do dia. Mais uma vez, fiquei impressionado com uma estranha familiaridade. Sem me virar, eu disse: *Este está bom.* Mas Madame Batráquia estava ofegante na porta atrás de mim. Olhei para trás, desprezando-a com um entusiasmo repentino, e ela disse: Meu senhor, o senhor vai por favor deixar o depósito para o quarto? Tateei a roupa de Jekyll em busca de sua carteira, puxei uma nota e a entreguei com o rosto virado para o outro lado. Ela apontou para uma corda de sino junto à lareira, gesticulando para mostrar como usá-la. Se alguma coisa precisar, meu senhor. Então eu, enfim, fiquei sozinho.

O quarto tinha vista para a Portland Street. Tabacaria, joalheria, loja de queijos, pedestres e cabriolés de aluguel, uma massa de fezes pisoteadas e espalhadas pela rua. Virei-me para o quarto. Podia sentir Jekyll absorvendo os detalhes do ambiente. Georgiana. Ele estivera aqui com Georgiana, uma vez, há muitos anos. Coloquei a mão na poltrona e captei uma visão súbita dela parada aqui, ao lado da cadeira, jovem e brilhante, com um sorriso confuso, doloroso. Uma porta branca em cada extremidade do cômodo principal. Atravessei a sala em direção a uma delas, e a abri, esperando encontrar o quarto. Era um armário vazio, com um vestido amarelado de renda barata pendurado sozinho no varão. O quarto ficava atrás da porta oposta, parecendo menor por causa de uma monstruosa cama com dossel, onde ninguém parecia dormir havia meses. Fechei a porta, balancei a cabeça rapidamente. Precisávamos de um plano! Foquei o olhar na escrivainha perto da lareira.

Uma antiguidade, com as pernas finas e retorcidas, um pouco parecida com aquela traidora de meu quarto na Ghyll, na qual eu não queria pensar. Mas eu pedira uma escrivainha por uma razão. Se não podia entrar no gabinete, então precisava ter alguém para transportar o conteúdo da gaveta E para mim. Alguém tinha de trazê-lo para cá. Ou, se não para cá, para algum lugar onde eu pudesse pegar. Então em quem poderia confiar? Poole? Poole poderia ser persuadido a trazer os produtos químicos para nós aqui no hotel, mas não ia simplesmente deixá-los do lado de fora. Ele insistiria em ver Jekyll, em falar com ele, pelo menos. O mesmo valia para Utterson. Nenhum deles iria simplesmente fazer o papel de entregador e depois ir embora. Precisávamos de alguém confiável e leal e que ainda desconhecesse a conexão de Jekyll comigo, com Hyde...

Lanyon, é claro. Ele nunca vira meu rosto, nunca ouvira Jekyll mencionar meu nome. E morava na Cavendish Square, a menos de dois quilômetros daqui. Poderia retirar os produtos químicos do gabinete e levá-los para sua casa, onde eu poderia buscá-los ao anoitecer.

Mas essa era a parte fácil. Eu teria de escrever a ele e a Poole, explicando tudo em detalhes exatos, e teria de fazê-lo com a caligrafia de Jekyll. Nunca havia escrito nada com a mão direita, no estilo floreado de Jekyll, sem contar a assinatura que eu fizera naquele maldito cheque uma vida inteira atrás. Enfiei a mão no bolso largo do casaco dele e senti o peso polido da caneta-tinteiro de papai. Puxei-a, o complemento letal. Mogno vermelho-escuro com um anel de bronze e o clip na

tampa arredondada. Era um tipo de caneta cara, mais moderna que aquela com que papai tinha nos treinado, amarrando meu braço direito apertado ao corpo e deixando a mão esquerda livre. *A mão da arte*, explicaria ele. A caneta que ele havia inserido entre meus dedos, na época, era mais longa e mais leve, com um bico em forma de pá escurecida, que guinchava e arranhava o papel enquanto eu contorcía minha língua na sombra vigilante de papai.

Arrastei a cadeira da mesa, joguei o casaco de Jekyll de lado, encaixei a caneta no mata-borrão e abri a gaveta de cima. Três folhas de papel carta, alguns envelopes diferentes uns dos outros. Prendi um quadrado de papel no mata-borrão. Minhas têmporas latejavam. Fechei os olhos. Eu precisava de Jekyll mais perto do que nunca, no corpo comigo, o braço direito, a mão direita. A mão dele. Os dedos se moveram, foram até a caneta e a pegaram. Eu puxei a manga que pendia e olhei para o relógio sobre a lareira: 9:15.

O braço estava quente e brilhante com sua orientação e, no instante em que a ponta tocou o papel, começou a escrever, aparentemente por vontade própria. Escrevemos a Poole primeiro, para ajustar o plano exato. Tudo teria sido mais fácil se eu tivesse as chaves de Jekyll — poderíamos tê-las enviado com a carta. Mas eu não as tinha mais. Portanto, Poole teria de encontrar um chaveiro qualificado e esperar por Lanyon. O chaveiro abriria a fechadura do gabinete e, depois, a fechadura do armário envidraçado. Lanyon retiraria a gaveta E e poderia levá-la embora. Isso era tudo que Poole precisava saber. Uma carta curta, porém eu estava encharcado de suor no fim, com uma sensação sufocante no peito, devido ao esforço de concentração. Examinei o papel úmido, impressionado. Era a caligrafia de Jekyll, correta. Um pouco frenética, mas talvez isso fosse bom. No entanto, a carta para Lanyon teria de ser mais longa, para termos certeza de que ele faria tudo certo. Eu me esparramei na cadeira. Precisava de uma bebida.

No quarto, meio decantador de líquido rubi jazia na mesa de cabeceira. Tinha cheiro azedo. Tomei um gole, tragando, e engasguei com a ardência acre. Levei-o até a escrivaninha e sentei-me novamente.

Eram quase onze horas quando terminamos. Estava trêmulo, o braço direito morto, estirado sobre a mesa, um tremor no polegar. O decantador foi drenado, e algumas moscas minúsculas pairavam sobre meu lábio, absorvendo seus vapores. As duas folhas de papel restantes tinham sido preenchidas por rabiscos floreados e amassadas e manchadas e rasgadas onde a pena tinha fugido de meu controle. Mas,

no geral, era uma obra-prima.

Caro Lanyon,

you are one of my oldest friends; and, though at times we may differ in our scientific opinions, I do not forget, at least on my side, the mutual affection which binds us. Never was there a day in which I did not think of you, and how much I should like to see you, and how much I should like to hear of you. You are the only person in the world who can help me, and I am sure you will do so. You are the only person in the world who can help me, and I am sure you will do so. You are the only person in the world who can help me, and I am sure you will do so.

Leve esta carta, eu disse a ele, e vá ao Casarão, onde Poole deve estar esperando com um chaveiro. Arrombe o gabinete e o armário de porta de vidro no recesso e retire a gaveta E, *com todo o seu conteúdo, sem tocar em nada. Letra E, salientei, à esquerda, a quarta gaveta de cima para baixo ou (que é a mesma coisa) a terceira de baixo para cima. Imploro que a leve com você para a Cavendish Square exatamente como está.* Lá, ele esperaria sozinho em seu consultório. *À meia-noite, então, peço que esteja sozinho em seu consultório para que receba pessoalmente um homem que se apresentará em meu nome e que lhe entregue a gaveta que pegou em meu gabinete. Cinco minutos depois, se realmente precisar de uma explicação, terá compreendido que esses arranjos são de importância capital; e que, se negligenciar qualquer um deles, por mais que pareça absurdo, carregará em sua consciência o peso de minha morte ou a perda de minha sanidade.*

Pense em mim, implorei a ele no fim, nesta hora, em um lugar estranho, trabalhando sob a escuridão de um sofrimento que a fantasia não é capaz de exagerar, e mesmo assim bastante ciente de que, se não deixar de me ajudar, meus problemas desaparecerão como uma velha história. Ajude-me, meu caro Lanyon, e salve

Seu amigo, H.J.

Li a carta inteira, enquanto a tinta secava. *Salve-me.* Lanyon, nosso salvador. Dei uma risada, que irrompeu como um soluço. Vasculhei a gaveta de novo, e encontrei dois envelopes, enderecei o primeiro ao Casarão e o segundo à Cavendish Square. Então me levantei — muito rápido, quase desfalecendo, por um segundo —

e fui cambaleando em direção à corda do sino.

O garoto se postou no corredor, com seu casaco castanho-avermelhado, inclinando-se, acenando para mim com olhos sonolentos mas observadores. Segurei os envelopes diante de seus olhos. *Quero que sejam postados, registrados. Você sabe o que quer dizer isto, carta registrada?* O garoto balançou sutilmente a cabeça, em uma confirmação. Coloquei um soberano na palma de sua mão e ele o segurou. Então lhe mostrei outro, grosso e de ouro. *Após trazer o recibo. Então, mexa-se.*

Uma hora depois, ele voltou, e, àquela altura, eu estava perto de uma crise histérica, convencido de que o garoto fora à polícia. Abri apenas uma fresta da porta, então me obriguei a abrir mais, como uma pessoa normal, sem nada a esconder. Ele estava segurando o recibo postal. Joguei a outra moeda, fechei a porta e imediatamente me arrependi de não ter pedido algo mais para beber. Estava com frio. A camisa de Jekyll se aderira à minha pele. Ajoelhei-me junto à lareira, e logo os carvões estavam faiscando, depois arrastei uma poltrona e me aninhei em frente ao fogo.

Notei que não me restava mais nada a fazer naquele dia que raiava além de esperar. O relógio sobre a cornija da lareira tiquetaqueava um coração mecânico, e tive de conter o desejo de arremessá-lo pela janela. O que estava acontecendo conosco? Tínhamos ficado sentados naquele banco, vangloriando-nos porque o mundo não se importava com os feitos de Jekyll ou com os meus, e de imediato fora como se tivéssemos sido atingidos por uma descarga elétrica. Quase parecia uma retribuição por nossa presunção em imaginar que não havia nenhuma conspiração contra nós. Como se alguém tivesse *ouvido* nossos pensamentos. Como se alguém estivesse escutando dentro de nossa cabeça. À espreita, esperando a oportunidade perfeita para atacar, começar de novo seus jogos atormentadores. Ocultar e Procurar, Hide e Seek, *se te ocultas e brinco de te procurar.*

Senti-me como um rato de olhos vermelhos em um labirinto, furtivo, perseguido, minha pata direita se contorcendo. Segurei a mão, olhando para o nervo pulsando abaixo da pele. Aquelas cartas que eu tinha acabado de escrever. Que Jekyll escrevera. Como exatamente havíamos feito aquilo? Jekyll tinha escrito as cartas *através* de minha mão. Como se ele tivesse penetrado a membrana entre nós e chegado ao braço direito. Aquela membrana era evidentemente mais permeável do que pensávamos. Essa fora a segunda vez que eu a atravessara, chegando ao corpo, sem o auxílio da agulha. E aqueles lapsos, aqueles incontáveis momentos de

ausência? Seriam Jekyll alcançando o corpo através de mim? Neste caso, a agulha era mesmo necessária para alternar entre os dois estados? Poderíamos fazer a passagem sozinhos, como Emile Verlaine?

Jekyll mal estava ouvindo. Conforme me expandia na mente em direção a ele, implorando, caí em um túnel aberto da memória, mais de uma década atrás. Olhava para este quarto, ou para seu duplo quase idêntico: as janelas inundadas de luz do sol filtrada pela musselina, Georgiana se movendo lentamente em direção a elas. Ela usava um vestido amarelo de verão e um chapéu branco de abas largas, que estava tirando. Então, com a cabeça nua, ela se virou e deu um leve sorriso nervoso. O momento não havia sido planejado. Eles estavam descendo a rua, vindo do parque, e viram o toldo carmesim do hotel e, como se obedecessem a um pacto solene, compulsório, chegaram ao saguão juntos. Agora Jekyll a estava observando, e suas entranhas se contraíam. À direita ficava a porta do quarto aberta, escura. Henry, disse Georgiana, você está pálido. Ela caminhou em direção a ele. Jekyll se sentia pálido. Drenado. Obrigou-se a seguir em frente, em uma dormência atordoada, até quase chegar a Georgiana, sentindo o cheiro de seu perfume doce, de alguma forma puro. O rosto dela estava voltado para cima, narinas dilatadas, os olhos azuis vivos, atentos, com medo. Eu vira aquele mesmo entusiasmo imprudente nos olhos de Jeannie em nossa primeira noite juntos. Jekyll ergueu a mão com a intenção de segurar o queixo dela com a dobra do dedo, como tinha visto um homem fazer em uma pintura francesa. Contudo, o dedo parou, como se retido por alguma forma de repulsão magnética. Os lábios finos da moça estavam apertados e pareciam secos. De repente, parecia impossível que ele um dia fosse capaz de beijá-los, aqueles lábios finamente modelados, estéreis. Sequer conseguia tocá-la, muito menos levá-la àquele quarto escuro. Ele sabia desde o momento em que entrara no saguão que aquilo era errado, impossível. Entre suas pernas, a carne estava inerte. Podia sentir a falta absoluta de resposta. Ele mesmo se forçara a ser uma pessoa assim, sem desejo e, portanto, invulnerável, triunfante sobre o fracasso, acima do pai e de suas lições. Mas estava começando a se sentir sufocado pela proximidade dela. Os lábios de Georgiana se moviam, convidativos. Jekyll baixou a mão e passou ao lado dela, na direção das janelas, da liberdade. Empurrando a musselina de lado, olhou para a rua, desejando poder evaporar dali. Seu rosto estava frio e quente, e a frustração sufocava sua garganta. *Não consigo*, disse, ainda voltado para a janela. *Sinto muito, não sou capaz.*

Jekyll se virou e a encontrou parada alguns passos mais próxima, ao lado da poltrona. Por que não?, perguntou ela, suave, mas obstinada. Pode me contar, Henry, está tudo bem. Ele balançou a cabeça. *Não sou...* Ele hesitou. *Não sou como os outros homens. Não sou... inteiro. Meu pai...* Aquela faísca de imprudência ainda brilhava nos olhos de Georgiana, no entanto, sua fronte tinha rugas de preocupação, como se ele tivesse apenas alguns minutos de vida. Henry, disse ela suavemente, muito perto agora. O que ele fez com você? A mão de Georgiana estava se elevando e, com um espasmo, Jekyll repeliu seu toque...

Eu pisquei quando a memória se foi. Eu estava sozinho na sala de estar, na poltrona. Minhas orelhas estavam em chamas com a raiva de Jekyll. Não era para eu ter visto aquilo.

Seu simplório, sibilou ele. *Seu idiota. A agulha é necessária? Acha mesmo que eu poderia emergir de você, como um cogumelo sai de um monte de excremento? Você é mesmo um completo imbecil?*

Sua repreensão fez arder minhas bochechas. Então ele realmente estava ali, ouvindo tudo. Mas não era minha culpa ter visto aquela memória específica; *ele* havia se lembrado dela, fora ele quem tinha nos trazido para este hotel caindo aos pedaços, saído de seu passado precioso, protegido! Os carvões ardiavam e estalavam, e um fragmento em brasa se deslocou com um ruído e atravessou a grade. Ele ficou fumegando no capacho da lareira, morrendo, indo de laranja a um preto cinzento, e sem pensar me inclinei e, com a mão direita, peguei-o. Parecia frio a princípio, então, um segundo depois, muito quente. Suportei a dor crescente, contando um, dois, três, antes de jogar o carvão de volta na pilha. Já surgiam bolhas no polegar e nos dois primeiros dedos. Por dentro, podia sentir o terror de Jekyll quando olhamos para a ponta dos dedos brilhantes e cruentas. Com uma careta de satisfação, levantei-me e segui até as janelas.

A luz do dia era drenada do céu. Os lampiões ao longo da calçada oposta já estavam acesos. Em uma hora, estaria totalmente escuro, e eu poderia sair daquele quarto miserável. Puxei a corda do sino, e, quando Madame Batráquia bateu à porta, eu disse que queria jantar e beber alguma coisa. Ela trouxe o pedido pouco depois, colocando uma toalha de mesa manchada na escrivaninha e pousando a bandeja, transpirando sob seu buço felpudo. Eu tinha um dinheiro já separado, para me livrar dela, e a mulher me deu um sorriso pálido, gengival. Meu senhor, anunciou, é para nós grande honra ter sua estada, um cavalheiro como o senhor. Eu a enxotei

e avancei na comida. Cozido de carne com creme, uma coxa de frango, um bolinho e até mesmo uma fatia de bolo de maçã para a sobremesa. Engoli tudo, bebendo uma vinhaça adstringente direto da garrafa.

Agora estava completamente escuro. Vesti o casaco de Jekyll e vasculhei a sala de estar, então me arrastei pelo corredor e pelas escadas até o saguão vazio, o estômago revirando. Empurrei a porta da frente em busca do ar fresco da noite. Os lâmpões brilhavam com halos lunares contra o azul aveludado. As pessoas passeavam em pares pela calçada, de braços dados. Mantive o rosto enterrado na gola do casaco, apertando o punho cheio de bolhas no bolso como um amuleto. Atravessei apressado a via principal, rumo às ruas laterais, mais vazias, onde vaguei para a frente e para trás, para cima e para baixo, matando o tempo.

Fiquei esperando o sino de alguma igreja em algum canto para saber a hora. Por fim, encontrei um relógio de rua gigante no Regent, com ponteiros como a ponta na caneta-tinteiro de papai, e, com uma contração, vi que já passava de onze e meia. A Cavendish Square ficava a apenas dois quarteirões a oeste, uma praça de árvores ressecadas e terra delimitada nos quatro lados por construções graciosas, dispersas, com janelas iluminadas de amarelo. Lanyon morava no lado noroeste. Atravessei o parque até a extremidade, onde me agachei nas sombras, olhando para a estreita casa de tijolos marrons de seis andares, com mourões e duas lâmpadas acesas. Jekyll não vinha aqui havia algum tempo. Ao ver a casa de Lanyon, sentimos uma ardência de culpa e nostalgia devorando nosso coração. Cruzei a rua furtivamente. Havia uma placa de bronze incrustada no mourão: *Hasting Lanyon, médico e advogado. Consultório: siga adiante*. Um caminho de pedras levava ao pórtico com colunas brancas e à porta vermelha com detalhes de bronze e uma lâmpada incandescente rosa, com vinhas mortas ao redor.

Havia algo doce e pateticamente inocente naquele pequeno estabelecimento profissional, naquela vida de Lanyon que estávamos prestes a virar de cabeça para baixo. Aproximei-me da porta, ergui o punho para bater. Só então um sino distante começou a badalar. Fiquei imóvel, o punho levantado. Eu sentia o homem do outro lado da porta, os lábios trêmulos, contando as badaladas até a meia-noite. Quando a décima segunda ecoou, esperei mais um momento, a postos para dar o bote. Então bati.

Lanyon a abriu imediatamente. Seu rosto estava arroxeadado, e seu olhar, perdido.

Quando me viu, ele franziu o cenho e abriu a boca como se estivesse prestes a gritar algo, que morreu na garganta. Exalava cheiro de uísque. *Lanyon*, eu disse bruscamente, *está com ela? Pegou a gaveta?* Ele não era capaz de responder. Conseguia apenas inspecionar meu rosto, minhas roupas. Inclinei-me para dentro e o agarrei pelo braço. *Lanyon, diga-me que está com a gaveta!*

Ele deu um passo para trás, cambaleando, e ignorou minha mão. Desculpe-me, disse com a voz embargada, eu não... não sei se o conheço. Mantive minha mão segurando seu braço. *Venho a pedido do Dr. Jekyll. Posso entrar?* A frase veio carregada de uma polidez elaborada com sarcasmo. O pobre Lanyon olhou para mim através de sua neblina alcoólica. Ele provavelmente começou com uma racionalização, apenas uma pequena dose de uísque, para acalmar os nervos e depois... Recuou, e eu entrei no consultório. Espaçoso, confortável, com um pé-direito baixo acolhedor. As paredes eram cobertas de seda esmeralda listada, a escrivaninha e os armários e as estantes de nogueira escura, as tábuas do piso desgastadas e envernizadas. Um tapete de pele branca diante da lareira cintilante, perto de um sofá de couro curvilíneo. Não vi a gaveta em lugar nenhum. Lanyon estava encostado à porta, uma das mãos enfiada no bolso do smoking preto, e eu me perguntava se ele também poderia ter uma arma. Sem tirar os olhos de mim, deslizou para a escrivaninha e tateou a cadeira. Apontou vagamente para as duas cadeiras cor de esmeralda do outro lado da mesa. Contraí o queixo e me obriguei a sentar. À luz sombria da luminária, pude ver as veias entrecortadas em suas bochechas e narinas, uma crosta branca ao longo da mandíbula. A ponta das orelhas era de um tom carmesim translúcido. Tentei dar um sorriso amarelo. *Dr. Lanyon, vamos direto ao ponto. Como sabe, vim a pedido do Dr. Jekyll. Havia uma gaveta que o senhor deveria recuperar, pelo que sei. Uma gaveta do armário de vidro no gabinete — você conseguiu a maldita gaveta ou não?* Minha voz vacilou. Os olhos de Lanyon se voltaram para a ponta de seus dedos, que estavam pousadas na borda da escrivaninha. Ele levantou a mão esquerda. Está ali, indicou.

Eu me virei para examinar as estantes, os armários, a pequena bancada do laboratório — então vi o pano branco no chão, debaixo da bancada. Lancei-me na direção dela, tonto com a força de minha pulsação. Agachei-me e tirei o pano de cima. A gaveta, com o frasco de pó arrolhado, o de extrato vermelho, a caixa da Milward e o torniquete de borracha preta. Estava tudo ali. Tudo seria resolvido. Com muito cuidado, levantei a gaveta e a acomodei sobre a bancada. Lanyon me

observava, dissimulando a curiosidade, como um cão surrado olhando de soslaio. *Um copo*, ouvi-me dizer, *preciso de um copo graduado*. Ele apontou para os armários atrás de mim, e peguei o que precisávamos. De repente, minhas mãos se tornaram muito hábeis; Jekyll estava nelas agora. Derramei o extrato vermelho no copo até a terceira linha mais grossa, arranquei a rolha do frasco e reuni a última dose do pó com a colher de prata. Coloquei o pó sobre o extrato, que espumou e borbulhou, passando a uma cor violeta azulada e então descorando, para assumir uma tonalidade verde pálido transparente. Porém, quando a reação chegou a sua cor adequada, senti uma pontada inesperada de perda. Eu ia voltar para dentro, e não sabia quando voaria livre novamente. Contudo, não tive tempo de saborear o momento; as mãos já estavam removendo uma seringa da caixa da Milward. Inclinei o copo graduado, mergulhei a agulha nele e puxei o êmbolo com o polegar, sugando o soro até a linha de três-quartos.

Lanyon ainda estava observando, paralisado, boquiaberto. Segurei a seringa pelas alças de aço. *Foi isto que vim buscar. Você fez sua parte, Lanyon. Agora, a escolha é sua. Pegue minhas coisas e saia, ou fico e lhe mostro como tudo isto termina?* Minha voz parecia distante agora, como se meus ouvidos estivessem entupidos de sangue. Lanyon balançava a cabeça afirmativamente, impotente. Seus lábios se moveram; ele engoliu em seco. Continue. Quero ver como termina.

Joguei longe o casaco de Jekyll. Arregacei a manga esquerda e enrolei o garrote de borracha em torno do bíceps, puxando a ponta com os dentes para apertar forte. Lanyon encarava meu braço. *Hastie*, eu disse, e seus olhos lacrimejantes viraram subitamente para os meus. *Você nega tudo o que não pode ver. E sua visão é muito, muito estreita. Mas chega de antolhos agora, velho amigo.*

No chão, deitado contra os armários. A agulha ainda inserida no braço. Grogue, Jekyll a arrancou, abriu e fechou a mão esquerda. Tateou a borda da bancada e se apoiou nela até ficar de pé.

Lanyon estava de pé contra a parede, cobrindo a boca com a mão. Seus olhos brilhantes tremiam; ele balançava a cabeça para a frente e para trás. Meu Deus, proferiu, ó Meu Deus, Harry, é você... é você! Era você?

Jekyll jogou o torniquete de volta na gaveta, onde se enrolou como uma serpente encantada. Sua cabeça zunia; eu piscava a cada vez que ele se contraía. *Sim, Hastie, sou eu*. Achei que fosse você!, exclamou Lanyon, em uma espécie de triunfo miserável.

Achei isso desde que abri a porta! Mas o que... o que você fez a si mesmo? Harry, no que transformou sua vida?

Jekyll se moveu na direção da cadeira onde eu estivera sentado. *Sente-se, Hastie. Vamos nos sentar.* Lanyon se aproximou de sua cadeira de couro e despencou nela como um inválido, e Jekyll também afundou em sua cadeira. *Você deveria beber alguma coisa*, sugeriu ele, quase com ternura. A expressão do amigo endureceu, seu olhar penetrante brilhando como uma pérola, desafiador. Ele olhou para baixo, respirando pelo nariz. Então abriu rapidamente uma gaveta da escrivaninha e tirou uma garrafa de uísque e um copo, e os colocou sobre o mata-borrão. Beba alguma coisa, murmurou, colocando a bebida em seu copo. Seis meses, fique sabendo, Harry. Fiquei seis malditos meses sem colocar uma gota na boca. Uma página em branco, lembra? Ele fez uma careta para o copo cheio até a boca, em seguida bebeu metade de um só gole e mostrou os dentes brancos e limpos. Então era Mr. Hyde, não? Foi Mr. Hyde quem bateu à minha porta?

Jekyll piscava, surpreso. Lanyon ergueu um olhar funesto, lacrimejando. Acha que sou uma criança, Harry? Que sou uma criança sentada em seu canto, alheia a tudo, enquanto os adultos conversam? É por isso que me escreveu, não é, e não para John, por que acha que não sei de nada. Você pensou que eu atenderia seu pedido, sem entender nada, é isso? É isso?

Mais ou menos.

Lanyon se recostou na cadeira com satisfação. É isso que você tem se injetado, então? Esse... Esse lixo? Como funciona? Você injeta esse lixo no braço e o que acontece... você se torna essa pessoa? Esse Mr. Hyde? *Sim*, respondeu Jekyll, *é assim que funciona. Só que eu não me torno ele. Eu sou ele.* Você é ele, repetiu Lanyon. Conheço você desde que nasci e nunca vi você... agir assim, falar assim. Era... outra pessoa, alguém deformado e horrível. *Mas está em mim*, retrucou Jekyll. *Eu o criei, em minha própria mente. Muito tempo atrás, quando era um garoto, precisava dele. Precisava de alguém para me proteger, e então o criei dentro de minha cabeça.* Isso não é..., começou Lanyon, e fez uma pausa. *Possível? É muito possível, Hastie. As condições devem ser precisas. Tem de haver uma necessidade muito grande. Mas, onde há a necessidade e a urgência de sobreviver, tudo é possível. Já falei isso para você antes. É a natureza. Quando somos ameaçados, ou morremos, ou evoluímos. Eu evolui.*

Lanyon balançou a cabeça, incrédulo. Natureza? Você vai voltar com essa conversa de evolução? Essa bobagem antiga? Essa é sua explicação? Então seu pai

batia em você, Harry, é isso? Acha que meu pai não me batia? Acha que você é o único que tem como pai um velho maldito?

Jekyll suspirou e, por um momento, examinou as bolhas de queimadura no polegar direito e na ponta dos dedos, que estavam inchadas, tensas com fluido no interior. *No fim das contas, Hastie, não faz diferença nenhuma se você entende o que estou dizendo, ou se acredita em mim. Prometo apenas explicar. Meu pai não me batia. Ele quase não me tocava, na verdade. Ele podia me arrastar pelo colarinho, às vezes, ou pelos cabelos... Uma ou duas vezes, tosquiou meus cabelos. Mas meu pai não precisava usar as mãos. Eu obedecia a ele. Não tinha escolha. Era como na escola. Ele estava me ensinando o que pensava que eu precisava aprender. Juntava aranhas de todo o velho solar. E me fazia deitar imóvel no chão enquanto as despejava em cima de mim. Eu não podia fechar os olhos... Na época, havia uma empregada, uma criada. Alice. Ele me dizia o que queria que eu fizesse. Com ela, comigo mesmo. Ele me forçava a beber uísque. Injetava cocaína em meu braço. Ele me fazia rastejar para dentro de um armário bem pequeno em seu escritório, bêbado e correndo. Acorrido no escuro, durante horas e horas, enquanto ele tocava violino. Tudo isso fazia parte de seu sistema de educação, sabe? Levei muitos anos para entender, mas ele não estava tentando me torturar. Não foi por maldade. Meu pai sabia como era o mundo. Indiferente ao sofrimento. Uma concorrência impiedosa. Ele acreditava que estava me transformando em alguém resiliente como poucos, alguém extraordinário. Ele era desequilibrado, é claro. Mas, a seu modo, conseguiu o que queria.*

Jekyll olhou para Lanyon e lhe deu um sorriso contido.

O amigo o encarou. E era isso que você estava fazendo com aquele pobre jovem em Paris? Transformando-o em alguém extraordinário, Harry?

O sorriso de Jekyll se tornou frio. Lanyon sorriu, sem achar graça. Acha que não sei disso também. Você realmente acha que não sei de nada. Sou médico, caso tenha esquecido, conheço outros médicos, conversamos sobre assuntos médicos. As pessoas falam; não sei se você percebe isso. Estava fazendo experiências com aquele francês, não estava? Seja lá o que estiver fazendo consigo mesmo usando aquele lixo, estava fazendo com ele também. Tentando fazê-lo... evoluir, como disse. Porque a natureza é assim, não é mesmo, Harry?

Não, respondeu Jekyll. Seus lábios estavam dormentes. *Não foi algo natural*. Não, ecoou Lanyon, não foi mesmo. Você estava injetando esse lixo no braço dele, não estava? O mesmo lixo que está dando a si mesmo. *Não exatamente. A base é a*

mesma, o pó é o principal. O restante é... deve ser individualizado. Cada mente é distinta... Detalhes, interrompeu Lanyon. Detalhes. Você fazia experiências com drogas nele, e ele se matou por causa disso. Porque não aguentou. Não é isso? *Sim*, respondeu Jekyll, seus dedos doloridos cerrados em um punho, os olhos começando a arder. *Você está certo. Ele se enforcou. Todas aquelas vozes na cabeça dele, todos os desejos destrutivos se voltaram uns contra os outros, no fim. O demônio, ele começou a aterrorizar a criança. Rasgando suas coisas, deixando suas pinturas desagradáveis em lugares ao redor da sala onde apenas Pierre encontraria. E havia Emile em meio a isso tudo, tentando manter o núcleo unido. Era extraordinário. Porém, Emile não queria ser extraordinário, só queria se ver livre deles. Queria ser curado. Achava que eu poderia fazer isso. Mas não existe cura. Não há como arrancar a parte doente. Ela é profunda demais para que isso possa ser feito. Está no sistema. Só se pode ficar admirado com tudo, com sua multiplicidade destrutiva. Eu tinha de ver. Não conseguia parar. Ele me pedia para parar, e... e eu não conseguia.*

O rosto de Jekyll se contorcia; ele pressionou o nó do dedo, pálido, nos lábios. Lanyon balançava a cabeça, um brilho triunfante em seu olhar embaçado. Que vergonha, disse veementemente. Que vergonha, doutor.

Você está acima de culpas, Hastie?

Lanyon inclinou a cabeça, como se estivesse perplexo. Ele estava jogado na cadeira, segurando o copo sobre a escrivaninha. O que disse? Do que sou culpado? Hein? Quero ouvi-lo dizer, Harry, do que devo ser culpado? *Você não era capaz de tratá-la sozinho. Queria acreditar que sim, mas não era. Ela precisava de um médico adequado, precisava de cuidados, e você lhe negou essas coisas, porque não queria aceitar que ela estava doente.* O rosto de Lanyon estava escurecendo, como se tivesse um hematoma lívido. Como se atreve? Como se atreve a me julgar, como ousa dizer qualquer coisa para mim sobre tratamentos e cuidados? Lanyon bateu o copo de uísque na mesa. Como ousa!, gritou ele, uma veia inchada sob seu olho. Que tratamento? Que médico adequado? Você? Devia ter deixado você tratá-la? Perdeu o juízo? Manter Winnie bem longe de você foi a melhor coisa que fiz por ela!

Não tinha de ser eu. Falei isso para você desde o início. Eu poderia ter recomendado algum psiquiatra na Europa. Mas você não quis ouvir. Não queria reconhecer que ela estava doente, e queria fingir que ela era apenas uma pessoa infeliz. Você se contentava em trancá-la no quarto quando ela estava com seus humores, como você dizia. Com seus humores. Foi isso que ela me contou, em resumo, quando veio falar comigo. Jekyll

fez uma pausa. Lanyon pressionou os lábios molhados de saliva. *Você sabe que ela foi me ver; sei que ela lhe contou. Posso ver em seu rosto. Mas talvez não tenha lhe contado tudo que me disse. Que você a trancava no quarto quando ela se comportava mal. Essa era sua forma de tratamento. Muito mais eficaz, tenho certeza, do que um profissional poderia ter oferecido.* Isso é mentira!, gritou Lanyon. Isso é mentira, maldito, eu nunca a tranquei por mau comportamento, eu... eu a confinava no quarto, para que ela não fizesse de si mesma um espetáculo público, para que não se humilhasse. Ela dizia coisas quando estava... quando estava... ela chorava e dizia coisas terríveis, fazia acusações ridículas, diante de Collins, dos criados. Eu a encontrava no sofá da sala com a criada, segurando a menina pelo punho e dizendo as coisas mais assombrosas. Só queria mostrar a ela que não se pode simplesmente... que não se pode simplesmente ceder a si mesmo! Não se pode simplesmente atender a todos os caprichos e emoções, é preciso... é preciso... Lanyon tinha se erguido da cadeira e estava de pé, tremendo, apoiado à mesa, segurando a borda. O que eu podia ter feito? Diga! Mandá-la embora, para viver em um hospital como uma lunática? Mandar minha esposa para longe de mim?

A voz dele estava entrecortada, e seu olhar, perdido; lágrimas surgiam em seus olhos. Vá para o inferno, resmungou ele. Lanyon se afastou um passo da mesa e tropeçou, caindo de joelhos. Jekyll suspirou, fechou os olhos doloridos. Levantou-se e caminhou ao redor da mesa, segurou o braço de Lanyon e o ajudou a ficar de pé. *Tudo bem, tudo bem.* O homem estava debilitado, e Jekyll o conduziu até o sofá de couro ao lado da lareira, ajudando-o a se sentar. Lanyon deixou a cabeça cair para trás e olhou para cima, a luz da fogueira cintilando em sua bochecha molhada e na bolsa marcada por veias sob seus olhos. Jekyll se virou e atravessou a sala em direção aos armários, encheu um copo com água e pingou duas gotas amarronzadas de morfina de um frasco que tirou do meio de suas coisas. Levou de volta e pegou a mão de Lanyon, envolvendo os dedos redondos dele no copo. *Beba, Hastie,* disse, guiando o copo para os lábios do amigo, que afastou a mão, deixando cair um pouco da mistura. Ele estreitou os olhos para o copo e o cheirou, então o ergueu e apontou um dedo. Tudo acabaria do mesmo jeito, disse, as palavras engroladas. Jekyll observava com atenção. *Talvez. Agora, beba.* Lanyon segurou por mais um tempo o copo que balançava, então bebeu seu conteúdo de uma vez. Sua mão caiu no sofá, com os dedos relaxados, e o copo rolou no tapete de pele branca. Ficou sentado, piscando com os olhos baixos. Um minuto depois, seu queixo encostou no

peito, cabelo cor de linho despenteado. Jekyll levantou as pernas dele e o deitou no sofá, colocou uma almofada sob a cabeça dele. O rosto vermelho de Lanyon relaxou gradualmente, e um ronco leve começou a emanar de seus lábios.

Na bancada do laboratório, Jekyll empacotou tudo de volta na gaveta E e a embrulhou no lençol. Colocou-a debaixo do braço e atravessou a porta. Com a mão na maçaneta, virou-se e olhou para o amigo, dormindo um sono profundo e calmo, como uma criança.

Boa noite, Hastie, murmurou.

Adeus.

QUARTO DIA

Nascer do sol

Acordo de súbito, com um grito, abraçando-me. Estou na cadeira próxima às janelas, um brilho laranja queima meus olhos. Fecho-os, trêmulo. Apenas um sonho, então. Apenas um sonho: amarrado ao chão do gabinete com cordas que correm de ganchos de ferro presos no assoalho, todos os meus membros esticados. Poole, Utterson e Lanyon sobre mim, este último segurando o machado. Ele o levantou acima da cabeça e o baixou, decepando meu cotovelo; rolei de lado, sangue jorrando do corte transversal do braço. Utterson pegou o machado e acertou meu joelho. Senti o impacto do aço pesado no chão e o sangue saía do toco em um esguicho fino — ainda consigo ouvir o som seco da ponta do machado.

Sentindo dor, saio da cadeira e bato meu pé dormente no chão, para que volte a ter sensações de novo. Aquele machado, aquele machado. Será que o sonho é uma profecia, uma mensagem? O que devo fazer — descer lá e procurá-lo? Isso iria impedi-los? É claro que não. Então o que estou fazendo? Manco pelo gabinete, deslizo de novo o ferrolho da porta e a abro. O nascer do sol às minhas costas reparte os degraus e o corrimão e encontra a escuridão impenetrável da sala de dissecação, mais além. Abro a porta um pouco mais, e minha sombra se estende pela parede áspera de tijolos. Minhas mãos estão úmidas. Eu as enxugo na calça e então caminho pé ante pé, de meias, até o degrau intermediário, o décimo segundo, e paro.

Isto é loucura. Estou seguro todo este tempo; por que testar a linha divisória? Por causa de um sonho? E, além disso, ao mesmo tempo, sei que o encantamento protetor — ou o que quer que esteja mantendo a mim e ao gabinete seguros — está enfraquecendo, erodindo. O próprio Poole o rompeu corajosamente ontem à noite, quando bateu à porta. Não há mais refúgio para mim, não há asilo. Hoje, tudo isto termina. Baixo meu pé sobre o décimo terceiro degrau da escada, aliviando meu peso

em seu rangido de arrepiar os cabelos. Eu me detenho, e minha sombra se detém, refletida sob meus pés, naquele sinistro mundo inverso subterrâneo, onde ele sou eu. Desço ao décimo quarto degrau, e ao décimo quinto. Por fim, chego às tábuas do chão da sala de dissecação. Contorço os dedos do pé, esperando minhas pupilas se dilatarem na escuridão. A claraboia de vidro no alto filtra uma nevasca de luz sobre a mesa de dissecação, misturando-se às caixas e às garrafas amontoadas. Arrasto-me em direção a ela, a palha das embalagens espalhada pelo chão crepitando sob meus pés, até que coloco a mão no mármore surpreendentemente frio. Um fio de algum líquido corre pela borda como um dreno. Vejo minha respiração gelando no ar. Agacho-me e espreito debaixo da mesa, tateando. Meus dedos se fecham em uma ripa de madeira, lascada como uma estaca. Deixo-a de lado e diviso uma forma sugestiva, fina, apoiada na outra extremidade da mesa. Estendo-me e consigo pegá-la — um bastão de ferro frio, pesado. Um pé de cabra, com seu gancho fendido na ponta. Jekyll o estava usando para abrir as caixas antes de destruí-las. Sopesei-o em uma das mãos, confortado com seu equilíbrio. Abaixo do lance de escada ficam os anéis de bancos de madeira, onde os estudantes outrora se sentavam para assistir ao show de horrores. Dou um passo em direção a eles e me viro, erguendo o pé de cabra, certo de ter ouvido algo do outro lado. Dou a volta na mesa, sem querer dar as costas para as sombras nas profundezas da sala. Então meu olhar se volta para algo, uma forma pouco além do círculo iluminado.

Uma ilusão de óptica: parece uma pessoa sentada em uma cadeira. Ela não se move, nem eu. Chego mais perto, semicerrando os olhos. Parece que tem um homem sentado lá; posso ver uma cabeça em cima dos ombros. O que diabos é aquilo? Outro passo em direção a ele. Então ele se move, há um ruído súbito e um clarão crepitante, uma luz amarela. Um fósforo. Um rosto e olhos arregalados passam por trás da chama em movimento — é Poole. É Poole! Fico parado, enraizado no chão. A chama se apaga e a escuridão como breu envolve o vazio. Um gemido escapa de minha garganta. Então o pânico me invade como uma horda de morcegos em meu peito, e me liberto e corro, atingindo a mesa e me virando em direção às escadas, subindo apressado, chutando os degraus e tropeçando, uma batalha até o alto. Alcanço a porta aberta e a alvorada iluminada, então estou no gabinete, jogando-me contra a porta e deslizando até o chão.

Respiro, puxando o ar com força, com um zumbido agudo em meus ouvidos, como após uma explosão. Engulo em seco e presto atenção, pressionando o rosto

contra a madeira. Por fim, ouço alguma coisa — passos atravessando o cascalho. Rastejo até as janelas e pressiono a bochecha contra o vidro. Poole está atravessando o pátio rumo ao Casarão. Observo-o entrar no jardim de inverno e então me agacho e encosto na parede abaixo da janela.

Então chegamos ao fim. De uma só vez, chegamos ao fim. Poole me viu. Ele sabe que sou eu quem está aqui e não Jekyll, definitivamente. Acabou, acabou. Meu Deus! Era ele lá embaixo a noite toda, sentado naquela cadeira esperando? Qual é sua passagem secreta, silenciosa? Será que os ouvirei chegando, ou eles simplesmente surgirão na base da escada? Tento me apoiar para ficar de pé e grito, meu pé direito e o quadril com uma dor excruciante. Agarro o tornozelo como se para sufocar a palpitação. Não consigo sequer mexer o dedão do pé, a massa pulsante. Devo tê-lo quebrado em minha corrida louca até aqui em cima. Agarro o braço da cadeira e gemo, erguendo-me do chão. Eu precisava ter ido procurar aquele machado absurdo, não é? Tinha de ter descido até lá, onde o homem estava esperando por mim! Bem, ele não irá mais esperar. Poole com certeza procurará Utterson, e, dentro de uma ou talvez duas horas, estarão à porta do gabinete juntos, batendo freneticamente. Tenho de me aprontar. Levanto da cadeira e passo mancando em volta da mesa, rumo ao armário com porta de vidro no recesso da parede, onde abro a gaveta. E e contemplo com amor, com gratidão, o frasco de vidro de cianeto caído de lado. Olá, meu querido. Seguro-o na palma da mão mais uma vez, dobrando os dedos sobre ele com suavidade e sentindo o conforto que irradia por meu braço. Minha rota de fuga. Minha cratera fumegante no solo, comigo em seu centro escaldante. Aconteça o que acontecer, tenho isto. Encosto o frasco nos lábios e beijo o vidro morno, sedoso, então o enfio dentro do bolso.

Com os últimos carvões queimando, sento-me na cadeira que arrastei para perto do fogão, com a mão na dobra do braço esquerdo. A veia está doendo agora, no mesmo ritmo da pulsação de meu dedão. Hesitante, arregaço a manga e olho para o braço perfurado e marcado, a pústula preta purgando na dobra. A veia está escura e dura como uma corda de piano sob a pele, obviamente inflamada. Em circunstâncias normais, aposto que iriam amputar o braço do cotovelo para baixo. É uma visão aterrorizante. Não era preciso continuar testando todos aqueles pós, quando era óbvio até para mim que nenhum deles iria funcionar. Mas Jekyll continuava forçando, exigindo que eu provasse cada um. A substância era um assunto obscuro.

Jekyll sabia que estávamos consumindo os últimos gramas do produto. Ele removera a embalagem retangular de papel prateado da gaveta H e transferira a barra branca friável para o frasco vazio na noite em que havia voltado do consultório de Lanyon. E ainda esperou mais de um mês — em meados de fevereiro — antes de sequer tentar encomendar mais do produto na Maw's. Estávamos queimando nosso estoque — eu tomava quatro, às vezes até cinco injeções por dia naquela época, para trazê-lo de volta ao corpo. E, mesmo assim, parece que não lhe ocorreu que estávamos ficando com quantidades perigosamente baixas do último estoque. Mas isso *deve* ter percebido. Talvez soubesse que não importava, que nada mais iria funcionar. Então por que me forçou a fazer isto no braço?

Lembre. Concentre-se; distraia sua mente da dor.

Do consultório de Lanyon, naquela noite, Jekyll voltou para casa e subiu ao gabinete. A porta de baeta vermelha estava aberta. A trava do armário com porta de vidro tinha sido arrombada. Ele enfiou a gaveta E de volta e dormiu sobre a mesa. Acordou de madrugada; ficou embrulhado no sobretudo olhando pelas janelas manchadas de vermelho. Chegou à porta do gabinete e abriu a trava, que fez seu característico som bem-lubrificado. O chaveiro fizera o trabalho direito. Jekyll atravessou a sala de dissecação e caminhou para fora, para o pátio de cascalho enevoado. O Casarão se erguia diante da alvorada radiante. Precisávamos deixá-lo, é claro. Não tínhamos escolha agora. Depois de Lizzie, depois de Lanyon, não poderíamos ficar. Poderíamos ir para Liverpool, esperar o dia 25 de janeiro e então deixar a Inglaterra, possivelmente para sempre. Jekyll esfregou os olhos com o dorso da mão. Então deu um passo em direção à casa, e aconteceu: a casa emitiu um raio branco, o céu adquiriu um tom preto-esverdeado odioso e a terra balançou e virou de cabeça para baixo. Agitando os braços para agarrar algo que impedisse o mergulho naquela imensidão, gememos ao sermos puxados pela gravidade, antes de o mundo voltar ao normal. Perdi o equilíbrio e caí nas pedras, apoiando-me com os joelhos e a palma das mãos. Olhei para minha mão, para a pele marcada pelo cascalho e um fragmento branco com pequenas manchas vermelhas aderido a ela. Contemplei a casa, o céu carmesim. Então me endireitei e voltei ao laboratório, ao gabinete e à gaveta E.

Eu estava ansioso para lhe devolver o corpo — para me certificar de que ainda poderia desaparecer dentro de Jekyll e me ocultar. No fim desse primeiro dia de confinamento, no entanto, tomei três ou quatro injeções para trazê-lo de volta. Ele

não ficava preso ao corpo por mais de algumas horas seguidas. Era como se Jekyll estivesse apertando um músculo sem parar, com a mente, conscientemente, fechando o corpo para si. Quando sua concentração diminuía, o chão balançava em uma volta nauseante e me lançava para fora, enjoado e cada vez mais desesperado. Poole bateu à porta do gabinete aquela noite, e Jekyll falou com ele através de uma fresta de três centímetros, segurando a porta com o pé. *Poole*, disse com um gemido, *eu... eu estou bastante doente. Temo que você não possa me ajudar. Ninguém pode me ajudar, apenas deixe-me em paz, assim posso trabalhar... para achar a cura. Estou tentando consertar o que fiz para ficar melhor... mas me deixe trabalhar, você não deve me perturbar, não importa quanto tempo leve. Está claro?* Os olhos de Poole brilharam pela fresta. *Preciso fechar a porta agora*, concluiu Jekyll. *Sinto muito, Poole. Por favor, deixe-me em paz.*

Uma cura. Foi uma desculpa inteligente e nos deu tempo. Embora, por várias semanas, Jekyll não tenha feito nada, certamente nada no sentido de nos curar. Apenas em fevereiro escreveu à Maw's encomendando mais pó. Passava os dias andando, murmurando, tornando mais espessa com a mente a membrana que nos dividia, e, quando eu pressionava a barreira permeável para tentar ouvir seus pensamentos, Jekyll balançava a cabeça, como se espantasse uma mosca. Na escrivaninha, mantinha uma pilha de livros, e se debruçava constantemente sobre um volume com capa de couro, passando sua unha em mau estado ao longo do texto denso, dando batidinhas com o dedo e balançando a cabeça vigorosamente. *A origem do homem e a seleção sexual*, de Charles Darwin. Havia uma passagem sublinhada que Jekyll lia e relia: *O questionamento então chega ao ponto importante em que o homem tende a aumentar em uma taxa tão rápida que o leva a ocasionais lutas severas pela existência; e, conseqüentemente, as variações benéficas, sejam no corpo ou na mente, são preservadas, e as prejudiciais, eliminadas. Será que as raças ou as espécies de homens, independentemente do termo que possa ser empregado, invadem e substituem umas às outras, de modo que algumas finalmente se extinguem?*

Eu queria entender isso — variação, extinção. Era crucial. Mas Jekyll tinha me isolado e apenas lia seu livro usando a mensagem de Utterson dobrada para marcar a página. Utterson enviara dois bilhetes. Este marcador de livro era o segundo. A primeira carta chegara cerca de uma semana depois de nosso confinamento. Poole colocara junto da bandeja do jantar, que ele deixava nas escadas. Utterson fora ver

Lanyon. *Nosso amigo está muito mal, escrevera. Ele parece acabado. Está bebendo outra vez, muito. Sei que você está envolvido, que sabe o motivo disso. Ontem, passei em sua casa e me disseram que você não está recebendo ninguém. O que aconteceu? Harry, pelo amor de Deus, o que está acontecendo?*

A segunda carta viera uma semana depois, e era essa que Jekyll usava como marcador de página. Tinha apenas uma linha, bem no meio da página: *Hastie faleceu.*

Jekyll iria desdobrá-la muitas vezes e olhar fixamente as palavras. Havia algo hipnotizante nelas, uma espécie de verdade pura. Sempre que as líamos, elas eram verdadeiras, e sempre seriam. A linha de tinta nadava com alguma forma de poder. *Hastie faleceu.*

Dia após dia, tudo era igual, porém pior, sendo atirado ao corpo e sufocando a náusea, possuindo o corpo e não *querendo* isso. Esta era a pior parte: eu não sentia mais prazer nenhum na existência física, nenhuma alegria animalesca em ter o corpo. Ele era um estorvo doloroso, fétido. No instante em que tinha o controle do corpo, Jekyll se retirava para os confins além da barreira, o que era solitário e frio e assustador. Pois a existência parecia estar sendo imposta a mim. Como se eu estivesse sendo lançado impotente ao corpo e ao mundo para uma punição especialmente preparada. O que, de fato, estava acontecendo.

Jekyll esperou até a última barra de pó no frasco fechado com uma rolha estar quase pela metade, então escreveu à Maw's. Relia o livro de Darwin, aquele trecho novamente, murmurando para si mesmo a frase *invadem e substituem*. Levantou-se, e foi até o armário de vidro e abriu a gaveta E, pegou o frasco de pó e inclinou o conteúdo restante. Jekyll estalou a língua, contemplativo, enquanto refletia sobre o que restava das seis barras envoltas em folhas metálicas que despachara de Paris. Levou o frasco à escrivaninha e o colocou na borda do mata-borrão, então se sentou e dobrou uma folha de papel e finalmente concluiu a carta para a Maw's, que devia ter escrito meses antes. O texto ficou estranhamente enigmático. Em março de 1883, escreveu, ele havia encomendado uma grande quantidade de um *determinado sal composto*, do qual agora desejava uma nova remessa. Os senhores Maw, por favor, podem mandar uma *amostra testável do sal composto para que eu tenha certeza de que possui a mesma eficácia?*

Jekyll se arrastou para baixo e deixou a carta na escada, e, naquela noite, lá estava um envelope marrom incluído na bandeja do jantar. Do envelope, ele retirou

um saquinho de papel pardo e um bilhete com os cumprimentos de Maw. Colocou o pó branco do saquinho em uma colher de prata até enchê-la, então transferiu da colher para um copo do extrato carmesim, que imediatamente começou a espumar e ferver. Quando o chiado parou, Jekyll o segurou contra a luz e franziu a testa. Eu mesmo conseguia ver: a cor não parecia exatamente certa. O líquido era verde pálido e transparente — mas, embora eu não conseguisse dizer se estava muito claro ou muito escuro, parecia ser do tom errado. Ele aspirou o soro em uma seringa que colocou na caixa da Milward, na parte superior, apontando para a esquerda. Então preparou outra agulha com o pó velho no frasco vedado com uma rolha. As duas seringas ficaram em seus lugares, apontando em direções opostas, e, por um tempo, Jekyll escrutinou os cilindros de vidro, comparando suas cores.

Ele havia adormecido, a cabeça sobre os braços, na mesa, e eu acordei de um salto, quase caindo para trás no banco. Esfreguei meus olhos remelentos e vi a caixa da Milward aberta. Arregacei a manga da camisa de Jekyll e peguei a seringa que apontava para a esquerda, carregada com a substância dos senhores Maw. Estava usando a veia ondulada que derivava da principal e subia pelo antebraço formando uma curva. Eu a flexionei, enfiei a agulha lentamente e pressionei o êmbolo.

Fiquei sentado enquanto o líquido fluía pelo braço. Mexi os dedos, então tracionei a ponta de aço da veia. As batidas de meu coração estavam fracas. Nada estava acontecendo. Não fiquei surpreso. Eu sabia que não iria funcionar. Aquela diferença sutil da cor: este novo composto da Maw's era diferente do antigo. Esperei Jekyll reagir, dizer-me o que fazer. No entanto, lá dentro, havia apenas um silêncio inescrutável, uma mudez palpável. O que mais *havia* para fazer? Peguei a outra agulha, introduzi-a no abscesso e pressionei o êmbolo.

Na manhã seguinte, bem cedo, Jekyll escreveu novamente para a Maw's. A amostra, disse ele, não alcançava o mesmo efeito que o estoque original. *Assim, é completamente inútil para meu propósito atual. É o estoque antigo, original, que desejo, não apenas o mesmo composto, mas o mesmo estoque, exato, do qual foi tirado o produto que me mandaram da outra vez. Sou incapaz de exagerar a importância deste pedido. Nenhum produto diferente daquele antigo servirá para mim.*

Uma resposta da Maw's chegou na hora do almoço. O estoque original, explicou, tinha esgotado quase inteiramente na primeira encomenda de Jekyll. O composto de amostra que fora enviado era *quimicamente idêntico ao original. Não há diferença na formulação deles. Talvez a falha na eficácia resida, com todo o respeito, em algum outro*

fator. Segue anexada outra amostra do mesmo composto para sua análise.

Jekyll pegou o saquinho de papel pardo pela borda.

Algum outro fator, resmungou.

De repente, vi o fim inevitável daquela história. Íamos acabar sem o pó — não havia mais do produto para ser adquirido —, e eu seria deixado sozinho. O estoque original era o pó que Jekyll usara em Emile Verlainne para liberar L'inconnu, esse composto tão preciso e exclusivo. Era a chave que tinha usado para destravar sua própria mente, e, agora, nenhuma outra chave se encaixaria. Estávamos tomando a medicação de um menino morto. Emile, que havia se enforcado. Das barras de ferro forjado de sua janela, com um lençol, de pijama, o rosto roxo e os olhos saltados, os dedos dos pés descalços pendurados a alguns centímetros do chão.

Jekyll preparou o cianeto naquela noite. Em um ácido corrosivo transparente, misturou um pouco de unguento azul-escuro e aqueceu a espuma azul-cobalto sobre o bico de Bunsen em um balão de fundo redondo preso no topo de um condensador. O destilado incolor, letal, gotejou em um copo, infundindo o gabinete com o agradável aroma de amêndoas. Ele derramou o veneno em um frasco de vidro, fechou e segurou contra a luz, girando-o, como se para verificar se havia imperfeições.

Mas estava perfeito. De meu bolso, removo o frasco novamente e seguro o tubo de vidro com tanta firmeza quanto minha coragem permite. Meu amuleto, minha cura.

Jekyll estava sentado no parapeito da janela, um ou dois dias depois, a janela do meio entreaberta, para deixar entrar um pouco de ar. O pátio estava úmido com uma névoa que parecia se mover através do beco que levava para a Castle Street. O efeito era estranhamente hipnótico e calmante, a névoa escorrendo do gargalo. Então, sem aviso, dois homens entraram no pátio vindo do beco. Ele se assustou, erguendo-se um pouco do peitoril. O homem de cartola alta viu o movimento e olhou para cima, em direção às janelas. Era Utterson. Harry!, chamou ele, antes que Jekyll pudesse se abaixar. Ele passeava pelo cascalho e o outro homem, um pouco atrás, seguiu-o. Harry!, chamou novamente, com uma alegria forçada, mas então pareceu realmente ver seu amigo e parou.

Jekyll ainda estava tentando fazer a barba com certa regularidade. Mas seus cabelos estavam compridos e emaranhados, e ele usava a mesma roupa havia mais de um mês. A expressão de Utterson vacilou quando olhou da parede de pedra calcária abaixo da janela até o cascalho na parte inferior. Ultimamente, Jekyll esvaziava o penico pela janela, nas pedras lá embaixo. Utterson pareceu refletir sobre isso antes de voltar seu olhar para cima novamente. O outro homem, vestindo um chapéu-coco cinza inclinado de modo jovial, estava de pé ao seu lado, olhando para as janelas também. Harry, disse Utterson, você... você não parece bem. Jekyll deu uma risada seca. *Não estou bem, John. Não estou nada bem.* Talvez um pouco de ar vá lhe fazer bem, convidou ele, um pouco de exercício! Estimular um pouco a circulação. Está muito agradável aqui fora, embora possa não parecer. O que me diz, Harry? Um pequeno passeio comigo e com Enfield. A propósito, lembra-se de meu primo, Richard Enfield?

Enfield. Sob o chapéu cinzento e torto, ele olhou com determinação para cima, para nós, e seu rosto suave e insolente por fim fez sentido. Enfield. Seu punho em meu colarinho, o perdigoto atingindo meu rosto quando rosna: Cem libras.

É muito... muito generoso seu convite, John, gaguejou Jekyll. *Eu adoraria, mas... não é possível, sinto muito, não estou bem no momento.* Bem, disse Utterson, bem, talvez possamos ficar aqui e conversar de onde estamos? Acha que seria agradável para você, meu amigo? Mas o céu estava preto e os telhados, brancos, e tive o pressentimento súbito de estar de pé no cadafalso acima de uma ansiosa multidão de rostos erguidos. Jekyll virou de costas para as janelas. O gabinete rodou e o chão desapareceu, e, por um segundo nauseante, fui lançado em queda livre, arranhando meu pescoço como se balançasse em uma corda, chutando o ar diante de uma salva de palmas. Então o quarto se elevou e fui esmagado, e, quando dei por mim, estava no chão. Mareado, fechei os olhos e ouvi o som de passos no cascalho, atravessando o pátio, desvanecendo-se pelo beco.

Logo eu estava tomando regularmente duas injeções para trazer Jekyll de volta ao corpo. Vi-o elaborar uma lista de todos os químicos em Londres e começar a enviar suas missivas, cada uma com suas instruções obsessivamente específicas sobre a formulação do pó, as porcentagens precisas do composto. As amostras chegavam em seus saquinhos, com os cumprimentos de seu fabricante, e cada uma era aspirada em uma seringa e colocada na caixa para o rato de laboratório testar. Ambos sabíamos que não iria funcionar. Somente nosso estoque próprio, que diminuíamos

rapidamente, podia trazê-lo de volta. Eu poderia ter tentado resistir a seus experimentos. Mas estava cansado, doente e amedrontado demais para lutar. Aqueles eram os movimentos finais, fúteis de Jekyll contra o inevitável — sua extinção. Eu não poderia lhe recusar isso. Pois, quando a última dose tivesse acabado, eu iria *substituí-la*, como Darwin dissera. Jekyll desapareceria.

Às vezes, na calada da noite, eu acordava sobressaltado no corpo. Com o braço esquerdo latejando até a ponta dos dedos, caminhava ao redor da mesa para protelar o uso da agulha. Quando caminhava rápido, descobri que poderia me manter à frente das noções aterradoras que persistiam como um odor ruim, esperando para me apanhar e me envolver em um pavor nauseante. Às vezes, passava a noite inteira patrulhando o longo perímetro da mesa, até a adorada manhã tornar evidente a poeira rosada com sua luz no gabinete, e eu poder enfim encarar a perspectiva de rastejar de volta para nossa cabeça em decomposição. Estava nas voltas finais de minha marcha assombrada em certa madrugada quando passei pela escrivaninha de Jekyll e notei que seu precioso Darwin de capa de couro ficara ali em cima, aberto. Uma página se levantou ao vento. Cheguei a um impasse e me peguei estendendo a mão para colocá-la em cima da página aberta. Como se o contato direto da pele pudesse me ajudar a entender seus conceitos horríveis. No mata-borrão, ao lado do livro, estava a caneta-tinteiro de papai, um brilho ao longo de sua madeira polida; eu a peguei e desatarraxeï a tampa, e, com a ponta do dedo, toquei a ponta: como um lampejo, eu o vi enfiá-la no pescoço envelhecido, e, por um segundo horrendo, não havia sangue, apenas um buraco negro surpreendente, antes que ele a enfiasse de novo e os dois gêiseres vermelhos brilhantes sibilassem com alta pressão e ele piscasse em espasmos, ainda nos olhando — desviei o rosto, respirando rápido. Então me curvei sobre o livro e arranhei a ponta na página, puncionando o papel no último golpe furioso. Recuei e olhei para o rabisco preto, pontiagudo:

*Jekyll,
por favor!*

Lentamente, olhei para a caneta em minha mão, minha mão esquerda.

Eu conhecia de cor esse rabisco pontiagudo mordaz.

Se te ocultas e brinco de te procurar.

As cartas de tarô da cartomante: o Mago, o Enforcado, o Diabo.

Todas são você.

Eu estava balançando a cabeça, uma asfixia sufocante na garganta, como se estivesse prestes a gritar ou a gargalhar, ou os dois. Soltei a caneta, que rolou de meus dedos para o mata-borrão, e dei um passo para trás, tapando a boca com a mão. Olhei para meus pés, quase esperando encontrar o chão como um painel de vidro e o mundo de sombra refletido de cabeça para baixo sob ele, meu próprio duplo demoníaco se originando de minhas solas, suas pupilas se dilatando e o preto acima de sua mão batendo em sua própria boca, zombando do meu horror. Ocultar e Procurar. Hide e Seek.

Mrs. Deaker estava certa.

O senhor fez isso a si mesmo, Mr. Hyde.

Mais tarde naquela manhã, Jekyll estava ao lado da escrivadinha. Ele havia esperado horas para se aproximar do livro de Darwin. Como se não soubesse o que eu tinha feito com ele, ou não se importasse. Mas seu coração batia forte quando encarou a página aberta. Estendeu a mão e, com a ponta dos dedos, traçou o contorno marcado das letras, assim como fez com a primeira carta, como se estivesse lendo Braille.

Ele sabia, desde o princípio. Jekyll podia ler o que eu não podia. Dissera isso a Utterson: *é como se Hyde estivesse se fragmentando*. Ele sabia que não estávamos a sós.

*Jekyll,
por favor!*

Por favor? O que achei que ele poderia fazer? Jekyll queria que isto acontecesse. Queria ver isto acontecer. *Não existe cura*, dissera ele. *Está no sistema. Só se pode ficar admirado com tudo, com sua multiplicidade destrutiva.*

Os olhos dele estavam embaçados. Estendeu a mão e fechou o livro com força. Jekyll quase se virou, mas depois pegou o volume da escrivadinha e o levou ao penico no canto mais distante, ao lado do retrato de papai. Deixou o livro cair no penico, então se virou e desabotoou a calça, agachou-se e fez força em uma onda dolorosa e seca de movimento. Ficou de pé e olhou atônito para o livro sujo. Papai assistia do

quadro na parede. Jekyll abotoou a calça e olhou para cima, encontrando o olhar aprisionado dele. Respirou fundo, como se estivesse prestes a gritar algo, então ficou de pé e agarrou a moldura de madeira torneada. Inclinou o rosto em direção ao de papai, até que suas testas quase se tocassem, os olhos ficando a dois centímetros de distância, e, com um gemido, recuou, arrancando o retrato da parede — um puxão, então um estalo do fio, e ele cambaleou para trás com a peça pesada. Levantou o quadro acima da cabeça e bateu com ele na mesa com o som de algo se estilhaçando. Jekyll bateu novamente; a moldura estalou e a lona se esticou. Ele jogou o quadro no chão e pisou, e pisou, rugindo algo que eu não conseguia entender, a saliva voando de nossos lábios enquanto saltávamos como um macaco, esfregando nosso calcanhar no rosto de papai e sentindo a tela rasgar enquanto a raspávamos nas tábuas do assoalho. Recolhemos a peça quebrada e a arrastamos para o fogão; começamos a despedaçá-la e alimentamos as brasas com os pedaços, enrolando a tela e a enfiando no inferno, observando a tinta levantar bolhas e sibilar. Levei a mão até a boca e, então, olhei para ela. Uma lasca de madeira estava enterrada na carne da palma, como uma chaga.

Jekyll escreveria mais tarde que minhas marcas foram autoinfligidas. *Que fiz gestos desarticulados e simiescos, rabiscando blasfêmias nas páginas de meus livros, violando o retrato de papai.* E, quando escreveu essas palavras, parecia acreditar totalmente que essa versão dos acontecimentos era verdadeira. Ele tinha de acreditar. Jekyll ia morrer. E parecia que ele não queria encarar o que havia feito. Não queria mais saber a verdade, e não queria que ninguém soubesse também. Começou a escrever seu *Depoimento completo sobre o caso* quando ainda havia, talvez, dez doses no frasco. Jekyll conseguiu fazê-las durar uma semana. Começou o documento no meio da noite, depois de dar voltas na mesa por horas, como se estivesse se preparando para isso. Por fim, sentou-se à escrivaninha, dispôs uma folha de papel em branco diante de si e desatarraxou com cuidado a tampa da caneta-tinteiro de papai.

Nasci em 1835, começou ele, em uma família abastada, dotado de um físico excelente, inclinado ao trabalho por natureza, afeiçoado ao respeito pelo saber e benquisto entre meus pares, e assim, como seria de se supor, com todas as garantias de ter um futuro distinto e ilustre. Acompanhei esta confissão peculiar que se avolumava sobre a página nesse estilo rebuscado e dissimulado, nada admitindo, nada confessando, exceto um *desejo imperioso de andar de cabeça erguida e assumir em público um*

semblante de gravidade maior que o de outros homens. Após três horas debruçado na escrivaninha, ele ergueu o olhar, prestando atenção. Jekyll puxou a gaveta de baixo, abriu-a e retirou de lá uma pilha empoeirada de arquivos esquecidos, inseriu o dedo em um orifício oculto na madeira e removeu o fundo falso. No cofre formado no espaço abaixo, armazenou as páginas escritas e amassadas, então encaixou o fundo falso de volta e colocou os arquivos na gaveta novamente. Eu mal podia acreditar. Jekyll estava ocultando isso de mim. Ele ficara louco? Realmente achava que eu não podia ler cada palavra que escrevera? Mas o ritual bizarro continuou ao longo desta semana final. Discretamente, ele removia o fundo falso, extraía a pilha crescente de páginas e escrevia durante várias horas, antes de dobrar o documento e guardar de volta no esconderijo. Era nossa história, *das duas naturezas que duelavam no campo de minha consciência. Se cada uma delas, escreveu, pudesse ser alojada em identidades separadas, a vida seria aliviada de tudo o que era insuportável.* E mesmo assim era tudo uma bobagem abstrusa e enganosa. Não havia nada sobre papai ou nossa infância. Nada sobre seu trabalho com Emile Verlainne. Nada sobre cartas, jornais, Carew, Mr. Seek, nada disso. Não havia nem mesmo menção às seringas. De acordo com sua confissão, *bebemos o soro mágico — misturei os elementos, vi-os ferver e soltar fumaça, misturados no balão de ensaio, e, quando a ebulição havia diminuído, com um brilho intenso de coragem, bebi toda a poção.*

Observei, escreveu, que, quando carregou a aparência de Edward Hyde, ninguém se aproxima de mim pela primeira vez sem um receio visível em suas entranhas. Isto, considero, ocorre porque todos os seres humanos, quando os conhecemos, são uma mescla do bem e do mal: e Edward Hyde, figura única entre as diversas classes de seres humanos, era pura maldade. Pura maldade! Eu! Seus protestos foram se tornando pateticamente transparentes: *Era Hyde, afinal de contas, somente Hyde, o culpado por tudo.* Eu era o diabo, era *aquele filho do Inferno que não tinha nada de humano; nada vivia em seu interior além de medo e ódio.* Eu era *desprezado e sem amigos.* Jekyll tinha de dizer essas coisas, eu dizia a mim mesmo, tinha de inverter tudo contra mim, insistir que era eu e *somente eu* que havia nos destruído. Precisava se iludir antes de morrer. E não demoraria muito. O conteúdo da garrafa tampada com uma rolha era drenado, dia a dia, como a areia de uma ampulheta. Eu não conhecia mais este pobre coitado paranoico que resmungava, desesperado, que havia parado de se barbear e de aparar as unhas, que mantinha o espelho longo voltado para a parede para não se ver, que chorava, que se enrolava sobre a mesa à noite como um homem

no colchão de palha de sua cela de execução, fechada com barras e fria. *Os poderes de Hyde*, escreveu ele, *pareciam se agigantar com o enfraquecimento de Jekyll. E certamente o ódio que agora os dividia era igual em ambos os lados. Ódio?* Eu não o odiava. Eu tinha pena dele. Por sua própria condição incurável, desejei vê-lo morto. Desejei que nós estivéssemos mortos. Com o coração partido, injetei a última dose do pó em meu braço definhado na madrugada. Tossindo, tremendo, Jekyll se arrastou para sua mesa e rabiscou a página final de sua confissão. A caneta-tinteiro de nosso pai estava quase seca, e seus garranchos ficaram cada vez mais fracos, enquanto ele forçava as últimas gotas daquele sangue negro:

Hyde morrerá na cadafalso? Ou encontrará coragem para se libertar no último instante? Só Deus sabe dizer; isto não me afeta mais; cheguei ao ponto final de minha existência, e o que virá a seguir é problema de outrem, não meu. Agora, ao largar a pena e lacrar minha confissão, ponho um fim à vida deste infeliz Henry Jekyll.

Estou de pé sobre a escrivaninha, sobre o envelope branco apoiado na luminária de cúpula abobadada. Está vendo? Jekyll, seu lunático, você vê? Não destruí a carta nem toquei nela. Deixei absolutamente intato seu precioso manifesto, seu testamento revisado, com o nome de Utterson no lugar do meu. Não encostei um único dedo sujo nele. Seu amigo perceberá todas as suas mentiras, e terá sido em vão você ter iludido a si mesmo e me caluniado, logo eu, que nunca quis nada além de servi-lo, de protegê-lo!

Mal sinto minha mão ao meu lado, pesada com sangue. E, ainda assim, estranhamente, acho que ela está se levantando, magnetizada, em direção ao envelope. Tento resistir um pouco antes que meus dedos se fechem em torno do papel grosso, e me contraio, como se esperasse que o contato fosse queimar minha carne, como em um batismo de fogo. Mas o envelope se ergue livremente da mesa em minha mão, as páginas presas estalando levemente lá dentro. Passo a língua por meus lábios, o coração batendo forte. Então, viro o envelope ao contrário, para a aba, no verso.

*hide hide hidehide hide hide
hide hide hide hide hide hide hide hide hide hide hide hide hide hide hide hide hide
hide hide hide hide hide hide hide*

As aranhas de tinta arranham para trás e para a frente, para cima e para baixo nos limites, encontrando-se e rastejando umas sobre as outras; eu largo o envelope sobre a escrivania, dou um passo para trás cambaleando. Impossível. Impossível! Contudo, estou rindo incontrolavelmente enquanto balanço a cabeça em negação, um sorriso amarelo como um esgar de reconhecimento. Ele esteve aqui o tempo todo. Observando, aguardando. Ocultar e Procurar, Hide e Seek. O Enforcado e o Diabo, juntos no fim. Tropeço na mesa atrás de mim, batendo o quadril, que dispara uma dor excruciante que sobe pela lateral de meu corpo. Eu me viro para contemplar o ajuntamento azul-escuro nas janelas. Tão escuro! Aonde foi parar o dia? Arrastome ao redor da mesa e olho para fora, para o céu nublado, chamas azul-royal com uma lua crescente em suas costas retalhadas. Como já é noite? Por que não vieram atrás de mim?

Com essa deixa, escuto algo e enrijeço: um guincho metálico característico atravessa o pátio. A porta do jardim de inverno. Agora o som do cascalho. Eu me abaixo e espremo o rosto no vidro, e vejo o par de sombras altas, caminhando em minha direção, uma atrás da outra, antes que desapareçam de minha visão. Fico de pé, todo o gabinete ondulando com minha pulsação. Chegou a hora. Graças a Deus, estão aqui. Minha mão desliza para o interior do bolso, procurando. Mergulho a mão no outro bolso. Vazio. O frasco, estava... estava aqui. Meus olhos se arregalam. O cianeto. Ele levou. Seek. Ele o escondeu. Minha rota de fuga. Lá de baixo, vem a lufada de ar e o ruído da porta do laboratório e, então, o par de passos marchando nas tábuas da sala de dissecação. Fico paralisado junto às janelas. Há um silêncio quando fazem uma pausa ao pé da escada. Então começam a subir: um passo curto ecoando nos velhos degraus curvados. A fresta debaixo da porta reluz com uma chama de vela tremulando.

Uma batida no batente da porta. Senhor?, diz Poole com a voz abafada. Senhor? Dr. Jekyll?

Não consigo respirar.

Dr. Jekyll? Mr. Utterson está aqui para vê-lo, senhor.

Fecho os olhos.

Dr. Jekyll!, exclama Poole como uma ameaça, e, de repente, grito: *Não posso vê-lo!*

Minha resposta ressoa no ar quando arquejo, surpreso. Soou quase como Jekyll, de fato. No silêncio incômodo, observo a fresta cintilante sob a porta, esperando o

golpe do machado. Então, Poole diz: Obrigado, senhor, muito bom. Os passos curtos descem; a fresta sob a porta volta a ficar escura enquanto atravessam o chão da sala de dissecação, e escuto o cascalho no pátio.

Claro que não consegui enganá-los. Percebi aquele tom triunfante na voz de Poole. Eles estão no Casarão agora, planejando o ataque. A tomada do gabinete! Onde está o frasco? Preciso do cianeto, não posso deixá-los me levar daqui vivo. Não posso deixar isto continuar! Seek! Há apenas aquele silêncio sufocado, o diabo tapando a boca com uma das mãos, contendo sua alegria. Ele quer me ver arrastado daqui vivo, exposto publicamente e punido. É o que queria desde o começo. O que Jekyll queria, no fundo de seu coração, o tempo inteiro. Ser descoberto. Despido. Mortificado. Limpo pelo flagelo. Ó Deus, o que ele fez com o frasco? Preciso saber onde está, a informação está em minha cabeça! Onde eu o teria escondido? Na escrivaninha de Jekyll, arranco a gaveta inferior, puxando o fundo falso. O espaço está vazio. Vasculho os papéis na gaveta de cima e a fecho com violência. No armário envidraçado, arranco cada gaveta, uma por vez — nada, nada. Busco nas prateleiras, reviro um suporte de frascos de vidro barulhentos, todos vazios. Corro para o guarda-roupa, escancarando as portas. Ficarei repetindo esta epopeia em um ciclo infernal? Puxo a gaveta do guarda-roupa e, irritado, fecho-a com força novamente. Fico de pé, ofegante, diante do fundo de madeira do espelho oval, voltado para a parede; seguro a parte superior e giro o espelho para a frente. Com barba, pálido, esfomeado, olhos loucos, encaro o nervo repuxando na cova cheia de veias do globo. Minha cabeça vibra com um som de moscas errantes. Estendo a mão para tocar o vidro, o ponto que pulsava sob minha pele. Então meu olhar baixa para a parede atrás da moldura do espelho. O estojo de couro preto do violino, inclinado atrás do roupeiro. Sim. Sinto o reconhecimento emanar do meio de minhas pernas. *Sim*. Vou até a parte de trás do espelho, pego o estojo pela ponta e o puxo para fora deslizando, com uma melodia de cordas soando lá dentro. Minha pálpebra treme mais rápido, e sinto minha órbita ser perfurada por dentro quando arremesso o estojo em cima da mesa, solto as presilhas, destravo o fecho e abro a tampa.

O instrumento está despedaçado. Como se tivesse sido segurado pela garganta e estrangulado, o corpo de bronze envernizado está amassado, o tampo lascado, revelando as entranhas grosseiras, sem verniz. O espelho de ébano em uma posição irregular, uma fratura composta, e o estandarte quebrou e se soltou; as cordas estão enroladas em um emaranhado ruidoso. O colo foi quebrado como o pescoço torcido

de uma ave, e as cravelhas estão torcidas para o lado. O arco de madeira está em seu leito de morte de veludo azul. Ajeito as cordas enoveladas, tocando uma ressonância áspera conforme meus dedos deslizam em direção ao topo e param na aba do compartimento onde o breu é guardado. Ah, por favor. Ó Jekyll. Levanto a aba. Aninhado na lateral do nicho está o frasco, ainda cheio com minha salvação.

Pressionei-o contra meus lábios, engolindo um soluço de riso. Uma dor lancinante nos olhos — ah, ele está furioso! —, mas contraio a pálpebra com força e vou coxeando até as janelas. Empurro a do meio para abri-la e coloco a cabeça para fora, na noite azul-escura e apressada. Gotículas de chuva respingam em meu rosto, mantos de nuvens correm sobre a lua falciforme. Quero gritar em um desafio vitorioso — Eu venci! Eu venci! Mas escuto um som, e me viro. Passos sobre o cascalho, movendo-se rapidamente e com agilidade. Uma sombra esguia desliza ao longo da parede traseira e desaparece no beco. Capto um vislumbre cobreado antes que ela desapareça. Bradshaw. Volto para dentro, segurando o frasco o mais apertado possível sem quebrar o vidro. Muito inteligente, John, bloqueando a porta da Castle Street, a saída pelos fundos. Exceto que não usarei aquela porta. Seguro a rolha de borracha do frasco entre o nó do dedo indicador e o polegar.

Agora, ouço o ranger da porta do jardim de inverno novamente e os passos de duas pessoas atravessando o cascalho. Não me incomodo de espiar lá embaixo desta vez: Poole carregará o machado e Utterson portará outra coisa, um atizador de lareira, o pé de cabra que deixei cair. Retiro a rolha de borracha do frasco com um som suave, comemorativo, ergo até minhas narinas e aspiro: uma comichão ácida penetra os ossos de meu rosto, aquele cheiro doce de amêndoas. Arderá quando estiver descendo, queimará e soltará fumaça e sufocará enquanto queima este mundo e abre a escuridão além. Estou pronto? Estou pronto para a extinção? Como é possível que tudo continue a existir depois que eu for reduzido a nada — todas as vidas lá fora continuarão inalteradas? Com certeza *ela* sentirá, onde quer que esteja. Com certeza, apesar de todas aquelas pessoas indiferentes, Jeannie registrará o impacto de minha ausência como... como algum elemento minúsculo mas necessário removido do ar. Ela irá parar o que estiver fazendo e olhará para cima, com aquele sulco adorável, incógnito entre as sobrancelhas, e irá virar para a irmã ou para quem estiver lá a seu lado e dirá... o que ela dirá? Que elogio fúnebre farão para mim?

A porta da sala de dissecação lá embaixo se abre com um som seco, e agora eles

voltam a marchar sobre o assoalho até os degraus. A escalada é ruidosa, a fresta sob a porta preenchida outra vez pela luz amarela tremulante. Uma pausa.

Golpes no batente da porta. Harry!, grita Utterson. Harry, abra a porta! Quero vê-lo!

Fecho meu outro olho, aperto-o contra a dor lancinante. Rítmico, como se ele estivesse se lançando contra minha parede, esfaqueando com um fragmento de luz repetidas vezes, tentando escapar, entrar no corpo e me impedir de terminar tudo. Ele não está pronto. Ainda não terminou seu jogo. Minha história terrível ainda poderia continuar.

Harry!, grita Utterson. Abra esta porta ou iremos pô-la abaixo! Está me ouvindo? Arrombaremos esta maldita porta, eu prometo!

Por um último segundo, com os olhos fechados, quase posso ouvi-los, aquele outro motim de anos e anos atrás. Carlton e todos os homens batendo à porta do escritório de papai enquanto contraíamos nossos joelhos dentro do calabouço, ouvindo os sons abafados de nossa libertação, papai gritando de longe: *Hen-ryyy!* *Hen-ryyy!*

Cubro a borda do frasco com o polegar e respiro fundo para gritar: *John! Sem piedade, John! Sem piedade! Traga o machado!* Um segundo de um silêncio ondulante e, em seguida, um som esmagador que faz a porta balançar. Sim! É o machado! O machado! Está acontecendo exatamente como eu sabia que aconteceria. Nunca houve um modo de escapar. Estava escrito. Outra pancada na porta quando o machado é enterrado nela, um rangido agudo quando Poole o solta da madeira, ergue-o e golpeia outra vez: a porta se inclina e uma lasca se solta, perto da maçaneta. Sim, é isso, muito esperto, Poole. Ele está golpeando a trava; arrebentará a trava e a porta irá abrir, e eu segurarei o frasco, triunfante, em direção a eles, como um dos brindes de Jekyll. Utterson está gritando do outro lado da porta, e parece ser meu nome com cada golpe do machado — Hyde! Hyde! —, como se houvesse pessoas inocentes lá embaixo, na sala de dissecação e ele estivesse acenando o braço agitado, mandando-as correr, escapar. Uma lasca branca de madeira voa outra vez perto da trava e ergo no ar o frasco trêmulo, quase cego pela dor excruciante, furiosa. Seek! Diabo! Você perdeu, está vendo? Você perdeu! Pronto ou não, aqui vou eu! Chega de se esconder!

Ao fim!

A high-contrast, black and white graphic of a skull. The skull is rendered in a stark, almost binary style, with deep blacks and bright whites. The word "JEKYLL" is overlaid across the center of the skull in a large, bold, serif typeface. The letters are white with black outlines, making them stand out against the dark and light areas of the skull. The overall effect is dramatic and macabre.

JEKYLL

Introdução

a *O médico e o monstro* ou
O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde

A inspiração para *O médico e o monstro*, como é de conhecimento geral, veio a Stevenson em um sonho. De acordo com sua esposa, quando ela o despertou do que parecia ser um pesadelo terrível, ele disse: “Por que me acordou? Eu estava sonhando uma história apavorante.”¹

Isso foi em 1885; Stevenson tinha 35 anos. Ele já havia escrito um número considerável de histórias, poemas, ensaios e peças de teatro, incluindo seu segundo romance mais famoso, *A ilha do tesouro*. Estava a semanas de publicar um romance em que vinha trabalhando havia vários anos, e que seria, imaginava, sua obra-prima — o melodramático *Prince Otto*, que quase ninguém conhece nos dias atuais. É tentador, de fato, especular que o conjunto impressionante da espirituosa e elegante obra em prosa de Stevenson seria desconhecido pela maioria dos leitores modernos, não fosse por aquele sonho em que, pela descrição do escritor, “um homem estava sendo pressionado em um gabinete, quando tomou uma droga e se transformou em outro ser”.

Sentado na cama, fumando um cigarro após o outro como costumava fazer, Stevenson fez um rascunho do texto em três dias e depois o leu em voz alta para seu enteado e sua esposa. Fanny Stevenson o criticou muito, insistindo que ele estava perdendo a oportunidade de uma “grande alegoria moral” — nas palavras dela. O marido, petulante e incomodado com as críticas, jogou o manuscrito no fogo, seguindo os conselhos da esposa, e escreveu uma segunda versão em apenas mais três dias. Parecendo um homem possuído — como Jekyll rabiscando seu desesperado

depoimento sobre o caso —, Stevenson compôs a mais famosa parábola moral da vida moderna em menos de uma semana. “A inspiração veio a mim praticamente como um presente.”

Os sonhos são universais através da consciência humana, evocando as fantasias e as neuroses primitivas que definem nossa espécie peculiar. O sucesso extraordinário de *O médico e o monstro* pode ser relacionado não apenas a sua arte inteligente mas principalmente à conjuração de nosso fascínio mais aterrador: o horror da autotransformação. O horror não da mudança do Eu no Outro, mas da mudança do Eu em algo repulsivo e estranho que o infeliz transformado deve admitir que também é seu Eu. Tal como Gregor Samsa, que de modo relutante começa a desfrutar as escadas em patas pegajosas de inseto nas paredes e no teto, Jekyll aceita o sentimento do “impulso de boas-vindas” diante da visão de sua personalidade vulgar, oculta. Stevenson compreendeu verdadeiramente o eterno dilema da autoconsciência humana. Aqui estou “eu”, andando por aí, vestindo minha roupa, falando, interagindo com a sociedade. Mas, em algum lugar dentro desta carapaça civilizada, há outro eu, observando e avaliando toda essa postura, abrigando pensamentos que muitas vezes são contrários ao que está sendo expresso externamente. Este é o verdadeiro eu ou é ainda outra construção? E por que os impulsos do outro eu são com tanta frequência — gratificadamente — impróprios, misantropos e, de fato, autodestrutivos?

A alegoria moral a que Fanny Stevenson estava se referindo é muito clara: Jekyll é bom, Hyde é mau. As sensibilidades vitorianas não gostavam de tons de cinza; solidarizar-se com o mal não era popular do jeito que é hoje. Mas Stevenson não era o vitoriano típico, e, apesar da insistência de seus personagens na incorrigível depravação de Hyde, há leves traços de um ser humano em seus cômodos com decorações artísticas, como o serviço de chá posto no gabinete na cena final. Mais importante, se olharmos além da ênfase tendenciosa na bondade de Jekyll, veremos as ações de um homem egocêntrico, autodepreciativo e calculista, que faz menção clara a um segredo para o advogado e para o mordomo, que mente para os amigos, que coloca o pobre Hastie Lanyon em uma posição da qual não pode se recuperar, e que não deixa a si mesmo nenhuma escolha além de suicídio no fim. Jekyll não é realmente um santo, assim como Hyde não é pura maldade. A história é um véu disfarçado de verdade, visto apenas como uma metáfora simplificada da dualidade humana. Mas o sonho vive por trás dele, complexo e primitivo, a história não

contada do homem interior, do sociopata, do outro eu.

Devo ter chegado perto desse sonho. Uma manhã, há vários anos, acordei de braços e me encontrei encarando minha mão; de repente, lembrei-me da cena em *O médico e o monstro* quando Hyde inesperadamente acorda na cama de Jekyll, tendo se transformado durante a noite, e reconhece pela primeira vez a mão “magra, marcada por veias saltadas e juntas proeminentes”. Eu andava procurando um projeto e, de repente, ali estava — um presente: *Hyde*.

Ao longo dos anos, já existiram muitas adaptações de *O médico e o monstro* — peças de teatro, filmes, séries de TV, musicais estrelados por David Hasselhoff. Meu interesse não era fazer mais uma versão, mas retornar ao original, explorando as inconsistências dos personagens e elaborando um modelo psicológico convincente para explicar a queda de Jekyll para a autodestruição. O original também é um mistério de assassinato; por que Hyde mata Sir Danvers Carew? A história diz que é coincidência. Mas o assassinato é testemunhado por uma criada em uma janela do segundo andar, que reconhece Hyde, “que certa vez visitara seu patrão”. Quem é esse patrão, e por que Hyde deveria visitá-lo? Essas perguntas anseiam por respostas. Durante quase cento e trinta anos,² *O médico e o monstro* teve um lugar cativo nas prateleiras inconstantes — e muitas vezes injustas — da literatura clássica, uma permanência sem dúvida devida a essas aparentes insinuações, as alusões tentadoras de um submundo pedindo para ser descoberto.

Se os pontos da trama da história de Stevenson forem impressos em uma folha de papel vegetal e os pontos de minha própria versão forem impressos em outro, espero que os dois, colocados juntos contra a luz, sobreponham-se em uma imagem harmoniosa, ainda que com alguns conflitos. Estou profundamente agradecido a Robert Louis Stevenson, romântico, boêmio, aventureiro, cheio de estilo e alma companheira, pelo uso de sua trama assombrosa e seu sonho fantástico, que pertencem, no fim das contas, a todos nós.

Notas:

1. As citações de Robert Louis Stevenson e Fanny Stevenson nesta introdução foram tiradas da biografia escrita por Claire Harman, *Myself and the Other Fellow: A Life of Robert Louis Stevenson* (Nova York: Harper Perennial, 2005).
2. Esta tradução é publicada no aniversário de 130 anos da publicação de *O médico e*

o monstro ou *O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde.* (N. do E.)

ROBERT LOUIS STEVENSON

O MÉDICO E O MONSTRO
OU
O ESTRANHO CASO DE
DR. JEKYLL E MR. HYDE

A história da porta

Mr. Utterson, o advogado, era um homem de semblante fechado, que nunca se iluminava por um sorriso; frio, contido e de poucas palavras; não demonstrava os sentimentos; magro, longilíneo, pálido, retraído e mesmo assim encantador. Nas reuniões com amigos, e quando o vinho lhe apetecia, algo eminentemente humano iluminava seu olhar; algo que, de fato, nunca se tornava aparente em seu jeito de falar, mas que surgia não apenas naquelas indicações silenciosas de sua expressão após o jantar porém, com mais frequência e mais evidentemente, em seus atos cotidianos. Era austero; bebia gim quando estava só, para amortecer o gosto por vinhos finos; e, apesar de gostar de teatro, não punha os pés em uma plateia havia vinte anos. Mas era tolerante e compassivo com os outros; às vezes, admirava-se, quase com inveja, da forte influência dos licores envolvidos em seus atos condenáveis; e, em casos extremos, tendia mais a ajudar que a reprovar. “Tenho uma inclinação pela heresia de Caim”, costumava dizer de forma peculiar: “Deixo que meu irmão se perca por conta própria.” Com essa personalidade, repetidamente era seu destino ser o último conhecido respeitável e a última boa influência na vida de homens vivendo em perdição. E, para tais pessoas, quando vinham a seus aposentos, ele nunca revelava nenhuma sombra de mudança no comportamento.

Sem dúvida, tal feito não era difícil para Mr. Utterson; pois era reservado ao extremo, e até mesmo sua amizade parecia ser fundamentada em uma natureza bondosa que se estendia a todos. É parte do caráter de um homem modesto aceitar seu círculo de amizades como é apresentado pelas mãos da oportunidade; e essa era a postura do advogado. Os amigos eram os de seu próprio sangue ou aqueles que conhecia havia muito; as afeições, como hera, cresciam com o passar do tempo, sem exigir nada em troca. Isso sem dúvida explicava o vínculo que o unia a Mr. Richard

Enfield, seu parente distante, um homem notório na cidade. Era um enigma para muitos o que esses dois viam um no outro ou que assunto poderiam ter em comum. Aqueles que os encontravam em seus passeios dominicais diziam que eles permaneciam calados, pareciam singularmente entediados e saudavam com evidente alívio o surgimento de um amigo. Não obstante, os dois homens tinham imensa consideração por esses passeios, classificando-os como a joia mais preciosa de cada semana, e não só deixavam de lado outros eventos sociais, como resistiam até a emergências de trabalho, para que os passeios ocorressem com regularidade.

Foi em uma dessas ocasiões que acabaram caminhando por uma ruela em um trecho movimentado de Londres. A via era estreita e poderia ser chamada de tranqüila, mas abrigava um comércio próspero nos dias de semana. Os moradores da área eram muito bem-sucedidos, ao que parecia, e todos aspiravam a prosperar ainda mais, dedicando o excedente de seus lucros em faceirice; assim, as vitrines das lojas daquela rua tinham um ar bastante convidativo, como se fossem fileiras de vendedoras sorridentes. Mesmo aos domingos, quando encobria seus encantos mais belos e ficava praticamente sem movimento, a rua brilhava em contraste com a vizinhança imunda, como um incêndio na floresta; e, com persianas recém-pintadas, metais bem-polidos, limpeza geral e alegria vibrante, atraía e agradava imediatamente os olhares dos transeuntes.

A duas casas de uma esquina, à esquerda de quem segue para leste, a fileira de lojas era interrompida pelo acesso a um pátio; nesse ponto, havia uma construção sinistra, cujo gablete avançava sobre a rua. Tinha dois andares; sem janelas aparentes, nada além de uma porta no andar inferior e uma fachada contínua, a parede com tinta desbotada no andar superior; e revelava em cada característica as marcas da negligência prolongada e obscena. A porta, sem sineta nem aldrava, tinha bolhas na pintura e a tinta descascada. Vagabundos se assentaram na área e acendiam fósforos nas almofadas da porta; crianças vendiam mercadorias nos degraus; um garoto havia arranhado as cornijas com sua faca; e, por quase uma geração, ninguém aparecera para afugentar esses visitantes esporádicos ou para reparar seus estragos.

Mr. Enfield e o advogado estavam do outro lado da rua; mas, quando se depararam com a entrada, Enfield ergueu a bengala e apontou.

— Já reparou naquela porta? — perguntou; e seu companheiro respondeu afirmativamente. — Em minha mente, ela está relacionada a uma história muito

estranha — acrescentou ele.

— É mesmo? — disse Mr. Utterson, com uma leve mudança no tom de voz. — Qual história?

— Bem, foi assim — prosseguiu Mr. Enfield. — Eu voltava para casa, vindo de algum lugar no fim do mundo, por volta das três da manhã, em uma madrugada escura de inverno, e meu trajeto passava por uma parte da cidade onde não havia nada a ser visto, exceto os lampiões. Rua após rua, e a cidade inteira dormindo; rua após rua, tudo iluminado como se uma procissão fosse passar, mas vazio como uma igreja; até que, por fim, entrei naquele estado de espírito em que um homem aguça os sentidos e começa a desejar avistar um policial. De repente, vi dois vultos: um homem baixinho caminhando para leste, a passos firmes, e uma garota, de talvez 8 ou 10 anos, correndo o mais rápido possível ao descer uma rua transversal. Bem, senhor, naturalmente os dois acabaram dando um encontrão na esquina; e então veio a parte terrível da história; pois o homem pisou na criança calmamente e a deixou gritando no chão. Contando, pode não parecer grande coisa, mas a cena foi infernal. Ele não agia como um cavalheiro; mas como um maldito carro de Jagrená. Gritei para que parasse, corri atrás dele, e o agarrei pelo colarinho, trazendo-o de volta até onde já havia se formado um grupo de pessoas ao redor da criança que chorava. Ele estava impassível e calmo, e não impôs resistência, mas me dirigiu um olhar tão assustador que senti o suor escorrendo em minhas costas. As pessoas que se aglomeravam eram familiares da menina; e, pouco depois, o médico, a quem ela havia ido procurar, deu o ar de sua graça. Bem, a menina não tinha se machucado tanto, parecia mais assustada, de acordo com o tal médico; e eu achava que tudo fosse acabar ali. Mas houve um fato curioso. Senti repugnância por aquele cavalheiro à primeira vista. Os familiares da criança sentiram o mesmo, o que era até natural. Mas a reação do médico me impressionou. Ele era o típico escolápio rígido, sem idade nem cor determinadas, com um forte sotaque de Edimburgo e tão emotivo quanto uma gaita de fole. Bem, senhor, ele estava como o restante de nós; toda vez que olhava para meu prisioneiro, notava que o escolápio empalidecia e ficava enojado, com desejo de matá-lo. Eu sabia o que passava em sua mente, e ele sabia o que passava na minha; mas, como matar estava fora de questão, ficamos com a segunda melhor opção. Dissemos ao homem que poderíamos e faríamos tamanho escândalo que seu nome ficaria manchado de um extremo ao outro de Londres. Se ele tivesse algum amigo ou qualquer crédito, iríamos nos empenhar para

que o perdesse. E, o tempo inteiro, enquanto controlávamos a situação, mantínhamos as mulheres afastadas dele ao máximo, pois elas estavam indóceis como harpias. Nunca vi um grupo de rostos com tanto ódio; e lá estava o homem, no centro, com uma espécie de frieza zombeteira e sombria. Assustado também, era possível notar, mas encarando a situação, senhor, realmente como um demônio. “Se os senhores pretendem tirar proveito deste acidente, naturalmente não tenho como reagir. Nenhum cavalheiro quer se envolver em um escândalo”, disse ele. “Digam quanto querem.” Bem, chegamos à quantia de cem libras, que seriam dadas à família da criança; ficou evidente que o homem gostaria de se safar; mas nosso grupo estava disposto a pôr a história em pratos limpos, e por fim ele cedeu. O passo seguinte era conseguir o dinheiro; e imagine aonde ele nos levou? Àquela casa com a porta. Puxou uma chave, entrou e em breve voltou com cerca de dez libras em ouro e um cheque para ser descontado no Banco Coutts, ao portador e assinado com um nome que mal consigo repetir, apesar de ser um dos pontos altos de minha história, mas ao menos era um nome bastante conhecido e que lemos com frequência nas colunas sociais. O valor era alto; mas a assinatura, sendo genuína, garantiria até somas maiores. Tomei a liberdade de informar ao cavalheiro que toda aquela situação me parecia muito suspeita, e que, na vida real, um homem não entra pela porta de um depósito, às quatro da manhã, e sai com um cheque que não lhe pertence, no valor de quase cem libras. Mas ele estava tranquilo e com um sorriso irônico. “Não se preocupem. Ficarei com os senhores até o banco abrir, e eu mesmo descontarei o cheque”, disse. Assim, fomos dali o médico, o pai da menina, nosso amigo e eu, e passamos o restante da noite em meus aposentos; e, no dia seguinte, após fazermos o jejum, fomos juntos ao banco. Eu mesmo apresentei o cheque e disse que tinha todos os motivos do mundo para acreditar que fosse falso. Ledo engano. O cheque era genuíno.

— Tsc-tsc — disse Mr. Utterson.

— Noto que sente o mesmo que eu — observou Mr. Enfield. — Sim, é uma história intragável. Pois o cavalheiro era um sujeito com quem ninguém se relacionaria, um homem realmente condenável; e a pessoa que emitiu o cheque pertence à nata da sociedade, é uma figura célebre e, para piorar a situação, alguém de seu círculo de amigos, conhecido por sua filantropia. Chantagem, suponho; um homem honesto pagando com juros por alguns dos arroubos da juventude. Por esta razão, chamo aquele lugar com a porta de Mansão da Chantagem. Porém, se foi

mesmo isso que ocorreu, ainda não é suficiente para explicar tudo — acrescentou, e com essas palavras mergulhou em um estado de profunda reflexão.

E retomou a consciência quando Mr. Utterson subitamente perguntou:

— Você sabe se o emissor do cheque vive nesse lugar?

— Seria de se esperar, não? — respondeu Mr. Enfield. — Mas, por acaso, observei o endereço no cheque; ele mora em alguma praça que não lembro.

— E você nunca perguntou sobre o... lugar com a porta? — quis saber Mr. Utterson.

— Não senhor: fui discreto. Não é de meu feitio ficar fazendo perguntas; parece demais com o que se espera do Dia do Juízo Final. Lança-se uma pergunta, e é como se uma pedra fosse atirada. Senta-se calmamente no alto de uma colina; e a pedra desce morro abaixo, e outras pedras rolam junto; e então aquele sujeito velho e gentil, o último ser em que se teria pensado, leva uma pedrada na cabeça em seu próprio quintal, e a família tem de mudar de nome. Não senhor, esta é a regra de minha vida: quanto mais excentricidade parece haver na vida de uma pessoa, menos perguntas faço.

— De fato, uma excelente regra — comentou o advogado.

— Mas tenho sondado o lugar, por curiosidade — continuou Mr. Enfield. — Não parece uma moradia. Não há outras portas, e ninguém entra nem sai, exceto, muito de vez em quando, o cavalheiro de minha aventura. Há três janelas com vista para o pátio no primeiro andar; nenhuma abaixo; as janelas estão sempre fechadas, mas são limpas. E há uma chaminé que geralmente solta fumaça; então, alguém deve morar lá. E, mesmo assim, não tenho certeza absoluta. As construções são tão próximas em torno do pátio que é difícil dizer onde termina uma e começa outra.

A dupla seguiu outra vez por um tempo em silêncio; e então:

— Enfield — disse Mr. Utterson —, essa sua regra é mesmo excelente.

— Sim, acredito que seja — replicou ele.

— Mas, de tudo isso — continuou o advogado —, há um ponto que desejo esclarecer: quero saber o nome do homem que pisou na menina.

— Bem — disse Mr. Enfield —, não vejo problema algum em dizer. O nome do homem é Hyde.

— Humm — disse Mr. Utterson. — E como era a aparência desse homem?

— Ele não é fácil de descrever. Há algo estranho em suas feições; algo desagradável, absolutamente detestável. Nunca vi um homem que eu desgostasse

tanto, e nem sei dizer por quê. Parece ter algum tipo de deformação. Ele passa uma forte sensação de possuir alguma malformação, embora eu não seja capaz de especificá-la. É um homem de aparência impressionante, e não consigo dizer exatamente o que foge do normal. Não senhor; não sou capaz; não consigo descrevê-lo. E não é falta de memória, pois sou capaz de visualizar o rosto dele diante de meus olhos neste exato instante.

Mr. Utterson andou mais um pouco em silêncio, obviamente sob o peso de profundas considerações.

— Tem certeza de que ele tinha uma chave? — perguntou, por fim.

— Meu caro... — começou Enfield, surpreso com a pergunta.

— Sim, eu sei — disse Utterson. — Sei que deve parecer estranho. O fato é que, se eu não peço o nome da outra pessoa, é porque já sei quem é. Veja, Richard, sua história voltou ao ponto de partida. Se houve qualquer imprecisão em algum trecho, é melhor corrigir agora.

— Acho que você poderia ter me avisado — retrucou o outro com um toque de amargura na voz. — Mas precisei os mínimos detalhes, como se costuma dizer. O sujeito tinha uma chave; e, além do mais, ainda está em seu poder. Eu o vi usá-la há menos de uma semana.

Mr. Utterson suspirou profundamente, mas não disse uma palavra; então o jovem retomou a palavra.

— Eis aqui mais uma lição sobre o valor do silêncio. Estou envergonhado por ter falado demais. Vamos combinar uma coisa: nunca mais voltaremos a falar desse assunto.

— Do fundo de meu coração — disse o advogado. — Estou plenamente de acordo, Richard.

A procura de Mr. Hyde

Naquela noite, Mr. Utterson chegou à sua casa de solteiro em um humor sombrio e se sentou para jantar sem entusiasmo. Era seu costume dominical, após terminar a ceia, acomodar-se perto da lareira, com um livro de teologia sobre a escrivaninha, até que o relógio da igreja vizinha desse a décima segunda badalada, quando ele, solenemente e de bom grado, recolhia-se ao leito. Nesta noite, no entanto, assim que a mesa foi retirada, Mr. Utterson pegou uma vela e se dirigiu ao escritório. Lá, abriu o cofre, tirou de um compartimento oculto um documento identificado no envelope como Testamento do Dr. Jekyll, e se sentou com o cenho franzido para analisar o conteúdo. Fora escrito por Jekyll, de próprio punho, pois Mr. Utterson, embora tivesse aceitado ser o testamenteiro, recusara-se a prestar qualquer assistência durante sua confecção. Além de estabelecer que, no caso da morte de Henry Jekyll, doutor em medicina, doutor em direito, médico emérito, membro da Royal Society etc., todos os seus bens passariam para as mãos do “amigo e benfeitor Edward Hyde”, o documento também determinava que, no caso de “desaparecimento ou ausência não explicada do Dr. Jekyll por um período superior a três meses”, o referido Edward Hyde deveria assumir os bens de Henry Jekyll sem delongas e livre de qualquer ônus ou obrigação, além do pagamento de uma pequena quantia aos empregados domésticos do médico. Este documento era extremamente incômodo para o advogado. Era um insulto tanto a ele enquanto advogado quanto como amante dos aspectos sãos e convencionais da vida, a quem a extravagância era tida como falsa modéstia. E, até aquele momento, o que havia alimentado sua indignação era o fato de desconhecer Mr. Hyde. Agora, por uma reviravolta, passava a ser o fato de conhecê-lo. Já era ruim o suficiente quando o nome não passava de um nome, sem mais informações. Ficou pior quando começou a ser

revestido por atributos detestáveis; e, afastando as brumas inconstantes, insubstanciais, que por tanto tempo dificultaram sua visão, surgiu a imagem súbita, nítida, de um demônio.

— Pensei que fosse insanidade — disse ele, enquanto guardava novamente o documento repulsivo no cofre —, e agora começo a temer que seja ignomínia.

Em seguida, apagou a vela, vestiu um casaco e partiu em direção à Cavendish Square, área de grande concentração de médicos renomados, onde seu amigo, o grande Dr. Lanyon, residia e atendia sua vasta clientela. “Se existe alguém que sabe, esse alguém é Lanyon”, pensara.

O solene mordomo já o conhecia e o recebeu com presteza; sem demora, foi encaminhado da porta para a sala onde o Dr. Lanyon estava sentado sozinho com seu cálice de vinho. Era um cavalheiro atencioso, robusto, elegante, de rosto avermelhado, com uma mecha de cabelos precocemente grisalha e um jeito exuberante e decidido. Ao ver Mr. Utterson, saltou da cadeira e o cumprimentou com ambas as mãos. A afabilidade, que caracterizava seu modo de ser, era um tanto teatral, mas era proveniente de sentimentos genuínos. Eram velhos amigos, colegas de longa data, tanto da escola quanto da faculdade, tinham um profundo respeito mútuo e por si mesmos, e, algo que nem sempre ocorre, apreciavam muito a companhia um do outro.

Após uma rápida conversa descompromissada, o advogado puxou o assunto que tão desagradavelmente vinha ocupando sua mente.

— Suponho, Lanyon, que sejamos os dois amigos mais velhos que Henry Jekyll tem...

— Gostaria de que fôssemos mais jovens — gracejou o Dr. Lanyon. — Mas acho que somos. E o que tem isso? Vemo-nos muito raramente agora.

— É mesmo? — disse Utterson. — Pensei que tivessem um vínculo por interesses em comum.

— Tínhamos. Mas faz mais de dez anos que Henry Jekyll se tornou estranho demais para meu gosto. Ele começou a cometer erros, a ter pensamentos equivocados; e, embora, é claro, eu continue a me interessar por ele em nome dos velhos tempos, como dizem, pouco o vejo e pouco conversamos. O homem só profere disparates nada científicos que teriam ofendido Damão e Pítias — acrescentou o médico, enrubescendo subitamente.

Essa rápida demonstração de descontentamento foi um verdadeiro alívio para

Mr. Utterson. “Suas divergências eram apenas de cunho científico”, pensou ele; e, sendo um homem de paixões nada científicas (exceto no que se referia a transferência de propriedades), ainda acrescentou: “Não deve ser nada além disso!” Esperou alguns segundos, para que o amigo recuperasse a compostura e, em seguida, abordou a questão que o levava até lá.

— Alguma vez você se encontrou com um *protégé* dele, um homem chamado Hyde?

— Hyde? — repetiu Lanyon. — Não. Nunca ouvi falar. Não é do meu tempo.

Essa foi toda a informação que o advogado levou consigo para a cama grande e escura em que passou a noite se revirando, para lá e para cá, até as primeiras horas da manhã despontarem. Foi uma madrugada de pouco descanso para sua mente turbulenta e atribulada em plena escuridão e povoada por questionamentos.

Os sinos da igreja que ficava tão convenientemente próxima da residência de Mr. Utterson badalaram as seis da manhã, e ele ainda refletia sobre o problema. Até então, somente seu lado intelectual havia sido afetado. Mas agora sua imaginação também fora comprometida, ou melhor, escravizada. E, quando se deitou e mergulhou na escuridão da noite e das cortinas do quarto, a história narrada por Mr. Enfield passou diante de seus olhos como um pergaminho de imagens iluminadas. Visualizava as fileiras de lampiões na paisagem noturna da cidade, depois o vulto de um homem andando apressadamente; em seguida, a menina que vinha correndo da casa do médico, e então os dois dando um encontrão, e aquele homem possuído por uma força maligna pisando na menina, seguindo adiante sem se incomodar com os gritos dela. Ou então via um aposento em uma mansão, onde seu amigo dormia, sonhando e sorrindo em meio aos sonhos; e então a porta do quarto se abria, o dossel era afastado, o homem adormecido era acordado, e eis que surgia ao seu lado uma figura a quem foi dado poder; mesmo naquela hora morta, o amigo precisava se levantar e se submeter às ordens do vulto desconhecido. Em ambas as cenas, tal vulto assombrou o advogado a noite inteira; se em algum momento ele conseguia cochilar, era para pressentir o vulto deslizando ainda mais furtivo e se insinuando pelas casas adormecidas, ou se movendo cada vez mais rápido, deixando-o tonto, através dos amplos labirintos da cidade iluminada por lampiões, e a cada esquina uma menina era pisada, sendo abandonada aos prantos. E a figura sequer tinha um rosto reconhecível. Mesmo em seus sonhos, ela não tinha face, ou então tinha feições assustadoras que se desmanchavam diante de seus olhos; e assim

surgia e se agigantava em ritmo acelerado na mente do advogado uma curiosidade particularmente forte, quase excessiva, uma vontade imensa de conhecer a face do verdadeiro Mr. Hyde. Se pudesse ao menos uma vez colocar os olhos no homem, então o mistério seria esclarecido e talvez fosse desvendado por completo, como era o hábito das coisas misteriosas examinadas com atenção. Ele poderia encontrar uma justificativa para a estranha preferência ou submissão (chame como quiser) de seu amigo, e até mesmo para a cláusula surpreendente incluída no testamento. Pelo menos seria um rosto que valeria a pena contemplar: o rosto de um homem sem compaixão nem misericórdia: um rosto cuja simples visão já era suficiente para despertar um intenso sentimento de ódio na mente pouco impressionável de Enfield.

Depois disso, Mr. Utterson começou a rondar a porta situada na ruela próxima à rua das lojas. Pela manhã, antes de o comércio abrir; ao meio-dia, quando as ruas fervilhavam e o tempo era curto; à noite, sob a face enevoada da cidade enluarada, com qualquer iluminação e em todas as horas, com a rua movimentada ou não, o advogado podia ser encontrado em seu posto de vigia.

“Se ele quer ser Mr. Hyde, eu serei Mr. Seek”, pensou.

E, por fim, sua paciência foi recompensada. Era uma noite seca e agradável; fazia frio; as ruas estavam limpas como a pista de um salão de baile; os lampiões, que não se abalavam com o vento, traçavam um padrão regular de luzes e sombras. Por volta das dez horas, quando as lojas já haviam fechado, a ruela estava bastante deserta e, apesar do ruído de fundo característico de Londres, muito silenciosa. Sons baixos ecoavam ao longe; os ruídos domésticos que emanavam das casas eram claramente audíveis em ambos os lados da via; e o ruído da aproximação de alguma carruagem era perceptível muito tempo antes de esta ser avistada. Mr. Utterson estava havia alguns minutos em seu posto quando ouviu passos leves e irregulares se aproximando. No transcorrer de suas patrulhas noturnas, havia muito se acostumara com o efeito singular dos passos de uma única pessoa que, mesmo distantes, repentinamente se destacam do zunido e do murmúrio da cidade. No entanto, sua atenção jamais fora captada de forma tão abrupta e definitiva; e foi com uma forte intuição supersticiosa de que seria bem-sucedido que ele se encolheu próximo à entrada do pátio.

Os passos se aproximaram rápido, e, de repente, ficaram mais altos quando dobraram a esquina. O advogado, espiando de onde estava, logo percebeu com que tipo de pessoa teria de lidar. Era um homem atarracado e com roupas simples, e sua

aparência, mesmo a alguma distância, de certo modo era bastante conflitante com a imaginação do observador. Ele se dirigiu à porta, atravessando a rua para ganhar tempo; e, conforme caminhava, foi tirando uma chave do bolso, como se estivesse em casa.

Mr. Utterson deu um passo à frente e tocou seu ombro quando o homem passou por ele.

— Mr. Hyde, correto?

Mr. Hyde se encolheu, sibilando ao inspirar. Mas seu temor foi apenas momentâneo; e, embora não encarasse o advogado, respondeu com frieza suficiente.

— Eu mesmo. O que o senhor quer?

— Noto que está entrando — afirmou o advogado. — Sou um velho amigo do Dr. Jekyll, Mr. Utterson da Gaunt Street; o senhor deve ter ouvido falar de mim. Visto que nos encontramos em uma ocasião tão conveniente, quem sabe o senhor não me convida para entrar.

— O senhor não vai encontrar o Dr. Jekyll aqui; ele não está em casa — respondeu Mr. Hyde, voltando o olhar para a chave. E, então, de repente, mas ainda sem levantar a cabeça, perguntou: — Como me reconheceu?

— De sua parte — disse Mr. Utterson —, poderia me fazer um favor?

— Com prazer — respondeu o outro. — O que deseja?

— Posso ver seu rosto? — perguntou o advogado.

Mr. Hyde pareceu hesitar, e então, como se respondesse a um reflexo repentino, encarou-o com um ar desafiador; os dois se entreolharam fixamente por alguns segundos.

— Agora poderei reconhecê-lo — disse Mr. Utterson. — Isso pode ser útil.

— Sim — concordou Mr. Hyde —, foi bom nos encontrarmos; e, *à propos*, fique também com meu endereço. — E deu um número e o nome de uma rua no Soho.

“Meu Deus do céu!”, pensou Mr. Utterson, “será que ele também anda preocupado com o testamento?” Mas guardou seus sentimentos para si e apenas resmungou um agradecimento.

— E agora — disse o outro —, como o senhor me reconheceu?

— Pela descrição.

— Quem me descreveu?

— Temos amigos em comum — afirmou Mr. Utterson.

— Amigos em comum — ecoou Mr. Hyde, um tom mais baixo. — Quem são

esses amigos?

— Jekyll, por exemplo — disse o advogado.

— Ele nunca falou de mim — conclamou Mr. Hyde, ficando vermelho de raiva.

— Não julgava que o senhor fosse um mentiroso.

— Ora — disse Mr. Utterson —, que linguajar mais inadequado.

O outro soltou uma gargalhada selvagem que mais parecia um rosnado; e, no momento seguinte, com extraordinária rapidez, já havia destrancado a porta e sumido dentro da casa.

Depois que Mr. Hyde se foi, o advogado ficou ali parado mais algum tempo, a personificação da inquietação. Então começou a subir lentamente a rua, parando a cada um ou dois passos e colocando a mão na testa como se estivesse perplexo. O problema com que se debatia durante a caminhada era do tipo raramente solucionável. Mr. Hyde era pálido e atarracado, passando uma sensação de deformidade, mas sem nenhuma malformação que pudesse ser percebida, tinha um sorriso desagradável, apresentou-se ao advogado com uma espécie de mistura ameaçadora de timidez e ousadia, e falava com uma voz rouca, sussurrada e um pouco entrecortada; todas essas características pesavam contra ele, mas nem todas juntas poderiam explicar os sentimentos inéditos de repulsa, repugnância e temor que ele despertara em Mr. Utterson.

— Tem de haver algo mais — disse o cavalheiro, perplexo. — *Há* algo mais, mesmo que não saiba determinar o quê. Que Deus me perdoe, mas esse homem tal parece humano! Um troglodita, talvez? Ou pode ser a velha história do Dr. Fell? Ou seria simplesmente a aura de uma alma deteriorada irradiando, e transfigurando, seu envoltório carnal? Acredito que o caso seja este último... Ó meu pobre velho companheiro Harry Jekyll, se alguma vez na vida vi o demônio estampado em um rosto, foi no de seu novo amigo.

Ao virar a esquina da ruela, havia um conjunto de casas antigas, imponentes, embora, em sua maioria, já deterioradas e decaídas, alugadas inteiras ou quarto a quarto, para homens de todos os tipos e condições: cartógrafos, construtores, advogados suspeitos e agentes de empresas obscuras. Uma das propriedades, no entanto, a segunda a contar da esquina, ainda era ocupada por um só proprietário; e, à porta de tal moradia, que exalava um profundo ar de riqueza e conforto, apesar de naquele momento estar mergulhada na escuridão, exceto pela luz da claraboia, Mr. Utterson parou e bateu. Um criado idoso e bem-vestido atendeu à porta.

— O Dr. Jekyll se encontra em casa, Poole? — perguntou o advogado.

— Vou verificar, Mr. Utterson — declarou Poole.

O criado o conduziu a um enorme vestíbulo confortável, com pé-direito baixo e piso revestido por ladrilhos de pedra, aquecido (como em uma casa de campo) por uma lareira aberta e brilhante, e decorado com estantes de carvalho elegantes.

— Quer esperar aqui perto do fogo, senhor? Ou prefere que eu ilumine a sala de jantar?

— Aqui está bom, obrigado — disse o advogado, aproximando-se e se encostando no guarda-fogo.

Este vestíbulo, onde fora deixado sozinho, era a menina dos olhos de seu amigo, o médico; o próprio Utterson costumava se referir ao local como a sala mais agradável de Londres. Mas, esta noite, havia agitação correndo em suas veias; o rosto de Hyde pesava em sua memória; ele se sentia (o que era raro) nauseado e aborrecido; e, na escuridão de sua alma, parecia pressentir uma ameaça na forma como a luz da lareira reluzia nos móveis polidos e a inquieta aproximação de uma sombra sobre o telhado. Utterson ficou constrangido pelo alívio que sentiu quando Poole voltou para anunciar que o Dr. Jekyll tinha saído.

— Vi Mr. Hyde entrar pela porta da velha sala de dissecação, Poole — disse ele. — Isso está correto, com o Dr. Jekyll ausente?

— Corretíssimo, Mr. Utterson, senhor — respondeu o criado. — Mr. Hyde tem uma chave.

— Seu patrão parece depositar bastante confiança no jovem, Poole — retomou o outro, com ar inquisitivo.

— Sim senhor, de fato — confirmou Poole. — Temos ordens de atender a todos os seus pedidos.

— Acredito que eu jamais tenha encontrado Mr. Hyde — comentou Utterson.

— Não senhor, jamais. Ele nunca *janta* aqui — respondeu o mordomo. — Na verdade, raramente o vemos deste lado da casa. Ele entra e sai pelo laboratório.

— Bem, boa noite, Poole.

— Boa noite, Mr. Utterson.

E o advogado voltou para casa com o coração apertado. “Pobre Harry Jekyll”, pensou ele, “imagino que esteja navegando em águas turbulentas! Levou uma vida desregrada na juventude; isso faz muito tempo, com certeza; mas as leis de Deus são eternas. Ah, deve ser isto; o fantasma de algum pecado do passado, o cancro de

algum flagelo oculto: o castigo vem, *pede clauda*, anos depois, quando a memória já nos falta, e o amor-próprio perdoou o tropeço.” E o advogado, apavorado com seus pensamentos, meditou por algum tempo sobre seu próprio passado, revirando com cuidado todos os recantos da memória, temendo que, por acaso, alguma antiga iniquidade pulasse em seu colo, como que saindo de uma caixa de surpresas. Seu passado era bastante inocente; poucos homens poderiam rever cenas de sua vida com menos apreensão; mesmo assim, sentiu-se arrasado pelas muitas coisas questionáveis que havia feito e se reergueu com uma gratidão sóbria e temente pelas muitas coisas que estivera prestes a fazer, mas acabara se refreando. E então, voltando ao assunto anterior, ele se iluminou com uma centelha de esperança. “Esse tal de Hyde, se investigado a fundo, deve ter lá seus segredos; segredos macabros, a julgar por sua aparência; segredos sombrios, que fariam os piores deslizes do pobre Jekyll parecerem claros como a luz do sol. As coisas não podem continuar como estão. Gelo só de pensar nessa criatura furtiva, como um ladrão se esgueirando ao pé da cama de Harry. Pobre Harry, que surpresa desagradável teria ao despertar! E que perigo está correndo. Se esse Hyde suspeitar da existência do testamento, ele ficará ansioso, querendo receber logo sua herança. Ah, preciso fazer algo — se ao menos Jekyll permitir”, acrescentou. “Se Jekyll me deixar agir.” Mais uma vez, Mr. Utterson vislumbrou na mente, claras como cristal, as estranhas cláusulas daquele testamento.

O Dr. Jekyll estava bastante tranquilo

Duas semanas mais tarde, por um golpe de sorte, o médico deu um de seus jantares aprazíveis para uns cinco ou seis antigos amigos, todos homens respeitáveis, cultos e conhecedores de um bom vinho; e Mr. Utterson, de forma premeditada, permaneceu na casa após os outros terem ido embora. O que não era novidade alguma: ser o último a sair já acontecera repetidas vezes. Nos círculos em que Utterson era querido, era muito querido. Os anfitriões adoravam adiar a saída do advogado austero quando os falastrões já estavam de partida; gostavam de contar com sua companhia discreta, acostumando-se à solidão que viria, permitindo que o silêncio precioso daquele homem, após o desgaste e os esforços do deleite, tornasse suas mentes mais sóbrias. Para esta regra, o Dr. Jekyll não admitia exceção; e, sentados diante da lareira — um homem corpulento, bem-apeçoado, na casa dos 50, com um ar astuto, talvez, mas com todos os traços de uma pessoa bondosa e competente —, era possível notar por seu olhar que nutria uma afeição sincera e profunda por Mr. Utterson.

— Há muito quero ter esta conversa, Jekyll — começou o último. — Podemos falar sobre seu testamento?

Um observador atento já teria notado que o tema não era de seu agrado, mas o médico encarou tudo alegremente.

— Meu pobre Utterson, que péssimo cliente estou me saindo. Nunca vi alguém ficar tão aflito quanto você com meu testamento; exceto pelo pedante e conservador Lanyon, com o que ele passou a chamar de minhas heresias científicas. Ah, sei que ele é um bom companheiro, não precisa fazer essa careta. Um excelente companheiro e sempre quis continuar a tê-lo entre meus convivas; mas não deixa de ser o mais pedante e conservador de todos; um pedante indiscutivelmente ingênuo. Nenhum

outro homem me decepcionou tanto quanto Lanyon.

— Você sabe que nunca estive de acordo — retomou Utterson, impiedosamente, ignorando o novo assunto em questão.

— Com meu testamento? Sim, certamente, sei disso — disse o médico, um pouco abruptamente. — Você já o afirmou reiteradas vezes.

— Bem, quero então dizer novamente — continuou o advogado. — Descobri algumas coisas sobre o jovem Hyde.

O rosto bonito e arredondado do Dr. Jekyll empalideceu, e até seus lábios perderam a cor, e o olhar foi encoberto por nuvens escuras.

— Estou farto deste assunto — disse ele. — Achei que já tínhamos decidido não tocar mais neste tema.

— Ouvi coisas abomináveis — continuou Utterson.

— Seja o que for, não faz diferença nenhuma. Você não entende minha posição — retrucou o médico, com certa incoerência. — Minha situação é bastante delicada, Utterson; estou em uma posição um tanto incomum. Realmente muito incomum. É um daqueles assuntos que não podem ser resolvidos apenas com uma conversa.

— Jekyll, você me conhece: sou digno de sua confiança. Confie em mim, abra seu coração, e tenho certeza de que poderei livrá-lo dessa enrascada.

— Meu bom Utterson — disse o médico —, é muita generosidade sua, muitíssima generosidade sua, e não consigo encontrar palavras para agradecer. Acredito em você piamente; confio em você mais que em qualquer pessoa do mundo, até mais que em mim mesmo, se pudesse escolher; mas a realidade não é como imagina; não é tão ruim assim; e, para acalmar seu espírito bondoso, vou contar uma coisa: posso me livrar de Mr. Hyde quando quiser. Pode acreditar; e agradeço muito por sua preocupação; e quero dizer só mais uma coisinha, Utterson, que com certeza você vai aceitar de bom grado: este assunto é sigiloso, e lhe peço para deixá-lo de lado.

Utterson refletiu um pouco, contemplando a lareira acesa.

— Tenho certeza de que você tem razão — retrucou ele, por fim, levantando-se.

— Bem, agora que encerramos esta conversa, e espero que tenha sido a última vez que tratamos desse assunto — continuou o médico —, há um ponto que quero que fique claro. Realmente, tenho profundo interesse pelo pobre Hyde. Sei que o encontrou; ele me disse; e temo que o homem tenha sido grosseiro. Mas, sinceramente, interesse-me muito, tenho profundo interesse por aquele jovem; e, se eu

partir, Utterson, gostaria que me promettesse que irá apoiá-lo e lutar pelos direitos do rapaz. Sei que concordaria comigo se conhecesse todos os fatos; e estaria tirando um peso de minhas costas se me promettesse.

— Seria falsidade minha dizer que algum dia gostarei dele — comentou o advogado.

— Não peço muito — declarou Jekyll, pousando a mão sobre o braço do amigo. — Só peço justiça; só peço que o ajude em consideração a mim, quando eu tiver partido.

Utterson deu um suspiro incontinido.

— Bem — disse ele. — Eu prometo.

O caso do assassinato de Carew

Quase um ano depois, no mês de outubro de 18—, Londres foi surpreendida por um crime de singular brutalidade, e o caso se tornou ainda mais notável pela importância da vítima. Os detalhes eram escassos e surpreendentes. Uma criada que morava sozinha em uma residência não muito longe do rio havia subido para se deitar por volta das onze da noite. Embora um nevoeiro tivesse coberto a cidade nas primeiras horas, o céu estava limpo ao anoitecer, e a travessa para onde dava a janela do quarto da criada era iluminada pelo brilho da lua cheia. A moça parecia estar tomada pelo romantismo, pois se sentou em um baú que ficava junto ao parapeito da janela e se perdeu em devaneios. Jamais (dizia ela, com lágrimas escorrendo, sempre que relembra a experiência), jamais experimentara um sentimento de tamanha paz com a humanidade ou maior amor pelo mundo. E, ali sentada, notou a presença de um cavalheiro idoso e belo, com cabelos brancos, caminhando pela travessa; e, aproximando-se dele, outro cavalheiro, muito baixinho, em quem, a princípio, ela prestou menos atenção. Quando se aproximaram o suficiente para poder conversar (o que ocorreu logo debaixo da janela da criada), o mais idoso se curvou e cumprimentou o outro com reverência e polidez. O tema da conversa não parecia ser de grande importância; de fato, pelos gestos, ficara a impressão de que apenas estivesse pedindo orientações sobre um caminho; mas a lua iluminou seu rosto enquanto falava, e a moça se alegrou ao vê-lo, pois o homem transpirava inocência e uma boa vontade à moda antiga, embora também possuísse um quê de nobreza, como se revelando uma complacência de bases sólidas. Em seguida, seu olhar se voltou para o outro, e ela ficou surpresa ao reconhecer que se tratava de um tal Mr. Hyde, que certa vez visitara seu patrão e lhe despertara uma antipatia imediata. Portava uma bengala pesada, com a qual brincava; mas não

dizia uma palavra e parecia ouvir com uma impaciência malcontida. E então, de repente, ele manifestou um surto de raiva, batendo os pés no chão com força, brandindo a bengala e agindo (conforme descreveu a criada) como alguém enlouquecido. O cavalheiro mais velho recuou um passo, aparentemente bastante surpreso e levemente melindrado; nesse momento, Mr. Hyde perdeu as estribeiras por completo, agredindo-o e jogando-o no chão. Logo depois, com uma fúria selvagem, pisou na vítima e lhe deu uma surra; a cada novo golpe era possível ouvir os ossos se quebrando, e o corpo se estrebuchava em plena via. O horror dessas imagens e ruídos foi tamanho que a criada desmaiou.

Às duas da manhã, ela voltou a si e chamou a polícia. O assassino desaparecera havia muito; mas sua vítima jazia no meio da travessa, assustadoramente desfigurada. A bengala usada na agressão, ainda que de uma madeira rara e muito dura e pesada, tinha quebrado ao meio sob a força da crueldade fria; uma metade rolara para a sarjeta mais próxima — a outra, sem dúvida, fora levada pelo assassino. Uma carteira e um relógio de ouro foram encontrados com a vítima: mas nenhum cartão pessoal nem documentos, apenas um envelope selado e lacrado, que provavelmente ia ser posto no correio e que estampava o nome e o endereço de Mr. Utterson.

O envelope chegou às mãos do advogado na manhã seguinte, antes de ele se levantar; o homem afirmou nunca o ter visto antes, e, ao ser informado dos acontecimentos, emitiu sua conclusão, com ar solene:

— Não direi nada até ter visto o corpo. A situação pode ser muito grave. Tenham a bondade de aguardar enquanto me visto.

E, com o mesmo semblante grave, ele tomou seu desjejum apressadamente e rumou para a delegacia, para onde o corpo havia sido transportado. Assim que entrou na cela, confirmou a identidade, assentindo com a cabeça.

— Sim. Sei quem é. Lamento dizer que se trata de Sir Danvers Carew.

— Santo Deus, senhor! — exclamou o oficial. — Será possível? — E, no momento seguinte, seu olhar brilhou com avidez profissional. — Este caso vai causar furor. Talvez o senhor possa nos ajudar a chegar ao culpado. — E narrou rapidamente o que a criada presenciara, mostrando o que havia restado da bengala.

Mr. Utterson já estava arrepiado só de ouvir o nome de Hyde; mas, quando lhe apresentaram o pedaço da bengala, teve certeza; mesmo quebrada e danificada, foi possível reconhecer que era a que ele dera de presente a Henry Jekyll fazia alguns

anos.

— Esse Mr. Hyde é uma pessoa de baixa estatura? — perguntou.

— Particularmente baixo e de aparência particularmente perversa, foi como a criada o descreveu — respondeu o oficial.

Mr. Utterson refletiu; e então, ao erguer a cabeça, acrescentou:

— Se vier comigo em meu cabriolé — prosseguiu —, acho que posso levá-lo à casa do suspeito.

A esta altura já era por volta das nove horas da manhã, e a cidade estava coberta pelo primeiro nevoeiro da estação. Um grupo de nuvens cor de chocolate se formava no firmamento, mas o vento soprava sem trégua, dissipando os vapores; de modo que, conforme o cabriolé avançava pelas sucessivas ruas, Mr. Utterson contemplava uma maravilhosa série de tons e matizes do crepúsculo; aqui, estava escuro, como nos confins da noite; ali, reluzia um brilho castanho intenso, lúgubre, como a luz de uma conflagração estranha; e lá, por um momento, o nevoeiro se dissipava, e um feixe irregular da luz do dia trespassava as guirlandas etéreas. O sombrio bairro do Soho, percebido sob esses vislumbres cambiantes, com vias enlameadas, transeuntes desleixados e lampiões que nunca eram apagados ou que haviam sido acesos novamente para combater essa triste incursão das trevas, parecia, aos olhos do advogado, o bairro de uma cidadela em um pesadelo. Os pensamentos que ocupavam sua mente, além disso, tinham uma tonalidade ainda mais lúgubre; e, quando olhou para o passageiro ao lado, sentiu uma fisgada do terror causado pela lei e pelos oficiais da lei, que às vezes pode assolar até o mais honesto dos homens.

Quando o cabriolé parou diante do endereço indicado, o nevoeiro se dissipara um pouco, sendo possível divisar uma rua imunda, uma taberna de aparência suspeita, um restaurante francês barato, uma loja que vendia revistas baratas e verduras passadas, diversas crianças maltrapilhas amontoadas nas portas e muitas mulheres de diferentes nacionalidades caminhando sem rumo, com chaves na mão, para beber a primeira dose do dia; e, no momento seguinte, a névoa desceu novamente sobre a região, colorindo o ar com um tom amarronzado e preservando-o do entorno nauseante. Esta era a casa do favorito de Henry Jekyll; de um homem indicado para ser o herdeiro de um quarto de milhão de libras esterlinas.

Uma senhora idosa, de cabelos prateados e face cor de marfim, atendeu à porta. Tinha um rosto malévolo, suavizado pela hipocrisia; mas seus modos eram

excelentes. Sim, disse ela, ali era a casa de Mr. Hyde, mas ele havia saído; voltara muito tarde naquela noite, porém partira novamente menos de uma hora depois; não havia nada de estranho nessa atitude; seus hábitos eram muito irregulares, e ele se ausentava com frequência; por exemplo, sem contar a noite anterior, ela ficara sem vê-lo por quase dois meses.

— Muito bem, então, desejamos ver os aposentos dele — disse o advogado; e, quando a mulher fez menção de dizer que seria impossível, acrescentou: — Acho conveniente lhe informar quem é este senhor. É o inspetor Newcomen, da Scotland Yard.

Um lampejo de júbilo odioso iluminou o rosto da mulher.

— Ah! — disse ela. — Ele se meteu em uma enrascada! O que fez?

Mr. Utterson e o inspetor trocaram olhares.

— Ele não parece ser uma figura muito admirada — observou o último. — E agora, minha boa senhora, deixe que eu e este cavalheiro olhemos o interior da casa.

Com exceção da velha senhora, o restante da residência estava vazio, e Mr. Hyde ocupara apenas dois cômodos; mas estes estavam decorados com luxo e bom gosto. Uma pequena adega repleta de vinhos; talheres de prata, jogos de mesa elegantes; um belo quadro pendurado na parede, um presente (conforme Utterson supunha) de Henry Jekyll, que era um grande *connaisseur*; e tapetes macios de tons suaves. Naquele momento, no entanto, os quartos revelavam marcas de terem sido revirados recentemente e por mãos apressadas; havia roupas espalhadas pelo chão, com os bolsos puxados para fora; gavetas com travas estavam escancaradas; e, na lareira, havia montes de cinzas pálidas, como se muitos papéis tivessem sido queimados. Dessas brasas, o inspetor desenterrou fragmentos de um talão de cheques verde que resistiram à ação do fogo; a outra metade da bengala foi encontrada atrás da porta; e, como isso confirmava suas suspeitas, o oficial afirmou estar satisfeito com a busca. Uma ida ao banco, onde se descobriu que vários milhares de libras estavam disponíveis na conta do assassino, completou sua satisfação.

— Tenha certeza, senhor — disse a Mr. Utterson. — Ele está em minhas mãos. Deve ter perdido a cabeça, ou nunca teria deixado a bengala para trás e muito menos queimaria o talão de cheques. Ora, o dinheiro é tudo para esse homem. Não precisamos fazer mais nada, apenas esperá-lo no banco e distribuir cartazes de “Procurado”.

Estes últimos, no entanto, não eram tão fáceis de se produzir; pois Mr. Hyde não conhecia muitas pessoas — até mesmo o patrão da criada que havia testemunhado o assassinato só vira Hyde duas vezes; sua família não foi localizada; nunca fora feito um retrato de seu rosto; e as poucas pessoas que conseguiam descrevê-lo tinham opiniões bastante divergentes, como costuma acontecer quando se conta com o depoimento de observadores comuns. Somente em um ponto havia consenso; era a sensação assombrosa de uma deformidade indefinida, com a qual o fugitivo impressionava quem o via.

O incidente da carta

Já era fim de tarde quando Mr. Utterson bateu à porta do Dr. Jekyll, onde foi recebido imediatamente por Poole e levado casa adentro, passando pela área da cozinha e atravessando um pátio que, no passado, abrigava um jardim, até chegarem ao prédio que ora era chamado de laboratório, ora de sala de dissecação, indiferentemente. O médico havia comprado a casa dos herdeiros de um célebre cirurgião; e, como preferia química a anatomia, mudara a função do bloco nos fundos do jardim. Era a primeira vez que o advogado seria recebido naquela parte da propriedade de seu amigo; e ele observava com curiosidade a estrutura sombria e sem janelas, olhando o entorno com uma desagradável sensação de estranheza conforme cruzava o anfiteatro, outrora repleto de alunos sedentos de saber e agora abandonado e silencioso, as mesas cheias de equipamentos químicos, o chão com caixas empilhadas e restos de palha de embalagem, e a luz pálida atravessando a cúpula nebulosa. Mais ao fundo, outro lance de escadas conduzia a uma porta, revestida de baeta vermelha; ao atravessá-la, Mr. Utterson finalmente foi recebido no gabinete do médico. Era um cômodo amplo, com armários de vidro em todas as paredes, mobiliado, entre outras coisas, com um espelho de corpo inteiro e uma escrivaninha; três janelas empoeiradas e com barras de ferro davam vista para o pátio. O fogo ardia na lareira; um lampião estava aceso sob o aparador da chaminé, pois até mesmo no interior das casas o nevoeiro começava a ficar bastante denso; e ali, próximo ao fogo, sentava-se o Dr. Jekyll, aquecendo-se, parecendo extremamente doente. Ele não se levantou para receber o visitante, mas estendeu a mão fria e lhe ofereceu boas-vindas com o tom de voz alterado.

— E então — começou Mr. Utterson, tão logo Poole os deixou a sós —, ouviu as notícias?

O médico estremeceu.

— Os jornalheiros estão gritando as manchetes na praça — respondeu ele. — Ouvi-os da sala de jantar.

— Quero saber apenas uma coisinha — disse o advogado. — Carew era meu cliente, mas você também é, e preciso entender onde estou pisando. Você não cometeu a insanidade de esconder esse sujeito, não é mesmo?

— Utterson, juro por Deus — gritou o médico. — Juro por Deus que nunca mais colocarei os olhos nele. Você tem minha palavra de honra de que rompi relações com ele, para sempre. Coloquei um ponto final em tudo. E, na verdade, ele nem quer minha ajuda; você não o conhece tanto quanto eu; ele está em segurança, está protegido; acredite no que digo, nunca mais se ouvirá falar dele.

O advogado ouvia contrariado; não estava gostando do comportamento agitado do amigo.

— Você parece ter certeza do destino dele, e, para seu bem, espero que esteja certo. Se houver um julgamento, seu nome pode ser citado.

— Tenho certeza no que se refere a ele — respondeu Jekyll. — Não posso partilhar com ninguém meus motivos para ter tanta certeza. Entretanto, há um ponto em que gostaria de sua orientação. Eu recebi... recebi uma carta; e realmente não sei se devo mostrá-la à polícia. Quero deixá-la em suas mãos, Utterson; você vai saber o que fazer, tenho certeza; confio plenamente em sua opinião.

— Seu medo, suponho, é que a carta possa levar à prisão de Hyde — arriscou o advogado.

— Não — disse o médico. — Não posso dizer que me importo com o futuro de Hyde; não tenho mais nenhuma relação com ele. Estava preocupado com minha honra, que esse assunto odioso acabou expondo.

Utterson refletiu um pouco; estava surpreso com o egoísmo do amigo, embora isso o deixasse aliviado.

— Bem — disse, por fim —, vejamos a carta.

O texto fora escrito com uma caligrafia estranha, com as letras bastante verticalizadas, e trazia a assinatura de Edward Hyde: e dizia, em resumo, que o Dr. Jekyll, seu benfeitor, cuja grande generosidade havia muito não era reconhecida, não precisava se preocupar com sua segurança, pois ele estava confiante de que tinha meios para escapar. O advogado gostou bastante da carta; ela pintava aquela intimidade com tons mais suaves do que ele havia imaginado, e isso o fez se sentir

culpado pelas suspeitas levantadas no passado.

— Você guardou o envelope? — perguntou.

— Queimei-o antes de refletir sobre o conteúdo — respondeu Jekyll. — Mas não tinha carimbo do correio. Foi entregue por um portador.

— Posso ficar com ela e tomar uma decisão ao amanhecer? — perguntou Utterson.

— Coloco a decisão totalmente em suas mãos. Não confio mais em mim mesmo.

— Bem, vou refletir sobre o assunto — replicou o advogado. — Tenho só mais uma pergunta: foi Hyde quem ditou os termos de seu testamento sobre seu eventual desaparecimento?

O médico parecia estar prestes a desfalecer; apertou os lábios com força e balançou a cabeça afirmativamente.

— Eu sabia — disse Utterson. — Ele tinha a intenção de matá-lo. Você teve sorte de sair com vida.

— Eu tive muito mais que isso — retrucou o médico com um tom solene. — Eu aprendi uma lição. Meu Deus, Utterson, que grande lição aprendi! — E, por um momento, cobriu o rosto com as mãos.

Enquanto saía, o advogado parou e trocou algumas palavras com Poole.

— A propósito — disse ele —, uma carta foi entregue aqui, esta manhã: pode descrever o mensageiro?

Mas Poole afirmou categoricamente que nada havia chegado por portador, somente a correspondência trazida pelo carteiro.

— E eram apenas cartas de avisos — acrescentou.

Com tal informação, o visitante partiu, seus temores renovados. Claramente, a carta tinha chegado pela porta do laboratório; na verdade, possivelmente havia sido escrita no gabinete; e, se fosse o caso, deveria ser analisada de forma diferente e encarada com mais cautela. Em seu retorno para casa, os jornalheiros gritavam a plenos pulmões pelas ruas:

— Extra! Extra! Assassinato de membro do Parlamento choca população.

Essa foi a oração fúnebre a um amigo e cliente; Utterson não conseguiu deixar de sentir uma leve apreensão, pois a reputação de outro de seus amigos poderia ser tragada pelo turbilhão de escândalos. No mínimo, a decisão que teria de tomar seria bastante delicada; embora habitualmente fosse autossuficiente, começou a acalantar o desejo de se aconselhar com terceiros. Não tinha a intenção de fazer perguntas

diretas; mas, talvez, pensou, pudesse tentar obter ajuda por meios indiretos.

Pouco depois, sentou-se próximo à lareira de seu escritório, com Mr. Guest, seu funcionário mais antigo, acomodado do lado oposto, e, entre os dois, afastada a uma distância calculada da lareira, havia uma garrafa de um vinho envelhecido em condições especiais, armazenado ao abrigo da luz por muito tempo, nos porões de sua casa. O nevoeiro continuava a cobrir a cidade, onde os lampiões reluziam como carbúnculos; e, em meio aos sons abafados e suavizados dessas nuvens baixas, o cortejo de moradores de Londres ainda percorria as grandes artérias com o som de um vento impetuoso. Mas o cômodo se mantinha alegre pela luz que emanava da lareira. Na garrafa, a acidez havia muito se dissipara; com o tempo, o vermelho imperial ficara mais suave, como a cor se torna mais rica nos vitrais; e o fulgor das tardes quentes de outono nas vinhas que crescem nas encostas estava pronto para se libertar e dissipar os nevoeiros londrinos. Sem notar, o advogado baixou a guarda. Não havia outro homem de quem guardasse menos segredos que Mr. Guest; e, algumas vezes, perguntava-se se não lhe confiava mais do que deveria. Guest com frequência fizera visitas de negócios ao médico; ele conhecia Poole; talvez tivesse ouvido algo sobre a familiaridade de Mr. Hyde com aquela casa; ele poderia tirar suas próprias conclusões: não seria o mais indicado, então, mostrar-lhe a carta que poria fim ao mistério? E, sobretudo, sendo Guest um grande estudioso e especialista em caligrafia, consideraria a tarefa natural e pertinente? O funcionário, além do mais, era um homem com propensão a dar conselhos; dificilmente leria um documento tão estranho sem emitir alguma opinião; e, com base nesse parecer, Mr. Utterson poderia definir o que fazer a seguir.

— É muito triste o que ocorreu com Sir Danvers — comentou ele.

— Sim, senhor, de fato. Despertou uma profunda comoção pública — disse Guest. — O culpado, é claro, não estava em seu juízo perfeito.

— Gostaria de ouvir sua opinião sobre isto — disse Utterson. — Tenho um documento aqui que foi escrito por ele; é confidencial, pois ainda não decidi o que fazer a respeito; na melhor das hipóteses, é uma situação atroz. Mas aí está; em suas mãos: o manuscrito de um assassino.

Os olhos de Guest brilharam, e ele se esticou de repente na cadeira e estudou a carta com deleite.

— Não senhor — disse ele. — Ele não perdeu o juízo; mas tem uma caligrafia bastante estranha.

— E, dadas as circunstâncias, quem escreveu também é muito estranho — acrescentou o advogado.

Neste momento, o criado entrou, trazendo uma mensagem.

— É do Dr. Jekyll, senhor? — perguntou o funcionário. — Pensei ter reconhecido a caligrafia. É um assunto particular, Mr. Utterson?

— Apenas um convite para jantar. Por quê? O senhor quer ver o bilhete?

— Apenas por um momento. Obrigado, senhor. — O funcionário colocou as duas folhas de papel lado a lado e diligentemente comparou seu conteúdo. — Obrigado, senhor — disse ele, por fim, devolvendo-as. — Há traços caligráficos muito interessantes.

Houve uma pausa, durante a qual Mr. Utterson travou uma batalha interna.

— Por que quis compará-las, Guest? — perguntou de imediato.

— Bem, senhor — respondeu o funcionário —, há uma semelhança bastante singular; há muitos pontos idênticos entre as duas escritas: são apenas inclinadas para lados opostos.

— Bastante curioso — comentou Utterson.

— É, como o senhor disse, bastante curioso — repetiu Guest.

— Devemos ser discretos sobre esta carta, o senhor sabe — disse o patrão.

— Conte com minha discrição, senhor — disse o funcionário. — Eu compreendo.

Mas, tão logo Mr. Utterson se viu sozinho naquela noite, trançou a carta no cofre, onde permaneceria. “Quem diria!”, pensou. “Henry Jekyll forjando um documento para acobertar um assassino!” E sentiu o sangue gelar nas veias.

O notável incidente do Dr. Lanyon

O tempo passou; milhares de libras eram oferecidas em recompensa, pois a morte de Sir Danvers representara uma perda para todos na cidade; mas Mr. Hyde tinha sumido, e a polícia não conseguia localizá-lo; era como se nunca tivesse existido. Grande parte de seu passado fora descoberta, na verdade, mas as informações careciam de credibilidade: lendas eram criadas com base na crueldade do homem, ao mesmo tempo tão insensível e tão violento; sua vida abjeta, seus parceiros obscuros, o ódio que parecia ter cercado sua vida; mas, de seu paradeiro atual, nem uma palavra sequer. Desde que deixara a casa no Soho na manhã do crime, ele havia simplesmente evaporado; e, gradualmente, com o passar do tempo, Mr. Utterson começava a se recuperar da inquietação que o consumia e a ficar mais sereno. A morte de Sir Danvers fora, segundo seu modo de pensar, mais do que reparada pelo desaparecimento de Mr. Hyde. Agora que essa influência maligna saíra de cena, uma nova vida começava para o Dr. Jekyll. Ele havia abandonado sua reclusão, renovara seu relacionamento com os amigos, tornara a ser o convidado e o anfitrião que todos conheciam; e, embora fosse conhecido por seus atos de caridade, agora era igualmente célebre pela devoção à religião. Ele se mantinha ocupado, passava muito tempo ao ar livre, dedicava-se a fazer o bem; seu rosto parecia desabrochar e se iluminar com uma vontade de servir ao próximo; havia mais de dois meses que vivia em paz.

No dia 8 de janeiro, Utterson jantou na casa do médico com um pequeno grupo de convivas; Lanyon esteve lá; e o anfitrião encarou a ambos como nos velhos tempos, quando os três eram amigos inseparáveis. No dia 12, e outra vez no dia 14, o advogado foi impedido de entrar.

— O doutor está confinado em seus aposentos — explicou Poole —, e não quer

receber ninguém.

No dia 15, tentou novamente, e mais uma vez sua visita foi negada; estando acostumado a encontrar seu amigo quase diariamente nos últimos dois meses, achou bastante deprimente esse retorno à solidão. Na quinta noite, Guest foi jantar com ele; e, na sexta, foi à casa do Dr. Lanyon.

Lá, ao menos, sua entrada não foi impedida; porém, quando chegou, ficou chocado com a mudança ocorrida no semblante do médico. Uma sentença de morte parecia estar estampada em seu rosto. O homem antes corado agora apresentava uma palidez intensa; tinha a pele flácida; ele estava visivelmente mais calvo e mais envelhecido; e mesmo assim não foram esses sinais de uma rápida deterioração física que deixaram o advogado mais apreensivo, mas sim seu olhar e seu comportamento, que pareciam atestar a existência de algum terror profundo em sua mente. Era pouco provável que o médico estivesse com medo da morte; e, mesmo assim, Utterson se viu tentado a levantar tal suspeita. “É isso”, pensou ele. “Sendo médico, ele deve saber o estado em que se encontra e que seus dias estão contados; e esse conhecimento é uma carga maior do que consegue suportar.” Contudo, quando comentou sobre sua aparência doente, foi com uma voz resoluta que Lanyon se declarou um homem condenado.

— Levei um choque, e nunca mais vou me recuperar. É apenas uma questão de semanas. Bem, minha vida foi agradável; eu gostava de viver; sim senhor, eu costumava apreciar a vida. Às vezes penso que, se tivéssemos consciência de tudo, partiríamos mais contentes.

— Jekyll também está doente — observou Utterson. — Você o viu recentemente? A fisionomia de Lanyon mudou de repente, e ele levou ao alto a mão trêmula.

— Não quero mais ver nem ouvir falar do Dr. Jekyll — declarou com uma voz alta e oscilante. — Estou farto dele; e peço que me poupe de qualquer alusão a essa pessoa. Para mim, ele está morto.

— Tsc — disse Mr. Utterson; e então, após uma pausa demorada, prosseguiu: — Posso fazer algo para ajudá-lo? — perguntou. — Somos três velhos amigos, Lanyon; não viveremos o suficiente para fazer novas amizades assim.

— Nada pode ser feito — retrucou Lanyon. — Pergunte a ele.

— Ele se nega a me receber — disse o advogado.

— Isso não me surpreende. Algum dia, Utterson, depois que eu tiver deixado este mundo, talvez você venha a compreender o que é certo e o que é errado nesta

história toda. Não posso lhe contar. Enquanto esse dia não chega, se quiser sentar e conversar sobre outras coisas, pelo amor de Deus, fique e conversaremos; mas, se fizer questão de falar sobre este assunto amaldiçoado, então, em nome de Deus, vá embora, pois estou no meu limite.

Assim que voltou para casa, Utterson se sentou e escreveu para Jekyll, queixando-se de ter sido impedido de visitá-lo e perguntando a causa do infeliz rompimento com Lanyon; e o dia seguinte lhe trouxe a resposta na forma de uma longa carta, em muitos pontos redigida de forma patética, e em outros com um texto sombrio e misterioso. O conflito com Lanyon era irreparável. “Não culpo nosso velho amigo”, escreveu Jekyll, “mas concordo com ele quando diz que não devemos voltar a nos encontrar. Pretendo levar uma vida de extrema reclusão de agora em diante; não se surpreenda nem duvide de minha amizade se minha porta permanecer fechada, até mesmo para você. Deixe-me seguir meu caminho sombrio. Impus a mim mesmo um castigo e um perigo que não consigo nomear. Se sou o maior dos pecadores, também sou o maior dos sofrendores. Eu não podia imaginar que esta terra abrigasse sofrimentos e terrores tão primitivos; Utterson, há apenas uma coisa que você pode fazer para abrandar este destino: respeitar meu silêncio.” Utterson ficou atônito; a influência sombria de Hyde cessara, o médico voltara a seus antigos afazeres e amenidades; uma semana antes, o futuro havia lhes sorrido com muitas promessas de um envelhecimento honrado e ditoso; e agora, em uma fração de segundos, a amizade, a paz de espírito e todo o propósito de sua vida estavam destroçados. Uma mudança tão intensa e inesperada poderia ser indicativa de insanidade; mas, considerando o comportamento e o discurso de Lanyon, o problema devia jazer em algum nível mais profundo.

Uma semana mais tarde, o Dr. Lanyon ficou acamado, e menos de duas semanas depois estava morto. Na noite seguinte ao funeral, que deixara Utterson triste e abalado, o advogado se trançou em seu escritório e, sentado à luz de uma vela melancólica, apanhou e colocou diante de si um envelope com o nome do destinatário manuscrito e lacrado com o selo de seu falecido amigo. “CONFIDENCIAL: para ser aberto EXCLUSIVAMENTE por G. J. Utterson, e, no caso de seu falecimento, que seja destruído sem ser lido”, estava sobrescrito de maneira enfática; e o advogado temia enfrentar seu conteúdo. “Enterrei um amigo hoje”, pensou. “Será que isto vai me custar outro?” E então considerou que o medo seria uma forma de deslealdade e rompeu o laço. Havia outro envelope no interior, igualmente selado e contendo a

frase “não deve ser aberto antes da morte ou do desaparecimento do Dr. Henry Jekyll”. Utterson não acreditava no que estava vendo. Sim, a palavra “desaparecimento”; aqui novamente, como no testamento insano que ele restituíra havia muito tempo ao autor, mais uma vez se deparava com a ideia de desaparecimento e o nome de Henry Jekyll associado a ela. Entretanto, no testamento, a ideia havia brotado da mente sinistra do tal Hyde; fora inserida com um propósito muito claro e macabro. Escrito pelas mãos de Lanyon, o que poderia significar? Uma imensa curiosidade se apossou do fiel depositário, um desejo de não respeitar a proibição e mergulhar de cabeça naquele mistério; mas a honra profissional e a lealdade ao amigo falecido eram compromissos relevantes; e o objeto foi acomodado no canto mais reservado de seu cofre pessoal.

Aplacar a curiosidade é uma coisa, vencê-la é outra bem diferente; e pode-se pôr em dúvida se, daquele dia em diante, Utterson continuava a desejar com igual intensidade a companhia do amigo sobrevivente. Pensava nele com brandura; mas seus pensamentos eram inquietos e temerosos. De fato, chegou a tentar visitá-lo, mas talvez tenha ficado até feliz por não ter sua entrada autorizada; quem sabe, no fundo do coração, preferisse falar com Poole, sem passar da porta principal, circundado pelos sons e pelo ar da cidade ampla, em vez de ser admitido naquela fortaleza de clausura voluntária e se sentar e conversar com seu recluso impenetrável. Poole, de fato, carecia de notícias muito agradáveis a relatar. O médico, aparentemente, agora estava ainda mais confinado ao gabinete sobre o laboratório, onde às vezes passava a noite; sentia-se sem ânimo, tornara-se muito quieto, não lia; parecia estar com a mente tomada por algo indefinível. Utterson ficou tão acostumado ao caráter invariável desses relatos que pouco a pouco suas visitas se tornaram cada vez mais raras.

O incidente à janela

No domingo, foi por obra do destino que, quando Mr. Utterson fazia sua habitual caminhada com Mr. Enfield, seu caminho mais uma vez passou por aquela ruela; e que, quando se viram diante da porta, ambos pararam para contemplá-la.

— Bem — observou Enfield —, essa história chegou ao fim, pelo menos. Nunca mais veremos Mr. Hyde.

— Assim espero — disse Utterson. — Já lhe contei que certa vez o vi e senti por ele a mesma repulsa que você sentiu?

— Era impossível olhar para ele e não ter tal sentimento — replicou Enfield. — E, a propósito, você deve ter me considerado um idiota por não saber que esta era a porta dos fundos da casa do Dr. Jekyll! Foi em parte por culpa sua que acabei descobrindo, mesmo tendo demorado tanto.

— Mas acabou descobrindo, não? — disse Utterson. — Nesse caso, por que não entramos no pátio e damos uma boa olhada nas janelas? Para dizer a verdade, estou apreensivo em relação ao pobre Jekyll; e, mesmo sem entrarmos, sinto que a presença de um amigo poderá lhe fazer bem.

O pátio estava muito frio e um pouco úmido, e havia sido tomado por um crepúsculo extemporâneo, embora o céu, lá no alto, ainda brilhasse com o pôr do sol. Das três janelas, a do meio estava entreaberta; e, sentado próximo a ela, tomando a fresca com uma aparência de tristeza infinita, como um prisioneiro desconsolado, Utterson avistou o Dr. Jekyll.

— Quem diria! Jekyll! — exclamou. — Espero que esteja se sentindo melhor.

— Não estou nada bem, Utterson — respondeu o doutor tristemente. — Nada bem. Mas não vai durar muito, graças a Deus.

— Você passa tempo demais confinado em casa — comentou o advogado. —

Você deveria dar umas voltas, ativar a circulação, como eu e Enfield. (Este é meu primo, Mr. Enfield. Dr. Jekyll.) Venha agora; pegue seu chapéu e vamos dar uma voltinha.

— É muita bondade sua — suspirou o outro. — Eu gostaria muitíssimo; mas não, não, não, é impossível; não me atrevo a sair. Mesmo assim, Utterson, estou muito feliz em revê-lo; é realmente um imenso prazer; eu convidaria você e Mr. Enfield para subir, mas este local não está em condições de receber visitas.

— Paciência, então — disse o advogado, com bom humor. — A melhor coisa a fazer é ficar aqui e conversar com você de onde estamos.

— Era exatamente o que eu estava prestes a propor — respondeu o médico com um sorriso.

Porém, mal as palavras foram balbuciadas, o sorriso congelou em seu rosto, sendo sucedido por uma expressão de desespero e terror abjeto, o que gelou o sangue dos dois cavalheiros no pátio. A visão durou poucos instantes, pois a janela foi fechada de imediato; mas o pouco que viram já foi suficiente, e os dois se viraram e saíram do pátio sem uma palavra. Ainda em silêncio, atravessaram a rua; foi somente quando chegaram a uma área vizinha, onde mesmo aos domingos havia sinais de vida, que Mr. Utterson por fim se virou e olhou para seu companheiro. Ambos estavam pálidos; seus olhos expressavam um horror profundo.

— Que Deus nos perdoe, que Deus nos perdoe — disse Mr. Utterson.

Mas Mr. Enfield apenas assentiu com a cabeça, muito sério, e voltou a caminhar, em silêncio.

A última noite

Mr. Utterson estava sentado junto à lareira, uma noite após o jantar, quando foi surpreendido por uma visita de Poole.

— Com a graça de Deus, Poole, o que o traz aqui? — exclamou; e, depois de olhar mais atentamente para ele, perguntou: — O que o aflige? — E acrescentou: — O doutor está doente?

— Mr. Utterson — começou o mordomo —, há algo errado.

— Sente-se, e tome este cálice de vinho — disse o advogado. — Agora, com calma, diga o que está acontecendo.

— O senhor conhece o jeito do doutor — respondeu Poole —, e como ele anda recluso. Bem, ele se trancou novamente no gabinete; e isso não me agrada, senhor. Não me agrada nem um pouco. Mr. Utterson, senhor, estou com medo.

— Bem, meu bom homem — disse o advogado —, seja mais claro. Do que o senhor tem medo?

— Tenho medo há cerca de uma semana — retomou Poole, obstinadamente desconsiderando a pergunta —, e não posso mais suportar.

A aparência do homem era compatível com suas palavras; seus gestos estavam alterados para pior; e, com exceção do momento inicial, em que havia confessado seu terror, não havia mais encarado o advogado. Mesmo agora, estava sentado com o cálice de vinho intocado sobre os joelhos, e os olhos baixos, fixos em um canto da sala.

— Não posso mais suportar — repetiu.

— Eu entendo — disse o advogado. — Vejo que tem um bom motivo, Poole; noto que há algo muito errado. Tente me contar o que é.

— Acho que houve um delito — explicou Poole, com a voz rouca.

— Delito! — exclamou o advogado, muito assustado e bastante inclinado a ficar irritado por isso. — Um delito! O que o senhor está querendo dizer?

— Não me atrevo a contar; mas o senhor não poderia me acompanhar e ver por si mesmo?

A única resposta de Mr. Utterson foi se levantar e pegar o chapéu e o sobretudo; mas observou com admiração o profundo alívio que o rosto do mordomo transpareceu e, talvez com igual admiração, que o cálice de vinho permanecia intocado quando partiram.

Era uma noite erma, fria e típica de março, com uma lua crescente pálida, como se o vento a tivesse erodido, e com nuvens esparsas com sua textura diáfana e delicada. O vento dificultava a conversa e deixava os rostos avermelhados. Além disso, parecia ter varrido as pessoas das ruas, deixando-as mais vazias que o usual; Mr. Utterson não se lembrava de já ter visto essa parte de Londres tão deserta. Ele ansiava para que a situação fosse outra; nunca em sua vida tivera um desejo tão ávido de ver e tocar seus semelhantes; pois, por mais que lutasse contra isto, sua mente estava dominada pelo pressentimento avassalador de uma calamidade. A praça, quando chegaram, estava cheia de poeira e vento, e as árvores finas no jardim chicoteavam as grades de metal. Poole, que durante todo o caminho se mantivera um passo ou dois à frente, parou no meio da calçada, e, apesar do clima mordaz, tirou o chapéu e enxugou a frente com um pequeno lenço vermelho. Porém, mesmo com toda a pressa de sua vinda, não era por exaustão que transpirava, mas a umidade de alguma angústia sufocante; seu rosto estava pálido e sua voz, quando ele falava, soava esganiçada e irregular.

— Bem, senhor — disse ele —, aqui estamos, e Deus queira que não haja nada de errado.

— Deus queira, Poole — disse o advogado.

Assim sendo, o criado bateu à porta de forma bastante reservada; ela foi entreaberta com a corrente ainda presa; e uma voz perguntou lá de dentro:

— É você, Poole?

— Está tudo bem — disse Poole. — Abra a porta.

O vestíbulo, ao entrarem, estava bastante iluminado; o fogo na lareira ardia alto; e, ao seu redor, toda a criadagem, homens e mulheres, estava reunida e exausta, como um rebanho de ovelhas. Ao ver Mr. Utterson, a governanta teve uma crise de choro histórico; e a cozinheira, clamando “Que Deus seja louvado! É Mr.

Utterson”, correu em sua direção, como se fosse abraçá-lo.

— O que significa isto? Estão todos aqui? — perguntou Utterson, exasperado.
— Muito irregular, muito inconveniente; seu patrão não ficaria nada satisfeito.

— Estão todos com muito medo — explicou Poole.

Houve um período de silêncio absoluto, ninguém discordou; apenas a camareira ergueu a voz e começou a chorar alto.

— Quieta! — disse Poole a ela, com uma ferocidade na voz que deixava evidente o quanto seus nervos estavam abalados; e, de fato, quando a moça de repente elevou o tom de seu lamento, todos ficaram alarmados e se viraram para a porta interna, com rostos expressando uma expectativa terrível. — E agora — continuou o mordomo, abordando o jovem copeiro —, dê-me uma vela, e vamos enfrentar a situação de uma vez por todas.

Então pediu que Mr. Utterson o seguisse e lhe mostrou o caminho para o jardim dos fundos.

— Agora, senhor — disse ele —, faça o mínimo de barulho possível. Quero que ouça, não que seja ouvido. E tome cuidado, senhor; se por acaso ele convidá-lo a entrar, não aceite.

Os nervos de Mr. Utterson, após esta última frase inesperada, ficaram à flor da pele e ele quase se deixou afetar; mas recuperou a coragem e seguiu o mordomo para o interior do prédio do laboratório e através do anfiteatro, com seus amontoados de caixas e frascos, até chegarem ao pé da escada. Lá, Poole o orientou a ficar de um lado e escutar; enquanto o mordomo, pousando a vela e tornando evidente sua resolução, subia os degraus e batia um pouco hesitante à baeta vermelha da porta do gabinete.

— Mr. Utterson, senhor, pede para vê-lo — anunciou ele; e, neste momento, acenou com mais veemência para que o advogado ouvisse com atenção.

Uma voz soou lá de dentro.

— Diga-lhe que não quero ver ninguém — respondeu em tom de reclamação.

— Obrigado, senhor — disse Poole, com um tom de triunfo na voz.

Voltando a pegar a vela, ele levou Mr. Utterson de volta pelo jardim e para a grande cozinha, onde o fogo estava apagado e besouros corriam pelo chão.

— Senhor — começou ele, fitando Mr. Utterson nos olhos —, aquela era a voz de meu patrão?

— Parecia muito alterada — respondeu o advogado, muito pálido, mas

encarando-o de frente.

— Alterada? Bem, sim, penso que sim — disse o mordomo. — Trabalhei vinte anos na casa deste homem para estar enganado sobre sua voz? Não senhor; fizeram algo com meu patrão; sumiram com ele oito dias atrás, quando nós o ouvimos gritar invocando o nome de Deus; e *quem* está lá dentro no lugar dele e *por que* está lá são perguntas que somente Deus tem a resposta, Mr. Utterson!

— Esta situação está muito estranha, Poole; é tudo muito bizarro, meu bom homem — disse Mr. Utterson, mordiscando o próprio dedo. — Suponhamos que as coisas sejam como o senhor afirma, suponhamos que o Dr. Jekyll tenha sido... digamos, assassinado. Por que o assassino permaneceria aqui? Essa versão não se sustenta; não faz o menor sentido.

— Bem, Mr. Utterson, parece difícil convencê-lo, mas ainda vou conseguir — retrucou Poole. — Nesta semana que passou, devo lhe dizer, ele, ou aquilo, seja lá o que for que está naquele gabinete, ficou gritando noite e dia, pedindo algum tipo de medicamento e sem conseguir obter exatamente o que desejava. Às vezes, era do feitio dele, de meu patrão, quero dizer, escrever seus pedidos em uma folha de papel e jogá-la nos degraus da escada... Na semana que passou, não tivemos nada além disso; nada a não ser bilhetinhos e uma porta fechada, e todas as refeições deixadas lá para serem carregadas para dentro, quando ninguém estivesse olhando. Bem, senhor, todo dia, sim, e alguns dias duas ou três vezes, recebemos pedidos e queixas, e recebi ordens de ir a todos os atacadistas de produtos químicos da cidade. Toda vez que eu trazia o produto para casa havia outro bilhete me mandando devolvê-lo, porque não era puro o suficiente, e outro pedido para outra empresa diferente. A tal droga era muito necessária, senhor, fosse qual fosse seu uso.

— E o senhor guardou algum desses bilhetes? — perguntou Mr. Utterson.

Poole tateou o bolso e lhe entregou um bilhete amassado, que o advogado, inclinando-se para mais perto da vela, examinou com atenção. Seu texto dizia o seguinte: “O Dr. Jekyll apresenta seus cumprimentos aos senhores Maw. Ele garante que a última amostra recebida é impura e completamente inútil para seus propósitos atuais. No ano de 18—, o Dr. J. comprou uma quantidade um pouco grande dos senhores M. Agora lhes pede que a procurem com o máximo cuidado, e, se tiverem qualquer quantidade de produto da mesma qualidade, enviem para ele imediatamente. O preço não importa. A importância desse produto para o Dr. J. dificilmente poderá ser exagerada.” Até este ponto, a carta se apresentava bastante

adequada, mas aqui, com um súbito borrão de tinta, a emoção do autor do bilhete havia aflorado. “Pelo amor de Deus”, acrescentara, “encontrem um pouco do produto antigo.”

— Este bilhete é estranho — comentou Mr. Utterson; e então completou argumentamente: — Como foi parar em suas mãos?

— O atendente na Maw ficou bem zangado, senhor, e o jogou em mim como se fosse lixo — respondeu Poole.

— É inquestionável que tenha sido escrito pela mão do doutor, correto? — retomou o advogado.

— Achei que parecia a caligrafia dele — disse o criado bastante ressentido; e, em seguida, com outro tom de voz, continuou: — Mas o que importa a mão que escreveu? Eu o vi!

— Viu? — confirmou Mr. Utterson. — Viu mesmo?

— É isso! — disse Poole. — Foi assim. Eu entrei de repente no anfiteatro, vindo do jardim. Parece que ele tinha dado uma escapadinha para procurar o tal produto, ou seja lá o que for; pois a porta do gabinete estava aberta, e lá estava ele, no outro extremo da sala, revirando as caixas. Ele olhou para cima quando entrei, deu uma espécie de grito e subiu as escadas para o gabinete correndo. Consegui vê-lo por apenas um minuto, mas fiquei arrepiado, com os cabelos em pé. Senhor, se era mesmo meu patrão, por que estava usando uma máscara cobrindo o rosto? Se era meu patrão, por que guinchou como um rato e fugiu de mim? Fui seu criado por muito tempo. E então... — O homem fez uma pausa e passou a mão no rosto.

— São circunstâncias realmente muito estranhas — disse Mr. Utterson —, mas acho que começo a enxergar a luz. É evidente que seu patrão, Poole, sofre de um daqueles males que torturam e deformam a vítima; isso explicaria, até onde vai meu entendimento, a alteração da voz, a máscara e o fato de estar fugindo dos amigos; explicaria sua ânsia de encontrar essa tal droga, em que a pobre alma deposita um resto de esperança de se recuperar no fim. Deus queira que ele não esteja enganado! Essa é minha explicação; é bem triste, Poole, sim, e algo terrível de admitir; mas é simples e natural, tudo se encaixa e nos livra de sofrermos com preocupações excessivas.

— Senhor — disse o mordomo, ficando com a face pálida e acinzentada —, aquela coisa não era meu patrão, e esta é a verdade. Meu patrão — neste momento, ele olhou em volta e passou a sussurrar — é um homem alto e bem-apeado, e o

que vi era quase um anão. — Utterson tentou argumentar. — Meu senhor — Poole elevou a voz —, acha mesmo que, depois de vinte anos, não reconheceria meu patrão? Acha que não sei em que altura a cabeça dele bate na porta do escritório, onde o vi todas as manhãs de minha vida? Não senhor, aquela coisa de máscara nunca foi o Dr. Jekyll. Só Deus sabe o que era, mas nunca foi o Dr. Jekyll; e, no fundo do coração, sinto que houve um assassinato.

— Poole — respondeu o advogado —, se diz isso, torna-se meu dever averiguar. Apesar de desejar poupar seu patrão de incômodos e de estar intrigado com esta nota que parece provar que ele ainda está vivo, devo considerar meu dever arrombar aquela porta.

— Ah, Mr. Utterson, belas palavras! — exclamou o mordomo.

— E agora vem a segunda pergunta — retomou Utterson. — Quem vai fazer o serviço?

— Ora, nós dois, senhor — respondeu Poole de forma resoluta.

— Uma decisão acertada — declarou o advogado. — E, aconteça o que acontecer, assumo a responsabilidade, para garantir que o senhor não seja penalizado.

— Há um machado no anfiteatro — prosseguiu Poole. — Pode pegar também o atiçador da cozinha.

O advogado tomou o primeiro, o instrumento rudimentar mas pesado, e o balançou, ensaiando os movimentos.

— Sabe, Poole — disse ele, olhando para cima —, que estamos prestes a nos colocar em uma situação de perigo?

— Pode-se dizer que sim, senhor, de fato — respondeu o mordomo.

— Então, convém que sejamos francos — continuou o outro. — Sabemos mais do que dissemos; vamos abrir nossos corações. Essa figura mascarada que viu, consegui reconhecerê-la?

— Bem, senhor, foi muito rápido, e a criatura estava tão curvada que seria difícil ter certeza. Mas o senhor quer saber se era Mr. Hyde? Bem, sim, acho que era! Veja, tinha quase a mesma compleição; e o mesmo jeito rápido, de passos leves, e, ainda, quem mais poderia ter entrado pela porta do laboratório? O senhor se lembra de que, na ocasião do crime, ele ainda estava com a chave? Mas isso não é tudo. Não sei, Mr. Utterson, se já encontrou o tal Mr. Hyde.

— Sim — disse o advogado —, conversei com ele uma vez.

— Então deve saber tão bem quanto todos nós que havia algo estranho com esse cavalheiro, algo perturbador. Não sei ao certo como explicar, senhor, além disto: algo capaz de fazer qualquer um sentir um arrepio no fundo da alma.

— Confesso que também senti algo assim como o senhor descreve — disse Mr. Utterson.

— Isso mesmo, senhor — concordou Poole. — Bem, quando aquela coisa mascarada, parecendo um macaco, saltou entre os produtos químicos e subiu correndo para o gabinete, um arrepio percorreu minha espinha. Ah, sei que isso não serve como prova de nada, Mr. Utterson; li bastante para saber; mas um homem tem seus sentimentos, e posso jurar sobre a Bíblia que aquele era Mr. Hyde!

— Sim, sim — disse o advogado. — Meus temores tendem para a mesma direção. Havia algo de mau naquela relação... e era certo que esse mau iria contaminá-la. Sim, é verdade, acredito no que diz; acredito que o pobre Harry esteja morto; e acredito que seu assassino, por que motivo, só Deus sabe, ainda está à espreita no quarto da vítima. Bem, vamos ter de fazer justiça. Vá buscar Bradshaw.

O laçao atendeu à convocação, muito pálido e nervoso.

— Recomponha-se, Bradshaw — disse o advogado. — Este suspense, eu bem sei, está consumindo todos; mas agora nossa intenção é pôr um fim a esta situação. Poole e eu vamos entrar à força naquele gabinete. Se tudo estiver bem, assumirei a culpa. Enquanto isso, para que nada fuja dos planos, e para que nenhum malfeitor tente escapar pelos fundos, o senhor e o garoto terão de sair e dar a volta na esquina com dois grandes pedaços de pau e montar guarda na porta do laboratório. Daremos dez minutos para chegarem a seus postos.

Quando Bradshaw saiu, o advogado olhou para o relógio.

— E agora, Poole, vamos ficar a postos — disse; e, colocando o atizador debaixo do braço, adiantou-se em direção ao pátio.

As nuvens cobriam a lua, e agora a escuridão era total. O vento, que soprava fraco e produzia correntes de ar naquele recanto profundo da casa, fazia a chama da vela bruxulear conforme eles andavam, até que chegaram ao anteparo do anfiteatro, onde se sentaram para uma vigília silenciosa. Os ruídos de Londres soavam como uma canção solene ao redor da casa; porém, no interior da residência, a quietude só era quebrada pelo som de passos, de lá para cá, sobre o piso do gabinete.

— Então a coisa vai continuar andando assim o dia todo, senhor — sussurrou Poole. — Sim, e boa parte da noite. Somente quando chega uma nova amostra dos

químicos há uma pequena interrupção. Ah, para perder o sono desse jeito, só mesmo uma consciência muito pesada! Ah, senhor, há sangue de inocentes derramado a cada passo dessa criatura! Mas ouça novamente, um pouco mais de perto, com o coração, Mr. Utterson, e me diga: esses passos são do doutor?

Os passos eram leves e estranhos, com certo ritmo, e ficavam cada vez mais lentos; eram de fato diferentes do andar pesado e barulhento de Henry Jekyll. Utterson suspirou.

— Não se ouve mais nada? — perguntou.

Poole assentiu com a cabeça.

— Uma vez — disse ele. — Uma vez, escutei um choro!

— Um choro? Como assim? — perguntou o advogado, percebendo um súbito arrepio de horror.

— Um choro como uma donzela ou uma alma perdida — explicou o mordomo. — Afastei-me com o som daquilo em meu coração, e quase acabei chorando também.

Então os dez minutos se passaram. Poole retirou o machado de um monte de palha das caixas; colocou a vela sobre a mesa mais próxima, para que pudessem ter iluminação no momento do ataque; e eles se aproximaram, prendendo a respiração, até chegarem ao local onde os pés pacientes iam de um lado para o outro, de um lado para o outro, no silêncio da noite.

— Jekyll — bradou Utterson, com voz firme —, quero ver você.

Houve uma pausa por um momento, mas nenhuma resposta.

— Eu lhe aviso, nossa desconfiança vem crescendo, preciso e vou vê-lo — retomou ele. — Se não for por bem, será por mal. Se não me der seu consentimento, usaremos força bruta!

— Utterson — disse a voz —, pelo amor de Deus, tenha piedade!

— Ah, essa não é a voz de Jekyll; é a de Hyde! — exclamou Utterson. — Ponha a porta abaixo, Poole!

Poole ergueu o machado; o golpe abalou a construção, e a porta de baeta vermelha tremeu contra a fechadura e as dobradiças. Um grito melancólico, como o de um animal aterrorizado, ecoou no gabinete. E o machado golpeou de novo, e mais uma vez, as almofadas da porta racharam e o batente estremeceu; quatro golpes foram desferidos; mas a madeira era dura e as ferragens eram de excelente feitura; e foi somente no quinto movimento que a trava cedeu e a porta caiu para

dentro, sobre o tapete.

Os sitiantes, horrorizados com sua própria rebelião e com a quietude que se instalara, deram um passo atrás e espiaram o interior. O gabinete se descortinava diante de seus olhos à luz de um lampião, o fogo brilhava crepitante na lareira, uma chaleira assoviava sua suave melodia, uma gaveta ou duas escancaradas, papéis empilhados de maneira ordenada sobre a escrivaninha e, mais perto da lareira, as louças aguardavam o chá; seria possível dizer que era o cômodo mais silencioso de todos; não fosse pelos grandes armários com portas de vidro, cheios de produtos químicos, aquela seria a noite mais trivial de Londres.

Bem no meio jazia o corpo de um homem extremamente distorcido e que ainda se contraía. Aproximaram-se na ponta dos pés e, após virá-lo de costas, depararam-se com o rosto de Edward Hyde. Vestia roupas grandes demais para seu corpo atarracado, mas adequadas à estatura do médico; os músculos de seu rosto ainda se contraíam, o que lhe dava uma aparência de vida, mas a vitalidade havia muito já se perdera: e, pelo frasco quebrado na mão e pelo cheiro forte de amêndoas amargas que pairava no ar, Utterson sabia que estava diante do corpo de alguém que dera cabo à própria vida.

— Chegamos tarde demais — declarou ele com gravidade —, fosse para salvar ou para punir. Hyde foi prestar contas; e nos resta encontrar o corpo de seu patrão.

A maior parte da construção era ocupada pelo anfiteatro, que tomava quase todo o andar térreo e recebia iluminação do teto, e pelo gabinete, que formava um mezanino de um lado e estava voltado para o pátio. Um corredor unia o anfiteatro à porta que dava para a ruela; com isso o gabinete tinha um acesso independente, por um segundo lance de escadas. Havia ainda alguns cubículos escuros e uma adega espaçosa. Todos esses cômodos agora estavam sendo examinados cuidadosamente. Para os cubículos bastava um olhar de relance, pois todos se encontravam vazios, e todos, pela poeira que caiu de suas portas, pareciam ter ficado muito tempo fechados. A adega, por sua vez, estava atulhada com velharias, a maioria herança dos tempos do cirurgião que antecedeu Jekyll; mas, ao abrirem a porta, entenderam a inutilidade de prosseguir as buscas ao se depararem com um manto de teias de aranha perfeito que havia anos selava a entrada. Não havia sequer vestígios de Henry Jekyll, vivo ou morto.

Poole bateu o pé com força nas tábuas do assoalho do corredor.

— Ele deve ter sido enterrado aqui — disse ele, ouvindo com atenção o som da

batida.

— Ou pode ter escapado — sugeriu Utterson, e se virou para observar a porta que dava para os fundos.

Estava trancada; jogada perto das lajes do chão, encontraram a chave, já enferrujada.

— Não parece ter sido muito usada — observou o advogado.

— Usada! — ecoou Poole. — Não vê, senhor, está quebrada? Como se alguém tivesse pisado nela.

— Sim — concordou Utterson —, e as partes em que se quebrou estão enferrujadas também. — Os dois homens se entreolhavam com pavor. — Isto vai além de minha compreensão, Poole — disse o advogado. — Vamos voltar para o gabinete.

Eles subiram a escada em silêncio, e, lançando ocasionais olhares boquiabertos para o cadáver, passaram a fazer uma análise mais detalhada do conteúdo do gabinete. Em uma mesa, havia vestígios de experimentos químicos, vários montinhos do mesmo tamanho de um sal branco colocados em pequenos pratos de vidro, como se fossem ser usados em algo que o pobre homem fora impedido de concluir.

— Esta é a mesma droga que eu sempre trazia para o doutor — disse Poole; enquanto falava, a chaleira ferveu com um zumbido surpreendente.

Isto os levou à lareira, que tinha uma poltrona perto, em um lugar aconchegante; o serviço de chá estava posto, à altura do cotovelo de quem ali sentasse, e a xícara já fora até mesmo servida com açúcar. Havia vários livros em uma prateleira; um deles estava aberto, ao lado do serviço de chá, e Utterson ficou atônito ao perceber que se tratava de uma obra religiosa pela qual Jekyll muitas vezes demonstrara grande estima, mas que estava repleta de anotações feitas pelo próprio médico, com blasfêmias assustadoras.

Em seguida, continuando a análise do cômodo, eles se aproximaram do espelho pivotante, em cujas profundezas olharam com um pavor involuntário. Mas ele estava tão inclinado para cima que a única coisa que conseguiram ver foi o brilho róseo iluminando o teto, o fogo crepitando em centenas de pequenos reflexos nas portas de vidro dos armários e seus próprios rostos, empalidecidos e amedrontados, parados, olhando para o reflexo.

— Esse espelho já testemunhou coisas estranhas, senhor — sussurrou Poole.

— E certamente nenhuma mais estranha do que ele próprio — refletiu o advogado igualmente tocado. — Para que Jekyll... — Ele parou assustado ao começar a falar, e então criou coragem e prosseguiu: — Para que Jekyll usaria um desses?

— Excelente pergunta! — disse Poole.

Em seguida, voltaram-se para a escrivainha. Ali, no topo da organizada pilha de papéis, havia um envelope grande, que trazia, escrito com a caligrafia do médico, o nome de Mr. Utterson. O advogado rompeu o lacre do envelope, e vários papéis guardados nele caíram no chão. O primeiro era um testamento, redigido nos mesmos termos excêntricos daquele que havia devolvido seis meses antes, para servir como evidência em caso de morte e como uma escritura de doação em caso de desaparecimento; porém, no lugar do nome de Edward Hyde, o advogado, com indescritível espanto, leu o nome de Gabriel John Utterson. Ele olhou para Poole e de novo para o papel, e por fim para o facínora morto, estirado sobre o tapete.

— Minha cabeça está girando — disse ele. — Durante todos esses dias ele teve isto em suas mãos; não tinha motivo para gostar de mim; deve ter ficado enfurecido ao perceber que foi substituído; e mesmo assim não destruiu este documento.

Pegou o papel seguinte; era um bilhete curto, escrito com a letra do médico e datado na parte superior.

— Veja, Poole! — gritou o advogado. — Ele estava aqui, e vivo, hoje. Não seria possível se livrar de seu corpo em um espaço de tempo tão curto; Jekyll ainda deve estar vivo, deve ter escapado! E então, por que fugiu? E como? E, nesse caso, podemos declarar com segurança que isto foi suicídio? Ah, temos de ser diligentes. Desconfio de que ainda podemos envolver seu patrão em alguma catástrofe terrível.

— Por que não lê o bilhete, senhor? — perguntou Poole.

— Porque estou com medo — respondeu o advogado solenemente. — Deus queira que seja infundado!

E, assim, colocou o papel diante dos olhos e leu o seguinte:

Meu caro Utterson,

quando isto chegar a suas mãos, já devo ter desaparecido, sob que condições não tenho como prever, mas meu instinto e todas as circunstâncias de minha situação inominável me dizem que o fim é certo e deve estar próximo. Então,

prossiga, e leia primeiro a narrativa que Lanyon me advertiu de que iria fazer chegar a suas mãos; e, se ainda estiver interessado em saber mais, volte-se para a confissão de seu amigo indigno e infeliz,

HENRY JEKYLL

— Havia um terceiro documento? — perguntou Utterson.

— Aqui está, senhor — disse Poole, e lhe entregou um pacote volumoso, selado em vários lugares.

O advogado o colocou no bolso.

— Guardaremos sigilo sobre este documento. Se seu patrão fugiu ou se estiver morto, ao menos preservaremos sua reputação. São dez horas; devo voltar para casa e ler estes documentos a sós; mas estarei de volta antes da meia-noite, quando então chamaremos a polícia.

Eles saíram, trancando a porta do anfiteatro, e Utterson, mais uma vez deixando os criados reunidos em torno da lareira do vestibulo, caminhou lentamente de volta para seu escritório, a fim de ler as duas narrativas em que tal mistério seria esclarecido.

A narrativa do Dr. Lanyon

No dia 9 de janeiro, quatro dias atrás, recebi pelo correio vespertino um envelope registrado, endereçado com a caligrafia de meu companheiro e velho amigo Henry Jekyll. Fiquei bastante surpreso com o ocorrido; pois não tínhamos hábito de trocar correspondências; eu vira o homem; de fato, jantara com ele na noite anterior; e não podia imaginar nada ocorrido em nosso encontro que justificasse a formalidade de uma mensagem registrada. O conteúdo aumentou meu espanto; pois era este:

10 de dezembro de 18—.

Caro Lanyon,

voçê é um de meus amigos mais antigos; e, ainda que às vezes possamos ter nossas divergências em questões científicas, não me lembro, pelo menos de meu lado, de qualquer abalo em nosso afeto mútuo. Nunca houve um dia em que, se você me dissesse “Jekyll, minha vida, minha honra, minha razão, dependem de você”, eu não faria o impossível para ajudá-lo. Lanyon, minha vida, minha honra, minha razão dependem de você; se não me ajudar esta noite, estarei perdido. Você pode supor, após esta introdução, que vou lhe pedir para fazer algo desonroso. Julgue por si mesmo.

Quero que adie todos os outros compromissos desta noite — sim, mesmo se tiver sido convocado para atender um imperador; pegue um cabriolé, a menos que sua carruagem esteja realmente à porta; e, com esta carta na mão para consulta, dirija-se diretamente a minha residência. Poole, meu mordomo, já recebeu as ordens; ao chegar, ele estará a sua espera com um

serralheiro. A porta de meu gabinete deve ser arrombada: e você deve entrar sozinho; abra o armário envidraçado (letra E) à esquerda, arrombando-o se estiver trancado; e retire a gaveta, *com todo o seu conteúdo, sem tocar em nada*, a quarta gaveta de cima para baixo ou (que é a mesma coisa) a terceira de baixo para cima. Em minha angústia extrema, tenho um medo mortal de não ser capaz de orientá-lo corretamente; porém, mesmo se tiver me equivocado, você vai saber que é a gaveta certa por seu conteúdo: alguns pós, um frasco de vidro e uma caderneta. Imploro que a leve com você para a Cavendish Square exatamente como está.

Essa é a primeira parte da tarefa: agora, a segunda. Você deve estar de volta, se sair assim que receber esta mensagem, muito antes da meia-noite; porém, vou calcular uma margem de segurança, não somente por temer obstáculos inevitáveis ou imprevistos, mas porque o momento em que seus criados já tiverem se recolhido é preferível, visto o que ainda terá de ser feito. À meia-noite, então, peço que esteja sozinho em seu consultório para que receba pessoalmente um homem que se apresentará em meu nome e que lhe entregue a gaveta que pegou em meu gabinete. Então, terá feito sua parte e merecerá minha gratidão eterna. Cinco minutos depois, se realmente precisar de uma explicação, terá compreendido que esses arranjos são de importância capital; e que, se negligenciar qualquer um deles, por mais que pareça absurdo, carregará em sua consciência o peso de minha morte ou a perda de minha sanidade.

Mesmo confiando que meu apelo não será desprezado, meu coração se aperta e minhas mãos tremem só de pensar nesta possibilidade. Pense em mim nesta hora, em um lugar estranho, trabalhando sob a escuridão de um sofrimento que a fantasia não é capaz de exagerar, e mesmo assim bastante ciente de que, se não deixar de me ajudar, meus problemas desaparecerão como uma velha história. Ajude-me, meu caro Lanyon, e salve

seu amigo, H. J.

P.S.: Eu já havia lacrado esta mensagem quando um pavor impensado se abateu sobre minha alma. É possível que o correio falhe comigo, e esta carta não chegue a suas mãos até a manhã de amanhã. Neste caso, caro Lanyon, realize as tarefas quando for mais conveniente para você durante o dia; e,

mais uma vez, espere meu mensageiro à meia-noite. Talvez seja tarde demais; e, se a noite passar sem nenhum acontecimento, saberá que viu o fim de Henry Jekyll.

Após a leitura dessa carta, tive certeza da insanidade de meu colega; porém, até que fosse provado sem sombra de dúvidas, senti-me obrigado a fazer o que ele pedia. Quanto menos eu entendia tal confusão, menos estava em posição para julgar sua importância; e um apelo tão explícito não poderia ser deixado de lado sem uma grande responsabilidade. Levantei-me da mesa, peguei um cabriolé e me dirigi à casa de Jekyll. O mordomo estava aguardando minha chegada; ele havia recebido pelo mesmo correio que eu uma carta registrada contendo instruções, e imediatamente mandara chamar um serralheiro e um carpinteiro. Os dois chegaram enquanto ainda estávamos conversando; e, juntos, dirigimo-nos ao antigo anfiteatro cirúrgico do Dr. Denman, por onde se chega (como certamente já sabe), da forma mais conveniente, ao gabinete particular do Dr. Jekyll. A porta era muito forte, a tranca, excelente; o carpinteiro declarou que teria bastante dificuldade e que o estrago seria grande se fosse usar força; o serralheiro estava a um passo do desespero. Mas este último era muito habilidoso, e, após trabalhar durante duas horas, a porta estava aberta. O armário com a letra E não estava trancado; retirei a gaveta, coloquei palha sobre seu conteúdo, envolvi em um lençol e voltei com ela para a Cavendish Square.

Em casa, passei a examinar seu conteúdo. Os pós estavam bem-organizados, mas não com a minúcia de um boticário; deixando claro que foram manipulados pelo próprio Jekyll: e, quando abri um dos pacotinhos, deparei-me com o que me parecia ser um simples sal cristalino de cor branca. O frasco, ao qual voltei minha atenção em seguida, tinha sido preenchido até quase a metade com um líquido que parecia um licor vermelho-sangue, de odor pungente e que me pareceu conter fósforo e algum tipo de éter volátil. Os outros ingredientes não consegui determinar. A caderneta continha apenas uma série de datas. Elas abrangiam um período de vários anos, mas observei que os registros haviam cessado um ano antes, de forma muito abrupta. Aqui e ali, havia uma nota curta ao lado de uma data, geralmente nada além de uma palavra, “duplo”, que aparecia talvez seis vezes em um total de várias centenas de anotações; e uma vez, bem no início da lista e seguido por vários pontos de exclamação, “completo fracasso!!!”. Tudo isso, embora aguçasse minha

curiosidade, trazia poucas informações concretas. Tínhamos ali um frasco com algum tipo de sal e o registro de uma série de experimentos que levavam (como muitas das experiências de Jekyll) a um resultado sem nenhuma utilidade prática. Como a presença desses artigos em minha casa poderia afetar a honra, a sanidade ou a vida de meu colega tão imaginativo? Se seu mensageiro era capaz de ir a um lugar, por que não poderia ir a algum outro? E, mesmo considerando a existência de um impedimento, por que este cavalheiro deveria ser recebido por mim em segredo? Quanto mais eu refletia, mais convencido ficava de que estava lidando com um caso de doença mental; e, embora eu tenha dispensado meus criados e pedido que se recolhessem, carreguei um velho revólver, pois poderia precisar dele, como instrumento de autodefesa.

Mal a décima segunda badalada soara em Londres, a aldrava bateu muito suavemente na porta. Eu mesmo fui atender e me deparei com um homem pequenino, agachado nos pilares do pórtico.

— O senhor foi enviado pelo Dr. Jekyll? — perguntei.

Ele disse “sim” com um gesto contido; e, quando fiz menção que entrasse, olhou para trás, como se procurasse algo na escuridão da praça, e só então me obedeceu. Havia um policial não muito longe, avançando com sua lanterna aberta; ao vê-lo, percebi que meu visitante deu um passo adiante e começou a andar apressado.

Esse detalhe me deixou apreensivo, confesso, com uma sensação desagradável; ao segui-lo para a área mais iluminada do consultório, mantive minha mão de prontidão sobre a arma. Ali, por fim, pude vê-lo com clareza. Eu jamais havia posto os olhos naquele homem, tenho certeza. Era pequenino, como já disse; fiquei apreensivo com a expressão estarrecedora de seu rosto, com sua notável combinação entre grande força muscular e uma aparente grande debilidade física, e — por último, mas não menos importante — pela perturbação subjetiva e estranha causada por sua proximidade. Era como se eu estivesse mais tenso, ao mesmo tempo que me sentia mais fraco. Na época, atribuí o fato a algum desagrado pessoal, idiossincrático, e apenas estranhei a intensidade dos sintomas; porém, desde então, tive razões para acreditar que a causa era muito mais profunda, ligada à natureza humana, e para me voltar a algum princípio mais nobre que uma simples aversão.

Esse sujeito (que, desde o primeiro instante após sua entrada, tinha provocado em mim o que só posso descrever como uma curiosidade desprezível) estava vestido de um modo que faria uma pessoa comum ser alvo de chacota; quero dizer, suas

roupas, embora fossem de tecido caro e elegante, eram extremamente grandes para ele em todas as medidas — as pernas da calça tinham pano sobrando, as barras estavam dobradas para não arrastar no chão, a cintura do casaco ficava abaixo dos quadris e o colarinho circundava, com folga, seus ombros. É estranho de se dizer, mas aqueles trajes ridículos estavam longe de me fazer rir. Em vez disso, como havia algo anormal e maligno na essência da criatura que agora me encarava — algo convulsivo, surpreendente e revoltante —, essa nova disparidade parecia se encaixar no quadro e ainda reforçá-lo; de modo que, a meu interesse pela natureza e pelo caráter do homem, foi adicionada uma curiosidade quanto a sua origem, sua vida, seu destino e o papel que desempenhava no mundo.

Tais observações, apesar de terem grande relevância ao serem registradas, duraram somente alguns segundos. Meu visitante, na verdade, estava agitado por uma empolgação sombria.

— O senhor está com ela? — perguntou, gritando. — O senhor está com ela?

Sua impaciência era tamanha que ele chegou a segurar meus braços, querendo me sacudir.

Afastei-o, consciente de que o toque de suas mãos fazia meu sangue gelar.

— Ora, senhor — rebati. — Esquece que ainda não tive o prazer de conhecê-lo. Sente-se, por favor.

E, mostrando como se faz, sentei-me em meu lugar habitual, reproduzindo da melhor forma possível meus modos diante de meus pacientes, pois o adiantado da hora, a natureza de minhas preocupações e o terror que meu visitante havia despertado me impediriam de agir de forma normal.

— Peço desculpas, Dr. Lanyon — respondeu ele de forma polida o bastante. — O senhor está certo; e minha impaciência acabou obscurecendo minha polidez. Estou aqui a pedido de seu colega, o Dr. Henry Jekyll, para tratar de um assunto bastante urgente; e creio que... — Ele fez uma pausa e colocou a mão na garganta, e pude notar, apesar de seus modos contidos, que lutava contra os primeiros sinais de histeria. — Creio que uma determinada gaveta...

Naquele instante, contudo, apiedei-me de meu visitante por sua extrema ansiedade — e talvez também de mim mesmo, pois minha curiosidade só aumentava.

— Aqui está, senhor — falei, apontando para a gaveta, que estava no chão, atrás de uma mesa e ainda coberta pelo lençol.

Ele saltou na direção dela, mas então fez uma pausa e colocou a mão no peito: era possível ouvir seus dentes rangendo com a ação convulsiva dos maxilares; e seu rosto estava com uma aparência tão medonha que fiquei alarmado, temendo por sua vida e por sua sanidade.

— Controle-se — ordenei.

Ele lançou um sorriso pavoroso para mim, e, como se tomasse uma decisão desesperada, arrancou o lençol. Ao observar o conteúdo, soluçou alto, com alívio tão imenso que fiquei petrificado. E, no momento seguinte, com uma voz que já estava razoavelmente sob controle, pediu:

— O senhor tem um copo graduado?

Levantei-me da poltrona com certa dificuldade e lhe dei o que havia pedido.

Ele me agradeceu com um aceno sorridente, mediu algumas gotas do extrato vermelho e acrescentou um dos pós. A mistura, que no início era de uma tonalidade avermelhada, começou, à medida que os cristais derretiam, a mudar de cor, ficando mais clara e brilhante, com uma efervescência audível, e passou a liberar pequenas emanações de vapor. De repente, a ebulição cessou e o composto mudou de cor novamente, para um roxo-escuro, que se desvaneceu mais lentamente para um verde pálido. Meu visitante, que havia observado essas metamorfoses com um olhar aguçado, sorriu, pousou o copo sobre a mesa e, então, virou-se e olhou para mim com ar inquisitivo.

— E, agora — disse ele —, decidiremos o que fazer. O senhor será sensato? Seguirá o curso das coisas? Permitirá que eu pegue este copo e deixe sua casa sem discussões? Ou a ganância da curiosidade extrema domina seus atos? Pense antes de responder, pois será feito conforme sua vontade. E, quando decidir, o senhor permanecerá como estava antes; nem mais rico, nem mais sábio, apenas com a sensação de ter ajudado um homem mortalmente aflito, se isso puder contar como uma espécie de riqueza da alma. Ou, se assim preferir, um novo horizonte de conhecimento e novas avenidas para a fama e para o poder se descortinarão diante de si, aqui, nesta sala, neste momento; e seus olhos serão tocados por um assombro capaz de abalar a incredulidade de Satã.

— Senhor — comecei, demonstrando uma frieza que estava longe de possuir realmente —, o senhor fala por enigmas, e talvez não passe por sua cabeça que o escuto sem acreditar muito em suas palavras. Mas já cheguei longe demais nas trilhas destes acontecimentos inexplicáveis para desistir antes de testemunhar o fim.

— Está bem — respondeu meu visitante. — Lanyon, lembre-se de seus votos: o que ocorrerá a seguir estará sob o juramento de nossa profissão. E agora, o senhor, que há tanto tempo tem estado preso às visões mais tacanhas e materiais, que negou as virtudes da medicina transcendental, que ridicularizou seus mestres... olhe atentamente!

Ele levou o copo à boca e bebeu de um só gole. Um grito ecoou; ele vacilou, cambaleou, agarrou-se à mesa e se encurvou, fitando o vazio com os olhos injetados, ofegando com a boca aberta; quando olhei em sua direção, houve, pareceu-me, uma mudança — ele parecia inchar —, seu rosto ficou preto de repente e sua face pareceu derreter e se modificar — e, no momento seguinte, levantei-me de súbito e recuei até a parede, meus braços erguidos para me proteger daquele assombro, minha mente afundada em terror.

— Meu Deus! — gritei. — Meu Deus! — repeti, e repeti.

Pois ali, diante de meus olhos — pálido e abalado e quase desmaiando, tateando diante de si, como um homem resgatado da morte —, estava Henry Jekyll!

O que ele me disse na hora seguinte não consigo passar para o papel. Vi o que vi, e ouvi o que ouvi, e minha alma adoeceu; ainda hoje, quando aquela visão já está se apagando de meus olhos, eu me pergunto se acredito no que aconteceu, e não sei o que responder. Minha vida foi completamente desestruturada; não consigo mais dormir; o terror mortal me acompanha em todas as horas do dia e da noite; e sinto que meus dias estão contados, e que devo morrer; mesmo assim, morrerei incrédulo. Quanto à torpeza moral que aquele homem me revelou, mesmo com lágrimas de penitência, não consigo, nem em minhas lembranças, voltar a pensar no assunto sem um arrepio de terror. Direi apenas mais uma coisa, Utterson, e (se você conseguir acreditar) será mais que suficiente. A criatura que adentrou minha casa naquela noite, na confissão do próprio Jekyll, era conhecida pelo nome de Hyde, e estava sendo caçada por todos os cantos pelo assassinato de Carew.

HASTIE LANYON

O depoimento completo de Henry Jekyll sobre o caso

Nasci em 18—, em uma família abastada, dotado de um físico excelente, inclinado ao trabalho por natureza, afeiçoado ao respeito pelo saber e benquisto entre meus pares, e assim, como seria de se supor, com todas as garantias de ter um futuro distinto e ilustre. E, de fato, o pior de meus defeitos era certa alegria impaciente, uma alegria que fez a felicidade de muitos, mas que eu tinha dificuldades em conciliar com o desejo imperioso de andar de cabeça erguida e assumir em público um semblante de gravidade maior que o de outros homens. Assim, aconteceu que ocultei meus prazeres e que, quando alcancei anos de reflexão e comecei a olhar a minha volta e fazer um balanço de meu progresso e de minha posição no mundo, deparei-me com uma duplicidade profunda da vida. Muitos homens teriam até mesmo se vangloriado das irregularidades das quais me sentia culpado; considerando os elevados padrões que havia estabelecido para mim mesmo, eu os julgava e os escondia com uma vergonha quase mórbida. Assim, não foi uma degradação particular em meu caráter, mas sim a natureza exigente de minhas aspirações o que me levou a ser quem eu era e que, com uma trincheira mais profunda do que a da maioria dos homens, separou em mim essas distinções de bem e mal que dividem e compõem a natureza dupla do homem. Dessa forma, fui levado a refletir profunda e inveteradamente sobre essa dura lei da vida, que está nas raízes da religião e é uma das fontes mais abundantes de angústia. Apesar de fazer um jogo duplo tão profundo, jamais poderia ser chamado de hipócrita; meus dois lados eram totalmente sinceros; eu não era mais eu mesmo quando abandonava a contenção e mergulhava na vergonha do que quando trabalhava, à luz do dia, para a promoção do conhecimento ou para o alívio da dor e do sofrimento. E foi por acaso que meus estudos científicos, voltados inteiramente para o místico e o transcendental,

destacaram e passaram a focar sobre essa consciência da guerra perene entre minhas partes. A cada dia, e de ambos os lados de minha mente, o moral e o intelectual, eu me aproximava progressivamente da verdade, por cuja descoberta parcial eu havia sido condenado a afundar de forma terrível: que o homem não é apenas um, mas dois. Eu digo dois, porque o estado de meu próprio conhecimento não vai além desse ponto. Outros me sucederão, outros irão me superar neste mesmo tema; e me arrisco a supor que o homem será conhecido no fim como um mero abrigo de entidades múltiplas, incongruentes e independentes. Eu, de minha parte, da natureza de minha vida, avancei de forma infalível em uma única direção. Foi no lado moral, e em mim mesmo, que aprendi a reconhecer a completa e primitiva dualidade do homem; vi que, das duas naturezas que duelavam no campo de minha consciência, mesmo se pudesse pender corretamente para uma delas, isso ocorria porque eu era radicalmente ambas; e, desde há muito tempo, mesmo antes do curso de minhas descobertas científicas começarem a sugerir a possibilidade de um milagre, eu já havia aprendido a viver com prazer, como um devaneio amado, com a ideia da separação desses elementos. Se cada um deles, eu dizia a mim mesmo, pudesse ser alojado em identidades separadas, a vida seria aliviada de tudo o que era insuportável; o injusto seguiria seu caminho, liberto das aspirações e do remorso de seu irmão gêmeo mais íntegro; e o justo poderia andar com firmeza e segurança em seu caminho para a elevação, fazendo as coisas certas nas quais encontrasse prazer, e não mais exposto à desgraça e à penitência nas mãos desse estranho malévolos. Era a maldição da humanidade que essas facetas incongruentes fossem, portanto, unidas uma à outra — que esses gêmeos opostos fossem obrigados a se manter em uma luta contínua no ventre agonizante da consciência. Como era, então, que estavam dissociados?

Foi nesse ponto de minhas reflexões que, como já disse, o foco da mesa do laboratório se voltou para esse assunto. Comecei a perceber mais profundamente o que jamais fora afirmado, a imaterialidade hesitante, a transitoriedade etérea deste corpo aparentemente tão sólido com o qual caminhamos. Descobri que certas substâncias tinham o poder de abalar e retomar tal vestimenta carnal, como o vento agita as cortinas de um pavilhão. Por duas boas razões, não vou me aprofundar no aspecto científico de minha confissão. Primeira, porque aprendi que a danação e o fardo de nossas vidas permanecerão para sempre pesando em nossos ombros, e, quando tentamos nos livrar do peso, ele retorna com uma força ainda mais

desconhecida e terrível. Segunda, porque, como minha narrativa irá tornar, ai de mim, bastante evidente, minhas descobertas foram incompletas. É suficiente dizer, então, que não apenas consegui diferenciar meu corpo natural da mera aura e do esplendor de algumas das forças que compõem meu espírito como fui capaz de formular uma droga através da qual essas forças podem ser destronadas de sua supremacia e substituídas por uma segunda forma e fisionomia, ainda que fossem naturais para mim, pois eram a expressão e traziam a marca dos elementos inferiores em minha alma.

Hesitei muito antes de expor essa teoria às provas da prática. Eu bem sabia que corria o risco de morrer; pois qualquer droga que controlasse e abalasse com tamanha intensidade a base do que é a identidade poderia, com o menor exagero na dose ou com a mínima inconveniência no momento da administração do composto, macular totalmente aquele tabernáculo imaterial que eu buscava alterar. Mas a tentativa de uma descoberta tão singular e tão profunda por fim superou as sombras de preocupação. Há muito preparara a tintura; adquiri, a um só tempo, de uma empresa atacadista de produtos químicos, uma grande quantidade de determinado sal que eu sabia, por minhas experiências, ser o último ingrediente necessário; em uma noite maldita, misturei os elementos, vi-os ferver e soltar fumaça, misturados no balão de ensaio, e, quando a ebulição diminuiu, com um brilho intenso de coragem, bebi toda a poção.

As dores mais excruciantes se sucederam: os ossos pareciam ser moídos, uma náusea terrível e um horror nas profundezas da alma, certamente mais intenso do que o que se sente no momento do nascimento ou da morte. Então essas agonias rapidamente começaram a se dissipar, e senti como se tivesse me recuperado de uma doença grave. Havia algo estranho em meus sentimentos, algo indescritivelmente novo e, por causa dessa própria novidade, incrivelmente prazeroso. Senti-me mais jovem, mais leve, mais feliz naquele corpo; em meu íntimo, estava consciente de uma imprudência inebriante, uma corrente de imagens sensuais desordenadas, funcionando como um turbilhão em minha imaginação, uma dissolução das amarras do dever, uma liberdade desconhecida, mas inocente, da alma. Percebi que, assim que respirei pela primeira vez nessa nova vida, tornara-me mais perverso, dez vezes mais perverso, tornara-me um escravo do pecado original; e o pensamento, naquele momento, envolvia-me e me inebriava como vinho. Estendi as mãos, exultante com o frescor dessas sensações; e, ao fazer tal gesto, de repente percebi que minha

estatura havia reduzido.

Nessa época, não havia espelho em meu quarto; este que está ao meu lado enquanto escrevo foi trazido depois para que eu pudesse observar essas transformações. A noite, no entanto, há muito avançara madrugada adentro — madrugada que, escura como se apresentava, já estava em vias de conceber um novo dia; os habitantes de minha casa estavam trancafiados nas mais profundas horas de sono, e decidi, imerso em esperança e triunfo, arriscar-me a ir até meu quarto nessa nova forma física. Atravessei o pátio, onde as constelações me observavam do firmamento, e eu poderia ter pensado, com admiração, que era a primeira criatura daquele tipo a ver sua vigilância insone; esgueirei-me pelos corredores, um estranho em minha própria casa; chegando ao meu quarto, vi pela primeira vez a aparência de Edward Hyde.

Aqui, devo falar apenas em teoria, não do que sei, mas do que acho ser mais provável. O lado mau de minha natureza, ao qual agora eu transferira um poder incontestável, era menos robusto e menos desenvolvido que o bom, que eu havia deixado de lado. Afinal, no transcorrer de minha vida, que tem sido, em última análise, nove décimos de uma existência cheia de esforço, virtude e autocontrole, meu lado mau foi muito menos exercitado e muito menos requisitado. E, assim, ao que me parece, deu-se que Edward Hyde se apresentou muito menor, menos corpulento e mais jovem que Henry Jekyll. Enquanto a bondade reluzia na face de um, a maldade estava escrita de modo claro e evidente na face do outro. Além disso, o mal (que ainda considero ser o lado fatal da humanidade) havia deixado naquele corpo uma impressão de deformidade e deterioração. Ainda assim, quando observei a figura malévola no espelho, não senti repugnância, mas sim um impulso de boas-vindas. Aquele ser também era eu mesmo. Pareceu-me natural e humano. Em meus olhos havia uma imagem mais vívida do espírito, parecia mais expressivo e único do que o semblante imperfeito e dividido que até então estava acostumado a chamar de meu. Nesse ponto, sem sombra de dúvida, eu estava correto. Observei que, quando carregou a aparência de Edward Hyde, ninguém se aproxima de mim pela primeira vez sem um receio visível em suas entranhas. Isto, considero, ocorre porque todos os seres humanos, quando os conhecemos, são uma mescla do bem e do mal: e Edward Hyde, figura única entre as diversas classes de seres humanos, era pura maldade.

Não me demorei mais de alguns instantes diante do espelho: o segundo experimento, conclusivo, ainda devia ser feito; ainda precisaria ser determinado se

minha identidade havia sido perdida para além da redenção e se, antes do raiar do dia, eu teria de fugir de uma casa que já não me pertencia; e, correndo de volta ao meu gabinete, mais uma vez preparei e bebi a poção, mais uma vez sofri as dores da dissolução e voltei a mim com a personalidade, a estatura e a face de Henry Jekyll.

Naquela noite, eu havia chegado à encruzilhada fatal. Se tivesse abordado minha descoberta com um estado de espírito mais nobre, se tivesse me arriscado a fazer o experimento por aspirações generosas ou piedosas, tudo teria sido diferente, e dessas agonias de morte e renascimento eu teria ressurgido como um anjo, não como um demônio. A droga não fazia discernimento; não era diabólica nem divina; mas abalou as portas da prisão de minha disposição; e, como os cativos de Filipos, a essência guardada em meu interior ganhou liberdade. Naquela ocasião, minha virtude adormeceu; meu lado mau, mantido desperto pela ambição, estava alerta e pronto para aproveitar a ocasião; o produto disso era Edward Hyde. Portanto, embora eu tivesse agora duas personalidades, bem como duas aparências, uma era a maldade pura, e a outra ainda era o velho Henry Jekyll, aquele composto incongruente cuja correção e melhoria eu já aprendera a não esperar. A mudança só poderia ocorrer, portanto, para o pior.

Mesmo naquela época, eu ainda não havia vencido minha aversão à aridez de uma vida dedicada aos estudos. Em algumas ocasiões, ainda estava disposto a ter momentos de felicidade; e, como meus prazeres eram (para dizer o mínimo) indignos, e eu era altamente respeitado, além de bastante conhecido, mas caminhava em direção à velhice, essa incoerência de minha vida se tornava cada dia mais inconveniente. Foi diante disso que meu novo poder me tentou, até que me tornei escravo dele. Minha única opção era beber a poção, eliminar de uma vez o corpo do professor notável e assumir, como um manto espesso, o de Edward Hyde. Sorri diante da ideia; pareceu-me na ocasião ser algo divertido; e elaborei minhas formulações com cuidado e muito critério. Preparei e mobiliei a casa no Soho, na qual Hyde foi procurado pela polícia; e contratei como governanta uma criatura que eu sabia bem ser reservada e inescrupulosa. Ao mesmo tempo, anunciei aos meus criados que um tal Mr. Hyde (que lhes descrevi) teria completa liberdade e poder sobre minha casa na praça; e, para evitar contratemplos, cheguei a visitar a casa, de forma que se familiarizassem com minha segunda persona. Em seguida, elaborei o testamento ao qual você tanto se opôs; para que, se algo se abatesse sobre mim, na pessoa de Dr. Jekyll, eu poderia assumir a figura de Edward Hyde sem perdas

materiais. E, assim, fortalecido por todos os lados, como supunha, comecei a usufruir da estranha imunidade advinda de minha posição.

Já houve relatos de homens que contrataram malfetores para realizar seus crimes, enquanto eles próprios e sua reputação eram preservados. Fui o primeiro a fazer isso para satisfação própria. Fui o primeiro a poder caminhar aos olhos da sociedade com imensa respeitabilidade e, no momento seguinte, como um garotinho, despir-me dessas qualidades e mergulhar de cabeça no mar da liberdade. Mas, para mim, em meu manto impenetrável, a segurança era completa. Pense nisto — eu sequer existia! Bastaria escapar pela porta de meu laboratório, gastar um ou dois segundos para misturar a fórmula e tomar o gole que sempre deixava pronto; e, não importa o que tivesse feito, Edward Hyde desapareceria como a respiração condensada sobre um espelho; em seu lugar, tranquilamente em casa, estudando até tarde em seu gabinete, estaria um homem acima de qualquer suspeita: Henry Jekyll.

Os prazeres que me apeguei em buscar sob meu disfarce eram, como já disse, indignos; eu não usaria um termo mais pesado. Porém, nas mãos de Edward Hyde, eles logo passaram a ser monstruosos. Quando voltava dessas excursões, muitas vezes mergulhava em um êxtase ao perceber minha depravação vicária. Aquele ser, que era fruto de minha própria alma e que libertei para viver sozinho e a seu bel-prazer, era inerentemente maligno e vil; todos os seus atos e pensamentos eram egoístas; sorvendo o prazer com uma avidez bestial, sem se importar com o grau de tortura que infligisse aos outros; implacável como um homem esculpido em mármore. Henry Jekyll às vezes ficava horrorizado diante dos atos de Edward Hyde; mas a situação estava além das leis comuns, e insidiosamente fugia ao controle da consciência. Era Hyde, afinal de contas, somente Hyde, o culpado por tudo. Jekyll continuava o mesmo; ao acordar, suas boas qualidades não pareciam ter sofrido nenhum prejuízo; e até se apressava, quando possível, a reparar o mal praticado por Hyde. E, assim, sua consciência adormecia.

Não tenho intenção de me aprofundar nos detalhes das infâmias com que fui, desta forma, conivente (pois mesmo agora não sou capaz de admitir tê-las cometido); pretendo apenas salientar os sinais e os indícios sucessivos que indicavam a aproximação de meu castigo. Fui envolvido em um incidente que, como não trouxe consequências, irei apenas mencionar. Um ato de crueldade a uma criança despertou contra mim o ódio de um transeunte, a quem reconheci outro dia como sendo parente seu; o médico e a família da criança se uniram a ele; houve momentos em que

temi por minha vida; e, por fim, para pacificar a justa indignação de todos eles, Edward Hyde teve de trazê-los a nossa porta e lhes dar como indenização um cheque em nome de Henry Jekyll. Mas esse perigo foi facilmente eliminado do futuro quando abri uma conta em outro banco em nome de Edward Hyde; quando, ao inclinar minha mão para trás, dei a meu duplo uma assinatura, considerei que estivesse além do alcance do destino.

Cerca de dois meses antes do assassinato de Sir Danvers, eu havia saído para uma de minhas aventuras, retornei de madrugada e despertei no dia seguinte já em minha cama, com uma sensação um tanto estranha. Foi em vão que procurei me recompor; em vão, vi a bela mobília e o pé-direito alto de meu quarto na praça; em vão, reconheci a estampa das cortinas do dossel da cama e o desenho da estrutura de mogno; algo continuava insistindo que eu não estava naquele lugar, que não tinha acordado onde parecia estar, mas no cubículo no Soho, onde estava acostumado a dormir no corpo de Edward Hyde. Sorri para mim mesmo e, como dita minha disposição psicológica, comecei a investigar sem pressa os elementos dessa ilusão; ocasionalmente, mesmo em meio a reflexões, voltava a me deixar levar por um confortável cochilo matinal. Ainda estava bastante entretido quando, em um de meus momentos mais despertos, meus olhos enfocaram minha mão. Bem, a mão de Henry Jekyll (como você já observou) era profissional em tamanho e formato: grande, firme, branca e elegante. Mas a mão que eu via agora, claramente, à luz amarela de uma tenra manhã de Londres, repousando meio fechada sobre a roupa de cama, era magra, marcada por veias saltadas e juntas proeminentes, de uma palidez sombria, com tufos de pelos eriçados. Era a mão de Edward Hyde.

Devo ter passado quase meio minuto encarando essa mão, envolto como estava em um sentimento de admiração estupefata, antes de ser acordado pelo terror em meu peito, tão súbito e surpreendente quanto o bater de címbalos; e, libertando-me da cama, corri para o espelho. Diante daquela imagem projetada, meu sangue se transformou em um fluido ralo e gelado. Sim, eu fora me deitar Henry Jekyll e acordara Edward Hyde. Como explicar essa transformação?, perguntei a mim mesmo; e então, com outro sobressalto de terror — como remediar a situação? A manhã já passava da metade; os criados estavam acordados; todas as minhas drogas estavam em meu gabinete — uma longa jornada de onde me encontrava, congelado pelo pavor: dois lances de escada pela porta dos fundos, cruzando o pátio aberto e passando pelo anfiteatro. De fato, seria possível cobrir o rosto; mas de que

adiantaria isso se eu era incapaz de disfarçar a alteração de minha estatura? E então, com uma avassaladora sensação de alívio, lembrei-me de que a criadagem estava habituada às idas e vindas de meu outro eu. Logo já estava vestido, dentro do possível, com roupas de meu tamanho: em pouco tempo, caminhei pela casa, onde Bradshaw me encarou e recuou ao ver Mr. Hyde a essa hora e com uma aparência tão estranha; e, dez minutos depois, Dr. Jekyll voltava a sua própria forma e ia se sentar, com o cenho franzido, para tomar seu desjejum.

Eu estava mesmo com pouco apetite. Esse incidente inexplicável, essa inversão de minha experiência prévia parecia, como o dedo na Babilônia apontando para a parede, soletrar as letras de meu julgamento; comecei a refletir com mais seriedade do que nunca sobre as questões e as possibilidades de minha existência dupla. Aquele parte de mim que eu tinha a capacidade de projetar ultimamente vinha sendo muito exercitada e nutrida; assim, recentemente, parecia-me que o corpo de Edward Hyde havia crescido em estatura, como se (quando usava aquela forma) percebesse o sangue correndo com mais vigor por minhas veias; e comecei a pressentir o perigo de, se essa situação fosse prolongada demais, o equilíbrio de minha natureza ser perdido para sempre, o poder da mudança voluntária ser apagado, e a personalidade de Edward Hyde se tornar irrevogavelmente minha. A potência da droga não se apresentava sempre igual. Uma vez, bem no início de minha carreira, o fracasso fora total; desde então, eu havia sido obrigado em mais de uma ocasião a duplicar e, uma vez, com infinito risco de morte, triplicar a quantidade; essas raras incertezas haviam sido até agora as únicas sombras pairando sobre meu contentamento. Naquele momento, no entanto, e tendo em conta o acidente daquela manhã, fui levado a observar que, no início, embora a dificuldade fosse me livrar do corpo de Jekyll, nos últimos tempos essa complicação ia, aos poucos mas de forma decisiva, sendo transferida para o outro lado. Tudo, portanto, parecia apontar para isto; que eu estava lentamente perdendo o controle de meu eu original e melhor, e me incorporava lentamente a minha segunda e pior natureza.

Eu sentia agora que teria de escolher entre elas. Minhas duas naturezas tinham a mesma memória, porém todas as outras faculdades eram compartilhadas em proporções desiguais. Jekyll (que era complexo), ora com suas apreensões mais sensíveis, ora com um excesso de entusiasmo, projetava e compartilhava os prazeres e as aventuras de Hyde; mas Hyde era indiferente a Jekyll; quando muito, lembrava-se dele como o bandoleiro da montanha se lembra da caverna onde se esconde da

perseguição. Jekyll sentia um interesse maior que o de um pai; Hyde sentia uma indiferença maior que a de um filho. Estabelecer-me para sempre como Jekyll seria morrer para os apetites que havia tanto eu fora indulgente em segredo e que nos últimos tempos começara a apreciar. Estabelecer-me para sempre como Hyde seria abdicar de milhares de interesses e aspirações e me tornar, de uma vez por todas, desprezado e sem amigos. A negociação podia parecer desigual; mas ainda havia outro fato a ser considerado; pois, enquanto Jekyll sofreria pesadamente no fogo da abstinência, Hyde não teria sequer consciência de tudo o que perdera. Por mais estranhas que fossem minhas circunstâncias, os termos dessa discussão eram tão velhos e banais quanto a humanidade; praticamente as mesmas sugestões e os mesmos sinais de alerta atormentam qualquer pecador hesitante e tentado; e foi assim também comigo, como com a maioria de meus semelhantes, pois optei pela melhor parte e descobri que não teria forças para honrar minha escolha.

Sim, eu preferia o médico idoso e descontente, rodeado por amigos e nutrindo esperanças honestas; despedi-me de forma resoluta da liberdade, da relativa juventude, dos passos leves, dos impulsos enérgicos e dos prazeres secretos que eu desfrutava sob o manto de Hyde. Fiz essa opção talvez com certa reserva inconsciente, porque não desisti da casa no Soho nem destruí as roupas de Edward Hyde, que ainda se encontram em meu gabinete. Passei dois meses, no entanto, fiel a minha determinação; por dois meses, levei uma vida de tamanha severidade como nunca antes levava, e usufruí das recompensas de uma consciência limpa. Mas finalmente o tempo começou a obliterar o frescor de minha decisão; os louvores da consciência começaram a se tornar banais; comecei a ser torturado por espasmos e anseios, como se Hyde lutasse por se libertar; e, por fim, em um momento de fraqueza moral, mais uma vez preparei e ingeri a poção transformadora.

Acredito que, quando um bêbado discute consigo mesmo sobre seu vício, nem uma vez em mil ele se sente afetado pelos perigos que corre por sua brutal insensibilidade física. O mesmo ocorria comigo; por mais que tivesse considerado minha posição, nunca levei a sério a total insensibilidade moral e a insensata disposição para o mal que compunham os principais traços distintivos de Edward Hyde. No entanto, foi por causa deles que fui punido. O diabo, há muito enjaulado dentro de mim, libertou-se rugindo. Eu tinha consciência, mesmo ao tomar a poção, de uma propensão para o mal mais descontrolada e mais furiosa. Deve ter sido isso, suponho, o que provocou em minha alma aquela tempestade de impaciência ao ouvir

as civilidades de minha infeliz vítima; declaro, ao menos perante Deus, que nenhum homem moralmente não poderia ter cometido tal crime após uma provocação tão insignificante e que agi agressivamente motivado por um espírito tão insensato quanto aquele que torna uma criança contrariada capaz de quebrar um brinquedo. Mas eu voluntariamente me despojara de todos os instintos de equilíbrio que faz com que até mesmo o pior dos homens continue a andar com algum grau de controle entre as tentações; e, no meu caso, ser tentado, mesmo que apenas um pouco, seria minha perdição.

Imediatamente o espírito infernal despertou em mim e se enfureceu. Tomado pelo prazer, espanquei o corpo que não oferecia resistência, sentindo um deleite a cada novo golpe; foi apenas quando o cansaço começou a me vencer que, de repente, no auge do delírio, meu coração foi atingido por uma onda gélida de terror. Uma névoa foi dispersa; vi minha vida se perdendo; e fugi da cena desses excessos, com sentimentos de vitória e terror, minha luxúria pelo mal satisfeita e estimulada, meu amor pela vida em seu nível mais alto. Corri para a casa no Soho, e (para me garantir duplamente) destruí meus documentos; saí então para as ruas iluminadas por lâmpadas, no mesmo êxtase dividido, vangloriando-me de meu crime, planejando os próximos sem pesar e ainda assim me apressando e temendo ouvir os passos de um justiceiro. Hyde tinha uma canção nos lábios quando preparava a poção, e, ao ingeri-la, ergueu um brinde ao homem morto. A angústia da transformação não cessara por completo quando Henry Jekyll, com lágrimas de gratidão e remorso escorrendo pela face, caiu de joelhos e ergueu as mãos em prece a Deus. O véu da autoindulgência fora dilacerado da cabeça aos pés. Vi minha vida passar diante de meus olhos: desde a tenra infância, quando caminhava de mãos dadas com meu pai, através da labuta abnegada de minha vida profissional, até chegar de novo e de novo, com o mesmo senso de falsidade, aos malditos horrores noturnos. Eu poderia ter gritado; busquei com lágrimas e orações sufocar a imensidão de imagens e sons odiosos que atormentavam minha mente; e mesmo assim, ainda que suplicasse, a terrível face de minha iniquidade fitava as profundezas de minha alma. Conforme a pungência desse remorso começava a se esvaír, ela foi sucedida por um sentimento de alegria. O problema decorrente de meus atos estava resolvido. Dali para a frente, Hyde seria inviável; quisesse ou não, agora eu estava confinado à melhor parte de minha existência, e, santo Deus, como esse pensamento me alegrava! Com essa humildade disposta, abracei novamente as restrições da vida natural! Foi com uma

renúncia sincera que tranquei a porta pela qual havia tantas vezes ido e vindo e enterrei a chave sob meu calcanhar!

No dia seguinte, veio a notícia de que o assassinato fora testemunhado, que a culpa de Hyde era evidente a todos, e que a vítima era um homem por quem o povo tinha alta estima. Não era apenas um crime, havia sido uma sandice trágica. Acho que fiquei satisfeito em saber disso; acho que fiquei satisfeito em ter meus melhores impulsos reforçados e resguardados pelos terrores do cadafalso. Jekyll agora era meu refúgio; bastaria Hyde dar uma escapadela por um instante, e as mãos de todos os homens seriam erguidas para prendê-lo e matá-lo.

Decidi que minha conduta futura iria redimir o passado; e posso dizer com honestidade que minha decisão rendeu bons frutos. Você sabe como, nos últimos meses do ano que passou, empenhei-me muito em aliviar sofrimentos; você sabe o quanto fiz em benefício dos outros e que os dias se passaram em paz, quase felizes. Nem posso dizer verdadeiramente que me cansei dessa vida beneficente e imaculada; acredito que, em vez disso, cada dia era capaz de aproveitá-la melhor; porém, ainda estava amaldiçoado com minha dualidade de propósitos; e, quando a primeira fronteira de minha penitência se desgastou, meu lado inferior, com o qual eu fora indulgente por tanto tempo e que tão recentemente havia acorrentado, começou a clamar por liberdade. Não que eu sonhasse em ressuscitar Hyde; a simples menção a isso já me assustava e me levava ao delírio: não, era meu próprio eu que se manifestava, e uma vez mais estava tentado a brincar com minha consciência; foi como um pecador simples e secreto que finalmente cedi aos assaltos da tentação.

Tudo tem um fim; mesmo a medida mais ampla é preenchida no final; e essa breve condescendência ao meu lado mau por fim destruiu o equilíbrio de minha alma. E, mesmo assim, não fiquei alarmado; a queda parecia natural, como um retorno aos velhos tempos anteriores a minha descoberta. Era um dia tranquilo e claro de janeiro. O chão estava molhado onde a neve derreteria, mas o céu não tinha nuvens; o Regent's Park estava tomado pelos gorjeios de inverno e pelos doces aromas da primavera. Sentei-me ao sol num banco; o animal que habitava meu interior se refestelava com as memórias; o lado espiritual estava um pouco embotado, prometendo uma penitência subsequente, mas não dava o primeiro passo. A final de contas, refleti, eu era como as pessoas ao meu redor; e então sorri, comparando-me com outros homens, comparando minha benevolência enérgica com a crueldade preguiçosa da negligência deles. E, no momento em que formulei esse pensamento de

exaltação, um dilema sobreveio, uma náusea excruciante, e comecei a tremer excessivamente. Essas sensações foram desbotando e me deixaram fraco; e então, à medida que a fraqueza diminuía, comecei a me lembrar de uma mudança na temperança de meus pensamentos, uma ousadia maior, um desprezo pelo perigo, uma dissolução das amarras do dever. Olhei para baixo; minhas roupas pendiam disformes de meus membros encolhidos; a mão que jazia sobre meu joelho tinha veias marcadas e era peluda. Mais uma vez, eu me tornara Edward Hyde. Um momento antes estava a salvo de todos os homens de respeito, era rico, amado — a mesa posta para mim na sala de jantar de casa; e agora era a brutalidade comum da humanidade, perseguido, sem lar, um assassino conhecido, destinado ao cadafalso.

Minha capacidade de raciocínio estava comprometida, mas não me deixou por completo. Mais de uma vez observei que, quando em minha segunda persona, minha percepção ficava mais aguçada, e meu espírito, mais tenso e flexível; assim, sucedeu que, quando Jekyll talvez tivesse sucumbido, Hyde se aproveitou para tomar o controle da situação. Minhas drogas estavam em um dos armários de meu gabinete; como iria chegar até elas? Esse era o problema que (comprimindo as têmporas com as mãos) eu procurava resolver. Havia fechado a porta do laboratório. Se tentasse entrar pela casa, meus próprios criados iriam me despachar para a força. Entendi que outra mão teria de realizar o serviço, e meu pensamento se voltou para Lanyon. Como entrar em contato com ele? Como convencê-lo? Supondo que eu escapasse da captura nas ruas, como poderia chegar a sua presença? E como eu, um visitante desconhecido e desagradável, convenceria o famoso médico a vasculhar os pertences de seu colega, Dr. Jekyll? Então me lembrei de que, de minha persona original, uma parte permanecera comigo: eu ainda era capaz de reproduzir minha própria caligrafia; e, uma vez iluminado o início do caminho, o restante se tornou claro do início ao fim.

Então arrumei minhas roupas da melhor forma possível e tomei um cabriolé que por lá passava, dirigi-me a um hotel na Portland Street, cujo nome por acaso permanecia em minha memória. Contemplando minha aparência (que era de fato bastante cômica, embora essas vestimentas cobrissem um destino trágico), o cocheiro não pôde esconder seu escárnio. Rangi os dentes para ele com uma rajada de fúria demoníaca; e o sorriso desapareceu de sua face — melhor para ele; ainda melhor para mim mesmo, pois em outra ocasião eu certamente teria arrastado o homem para fora da boleia. Chegando ao meu destino, assim que entrei, olhei ao

redor com um semblante tão pesado que os atendentes tremeram; não trocaram sequer um olhar em minha presença; mas atenderam minhas ordens sem pestanejar, indicaram-me um quarto isolado e levaram para mim o material para escrever. Hyde temendo por sua própria vida era uma criatura nova para mim; abalado pela raiva excessiva, atado ao campo do homicídio, ansiando por infligir dor. No entanto, a criatura era astuta; dominava sua fúria com um imenso esforço; redigiu as duas cartas importantes, uma para Lanyon e outra para Poole; e, para que pudesse receber provas reais de terem sido postadas, enviou-as com a determinação de que deveriam ser registradas. A partir de então, passou o resto do dia sentado diante da lareira no quarto isolado, ansioso; lá, jantou, sentado sozinho com seus medos, o garçom visivelmente perturbado ao observá-lo; e assim, quando a noite se estabeleceu, ele se acomodou na lateral de um coche fechado e foi levado pelas ruas da cidade, em um passeio interminável. Digo ele — não posso dizer eu. Aquele filho do Inferno que não tinha nada de humano; nada vivia em seu interior além de medo e ódio. Quando, por fim, achou que o cocheiro começara a suspeitar dele, dispensou o transporte e se arriscou a caminhar, vestindo seus trajes desproporcionais, um homem capaz de chamar a atenção em meio às pessoas que vagavam pela noite, os dois sentimentos nefastos se intensificando nele como uma tempestade. Caminhava a passos rápidos, caçado por seus próprios medos, falando consigo mesmo, esgueirando-se por vias menos movimentadas, contando os minutos que ainda o separavam da meia-noite. Em certo ponto, uma mulher lhe dirigiu a palavra, oferecendo, imagino, uma caixa de fósforos. Ele golpeou seu rosto com força, e ela fugiu.

Quando voltei a mim na casa de Lanyon, o horror de meu velho amigo talvez tenha me afetado um pouco: não sei; era somente uma gota no oceano da aversão com que passei a encarar aquelas horas. Uma mudança havia se operado em mim. Já não era o medo do cadafalso, mas o horror de ser Hyde que me atormentava. Recebi a condenação de Lanyon como se não passasse de um sonho; também como em um sonho, voltei para casa, para minha própria casa, e me enfié na cama. Dormi depois da prostração do dia, com um sono profundo e rigoroso que nem mesmo os pesadelos que me atormentavam poderiam me despertar. Acordei de manhã abalado, enfraquecido, mas revigorado. Ainda odiava e temia o pensamento do monstro que adormeceu dentro de mim, e, é claro, não havia esquecido os terríveis perigos do dia anterior; mas estava outra vez em casa, em minha própria casa, e

perto de minhas fórmulas; a gratidão pela minha fuga brilhou tão forte na minha alma que quase rivalizava com o brilho da esperança.

Eu caminhava descompromissado pelo pátio após o desjejum, respirando o ar frio com prazer, quando fui arrebatado novamente por aquelas sensações indescritíveis que anunciavam a transformação; só tive tempo de correr para o abrigo de meu gabinete, antes de ser assolado novamente pelas paixões indomáveis e congelantes de Hyde. Nesta ocasião, precisei de uma dose dupla para me recuperar; e, valha-me Deus!, seis horas depois, enquanto estava sentado, olhando com tristeza para a lareira, a angústia voltou, e a poção teve de ser reaplicada. Em síntese, daquele dia em diante, parecia-me que, somente com um grande esforço, como se fizesse exercícios, e somente sob o efeito imediato da poção, eu conseguiria me manter no corpo e com a personalidade de Jekyll. A qualquer hora do dia ou da noite, eu poderia ser surpreendido pelo tremor premonitório; especialmente quando dormia, ou até mesmo se cochilava por um momento em minha cadeira, era sempre na forma de Hyde que eu despertava. Sob a tensão dessa constante maldição iminente e pela falta de sono a que agora fora condenado, sim, muito além do que eu considerava serem os limites que um homem consegue suportar, tornei-me, em minha própria pessoa, uma criatura desgastada e esvaziada pela febre, languidamente fraca em corpo e espírito, e ocupada apenas por um pensamento: o horror ao meu outro eu. Mas, quando dormia ou quando a virtude da medicação se esvaía, era capaz de saltar quase de imediato (pois a angústia da transformação era cada vez menos perceptível) para um devaneio de fantasias repletas de imagens de horror, uma alma ardendo com ódios infundados e um corpo que não parecia forte o suficiente para conter a fúria das energias vitais. Os poderes de Hyde pareciam se agigantar com o enfraquecimento de Jekyll. E certamente o ódio que agora os dividia era igual em ambos os lados. Com Jekyll, era uma questão de instinto de sobrevivência. Ele agora via a total deformidade daquela criatura com quem compartilhava alguns dos fenômenos da consciência, e com quem ele compartilharia a morte: e, para além desses elos de comunhão, que por si já constituíam a parte mais pungente de sua agonia, ele pensou em Hyde, apesar de toda a energia vital deste, como algo não apenas infernal mas inorgânico. Foi uma descoberta estarrecedora: que a lama do abismo parecia ecoar choros e vozes; que o pó amorfo gesticulava e pecava; que a massa morta e disforme pudesse usurpar funções vitais. E, mais uma vez, que aquele terror insurgente estivesse mais unido a ele que uma esposa, mais próximo que um

olho; encontrava-se preso em sua carne, onde o escutava murmurar e pressentia sua luta para nascer; e, a cada instante de fraqueza, ou durante a segurança de um cochilo, prevalecia contra ele, usurpando-lhe sua própria vida. O ódio que Hyde sentia por Jekyll era de uma ordem diferente. Seu temor do cadafalso o impelia constantemente a cometer um suicídio temporário e voltar à sua condição de subordinado, de ser uma parte e não uma pessoa; mas ele abominava essa necessidade, abominava a depressão na qual Jekyll se encontrava e se ressentia do desprezo do qual ele próprio era objeto. Isso explica os gestos desarticulados e simiescos que Hyde fazia para me humilhar, rabiscando, com minha própria caligrafia, blasfêmias nas páginas de meus cadernos, queimando cartas e violando o retrato de meu pai; na verdade, não fosse o medo que ele sentia de perder a vida, já teria se lançado à ruína há tempos, apenas para me levar junto. Mas seu amor à vida é maravilhoso; vou mais longe: eu, que fico enjoado e gelo só de pensar nele, quando recorro a abjeção e a paixão desse apego, e, quando penso no quanto temo meu poder de eliminá-lo com o suicídio, consigo encontrar em meu coração motivos para sentir pena da criatura.

É inútil prolongar esta descrição, e o tempo me é escasso: nunca um ser humano sofreu tais tormentos, então não preciso me alongar; mesmo assim, o hábito trouxe, se não alívio, uma alma experiente, uma aquiescência do desespero; e minha punição poderia prosseguir por anos a fio, não fosse a última calamidade que se abateu agora sobre mim e que por fim me separou de minha própria face e de minha natureza. A provisão de sal, que nunca fora renovada desde a data da primeira experiência, começou a escassear. Adquiri um novo suprimento e preparei a poção; a ebulição aconteceu, assim como a primeira mudança de cor, mas não a segunda; tomei o líquido e nada ocorreu. Você saberá por Poole como vasculhei Londres; tudo em vão; e agora estou convencido de que a primeira substância que recebi estava impura, e que era aquela impureza desconhecida que emprestava eficácia à poção.

Aproximadamente uma semana se passou, e agora estou terminando esta declaração sob a influência da última dose dos pós do suprimento antigo. Esta, então, é a última vez, exceto se houver um milagre, que Henry Jekyll pode ser dono de seus próprios pensamentos e é capaz de admirar no espelho o próprio rosto — agora tão tristemente deformado! Além disso, não posso me demorar muito para concluir estes escritos; pois, se minha narrativa até aqui escapou da destruição, foi por uma combinação de extrema prudência e imensa sorte. Se os espasmos violentos

da transformação me atingirem enquanto escrevo, Hyde rasgará este papel em pedaços; mas, se algum tempo tiver passado depois de o texto ser concluído, seu maravilhoso egoísmo e sua circunscrição ao momento atual provavelmente irão salvá-lo novamente da ação de sua fúria simiesca. E de fato a desgraça que se aproxima tanto já o transformou quanto o subjugou. Em meia hora, quando eu voltar novamente e de modo definitivo a assumir aquela persona odiosa, sei que vou me sentar em minha cadeira, tremendo e chorando, ou continuarei, com o êxtase mais nervoso e temeroso, a andar de um lado para o outro neste aposento (meu último refúgio terreno), com os ouvidos aguçados ao menor sinal de ameaça. Hyde morrerá no cadafalso? Ou encontrará coragem para se libertar no último instante? Só Deus sabe dizer; isto não me afeta mais; cheguei ao ponto final de minha existência, e o que virá a seguir é problema de outrem, não meu. Agora, ao largar a pena e lacrar minha confissão, ponho um fim à vida deste infeliz Henry Jekyll.

Agradecimentos

Este livro levou muitos anos de preparo, e várias pessoas fantásticas o tornaram possível pelo seu interesse e por suas contribuições. Eu gostaria de ter espaço suficiente para agradecer a cada um individualmente, mas alguns nomes terão que ser suficientes:

Erin Harris, superagente extraordinária, leitora de primeira e amiga: você reconheceu minhas habilidades promissoras e ficou ao meu lado durante meus muitos projetos, infinitamente leal e igualmente sedenta como eu. Este livro existe por sua causa.

Uma dívida de gratidão a Jenna Johnson, por ter apostado neste livro, por suas leituras detalhistas e por suas sugestões perspicazes; este é um romance muito mais arguto, mais vigoroso, graças a você. Nina Barnett, por sua assistência dedicada a cada detalhe, sua disponibilidade e dedicação. Tracy Roe, por seu trabalho editorial zeloso, pelo polimento final elucidativo que deu à obra. Obrigado a toda a talentosa equipe HMH por transformar uma ideia em realidade.

David Leavitt, Padgett Powell, Jill Ciment, Mary Robison, Martin Roper e Mary Gaitskill, obrigado pela orientação hábil ao longo dos anos. Lee Behlman, por seu grande conhecimento sobre a era vitoriana e suas aulas inspiradoras. Adam Vines, Allen Jih, Matthew Ladd, Eric Maxson, Jessica Murray, Elizabeth Kaiser, Stephen Priest, Dave Reidy, Troy Teegarden, Tanya Underwood, Annie McFadyen e todos os meus outros amigos maravilhosos da Flórida.

Amant Dewan, Matthew Santiago, James Bucher, Michael Weisberg. Obrigado, Benjamin Percy, por seus conselhos e por seu apoio nos escritos. Angus e Keri Shee, Joe Tuazon, Lauren Tabak, Noah Lichtman, Adam Saltzman. David Walton, Nicky Britt, Lindsay Shoemaker, Jason Kraft, Gala Orba, Stephanie Dykema. Nick

Costa. Mikey Troxell — obrigado, ah, por tudo.

Muita gratidão a todos os meus alunos ao longo dos anos na Montclair State University, na Metro State College de Denver e na Red Rocks Community College por seu engajamento e por sua vitalidade, pelo que vocês me ensinaram e por me manterem conectados com o mundo.

A todos os amigos da família que tenho sorte em ter — Alice Freed, os Marsons, os Citrins, os Jaffes, os Rosens, os Wolfs, Gloria Waldman, Sherry Satterfield —, meu amor e profunda gratidão. Obrigado a minha tia e a meu tio, Susan e Stan Brim, e a meus avós Edna e Ben Gould.

Mamacita, Linda Gould Levine, sou uma pessoa de sorte por tê-la como uma leitora e por suas respostas incrivelmente detalhadas, acadêmicas, entusiastas (e quase sempre aptas, embora eu fosse relutante em admitir isso inicialmente) a tudo o que escrevo. Você acreditou em mim, em todas as fases da minha vida e me deu a confiança e o apoio para seguir o caminho difícil e incerto de minha paixão. Assim como meu velho pai, Barry Levine, você lia tudo o que eu escrevia quase imediatamente e com entusiasmo, com seu otimismo característico, doce consistência e aprovação constante. E meu pequeno Andrew Levine, obrigado por sua honestidade implacável, seu senso de humor perverso, seu coração terno; por ser meu melhor amigo para a vida toda.

Por último, e acima de tudo, Hilary Hodge, *personita favorita*. Desde o início deste projeto, de alguma forma, você compreendeu completamente o âmago da questão e me guiou, aguentando estoicamente minhas respostas taciturnas para oferecer nada menos que aplausos, lembrando-me de que todos os escritores sofreram esse mesmo processo, e nunca, nem uma vez sequer, perdeu a fé de que eu encontraria um fim triunfante. Você é a alma deste livro, e ele é dedicado a você.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Hyde

Skoob do livro

<http://www.skoob.com.br/hyde-551211ed561555.html>

Sinopse do livro

http://www.record.com.br/livro_sinopse.asp?id_livro=29097

Site do autor

<http://danielglevine.com/>

Sobre o autor

http://www.record.com.br/autor_sobre.asp?id_autor=7798